

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

O RESGATE NO MAR

LIVRO TRÊS - PARTE II



DIANA GABALDON



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

Estranhamente, eu estava mais empolgada que perturbada. Eu levava uma vida estável por vinte anos, presa como um coral pelas minhas ligações com Brianna, Frank e meus pacientes. Agora, o destino e meus próprios atos libertaram-me de todos esses laços e eu me sentia como se estivesse rolando nas ondas de uma arrebentação, à mercê de forças muito mais poderosas do que eu.

outlander

o resgate no mar / parte 2

Diana Gabaldon

Tradução de Geni Hirata



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Outlander, O Resgate no Mar – parte II*

AUTORIA: *Diana Gabaldon*

EDITOR: *Luís Corte Real*

© 2015 por *Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.*

Voyager © 1994 *Diana Gabaldon. Publicado originalmente na Inglaterra por Arrow Books, 1994*

TRADUÇÃO: *Geni Hirata*

PREPARAÇÃO DE TEXTO : *Ana Cristina Rodrigues e Flávia de Lavor*

REVISÃO DE TEXTO : *Ana Grillo e Tomaz de Adour*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

ADAPTAÇÃO PARA EBOOK: *Marcelo Moraes*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G111o

Gabaldon, Diana

Outlander [recurso eletrônico]: o resgate no mar, parte  
2 / Diana Gabaldon [tradução de Geni Hirata]; Rio de  
Janeiro: Saída de Emergência, 2015.  
recurso digital

Tradução de: Voyager

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-67296-41-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Hirata,  
Geni. II. Título.

15-  
23024

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3



TOCA DA CORUJA  
[www.tocadacoruja.net](http://www.tocadacoruja.net)

Todos os direitos reservados, no Brasil,  
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.

Rua Luiz Câmara, 443  
Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 — Ramos  
21031-160 — Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (21) 2538-4100  
[www.sdebrasil.com.br](http://www.sdebrasil.com.br)

A meus filhos  
Laura Juliet,  
Samuel Gordon  
e Jennifer Rose,  
que me deram o coração, o sangue e os ossos deste livro.

## PARTE VII

### De volta para casa





**32**

A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO

Foi uma viagem de quatro dias a cavalo de Arbroath a Lallybroch, e houve pouca conversa durante o trajeto. Tanto o Jovem Ian quanto Jamie estavam preocupados, provavelmente por razões diferentes. Quanto a mim, estava ocupada pensando, não só sobre o passado recente, mas sobre o futuro imediato.

Ian devia ter contado a meu respeito a Jenny, irmã de Jamie. Como ela receberia o meu reaparecimento?

Jenny Murray fora o mais próximo que eu tivera de uma irmã e sem dúvida a melhor amiga da minha vida. Devido às circunstâncias, a maioria dos meus amigos mais próximos nos últimos quinze anos era de homens; não havia outras médicas, e o abismo natural entre o pessoal da enfermagem e os médicos impedia mais do que um relacionamento superficial com as outras mulheres que trabalhavam no hospital. Quanto ao círculo de Frank, às secretárias dos departamentos e às esposas dos professores...

Acima de tudo, entretanto, havia a certeza de que, de todas as pessoas do mundo, Jenny era a que devia amar Jamie tanto quanto eu — se não mais. Eu estava ansiosa para revê-la, mas não podia deixar de imaginar como ela aceitaria a história da minha suposta fuga para a França, e meu aparente abandono de seu irmão.

Os cavalos tinham que seguir em fila indiana pela estreita trilha de descida. Minha própria égua baia reduziu o passo obedientemente quando o alazão de Jamie parou, depois virou, segundo seu comando, em direção a uma clareira, semiculta por uma abóbada de galhos de amieiros.

Um rochedo cinzento erguia-se à margem da clareira; suas fendas, protuberâncias e prateleiras estavam tão recobertas de musgo e líquens que ele parecia o rosto de um velho parcialmente coberto de pelos e salpicado de verrugas. O Jovem Ian desceu de

seu pônei com um suspiro de alívio; estávamos cavalgando desde o alvorecer.

— Ufa! — exclamou ele, esfregando as costas com força. — Estou todo dormente.

— Eu também — disse, fazendo o mesmo. — Mas imagino que seja melhor do que ficar com o traseiro esfolado da sela. — Desacostumados de montar por longas horas a fio, tanto Ian quanto eu sofremos muito nos dois primeiros dias da viagem. Na realidade, eu estava tão dolorida na primeira noite que não consegui nem desmontar sozinha; tive que ser erguida de meu cavalo de forma humilhante e carregada para dentro da estalagem nos braços de Jamie, para seu grande divertimento.

— Como o tio Jamie consegue? — perguntou-me Ian. — O traseiro dele deve ser de couro.

— Não dá para saber — retruquei distraidamente. — Mas para onde ele foi? — O alazão, já amarrado, mordiscava o capim sob um carvalho a um dos lados da clareira, mas não havia nenhum sinal de Jamie.

Eu e o Jovem Ian nos entreolhamos; dei de ombros e dirigi-me para o paredão do rochedo, onde um filete de água escorria. Mergulhei as mãos em concha na água e bebi, satisfeita com o líquido frio que descia pela minha garganta seca, apesar do ar de outono que avermelhava minhas faces e deixava meu nariz dormente.

Aquela minúscula clareira num vale estreito, invisível da estrada, era uma característica da maior parte da paisagem das Terras Altas, pensei. Enganadoramente áridos e inóspitos, os penhascos e charnecas eram cheios de segredos. Se você não conhecesse a região, poderia caminhar a poucos centímetros de um veado, uma tetraz ou um homem escondido e nem perceber. Não era de admirar que a maioria dos que fugiram para os urzais após a Batalha de Culloden tivessem conseguido escapar. O conhecimento desses esconderijos tornava-os invisíveis aos olhos cegos e aos pés desajeitados dos perseguidores ingleses.

Com a sede saciada, virei-me e quase me choquei contra Jamie, que parecia ter brotado da terra por um passe de mágica. Ele colocava sua caixa de pederneira de volta no bolso do casaco, que exalava um leve cheiro de fumaça. Deixou um graveto queimado cair na grama e esmagou-o na terra com o pé.

— De onde você surgiu? — perguntei, piscando de surpresa. — E por onde andou?

— Há uma pequena caverna ali adiante — explicou ele, apontando para trás com o polegar. — Eu só queria ver se alguém esteve lá.

— E alguém esteve? — Olhando mais atentamente, pude ver a borda do afloramento de rocha que ocultava a entrada da caverna. Disfarçada entre as outras fendas profundas, só seria vista por uma pessoa que a estivesse procurando.

— Sim — disse ele. Sua testa estava ligeiramente franzida, não de preocupação, mas como se estivesse pensando. — Há carvão misturado à terra; alguém fez uma fogueira lá.

— Quem você acha que foi? — perguntei. Estiquei o pescoço para espiar além da borda do afloramento, mas não vi nada além de uma estreita faixa escura, uma pequena fissura na superfície da montanha. Parecia bastante inóspita.

Imaginei se um de seus contatos com o contrabando teria seguido seu rastro desde o litoral até Lallybroch. Ele estaria preocupado com uma perseguição ou uma emboscada? Olhei por cima do ombro, mas não vi nada além de amieiros, folhas secas farfalhando na brisa de outono.

— Não sei — disse ele, absorto. — Um caçador, imagino. Há ossos de tetraz espalhados por lá também.

Jamie não parecia perturbado com a possível identidade do desconhecido e eu relaxei, sentindo-me segura por estar nas Terras Altas. Tanto Edimburgo quanto a enseada dos contrabandistas pareciam muito distantes.

O Jovem Ian, fascinado com a revelação da caverna invisível, desaparecera pela fenda. Reapareceu agora, tirando uma teia de

aranha dos cabelos.

— É como a caverna de Cluny, tio? — perguntou ele, os olhos brilhantes.

— Não tão grande, Ian — respondeu Jamie com um sorriso. — O pobre Cluny não conseguiria passar por esta entrada. Era um sujeito corpulento, sua cintura era quase o dobro da minha. — Tocou o peito com melancolia, no ponto onde um botão fora arrancado quando ele se espremeu para passar pela entrada estreita.

— O que é a caverna de Cluny? — perguntei, sacudindo as últimas gotas de água gelada das minhas mãos e enfiando-as sob as axilas para aquecê-las.

— Ah, é Cluny MacPherson — respondeu Jamie, jogando água fria no rosto. Piscou várias vezes para retirar as gotículas cintilantes de suas pestanas e sorriu para mim. — Um homem muito engenhoso, o Cluny. Os ingleses incendiaram sua casa e demoliram as fundações, mas ele escapou. Construiu para si um lugar quente e confortável numa caverna próxima e fechou a entrada com galhos de salgueiro entrelaçados e vedados com barro. As pessoas diziam que se podia ficar a um metro de distância e não perceber que havia uma caverna ali, a não ser pelo cheiro do cachimbo de Cluny.

— O príncipe Charles também ficou lá, durante certo tempo, quando estava sendo caçado pelos ingleses — informou o Jovem Ian. — Cluny escondeu-o por vários dias. Os malditos ingleses procuraram-no por toda parte, mas nunca encontraram Sua Alteza, ou o próprio Cluny! — concluiu ele, com satisfação.

— Venha aqui lavar-se, Ian — disse Jamie, com um tom áspero que fez o Jovem Ian piscar. — Você não pode encarar seus pais imundo desse jeito.

Ian suspirou, mas obedientemente começou a jogar água no rosto, cusindo e arfando. Ele não estava muito imundo, mas inegavelmente apresentava uma ou duas manchas da viagem.

Virei-me para Jamie, que observava as abluções do sobrinho com um ar de abstração. Eu me perguntei se ele antecipava o que

prometia ser um encontro desagradável em Lallybroch ou se rememorava Edimburgo, com as ruínas fumegantes de sua gráfica e o homem morto no porão do bordel. Ou algo mais distante ainda: Charles Edward Stuart e a época da revolução.

— O que você diz a seus sobrinhos a respeito dele? — perguntei baixinho, sob o resfolegar de Ian. — De Charles?

Jamie me encarou com uma expressão perspicaz; eu estava certa, então. Seu olhar enterneceu-se ligeiramente e surgiu o esboço de um sorriso, mas ele logo ficou sério.

— Nunca falo dele — disse ele, também baixinho. Em seguida, virou-se e foi pegar os cavalos.

Três horas mais tarde, atravessamos o último desfiladeiro varrido pelo vento e saímos na descida final que levava a Lallybroch. Jamie, na liderança, freou o cavalo e esperou até que o Jovem Ian e eu o alcançássemos.

— Lá está — disse ele. Olhou para mim, sorrindo, uma das sobancelhas erguida. — Mudou muito?

Sacudi a cabeça, arrebatada. À distância, a casa parecia absolutamente igual. Construída com pedras caiadas de branco, tinha três andares e reluzia imaculadamente em meio ao aglomerado de construções anexas simples e a extensão de campos marrons cercados por um muro de pedras. Na pequena elevação atrás da casa erguiam-se as ruínas da torre antiga, uma construção circular de pedras que dava nome ao lugar.

Ao examinar mais atentamente, pude ver que as construções externas haviam mudado um pouco; Jamie dissera-me que os soldados ingleses haviam incendiado o pombal e a capela no ano seguinte a Culloden, e eu podia ver as lacunas onde antes eles ficavam. No espaço onde o muro da horta desmoronara havia agora uma rocha de cor diferente e um novo barracão construído com pedras e sobras de madeira estava evidentemente servindo de pombal, a julgar pela fileira de aves gordas e emplumadas alinhada na viga da cumeeira, aproveitando o sol tardio do outono.

A roseira silvestre plantada pela mãe de Jamie, Ellen, transformara-se num exuberante emaranhado, espalhado pela treliça presa à parede lateral da casa, somente agora perdendo as últimas folhas.

Uma nuvem de fumaça erguia-se da chaminé a oeste, sendo levada na direção sul por um vento vindo do mar. Tive uma repentina visão do fogo na lareira da sala de estar, sua luz rosada no rosto bem delineado de Jenny, na noite em que ela estava em sua poltrona, lendo em voz alta um romance ou livro de poesia, enquanto Jamie e Ian se entretinham em um jogo de xadrez, ouvindo apenas parcialmente. Quantas noites passamos assim, as crianças nas suas camas nos quartos em cima e eu sentada à escrivaninha de jacarandá, escrevendo receitas de remédios ou fazendo intermináveis consertos de roupas?

— Você acha que nós vamos viver aqui outra vez? — perguntei a Jamie, com o cuidado de não deixar transparecer nenhum saudosismo na voz. Mais do que qualquer outro lugar, a casa de Lallybroch fora um lar para mim, mas isso acontecera há muito tempo, e uma infinidade de coisas tinha mudado desde então.

Ele fez uma longa pausa, pensando. Por fim, sacudiu a cabeça, recolhendo as rédeas na mão.

— Não sei, Sassenach — disse ele. — Seria bom, mas... não sei como vão ser as coisas. — Franziu ligeiramente a testa, olhando para a casa lá embaixo.

— Tudo bem. Se vivermos em Edimburgo, ou mesmo na França, está tudo bem, Jamie. — Ergui os olhos para seu rosto e toquei sua mão para tranquilizá-lo. — O que importa é que estejamos juntos.

O leve ar de preocupação desfez-se por um instante, tornando suas feições mais leves. Ele tomou minha mão, levou-a aos lábios e beijou-a delicadamente.

— Eu também não me importo, Sassenach, desde que você esteja ao meu lado.

Permanecemos ali, fitando um ao outro nos olhos, até que um pigarro alto e exagerado nos alertou da presença do Jovem Ian.

Respeitoso com nossa privacidade, mostrara-se circunspecto na viagem de Edimburgo, embrenhando-se a uma grande distância nos urzais quando acampávamos, esforçando-se para não nos surpreender inadvertidamente em um abraço indiscreto.

Jamie riu e apertou a minha mão antes de soltá-la e virar-se para o sobrinho.

— Estamos quase chegando, Ian — disse ele, quando o garoto trouxe o pônei para junto de nós. — Se não chover, chegaremos bem antes do jantar — acrescentou, estreitando os olhos sob a proteção da mão para avaliar as nuvens que flutuavam sobre as montanhas Monadhliath.

— Mmmhummm. — O Jovem Ian não parecia entusiasmado com a perspectiva e eu olhei para ele com simpatia.

— Lar é o lugar onde você sempre deve ser aceito quando precisar — parafraseei o famoso poema de Robert Frost.

O Jovem Ian lançou-me um olhar enviesado.

— Sim, é isso que eu temo, tia.

Jamie, ouvindo a conversa, olhou para trás, para o Jovem Ian, e deu uma piscadela encorajadora.

— Não fique desanimado, Ian. Lembre-se da parábola do filho pródigo, hein? Sua mãe vai ficar feliz de vê-lo de volta são e salvo.

O Jovem Ian lançou-lhe um olhar de profunda descrença.

— Se você pensa que é o novilho engordado que vai ser morto, tio Jamie, não conhece minha mãe tão bem.

O garoto ficou parado, mordendo o lábio inferior por um instante, depois se endireitou na sela com um profundo suspiro.

— É melhor acabar logo com isso, não é?

— Será que os pais dele vão ser realmente duros? — perguntei, observando o Jovem Ian prosseguir com todo o cuidado pela descida pedregosa.

Jamie deu de ombros.

— Bem, eles o perdoarão, é claro, mas é provável que receba uma grande descompostura e uma surra no lombo antes disso. Terei sorte se escapar com o mesmo — acrescentou ele ironicamente. —



Receio que Jenny e Ian não vão ficar muito satisfeitos comigo também. — Ele atçou sua montaria e começou a descer a encosta. — Vamos, Sassenach. É melhor acabar logo com isso, não é?

Eu não sabia ao certo o que esperar da nossa recepção em Lallybroch, mas, na verdade, ela foi reconfortante. Como em todas as chegadas anteriores, nossa presença foi anunciada por um bando variado de cachorros, que saíram em disparada pela cerca viva, pelo campo e pela horta, primeiro latindo para intimidar, depois de alegria.

O Jovem Ian largou as rédeas e apeou no meio do mar peludo de boas-vindas, agachando-se para saudar os cachorros que pulavam sobre ele e lambiam seu rosto. Levantou-se sorrindo, com um filhote nos braços, que trouxe para me mostrar.

— Este é Jocky — disse ele, erguendo o inquieto cãozinho branco e marrom. — É meu; papai o deu pra mim.

— Lindo cachorrinho — disse a Jocky, acariciando suas orelhas pendentes. O cãozinho latiu e contorceu-se de satisfação, tentando lambe-la a mim e a Ian simultaneamente.

— Você está ficando coberto de pelos de cachorro, Ian — disse uma voz límpida, aguda, em tom de acentuada desaprovação. Erguendo os olhos, vi uma jovem alta e esbelta de mais ou menos dezessete anos, levantando-se do seu banco ao lado da estrada.

— Bem, e você está coberta de cauda-de-raposa, pronto! — retorquiu o Jovem Ian, virando para se dirigir à pessoa que lhe falava.

A jovem jogou para trás a cabeleira de cachos castanho-escuros e inclinou-se para limpar a saia, que de fato tinha inúmeros resquícios da planta grudados no tecido rústico.

— Papai disse que você não merece ter um cachorro — observou ela. — Fugindo e abandonando-o como fez.

O rosto de Ian crispou-se defensivamente.

— Eu realmente pensei em levá-lo — disse ele, a voz ligeiramente entrecortada. — Mas achei que não estaria a salvo na

cidade. — Abraçou o cachorro com mais força, o queixo descansando entre as orelhas peludas. — Ele cresceu um pouco. Está comendo bem?

— Veio nos cumprimentar, não é, pequena Janet? Muita gentileza sua. — A voz de Jamie soou agradavelmente atrás de mim, mas com um tom cínico que fez a jovem erguer o olhar de repente e corar.

— Tio Jamie! Oh, e... — Seu olhar voltou-se para mim e ela abaixou a cabeça, ficando ainda mais vermelha.

— Sim, esta é sua tia Claire. — Jamie segurava meu cotovelo com firmeza ao balançar a cabeça, cumprimentando a jovem. — A pequena Janet ainda não havia nascido da última vez que você esteve aqui, Sassenach. Sua mãe está em casa, não é? — disse ele, dirigindo-se a Janet.

A jovem assentiu, me encarando com os olhos arregalados de fascínio. Inclinei-me sobre o meu cavalo e estendi-lhe a mão, sorrindo.

— Prazer em conhecê-la — disse.

Ela fitou-me por um longo instante, depois se lembrou repentinamente de seus modos e flexionou os joelhos numa rápida saudação. Levantou-se e apertou minha mão cautelosamente, como se receasse que ela fosse se evaporar. Retribuí o cumprimento e ela pareceu um pouco mais calma, ao ver que eu era de carne e osso.

— Muito... prazer, senhora — murmurou ela.

— Mamãe e papai estão muito zangados, Jen? — O Jovem Ian colocou o cachorrinho no chão delicadamente, junto a seus pés, quebrando o transe. Ela olhou para seu irmão mais novo, a expressão de impaciência mesclada a certa compaixão.

— Bem, e por que não estariam, seu cabeça de vento? — disse ela. — Mamãe achava que você talvez tivesse se deparado com um urso na floresta ou tivesse sido levado pelos ciganos. Ela mal dormiu enquanto não descobriram onde você estava — acrescentou, olhando para o irmão com uma expressão ameaçadora.

Ian cerrou os lábios com força, abaixando os olhos para o chão, mas não retrucou.

Ela se aproximou e, com ar de desaprovação, começou a retirar as folhas amareladas e úmidas grudadas nas mangas de seu casaco. Apesar de ela ser alta, ele a ultrapassava em mais de quinze centímetros, esquelético e desengonçado ao lado da figura esbelta da jovem. A semelhança entre eles limitava-se à cor escura e luxuriante de seus cabelos e a alguns traços fisionômicos.

— Você está com uma aparência ridícula, Ian. Andou dormindo de roupa?

— Bem, claro que sim — disse ele, impaciente. — Acha que fugi com um camisolão e o trocava toda noite na charneca?

Ela deu uma risada diante da imagem, e sua expressão aborrecida desanuviou-se um pouco.

— Ora, vamos, então, tolinho — disse ela, com pena. — Venha até a copa comigo e eu o ajudarei a se pentear e escovar a roupa antes que mamãe e papai o vejam.

Ele olhou-a furiosamente, em seguida se voltou para mim, com uma expressão mista de aborrecimento e perplexidade.

— Por que, em nome de Deus — perguntou ele, a voz entrecortada de tensão —, todo mundo acha que estar limpo vai ajudar?

Jamie riu e desmontou. Bateu de leve em seu ombro, levantando uma pequena nuvem de poeira.

— Mal não faz, Ian. Vá com ela. Talvez seja melhor seus pais não terem que lidar com tantas coisas ao mesmo tempo. Além disso, antes de mais nada, vão querer ver sua tia.

— Mmmhummm. — Com um impertinente meneio de cabeça, o Jovem Ian afastou-se em direção aos fundos da casa, arrastado por sua determinada irmã.

— O que andou comendo? — perguntou ela, examinando-o através de olhos estreitados enquanto se afastavam. — Tem uma grande mancha de sujeira em volta da boca.

— Não é sujeira, são pelos de barba! — sibilou ele furiosamente,

com um rápido olhar para trás, para ver se Jamie e eu teríamos ouvido a conversa. Sua irmã parou subitamente, olhando-o atentamente.

— Barba? — exclamou ela em voz alta, incrédula. — Você?

— Vamos! — Agarrando-a pelo cotovelo, apressou-a a atravessar o portão da horta, os ombros arqueados de acanhamento.

Jamie deitou a cabeça na minha coxa, o rosto enterrado nas minhas saias. Um observador distraído, acharia que ele estava ocupado em afrouxar os alforjes e não teria visto seus ombros sacudindo-se ou ouvido sua risada baixa.

— Tudo bem, já se foram — eu disse, momentos depois, tentando recuperar o fôlego depois do esforço para conter o riso.

Jamie levantou o rosto vermelho, sem ar, das minhas saias e usou uma dobra do tecido para enxugar os olhos.

— Barba? Você? — disse ele com voz esganiçada, imitando a sobrinha, e nós gargalhamos. Ele sacudiu a cabeça, engasgado. — Nossa, ela é igual à mãe! Foi exatamente o que Jenny me disse, no mesmo tom de voz, quando me pegou fazendo a barba pela primeira vez. Quase cortei a garganta! — Enxugou os olhos outra vez com as costas da mão e passou a palma delicadamente pela barba curta, macia e espessa, que recobria seu próprio maxilar e pescoço com uma penugem castanho-avermelhada.

— Você quer ir barbear-se primeiro, antes de encontrar-se com Jenny e Ian? — perguntei, mas ele balançou a cabeça.

— Não — disse ele, alisando para trás os cabelos que haviam escapado do laço. — O Jovem Ian tem razão: ficar limpo não vai ajudar.

Eles deviam ter ouvido os cachorros lá fora; tanto Ian quanto Jenny estavam na sala de estar quando entramos, ela no sofá tricotando meias de lã, enquanto ele esquentava a parte de trás das pernas, de pé diante da lareira, de casaco e calças de tecido marrom liso. Uma bandeja de bolinhos com uma garrafa de cerveja caseira estava

arranjada, obviamente aguardando a nossa chegada.

Era uma cena muito aconchegante e acolhedora, e eu senti o cansaço da viagem esvair-se quando entramos no aposento. Ian virou-se assim que nos viu, ainda contrafeito, mas sorrindo — no entanto, era Jenny quem eu estivera procurando.

Ela também estivera à minha procura. Permaneceu imóvel no sofá, os olhos arregalados, voltados para a porta. Minha primeira impressão foi a de que ela estava muito diferente; a segunda, a de que ela não mudara absolutamente nada. Os cachos negros continuavam lá, espessos e viçosos, mas grisalhos e com mechas de pura prata. A estrutura óssea também era a mesma — as maçãs do rosto altas, largas, o maxilar forte, o nariz longo como o de Jamie.

Foi a luz bruxuleante do fogo na lareira e as sombras do final de tarde que davam a estranha impressão de mudança, às vezes aprofundando as linhas ao redor da boca e dos olhos até ela parecer uma mulher idosa e encarquilhada; outras vezes, apagando-as com o brilho avermelhado da juventude.

Em nosso primeiro encontro no bordel, Ian agira como se eu fosse um fantasma. Jenny reagia quase da mesma forma agora, piscando levemente, a boca meio aberta, mas sem alterar a expressão, enquanto eu atravessava a sala em sua direção.

Jamie vinha logo atrás de mim, a mão no meu cotovelo. Apertou-o levemente quando chegamos ao sofá e soltou-o. Senti-me um pouco como se estivesse sendo apresentada na Corte e tive que resistir ao impulso de fazer uma reverência.

— Estamos em casa, Jenny — disse ele. Sua mão repousava em minhas costas, inculcando-me confiança.

Ela dirigiu um olhar rápido ao irmão, depois voltou a fitar-me.

— É você mesmo, então, Claire? — disse ela com voz baixa e hesitante, familiar, mas não a voz forte da mulher que eu me lembrava.

— Sim, sou eu — respondi. Sorri e estendi as mãos para ela. — É muito bom revê-la, Jenny.

Ela tomou as minhas mãos nas suas, mas com grande leveza. Em seguida, apertou-as com um pouco mais de força e se levantou.

— Meu Deus, é realmente você! — disse ela, um pouco ofegante, e subitamente a mulher que eu conhecera estava de volta, os olhos azul-escuros vivos e inquietos, examinando meu rosto com curiosidade.

— Bem, claro que é — disse Jamie bruscamente. — Ian não lhe contou? Achou que ele estivesse mentindo?

— Você não mudou quase nada — disse ela, ignorando o irmão enquanto tocava meu rosto, admirada. — Seus cabelos estão um pouco mais claros, mas, por Deus, você continua a mesma! — Seus dedos estavam frios; suas mãos cheiravam a ervas e geleia de groselha, e a um leve vestígio de amônia e lanolina da lã colorida que ela tricotava.

O cheiro da lã, havia muito esquecido, trouxe tudo de volta instantaneamente — tantas recordações do lugar e a felicidade da época em que vivera ali — e meus olhos encheram-se de lágrimas.

Ela notou e abraçou-me com força, os cabelos macios contra meu rosto. Ela era bem mais baixa do que eu, de complexão pequena e aparência geral delicada, mas ainda assim eu tinha a sensação de estar sendo envolvida, aconchegantemente embalada e presa com braços fortes, por alguém maior do que eu.

Ela me soltou após alguns instantes e recuou um pouco, meio rindo.

— Nossa, você tem até o mesmo cheiro! — exclamou ela, e eu também desatei a rir.

Ian aproximara-se; inclinou-se e abraçou-me delicadamente, roçando os lábios no meu rosto. Ele cheirava vagamente a feno seco e folhas de repolho, com um resquício de cheiro de fumaça de turfa sobrepondo-se ao seu próprio cheiro, almiscarado e penetrante.

— É bom vê-la de volta, Claire — disse ele. Seus meigos olhos castanhos sorriram para mim e a sensação de volta ao lar aprofundou-se. Ele recuou um passo, um pouco sem jeito, sorrindo.

— Gostariam de comer alguma coisa, talvez? — Indicou a travessa sobre a mesa.

Hesitei por um instante, mas Jamie aceitou prontamente, dirigindo-se à mesa com vivacidade.

— Um gole não cairia mal, Ian, muito obrigado — disse ele. — Aceita um pouco, Claire?

Os copos foram abastecidos, o prato de biscoitos passado de mão em mão e pequenas amabilidades murmuradas com a boca cheia, enquanto sentávamos ao redor do fogo. Apesar da aparente cordialidade, eu tinha plena consciência de uma tensão subjacente, nem toda ela devida ao meu súbito reaparecimento.

Jamie, sentado ao meu lado no banco de carvalho, de braços e espaldar alto, tomou apenas um pequeno gole de sua cerveja, deixando o bolinho de aveia intacto sobre o joelho. Eu sabia que ele não aceitara o lanche por fome, mas para disfarçar o fato de que nem sua irmã nem seu cunhado haviam lhe dado um abraço de boas-vindas.

Percebi Ian e Jenny trocarem um rápido olhar; e um olhar fixo, mais demorado, inescrutável, entre Jenny e Jamie. Uma estranha ali em mais de um aspecto, mantive meus próprios olhos abaixados, observando sob o abrigo das minhas pestanas. Jamie estava sentado à minha esquerda; pude sentir um pequeno movimento entre nós quando seus dois dedos rígidos da mão direita tamborilaram em sua coxa.

A conversa, a pouca que havia, definhou e extinguiu-se, e o aposento mergulhou num silêncio desconfortável. Através do fraco assobio da turfa queimando na lareira, eu podia ouvir alguns baques distantes para os lados da cozinha, mas nada semelhante aos sons que eu costumava ouvir naquela casa, de atividade e alvoroço constantes, pés sempre ressoando na escada, os gritos das crianças e o berreiro dos bebês cortando o ar no seu quarto no andar de cima.

— Como vão todos os seus filhos? — perguntei a Jenny, para quebrar o silêncio. Ela sobressaltou-se e percebi que,

inadvertidamente, eu fizera a pergunta errada.

— Ah, vão bem — respondeu ela, hesitante. — Todos muito saudáveis. E os netos também — acrescentou, exibindo um sorriso repentino ao mencioná-los.

— A maioria foi para a casa do Jovem Jamie — complementou Ian, respondendo à minha verdadeira pergunta. — A mulher dele teve um bebê na semana passada, de modo que as três meninas foram ajudar um pouco. E Michael está em Inverness no momento, para buscar algumas coisas que chegaram da França.

Outro olhar atravessou rapidamente a sala, dessa vez entre Ian e Jamie. Senti a pequena inclinação da cabeça de Jamie e vi um sinal quase imperceptível de Ian em resposta. O que, afinal, seria aquilo?, perguntei-me. Havia tantas contracorrentes de emoção na sala que senti o súbito impulso de levantar-me e impor ordem à reunião, apenas para quebrar a tensão.

Aparentemente, Jamie sentia o mesmo. Ele pigarreou, olhando direto para Ian, e levantou o principal ponto da agenda, dizendo:

— Nós trouxemos o garoto para casa.

Ian respirou fundo, seu rosto comprido e simples endurecendo ligeiramente.

— Ah, trouxeram, então?

A fina camada de amabilidade visível até então logo desapareceu, como o orvalho da manhã.

Eu podia sentir a presença de Jamie ao meu lado, ficando mais tenso ao se preparar para defender o sobrinho da melhor maneira possível.

— Ele é um bom garoto, Ian — disse ele.

— É mesmo? — Foi Jenny quem respondeu, as bem torneadas sobancelhas negras unidas no semblante carregado. — Não parece, do jeito que ele age em casa. Mas talvez ele seja diferente com você, Jamie. — Havia um forte tom de acusação em suas palavras, e senti Jamie ficar ainda mais tenso ao meu lado.

— É bondade sua tentar defender o garoto, Jamie — disse Ian, com um frio aceno da cabeça para seu cunhado. — Mas acho



melhor ouvirmos do próprio Jovem Ian, se não se importa. Ele está lá em cima?

Um músculo junto à boca de Jamie contorceu-se e ele respondeu de forma não comprometedor:

— Na copa, eu acho. Ele quis se arrumar um pouco antes de vê-los.

Sua mão direita deslizou e apertou minha perna, alertando-me. Ele não mencionara o encontro com Janet e eu compreendi; ela fora afastada da casa juntamente com seus irmãos, para que Jenny e Ian pudessem lidar com a questão do meu reaparecimento e de seu filho pródigo com alguma privacidade, mas retornara às escondidas, sem que seus pais percebessem, ou para dar uma olhada em sua famosa tia Claire ou para oferecer ajuda a seu irmão.

Abaixei os olhos, indicando que eu havia compreendido. Não havia motivo para mencionar a presença da jovem numa situação já tão carregada de tensão.

O ruído de passos e da batida regular da perna de pau de Ian soaram no corredor sem tapete. Ian deixava a sala e dirigia-se à copa. Retornou em seguida, conduzindo o Jovem Ian à sua frente com um ar colérico.

O filho pródigo estava tão apresentável quanto sabão, água e uma lâmina de barbear podiam deixá-lo. Seus maxilares ossudos estavam avermelhados do atrito da lâmina e os cabelos na nuca estavam molhados e espetados, a maior parte da poeira fora escovada de seu casaco e a gola redonda de sua camisa, perfeitamente abotoada até a clavícula. Pouco podia ser feito em relação à parte chamuscada de sua cabeça, mas a outra metade estava perfeitamente penteada. Não usava nenhum lenço ao pescoço e havia um grande rasgo na perna de sua calça, mas no cômputo geral ele parecia tão bem quanto qualquer pessoa que espera ser fuzilada a qualquer momento.

— Mamãe — disse ele, abaixando a cabeça, sem jeito, na direção de sua mãe.

— Ian — disse ela brandamente, e ele levantou os olhos para

ela, obviamente surpreso com a doçura em seu tom de voz. Um leve sorriso curvou seus lábios ao ver o rosto do filho. — Estou feliz que você esteja em casa, são e salvo, *mo chridhe* — disse ela.

O rosto do rapaz desanuviou-se instantaneamente, como se ele tivesse acabado de ouvir o adiamento da pena de morte ser lido para o pelotão de fuzilamento. Entretanto, viu de relance a expressão no rosto do pai e retesou-se. Engoliu em seco e abaixou a cabeça outra vez, olhando fixamente para as tábuas do assoalho.

— Mmmhummm — disse Ian. Soou como um escocês severo; muito mais parecido com o reverendo Campbell do que com o homem calmo e relaxado que eu conhecera um dia. — Muito bem, gostaria de ouvir o que tem a dizer em sua própria defesa, rapaz.

— Ah. Bem... eu... — A voz do Jovem Ian se esvaiu lamentavelmente, depois ele limpou a garganta e tentou outra vez. — Bem... nada, na verdade, papai — murmurou ele.

— Olhe para mim! — disse Ian rispidamente. Seu filho ergueu a cabeça com relutância e olhou para seu pai, mas seu olhar se desviava, como se receasse fitar demoradamente o semblante carrancudo à sua frente.

— Você sabe o que fez à sua mãe? — perguntou Ian. — Desapareceu, deixando-a com medo de que estivesse morto ou ferido. Partiu sem dizer uma palavra, e não havia nem sombra de você por três dias, até Joe Fraser trazer a carta que você deixou. Pode imaginar o que esses três dias representaram para ela?

Ou as feições do rosto de Ian ou suas palavras pareceram produzir um forte efeito em seu filho errante; o Jovem Ian abaixou a cabeça outra vez, os olhos fixos no chão.

— Sim, bem, pensei que Joe traria a carta mais cedo — murmurou ele.

— Sim, e que carta! — O rosto de Ian ficava cada vez mais congestionado à medida que falava. — “Fui para Edimburgo”, dizia, desgraçadamente fria. — Bateu a mão espalmada sobre a mesa, com uma força que fez todo mundo estremecer. — Fui para Edimburgo! Nem um “com sua permissão”, nem “mandarei notícias”,

nem nada como “Querida mãe, fui para Edimburgo. Ian”!

O Jovem Ian levantou a cabeça abruptamente, os olhos flamejando de raiva.

— Isso não é verdade! Eu disse “Não se preocupe comigo” e: “Com amor, Ian”! Disse, sim! Não foi, mamãe? — Pela primeira vez, ele olhou para Jenny, suplicante.

Ela mantivera-se imóvel como uma estátua de pedra desde que seu marido começara a falar, o rosto composto e indecifrável. Neste momento, seus olhos se enterneceram e o esboço de um sorriso aflorou à boca larga e cheia outra vez.

— Disse, sim, Ian — respondeu ela suavemente. — Foi gentil ter dito... mas eu me preocupei, não é?

Os olhos dele abaixaram-se e pude ver o enorme pomo de adão subir e descer em seu pescoço esquelético quando ele engoliu em seco.

— Perdão, mamãe — disse ele, tão baixo que mal pude ouvi-lo. — Eu... eu não queria... — Suas palavras desapareceram gradualmente, terminando num breve dar de ombros.

Jenny fez um movimento impulsivo, como se fosse estender a mão para ele, mas Ian fitou-a incisivamente e ela deixou a mão cair no colo.

— A questão é — disse Ian, falando devagar e com clareza — que não é a primeira vez, hein, Ian?

O garoto não respondeu, mas contorceu-se ligeiramente num movimento que poderia ser considerado de assentimento. Ian deu mais um passo em direção ao filho. Apesar de serem quase da mesma altura, as diferenças entre eles eram evidentes. Ian era alto e esbelto, mas de músculos rijos, um homem vigoroso. Em comparação, seu filho parecia quase frágil, um pássaro recém-emplumado e desajeitado.

— Não, não é que você não soubesse o que estava fazendo; que não o tivéssemos avisado de todos os perigos, que não o tivéssemos proibido de ir além de Broch Mordha, que não soubesse que nós iríamos ficar preocupados, hein? Você sabia de tudo isso, e

mesmo assim fugiu.

Essa análise implacável de seu comportamento fez com que uma espécie de tremor indefinido, como uma contorção interna, percorresse o corpo do Jovem Ian, mas ele manteve um silêncio obstinado.

— Olhe para mim, rapaz, quando eu estiver falando com você!

O garoto levantou a cabeça devagar. Parecia tristonho agora, mas resignado; evidentemente ele já passara por cenas iguais àquela e sabia para onde elas caminhavam.

— Nem vou perguntar ao seu tio o que você andou fazendo — disse Ian. — Só posso esperar que não tenha sido tão tolo em Edimburgo quanto foi aqui. Mas você me desobedeceu e partiu o coração de sua mãe, de qualquer forma.

Jenny moveu-se outra vez, como se fosse falar, mas um movimento brusco da mão de Ian interrompeu-a.

— E o que foi que eu lhe disse da última vez, Ian? O que disse quando lhe dei uma surra? Diga-me, Ian!

Os ossos do rosto do Jovem Ian pareceram ainda mais proeminentes, mas ele manteve a boca fechada, selada numa linha de teimosia.

— Diga-me! — rugiu Ian, batendo a mão na mesa outra vez.

O Jovem Ian piscou em reflexo e contraiu os ombros, depois os endireitou, como se estivesse tentando alterar seu tamanho, mas estivesse indeciso entre ficar maior ou tentar ficar menor. Engoliu com dificuldade e piscou outra vez.

— O senhor disse... disse que ia arrancar meu couro. Na próxima vez. — Sua voz soou esganiçada e ele fechou a boca com força.

Ian sacudiu a cabeça com profunda desaprovação.

— Sim. E eu que achava que você teria bastante juízo para ver que não haveria próxima vez, mas eu estava errado, não é? — Inspirou fundo e expirou com um ronco de desdém. — Estou muito decepcionado com você, Ian, essa é a verdade. — Fez um gesto com a cabeça indicando a porta. — Vá lá para fora. Eu o encontro

no portão daqui a pouco.

Fez-se silêncio na sala de estar, enquanto o som dos passos arrastados do homem cruel desaparecia pelo corredor. Eu mantinha meus próprios olhos cautelosamente fixos nas mãos, entrelaçadas no colo. Ao meu lado, Jamie respirou fundo e devagar, e sentou-se ainda mais ereto, retesando-se.

— Ian — falou Jamie suavemente a seu cunhado. — Gostaria que você não fizesse isso.

— O quê? — A testa de Ian ainda estava franzida de raiva quando ele se voltou para Jamie. — Dar uma surra no garoto? E o que é que você tem a dizer a esse respeito, hein?

— Não tenho nada a dizer a respeito, Ian, ele é seu filho. Faça o que achar melhor. Mas me deixe falar sobre a maneira como ele agiu.

— Como ele agiu? — gritou Jenny, ganhando vida repentinamente. Ela podia deixar a tarefa de lidar com o filho para Ian, mas quando se tratava do irmão, não deixaria ninguém falar por ela. — Saindo furtivamente à noite como um ladrão, é o que quer dizer? Ou talvez queira dizer associando-se a criminosos e arriscando o pescoço por causa de um barril de conhaque!

Ian silenciou-a com um gesto rápido. Ele hesitou, ainda com o cenho franzido, mas depois assentiu bruscamente para Jamie, dando-lhe permissão.

— Associando-se a criminosos como eu? — perguntou Jamie à irmã, num tom ríspido. Fitaram-se diretamente nos olhos, fendas azuis do mesmo calibre. — Você sabe de onde vem o dinheiro, Jenny, que mantém você e seus filhos e todos aqui alimentados, e impede o teto de cair em sua cabeça? Não é da impressão de exemplares dos Salmos em Edimburgo!

— E por acaso eu achava que era? — retrucou ela. — Eu lhe perguntei o que você fazia?

— Não, não perguntou — retorquiu ele. — Acho que você preferia não saber. Mas você sabe, não é?

— E vai me culpar pelo que faz? É culpa minha ter filhos e

precisar alimentá-los? — Ela não ficava vermelha como Jamie; quando Jenny se descontrolava, ficava mortalmente pálida de raiva.

Eu podia vê-lo lutando para manter a calma.

— Culpá-la? Não, claro que não, mas está certo você me culpar por Ian e eu não conseguirmos manter todos vocês apenas trabalhando a terra?

Jenny também se esforçava para dominar a raiva crescente.

— Não — disse ela. — Você faz o que tem que fazer, Jamie. Sabe muito bem que eu não me referia a você quando falei em criminosos, mas...

— Estava se referindo aos homens que trabalham comigo? Eu faço as mesmas coisas, Jenny. Se eles são criminosos, o que eu sou, então? — Fitou-a com raiva, os olhos flamejando de ressentimento.

— Você é meu irmão, por menos que isso me agrade de vez em quando. Droga, Jamie Fraser! Sabe muito bem que eu não pretendo questionar o que quer que ache melhor fazer! Se assalta pessoas na estrada ou mantém um bordel em Edimburgo é porque não há outro jeito. Isso não significa que eu queira que leve meu filho para fazer parte disso!

Os olhos de Jamie estreitaram-se ligeiramente à menção do bordel em Edimburgo e ele lançou um rápido olhar de acusação a Ian, que sacudiu a cabeça. Ele parecia ligeiramente perplexo com a ferocidade da mulher.

— Eu não disse uma palavra — garantia ele. — Você conhece sua irmã.

Jamie respirou fundo e voltou-se para Jenny outra vez, obviamente resolvido a ser sensato.

— Sei, compreendo. Mas não pode pensar que eu colocaria o Jovem Ian em perigo. Pelo amor de Deus, Jenny, eu gosto dele como se fosse meu próprio filho!

— É mesmo? — exclamou ela com notório ceticismo. — Então foi por isso que o encorajou a fugir de casa e o manteve com você, sem nenhuma palavra para nos tranquilizar sobre o seu paradeiro?

Dessa vez, Jamie teve a dignidade de se sentir envergonhado.

— Sim, bem, desculpe-me por isso — murmurou ele. — Eu pretendia... — Parou e fez um gesto de impaciência. — Bem, não importa o que eu pretendia, devia ter mandado avisá-los e não o fiz. Mas quanto a encorajá-lo a fugir...

— Não, não acho que você tenha feito isso — interrompeu Ian. — Não de uma forma direta, de qualquer modo. — A raiva desaparecera de suas feições. Parecia cansado e um pouco triste. Os ossos do rosto estavam mais pronunciados, deixando as faces encovadas na mortífera luz do final de tarde. — A questão é que o garoto o adora, Jamie — disse ele serenamente. — Eu o vejo prestando atenção a tudo que você diz quando vem nos visitar e sempre fala sobre o que você faz; eu posso ver no rosto dele. Ele acha que tudo é animação e aventura, sua maneira de viver é muito diferente de trabalhar com a pá, juntando bosta de cabra para a horta da mãe. — Esboçou um sorriso, a contragosto.

Jamie deu ao cunhado um breve sorriso e fez um ligeiro movimento de ombro.

— Bem, mas é comum um garoto da idade dele querer um pouco de aventura, não? Você e eu também éramos assim.

— Quer ele queira ou não, não deve participar do tipo de aventuras que vai ter com você — interrompeu Jenny ríspidamente. Ela sacudiu a cabeça, a ruga entre as sobrancelhas aprofundando-se enquanto olhava para o irmão com ar de desaprovação. — Deus sabe que há um feitiço em sua vida, Jamie, ou já teria morrido uma dúzia de vezes.

— Sim, bem. Suponho que Ele tinha alguma coisa em mente ao me preservar. — Jamie olhou para mim com um breve sorriso e sua mão procurou a minha. Jenny também me lançou um olhar, o rosto inescrutável, depois retornou ao assunto em pauta:

— Bem, pode ser. Mas não posso dizer que o mesmo seja verdade para o Jovem Ian. — Sua expressão abrandou-se um pouco ao olhar para Jamie. — Não sei tudo a respeito da maneira como você vive, Jamie, mas eu o conheço muito bem para saber

que provavelmente não é maneira de um garoto viver.

— Mmmhummm. — Jamie esfregou a mão em seu queixo áspero com a barba crescida e tentou outra vez: — Sim, bem, era isso o que eu queria dizer sobre o Jovem Ian. Ele se comportou como um homem na semana passada. Não acho certo você sorrir-lo como se fosse um garotinho, Ian.

As sobrancelhas de Jenny ergueram-se, graciosas asas de escárnio.

— Então agora ele é um homem, hein? Ora, ele não passa de uma criança, Jamie, ele tem apenas catorze anos!

Apesar de sua contrariedade, Jamie deu um sorriso torto.

— Eu era um homem aos catorze, Jenny — disse ele suavemente.

Ela fez um muxoxo, mas seus olhos marejaram.

— Você achava que era. — Levantou-se e virou-se bruscamente, pestanejando. — Sim, eu me lembro de você naquela época — disse ela, o rosto virado para a estante de livros. Estendeu a mão como se precisasse se apoiar, agarrando a borda do móvel. — Você era um belo rapaz, Jamie, partindo a cavalo com Dougal para o seu primeiro assalto, a adaga brilhando sobre a perna. Eu tinha dezesseis anos e pensei que nunca vira algo tão belo quanto você em seu pônei, tão empertigado e alto. E lembro-me de você voltando também, todo coberto de lama e com um arranhão no rosto por ter caído no meio do matagal, e Dougal gabando-se da sua bravura para o papai, dizendo que você arrebanhara seis vacas sozinho e levara um golpe na cabeça com a prancha de um espadão sem dar sequer um gemido por isso. — Com o rosto novamente controlado, ela voltou-se de sua contemplação dos livros para encarar o irmão. — Isso é ser homem, é?

Uma ponta de humor infiltrou-se de novo no semblante de Jamie quando ele encontrou o olhar da irmã.

— Sim, bem, talvez haja mais alguma coisa além disso — disse ele.

— Há mesmo? — disse ela, ainda mais secamente. — E o que



será? Ser capaz de deitar-se com uma garota? Ou matar um homem?

Eu sempre achara que Janet Fraser era um pouco vidente, particularmente no que dizia respeito ao irmão. Evidentemente, o talento estendia-se ao filho também. O rubor nas maçãs do rosto de Jamie intensificou-se, mas sua expressão não se alterou.

Ela sacudiu a cabeça devagar, olhando fixamente para o irmão.

— Não, o Jovem Ian ainda não é um homem, mas você é, Jamie. E sabe muito bem a diferença.

Ian, que estivera observando o tiroteio entre os dois Fraser com o mesmo fascínio que eu, tossiu discretamente.

— Seja como for — disse ele secamente —, o Jovem Ian está esperando seu castigo há mais de quinze minutos. Seja ou não adequado surrá-lo, fazê-lo esperar mais tempo é um pouco cruel, não?

— Tem mesmo que fazer isso, Ian? — Jamie fez uma última tentativa, voltando-se para apelar a seu cunhado.

— Bem — disse Ian devagar —, como eu disse ao rapaz que ele iria levar uma surra e ele sabe muito bem que merece o castigo, não posso simplesmente voltar atrás. Mas quanto a ser eu quem vai fazer isso... não, acho que não. — Um toque de humor surgiu nos olhos castanhos. Abriu uma das gavetas do aparador, tirou uma grossa correia de couro e enfiou-a na mão de Jamie. — Faça você.

— Eu? — exclamou Jamie, horrorizado. Fez uma tentativa inútil de enfiar a correia de volta na mão de Ian, mas seu cunhado ignorou-o. — Não posso bater no garoto!

— Ah, acho que pode, sim — disse Ian calmamente, cruzando os braços. — Você disse muitas vezes que se importa com ele como se fosse seu filho. — Ele inclinou a cabeça para o lado e, embora seu semblante continuasse conciliatório, seus olhos castanhos estavam implacáveis. — Bem, vou lhe dizer, Jamie... não é tão fácil ser o pai dele. É melhor ir e descobrir isso agora, hein?

Jamie olhou fixamente para Ian por um longo tempo, depois olhou para a irmã. Ela ergueu uma das sobancelhas, fitando-o até

ele desviar os olhos.

— Você merece isso tanto quanto ele, Jamie. Ande logo.

Os lábios de Jamie apertaram-se com força e suas narinas dilataram-se, brancas. Em seguida, ele girou nos calcanhares e desapareceu sem dizer nada. Passos rápidos soaram nas tábuas do assoalho e ouviu-se uma batida abafada no final do corredor.

Jenny olhou de relance para mim e Ian e depois voltou-se para a janela. Ian e eu, ambos bem mais altos, nos posicionamos atrás de Jenny. A luz do lado de fora enfraquecia rapidamente, mas ainda havia claridade suficiente para ver a figura esmorecida do Jovem Ian apoiada desanimadamente contra o portão de madeira, a uns vinte metros da casa.

Olhando à volta agitadamente ao som de passos, ele viu seu tio aproximar-se e endireitou-se, surpreso.

— Tio Jamie! — Em seguida, seus olhos recaíram sobre a correia e ele empertigou-se ainda mais. — Você... é você quem vai me bater?

Era uma noite silenciosa e eu pude ouvir o assobio agudo do ar por entre os dentes de Jamie.

— Acho que vou ter que fazê-lo — disse ele francamente. — Mas, primeiro devo lhe pedir desculpas, Ian.

— A mim? — O Jovem Ian soou um pouco aturdido. Obviamente, ele não estava acostumado a que os mais velhos achassem que lhe deviam desculpas, especialmente antes de surrá-lo. — Não precisa fazer isso, tio Jamie.

A figura mais alta apoiou-se contra o portão, de frente para a menor, a cabeça baixa.

— Preciso, sim. Eu errei, Ian, permitindo que ficasse em Edimburgo, e talvez também tenha errado ao contar-lhe histórias e fazê-lo pensar em fugir, antes de tudo. Eu o levei a lugares que não devia e isso pode tê-lo colocado em perigo. E causei mais confusão com seus pais do que você sozinho teria causado. Sinto muito por isso, Ian, e peço que me perdoe.

— Ah. — A figura menor passou a mão pelos cabelos,

claramente sem saber o que dizer. — Bem... sim. Claro que sim, tio.

— Obrigado, Ian.

Permaneceram em silêncio por um instante, em seguida o Jovem Ian deu um suspiro e endireitou os ombros arriados.

— Acho que é melhor nós acabarmos logo com isso, não é?

— Acho que sim. — Jamie soava tão relutante quanto seu sobrinho e eu ouvi Ian, a meu lado, resfolegar levemente, não sei se indignado ou achando engraçado.

Resignado, o Jovem Ian virou-se de frente para o portão sem hesitar. Jamie seguiu-o mais devagar. Os resquícios da luz do dia já haviam praticamente desaparecido e não podíamos ver mais do que as silhuetas das figuras àquela distância, mas podíamos ouvir claramente de nossa posição junto à janela. Jamie parou atrás de seu sobrinho, mudando o peso do corpo de um pé para o outro, como se não soubesse o que fazer em seguida.

— Mmmhummm. Ah, o que seu pai...

— Geralmente são dez, tio. — O Jovem Ian tirara seu casaco e começava a tirar a camisa da calça, falando por cima do ombro. — Doze é muito ruim e quinze é realmente terrível.

— Isso foi apenas ruim, você diria, ou muito ruim?

Ouviu-se uma risada curta, involuntária, do garoto.

— Se papai está fazendo você cuidar disso, tio Jamie, é porque é realmente terrível, mas eu deixaria por muito ruim. É melhor ficar com doze.

Ian resfolegou de novo junto ao meu cotovelo. Dessa vez, era definitivamente por estar achando graça.

— Garoto honesto — murmurou ele.

— Está bem, então. — Jamie inspirou fundo e ergueu o braço, mas foi interrompido pelo Jovem Ian.

— Espere, tio, ainda não estou pronto.

— Ah, meu Deus, você tinha que falar isso? — A voz de Jamie soou um pouco embargada.

— Sim. Papai diz que só meninas apanham por cima das saias — explicou o Jovem Ian. — Os homens têm que apanhar com o

traseiro nu.

— Ele certamente tem razão nisso — murmurou Jamie, obviamente ainda exasperado com a discussão com a irmã. — Está pronto agora?

Terminados os ajustes necessários, a figura maior recuou um passo e golpeou. Ouviu-se um forte estalo e Jenny contraiu-se de compaixão pelo filho. Com exceção de um repentino resfolegar, entretanto, o garoto ficou em silêncio e permaneceu assim pelo resto de seu castigo, embora eu mesma tenha empalidecido um pouco.

Finalmente, Jamie abaixou o braço e enxugou o suor da testa. Estendeu a mão para Ian, caído sobre a cerca.

— Você está bem, garoto?

O Jovem Ian endireitou-se, com um pouco de dificuldade dessa vez, e puxou as calças para cima.

— Sim, tio. Obrigado. — A voz do menino estava um pouco rouca, mas calma e firme. Ele segurou a mão estendida de Jamie. Entretanto, para minha surpresa, em vez de trazer o garoto de volta para casa, Jamie enfiou a correia na outra mão dele.

— Sua vez — anunciou ele, aproximando-se e inclinando-se sobre a cerca.

O Jovem Ian ficou tão chocado quanto nós na casa.

— O quê?! — exclamou ele, perplexo.

— Eu disse que é a sua vez — disse seu tio numa voz firme. — Eu o castiguei. Agora, você tem que me punir.

— Não posso fazer isso, tio! — O Jovem Ian estava tão escandalizado como se seu tio tivesse lhe sugerido que cometesse um ato indecente em público.

— Pode, sim — disse Jamie, endireitando-se para olhar o sobrinho nos olhos. — Você ouviu o que eu disse quando lhe pedi desculpas, não ouviu?

Ian balançou a cabeça, desconcertado.

— Muito bem, então. Eu errei tanto quanto você e também tenho que pagar por isso. Não gostei de bater em você, e você não vai

gostar de bater em mim, mas nós dois vamos até o fim com isso. Entendeu?

— S-sim, tio — disse o jovem, gaguejando.

— Muito bem, então. — Jamie arriou suas calças, amarrou a barra de sua camisa mais em cima e inclinou-se outra vez, agarrado à cerca. Esperou um segundo, depois falou de novo, enquanto Ian permanecia paralisado, a correia pendendo de sua mão inerte: — Ande. — Sua voz era metálica. A mesma que ele usava com os contrabandistas de bebida; não obedecer era impensável. Ian adiantou-se timidamente para fazer o que lhe ordenavam. Parou e desfechou um golpe desanimado. Ouviu-se uma pancada surda. — Essa não contou — disse Jamie com firmeza. — Olhe, rapaz, fazer isso com você também foi difícil para mim. Agora, faça um trabalho decente.

A magra figura retesou os ombros com repentina determinação e o couro assobiou pelo ar. Aterrissou com o estalido de um raio. Ouviu-se um uivo surpreso da figura na cerca e uma risadinha reprimida, um pouco chocada, de Jenny.

Jamie limpou a garganta.

— Sim, assim está bem. Termine, então.

Podíamos ouvir o Jovem Ian contando cuidadosamente para si mesmo, baixinho, entre os golpes da correia, mas fora um “Santo Deus” abafado na nona chibatada, não se ouviu nenhum som de seu tio.

Com um suspiro geral de alívio vindo de dentro da casa, Jamie ergueu-se da cerca após a última chicotada e enfiou a camisa nas calças. Inclinou a cabeça formalmente para o sobrinho.

— Obrigado, Ian.

Deixando de lado as formalidades, ele esfregou as nádegas, dizendo num tom de queixosa admiração:

— Credo, garoto, que braço você tem, hein?

— Você também — disse Ian, imitando o tom de voz irônico do tio. As duas figuras, quase invisíveis agora, permaneceram ali por uns instantes, rindo e esfregando o traseiro. Jamie passou o braço

pelos ombros do sobrinho e virou-o na direção da casa.

— Se você estiver de acordo, Ian, eu não quero fazer isso outra vez, sim? — disse ele, em tom confidencial.

— Combinado, tio Jamie.

Um instante depois, a porta abriu-se no fim do corredor e, com um olhar mútuo, Jenny e Ian viraram-se ao mesmo tempo para saudar os filhos pródigos.

TESOURO ENTERRADO

-Você está parecendo um babuíno — observei.

Apesar do ar glacial de novembro que entrava pela janela parcialmente aberta, Jamie não deu nenhum sinal de desconforto ao largar a camisa sobre a pequena pilha de roupas.

— Ah, é? E o que é isso?

Espreguiçou-se voluptuosamente, completamente nu. Suas juntas estalaram quando ele arqueou as costas e, depois, se alongou, os punhos tocando com facilidade as vigas escuras do teto.

— Ah, meu Deus, que bom não estar em cima de um cavalo!

— Hummm. Sem falar em ter uma cama de verdade para dormir, em vez de urzes molhadas. — Rolei na cama, deliciando-me com o calor das colchas pesadas e o relaxamento dos músculos doloridos na maciez inefável do colchão de plumas de ganso.

— Vai me dizer o que é um babuíno, então? — perguntou Jamie. — Ou só está fazendo observações pelo prazer de fazê-las? — Virou-se para pegar um galhinho de salgueiro sobre o lavatório e começou a limpar os dentes. Sorri diante da cena; se eu não tivesse exercido nenhuma outra influência durante minha estadia temporária anterior, no passado, ao menos podia constatar agora que praticamente todos os Fraser e Murray de Lallybroch cuidavam dos dentes, ao contrário da maioria dos escoceses das Terras Altas. Na verdade, ao contrário da maioria dos ingleses.

— Um babuíno — eu disse, apreciando a visão de suas costas musculosas flexionando-se enquanto ele esfregava os dentes — é uma espécie de macaco muito grande de bunda vermelha.

Ele soltou uma risada e se engasgou com o galhinho de salgueiro.

— Bem — disse ele, retirando-o da boca —, não posso



desmentir suas observações, Sassenach. — Abriu um largo sorriso para mim, exibindo dentes brancos e brilhantes, e jogou o raminho fora. — Faz trinta anos que ninguém me dá uma surra — acrescentou, passando as mãos delicadamente sobre a superfície ainda ardente de suas nádegas. — Havia me esquecido de como arde.

— E o Jovem Ian achando que seu traseiro era duro como o couro de uma sela — eu disse, divertindo-me. — Acha que valeu a pena?

— Ah, sim — disse ele, impassível, enfiando-se na cama ao meu lado. Seu corpo estava rígido e frio como mármore e eu dei um gritinho, mas não protestei quando ele me puxou com firmeza e me aconchegou em seu peito. — Nossa, como você está quente — murmurou ele. — Venha mais para perto, hummm! — Suas pernas insinuaram-se entre as minhas e ele segurou-me pelas nádegas, puxando-me para si.

Ele deu um suspiro de puro deleite e eu relaxei contra seu corpo, sentindo nossas temperaturas começarem a se igualar através do algodão fino da camisola que Jenny me emprestara. O fogo de turfa na lareira fora aceso, mas ainda não conseguira dispersar o frio. O calor corporal era muito mais eficaz.

— Ah, sim, valeu a pena — disse ele. — Eu poderia ter dado uma surra em Ian até deixá-lo dormente, o pai dele fez isso uma ou duas vezes, e de nada teria adiantado, a não ser deixá-lo mais determinado a fugir quando tivesse a chance. Mas ele vai pensar duas vezes antes de arriscar-se a ter que fazer algo parecido outra vez.

Falou com segurança e achei que ele estava certo. O Jovem Ian, parecendo confuso, recebera a absolvição dos pais na forma de um beijo da mãe e um rápido abraço do pai, retirando-se em seguida para a cama com um monte de bolinhos, sem dúvida para ficar lá meditando sobre as consequências curiosas da desobediência.

Jamie também fora absolvido com beijos e creio que isso foi mais importante para ele do que os efeitos de seu desempenho

sobre o Jovem Ian.

— Pelo menos Jenny e Ian não estão mais com raiva de você — disse.

— É verdade. Não é que estivessem com muita raiva, eu acho. É só que eles não sabiam o que fazer com o garoto — explicou ele. — Já criaram dois filhos, e o Jovem Jamie e Michael são ambos bons rapazes, mas os dois parecem-se mais com Ian: fala mansa e trato fácil. O Jovem Ian é bastante tranquilo, mas ele se parece muito mais com a mãe e comigo.

— Os Fraser são teimosos, hein? — eu disse, sorrindo. Esse aspecto da doutrina do clã foi uma das primeiras coisas que notei quando conheci Jamie, e nada em minha experiência posterior sugeriu que pudesse ser um engano.

Ele deu uma risadinha abafada, sacudindo o peito.

— Sim, é verdade. O Jovem Ian pode se parecer fisicamente com um Murray, mas ele é um Fraser nato, sem dúvida. E não adianta gritar com um sujeito teimoso, nem dar-lhe uma surra; isso só o faz ficar ainda mais determinado a agir do seu modo.

— Vou me lembrar disso — eu disse sarcasticamente. Uma de suas mãos acariciava minha coxa, puxando a camisola de algodão para cima. A fornalha interior de Jamie retomara seu funcionamento e suas pernas nuas eram quentes e rígidas contra as minhas. Seu joelho cutucou-me delicadamente, buscando uma entrada entre minhas coxas. Segurei suas nádegas e apertei-as delicadamente. — Dorcas me disse que vários cavalheiros pagam muito bem pelo privilégio de serem surrados no bordel. Ela diz que eles acham... excitante.

Jamie soltou o ar com um barulho baixo e rouco, enrijecendo as nádegas e relaxando-as em seguida, conforme eu as acariciava de leve.

— Será verdade? Imagino que seja, se é Dorcas quem diz, mas eu mesmo não compreendo. Para mim, há muitas outras maneiras mais agradáveis de conseguir uma ereção. Por outro lado, talvez faça diferença se for uma linda garota do outro lado da correia, e

não seu pai... ou seu sobrinho, por falar nisso.

— Talvez faça. Quer tentar um dia? — Seu colo estava bem junto ao meu rosto, bronzeado e delicado, exibindo o fraco triângulo esbranquiçado da cicatriz logo acima do amplo arco de sua clavícula. Coloquei os lábios sobre a pulsação de sua artéria ali e ele estremeceu, embora nenhum de nós dois ainda estivesse com frio.

— Não — disse ele, um pouco ofegante. Sua mão remexeu na gola da minha camisola, desfazendo os laços das fitas. Girou o corpo, deitando-se de costas, e ergueu-me repentinamente acima dele como se eu não pesasse nada. Com um rápido movimento do dedo, acabou de soltar minha camisola, fazendo-a escorregar pelos ombros; meus mamilos endureceram-se imediatamente quando o ar frio os atingiu.

Seus olhos estavam mais puxados do que o normal enquanto sorria para mim, semicerrados como os de um gato sonolento, e o calor de suas mãos envolveu meus seios.

— Eu disse que poderia pensar em maneiras mais agradáveis, não foi?

A vela derretera e se apagara, o fogo da lareira queimava fraco e a pálida luz das estrelas de novembro brilhava através da vidraça embaçada. Apesar da penumbra, meus olhos estavam tão adaptados à escuridão que eu podia discernir todos os detalhes do quarto: a porcelana grossa e branca do jarro e da bacia do lavatório, sua faixa azul parecendo preta à luz das estrelas, o pequeno quadro bordado na parede e o monte amarfanhado das roupas de Jamie no banco junto à cama.

Jamie também era claramente visível; as cobertas afastadas, o peito brilhando ligeiramente do esforço. Admirei o longo declive de sua barriga, onde pequenos caracóis de pelos castanho-avermelhados desciam em espirais pela pele clara e lisa. Não pude impedir meus dedos de tocarem seu corpo, traçando as linhas das costelas proeminentes que modelavam seu torso.

— É tão bom... — disse sonhadoramente. — É tão bom ter o

corpo de um homem para tocar...

— Ainda gosta, então? — Ele parecia um pouco acanhado, um pouco lisonjeado, enquanto eu o acariciava. Seu braço envolveu meu ombro, acariciando meus cabelos.

— Uhum. — Não era algo do qual eu conscientemente sentira falta, mas ter isso agora me fazia lembrar como era bom; aquela intimidade sonolenta em que o corpo de um homem é tão acessível a você quanto o seu próprio, as formas e texturas estranhas parecendo uma extensão de seus próprios membros.

Passei a mão pela descida plana de sua barriga, sobre a proeminência lisa do osso do quadril e a intumescência da coxa musculosa. Os resquícios da luz do fogo refletiram-se na penugem vermelho-dourada dos braços e das pernas e reluziram na moita cerrada, castanho-avermelhada, aninhada entre suas coxas.

— Nossa, você é uma bela criatura peluda — disse. — Até mesmo lá. — Deslizei a mão pela dobra lisa de sua coxa e ele abriu as pernas gentilmente, deixando-me tocar os anéis espessos, flexíveis, na dobra de suas nádegas.

— Sim, bem, ninguém ainda me caçou pelo meu couro — disse ele relaxadamente. Sua mão envolveu minha própria nádega com firmeza e o polegar grande deslizou delicadamente pela superfície arredondada. Ele apoiou a cabeça sobre um dos braços e olhou preguiçosamente toda a extensão do meu corpo. — Sua pele vale menos ainda do que a minha, Sassenach.

— Ainda bem. — Movi-me um pouco para acomodar o toque de seus dedos conforme ele estendia suas explorações, deleitando-me com o calor de sua mão em minhas costas nuas.

— Já viu um galho liso que ficou parado na água por muito tempo? — perguntou ele. Um dedo percorreu de leve a minha coluna, causando uma onda de arrepio no seu rastro. — Surgem minúsculas borbulhas sobre ele, centenas, milhares, milhões delas, de modo que ele parece estar recoberto por uma fina camada de gelo prateada. — Seus dedos roçaram minhas costelas, meus braços, minhas costas, e a minúscula e macia penugem eriçou-se

por toda parte que seus dedos tocavam, provocando uma sensação de formigamento. — É assim que você se parece, minha Sassenach — disse ele, quase sussurrando. — Tão lisa e nua, banhada em prata.

Permanecemos deitados em silêncio por algum tempo, ouvindo a chuva lá fora. Uma corrente do ar frio de outono flutuou pelo quarto, misturando-se ao calor enfumaçado da lareira. Ele virou de lado, de costas para mim, e puxou as colchas para nos cobrir.

Aconcheguei-me junto a ele, os joelhos encaixando-se perfeitamente atrás da curva de suas pernas. O fogo emitia uma claridade fosca atrás de mim agora, reluzindo sobre seu ombro liso e arredondado e turvamente iluminando suas costas. Eu podia ver as linhas quase apagadas das cicatrizes que teciam uma teia em seus ombros, fios finos e prateados em sua carne. Houve uma época em que eu conhecia tão bem aquelas cicatrizes que poderia percorrê-las com meus dedos de olhos vendados. Agora, havia uma fina linha curva, em forma de meia-lua, que eu não conhecia, um corte diagonal que não estava ali antes, remanescentes de um passado violento que eu não compartilhara.

Toquei a meia-lua, percorrendo sua extensão.

— Ninguém o caçou pelo seu couro, mas o caçaram, não foi? — perguntei baixinho.

Seus ombros moveram-se de forma quase imperceptível.

— De vez em quando — disse ele.

— Até mesmo agora? — perguntei.

Ele respirou devagar por um ou dois segundos, antes de responder.

— Sim. Acho que sim.

Meus dedos desceram para o corte diagonal. Fora um talho profundo, apesar de antigo e bem cicatrizado; a linha era nítida e rígida sob a ponta dos meus dedos.

— Sabe quem foi?

— Não. — Ele permaneceu em silêncio por um instante, então sua mão fechou-se sobre a minha, pousada sobre a minha barriga.

— Mas talvez eu saiba por quê.

A casa estava em absoluto silêncio. Com a maioria dos filhos e netos ausentes, havia apenas os criados distantes em suas dependências atrás da cozinha, Ian e Jenny em seu quarto no final do corredor e o Jovem Ian em algum lugar do andar de cima — todos dormindo. Podíamos perfeitamente estar sozinhos no fim do mundo; tanto Edimburgo quanto a enseada dos contrabandistas pareciam muito distantes.

— Você se lembra, após a derrota de Stirling, não muito antes de Culloden, quando de repente ouviu-se um boato por toda parte sobre uma remessa de ouro da França?

— De Louis? Sim, mas ele nunca mandou. — As palavras de Jamie trouxeram de volta aqueles dias breves e loucos do temerário levante e da fragorosa queda de Charles Stuart, quando boatos eram a moeda comum nas conversas. — Sempre havia boatos sobre o ouro da França, navios da Espanha, armas da Holanda, mas nada disso se concretizou.

— Ah, alguma coisa veio, embora não de Louis, mas ninguém sabia disso na época.

Ele me contou, então, sobre seu encontro com o moribundo Duncan Kerr e as palavras murmuradas pelo andarilho, ouvidas no sótão da estalagem sob o olhar vigilante de um oficial inglês.

— Ele ardia em febre, o Duncan, mas não estava delirando. Ele sabia que estava morrendo e me reconheceu, também. Era sua única chance de contar a alguém em quem ele achava que podia confiar e, assim, ele me contou.

— Bruxas brancas e focas? — repeti. — Devo dizer, a mim parece um disparate. Mas você compreendeu?

— Bem, nem tudo — admitiu Jamie. Virou-se de frente para mim, franzindo ligeiramente a testa. — Não faço a menor ideia de quem possa ser a feiticeira branca. No começo, pensei que ele se referia a você, Sassenach, e meu coração quase parou quando ele disse isso. — Sorriu melancolicamente e sua mão apertou a minha com mais força. — Pensei imediatamente que talvez alguma coisa

tivesse saído errada, talvez você não tivesse conseguido voltar para Frank e o lugar de onde viera, talvez você tivesse de algum modo acabado na França, talvez estivesse lá naquele mesmo momento... Todo tipo de fantasias atravessou a minha mente.

— Quisera que tivesse sido verdade — murmurei.

Ele me deu um sorriso pesaroso, mas sacudiu a cabeça.

— E eu na prisão? E Brianna teria o quê, uns dez anos? Não, não perca seu tempo com lamentações, Sassenach. Você está aqui agora e nunca mais me deixará. — Beijou-me ternamente na testa; em seguida, retomou sua história. — Eu não fazia a menor ideia de onde o ouro viera, mas sabia onde estava e por que estava lá. Era do príncipe Terlach, enviado para ele. E a questão das silkies... — Ele ergueu um pouco a cabeça e fez um sinal em direção à janela, onde a roseira silvestre lançava sua sombra sobre a vidraça. — As pessoas diziam que, quando minha mãe fugiu de Leoch, ela fora viver com as silkies; simplesmente porque a criada que viu meu pai quando ele levou minha mãe disse que ele parecia uma enorme silkie que tirou a pele e veio caminhar na terra como um homem. E foi o que ele fez. — Jamie sorriu e passou a mão pela própria cabeleira espessa, lembrando-se. — Ele tinha os cabelos cheios como os meus, mas negros como azeviche. Eles brilhavam sob a luz, como se estivessem molhados, e ele movimentava-se rápida e sinuosamente, como uma foca pela água. — Deu de ombros de repente, afastando a lembrança de seu pai. — Bem, então, quando Duncan Kerr disse o nome Ellen, eu entendi que ele se referia à minha mãe, como sinal de que ele conhecia meu nome e minha família, sabia quem eu era; que ele não estava delirando, por mais estranho que seu discurso parecesse. E, sabendo disso... — Encolheu os ombros outra vez. — O inglês dissera-me onde ele fora encontrado, perto da costa. Há centenas de ilhotas e rochedos ao longo de todo o litoral, mas um único lugar onde as silkies vivem, nos limites das terras dos MacKenzie, ao largo de Coigach.

— Então você foi para lá?

— Sim, fui. — Suspirou profundamente, a mão livre descendo

para a curva da minha cintura. — Eu não teria feito isso, deixado a prisão, se ainda não estivesse pensando que o fato tinha a ver com você, Sassenach.

A fuga fora uma operação de pouca dificuldade. Os prisioneiros eram em geral levados para fora da prisão em pequenos grupos, para cortar turfa para as lareiras da prisão ou para cortar e carregar pedras para o trabalho de recuperação das muralhas.

Para um homem para quem o urzal era a própria casa, desaparecer fora fácil. Ele erguera-se de seu trabalho e virara para o lado, junto a uma duna recoberta de matagal, abrindo as calças como se fosse urinar. O guarda desviou os olhos educadamente e, ao olhar de novo momentos depois, não viu nada além da charneca vazia, sem nenhum vestígio de Jamie Fraser.

— Não era difícil fugir, mas os presos raramente o faziam — explicou ele. — Nenhum de nós era da região de Ardsmuir, e mesmo que fôssemos, sobrara pouco para o que pudéssemos retornar.

Os homens do duque de Cumberland fizeram muito bem o seu serviço. Como um contemporâneo colocou, avaliando os feitos do duque mais tarde: “Ele criou um deserto e chamou isso de paz.” Essa abordagem moderna à diplomacia deixara algumas partes das Terras Altas praticamente desertas; com os homens mortos, presos ou deportados, as plantações e casas incendiadas, as mulheres e crianças começaram a passar fome e a procurar abrigo em qualquer outro lugar que pudessem. Não, um prisioneiro que fugisse de Ardsmuir estaria verdadeiramente sozinho, sem clã ou parentes aos quais recorrer.

Jamie sabia que haveria pouco tempo antes de o comandante inglês perceber para onde ele devia estar se dirigindo e organizar um grupo de busca. Por outro lado, não havia estradas propriamente ditas naquela remota parte do reino e um homem que conhecesse a região estaria em maior vantagem a pé do que os forasteiros que o perseguiam a cavalo.

Ele fugira no meio da tarde. Orientando-se pelas estrelas,



caminhara a noite toda, chegando à costa quase ao raiar do dia seguinte.

— Eu conhecia o lugar das silkies; é bastante conhecido entre os MacKenzie e eu já estivera lá uma vez, com Dougal.

A maré estava alta e as focas, em sua maioria, na água, caçando caranguejos e peixes em meio à folhagem das algas flutuantes, mas as listras pretas de suas fezes e as formas indolentes de algumas preguiçosas assinalavam as três ilhas das focas, dispostas em fileira bem na entrada de uma pequena baía, guardada por um promontório rochoso e escarpado.

Pela interpretação de Jamie das instruções de Duncan, o tesouro jazia na terceira ilha, a mais distante da praia. Ficava a cerca de um quilômetro e meio do litoral, era uma longa distância para nadar, mesmo para um homem forte, e sua própria resistência estava minada pelo árduo trabalho na prisão e pela longa caminhada sem se alimentar. Ele ficou parado no topo do penhasco, imaginando se aquilo não seria uma tentativa inútil e se o tesouro — se realmente existisse — valeria o risco de sua vida.

— A rocha era cheia de fendas e rachaduras lá em cima; quando eu chegava bem perto da borda, pedras e cascalhos desprendiam-se sob meus pés e mergulhavam no abismo. Eu não sabia como poderia sequer chegar à água, quanto mais à ilha das focas. Então, lembrei-me do que Duncan dissera sobre a torre de Ellen — disse Jamie. Seus olhos estavam arregalados, fixos não em mim, mas naquela praia distante onde o barulho de desmoronamento de rochas perdia-se na arrebenção das ondas.

A “torre” estava lá, um pequeno espigão de granito que se elevava a não mais do que um metro e meio da ponta do promontório. Mas, abaixo desse espigão, escondida pelas pedras, havia uma fenda estreita, um caminho apertado que ia do topo à base do penhasco de vinte e cinco metros de altura, fornecendo uma possível passagem, talvez até fácil, para um homem determinado.

Da base da torre de Ellen até a terceira ilha ainda eram mais de

quatrocentos metros de águas verdes e revoltas. Despindo-se, ele persignou-se e, encomendando a alma à guarda de sua mãe, mergulhou nu no meio das ondas.

Afastou-se lentamente do penhasco, debatendo-se e engasgando-se conforme as ondas quebravam acima de sua cabeça. Nenhum lugar da Escócia é muito longe do mar, mas Jamie fora criado no interior, sua experiência em natação limitava-se às plácidas profundezas de lagos e remansos de rios de trutas.

Cego pelo sal e ensurdecido pelo rugido da arrebentação, ele lutou contra as ondas durante o que lhe pareceram horas, depois botou a cabeça e os ombros para fora da água, tentando recuperar o fôlego, apenas para ver o promontório assomando — não atrás, como pensara, mas à sua direita.

— Era maré vazante e estava me levando — disse ele amargamente. — Eu pensei, bem, é isso, então, estou perdido, porque sabia que jamais conseguiria fazer o caminho de volta. Eu não comera nada em dois dias e já não me restavam muitas forças.

Ele parou de nadar e simplesmente boiou de costas, deixando-se levar ao sabor das ondas. Um pouco tonto de fome e cansaço, fechou os olhos contra a luz e buscou mentalmente a antiga oração celta contra afogamento.

Nesse ponto, ele parou por um instante e ficou tão quieto por tanto tempo que me perguntei se havia alguma coisa errada. Por fim, ele respirou fundo e disse timidamente:

— Creio que vai me achar um idiota, Sassenach. Nunca contei isso a ninguém, nem mesmo a Jenny. Mas... eu ouvi minha mãe me chamar, bem no meio da oração. — Ele estremeceu, constrangido. — Talvez tenha sido apenas o fato de que eu estive pensando nela quando deixei a praia. No entanto... — Ficou em silêncio até eu tocar seu rosto.

— O que ela disse? — perguntei serenamente.

— Ela disse: “Venha para mim, Jamie... venha para mim, rapaz!”

— Ele inspirou fundo e soltou o ar lentamente. — Eu podia ouvi-la claramente, mas não via nada; não havia ninguém lá, nem mesmo

uma silkie. Achei que ela estivesse me chamando do céu e eu estava tão cansado que realmente não me importava de morrer, mas virei-me e comecei a nadar na direção de onde ouvira a voz. Pensei em dar umas dez braçadas e depois parar para descansar... ou afundar.

Mas, na oitava braçada, a corrente o pegou.

— Foi como se alguém tivesse me segurado — disse ele, parecendo ainda surpreso com a lembrança. — Podia sentir algo me segurando por baixo, me envolvendo; a água estava um pouco mais quente do que antes e carregou-me. Não tive que fazer nada, a não ser patinhar um pouco, para manter a cabeça fora da água.

Uma corrente forte, movendo-se como um redemoinho entre o promontório e as ilhas, o levava até a beira da terceira ilha e, com apenas algumas braçadas, alcançou as rochas.

Era apenas um cômodo de granito, coberto de fendas e rachaduras como todos os rochedos antigos da Escócia, e revestido de uma camada de limo formado por algas e excremento de focas. Mesmo assim, ele arrastou-se para fora da água com toda a gratidão que um marinheiro de um navio naufragado teria por uma terra de palmeiras e praias de areia branca. Caiu com o rosto para baixo na prateleira da rocha e deixou-se ficar ali, feliz em respirar, quase inconsciente de exaustão.

— Então, senti alguma coisa assomar acima de mim e um cheiro terrível de peixe morto — disse ele. — Levantei-me imediatamente e lá estava ela, uma enorme foca, macho, toda escorregadia e molhada, os olhos negros fitando-me, a menos de um metro.

Não sendo nem pescador, nem um homem do mar, Jamie já ouvira muitas histórias sobre as focas machos serem perigosas, particularmente quando se sentem ameaçadas em seu território. Vendo a boca aberta, com uma bela exibição de dentes pontiagudos e afiados, e os bolsões de gordura em seu corpo enorme, não ficou disposto a duvidar.

— Ela pesava mais de cento e trinta quilos, Sassenach — disse ele. — Se não arrancasse a carne dos meus ossos, ainda poderia

me derrubar no mar com uma única pancada ou me arrastar para o fundo e me afogar.

— Mas, obviamente, não fez isso — disse. — O que aconteceu? Ele riu.

— Acho que eu estava confuso demais de cansaço para fazer qualquer coisa sensata. Só olhei para ela por um instante e depois disse: “Está tudo bem; sou apenas eu.”

— E o que a foca fez?

Jamie encolheu ligeiramente os ombros.

— Ela me examinou por mais alguns instantes... Silkies não piscam muito, sabia? É muito enervante ter alguém fitando-o por tanto tempo... Então, ela deu uma espécie de grunhido e deslizou da rocha para dentro da água.

Deixado na posse exclusiva da minúscula ilha, Jamie permaneceu sentado, sem ação, por algum tempo, recuperando as forças, e então iniciou uma busca metódica nas fendas. Como a área era pequena, não precisou de muito tempo para encontrar uma fissura funda que levava para um largo espaço vazio, uns trinta centímetros abaixo da superfície da rocha. Forrada de areia seca e localizada no centro da ilha, a cavidade estava a salvo de inundação mesmo nas piores tempestades.

— Bem, não me deixe em suspense — eu disse, cutucando-o na barriga. — O ouro francês estava lá?

— Bem, estava e não estava, Sassenach — respondeu ele, contraindo a barriga. — Eu esperava barras de ouro; era o que diziam os boatos sobre a remessa de Louis. E barras de ouro no valor de trinta mil libras dariam um tesouro de bom tamanho. Mas tudo que havia no local era uma caixa, com menos de trinta centímetros, e uma bolsinha de couro. Mas a caixa realmente continha ouro... e prata também.

Ouro e prata. A caixa de madeira continha duzentas e cinco moedas, de ouro e de prata, algumas sem nenhum sinal de desgaste, como se tivessem acabado de ser cunhadas, outras com suas marcas gastas pelo uso, a ponto de estarem quase lisas.

— Moedas antigas, Sassenach.

— Antigas? Você quer dizer muito velhas...

— Gregas, Sassenach, e romanas. Realmente muito antigas. —  
Fitamo-nos na luz turva por um instante, sem falar.

— É incrível — eu disse finalmente. — É um tesouro, de fato, mas não...

— Não o que Louis enviaria para ajudar a alimentar um exército — ele terminou a frase por mim. — Não, quem quer que tenha colocado aquele tesouro lá, não foi Louis nem nenhum de seus ministros.

— E quanto à sacolinha de couro? — perguntei, lembrando-me subitamente. — O que havia nela?

— Pedras, Sassenach. Pedras preciosas. Diamantes e pérolas e esmeraldas e safiras. Não muitas, mas perfeitamente lapidadas e bastante grandes. — Ele sorriu, um pouco soturnamente. — Sim, bastante grandes.

Ele ficara sentado no rochedo sob o céu cinzento e turvo, revirando as moedas e as pedras preciosas incessantemente entre os dedos, perplexo e confuso. Finalmente, despertado pela sensação de estar sendo observado, ergueu os olhos e viu-se cercado por um bando de focas curiosas. A maré estava alta, as fêmeas haviam voltado de sua pesca e vinte pares de olhos redondos e negros inspecionavam-no com toda a cautela.

O enorme macho negro, encorajado pela presença de seu harém, também voltara. Ele emitiu um som alto, sacudindo a cabeça ameaçadoramente de um lado para o outro, e avançou para cima de Jamie, deslizando seus cento e trinta quilos para mais perto a cada berro, impulsionando-se para a frente com suas nadadeiras pela rocha escorregadia.

— Achei que era melhor eu ir embora — disse ele. — Afinal, eu já achara o que fora procurar. Assim, coloquei a caixa e a sacolinha de volta onde eu as encontrara; não poderia carregá-las para terra firme, afinal de contas. Se o fizesse... e aí? Assim, coloquei tudo no mesmo lugar e arrastei-me para dentro da água, quase congelado.

Algumas braçadas o levaram de volta à corrente direcionada à terra; era uma corrente circular, como a maioria dos turbilhões, e o redemoinho o levou para a base do promontório em meia hora. Ele arrastou-se para a praia, vestiu-se e adormeceu em um canteiro de grama macia.

Jamie interrompeu a narração e pude ver que, embora seus olhos estivessem abertos e fixos em mim, não era a mim que via.

— Acordei ao amanhecer — disse ele à meia-voz. — Já vi muitas vezes o raiar do dia, Sassenach, mas nenhum como aquele. Eu podia sentir a terra revolvendo-se sob meu corpo e minha própria respiração acompanhando o soprar do vento. Era como se eu não tivesse pele nem ossos, apenas a luz do sol nascente dentro de mim.

Seus olhos se enterneceram, deixando a lembrança e voltando para mim.

— Depois o sol subiu e, quando me senti bastante aquecido para ficar de pé, levantei-me e caminhei para o interior, em direção à estrada, ao encontro dos ingleses.

— Mas por que você voltou? Você estava livre! Tinha dinheiro! E...

— E onde eu iria gastar esse tipo de dinheiro, Sassenach? — perguntou ele. — Iria entrar no casebre de um lavrador e oferecer-lhe um denário de ouro ou uma pequena esmeralda? — Ele sorriu da minha indignação e sacudiu a cabeça. — Não, eu tinha que voltar. Sim, eu poderia viver na charneca por algum tempo... seminu e faminto, mas sobreviveria. Mas eles estavam à minha procura, Sassenach, realmente me caçando, achando que eu poderia saber onde o ouro estava escondido. Nenhuma cabana perto de Ardsmuir estaria a salvo dos ingleses enquanto eu estivesse livre e pudesse buscar refúgio em uma delas. Eu já vi os ingleses caçando, você sabe — acrescentou, um tom mais tenso infiltrando-se em sua voz. — Você viu o painel de lambris no vestíbulo?

Eu vira; um painel de carvalho lustroso que forrava o vestíbulo na entrada fora destruído, talvez por uma bota pesada, e o

revestimento de lambris da porta até a escada estava danificado por uma teia de marcas de golpes de sabre.

— Nós mantivemos assim para não nos esquecermos — disse ele. — Para mostrar às crianças e dizer-lhes quando perguntarem: é assim que são os ingleses.

O ódio reprimido em sua voz atingiu-me na boca do estômago. Como eu sabia o que o exército inglês fizera nas Terras Altas, não havia nada que eu pudesse argumentar. Calei-me e, após alguns instantes, ele continuou:

— Eu iria expor as pessoas que viviam perto de Ardsmuir a esse tipo de atenção, Sassenach. — À palavra “Sassenach”, ele apertou minha mão e um pequeno sorriso curvou o canto de sua boca. Eu podia ser uma Sassenach para ele, mas não inglesa. — E se eu não fosse capturado, provavelmente eles viriam até aqui outra vez, até Lallybroch. Se não queria arriscar o povo das vizinhanças de Ardsmuir, muito menos arriscaria minha família. — Parou, parecendo lutar para encontrar as palavras. — Eu tinha que voltar — disse ele devagar. — Se por nenhuma outra razão, eu tinha que voltar pelos homens que estavam lá.

— Os homens na prisão? — disse, surpresa. — Alguns dos homens de Lallybroch foram presos com você?

Ele sacudiu a cabeça. A pequena ruga vertical que aparecia entre suas sobrancelhas quando se concentrava era visível, mesmo à parca luz das estrelas.

— Não. Lá havia homens de todas as partes das Terras Altas, mas eram apenas alguns homens de cada clã: os remanescentes e a arraia-miúda. E, por isso mesmo, mais necessitados de um chefe.

— É o que você era para eles? — falei suavemente, reprimindo a vontade de desfazer a ruga com meus dedos.

— Por falta de algo melhor — disse ele, com o vislumbre de um sorriso.

Ele saíra do seio da família e dos colonos de suas terras, de uma força que o sustentara por sete anos, para encontrar uma falta de esperança e uma solidão que matariam um homem mais rápido do

que a umidade, a imundície e a tremedeira febril da prisão.

E assim, com toda a simplicidade, ele adotara a ralé e os remanescentes, os sobreviventes da Batalha de Culloden, e assumira o destino deles, para que pudessem sobreviver às pedras de Ardsmuir também. Argumentando, seduzindo e persuadindo até onde podia, lutando quando necessário, ele os forçara a se unirem, a enfrentarem seus captores como um só, a deixarem de lado antigas rivalidades e alianças de clãs e adotarem-no como seu chefe.

— Eles eram meus — disse ele baixinho. — E o fato de tê-los foi o que me manteve vivo. — No entanto, depois eles foram tirados dele e afastados uns dos outros, desarticulados e enviados para trabalhos forçados numa terra estrangeira. E ele não pudera salvá-los.

— Você fez o melhor que pôde por eles. Mas isso já passou — eu disse baixinho.

Permanecemos nos braços um do outro em silêncio por um longo tempo, deixando que os pequenos ruídos da casa nos envolvessem. Diferentemente da confortável agitação comercial do bordel, os estalidos e suspiros falavam de paz, lar e segurança. Pela primeira vez, estávamos de verdade a sós, longe do perigo e da distração.

Havia tempo, agora. Tempo para ouvir o resto da história do ouro, ouvir o que ele fizera com o tesouro, descobrir o que acontecera aos homens de Ardsmuir, especular sobre o incêndio da gráfica, sobre o marinheiro zarolho do Jovem Ian, sobre o encontro com a alfândega de Sua Majestade na praia de Arbroath, e decidir o que fazer em seguida. E já que havia tempo, não havia necessidade de falar sobre nada disso agora.

O último pedaço de turfa quebrou-se e desfez-se na lareira, o interior incandescente silvando, vermelho, no ar frio. Aconcheguei-me mais contra Jamie, enterrando o rosto na curva de seu pescoço. Ele tinha o leve gosto de grama e suor, com um toque de conhaque.

Ele ajeitou o corpo em resposta, unindo nossos corpos nus em



toda a sua extensão.

— O quê, outra vez? — murmurei, divertida. — Homens de sua idade não costumam fazer de novo tão depressa.

Seus dentes mordiscaram o lóbulo de minha orelha.

— Bem, você também está fazendo o mesmo, Sassenach — ressaltou ele. — E você é mais velha do que eu.

— É diferente — eu disse, arfando um pouco quando ele repentinamente colocou-se sobre mim, os ombros encobrindo a janela iluminada pelas estrelas. — Eu sou uma mulher.

— E se você não fosse uma mulher, Sassenach — assegurou ele, começando a agir —, eu também não estaria fazendo isso. Silêncio, agora.

Acordei logo após o alvorecer com o arranhar da roseira silvestre contra a janela e os sons abafados da preparação do desjejum na cozinha embaixo. Espreitando por cima da figura adormecida de Jamie, vi que o fogo estava completamente apagado. Deslizei para fora da cama silenciosamente para não acordá-lo. As tábuas do assoalho estavam geladas sob os meus pés e, tremendo, peguei a primeira roupa que consegui alcançar.

Enrolada nas dobras da camisa de Jamie, ajoelhei-me junto à lareira e iniciei o laborioso processo de reacender o fogo, pensando sonhadoramente que eu deveria ter incluído uma caixa de fósforos na pequena lista de itens que achei que valia a pena trazer. Dá para fazer um graveto pegar fogo arrancando fagulhas de uma pederneira, mas em geral não na primeira tentativa. Nem na segunda. Nem...

Depois de tentar mais de dez vezes, fui recompensada com um minúsculo ponto negro no pavio de estopa que eu estava usando como acendedor. Ele cresceu rapidamente e desabrochou numa minúscula chama. Atirei o pavio depressa, mas com todo o cuidado, sob o montículo de gravetos que eu preparara para proteger a bem-sucedida chama da brisa fria.

Eu deixara a janela aberta de par em par à noite passada, para

assegurar que não fôssemos sufocados pela fumaça — fogueiras de turfa queimavam bem, mas vagarosamente, e faziam muita fumaça, como atestavam as vigas enegrecidas no teto. No momento, entretanto, achei que podíamos dispensar o ar fresco — ao menos até que o fogo ficasse forte.

A parte de baixo da vidraça estava coberta com uma fina camada de geada; o inverno chegaria logo. O ar estava tão revigorante e fresco que fiz uma pausa antes de fechar a janela, inspirando a plenos pulmões os aromas de folhas mortas, maçãs secas, terra fria e capim molhado. A paisagem do lado de fora era perfeita em sua claridade imóvel, muros de pedras e pinheiros escuros nitidamente desenhados como pinceladas negras contra o cinza da manhã nublada.

Um movimento chamou minha atenção no alto da colina, onde a trilha precária levava ao vilarejo de Broch Mordha, a uns dezesseis quilômetros de distância. Um a um, três pequenos pôneis das Terras Altas surgiram no topo e começaram a descer a encosta na direção da casa da fazenda.

Estavam longe demais para que eu pudesse distinguir seus rostos, mas pude ver pelas saias esvoaçantes que os cavaleiros eram mulheres. Talvez fossem as meninas — Maggie, Kitty e Janet — voltando da casa do Jovem Jamie. Meu próprio Jamie ficaria feliz em revê-las.

Enrolei ainda mais a camisa com o cheiro de Jamie em volta do corpo, para me proteger do frio, resolvendo aproveitar o que pudesse nos restar de privacidade naquela manhã descongelando-me na cama. Fechei a janela e parei para tirar vários dos leves tijolos de turfa do cesto junto à lareira e alimentar cuidadosamente o fogo incipiente, antes de tirar a camisa e me arrastar para baixo das cobertas, os dedos dormentes dos pés formigando de prazer com o generoso calor.

Jamie sentiu o frio do meu retorno e virou-se instintivamente para mim, puxando-me para junto do seu corpo e encaixando-se perfeitamente no meu, de conchinha. Sonolentemente, esfregou o

rosto no meu ombro.

— Dormiu bem, Sassenach? — murmurou ele.

— Nunca dormi tão bem — afirmei, aconchegando meu traseiro gelado na concavidade quente de suas coxas. — E você?

— Hummm — respondeu com um gemido de felicidade, envolvendo os braços ao meu redor. — Sonhei à beça.

— Com o quê?

— Mulheres nuas, na maior parte do tempo — disse ele, fechando os dentes delicadamente no meu ombro. — E comida. — Seu estômago roncou baixinho. O cheiro de biscoitos e bacon frito no ar era leve, mas incontestável.

— Desde que você não confunda as duas coisas — disse, tirando o ombro de seu alcance.

— Posso distinguir um falcão de um serrote, quando o vento sopra para o norte por nordeste — afirmou ele —, e uma garota linda e rechonchuda de um presunto salgado, também, apesar das aparências. — Ele agarrou minhas nádegas com as duas mãos e apertou-as, fazendo-me gritar e chutar suas canelas.

— Animal!

— Ah, animal, hein? — disse ele, rindo. — Bem, então... — Rosnando como uma fera, mergulhou embaixo da colcha e foi me beliscando e mordendo até a parte interna de minhas coxas, alegremente ignorando meus gritinhos e a chuva de chutes em seus ombros e costas. Deslocada pela nossa luta, a colcha deslizou para o chão, revelando o emaranhado de sua cabeleira, esvoaçando freneticamente sobre minhas coxas.

— Talvez haja menos diferença do que eu pensava — disse ele, levantando a cabeça do meio das minhas pernas enquanto fazia uma pausa para recuperar o fôlego. Prensou minhas coxas contra o colchão e riu para mim, os cabelos ruivos espetados como um porco-espinho. — Você tem mesmo um gosto meio salgado, agora que provei. O que você...

Foi interrompido por uma pancada súbita quando a porta abriu-se com estrondo e ricocheteou na parede. Espantados, nos viramos

para olhar. Na soleira da porta, estava uma jovem que eu nunca vira. Devia ter quinze ou dezesseis anos, tinha longos cabelos louros e olhos azuis. Os olhos estavam um pouco maiores do que o normal e tomados por uma expressão de choque horrorizado ao me fitar. Seu olhar moveu-se lentamente dos meus cabelos desgrehados para os meus seios nus e pelas curvas do meu corpo abaixo, até encontrar Jamie, deitado de barriga para baixo sobre as minhas pernas, lívido com um choque comparável ao da jovem.

— Papai! — exclamou ela, escandalizada. — Quem é esta mulher?

**34**

PAPAI

-Papai? — repeti, confusa. — Papai?

Jamie ficou petrificado quando a porta se abriu. Em seguida, pôs-se de pé num salto, agarrando a colcha caída no chão. Afastou bruscamente para trás os cabelos caídos no rosto e olhou fixamente para a garota.

— O que diabos você está fazendo aqui? — perguntou ele. Com a barba ruiva, nu e rouco de raiva, era uma visão formidável, e a garota recuou um passo, hesitante. A seguir, empinou o queixo e encarou-o.

— Eu vim com mamãe!

O efeito sobre Jamie não poderia ter sido maior se ela tivesse lhe dado um tiro no coração. Ele sacudiu-se violentamente e toda a cor desapareceu de seu rosto.

O sangue voltou numa torrente, quando o som de passos rápidos soou na escada de madeira. Ele saltou da cama, atirando a colcha apressadamente em minha direção, e agarrou suas calças.

Mal as havia colocado quando outra figura feminina irrompeu no quarto, parou de repente e fitou a cama com os olhos arregalados.

— É verdade! — Virou-se na direção de Jamie, os punhos cerrados contra o manto que usava. — É verdade! É a bruxa Sassenach! Como pôde fazer isso comigo, Jamie Fraser?

— Cale-se, Laoghaire! — retrucou ele. — Eu não fiz nada a você!

Sentei-me na cama, apoiada contra a parede, apertando a colcha contra o peito e fitando a cena. Somente quando ele pronunciou seu nome é que eu a reconheci. Há vinte e poucos anos, Laoghaire MacKenzie era uma jovem esbelta de dezesseis anos, com uma pele que lembrava uma pétala de rosa, cabelos louro-prateados e uma violenta — e não correspondida — paixão por

Jamie Fraser. Evidentemente, algumas coisas haviam mudado.

Ela devia estar se aproximando dos quarenta anos e já não era esbelta, tendo encorpado consideravelmente. A pele ainda era clara, mas castigada e envelhecida, esticada sobre as bochechas rechonchudas e vermelhas de raiva. Fios de cabelos grisalhos soltavam-se aqui e ali, debaixo de sua respeitável touca branca. Mas os claros olhos azuis eram os mesmos — voltaram-se para mim outra vez, com a mesma expressão de ódio que eu vira neles havia tanto tempo.

— Ele é meu! — sibilou ela. Bateu o pé no chão. — Volte para o inferno de onde você veio e deixe-o para mim! Vá embora!

Como eu não fizesse o menor movimento para obedecer, ela olhou furiosamente à volta, à cata de uma arma. Vendo o jarro de louça branca com uma faixa azul, agarrou-o e ergueu o braço para atirá-lo em mim. Jamie arrancou-o de sua mão, colocou-o de volta em cima do lavatório e agarrou-a pelo braço, com força suficiente para fazê-la gritar.

Virou-a e empurrou-a bruscamente em direção à porta.

— Desça — ordenou ele. — Irei falar com você daqui a pouco, Laoghaire.

— Vai falar comigo? Falar comigo, uma ova! — gritou ela. Com o rosto crispado, lançou a mão livre sobre ele, arranhando seu rosto do olho ao queixo com as unhas.

Ele deu um grunhido, agarrou seu pulso livre e, arrastando-a até a porta, empurrou-a para o corredor, bateu a porta e girou a chave.

Quando se virou para mim outra vez, eu estava sentada na beira da cama, tentando colocar as meias com as mãos trêmulas.

— Posso explicar-lhe isso, Claire — disse ele.

— N-não creio — disse. Meus lábios estavam dormentes, juntamente com o resto do meu corpo, e quase não conseguia articular as palavras. Mantive os olhos fixos nos meus pés enquanto tentava, sem sucesso, amarrar minhas ligas.

— Ouça-me! — disse ele violentamente, batendo o punho cerrado no tampo da mesa com uma violência que me fez dar um

salto. Ergui a cabeça abruptamente e o vi acima de mim. Com os cabelos ruivos soltos sobre os ombros, a barba por fazer, o peito nu e os arranhões vermelhos das unhas de Laoghaire no rosto, ele parecia um invasor viking, decidido a atacar. Virei-me, à procura da minha camisola.

Estava perdida no meio das cobertas; remexi os lençóis. Uma série de batidas estrondosas havia começado do outro lado da porta, acompanhada por gritos e berros estridentes, conforme a comoção atraía os outros moradores da casa.

— É melhor ir e explicar as coisas à sua filha — disse, enfiando a roupa amassada pela cabeça.

— Ela não é minha filha!

— Não? — Minha cabeça despontou pela gola da combinação e ergui o queixo para fitá-lo. — E imagino que também não seja casado com Laoghaire?

— Sou casado com você, droga! — gritou ele, dando um soco no tampo da mesa outra vez.

— Acho que não. — Sentia-me absolutamente fria. Meus dedos rígidos não conseguiam atar os cadarços do espartilho; joguei-o longe e levantei-me para procurar meu vestido, em algum lugar do outro lado do aposento, atrás de Jamie. — Preciso do meu vestido.

— Você não vai a lugar nenhum, Sassenach. Não até...

— Não me chame assim! — gritei, surpreendendo a nós dois. Fitou-me por um instante, depois assentiu.

— Está bem — disse ele serenamente. Olhou para a porta, agora ressoando sob a força das batidas. Ele respirou fundo e empertigou-se, endireitando os ombros. — Vou sair e resolver as coisas. Depois, conversaremos, nós dois. Fique aqui, Sass... Claire. — Pegou sua camisa e enfiou-a com força pela cabeça. Destrancando a porta, saiu para o corredor agora silencioso e fechou-a às suas costas.

Consegui pegar meu vestido, depois desmoronei sobre a cama, o corpo todo trêmulo, a lã verde embolada sobre meus joelhos.



Não conseguia raciocinar direito. Minha mente girava ao redor do fato central; ele era casado. Casado com Laoghaire! E tinha uma família. No entanto, ele chorara por Brianna.

— Ah, Bree! — exclamei. — Ah, meu Deus, Bree! — E comecei a chorar, em parte com o choque, em parte ao pensar em Brianna. Não era lógico, mas essa descoberta parecia uma traição a ela, tanto quanto a mim... ou a Laoghaire.

Pensar em Laoghaire transformou o choque e a tristeza imediatamente em raiva. Esfreguei uma dobra do tecido verde com força pelo rosto, deixando a pele vermelha e ardendo.

Desgraçado! Como pôde fazer isso? Se ele havia se casado outra vez, achando que eu estava morta, isso era uma coisa. De certa forma, eu até esperara e temera essa possibilidade. Mas casar-se com aquela mulher — aquela megera maldosa e traiçoeira que tentara me matar no Castelo Leoch... Mas era provável que ele não soubesse disso, ressaltou uma pequena voz da razão em minha mente.

— Bem, ele deveria saber! — disse. — Que ele se dane no inferno, como pôde casar-se com ela, de qualquer modo? — As lágrimas rolavam incontrolavelmente pelo meu rosto, um jorro quente de perda e raiva, e meu nariz escorria. Tateei em busca de um lenço e, não encontrando nenhum, em desespero, assoei o nariz na ponta do lençol.

Ele tinha o cheiro de Jamie. Pior ainda, tinha o cheiro de nós dois, e os vestígios almiscarados de nosso prazer. Havia um pequeno ponto formigando no interior da minha coxa, onde Jamie mordera-me de leve, há poucos instantes. Bati a palma da mão com força sobre o ponto, num tapa cruel, para eliminar a sensação.

— Mentiroso! — gritei. Agarrei o jarro que Laoghaire tentara atirar em mim e eu mesma o lancei contra a porta. Com um estrondo, ele se desfez em estilhaços.

Fiquei parada no meio do quarto, ouvindo. Silêncio. Não se ouvia nenhum barulho do térreo; ninguém estava vindo para ver o que causara o barulho. Imaginei que todos estavam ocupados demais

consolando Laoghaire para se preocuparem comigo.

Elas morariam ali, em Lallybroch? Lembrei-me de Jamie, chamando Fergus a um canto, enviando-o à nossa frente, em tese para avisar Ian e Jenny que estávamos chegando. Mas, provavelmente, era para avisá-los a meu respeito e tirarem Laoghaire do caminho antes da minha chegada.

O que Jenny e Ian pensariam de tudo isso? Obviamente, saberiam a respeito de Laoghaire — no entanto, me receberam na noite anterior sem que suas expressões os traíssem. Mas se Laoghaire havia sido tirada do caminho... por que teria voltado? O simples fato de tentar pensar nisso fazia minhas têmporas latejarem.

O ato de violência aliviara suficientemente a minha raiva para que eu pudesse voltar a controlar meus dedos trêmulos. Chutei o espalho para um canto e enfiei o vestido verde pela cabeça.

Eu tinha que sair dali. Esse era o único pensamento mais coerente em minha cabeça e eu me agarrei a ele. Eu precisava ir embora. Não podia ficar, não com Laoghaire e suas filhas na casa. Aquele era o lugar delas, não o meu.

Consegui amarrar as ligas das meias dessa vez, atar os cadarços do vestido, abotoar os inúmeros ganchos da sobressaia e encontrar meus sapatos. Um estava embaixo do lavatório, o outro perto do pesado armário de carvalho, para onde eu os chutara na noite anterior, largando as roupas despreocupadamente pelo quarto na ânsia de me enfiar na cama aconchegante e aninhar-me nos braços amorosos de Jamie.

Estremeci. O fogo extinguiu-se outra vez e uma corrente de ar gelado entrava pela janela. Senti o frio penetrar nos ossos, apesar das roupas.

Perdi algum tempo procurando meu manto até perceber que ele estava no andar térreo; eu o deixara na sala na noite anterior. Passei os dedos pelos cabelos, mas estava perturbada demais para procurar um pente. Os cachos estalaram com a estática, pois eu enfiara o vestido de lã pela cabeça; afastei, irritada ao extremo, os fios esvoaçantes que grudavam no meu rosto.

Pronta. Ao menos, até onde era possível. Parei para um último olhar ao redor, depois ouvi passos subindo a escada.

Não leves e ligeiros, como os últimos. Estes eram mais pesados, lentos e deliberados. Soube, sem vê-lo, que era Jamie quem se aproximava — e que não estava ansioso para me ver.

Ótimo. Eu também não queria vê-lo. O melhor era ir embora agora mesmo, sem falar nada. O que havia a ser dito?

Inconscientemente, recuei quando a porta se abriu, até que minhas pernas bateram na beirada da cama. Perdi o equilíbrio e caí sentada. Jamie parou na soleira, olhando para mim.

Ele fizera a barba. Foi a primeira coisa que notei. Imitando o Jovem Ian no dia anterior, barbeara-se apressadamente, penteara os cabelos para trás e se arrumara antes de enfrentar o problema. Pareceu adivinhar o que eu estava pensando; o fantasma de um sorriso atravessou seu semblante, enquanto esfregava o queixo que acabara de barbear.

— Acha que vai ajudar? — perguntou ele.

Engoli com dificuldade e umedecei meus lábios ressecados, mas não respondi. Ele suspirou e respondeu ele mesmo:

— Não, creio que não. — Entrou no quarto e fechou a porta. Ficou parado, sem jeito, por um instante, depois se aproximou da cama, uma das mãos estendida para mim. — Claire...

— Não toque em mim! — Fiquei de pé num salto e recuei, dando a volta em direção à porta. Seu braço pendeu ao lado do corpo, mas ele deu um passo à minha frente, bloqueando a passagem.

— Não vai me deixar explicar, Claire?

— Parece um pouco tarde para isso — disse, num tom de voz que pretendia ser frio e desdenhoso. Infelizmente, minha voz tremeu.

Ele fechou a porta atrás dele.

— Você não costumava ser irracional — disse ele serenamente.

— E não venha me dizer o que eu costumava ser! — As lágrimas estavam muito próximas da superfície e eu mordi o lábio para contê-las.

— Está bem. — Seu rosto estava muito pálido; os arranhões feitos por Laoghaire destacavam-se como três linhas vermelhas, irritadas, ao longo da face.

— Eu não vivo com ela — disse ele. — Ela e as meninas vivem em Balriggan, perto de Broch Mordha. — Observou-me atentamente, mas eu nada disse. Ele estremeceu um pouco, ajeitando a camisa nos ombros, e continuou: — Foi um grande erro... o nosso casamento.

— Com duas filhas? Levou algum tempo para perceber, não foi? — explodi.

Ele pressionou os lábios com força.

— As meninas não são minhas. Laoghaire era uma viúva com duas filhas quando me casei com ela.

— Ah. — Não fazia nenhuma diferença real, mas ainda assim senti uma pequena onda de algo semelhante a alívio, por Brianna. Ela era a única filha do coração de Jamie, ao menos, ainda que eu...

— Já não vivo com elas há algum tempo. Moro em Edimburgo e envio-lhes dinheiro, mas...

— Não precisa me contar — interrompi. — Não faz nenhuma diferença. Deixe-me passar, por favor, vou embora.

As sobrancelhas espessas e ruivas uniram-se abruptamente.

— Embora para onde?

— De volta. Para longe. Não sei, deixe-me passar!

— Você não vai a lugar algum — disse ele categoricamente.

— Não pode me impedir!

Ele adiantou-se e agarrou-me pelos dois braços.

— Posso, sim — disse ele. E podia mesmo; puxei e me debati furiosamente, mas não consegui remover os dedos de aço dos meus bíceps.

— Solte-me agora mesmo!

— Não! — Fitava-me com raiva, os olhos apertados, e eu percebi repentinamente que, por mais calmo que ele pudesse parecer, estava quase tão transtornado quanto eu. Vi os músculos de seu pescoço moverem-se quando ele engoliu em seco,

controlando-se o suficiente para conseguir falar outra vez. — Não vou deixar você ir enquanto não lhe explicar por que...

— O que há para explicar? — perguntei ainda furiosa. — Você se casou de novo! O que mais há para explicar?

O rubor subia às suas faces; as pontas de suas orelhas já estavam vermelhas, um sinal claro de iminente explosão colérica.

— E você viveu como uma freira por vinte anos? — perguntou ele, sacudindo-me de leve. — Viveu?

— Não! — Joguei a palavra em seu rosto e ele encolheu-se ligeiramente. — Não, de jeito nenhum! E não acho que você tenha vivido como um monge tampouco, nunca achei!

— Então... — começou ele, mas eu estava furiosa demais para continuar ouvindo.

— Você mentiu para mim, desgraçado!

— Nunca! — A pele estava esticada até o limite em suas maçãs do rosto, como acontecia quando estava enfurecido de verdade.

— Mentiu, sim, filho da mãe! Sabe que sim! Solte-me! — Chutei-o direto na canela, com tanta força que os dedos dos meus pés ficaram dormentes. Ele deu um grito de dor, mas não me soltou. Em vez disso, apertou-me com mais força, fazendo-me dar um grito agudo.

— Eu nunca disse nada a você...

— Não, não disse! Mas mentiu, de qualquer forma! Me fez pensar que não era casado, que não havia ninguém, que você... que você... — Eu soluçava de raiva, arquejando entre as palavras. — Devia ter me contado assim que cheguei! Por que não me contou? — As mãos nos meus braços se afrouxaram e consegui libertar-me. Ele deu um passo em minha direção, os olhos faiscando de raiva. Não tive medo dele; cerrei o punho e dei um soco em seu peito. — Por quê? — gritei alucinadamente, golpeando-o sem parar, o barulho dos golpes ecoando surdamente em seu peito. — Por quê, por quê, por quê?

— Porque eu tive medo! — Agarrou meus pulsos e atirou-me para trás, e eu caí deitada na cama. Ficou parado acima de mim, os

punhos cerrados, arfando. — Sou um covarde, droga! Não pude lhe contar por medo de que você me deixasse e, sendo fraco, achei que não suportaria perdê-la!

— Fraco? Com duas mulheres? Ah!

Achei que ele iria mesmo me bater; ergueu o braço, mas em seguida a mão espalmada fechou-se num punho cerrado.

— Eu sou fraco por querê-la tanto que nada mais importe? Por vê-la e saber que eu sacrificaria honra, família ou a própria vida para me deitar com você, embora você tivesse me deixado?

— Você tem a descarada e deslavada ousadia de me dizer tal coisa? — Minha voz estava tão esganiçada que saiu como um fio de voz feroz e sibilante. — Você culpa a mim?

Ele parou, o peito arfando enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Não. Não posso culpá-la. — Desviou o rosto, cegamente. — Como poderia ser culpa sua? Você queria ficar comigo, morrer comigo.

— Queria, sim, tola que eu era — disse. — Foi você quem me mandou de volta, você me fez ir embora! E agora me culpa por ter ido?

Virou-se de novo para mim, os olhos toldados de desespero.

— Eu tinha que mandá-la embora! Era preciso, por causa do bebê! — Seus olhos dirigiram-se involuntariamente para o gancho onde seu casaco estava pendurado, as fotos de Brianna no bolso. Respirou fundo, uma respiração trêmula, e acalmou-se com um esforço visível. — Não — disse ele, com mais serenidade. — Não posso lamentar isso, qualquer que tenha sido o custo. Eu teria dado a minha vida, por ela e por você. Se preciso, meu coração e minha alma, também...

Inspirou longamente, ainda trêmulo, dominando a paixão que o sacudia.

— Não posso culpá-la por partir.

— Mas me culpa por ter voltado.

Ele sacudiu a cabeça como se quisesse clareá-la.

— Não, meu Deus, não!

Agarrou minhas mãos entre as suas, a força do gesto esmagando os ossos dos meus dedos.

— Sabe o que é viver vinte anos sem coração? Ser apenas parcialmente humano e acostumar-se a viver com o que restou, preenchendo os buracos com qualquer coisa à mão?

— Se eu sei? — repeti. Tentei me libertar, em vão. — Sim, desgraçado, eu sei! O que acha, que voltei direto para Frank e vivi feliz dali em diante? — Chutei-o com todas as forças de que eu dispunha. Ele se encolheu, mas não me soltou.

— Às vezes, desejei que sim — disse ele, falando entre dentes. — E outras, eu podia até imaginar... ele com você, dia e noite, deitando-se com você, possuindo seu corpo, segurando meu filho! E, por Deus, eu poderia matá-la por isso!

Repentinamente, ele soltou minhas mãos, virou-se e desfechou um soco na lateral do armário de carvalho. Foi um golpe impressionante; o armário era uma peça maciça do mobiliário. Deve ter ferido consideravelmente os nós de seus dedos, mas sem hesitação lançou o outro punho na tábua de carvalho também, como se a madeira lustrosa fosse o rosto de Frank — ou o meu.

— É assim que se sente a esse respeito, hein? — eu disse friamente quando ele recuou um passo, ofegante. — Eu nem sequer preciso imaginá-lo com Laoghaire, já vi essa cena!

— Não me importo nem um pouco com Laoghaire, nunca me importei!

— Filho da mãe! — disse novamente. — É capaz de se casar com uma mulher sem querê-la e depois deixá-la de lado assim que...

— Cale-se! — rugiu ele. — Cuidado com o que diz, megera! — Desceu o punho cerrado sobre o lavatório, fitando-me com raiva. — De qualquer jeito, eu sou um filho da mãe, não é? Se eu sentir alguma coisa por ela, sou um mulherengo infiel, e se não sentir, sou um animal sem coração.

— Você devia ter me contado!

— E se tivesse contado? — Agarrou minha mão e colocou-me

de pé bruscamente, enfrentando meu olhar. — Você teria girado nos calcanhares e ido embora sem nem uma palavra. E depois de vê-la outra vez... acredite, eu teria feito coisa muito pior do que mentir para mantê-la ao meu lado!

Apertou-me forte contra seu corpo e beijou-me, com força e longamente. Meus joelhos dissolveram-se e esforcei-me para me manter em pé, sustentada pela visão dos olhos furiosos de Laoghaire, e de sua voz, ecoando com estridência em meus ouvidos. “Ele é meu!”

— Isso é loucura — eu disse, empurrando-o e afastando-me. A ira é capaz de inebriar, mas eu já estava sentindo os efeitos da ressaca, um redemoinho negro de vertigem. Minha cabeça girava de tal forma que eu mal conseguia manter o equilíbrio. — Não consigo pensar direito. Vou embora.

Lancei-me em direção à porta, mas ele me segurou pela cintura, puxando-me de volta.

Girou-me em sua direção e beijou-me outra vez, com força suficiente para deixar um gosto de sangue em minha boca. Não era nem afeto nem desejo, mas uma paixão cega, uma determinação de me possuir. Ele já passara da fase de conversa.

Eu também. Livrei minha boca com um empurrão e o esbofetei violentamente no rosto, os dedos curvados para arranhar sua carne.

Ele deu um salto para trás, a face esfolada com arranhões vermelhos; em seguida, agarrou-me pelos cabelos, puxou minha cabeça para trás e tomou minha boca outra vez, brutalmente, ignorando os chutes e golpes que eu desferia.

Ele mordeu meu lábio inferior, com força, e quando abri meus lábios, arfando, enfiou a língua em minha boca, privando-me do ar e das palavras ao mesmo tempo.

Atirou-me na cama onde estivéramos deitados, rindo, pouco tempo atrás, e sem hesitar me prendeu no colchão com o peso de seu corpo.

Ele estava extremamente excitado.

Eu também.



*Minha*, ele dizia, sem emitir uma palavra. *Minha!*

Eu lutava contra ele com uma fúria desmedida e igual habilidade, mas *Sua*, meu corpo respondia. *Sua, e que você queime no inferno por isso!*

Eu não percebi quando ele rasgou meu vestido, mas senti o calor do seu corpo nos meus seios nus, através do linho fino de sua camisa, os músculos longos e rígidos de sua coxa forçando a minha. Ele retirou a mão do meu braço para rasgar suas calças e eu o arranhei da orelha ao peito, desenhando listras vermelhas em sua pele.

Estávamos fazendo o melhor possível para nos matar, alimentados pela raiva de anos separados — a minha por ele ter me mandado embora, a dele por eu ter ido, a minha por Laoghaire, a dele por Frank.

— Cadela! — exclamou ele, ofegante. — Vagabunda!

— Desgraçado! — Consegui enfiar a mão em seus próprios cabelos e agarrei-os, puxando seu rosto para mim outra vez. Rolamos para fora da cama e caímos no chão, embolados, virando de um lado para o outro numa enxurrada de imprecações e palavras entrecortadas.

Não ouvi a porta se abrir. Não ouvi nada, embora ela deva ter gritado, mais de uma vez. Cega e surda, eu só sentia Jamie, até um jorro de água fria nos atingir, repentino como um choque elétrico. Jamie ficou paralisado. Toda a cor abandonou seu rosto, deixando os ossos mais protuberantes sob a pele.

Permaneci ali, zozza, gotas de água pingando das pontas dos seus cabelos sobre os meus seios. Logo atrás dele, pude ver Jenny, o rosto tão branco quanto o dele, segurando uma panela vazia nas mãos.

— Pare! — disse ela. Seus olhos haviam se transformado numa fenda, com uma raiva horrorizada. — Como pôde fazer isso, Jamie? Berrando como uma fera no cio, sem se importar se a casa inteira está ouvindo!

Ele saiu de cima de mim, devagar, desajeitado como um urso.

Jenny agarrou uma colcha da cama e atirou-a sobre meu corpo.

De quatro, ele sacudiu a cabeça como um cachorro, lançando gotículas de água em todas as direções. A seguir, devagar, levantou-se e amarrou as calças rasgadas.

— Não se sente envergonhado? — gritou ela, escandalizada.

Jamie continuou parado, fitando-a, como se nunca tivesse visto uma criatura semelhante e estivesse tentando decifrar o que ela poderia ser. As pontas molhadas de seus cabelos pingavam sobre seu peito nu.

— Sim — respondeu ele finalmente. — Sim.

Parecia atordoado. Fechou os olhos, e um estremecimento rápido e profundo percorreu seu corpo. Sem uma palavra, virou-se e saiu.

**35**

FUGA DO ÉDEN

Jenny ajudou-me a deitar na cama, murmurando e emitindo pequenos ruídos de consolo; eu não sabia dizer se de choque ou preocupação. Estava vagamente consciente de figuras pairando no vão da porta — criados, imaginei —, mas não estava disposta a prestar muita atenção.

— Vou arrumar alguma coisa pra você vestir — murmurou ela, ajeitando um travesseiro e fazendo-me recostar. — E talvez uma bebida. Você está bem?

— Onde está Jamie?

Ela lançou-me um olhar rápido, a compaixão misturada a um brilho de curiosidade.

— Não tenha medo. Não vou deixar que ele coloque as mãos em você outra vez. — Falou com firmeza, depois cerrou os lábios com força, franzindo a testa enquanto arrumava a coberta sobre mim. — Como ele pôde fazer isso?

— Não foi culpa dele... não isso. — Passei a mão pelos cabelos emaranhados, indicando meu estado lastimável. — Quero dizer... a culpa é minha tanto quanto dele. Fomos nós dois. Ele... eu... — Deixei a mão cair, incapaz de explicar. Estava machucada e abalada, e meus lábios estavam inchados.

— Compreendo — foi tudo que Jenny disse, mas dirigiu-me um longo olhar de avaliação e achei possível que ela de fato compreendesse.

Eu não queria falar sobre os acontecimentos recentes e ela pareceu perceber minha disposição porque ficou em silêncio por alguns instantes, dando uma ordem em voz baixa a alguém no corredor, depois andando pelo quarto, arrumando móveis e objetos. Eu a vi parar por um instante ao ver os buracos no armário, depois se agachar para recolher os cacos maiores do jarro de louça

estilhaçado.

Ao jogá-los dentro da bacia de louça, ouviu-se um som fraco e surdo no andar térreo; a batida da enorme porta principal. Ela se aproximou da janela e afastou a cortina.

— É Jamie — disse ela. Olhou para mim e soltou a cortina. — Deve estar indo para a colina; ele vai para lá quando está transtornado. Isso ou se embebedar com Ian. A colina é melhor.

Dei uma risadinha irônica.

— Sim, imagino que esteja mesmo transtornado.

Ouviram-se passos leves no corredor e a jovem Janet surgiu, cuidadosamente equilibrando uma bandeja com biscoitos, uísque e água. Parecia pálida e atemorizada.

— Você está... bem, tia? — perguntou ela, hesitante, colocando a bandeja sobre a mesa.

— Estou bem — assegurei-lhe, sentando ereta na cama e estendendo a mão para a garrafa de uísque.

Um olhar penetrante assegurou a Jenny que eu realmente estava bem. Ela bateu de leve no braço da filha e dirigiu-se para a porta.

— Fique com sua tia — ordenou ela. — Vou ver se acho um vestido. — Janet assentiu obedientemente e sentou-se num banquinho junto à cama, observando-me enquanto eu comia e bebia.

Comecei a me sentir fisicamente mais forte com um pouco de alimento dentro de mim. Internamente, sentia-me anestesiada; os acontecimentos recentes pareciam simultaneamente um pesadelo e, entretanto, completamente claros em minha mente. Podia recordar os menores detalhes; os laços de tecido de algodão azul do vestido da filha de Laoghaire, os pequenos vasos capilares vermelhos no rosto de Laoghaire, uma unha parcialmente quebrada no dedo anelar de Jamie.

— Sabe onde está Laoghaire? — perguntei a Janet. A jovem estava de cabeça baixa, aparentemente analisando as próprias mãos. Diante de minha pergunta, levantou a cabeça abruptamente,

piscando.

— Ah! — exclamou ela. — Ah. Sim. Ela, Marsali e Joan voltaram para Balriggan, onde moram. Tio Jamie obrigou-as a partir.

— É mesmo? — disse, sem emoção.

Janet mordeu o lábio, torcendo as mãos no avental. De repente, ergueu os olhos para mim.

— Tia... eu lamento muito! — Seus olhos eram meigos e castanhos, como os do pai, mas agora rasos d'água.

— Tudo bem — disse, sem saber a que ela se referia, mas tentando tranquilizá-la.

— Mas fui eu! — exclamou ela. Parecia extremamente infeliz, mas determinada a confessar. — Eu... eu contei a Laoghair que você estava aqui. Foi por isso que ela veio.

— Ah. — Bem, isso explicava essa parte, pensei. Terminei o uísque e deposei o copo com cuidado de volta na bandeja.

— Não pensei... quero dizer, eu não pretendia causar confusão, acredite. Eu não sabia que você... que ela...

— Tudo bem — repeti. — Uma de nós iria descobrir mais cedo ou mais tarde. — Não fazia diferença, mas olhei-a com certa curiosidade. — Mas por que você contou a ela?

A jovem olhou com extrema cautela por cima do ombro, ouvindo passos no começo da escada. Inclinou-se para perto de mim.

— Mamãe me mandou contar — sussurrou ela. Com isso, levantou-se e deixou apressadamente o quarto, esbarrando de leve em sua mãe na soleira da porta.

Não perguntei. Jenny conseguira um vestido para mim — de uma das filhas mais velhas — e não houve nenhuma conversa além do estritamente necessário enquanto ela me ajudava a vesti-lo.

Depois de estar vestida e calçada, os cabelos penteados e presos, virei-me para ela.

— Quero ir embora — disse. — Agora.

Ela não argumentou, apenas me olhou de cima a baixo, para ver se eu já estava em condições de partir. Balançou a cabeça, as pestanas negras cobrindo os olhos puxados tão parecidos com os

do irmão.

— Acho que é melhor — disse ela serenamente.

A manhã já chegava ao fim quando parti de Lallybroch pelo que eu sabia seria a última vez. Levava uma adaga na cintura, por proteção, embora fosse improvável que precisasse utilizá-la. Os alforjes do meu cavalo estavam carregados de alimento e garrafas de cerveja; o suficiente para me levar até o círculo de pedras. Pensei em retomar as fotos de Brianna do casaco de Jamie, mas após um instante de hesitação, resolvi deixá-las. Ela pertencia a ele para sempre, ainda que eu não.

Era um dia frio de outono, a promessa cinzenta da manhã cumprida com uma garoa triste. Não havia ninguém à vista perto da casa quando Jenny trouxe o cavalo da estrebaria e segurou os arreios enquanto eu montava.

Puxei o capuz do meu manto mais para a frente e fiz um sinal com a cabeça para ela. Na última vez, havíamos nos separado com lágrimas e abraços, como irmãs. Ela soltou as rédeas e recuou um passo, enquanto eu virava a cabeça do cavalo em direção à estrada.

— Vá com Deus! — ouvi-a dizer atrás de mim. Não respondi nem olhei para trás.

Cavalguei a maior parte do dia, sem realmente notar para onde estava indo — apenas olhava a paisagem e deixava o cavalo escolher seu próprio caminho pelas passagens nas montanhas.

Parei quando a luz começou a desaparecer; amarrei o cavalo e deixei-o pastando, deitei-me enrolada no meu manto, adormeci imediatamente, sem querer permanecer acordada por medo de começar a pensar, e me lembrar. O torpor era meu único refúgio. Sei que ele passaria, mas agarrava-me ao seu conforto melancólico enquanto podia.

Foi a fome que a contragosto me trouxe de volta à vida no dia seguinte. Eu não parara para comer em nenhum momento de todo o dia anterior, nem quando acordei na manhã seguinte, mas por volta

de meio-dia meu estômago começara a dar sonoros protestos. Parei numa pequena ravina ao lado de um riacho borbulhante e desembrulhei a comida que Jenny enfiara no meu alforje.

Havia bolos de aveia e cerveja, e vários pãezinhos caseiros, cortados ao comprido e recheados com queijo de cabra e legumes em conserva. Sanduíches das Terras Altas, a refeição forte de pastores e guerreiros, tão característica de Lallybroch quanto a pasta de amendoim fora em relação a Boston. Muito apropriado que minha expedição terminasse com ela.

Comi um sanduíche, bebi uma das jarras de cerveja e montei novamente, virando o cavalo na direção noroeste outra vez. Infelizmente, embora a comida tivesse renovado as forças do meu corpo, também dera nova vida aos meus sentimentos. Conforme subíamos cada vez mais dentro das nuvens, meu estado de ânimo decaía — e já não estava muito elevado desde o começo.

O cavalo parecia bem-disposto, mas eu não. No meio da tarde, senti que eu simplesmente não podia continuar. Conduzi o cavalo para dentro de um pequeno bosque, para não ser visível da estrada, amarrei-o frouxamente e andei ainda mais para dentro da mata, até chegar ao tronco caído de um álamo, liso e manchado de musgo verde.

Desabei sobre ele, os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos. Todas as minhas juntas doíam. Não tanto dos acontecimentos do dia anterior nem dos rigores da cavalgada, mas de tristeza.

Restrição e ponderação sempre fizeram parte de minha vida. Eu aprendera a duras penas a arte da cura; dar e cuidar, mas sempre parando à beira do ponto perigoso onde a doação, por ser demais, poderia me tornar ineficaz. Eu aprendera o distanciamento e o desligamento, em meu próprio prejuízo.

Com Frank, também, eu aprendera o ato de civilidade do equilíbrio; bondade e respeito que não ultrapassavam aqueles limites invisíveis que desembocam em paixão. E Brianna? O amor por um filho não pode ser livre; desde os primeiros sinais de



movimento no útero, brota uma devoção tão poderosa quanto imprudente, irresistível como o próprio processo do nascimento. No entanto, apesar de poderoso, é sempre um amor possessivo; um está no comando, o protetor, o guardião — há muita paixão nesse sentimento, sem dúvida, mas nunca abandono total.

Sempre, sempre, eu tive que equilibrar compaixão e sabedoria, amor e ponderação, humanidade e impiedade.

Somente com Jamie eu me dera por completo, arriscara tudo. Jogara fora a cautela, o bom senso, a prudência, juntamente com os confortos e restrições de uma carreira duramente conquistada. Eu não lhe trouxera nada além de mim mesma, passei a ser a soma de mim mesma e dele, dei-lhe meu corpo e minha alma, deixei que me visse nua, confiei que me visse por inteiro e tratasse com carinho as minhas fraquezas — porque um dia ele o fizera.

Temí que ele não conseguisse, desta vez. Ou não quisesse. E então vivi aqueles dias de perfeita felicidade, achando que tudo que um dia fora verdade era verdade outra vez; eu estava livre para amá-lo, com tudo que eu possuía e era, e ser amada com uma honestidade comparável à minha.

As lágrimas escorriam quentes pelos meus dedos. Eu chorava por Jamie e pelo que eu fora com ele.

*Você sabe, sussurrava a voz de Jamie, o que é dizer outra vez “Eu a amo” em todo o seu verdadeiro significado?*

Eu sabia. E com a cabeça nas mãos sob os pinheiros, soube que para mim essa frase jamais teria o mesmo significado outra vez.

Afundada como estava em pensamentos infelizes, não ouvi os passos até o som estar bem perto de mim. Assustada com o estalido de um galho próximo, saltei do tronco caído como um faisão alçando voo e girei nos calcanhares para encarar o atacante, o coração na boca e a adaga na mão.

— Santo Deus! — Meu tocaiaador recuou da lâmina em riste, obviamente tão assustado quanto eu.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei. Pressionei a

minha mão livre no peito. Meu coração batia como um tambor e eu sabia que estava tão lívida quanto ele.

— Nossa, tia Claire! Onde aprendeu a sacar uma faca desse jeito? Você me deu um grande susto. — O Jovem Ian passou a mão pela testa, o pomo de adão subindo e descendo conforme ele engolia em seco.

— Você também — afirmei. Tentei recolocar a adaga na bainha, mas minha mão tremia demais e não consegui. Com os joelhos bambos, desabei novamente sobre o tronco de álamo e coloquei a adaga sobre a coxa. — Repito — disse, tentando recuperar o autocontrole —, o que você está fazendo aqui? — Eu tinha uma boa ideia do que ele estava fazendo ali e não estava disposta a ouvi-lo. Por outro lado, precisava de um momento para me recompor do susto antes de poder ficar de pé outra vez.

O Jovem Ian mordeu o lábio, olhou ao redor e, diante do meu sinal de permissão, sentou-se acanhadamente ao meu lado no tronco.

— Tio Jamie me mandou — começou ele. Não esperei para ouvir mais, levantando-me imediatamente, joelhos frouxos ou não, enfiando a adaga na bainha e virando-me para partir. — Espere, tia! Por favor! — Segurou meu braço, mas libertei-o com um safanão, afastando-me dele.

— Não estou interessada — disse, chutando as folhagens de samambaias do caminho. — Volte para casa, Ian. Tenho que ir embora.

— Mas não é o que pensa! — Incapaz de me impedir de deixar a clareira, ele me seguia, argumentando enquanto abaixava a cabeça para se desviar dos galhos mais baixos. — Ele precisa de você, tia, é verdade, precisa muito! Você tem que voltar comigo!

Não respondi; havia alcançado meu cavalo e inclinei-me para desatar as cordas que o prendiam.

— Tia Claire! Não vai me ouvir? — Ele assomou do outro lado do cavalo, olhando-me por cima da sela, do alto de sua estatura desajeitada. Parecia-se muito com seu pai, o rosto amável e simples

contraído de ansiedade.

— Não — disse secamente. Enfie as cordas no alforje e coloquei o pé no estribo, erguendo-me com um ruge-ruge satisfatoriamente majestoso das saias e das anáguas. Minha digna partida foi embargada neste ponto pelo fato de o Jovem Ian ter as rédeas do cavalo agarradas nas mãos. — Solte — disse, enfaticamente.

— Não até você ter ouvido tudo que tenho a dizer — retrucou ele. Ergueu os olhos para mim, o maxilar trincado de teimosia, os meigos olhos castanhos incandescentes. Enfrentei seu olhar. Apesar de sua magreza desengonçada, ele possuía a musculatura rígida e definida do pai; a menos que eu estivesse disposta a atropelá-lo, não tinha outra escolha senão ouvi-lo.

Está bem, decidi. Não iria adiantar nada, nem para ele nem para o seu traíçoeiro tio, mas eu ouviria.

— Fale — disse, reunindo toda a paciência que pude.

Ele inspirou fundo, examinando-me cuidadosamente para ver se eu realmente pretendia ouvi-lo. Concluindo que eu estava dizendo a verdade, soltou a respiração ruidosamente, fazendo esvoaçar os cabelos castanhos e macios que caíam em sua testa, e endireitou os ombros para começar.

— Bem — iniciou ele, parecendo repentinamente indeciso. — É que... eu... ele...

Rugi de impaciência.

— Comece do princípio — disse. — Mas não floreie muito, está bem?

Ele assentiu, os dentes prendendo o lábio superior enquanto se concentrava.

— Bem, houve um enorme tumulto na casa depois que você partiu, quando o tio Jamie voltou — começou ele.

— Aposto que sim — disse. A contragosto, percebi que havia em mim uma ponta de curiosidade, mas a reprimi, assumindo uma expressão de completa indiferença.

— Nunca vi tio Jamie tão furioso — disse ele, observando

cuidadosamente a expressão do meu rosto. — Nem mamãe, tampouco. Eles discutiram violentamente, os dois. Papai tentou acalmá-los, mas parecia que eles nem o ouviam. Tio Jamie acusou mamãe de meter o nariz onde não devia, chamou-a de megera intrometida e de alcoviteira... e... e de uma série de outros nomes piores — acrescentou, ruborizando.

— Ele não devia ter ficado furioso com Jenny — eu disse. — Ela só estava tentando ajudar, eu acho. — Também me senti mal por saber que eu fora a causa dessa briga. Jenny sempre fora o arrimo de Jamie desde a morte da mãe quando ambos eram crianças. Não teria fim o estrago que eu causara ao voltar?

Para minha surpresa, o filho de Jenny esboçou um sorriso.

— Bem, não foi só de uma das partes — disse ele ironicamente. — Minha mãe não é de aceitar desaforos sem reagir, você sabe. Tio Jamie tinha algumas marcas de dentes no corpo antes do final da briga. — Engoliu em seco, ao se lembrar. — Na verdade, eu achava que iam acabar se machucando; mamãe partiu para cima do tio Jamie com um aro de ferro e ele arrancou-o de sua mão e atirou-o pela janela da cozinha. Afugentou todas as galinhas do quintal — acrescentou, com um riso frouxo.

— Dispensó a parte das galinhas, Jovem Ian — disse, fitando-o friamente. — Vamos, continue; quero ir embora.

— Bem, depois tio Jamie derrubou a estante de livros da sala de visitas, não acho que tenha feito de propósito — acrescentou o rapaz apressadamente —, ele só estava transtornado demais para ver direito. Daí, saiu pela porta. Papai enfiou a cabeça pela janela e gritou, perguntando-lhe aonde ia e ele disse que ia procurá-la.

— Então, por que você está aqui, e não ele? — Eu estava ligeiramente inclinada para a frente, observando sua mão nas rédeas; se seus dedos mostrassem qualquer sinal de relaxamento, talvez eu pudesse arrancá-las de sua mão.

O Jovem Ian suspirou.

— Bem, no exato momento em que tio Jamie estava partindo em seu cavalo, tia... hã... quero dizer, a mu... — Ele corou

violentamente. — Laoghaire. Ela... ela havia descido a colina e entrava no pátio.

Nesse ponto, desisti de fingir indiferença.

— E o que aconteceu, então?

Ele franziu a testa.

— Houve um terrível bate-boca, mas não pude ouvir muita coisa. Tia... quero dizer, Laoghaire, ela não parece saber brigar adequadamente, como mamãe e tio Jamie. Ela só choraminga e se lamenta. Mamãe diz que ela é chorona — acrescentou ele.

— Mmmhummm — eu disse. — E depois?

Laoghaire descera de seu próprio cavalo, agarrara Jamie pela perna e praticamente arrastou-o de cima de seu cavalo também, segundo o Jovem Ian. Então, desmoronara numa poça no pátio, agarrando Jamie pelos joelhos, lamuriando-se e choramingando como de costume.

Incapaz de desvencilhar-se, Jamie finalmente puxou Laoghaire, colocando-a de pé, atirou-a em cima do ombro e carregou-a para dentro da casa e escada acima, ignorando os olhares fascinados de sua família e criados.

— Certo — disse. Percebi que eu estivera cerrando o maxilar e conscientemente relaxei-o. — Então ele o mandou atrás de mim porque estava ocupado demais com sua mulher. Canalha! Que audácia! Ele pensa que pode simplesmente mandar alguém me buscar de volta, como uma vadia, porque não é conveniente para ele vir pessoalmente? Ele quer ter todas as vantagens, hein? Arrogante, egoísta, déspota! Maldito... escocês! — Distraída como eu estava pela imagem de Jamie carregando Laoghaire escada acima, “escocês” foi o pior epíteto que me ocorreu no momento.

Os nós dos meus dedos estavam brancos onde minha mão agarrava a borda da sela. Sem me preocupar mais com sutilezas, inclinei-me, agarrando as rédeas e puxando-as.

— Solte!

— Mas, tia Claire, não é isso!

— Como não é isso? — Surpreendida pelo seu tom de

desespero, ergui os olhos. Seu rosto estreito e comprido estava consternado com a angustiada necessidade de me fazer compreender.

— Tio Jamie não ficou lá para cuidar de Laoghaire!

— Então, por que ele o enviou?

Ele respirou fundo, retomando o controle de minhas rédeas.

— Ela atirou nele. Ele me mandou ao seu encontro porque ele está morrendo.

— Se você estiver mentindo para mim, Ian Murray — disse, pela duodécima vez —, vai se arrepender pelo resto da vida, que será bem curta!

Eu tinha que erguer a voz para ser ouvida. O vento cada vez mais forte passava assobiando por mim, levantando meus cabelos dos ombros como bandeirolas, açoitando minhas saias e fazendo-as grudar em torno de minhas pernas. O tempo estava adequadamente terrível, grandes nuvens negras sufocavam os desfiladeiros, fervilhando sobre os rochedos como espuma de mar revolto, com o ribombar distante de trovões, como ondas arrebatando em uma praia longínqua de areia compacta.

Sem fôlego diante da força do vento, o Jovem Ian meramente sacudia a cabeça abaixada, inclinando o corpo contra a tempestade. Ele estava a pé, conduzindo os dois pôneis pelo traiçoeiro caminho pantanoso próximo à margem de um pequeno lago. Olhei instintivamente para meu pulso, sentindo falta do meu Rolex.

Era difícil dizer onde o sol estava, com a tempestade iminente cobrindo metade do céu a oeste, mas a borda superior das nuvens negras brilhava como ouro. Eu perdera a habilidade de ver a hora pelo sol e pelo céu, mas achei que devíamos estar no meio da tarde.

Lallybroch ficava várias horas à frente; eu duvidava que a alcançaríamos ao escurecer. Trilhando meu caminho relutantemente em direção a Craigh na Dun, eu levava quase dois dias para chegar ao pequeno bosque onde o Jovem Ian me alcançara. Ele havia,

segundo me dissera, levado apenas um dia na perseguição; sabia mais ou menos a direção que eu tomara e ele próprio havia ferrado o cavalo que eu montava, minha pista fora clara para ele, onde o rastro do animal ficara impresso nas áreas lamacentas no meio do urzal na charneca descampada.

Dois dias desde que eu partira e um — ou mais — na jornada de volta. Três dias, portanto, desde que Jamie levara um tiro.

Eu pude obter alguns detalhes úteis do Jovem Ian; tendo conseguido cumprir sua missão, ele queria apenas retornar a Lallybroch o mais rápido possível e não havia sentido em prolongar a conversa. O ferimento de Jamie fora no braço esquerdo, dissera ele. Isso era bom, até aqui. A bala penetrara no lado do corpo de Jamie também. Isso não era bom. Jamie estava consciente quando visto pela última vez — isso era bom —, mas começava a ter febre. Nada, nada bom. Quanto a possíveis efeitos de choque, o tipo ou intensidade da febre ou o tratamento até então administrado, o Jovem Ian meramente encolheu os ombros.

Então, talvez Jamie estivesse morrendo, talvez não. Não era um risco que eu correria, como o próprio Jamie saberia perfeitamente. Perguntei-me momentaneamente se ele poderia ter atirado em si mesmo, como uma maneira de me obrigar a voltar. Nossa última conversa deixara-o com poucas dúvidas sobre a minha reação caso ele viesse atrás de mim ou usasse a força para me fazer voltar.

Começara a chover, eram pingos esparsos que se prendiam aos meus cabelos e cílios, toldando minha visão como lágrimas. Passada a região pantanosa, o Jovem Ian montara outra vez, liderando o caminho de subida da montanha até o desfiladeiro final que levava a Lallybroch.

Jamie era bem capaz de ter maquinado esse plano e certamente bastante corajoso para tê-lo executado. Por outro lado, eu nunca o vira ser incauto. Ele correria muitos riscos — casar-se comigo fora um deles, pensei melancolicamente —, mas nunca sem calcular o custo e sua disposição de arcar com as consequências. Ele teria achado que me atrair de volta a Lallybroch valia o risco de

realmente morrer? Isso não parecia lógico e Jamie Fraser era um homem muito sensato.

Puxei o capuz do meu manto ainda mais para a frente, para manter o crescente aguaceiro fora do meu rosto. Os ombros e as coxas do Jovem Ian estavam escuros, encharcados, e a chuva gotejava da borda de seu chapéu desengonçado, mas ele sentava-se ereto na sela, ignorando os rigores do tempo com a estoica indiferença de um verdadeiro escocês.

Muito bem. Considerando que provavelmente Jamie não atirara em si mesmo, ele teria mesmo levado um tiro? Ele podia ter inventado a história e enviado o sobrinho para contá-la. Mas, pensando melhor, achei altamente improvável que o Jovem Ian pudesse ter dado a notícia de forma tão convincente, sendo falsa.

Dei de ombros, o movimento lançou um riacho frio por dentro da frente do meu manto, e decidi esperar o fim da jornada com a paciência que eu conseguisse ter. Anos de prática em medicina haviam me ensinado a não me antecipar; a realidade de cada caso em geral é única e assim devia ser minha resposta a ela. Minhas emoções, no entanto, eram muito mais difíceis de ser controladas do que minhas reações profissionais.

Toda vez que eu deixara Lallybroch, achara que jamais retornaria. Agora, ali estava eu, voltando uma vez mais. Por duas vezes, eu deixara Jamie, sabendo com certeza que jamais o veria de novo. E, no entanto, ali estava eu, voltando para ele como um maldito pombo-correio ao seu pombal.

— Vou lhe dizer uma coisa, Jamie Fraser — murmurei baixinho. — Se você não estiver à beira da morte quando eu chegar aí, vai se arrepender amargamente!



BRUXARIA PRÁTICA E APLICADA

Já escurecera há várias horas quando finalmente chegamos, encharcados até os ossos. A casa estava em silêncio, às escuras, exceto por duas janelas fracamente iluminadas na sala de estar no térreo. Houve um único latido de um dos cachorros, mas o Jovem Ian mandou que se calasse e, depois de cheirar meu estribo rapidamente, o vulto preto e branco desapareceu na escuridão do pátio de entrada.

O aviso fora suficiente para alertar alguém; quando o Jovem Ian conduziu-me para o vestibulo, a porta da sala de visitas abriu-se. Jenny enfiou a cabeça pela porta, o rosto crispado de preocupação.

Ao ver o Jovem Ian, ela saiu para o vestibulo, a expressão transformada em alegria e alívio, imediatamente substituída pela justa raiva de uma mãe confrontando-se com um filho fugidio.

— Ian, seu pestinha! — disse ela. — Onde esteve todo esse tempo? Nós estávamos morrendo de preocupação! — Fez uma longa pausa, suficiente para examiná-lo ansiosamente. — Você está bem?

Diante de um sinal afirmativo de Ian, seus lábios apertaram-se novamente.

— Sim, bem. Vai ter que se explicar, rapazinho, pode acreditar! E, afinal, por onde você andou?

Alto e magro, ossudo e ensopado, o Jovem Ian parecia um espantalho afogado, mas ainda assim era grande o suficiente para me bloquear do campo de visão de sua mãe. Ele não respondeu à reprimenda de Jenny, mas encolheu os ombros desajeitadamente e deu um passo para o lado, expondo-me ao olhar alarmado de sua mãe.

Se minha ressurreição dos mortos a desconcertara, esta segunda aparição a deixou estupefata. Seus olhos azul-escuros,

normalmente tão puxados quanto os de seu irmão, arregalaram-se tanto que pareciam redondos. Olhou-me fixamente por um longo instante, sem dizer nada, depois seu olhar virou-se de novo para o filho.

— Um tolo — disse ela, quase em tom de conversa. — É o que você é, garoto, um grande tolo. Só Deus sabe de quem você deveria ser filho; meu é que não era.

O Jovem Ian enrubesceu violentamente, abaixando os olhos enquanto suas faces queimavam. Afastou os cabelos macios e molhados dos olhos com as costas da mão.

— Eu... bem, eu só... — começou ele, os olhos nas botas. — Eu não podia simplesmente...

— Ah, deixe isso pra lá agora! — retrucou sua mãe rispidamente. — Suba para sua cama. Seu pai falará com você de manhã.

Ian olhou de modo desamparado para a porta da sala de estar, depois para mim. Encolheu os ombros mais uma vez, olhou para o chapéu encharcado que segurava nas mãos como se não soubesse como ele fora parar ali, e afastou-se arrastando os pés pelo corredor.

Jenny permaneceu absolutamente imóvel e silenciosa, os olhos fixos em mim, até a porta almofadada no final do corredor fechar-se com uma batida surda atrás de Ian. Seu rosto exibia rugas de preocupação e os olhos afundavam-se em olheiras de noites maldormidas. Embora ainda empertigada e de feições bem delineadas, agora ela aparentava a idade que tinha, na realidade parecia ainda mais velha.

— Então, você voltou — disse ela sem emoção.

Não vendo razão para responder ao óbvio, balancei rápido a cabeça. A casa estava silenciosa à nossa volta, cheia de sombras, o vestíbulo iluminado apenas por um candelabro de três velas sobre a mesa.

— Isso agora não tem importância — eu disse à meia-voz, para não perturbar o repouso da casa. Afinal, uma única coisa importava no momento. — Onde está Jamie?

Após uma ligeira hesitação, ela também balançou a cabeça, aceitando minha presença por enquanto.

— Ali dentro — disse ela, indicando a porta da sala de estar.

Comecei a caminhar em direção à porta, mas parei. Havia mais uma coisa.

— Onde está Laoghaire? — perguntei.

— Foi embora — disse ela. Seus olhos estavam inexpressivos e escuros, indecifráveis.

Respondi com um aceno da cabeça e atravessei a porta, fechando-a devagar, mas com firmeza, atrás de mim.

Grande demais para ficar deitado no sofá, Jamie jazia numa cama de acampamento armada em frente à lareira. Adormecido ou inconsciente, seu perfil erguia-se escuro e bem delineado contra o clarão das brasas, imóvel.

De um modo ou de outro, ele não estava morto — ao menos, ainda não. À medida que meus olhos se acostumavam à luz turva do fogo, pude ver o lento subir e descer de seu peito sob a camisa de dormir e a colcha. Viam-se um frasco de água e uma garrafa de conhaque na mesinha ao lado da cama. A cadeira estofada junto à lareira tinha um xale jogado no encosto; Jenny ficara sentada ali, velando pelo irmão.

Não parecia haver nenhuma necessidade de pressa agora. Desatei os cadarços da gola do meu manto e estendi o traje encharcado sobre o encosto da cadeira, enrolando-me no xale em substituição. Minhas mãos estavam frias, coloquei-as sob os braços, abraçando-me, para levá-las a uma temperatura mais próxima do normal antes de tocá-lo.

Quando finalmente me aventurei a colocar a mão aquecida em sua testa, quase dei um salto para trás. Ele estava quente como uma pistola que acabara de ser disparada, e gemeu e contorceu-se sob o toque de minha mão. De fato, febre. Fiquei olhando-o por um instante; em seguida, cuidadosamente, dirigi-me ao lado da cama e sentei-me na cadeira de Jenny. Achei que ele não iria dormir por muito tempo, com uma temperatura como aquela, e seria uma

maldade acordá-lo sem necessidade, apenas para examiná-lo.

O manto atrás de mim pingava água no assoalho, um tamborilar lento, arrítmico. Lembrava-me, desagradavelmente, de uma antiga superstição das Terras Altas — o “pingo da morte”. Pouco antes de uma pessoa morrer, diz a lenda, o som de água pingando é ouvido na casa, pelas pessoas sensíveis a esses sinais.

Eu não costumava, graças a Deus, notar fenômenos sobrenaturais desse tipo. Não, pensei ironicamente, é preciso algo como uma fenda no tempo para conseguir a sua atenção. O pensamento me fez sorrir, ainda que ligeiramente, e dispersou o tremor que eu sentira à ideia do pingo da morte.

Entretanto, enquanto o frio da chuva me deixava, eu ainda me sentia inquieta, por razões óbvias. Não fazia muito tempo que eu ficara à cabeceira de outra cama, nos plantões noturnos, e contemplara a morte e o desgaste de um casamento. Os pensamentos que eu começara a ter no bosque não haviam estancado na jornada apressada de volta a Lallybroch e continuavam agora, independentemente da minha vontade consciente.

A honra levava Frank à sua decisão — manter-me como sua mulher e criar Brianna como sua própria filha. A honra e a determinação de não declinar da responsabilidade que considerava sua. Bem, aqui diante de mim estava outro homem honrado.

Laoghaire e suas filhas, Jenny e sua família, os prisioneiros escoceses, os contrabandistas, o sr. Willoughby e Geordie, Fergus e os arrendatários... com quantas outras responsabilidades Jamie arcara, através de todos os anos em que estivemos separados?

A morte de Frank absolvera-me de uma de minhas próprias obrigações; a própria Brianna de outra. A diretoria do hospital, em sua eterna sabedoria, havia cortado o único e importante laço remanescente que me ligava àquela vida. Eu tive tempo, com a ajuda de Joe Abernathy, de livrar-me das responsabilidades menores, de delegar e atribuir, transferir e encerrar.

Jamie não tivera aviso nem escolha sobre meu reaparecimento

em sua vida; nenhum tempo para tomar decisões ou resolver conflitos. E não era do seu feitio abandonar suas responsabilidades, nem mesmo por amor.

Sim, ele mentira para mim. Não confiara em que eu reconheceria suas responsabilidades, que ficaria ao lado dele — ou poderia deixá-lo — conforme as suas circunstâncias exigissem. Ele teve medo. Eu também; medo de que ele não me escolheria, ao se ver confrontado com a luta entre um amor de vinte anos e a família atual. Assim, eu fugira.

“Quem você está querendo enganar, L. J.?”, ouvi a voz de Joe Abernathy dizer, irônica e afetuosa. Eu fugira em direção a Craigh na Dun com toda a velocidade e decisão de um criminoso condenado aproximando-se dos degraus do cadafalso. Nada diminuía a marcha da minha jornada senão a esperança de que Jamie viesse atrás de mim.

É bem verdade que a dor aguda da consciência e do orgulho ferido havia me estimulado a prosseguir, mas no instante em que o Jovem Ian disse: “Ele está morrendo”, a fragilidade desses argumentos se revelou.

Meu casamento com Jamie fora para mim como a virada de uma grande chave, cada pequena volta desencadeando a queda intrincada de uma peça da fechadura dentro de mim. Bree também fora capaz de girar essa chave, avançando lentamente na abertura da porta de mim mesma. Mas a última volta da fechadura estava travada — até eu entrar na gráfica em Edimburgo e o mecanismo liberar-se com um clique final e definitivo. A porta agora estava entreaberta, a luz de um futuro desconhecido brilhava pela fenda. Mas seria necessária mais força do que eu tinha sozinha para escancarar essa porta.

Observei o subir e descer de sua respiração e o jogo de luz e sombra nos traços fortes e bem delineados de seu rosto, e compreendi que nada importava realmente entre nós além do fato de nós dois ainda estarmos vivos. Assim, ali estava eu. Outra vez. E qualquer que pudesse ser o custo para mim ou para ele, ali eu

ficaria.

Eu não percebera que seus olhos estavam abertos até ouvir sua voz.

— Então, você voltou — disse ele baixinho. — Eu sabia que voltaria.

Abri a boca para responder, mas ele ainda estava falando, os olhos fixos no meu rosto, as pupilas dilatadas em poças escuras.

— Meu amor — disse ele, quase sussurrando. — Meu Deus, você está tão linda, com seus olhos grandes tão dourados e os cabelos macios em volta do rosto. — Umedeceu os lábios ressecados. — Eu sabia que você tinha que me perdoar, Sassenach, quando soubesse.

Quando soubesse? Minhas sobrancelhas arquearam-se, mas eu não disse nada; ele tinha mais a dizer.

— Tive tanto medo de perdê-la outra vez, *mo chridhe* — murmurou ele. — Tanto medo. Nunca amei ninguém a não ser você, Sassenach, nunca, desde o dia em que a vi... mas eu não pude... não pude suportar... — Sua voz definiu num murmúrio ininteligível e seus olhos fecharam-se outra vez, as pestanas escuras pousadas contra a curva alta das maçãs do rosto.

Permaneci imóvel, imaginando o que deveria fazer. Enquanto o observava, seus olhos abriram-se repentinamente outra vez. Pesados e cansados de febre, buscaram meu rosto.

— Não falta muito, Sassenach — disse ele, como se quisesse me tranquilizar. Um dos cantos de sua boca contorceu-se num arremedo de sorriso. — Não muito. Então, eu a tocarei outra vez. Desejo muito tocá-la.

— Ah, Jamie — disse. Movida pela ternura, estendi a mão e coloquei-a em sua face ardente.

Seus olhos arregalaram-se com o choque e ele sentou-se ereto na cama abruptamente, dando um horripilante berro de dor quando o movimento balançou seu braço ferido.

— Ah, meu Deus, ó Jesus, Maria Santíssima, Deus Todo-Poderoso! — exclamou ele, curvado, ofegante, agarrando o braço

esquerdo. — Você é real! Inferno, maldição! Ó Santo Deus!

— Você está bem? — disse, um pouco tolamente. Pude ouvir exclamações de surpresa do andar superior, abafadas pelas tábuas grossas do assoalho e o barulho de pés conforme cada um dos moradores de Lallybroch saltava da cama para investigar a origem do tumulto.

A cabeça de Jenny, os olhos ainda mais arregalados do que antes, enfiou-se pela porta da sala de visitas.

— Saia! — Jamie a viu e de alguma forma encontrou forças suficientes para rugir, antes de dobrar-se outra vez com um gemido de agonia. — Santo Deus! — exclamou ele entre dentes. — O quê, em nome de Deus, você está fazendo aqui, Sassenach?

— O que quer dizer com “o que estou fazendo aqui”? — disse. — Você mandou me buscar. E o que quer dizer com eu ser real?

Ele relaxou o maxilar e tentou afrouxar o aperto da mão no braço esquerdo. Tendo a sensação resultante se mostrado insatisfatória, ele prontamente agarrou-o outra vez e vociferou uma torrente de palavras em francês envolvendo os órgãos reprodutores de diversos santos e animais.

— Pelo amor de Deus, deite-se! — disse. Segurei-o pelos ombros e ajudei-o a reclinar-se sobre os travesseiros, notando com certo alarme o quanto seus ossos estavam próximos da superfície de sua pele ardente.

— Achei que você fosse um delírio da febre até me tocar — disse ele, ofegante. — O que diabos você pretendia, surgindo assim na cabeceira da minha cama e me matando de susto? — Fez uma careta de dor. — Meu Deus, parece que meu braço foi arrancado do ombro. Ah, droga! — exclamou ele, quando eu retirei os dedos de sua mão direita do braço esquerdo com firmeza.

— Não enviou o Jovem Ian para me dizer que você estava morrendo? — disse, enrolando habilmente a manga de seu camisão de dormir. O braço estava enfaixado com uma enorme atadura acima do cotovelo e eu tateei à cata da ponta da tira de linho.

— Eu? Não! Ai, está doendo!



— Vai doer ainda mais quando eu terminar com você — disse, desenrolando a atadura cuidadosamente. — Está me dizendo que o patife foi atrás de mim por conta própria? Você não queria que eu voltasse?

— Querer que você voltasse? Não! Querer que você voltasse para mim apenas por pena, a mesma que deve sentir por um cachorro na sarjeta? Não! Eu proibi o desgraçado de ir atrás de você! — Olhou-me com uma expressão ameaçadora, franzindo as sobrancelhas ruivas.

— Eu sou médica — disse friamente —, não veterinária. E se não me queria de volta, o que era tudo isso que estava dizendo antes de perceber que eu era real, hein? Morda a coberta ou algo assim; a ponta está grudada e vou ter que puxá-la com força.

Ele mordeu o lábio em vez disso e não fez nenhum barulho, exceto uma rápida inalação de ar pelo nariz. Era impossível distinguir sua cor à luz do fogo, mas seus olhos fecharam-se por um momento e pequenas gotas de suor porejaram em sua testa.

Virei-me por um instante, remexendo na gaveta da escrivaninha de Jenny onde as velas extras eram guardadas. Eu precisava de mais luz antes de qualquer coisa.

— Imagino que o Jovem Ian tenha me dito que você estava morrendo só para me trazer de volta. Deve ter achado que, de outra forma, eu não viria. — As velas estavam lá; boas velas de cera de abelha, das colmeias de Lallybroch.

— Embora possa não ter importância, eu estou morrendo. — Sua voz veio de trás de mim, seca e ríspida, apesar de sua falta de ar.

Voltei-me novamente para ele, com certa surpresa. Seus olhos pousaram em meu rosto com grande serenidade, agora que a dor no braço havia diminuído um pouco, mas sua respiração ainda era irregular e seus olhos estavam pesados e brilhantes de febre. Não respondi imediatamente, mas acendi as velas que encontrara, colocando-as no grande candelabro que normalmente decorava o aparador, somente usado em grandes ocasiões. As chamas de

cinco velas adicionais iluminaram o aposento como se a sala estivesse se preparando para uma festa. Inclinei-me sobre a cama, de forma neutra.

— Vamos dar uma olhada nisso.

O ferimento propriamente dito era um buraco negro irregular, com crostas nas bordas e ligeiramente azulado. Apertei a carne dos dois lados do ferimento; estava vermelha e irritada, e havia uma considerável infiltração de pus. Jamie remexeu-se nervosamente quando corri as pontas dos dedos delicadamente, mas com firmeza, ao longo de toda a extensão do músculo.

— Há o começo de uma bela infecção aí, meu caro — disse. — O Jovem Ian disse que penetrou na lateral do corpo; um segundo tiro ou ele atravessou o braço?

— Atravessou. Jenny extraiu a bala da lateral. Mas não foi muito ruim. Só penetrou uns dois centímetros, mais ou menos. — Ele falava em breves jatos, os lábios contraindo-se involuntariamente entre as frases.

— Deixe-me ver onde a bala saiu.

Movendo-se devagar, ele virou a mão para fora, deixando o braço apartar-se do lado do corpo. Pude ver que mesmo esse pequeno movimento era extremamente doloroso. O ferimento de saída da bala ficava logo acima da junta do cotovelo, do lado de dentro do braço. No entanto, não diretamente oposto ao ferimento de entrada; a bala fora desviada em seu trajeto.

— Atingiu o osso — disse, tentando não imaginar a dor que devia ter produzido. — Sabe se o osso está quebrado? Não quero apalpar mais do que o necessário.

— Obrigado pelas pequenas graças — disse ele, tentando sorrir. Mas os músculos de seu rosto tremeram e afrouxaram-se de exaustão. — Não, acho que não está quebrado — disse ele. — Já quebrei a mão e a clavícula e não é assim, embora doa um pouco.

— Imagino que sim. — Fui apalpando com cuidado o volume do bíceps, buscando algum ponto mais sensível. — Até onde vai a dor?

Ele olhou para o braço ferido, de forma quase indiferente.

— Parece que tenho um atizador em brasa dentro do braço, não um osso. Mas não é só o braço que dói agora, todo o lado do meu corpo ficou rígido e dolorido. — Ele engoliu com dificuldade, umedecendo os lábios outra vez. — Podia me dar uma dose de conhaque? — perguntou ele. — Dói só de sentir o coração batendo — acrescentou, justificando-se.

Sem comentários, servi um copo de água do frasco sobre a mesa e levei-o à sua boca. Ele ergueu uma das sobrancelhas, mas bebeu avidamente, depois deixou a cabeça recair contra o travesseiro. Respirou fundo por um instante, os olhos fechados; em seguida, abriu-os e olhou diretamente para mim.

— Já tive duas febres em minha vida que quase me mataram — disse ele. — É provável que esta consiga. Eu não mandaria buscá-la, mas... fico feliz por estar aqui. — Engoliu em seco uma vez e continuou. — Queria... lhe dizer que sinto muito. E me despedir adequadamente de você. Não lhe pediria para ficar até o fim, mas... você poderia... você poderia ficar comigo, só um pouco?

Sua mão direita pressionava o colchão, espalmada, equilibrando-o. Eu podia ver que ele estava lutando com todas as forças para manter qualquer tom de súplica fora de sua voz ou de seus olhos, para transformar a solicitação num pedido simples, um pedido que pudesse ser recusado.

Sentei-me na cama a seu lado, tomando cuidado para não sacudi-lo. A luz do fogo brilhava em um dos lados de seu rosto, fazendo faiscar os pelos curtos, vermelho-dourados, de sua barba, refletindo as pequenas centelhas de prata aqui e ali, deixando o outro lado imerso na sombra. Fitei-o nos olhos, sem piscar. Esperava que a ânsia aparente em seu rosto não fosse tão óbvia no meu próprio semblante.

Estendi o braço e deslizei a mão ternamente pelo seu rosto, sentindo a aspereza dos pelos eriçados da barba por fazer.

— Ficarei um pouco — disse. — Mas você não vai morrer.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Você me tirou de uma febre grave, usando o que eu ainda

acho que foi feitiçaria. E Jenny me tirou da outra, sem nada além de teimosia. Imagino que com vocês duas aqui, possam conseguir, mas não tenho certeza se quero passar por essa provação outra vez. Acho que prefiro morrer e acabar logo com isso, se não se importar.

— Ingrato — disse. — Covarde. — Dilacerada entre a exasperação e a ternura, bati de leve em seu rosto e levantei-me, enfiando a mão no bolso fundo da minha saia. Havia um item que eu sempre carregara comigo, jamais confiando nos caprichos das viagens.

Coloquei a caixinha plana sobre a mesa e abri o trinco.

— Também não vou deixar você morrer desta vez — informei-o —, por mais que me sinta tentada. — Cuidadosamente, extraí o rolo de flanela cinza e coloquei-o sobre a mesa com um leve barulho tilintante. Desenrolei a flanela, exibindo a brilhante carreira de seringas, e remexi no estojo em busca do pequeno frasco de cápsulas de penicilina.

— O que é isso, em nome de Deus? — perguntou Jamie, olhando as seringas com interesse. — Parecem cruelmente pontiagudas.

Não respondi, ocupada em dissolver as cápsulas de penicilina na garrafinha de água esterilizada. Escolhi uma ampola de vidro, encaixei uma agulha e pressionei a ponta pela tampa de borracha que cobria a boca da garrafa. Erguendo-a contra a luz, puxei o êmbolo devagar para trás, observando o espesso líquido branco encher o cilindro, verificando se não havia bolhas de ar. Em seguida, puxei a agulha da borracha e pressionei um pouco o êmbolo até uma gota do líquido surgir na ponta e rolar lentamente para baixo, ao longo da agulha.

— Vire o corpo sobre o lado bom — disse, virando-me para Jamie — e puxe sua camisa para cima.

Ele olhou para a agulha em minha mão com grande desconfiança, mas obedeceu relutantemente. Inspecionei o terreno com aprovação.

— Seu traseiro não mudou nada em vinte anos — observei,

admirando as curvas musculosas.

— Nem o seu — retrucou ele elegantemente —, mas não estou pedindo para exibi-lo. Está sofrendo de um ataque súbito de luxúria?

— No momento, não — eu disse, sem me alterar, limpando uma área da pele com um pano embebido em conhaque.

— Esta é uma marca de conhaque muito boa — disse ele, espreitando por cima do ombro —, mas estou mais acostumado a aplicá-lo na outra extremidade.

— Também é a melhor fonte de álcool disponível. Fique imóvel agora e relaxe. — Apliquei a agulha habilmente e pressionei o êmbolo devagar.

— Ai! — Jamie esfregou o traseiro, amuado.

— Vai parar de arder agora mesmo. — Servi uma dose do conhaque no copo. — Agora pode beber um pouco, só um pouquinho.

Ele esvaziou o copo sem comentários, observando enquanto eu enrolava a coleção de seringas. Finalmente, disse:

— Pensei que você enfiava alfinetes em bonecas de bruxaria quando queria fazer feitiço contra alguém, e não nas próprias pessoas.

— Não é um alfinete, é uma seringa hipodérmica.

— Não me interessa como você a chama; pareceu um maldito cravo de ferradura. Poderia me dizer por que enfiar alfinetes no meu traseiro vai ajudar meu braço?

Respirei fundo.

— Bem, lembra-se do que eu lhe disse uma vez a respeito de germes?

Ele pareceu não entender.

— Pequenos animais, minúsculos demais para serem vistos — acrescentei. — Eles podem entrar em seu corpo através de alimentos estragados ou água ruim, ou através de feridas abertas, e quando entram, podem fazê-lo ficar doente.

Fitou o braço com interesse.

— Então, tenho germes no meu braço?

— Certamente. — Tamborilei um dedo no pequeno estojo. — O remédio que acabei de inserir em seu corpo mata germes. Você toma outra injeção a cada quatro horas até esta mesma hora amanhã, e então veremos como você está.

Parei. Jamie me olhava fixamente, sacudindo a cabeça.

— Compreende? — perguntei.

Ele balançou a cabeça devagar.

— Sim, compreendo. Eu devia ter deixado que a queimassem na fogueira, há vinte anos.

O SIGNIFICADO DE UM NOME

Depois de aplicar-lhe uma injeção e ajeitá-lo confortavelmente na cama, permaneci em vigília até ele adormecer outra vez, permitindo que segurasse minha mão até seus dedos relaxarem com o sono e a mão enorme cair, frouxa, ao lado do corpo.

Permaneci sentada ao lado de sua cama o resto da noite, cochilando às vezes, e acordando-me por meio do relógio interno que todos os médicos possuem, atrelado aos ritmos dos turnos de plantão de um hospital. Mais duas injeções, a última ao nascer do dia, e a essa hora a febre já cedera perceptivelmente. Sua fronte ainda estava bem quente, mas o corpo já não ardia em febre e ele descansava com mais facilidade, adormecendo após a última injeção com apenas alguns resmungos e um gemido fraco quando sentia uma dor aguda no braço.

— Os malditos germes do século XVIII não são páreo para a penicilina — disse à sua figura adormecida. — Nenhuma resistência. Ainda que você tivesse sífilis, eu a eliminaria num piscar de olhos.

E depois?, perguntei-me, cambaleando até a cozinha em busca de chá quente e comida. Uma mulher desconhecida, provavelmente a cozinheira ou ajudante, atiçava o forno de tijolos, pronto para receber a fornada diária de pães que cresciam em suas formas sobre a mesa. Não pareceu surpresa ao me ver, mas limpou uma pequena área para eu me sentar e trouxe-me chá e panquecas frescas assadas na chapa com não mais do que um rápido “Bom dia, madame” antes de retornar ao seu trabalho.

Evidentemente, Jenny informara aos empregados da minha presença. Isso significaria que ela própria a aceitava? Eu duvidava. Obviamente, ela quis que eu fosse embora e não gostou de me ver de volta. Se eu ficasse, sem dúvida haveria muitas explicações



sobre Laoghaire, de Jenny e de Jamie. E eu pretendia ficar.

— Obrigada — disse educadamente à cozinheira e, levando uma nova xícara de chá comigo, voltei à sala de estar para esperar até que Jamie acordasse outra vez.

As pessoas passavam pela porta durante a manhã, parando de vez em quando para dar uma espiada, mas sempre se afastando apressadamente quando eu erguia os olhos. Finalmente, Jamie deu sinais de estar acordando, pouco antes de meio-dia; remexeu-se, suspirou, gemeu quando o movimento abalou seu braço e aquietou-se outra vez.

Dei-lhe alguns instantes para perceber minha presença, mas seus olhos permaneceram fechados. Entretanto, ele não estava dormindo; os contornos de seu corpo estavam ligeiramente tensos, e não relaxados em repouso. Eu o observara dormir durante toda a noite; sabia a diferença.

— Muito bem — disse. Reclinei-me na cadeira, acomodando-me confortavelmente, bem longe de seu alcance. — Vamos ouvir a história, então.

Uma pequena fenda de azul surgiu sob as longas pestanas castanho-avermelhadas; em seguida, desapareceu outra vez.

— Hummm? — disse ele, fingindo acordar lentamente. As pestanas adejaram contra a face.

— Não se esquive — eu disse de modo incisivo. — Sei perfeitamente que está acordado. Abra os olhos e conte-me a respeito de Laoghaire.

Os olhos azuis abriram-se e pousaram sobre mim com uma expressão de certo desagrado.

— Não tem medo que eu tenha uma recaída? — perguntou ele. — Sempre ouvi dizer que os doentes não deviam ser perturbados. Faz com que seu estado piore.

— Você tem um médico aqui mesmo — assegurei-lhe. — Se você desmaiar com a tensão, saberei exatamente o que fazer.

— É disso que tenho medo. — Seu olhar estreitado saltou para o pequeno estojo de remédios e seringas hipodérmicas sobre a mesa

e voltou para mim. — Parece que me sentei num porco-espinho, sem calças.

— Ótimo — eu disse, satisfeita. — Vai tomar outra dentro de uma hora. Agora, você vai falar.

Ele comprimiu os lábios com força, mas relaxou ao suspirar. Com o auxílio de uma das mãos e um grande esforço, sentou-se direito na cama, recostado nos travesseiros. Não o ajudei.

— Está bem — disse ele, finalmente. Não olhou para mim, mas abaixou os olhos para a colcha, onde seu dedo traçava as bordas do desenho estrelado. — Bem, foi quando eu voltei da Inglaterra.

Ele viera de Lake District, atravessara a barreira de Carter, o grande planalto que separa a Inglaterra da Escócia, em cujas encostas as cortes e mercados antigos das fronteiras haviam se instalado.

— Há uma pedra lá que marca a fronteira, talvez você conheça; parece o tipo de pedra que dura muito tempo. — Olhou para mim, com ar de interrogação, e eu balancei a cabeça, confirmando. Eu realmente a conhecia; um enorme menir, um monumento megalítico de cerca de três metros de altura. Na minha época, alguém gravara INGLATERRA em uma das superfícies e ESCÓCIA na outra.

Ele parou ali para descansar, como milhares de viajantes o fizeram ao longo dos anos, seu passado de exílio atrás dele, o futuro — e o lar — abaixo, além dos pequenos vales brumosos e verdes das Terras Baixas, e acima, nos penhascos cinzentos das Terras Altas, ocultos pela névoa.

Sua mão perfeita corria para a frente e para trás entre seus cabelos, como sempre o fazia quando ele estava pensando, fazendo com que os tufo no alto da cabeça ficassem espetados em pequenas e brilhantes volutas.

— Você não sabe como é viver entre estranhos por tanto tempo.

— Não sei? — disse, com certa mordacidade.

Ele ergueu os olhos para mim, surpreso, depois sorriu timidamente, abaixando os olhos para a colcha.

— Sim, talvez saiba — disse ele. — A gente muda, não é? Por

mais que queiramos manter as lembranças de casa, de quem somos, a gente se transforma. Não em um dos estranhos; jamais poderíamos ser um deles, ainda que quiséssemos. Mas, ainda assim, em alguém diferente de quem éramos.

Pensei em mim mesma, parada, em silêncio, ao lado de Frank, como um resto de naufrágio nas marés das festas universitárias, empurrando um carrinho de bebê pelos parques frios de Boston, jogando bridge e conversando com outras esposas e mães, falando a língua estrangeira da vida em família da classe média. Estranhos, de fato.

— Sim — eu disse. — Eu sei. Continue.

Ele suspirou, esfregando o nariz com o indicador.

— Assim, eu voltei — disse ele. Ergueu os olhos, um sorriso oculto no canto da boca. — O que foi que você disse ao Jovem Ian? “Lar é o lugar onde, quando precisamos ir para lá, eles têm que nos acolher.”

— Isso mesmo — disse. — É uma citação de um poeta chamado Frost. Mas o que quer dizer? Certamente, sua família ficou feliz de vê-lo!

Ele franziu a testa, deslizando o dedo pela colcha.

— Sim, ficaram — disse ele devagar. — Não é isso, não quero dizer que eles me fizeram sentir um intruso, absolutamente. Mas eu ficara longe por tanto tempo... Michael e os pequenos Janet e Ian nem se lembravam de mim. — Sorriu com tristeza. — Mas tinham ouvido falar de mim. Quando eu entrava na cozinha, eles se agachavam contra as paredes e fitavam-me, com os olhos arregalados.

Inclinou-se um pouco para a frente, disposto a me fazer compreender.

— Veja bem, era diferente, quando eu estava escondido na caverna. Eu não estava na casa e eles raramente me viam, mas eu estava sempre aqui, fazia parte da família. Eu caçava para eles; sabia quando estavam com fome, ou frio, ou quando as cabras estavam doentes ou a colheita de repolho era ruim, ou uma nova

cobrança do governo era enfiada por baixo da porta da cozinha. Depois, fui para a prisão. E para a Inglaterra. Eu escrevia para eles — e eles para mim —, mas não era a mesma coisa, ver algumas palavras em tinta preta numa folha de papel, contando fatos que ocorreram há meses. E quando voltei... — Deu de ombros, contraindo-se quando o movimento agitou seu braço. — Foi diferente. Ian me perguntava o que eu achava de cercar o pasto do velho Kirby e eu ficava sabendo que ele já mandara o Jovem Jamie fazer isso. Eu caminhava pelos campos e as pessoas estreitavam os olhos para mim, desconfiadas, achando que eu era um estranho. Daí, arregalavam os olhos como se tivessem visto um fantasma, quando me reconheciam.

Parou, olhando para fora da janela, onde os galhos da roseira de sua mãe batiam contra a vidraça ao sabor do vento.

— Eu era um fantasma, acho. — Olhou para mim timidamente — Se entende o que quero dizer.

— Talvez — disse. A chuva escorria pela vidraça, as gotas da mesma cor cinzenta do céu. — Você sente como se seus laços com a terra tivessem sido rompidos — disse à meia-voz. — Flutuando pelos aposentos sem sentir seus passos. Ouvindo as pessoas falarem com você e não conseguindo compreender. Eu me lembro disso, antes de Bree nascer. — Mas, depois do seu nascimento, eu tinha uma ligação com a terra; ela era minha âncora na vida.

Ele balançou a cabeça, sem me olhar, e depois fez silêncio por um minuto. O fogo de turfa assobiava na lareira atrás de mim, desprendendo o cheiro das Terras Altas, e o aroma de sopa de galinha e alho-poró e de pão assado espalhava-se pela casa, caloroso e reconfortante como um cobertor.

— Eu estava aqui — disse ele baixinho —, mas não estava em casa.

Eu podia sentir a influência do ambiente ao meu redor — a casa, a família, o próprio lugar. Eu, que não tive um lar na infância para recordar, sentia o desejo de ficar sentada aqui para sempre, enredada nos milhares de fios da vida diária, inexoravelmente presa

a este pedaço de terra. O que teria significado para ele, que vivera toda a vida na força deste elo, suportara o exílio na esperança de voltar um dia e depois de ter voltado, descobrira que continuava sem raízes?

— E acho que me sentia sozinho — disse ele serenamente. Permanecia móvel, recostado nos travesseiros, os olhos fechados.

— Acho que sim — eu disse, com cuidado para não deixar transparecer nenhum tom de compaixão ou censura. Eu também tivera a minha parcela de solidão.

Ele abriu os olhos e fitou-me com uma honestidade indefesa.

— Sim, havia isso também — disse ele. — Não era o principal, não... mas, sim, havia isso também.

Jenny tentara, com diversos graus de delicadeza e insistência, convencê-lo a se casar outra vez. Ela tentara intermitentemente desde Culloden, apresentando uma ou outra viúva jovem e apresentável, uma ou outra virgem de boa índole, em vão. Até que, privado dos sentimentos que o sustentaram até então, buscando desesperadamente algum sentido de ligação, ele lhe deu ouvidos.

— Laoghaire casara-se com Hugh MacKenzie, um dos arrendatários de Colum — disse ele, os olhos fechados outra vez. — Mas Hugh morreu em Culloden e, dois anos depois, Laoghaire casou-se com Simon MacKimmie do clã Fraser. As duas garotas, Marsali e Joan, são dele. Os ingleses o prenderam alguns anos mais tarde e o levaram para a prisão de Edimburgo. — Ele abriu os olhos, erguendo-os para as vigas enegrecidas do teto. — Ele tinha uma boa casa e uma propriedade que valia a pena confiscar. Na época, isso era suficiente para transformar um escocês das Terras Altas em traidor, quer ele tivesse lutado abertamente pelos Stuart ou não.

Sua voz estava ficando rouca e ele parou para clarear a garganta.

— Simon não teve a mesma sorte que eu. Morreu na prisão antes que pudessem levá-lo a julgamento. Durante algum tempo, a Coroa tentou tomar a propriedade, mas Ned Gowan foi a Edimburgo

e falou em nome de Laoghaire. Ele conseguiu salvar a casa principal e um pouco de dinheiro, alegando que era seu dote de viúva.

— Ned Gowan? — falei com um misto de surpresa e satisfação.  
— Ele não pode estar vivo ainda, está? — Fora Ned Gowan, um advogado pequeno e idoso, que aconselhava o clã MacKenzie em questões legais, que me salvara de ser queimada como bruxa, há vinte anos. Eu já o achava bastante idoso na época.

Jamie sorriu, vendo meu contentamento.

— Ah, sim. Acho que vão ter que dar um golpe de machado em sua cabeça para matá-lo. Ele está do mesmo jeito que sempre foi, embora já deva ter mais de setenta anos agora.

— Ele ainda mora no Castelo Leoch?

Jamie balançou a cabeça, estendendo a mão para o copo de água sobre a mesinha de cabeceira. Bebeu desajeitadamente, com a mão direita, e recolocou-o de volta sobre a mesinha.

— O que restou do castelo. Sim, embora esteja viajando muito nos últimos anos, trabalhando em processos por traição e para recuperação de propriedades. — Jamie esboçou um sorriso amargo.  
— Há um ditado, sabe? “Depois da guerra, primeiro vêm os abutres para comer a carne; depois, os advogados para pegar os ossos.”

Sua mão direita dirigiu-se ao ombro esquerdo, massageando-o inconscientemente.

— Não, Ned é um bom homem, apesar de sua profissão. Ele vai e volta de Inverness, vai a Edimburgo, às vezes, até Londres e Paris. E para aqui de vez em quando, para fazer uma pausa na viagem.

Foi Ned Gowan quem mencionou Laoghaire para Jenny, ao retornar de Balriggan para Edimburgo. Subitamente interessada, Jenny investigara melhor para obter maiores detalhes e, considerando-os satisfatórios, imediatamente enviou um convite a Balriggan, para Laoghaire e suas duas filhas virem a Lallybroch passar o Hogmanay — o Ano-Novo —, que estava próximo.

*A casa estava toda iluminada naquela noite, tinha velas acesas nas janelas e ramos de azevinho e hera presos no corrimão da escada e nos batentes das portas. Já não havia tantos gaiteros nas Terras Altas como antes de Culloden, mas conseguiram encontrar um, bem como um violinista, e a música flutuava pela escada acima, mesclada ao aroma inebriante de ponche de rum, bolo de frutas, amêndoas e biscoitos Savoy.*

*Jamie descera tarde da noite, hesitante. Muitas pessoas ali ele não via há quase dez anos e não estava ansioso para encontrá-las agora, sentindo-se mudado e distante. Mas Jenny mandara fazer uma camisa nova para ele, escovara e consertara seu casaco, penteara seus cabelos e trançara-os para ele antes de descer para supervisionar os preparativos na cozinha. Ele não tinha nenhuma desculpa para se demorar ainda mais e finalmente descera para o barulho e a agitação da festa.*

*— Sr. Fraser! — Peggy Gibbons foi a primeira a vê-lo; apressou-se a atravessar o aposento, o rosto radiante, e lançou os braços à sua volta, sem nenhuma cerimônia. Tomado de surpresa, ele correspondeu ao abraço e, em poucos instantes, estava cercado por uma pequena multidão de mulheres, falando ao mesmo tempo, segurando no colo crianças nascidas depois de sua partida, beijando seu rosto e dando pancadinhas em suas mãos.*

*Os homens mostraram-se mais tímidos, cumprimentando-o com uma palavra ríspida de boas-vindas ou um tapa nas costas conforme ele abria caminho devagar pelos aposentos até que, totalmente desconcertado, ele se refugiara temporariamente no escritório da casa.*

*Um dia, fora o aposento de seu pai, depois seu próprio local de trabalho e agora pertencia a seu*

cunhado, que administrara Lallybroch durante todos os anos de sua ausência. Os livros de contabilidade, os de controle de estoques e contas estavam todos perfeitamente alinhados na beira da escrivaninha surrada; correu o dedo pelas lombadas de couro, sentindo uma sensação de conforto ao toque. Estava tudo ali; as sementeiras e as colheitas, as cautelosas aquisições e compras, as lentas economias e gastos que definiam o ritmo da vida dos colonos de Lallybroch.

Na pequena estante de livros, ele encontrou sua cobra de madeira. Juntamente com todos os objetos que lhe eram caros, ele a deixara para trás quando fora para a prisão. Uma pequena imagem esculpida em cerejeira, fora um presente de seu irmão mais velho, que morrera na infância. Ele estava sentado na cadeira da escrivaninha, acariciando as curvas lisas e desgastadas da cobra de madeira, quando a porta do escritório se abriu.

— Jamie? — dissera ela, parando timidamente na soleira da porta. Ele não se dera ao trabalho de acender um lampião no aposento; ela estava recortada em silhueta contra a luz das velas que queimavam no corredor. Usava os cabelos louros soltos, como uma moça solteira, e a luz brilhava através deles, formando um halo ao redor de seu rosto invisível. — Lembra-se de mim? — disse ela, hesitante, relutando em entrar no aposento sem ser convidada.

— Sim — respondeu ele, após uma pausa. — Sim, claro que sim.

— A música começou — disse ela. De fato. Ele podia ouvir o lamento do violino e a batida de pés na sala de visitas, juntamente com um ou outro grito de entusiasmo. Parecia que a festa já estava bem animada; a maioria dos convidados estaria dormindo no chão ao raiar do dia.



— *Sua irmã diz que você é um ótimo dançarino — disse ela, ainda tímida, mas decidida.*

— *Já faz muito tempo desde a última vez que tentei — disse ele, sentindo-se acanhado também, dolorosamente contrafeito, embora a música do violino penetrasse em seus ossos e seus pés comichassem ao som do instrumento.*

— *É Tha mo Leabaidh ‘san Fhraoch, “Minha cama é o urzal”, você conhece esta. Quer vir tentar comigo? — Ela estendera a mão para ele, pequena e graciosa na penumbra. E ele se levantara, segurara sua mão estendida e dera os primeiros passos em busca de si mesmo.*

— Foi aqui — disse ele, indicando o aposento onde estávamos sentados com um gesto largo da mão perfeita. — Jenny mandara retirar toda a mobília, exceto uma mesa com comida e uísque, e o violinista estava de pé junto à janela ali, com a luz por trás de seu ombro. — Indicou com um sinal da cabeça a janela onde a roseira silvestre tremulava. Um pouco da luz daquela festa de ano-novo demorou-se em seu semblante e eu senti uma pequena pontada de dor ao vê-la. — Dançamos a noite toda, às vezes com outras pessoas, mas a maior parte do tempo um com o outro. Ao amanhecer, quando os que ainda estavam acordados foram para trás da casa para ver que presságios o ano-novo poderia trazer, nós dois também fomos. As mulheres solteiras revezavam-se em girar, atravessar a porta com os olhos fechados, depois girar outra vez e abrir os olhos para ver qual seria a primeira coisa com que se deparariam, porque isso lhes diria sobre o homem com quem se casariam, sabe.

Havia muito riso, conforme os convidados, animados pelo uísque e pela dança, empurravam-se junto à porta. Laoghaire deixara-se ficar para trás, ruborizada e rindo, dizendo que era uma brincadeira para as moças e não para uma matrona de trinta e quatro anos, mas

os outros insistiram e ela resolveu experimentar. Rodou três vezes no sentido do relógio e abriu a porta, deu um passo para dentro da luz fria da aurora e girou outra vez. E quando abriu os olhos, eles pousaram sobre o rosto de Jamie, arregalados de expectativa.

— Assim... lá estava ela, uma viúva com duas crianças. Ela precisava de um homem, isso era óbvio. Eu precisava... de alguma coisa. — Ele olhou fixamente para o fogo, onde a chama baixa reluzia através da massa vermelha de turfa; calor sem muita luz. — Achei que devíamos nos ajudar.

Casaram-se discretamente em Balriggan e ele levou seus poucos pertences para lá. Menos de um ano depois, ele se mudou outra vez e foi para Edimburgo.

— O que aconteceu? — perguntei, mais do que curiosa.

Ele ergueu os olhos para mim, com uma expressão de desamparo.

— Não sei. Não é que houvesse alguma coisa errada, exatamente... é que nada parecia certo. — Esfregou a mão entre as sobancelhas com um ar cansado. — Acho que era eu, minha culpa. De alguma forma, eu sempre a decepcionava. Sentávamos à mesa de jantar e, de repente, seus olhos ficavam cheios d'água e ela saía da mesa soluçando. E eu ficava lá sentado sem a menor ideia do que eu fizera ou dissera de errado.

Cerrou o punho sobre a colcha, depois relaxou.

— Meu Deus, eu nunca sabia o que fazer por ela, ou o que dizer! Qualquer coisa que eu dissesse só fazia piorar as coisas e passavam-se dias... não, semanas!... em que ela não falava comigo, apenas virava-se quando eu me aproximava e ficava olhando fixamente pela janela até eu sair outra vez.

Seus dedos dirigiram-se aos arranhões paralelos no lado do seu pescoço. Já estavam quase cicatrizados, mas as marcas das minhas unhas ainda podiam ser vistas em sua pele clara. Ele olhou para mim ironicamente.

— Você nunca me fez isso, Sassenach.

— Não é meu estilo — concordei, sorrindo debilmente. — Ao

menos, se estou com raiva de você, certamente você vai saber por quê.

Ele deu uma risadinha e recostou-se nos travesseiros. Nenhum de nós dois falou por algum tempo. Então ele disse, fitando o teto:

— Achei que eu não queria saber nada sobre como foi... com Frank, quero dizer. Talvez eu estivesse errado.

— Eu lhe direi qualquer coisa que queira saber — eu disse. — Mas não agora. Ainda é a sua vez.

Ele suspirou e fechou os olhos.

— Laoghaire tinha medo de mim — disse ele baixinho, um minuto depois. — Tentei ser delicado com ela, meu Deus, tentei muitas vezes, tudo que eu sabia para agradar uma mulher. Mas não adiantou.

Sua cabeça virava-se de um lado para o outro sem cessar, fazendo um côncavo no travesseiro de penas.

— Talvez tenha sido Hugh, ou talvez Simon. Eu conheci os dois e ambos eram bons homens, mas nunca se sabe o que acontece na cama de um casal. Talvez tenha sido a maternidade; nem todas as mulheres a aceitam. Mas alguma coisa a feriu, um dia, e eu não conseguia curar isso, por mais que tentasse. Ela se encolhia quando eu a tocava e podia ver o medo e a náusea em seus olhos. — Havia rugas de tristeza ao redor de seus próprios olhos fechados e, impulsivamente, segurei sua mão nas minhas.

Ele apertou-as suavemente e abriu os olhos.

— Foi por isso que finalmente fui embora. Não podia mais suportar aquilo.

Eu não disse nada, mas continuei segurando sua mão, colocando o dedo em seu pulso para verificar os batimentos cardíacos. Felizmente, seu coração pulsava devagar e regularmente.

Ele se remexeu um pouco na cama, movendo os ombros e fazendo uma careta de desconforto ao fazê-lo.

— O braço dói muito? — perguntei.

— Um pouco.

Inclinei-me sobre ele, colocando a mão em sua testa. Ele estava bastante quente, mas não febril. Havia um sulco entre as grossas sobrancelhas ruivas e eu alisei-o com o nó do dedo.

— A cabeça dói?

— Sim.

— Vou fazer um chá de casca de salgueiro para você. — Fiz menção de me levantar, mas sua mão em meu braço me impediu.

— Não preciso de chá — disse ele. — Mas ajudaria se, talvez, eu pudesse deitar a cabeça em seu colo e você massageasse um pouco as minhas têmporas, hummm? — Os olhos azuis ergueram-se para mim, límpidos como um céu de primavera.

— Você não me engana nem um pouco, Jamie Fraser — eu disse. — Não vou me esquecer de sua próxima injeção. — Entretanto, eu já estava afastando a cadeira e sentando-me ao seu lado na cama.

Ele deu um pequeno grunhido de contentamento quando coloquei sua cabeça no meu colo e comecei a acariciá-la, massageando suas têmporas, alisando para trás os cabelos espessos e sedosos. Sua nuca estava úmida; levantei os cabelos do pescoço e soprei-a delicadamente, vendo a pele clara e lisa arrepiar-se.

— Ah, que sensação boa — murmurou ele. A despeito da minha determinação em não tocá-lo além das exigências dos cuidados médicos até que tudo entre nós estivesse esclarecido, vi minhas mãos amoldando-se em torno das linhas arrojadas e bem definidas de seu pescoço e ombros, buscando os nós de suas vértebras e os ossos planos e largos de suas clavículas.

Sua musculatura era firme e sólida sob minhas mãos, sua respiração uma carícia morna em minha coxa, e foi com certa relutância que eu finalmente ajeitei-o de volta no travesseiro e estendi o braço para a ampola de penicilina.

— Muito bem — disse, levantando o lençol e pegando a barra de seu camisão. — Uma picada rápida e você... — Minha mão roçou na frente de sua camisa de dormir e eu parei, espantada. — Jamie!

— disse, achando graça. — Não é possível que você...

— Não, acho que não posso — concordou ele, tranquilamente. Curvou-se, de lado, como um camarão, as pestanas escuras contra a face. — Mas um homem pode sonhar, não?

Naquela noite, também não subi para a cama. Não falamos muito, apenas ficamos deitados bem juntos na cama estreita, mal nos movendo, para não abalar seu braço ferido. O resto da casa estava em silêncio, todos na cama em segurança, e não se ouvia nenhum som, exceto o assobio do fogo, o sopro do vento e os arranhões da roseira silvestre de Ellen na janela, insistente como as exigências do amor.

— Você sabe? — disse ele baixinho, em algum ponto da escuridão, de madrugada. — Sabe o que é estar com alguém daquela forma? Tentar tudo que pode e parecer nunca saber o segredo dela?

— Sim — disse, pensando em Frank. — Sim, eu sei.

— Achei que soubesse. — Ele ficou em silêncio por um instante, depois sua mão tocou meus cabelos delicadamente, uma sombra indistinta à luz do fogo. — E depois... — sussurrou ele — ter isso de volta outra vez, esse entendimento. Ser livre em tudo que diz ou faz, e saber que está tudo certo.

— Dizer “eu a amo” e realmente estar dizendo do fundo do coração — falei baixinho, na escuridão.

— Sim — respondeu ele, de forma quase inaudível. — Dizer isso.

Sua mão descansou em meus cabelos e, sem saber muito bem como aconteceu, vi-me aconchegada contra ele, minha cabeça encaixada em seu ombro.

— Durante tantos anos — disse ele —, por tanto tempo, eu fui tantas coisas, tantos homens diferentes. — Senti que ele engolia em seco e ele remexeu-se um pouco, o linho de seu camisão farfalhando de goma. — Fui tio para os filhos de Jenny e irmão para ela e Ian. “Milorde” para Fergus e “Senhor” para meus colonos. “Mac

Dubh” para os homens de Ardsmuir e “MacKenzie” para os outros empregados em Helwater. Depois, “Malcolm, o mestre-impressor” e “Jamie Roy” nas docas. — A mão acariciou meus cabelos, devagar, com um som sussurrante, como o vento do lado de fora. — Mas aqui — disse ele, tão baixinho que mal podia ouvi-lo —, aqui no escuro, com você... eu não tenho nenhum nome.

Ergui meu rosto para ele e tomei seu hálito quente entre meus próprios lábios.

— Eu o amo — disse, e não precisava dizer-lhe que eu realmente falava do fundo do coração.

**38**

ENCONTRO COM UM ADVOGADO

Como eu previra, os germes do século XVIII não eram páreo para um moderno antibiótico. A febre de Jamie de fato desapareceu em vinte e quatro horas e nos dois dias seguintes a inflamação em seu braço começou a ceder também, deixando não mais do que uma vermelhidão ao redor do ferimento e, quando pressionado, uma pequena exsudação de pus.

No quarto dia, após constatar que ele estava se recuperando bem, cobri levemente o ferimento com unguento de equinácea, envolvi-o em ataduras outra vez e saí para me vestir e fazer minha própria toalete no andar de cima.

Ian, Janet, o Jovem Ian e os criados, todos haviam enfiado a cabeça pela porta a intervalos durante os últimos dias, para ver como Jamie estava. Jenny mantivera-se notoriamente ausente dessas investigações, mas eu sabia que ela ainda tinha pleno conhecimento de tudo que se passava em sua casa. Eu não anunciara minha intenção de ir ao andar de cima; no entanto, quando abri a porta do meu quarto, havia uma enorme vasilha de água quente junto ao jarro de louça, fumegando acolhedoramente, e um sabonete novo ao lado.

Peguei-o e levei-o ao nariz. Sabonete francês finamente moído, perfumado com lírio-do-vale — era uma observação delicada do meu status na vida doméstica — uma hóspede de honra, sem dúvida; mas não um membro da família, que se contentava com o sabão grosseiro de costume, feito de sebo e lixívia.

— Certo — murmurei. — Bem, é o que veremos, não é? — E ensaboei a toalhinha para me lavar.

Quando arrumava meus cabelos no espelho meia hora mais tarde, ouvi os barulhos, no andar térreo, de alguém chegando. Vários “alguéns”, para ser mais precisa, a julgar pelos ruídos. Desci



as escadas e encontrei um pequeno bando de crianças, entrando e saindo da cozinha e da sala de estar. Aqui e ali, um ou outro adulto desconhecido visível no meio delas, todos me olharam com curiosidade enquanto eu descia as escadas.

Entrando na sala de estar, encontrei a cama de armar guardada e Jamie, barbeado e com uma nova camisa de dormir lavada, perfeitamente recostado no sofá sob uma colcha, o braço esquerdo numa tipoia, cercado por quatro ou cinco crianças. Estas eram supervisionadas por Janet, o Jovem Ian e um homem jovem, sorridente, algum Fraser, a julgar pelo formato do nariz, mas que, fora isso, tinha apenas uma leve semelhança com o garotinho que eu vira pela última vez em Lallybroch há vinte anos.

— Aí está ela! — exclamou Jamie com satisfação à minha entrada e todos na sala viraram-se para me olhar, com expressões que variavam da saudação amável ao assombro boquiaberto. — Lembra-se do Jovem Jamie? — perguntou o Jamie mais velho, indicando com a cabeça o jovem alto, de cabelos negros e cacheados, ombros largos e uma trouxinha contorcendo-se nos seus braços.

— Lembro-me dos cachos — eu disse, sorrindo. — O resto mudou um pouco.

O Jovem Jamie exibiu um largo sorriso para mim.

— Lembro-me bem de você, tia — disse ele, com uma voz grave e espessa como uma cerveja envelhecida. — Você me sentava nos joelhos e brincava de Dez Porquinhos com os meus dedos dos pés.

— Não é possível — eu disse, erguendo os olhos para ele com espanto. Embora parecesse verdade que a aparência das pessoas na verdade não mudava acentuadamente entre os vinte e quarenta anos, elas com certeza mudavam entre quatro e vinte e quatro.

— Talvez possa tentar com o pequeno Benjamin aqui — sugeriu o Jovem Jamie com um sorriso. — Talvez pegue o jeito outra vez. — Inclinou-se e com todo o cuidado colocou a trouxinha nos meus braços.

Um rosto muito redondo ergueu os olhos para mim com aquele

ar estonteado tão comum em bebês. Benjamin pareceu ligeiramente confuso ao me ver repentinamente no lugar de seu pai, mas não fez objeção. Em vez disso, abriu bem a boquinha rosada, enfiou a mãozinha fechada dentro dela e começou a mordê-la com grande concentração.

Um garotinho louro em calças de tecido rústico apoiou-se nos joelhos de Jamie, fitando-me admirado.

— Quem é ela, Nunkie? — perguntou ele num sussurro bastante audível.

— É a sua tia-avó, Claire — disse Jamie, com ar sério. — Já ouviu falar dela, não?

— Ah, sim — disse o menino, balançando a cabeça freneticamente. — Ela é tão velha quanto a vovó?

— Mais velha ainda — disse Jamie, com ar solene, também balançando a cabeça. O garoto olhou-me boquiaberto por um instante, depois se virou novamente para Jamie, o rosto contorcido numa expressão de zombaria.

— Ah, essa não, tio! Ela não parece nem um pouco mais velha do que a vovó! Ela quase nem tem cabelo branco!

— Obrigada, menino! — eu disse, com um amplo sorriso.

— Tem certeza de que é nossa tia-avó Claire? — continuou o menino, olhando-me com desconfiança. — Mamãe diz que a tia-avó Claire talvez fosse uma bruxa, mas ela não se parece com uma bruxa. Não vejo nem uma verruga no nariz dela!

— Obrigada — repeti, um pouco mais secamente. — E qual é o seu nome?

Mostrou-se inesperadamente tímido quando me dirigi diretamente a ele e enterrou a cabeça na manga de Jamie, recusando-se a falar.

— Este é Angus Walter Edwin Murray Carmichael — respondeu Jamie por ele, despenteando os sedosos cabelos louros. — O filho mais velho de Maggie e mais conhecido como Wally.

— Nós o chamamos de Meleca — informou uma menina de cabelos ruivos de pé junto aos meus joelhos. — Porque seu focinho

está sempre cheio de porcaria.

Angus Walter tirou o rosto bruscamente da camisa de seu tio e olhou furioso para a prima, as faces cor de beterraba de raiva.

— Mentira! — gritou ele. — Retire o que disse! — Sem querer esperar para ver se ela iria se desmentir ou não, atirou-se sobre a menina, os punhos cerrados, mas foi arrancado do chão pela mão de seu tio-avô, presa ao seu colarinho.

— Não se bate em meninas — avisou Jamie com firmeza. — Não é coisa de homem!

— Mas ela me chamou de Meleca! — choramingou Angus Walter. — Eu tenho que bater nela!

— E não é muito educado fazer observações sobre a aparência pessoal de outra pessoa, senhorita Abigail — disse Jamie severamente para a menina. — Peça desculpas a seu primo.

— Bem, mas ele realmente é... — insistiu Abigail, mas no mesmo instante percebeu o olhar severo de Jamie, abaixou os próprios olhos, enrubescendo violentamente. — Desculpe, Wally — murmurou ela.

Wally a princípio pareceu pouco disposto a considerar o pedido de desculpas uma compensação adequada para o insulto que sofrera, mas foi finalmente convencido a desistir de bater em sua prima pela promessa de seu tio de contar uma história.

— Conte aquela do cachorro e do cavaleiro! — exclamou minha conhecida de cabelos ruivos, empurrando para abrir caminho e aproximar-se do tio.

— Não, aquela do jogo de xadrez do diabo! — disse uma das outras crianças, aderindo à conversa. Jamie parecia atraí-las como um ímã; dois meninos puxavam sua coberta, enquanto uma menininha de cabelos castanhos subira no encosto do sofá, junto à cabeça de Jamie, e começara a trançar mechas dos seus cabelos com grande atenção.

— Bonitos, tio — murmurou ela, sem tomar parte na enxurrada de sugestões.

— A história é de Wally — disse Jamie com firmeza, extinguindo

a rebelião incipiente com um gesto. — Ele pode escolher a que quiser. — Tirou um lenço limpo de baixo do travesseiro e segurou-o junto ao nariz de Wally, que de fato estava com um aspecto desagradável. — Assoe — disse ele à meia-voz e, em seguida, mais alto — e depois me diga qual você quer, Wally.

Wally assoou o nariz obedientemente, depois disse:

— Santa Brígida e os gansos, por favor, Nunkie.

Os olhos de Jamie buscaram-me, descansando em meu rosto com uma expressão pensativa.

— Está bem — disse ele após uma pausa. — Muito bem. Vocês sabem que os gansos cinzentos acasalam-se com um só parceiro para toda a vida? Se matarem um ganso adulto, caçando, devem sempre esperar, porque o parceiro virá lamentar a morte do companheiro. Então, vocês devem tentar matar o segundo também, porque, se não o fizerem, ele vai sofrer a perda do parceiro até morrer, gritando por ele pelos céus.

O pequeno Benjamin remexeu-se nas cobertas que o envolviam, contorcendo-se em meus braços. Jamie sorriu e voltou sua atenção de novo para Wally, pendurado no joelho do tio-avô, com a boca aberta.

— Então — disse ele —, uma vez, há mais de centenas de anos do que vocês possam imaginar, quando Brígida colocou os pés pela primeira vez nas pedras das Terras Altas, junto com Miguel, o Abençoado...

Nesse ponto, Benjamin soltou um pequeno guincho e começou a escavar a frente do meu vestido. O Jovem Jamie e suas irmãs pareciam ter desaparecido e, depois que balançar e dar pancadinhas de leve provaram não adiantar, saí da sala à procura da mãe de Benjamin, deixando a história em andamento atrás de mim.

Encontrei a senhora em questão na cozinha, em meio a um enorme grupo de mulheres e moças e, depois de entregar-lhe Benjamin, passei algum tempo em apresentações, cumprimentos e no tipo de ritual com que as mulheres avaliam umas às outras,

abertamente ou não.

As mulheres foram todas muito amáveis; evidentemente, todas sabiam ou haviam sido informadas de quem eu era, porque embora me apresentassem de uma em uma, não houve nenhuma surpresa visível com o retorno da primeira mulher de Jamie — quer dos mortos ou da França, dependendo do que haviam lhes contado.

Ainda assim, havia uma tendência subjacente muito estranha passando pelo agrupamento. Elas escrupulosamente evitaram me fazer perguntas; em outro lugar, isso poderia ser apenas uma questão de cortesia, mas não nas Terras Altas, onde era comum extrair a história da vida de qualquer estranho no decorrer de uma visita casual.

E embora me tratassem com grande gentileza e amabilidade, havia pequenos olhares de soslaio, trocas de olhares significativos às minhas costas e cochichos esporádicos em gaélico.

O mais estranho, no entanto, era a ausência de Jenny. Ela era o coração de Lallybroch; eu nunca estivera na casa quando não estava impregnada de sua presença, todos os seus moradores girando ao seu redor como planetas em volta do Sol. Eu não podia imaginar nada mais estranho ao seu feitio do que deixar sua cozinha quando havia tanta gente na casa.

Sua presença era tão forte agora quanto o perfume de galhos frescos de pinheiros que jaziam numa grande pilha na despensa, seu aroma começando a espalhar-se pela casa; mas da própria Jenny não se via nem a sombra.

Ela me evitava desde a noite da minha volta com o Jovem Ian — o que era bastante natural, suponho, nas circunstâncias. Nem eu buscara uma conversa com ela. Nós duas sabíamos que havia um acerto de contas a ser feito, mas nenhuma o desejava no momento.

Estava quente e aconchegante na cozinha — quente demais. Os cheiros misturados de roupas secando, goma quente, fraldas molhadas, corpos suados, bolos de aveia fritando em gordura de porco e pão assando estavam ficando excessivamente inebriantes e, quando Katherine mencionou a necessidade de um jarro de

creme de leite para os biscoitos, aproveitei a oportunidade para escapar, oferecendo-me para ir buscá-lo no barracão dos laticínios.

Depois da multidão de corpos quentes na cozinha, o ar frio e úmido do lado de fora era tão refrescante que fiquei parada, imóvel, por um instante, livrando as minhas saias e cabelos dos cheiros da cozinha, antes de dirigir-me ao barracão dos laticínios. A leiteria ficava a uma boa distância da casa-sede, convenientemente ao lado do barracão de ordenha, o qual, por sua vez, era adjacente aos dois pequenos currais onde ovelhas e cabras eram mantidas. Havia criação de gado bovino nas Terras Altas, mas geralmente para corte, pois o leite de vaca era considerado indicado apenas para inválidos.

Para minha surpresa, quando saí da leiteria, vi Fergus debruçado na cerca do curral, fitando melancolicamente a massa lanígera movendo-se lentamente embaixo. Não esperava vê-lo aqui e perguntei-me se Jamie saberia que ele havia retornado.

O valioso rebanho ovino de Jenny, da raça Merino — importado, alimentado a mão e muito mais mimado do que qualquer um dos seus netos —, avistou-me quando passei e os animais correram em massa para o lado de seu cercado, balindo freneticamente na esperança de ganhar alguma gulodice. Fergus ergueu os olhos, espantado com a algazarra, depois acenou sem muito entusiasmo. Gritou alguma coisa, mas era impossível ouvi-lo acima da barulhada.

Havia uma larga caçamba de repolhos queimados pela geada perto da cerca; retirei uma cabeça murcha e grande, e distribuí as folhas para cerca de uma dúzia de bocas ávidas, na esperança de fazê-las calar.

O reprodutor, uma criatura grande e lanuda chamada Hughie, com testículos pendurados quase até o chão como bolas de futebol cobertas de lã, abriu caminho com seu corpanzil até a primeira fila com um sonoro e autoritário: Bahh! Fergus, que a essa altura já chegara ao meu lado, pegou um repolho inteiro e atirou-o em Hughie com bastante força e razoável precisão.

— *Tais-toi!* — disse ele, irritado.

Hughie encolheu-se e soltou um bééé estridente e alarmado quando o repolho bateu em suas costas acolchoadas. Em seguida, sacudindo-se de volta a um arremedo de dignidade, afastou-se trotando, os testículos balançando com uma majestade ofendida. Seu rebanho, dócil como não podia deixar de ser, seguiu-o, emitindo um coro baixo de bés descontentes em seu rastro.

Fergus observou-os com um olhar furioso, enquanto se afastavam.

— Bestas fedidas, barulhentas e inúteis — disse ele. Uma atitude um tanto ingrata, pensei, considerando-se que o cachecol e as meias que ele estava usando muito provavelmente haviam sido tricotados com a lã daqueles animais.

— Que bom revê-lo, Fergus — disse, ignorando seu mau humor. — Jamie já sabe que você está de volta? — Perguntei-me o quanto Fergus saberia dos acontecimentos recentes, se tivesse acabado de chegar a Lallybroch.

— Não — respondeu ele, com certa indiferença. — Acho que eu deveria lhe dizer que estou aqui. — Apesar disso, não fez nenhum movimento em direção à casa, mas continuou fitando a lama pisoteada do curral. Alguma coisa sem dúvida o estava consumindo; esperava que nada tivesse dado errado em sua missão.

— Você encontrou-se com o sr. Gage, afinal? — perguntei.

Por um instante, pareceu não ter compreendido, depois uma centelha de entusiasmo reanimou o rosto magro.

— Ah, sim. Milorde tinha razão. Fui com Gage avisar os outros membros da sociedade e depois fomos juntos à taberna onde eles deveriam se encontrar. De fato, havia um bando de guardas alfandegários disfarçados esperando lá. Que esperem tanto quanto seu colega no barril, haha!

Em seguida, o brilho de humor negro desapareceu de seus olhos e ele suspirou.

— Não devemos ser pagos pelos panfletos, é claro. E embora a prensa tenha sido salva, só Deus sabe quanto tempo vai ser

necessário para milorde retomar os serviços.

Ele falou de maneira tão lamentosa que fiquei surpresa.

— Você não ajuda com o trabalho de impressão, não é?

Ele ergueu um ombro e deixou-o cair.

— Não exatamente, milady. Mas milorde foi generoso o suficiente para permitir que eu investisse uma parte dos meus lucros com o conhaque na gráfica. Com o tempo, eu deveria me tornar sócio.

— Entendo — disse, compreensivamente. — Você precisa de dinheiro? Talvez eu possa...

Lançou-me um olhar de surpresa e depois um sorriso que exibia seus dentes quadrados e perfeitos.

— Obrigado, milady, mas não preciso. Eu mesmo preciso de muito pouco e tenho o suficiente. — Deu uns tapinhas no bolso lateral do seu casaco, que tilintou de forma reconfortante.

Parou, a testa franzida, e enfiou os punhos cerrados nos bolsos do casaco.

— Nããão... — disse ele devagar. — É só que... bem, o trabalho de impressão é mais respeitável, milady.

— Creio que sim — disse, ligeiramente intrigada. Ele percebeu o tom de minha voz e sorriu, de modo um pouco sóbrio.

— A dificuldade, milady, é que enquanto um contrabandista pode obter uma renda mais do que suficiente para sustentar uma esposa, o contrabando, como única profissão, não é bem-visto pelos pais de uma moça respeitável.

— Ah — disse, tudo se esclarecendo repentinamente. — Você quer se casar? Com uma moça de família?

Ele assentiu, um pouco timidamente.

— Sim, senhora. Mas a mãe dela não me vê com bons olhos.

Eu não podia dizer que culpava a mãe da jovem, levando-se tudo em consideração. Embora Fergus possuísse uma bela aparência morena e um jeito arrojado que poderia muito bem conquistar o coração de uma jovem, não possuía alguns dos outros atributos mais atraentes para pais escoceses conservadores, como



propriedade, renda, a mão esquerda e um sobrenome.

Da mesma forma, embora o contrabando, o roubo de gado e outras formas de comunismo prático tivessem uma longa e ilustre história nas Terras Altas, os franceses não pensavam do mesmo modo. E por mais tempo que o próprio Fergus tivesse vivido em Lallybroch, ele continuava tão francês quanto a Notre Dame. Ele sempre seria, como eu, um forasteiro.

— Se eu fosse sócio em uma próspera gráfica, veja bem, talvez a boa senhora pudesse ser convencida a considerar minha corte — explicou ele. Mas do jeito que as coisas estão... — Sacudiu a cabeça, desconsolado.

Bati de leve em seu braço, compreensivamente.

— Não se preocupe — disse. — Pensaremos em alguma coisa. Jamie sabe a respeito dessa jovem? Tenho certeza de que ele falaria com a mãe dela em seu nome.

Para minha surpresa, ele pareceu alarmado.

— Ah, não, milady! Por favor, não lhe conte nada. Ele tem muitas coisas mais importantes para pensar no momento.

No geral, achei que isso provavelmente era verdade, mas fiquei surpresa com sua veemência. Ainda assim, concordei em não contar nada a Jamie. Meus pés estavam se enregelando de ficar parada na lama congelada e sugeri que entrássemos.

— Talvez um pouco mais tarde, milady. Por enquanto, acho que não sou uma boa companhia nem mesmo para as ovelhas. — Com um profundo suspiro, virou-se e afastou-se pesadamente na direção do pombal, os ombros arriados.

Para minha surpresa, Jenny estava na sala de estar com Jamie. Ela saíra; suas faces e a ponta de seu nariz longo e reto estavam vermelhas do frio e o cheiro da névoa do inverno permanecia em suas roupas.

— Mande o Jovem Ian selar Donas — disse ela. Franziu o cenho para seu irmão. — Você aguenta caminhar até o celeiro, Jamie, ou é melhor ele trazer o animal até aqui para você?

Jamie olhou-a espantado, uma das sobrancelhas erguidas.

— Posso caminhar até onde for necessário, mas não vou a lugar nenhum no momento.

— Eu não lhe disse que ele está vindo? — disse Jenny com impaciência. — Amyas Kettrick parou aqui ontem, tarde da noite, e disse que acabava de vir de Kinwallis. Hobart pretende vir hoje, disse ele. — Ela lançou um olhar para o bonito relógio esmaltado sobre o consolo da lareira. — Se ele saiu depois do café da manhã, chegará aqui em menos de uma hora.

Jamie franziu o cenho para a irmã, inclinando a cabeça para trás e apoiando-a no sofá.

— Eu já lhe disse, Jenny, não tenho medo de Hobart MacKenzie. Não vou fugir dele!

As sobrancelhas de Jenny levantaram-se enquanto ela olhava friamente para o irmão.

— Ah, é? Você também não teve medo de Laoghaire e olhe o que isso lhe custou! — Ela sacudiu a cabeça indicando a tipoia em seu braço.

A contragosto, um dos cantos da boca de Jamie curvou-se para cima.

— Sim, bem, nisso você tem razão. Por outro lado, Jenny, você sabe que armas de fogo são mais raras do que dentes de galinha nas Terras Altas. Não acho que Hobart vai chegar aqui e pedir emprestada a minha própria pistola para atirar em mim.

— Não acho que ele vá se dar ao trabalho. Ele vai simplesmente entrar e espetá-lo no bucho como o ganso idiota que você é! — explodiu ela.

Jamie riu e ela o fitou com raiva. Aproveitei o momento para intervir.

— Quem é Hobart MacKenzie e por que exatamente ele quer furá-lo como um ganso?

Jamie virou a cabeça para mim, os olhos ainda sorridentes.

— Hobart é irmão de Laoghaire, Sassenach — explicou ele. — Quanto a me furar ou...

— Laoghaire mandou chamá-lo de Kinwallis, onde ele mora — interrompeu Jenny —, e lhe contou sobre... tudo isso. — Um gesto leve, impaciente, incluiu Jamie, a mim e a estranha situação em geral.

— A ideia é que Hobart pretende vir aqui e eliminar o insulto à honra de sua irmã simplesmente eliminando-me — explicou Jamie. Ele parecia achar a ideia divertida. Eu não tinha tanta certeza disso, nem Jenny.

— Não está preocupado com esse Hobart? — perguntei.

— Claro que não — disse ele, um pouco irritado. Virou-se para sua irmã. — Pelo amor de Deus, Jenny, você conhece Hobart MacKenzie! O sujeito não conseguiria nem esfaquear um javali sem cortar fora o próprio pé!

Ela o olhou de cima a baixo, evidentemente avaliando sua capacidade de se defender de um caçador de javali incompetente e concluindo, com relutância, que ele conseguiria dominá-lo, mesmo com um braço só.

— Mmmhummm — disse ela. — Bem, e se ele o atacar e você o matar, hein? E aí?

— Então, ele estará morto, eu acho — disse Jamie sarcasticamente.

— E você será enforcado por assassinato — disparou ela — ou se tornará um fugitivo, com todo o resto da parentada de Laoghaire atrás de você. Quer dar início a uma guerra sangrenta entre famílias?

Jamie estreitou os olhos para a irmã, acentuando ainda mais a notável semelhança entre ambos.

— O que eu quero — disse ele, afetando uma paciência exagerada — é o meu café da manhã. Vai me dar alguma coisa para comer ou vai ficar esperando que eu desmaie de fome para depois me esconder no esconderijo dos padres até Hobart ir embora?

A contrariedade lutava com o humor no bem delineado rosto de Jenny enquanto ela olhava furiosamente para o irmão. Como era de

costume com ambos os Fraser, o humor saiu vencedor.

— É uma ideia — disse ela, os dentes cintilando num sorriso breve e relutante. — Se eu pudesse arrastar sua carcaça teimosa até lá, eu mesma lhe dava uma porretada. — Sacudiu a cabeça e suspirou. — Está bem, Jamie, sua vontade será feita. Mas tente não emporcalhar meu belo tapete turco, sim?

Ele ergueu os olhos para ela, a boca larga curvou-se no esboço de um sorriso.

— Prometo, Jenny — disse ele. — Não haverá nenhum derramamento de sangue na sala de estar.

Ela deu uma risadinha irônica.

— Idiota — disse ela, mas sem rancor. — Mandarei Janet trazer seu mingau. — E, com isso, saiu, num rodopio de saias e anáguas.

— Ela disse Donas? — perguntei, confusa, olhando-a se afastar. — Certamente não se trata do mesmo cavalo que você tirou de Leoch!

— Ah, não. — Jamie inclinou a cabeça para trás, sorrindo para mim. — Este é o neto de Donas, ou um deles. Nós damos este nome aos alazões em homenagem a ele.

Inclinei-me por cima do encosto do sofá, delicadamente apalpando o braço ferido, a partir do ombro.

— Dolorido? — perguntei, vendo-o contrair-se quando apertei a alguns centímetros acima do ferimento. Estava melhor; no dia anterior, a área dolorida começava mais acima.

— Não muito — disse ele. Retirou a tipoia e tentou cuidadosamente esticar o braço, fazendo uma careta. — Mas acho que tão cedo não vou dar cambalhotas.

Eu ri.

— Não, creio que não. — Hesitei. — Jamie... este Hobart. Você não acha mesmo...

— Não — disse ele com firmeza. — E se achasse, ainda assim iria querer meu mingau antes. Não pretendo ser morto de barriga vazia.

Ri outra vez, mais confiante.

— Vou buscá-lo para você — prometi.

Entretanto, quando saí para o corredor, vislumbrei um vulto por uma das janelas e parei para olhar. Era Jenny, com manto e capuz para se proteger do frio, dirigindo-se à subida que levava ao celeiro. Tomada por um impulso repentino, peguei um manto do cabide no vestíbulo e saí em seu encalço. Eu tinha muito que dizer a Jenny Murray e esta podia ser a melhor chance de pegá-la sozinha.

Alcancei-a logo na entrada do celeiro; ela ouviu meus passos e virou-se, surpresa. Olhou ao redor rapidamente, mas viu que estávamos sozinhas. Percebendo que não havia como adiar um confronto, endireitou os ombros sob o manto de lã e ergueu a cabeça, fitando-me diretamente nos olhos.

— Achei melhor dizer ao Jovem Ian para tirar os arreios do cavalo — disse ela. — Depois, vou ao porão pegar algumas cebolas para uma torta. Quer vir comigo?

— Sim. — Puxando meu manto mais apertado em volta do corpo para me proteger do vento do inverno, segui-a até o celeiro.

Estava confortavelmente quente ali dentro, ao menos em contraste com o frio do lado de fora, escuro e repleto do cheiro agradável de cavalos, feno e estrume. Parei por um instante para que meus olhos se adaptassem à penumbra, mas Jenny caminhou sem parar para o corredor central, os passos leves no assoalho de pedra.

O Jovem Ian estava esparramado ao comprido em um monte de palha fresca; sentou-se, piscando ao ouvir barulho.

Jenny olhou do filho para o boxe, onde um alazão de olhos meigos mastigava o feno de sua manjedoura pacificamente, livre do fardo da sela e das rédeas.

— Eu não lhe disse para aprontar Donas? — perguntou ela ao garoto, a voz áspera.

O Jovem Ian coçou a cabeça, parecendo um pouco intimidado, e levantou-se.

— Sim, mamãe — disse ele. — Mas achei que seria perda de

tempo arreá-lo só para ter que tirar tudo outra vez.

Jenny olhou-o sem compreender.

— Ah, é? — disse ela. — E o que o fez ter tanta certeza de que não seria necessário?

O Jovem Ian encolheu os ombros e sorriu para ela.

— Mamãe, você sabe tão bem quanto eu que tio Jamie não fugiria de nada, muito menos de tio Hobart. Não sabe? — acrescentou ele, delicadamente.

Jenny ergueu os olhos para o filho e suspirou. Em seguida, um sorriso relutante iluminou seu rosto e ela estendeu a mão, alisando para trás os cabelos espessos e desgrehados do filho.

— Sim, pequeno Ian. Eu sei. — Sua mão demorou-se na face avermelhada e, em seguida, deixou-a cair. — Vá para casa, então, e vá comer com seu tio — disse ela. — Sua tia e eu vamos ao depósito de mantimentos. Mas vá me buscar imediatamente se o sr. Hobart MacKenzie chegar, entendeu?

— Imediatamente, mamãe — prometeu ele, partindo para a casa, impulsionado pela ideia de comida.

Jenny observou-o se afastar, movendo-se com a graça desajeitada de uma ave pernalta, jovem e alvoroçada. Ela sacudiu a cabeça, o sorriso ainda nos lábios.

— Bom garoto — murmurou ela. Em seguida, de volta às circunstâncias atuais, virou-se para mim decidida. — Vamos, então — disse. — Acho que você quer falar comigo, não?

Nenhuma das duas disse nada até alcançarmos o silencioso santuário do porão de mantimentos. Era um pequeno aposento escavado sob a casa, impregnado do cheiro pungente de longas réstias de cebola e de alho, penduradas das vigas do teto, o aroma adocicado e condimentado de maçãs secas, e o odor úmido de terra das batatas espalhadas nas prateleiras que recobriam as paredes do depósito, como mantas marrons encaroçadas.

— Lembra-se de me ter dito para plantar batatas? — perguntou Jenny, passando a mão de leve por cima dos tubérculos

amontoados. — Foi uma sorte. A safra de batatas nos manteve vivos durante mais de um inverno depois de Culloden.

Eu me lembrava perfeitamente. Eu lhe dissera, quando estávamos juntas numa fria noite de outono, prestes a nos separarmos — ela para voltar para um bebê recém-nascido, eu para procurar Jamie, um fora da lei nas Terras Altas, sentenciado à morte. Eu o encontrara e o salvara — e Lallybroch, evidentemente. E ela tentara dar ambos a Laoghaire.

— Por quê? — eu disse, brandamente, por fim. Falei para o topo de sua cabeça, inclinada em sua tarefa. Sua mão trabalhava com a regularidade de um relógio, puxando uma cebola de sua longa trança pendente, quebrando as hastes duras e ressecadas da trança e atirando-a na cesta que carregava. — Por que fez isso? — eu disse. Arranquei uma cebola de outra réstia, mas em vez de colocá-la na cesta, segurei-a nas mãos, rolando-a de um lado para o outro como uma bola de beisebol, ouvindo a casca quebradiça farfalhar como papel entre as palmas de minhas mãos.

— Por que eu fiz o quê? — Sua voz estava perfeitamente controlada outra vez; somente alguém que a conhecesse bem poderia ter percebido uma certa tensão no tom. Eu a conhecia bem... ou conhecera, um dia. — Por que eu arranjei o casamento de meu irmão e Laoghaire, é isso que quer dizer? — Ergueu os olhos rapidamente, as sobrancelhas pretas e lisas erguidas numa pergunta, mas depois voltou à réstia de cebolas. — Tem razão. Ele não teria feito isso, se eu não o tivesse obrigado.

— Então, você de fato o obrigou — eu disse. O vento fazia a porta do depósito bater, soprando uma pequena nuvem de poeira pelos degraus de pedra.

— Ele estava solitário — disse ela, serenamente. — Tão sozinho. Eu não podia suportar vê-lo assim. Ele ficou arrasado por tanto tempo, sabe, chorando a sua morte.

— Pensei que ele estivesse morto — disse à meia-voz, respondendo à acusação implícita.

— Podia estar mesmo — disse ela rispidamente, depois ergueu

a cabeça e suspirou, empurrando para trás um cacho de cabelos escuros. — Sim, talvez você realmente não soubesse que ele sobrevivera; muitos não conseguiram, após Culloden. E ele certamente achava que você estava morta também. Mas ele estava muito ferido, e não só na perna. E quando voltou da Inglaterra... — Ela sacudiu a cabeça e pegou outra cebola. — Ele parecia inteiro externamente, mas não... — Olhou-me, de frente, com aqueles olhos azuis puxados, tão perturbadores como os do irmão. — Ele não é o tipo de homem que deva dormir sozinho, hein?

— É verdade — eu disse laconicamente. — Mas ele sobreviveu, nós dois sobrevivemos. Por que mandou chamar Laoghaire quando voltamos com o Jovem Ian?

Jenny não respondeu imediatamente, apenas continuou pegando cebolas, quebrando as hastes, pegando, quebrando, pegando.

— Eu gostava de você — disse ela finalmente, tão baixo que eu mal conseguia ouvi-la. — Amava, talvez, quando você vivia aqui com Jamie, antes.

— Eu também gostava de você — eu disse, igualmente baixinho. — Então, por quê?

Suas mãos pararam finalmente e ela ergueu os olhos para mim, os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Quando Ian me disse que você tinha voltado — disse ela devagar, os olhos presos às cebolas —, você poderia ter me derrubado com uma pena. No começo, fiquei empolgada, querendo vê-la, querendo saber por onde andara — acrescentou ela, arqueando um pouco as sobrancelhas com um ar de interrogação. Eu não respondi e ela continuou. — Depois fiquei com medo — disse ela, ainda com os olhos desviados, fixos em algum ponto distante. — Quando ele se casou com Laoghaire, os dois em pé no altar, você estava lá com eles, ao lado esquerdo de Jamie, entre ele e Laoghaire. E compreendi que isso significava que você o tomaria de volta.

Os pelos da minha nuca eriçaram-se ligeiramente. Ela sacudiu a



cabeça devagar e vi que ela ficara pálida com a lembrança. Sentou-se em um barril, o manto espraiaando-se à sua volta, como uma flor.

— Não sou uma dessas pessoas que nascem com o dom da premonição nem alguém que tem visões regularmente. Eu nunca tivera uma antes e espero nunca mais ter. Mas eu a vi lá, tão claramente como a vejo agora, e fiquei tão apavorada que tive que sair da sala, bem no meio dos votos.

Engoliu em seco, olhando-me diretamente.

— Não sei quem você é — disse ela, baixinho. — Ou... ou... o quê. Não conhecemos sua família, ou o lugar de onde você vem. Eu nunca lhe perguntei, não é? Jamie escolheu você, isso bastava para mim. Mas depois você foi embora e, após tanto tempo, achei que ele devia ter esquecido você o suficiente para se casar outra vez e ser feliz.

— Mas ele não esqueceu — eu disse, esperando uma confirmação de Jenny. Ela a deu, sacudindo a cabeça.

— Não — disse ela baixinho. — Mas Jamie é um homem fiel. Não importa como tenha sido entre eles dois, ele e Laoghaire, se ele jurara ser o homem dela, não a abandonaria inteiramente. Não importava que passasse a maior parte de seu tempo em Edimburgo; sei que ele sempre voltaria para cá, estaria ligado à nossa terra, às Terras Altas. Mas então você voltou.

Suas mãos permaneciam imóveis no colo, uma cena rara. Ainda possuíam um bonito formato, com dedos longos e ágeis, mas os nós dos dedos eram vermelhos e ásperos de anos de trabalho e as veias destacavam-se, azuis, sob a pele branca e fina.

— Sabia — disse ela, olhando para o colo — que eu nunca me afastei de Lallybroch em toda a minha vida?

— Não — eu disse, um pouco surpresa. Ela sacudiu a cabeça devagar, depois ergueu os olhos para mim.

— Mas você sim — disse ela. — Você viajou muito, imagino. — Seu olhar examinou meu rosto, em busca de pistas.

— Sim, viajei.

Ela balançou a cabeça, como se pensasse consigo mesma.

— Você irá embora outra vez — disse ela, quase sussurrando. — Eu sabia que você iria embora outra vez. Você não tem laços aqui, não como Laoghaire... não como eu. E ele iria embora com você. E talvez eu nunca mais o visse novamente. — Ela fechou os olhos rapidamente, depois os abriu, fitando-me por baixo de suas bonitas sobrelanceiras escuras. — Foi por isso — continuou ela. — Achei que se você soubesse a respeito de Laoghaire, iria embora outra vez imediatamente... e você foi... — ela acrescentou com um sorriso enviesado — e Jamie ficaria. Mas você voltou. — Seus ombros ergueram-se quase imperceptivelmente, num gesto de desamparo. — E estou vendo que não adianta, ele está ligado a você, para o bem ou para o mal. É você a mulher dele. E se você for embora outra vez, ele irá com você.

Procurei ardentemente palavras que pudessem tranquilizá-la.

— Mas eu não vou. Não vou embora outra vez. Só quero ficar aqui com ele, para sempre.

Coloquei a mão em seu braço e ela enrijeceu-se ligeiramente. Após um instante, colocou a própria mão sobre a minha. Estava fria, e a ponta do seu nariz reto e longo estava vermelha de frio.

— As pessoas falam coisas diferentes sobre os presságios, sabe? — disse ela, após alguns instantes. — Alguns dizem que são fatídicos; o que você visualizar dessa forma, acontecerá. Mas outros dizem que não, é apenas um aviso; preste atenção e você poderá mudar os acontecimentos. O que você acha? — Olhou-me de esguelha, curiosa.

Respirei fundo, o cheiro de cebolas penetrando em minhas narinas. Isso era ir direto ao assunto, absolutamente sem rodeios.

— Não sei — eu disse, a voz ligeiramente trêmula. — Sempre achei que certamente você poderia mudar as coisas se soubesse a respeito delas. Mas agora... eu não sei — terminei devagar, pensando em Culloden.

Jenny me observava, os olhos de um azul tão escuro a ponto de parecerem negros na penumbra. Perguntei-me outra vez até onde Jamie havia lhe contado — e o quanto ela sabia sem que ele tivesse

contado.

— Mas deve tentar, mesmo assim — disse ela, com determinação. — Não poderia simplesmente cruzar os braços, não é?

Eu não sabia se ela estava falando em termos pessoais, mas sacudi a cabeça.

— Não — eu disse. — Não poderia. Tem razão, é preciso tentar. Sorrimos uma para a outra, um pouco timidamente.

— Você cuidará bem dele? — perguntou Jenny repentinamente. — Mesmo se forem embora? Cuidará, não é?

Apertei os dedos frios, sentindo os ossos de sua mão leves e frágeis.

— Sim, cuidarei — eu disse.

— Então, está tudo bem — disse ela baixinho, correspondendo ao aperto de minha mão.

Permanecemos sentadas por um instante, as mãos entrelaçadas, até a porta do porão abrir-se, deixando entrar uma rajada de vento e de chuva pela escada abaixo.

— Mamãe? — A cabeça do Jovem Ian surgiu na abertura, os olhos brilhantes de agitação. — Hobart MacKenzie chegou! Papai disse para você vir depressa!

Jenny pôs-se de pé num salto, mal se lembrando de agarrar a cesta de cebolas.

— Ele veio armado? — perguntou ela ansiosamente. — Ele trouxe uma pistola ou uma espada?

Ian sacudiu a cabeça, os cabelos escuros agitando-se loucamente ao vento.

— Ah, não, mamãe! — disse ele. — Pior do que isso. Ele trouxe um advogado!

Seria impossível imaginar alguém que se parecesse menos com a vingança encarnada do que Hobart MacKenzie. Um homem pequeno, de ossatura miúda, de cerca de trinta anos, Hobart possuía olhos azuis desbotados, com pestanas desbotadas, com

uma tendência a lacrimejarem, e traços indeterminados que começavam com a linha dos cabelos muito recuada e iam definindo até um queixo igualmente recuado, que parecia estar querendo fugir para dentro das dobras do seu lenço de pescoço.

Ele alisava os cabelos no espelho do vestíbulo quando entramos pela porta da frente, uma peruca com cachos meticulosamente enrolados repousando na mesa ao seu lado. Piscou para nós assustado, em seguida pegou a peruca e enfiou-a na cabeça, ao mesmo tempo em que se dobrava numa mesura.

— Sra. Jenny — disse ele. Seus olhos pequenos, como os de um coelho, dardejaram em minha direção, desviaram-se, voltaram outra vez, como se esperasse que eu não estivesse realmente ali, mas estava com muito medo por eu estar.

Jenny olhou dele para mim, suspirou profundamente e pegou o touro a unha.

— Sr. MacKenzie — disse ela, fazendo-lhe uma reverência formal. — Posso apresentar-lhe minha cunhada, Claire? Claire, o sr. Hobart MacKenzie de Kinwallis.

Sua boca abriu-se e ele ficou simplesmente me observando como um idiota, boquiaberto. Comecei a estender a mão para ele, mas achei melhor deixar para lá. Eu gostaria de saber o que Emily Post teria a recomendar numa situação como esta, mas como a srta. Post não estava presente, fui forçada a improvisar.

— Muito prazer em conhecê-lo — disse, sorrindo o mais cordialmente possível.

— Hã... — disse ele. Balançou a cabeça, hesitante, para mim. — Um... seu... criado, madame.

Felizmente, neste ponto do protocolo, a porta da sala de estar abriu-se. Olhei para a figura pequena, bem-arrumada, emoldurada no vão da porta, e soltei um grito de prazer ao reconhecê-lo.

— Ned! Ned Gowan!

Era realmente Ned Gowan, o idoso advogado de Edimburgo que um dia me salvara de ser queimada como bruxa. Ele estava perceptivelmente muito mais velho agora, encolhido com a idade e

tão enrugado que parecia uma das maçãs secas que eu vira no depósito de mantimentos.

Os brilhantes olhos negros, entretanto, continuavam os mesmos e eles imediatamente se fixaram em mim com uma expressão de alegria.

— Minha querida! — exclamou ele, aproximando-se rapidamente com um andar manco. Tomou minha mão, radiante, e pressionou-a contra os lábios ressequidos num fervoroso gesto de galanteio.

— Ouvi dizer que você...

— Como é que você...

— ...que prazer revê-la!

— ...muito prazer vê-lo outra vez, mas...

Um pigarro de Hobart MacKenzie interrompeu essa troca entusiasmada de cumprimentos e o sr. Gowan ergueu os olhos surpreso, depois balançou a cabeça.

— Ah, sim, claro. Negócios primeiro, minha cara — disse ele, com uma galante reverência para mim. — Depois, se assim lhe aprouver, ficaria encantado em ouvir a história de suas aventuras.

— Ah... farei o melhor que puder — disse, imaginando o quanto ele insistiria em ouvir.

— Esplêndido, esplêndido. — Olhou ao redor do vestíbulo, os olhos pequeninos e brilhantes abrangendo Hobart e Jenny, que pendurara seu manto e alisava os cabelos. — O sr. Fraser e o sr. Murray já estão na sala de estar. Sr. MacKenzie, se o senhor e as senhoras consentirem em se unir a nós, talvez possamos resolver seus assuntos rapidamente e dar sequência a questões mais agradáveis. Permita-me, minha querida? — Ele dobrou o braço ossudo e ofereceu-o a mim.

Jamie continuava no sofá onde eu o deixara e mais ou menos nas mesmas condições — isto é, vivo. As crianças haviam desaparecido, à exceção de uma criancinha rechonchuda que estava enrolada no colo de Jamie, dormindo profundamente. Os cabelos de Jamie agora ostentavam várias trancinhas de cada lado,

tinham fitas de cetim alegremente entrelaçadas, o que lhe dava um ar estranhamente festivo.

— Você está parecendo o Leão Covarde de Oz — disse-lhe em voz baixa, sentando-me no banquinho atrás do seu sofá. Eu não achava que Hobart MacKenzie pretendesse causar nenhum estrago direto, mas se alguma coisa acontecesse, eu queria estar próxima a Jamie.

Ele pareceu surpreso e colocou a mão na cabeça.

— Estou?

— Shhh — disse —, depois eu lhe explico.

Os outros participantes já haviam se acomodado pela sala, Jenny sentada ao lado de Ian no outro sofá para duas pessoas, Hobart e o sr. Gowan em duas cadeiras de veludo.

— Estamos reunidos? — perguntou o sr. Gowan, olhando ao redor do aposento. — Todas as partes interessadas estão presentes? Excelente. Bem, para começar, devo declarar meu próprio interesse. Estou aqui na qualidade de advogado do sr. Hobart MacKenzie, representando os interesses da sra. James Fraser — ele me viu ter um sobressalto e acrescentou, com precisão —, isto é, a segunda sra. James Fraser, *née* Laoghaire MacKenzie. Compreendido?

Olhou de forma interrogativa para Jamie, que balançou a cabeça.

— Sim.

— Ótimo. — O sr. Gowan pegou um copo da mesa a seu lado e tomou um pequeno gole. — Meus clientes, os MacKenzie, aceitaram minha proposta de buscar uma solução legal para o imbróglio que, me parece, resultou da volta repentina e inesperada, embora, é claro, completamente feliz e afortunada — acrescentou ele, com uma reverência para mim —, da primeira sra. Fraser.

Sacudiu a cabeça com ar reprovador para Jamie.

— Você, meu caro jovem, conseguiu envolver-se em grandes dificuldades legais, sinto muito dizer.

Jamie ergueu uma das sobrancelhas e olhou para a irmã.

— Sim, bem, eu tive ajuda — disse ele secamente. — Exatamente de que dificuldades estamos falando?

— Bem, para começar — disse Ned Gowan animadamente, os cintilantes olhos negros afundando em redes de rugas ao sorrir para mim —, a primeira sra. Fraser estaria dentro de seus direitos de mover uma ação civil contra você por adultério, bem como fornicção criminosa. As penalidades para isso incluem...

Jamie olhou para mim, com um rápido lampejo azul.

— Acho que não estou muito preocupado com essa possibilidade — disse ele ao advogado. — O que mais?

Ned Gowan balançou a cabeça amavelmente e levantou a mão ressequida, dobrando os dedos conforme contava seus pontos.

— Com relação à segunda sra. Fraser, *née* Laoghaire MacKenzie, você poderia, é claro, ser acusado de comportamento bígamo, intenção de enganar, fraude de fato cometida, quer intencionalmente ou não, o que já é uma outra questão, deturpação delituosa — com ar satisfeito, dobrou o quarto dedo e tomou fôlego para continuar — e...

Até aqui, Jamie ouvira pacientemente o rol de delitos. Neste momento, interrompeu o advogado, inclinando-se para a frente.

— Ned — disse ele amavelmente —, que diabos a maldita mulher está querendo?

O minúsculo advogado piscou por trás dos óculos, abaixou a mão e ergueu os olhos para as vigas do teto.

— Bem, o principal desejo manifestado pela senhora — disse ele de modo circunspecto — é vê-lo castrado e estripado na praça do mercado em Broch Mordha, e sua cabeça espetada numa estaca acima do portão de sua casa.

Os ombros de Jamie vibraram ligeiramente e ele estremeceu quando o movimento abalou seu braço.

— Compreendo — disse ele, a boca contraindo-se.

Um sorriso levantou as rugas em torno da boca de Ned.

— Fui obrigado a informar à sra... quer dizer, a essa senhora — corrigiu-se, com um olhar de relance para mim e um breve pigarro

— que suas soluções perante a lei eram bem mais limitadas e não poderiam acomodar seus desejos.

— Claro — disse Jamie secamente. — Mas presumo que a ideia geral seja que ela não me deseja de volta como marido, certo?

— Isso mesmo — intrometeu-se Hobart inesperadamente. — Como carne de abutre, talvez, mas não como marido.

Ned lançou um olhar frio a seu cliente.

— Você não vai comprometer o meu trabalho admitindo coisas antes do acordo, não é? — disse ele, censurando-o. — Ou para que está me pagando? — Voltou-se novamente para Jamie, a dignidade profissional intacta. — Embora a srta. MacKenzie não deseje retomar uma posição conjugal com respeito a você, uma ação que de qualquer modo seria impossível — acrescentou ele ponderadamente —, a menos que queira se divorciar da atual sra. Fraser e casar-se nova...

— Não, não quero fazer isso — Jamie apressou-se a lhe assegurar, com novo olhar de relance para mim.

— Bem, nesse caso — continuou Ned, sem se alterar —, devo aconselhar meus clientes que é sempre melhor evitar o custo e a publicidade — acrescentou ele, arqueando uma sobrancelha invisível em advertência a Hobart, que assentiu apressadamente — de uma ação judicial, com um julgamento público e sua consequente exposição dos fatos. Sendo este o caso...

— Quanto? — interrompeu Jamie.

— Sr. Fraser! — Ned Gowan pareceu chocado. — Ainda não mencionei nada da natureza de um acordo pecuniário...

— Somente porque está muito ocupado se divertindo, patife desgraçado — disse Jamie. Ele estava irritado, uma mancha vermelha queimava em cada uma das faces, mas divertindo-se também. — Vá direto ao assunto, sim?

Ned Gowan inclinou a cabeça cerimoniosamente.

— Bem, deve entender — começou ele — que uma ação bem-sucedida movida sob as acusações descritas pode resultar na srta. MacKenzie e seu irmão multarem-no em quantias substanciais,



muito substanciais mesmo — acrescentou, com uma leve exultação de advogado diante da perspectiva. — Afinal, a srta. MacKenzie não só se viu sujeita ao ridículo e à humilhação pública, que levaram a um quadro agudo de perturbação mental, como está ameaçada com a perda de seu principal meio de subsistência...

— Ela não está ameaçada com nada disso — interrompeu Jamie acaloradamente. — Eu disse a ela que continuaria a sustentá-la e às duas garotas! O que ela acha que eu sou?

Ned trocou um olhar com Hobart, que sacudiu a cabeça.

— Não vai querer saber o que ela pensa de você — Hobart assegurou a Jamie. — Eu mesmo não imaginava que ela conhecesse tais termos. Mas pretende mesmo continuar pagando?

Jamie balançou a cabeça com impaciência, passando a mão perfeita pelos cabelos.

— Sim, pretendo.

— Mas somente até ela se casar outra vez. — Todos viraram a cabeça, surpresos, para Jenny, que meneou a cabeça com firmeza para Ned Gowan.

— Se Jamie está casado com Claire, o casamento entre ele e Laoghaire não tem validade, certo?

O advogado inclinou a cabeça, concordando.

— É verdade, sra. Murray.

— Muito bem, então — disse Jenny, com decisão. — Ela é livre para se casar outra vez imediatamente, não é? E se o fizer, meu irmão não deverá sustentá-la mais.

— Excelente argumento, sra. Murray. — Ned Gowan pegou sua pena e rabiscou diligentemente. — Bem, estamos progredindo — declarou ele, largando-a de novo e exibindo um largo sorriso para o grupo. — Agora, o próximo ponto a ser abordado...

Uma hora mais tarde, a garrafa de uísque estava vazia, as folhas de papel oficial sobre a mesa estavam cobertas pelos rabiscos ilegíveis de Ned Gowen e todos pareciam esgotados — exceto o próprio Ned, ativo e de olhos brilhantes como sempre.

— Excelente, excelente — declarou ele outra vez, reunindo as

folhas e batendo-as para arrumá-las com precisão. — Bem... as principais condições do acordo são as seguintes: o sr. Fraser concorda em pagar à srta. MacKenzie a soma de quinhentas libras em compensação pelo desgaste, inconveniência e a perda dos serviços conjugais. — Jamie deu uma risadinha sarcástica diante desse item, mas Ned fingiu não ouvi-lo, continuando seu resumo. — E, além disso, concorda em lhe pagar uma pensão no valor de cem libras por ano, até o momento em que a mencionada srta. MacKenzie venha a se casar novamente, quando então tal pagamento cessará. O sr. Fraser também concorda em fornecer uma quantia como dote para cada uma das filhas da srta. MacKenzie, no valor de trezentas libras adicionais, e por último, concorda em não processar a srta. MacKenzie por tentativa de homicídio. Em troca, a srta. MacKenzie libera o sr. Fraser de quaisquer outras reclamações. Isso está de acordo com sua compreensão e consentimento, sr. Fraser? — Ele ergueu a sobancelha para Jamie.

— Sim, está — disse Jamie. Ele estava pálido por estar sentado há tanto tempo e sua fronte porejava de suor, mas permanecia ereto e altivo, a criança ainda adormecida em seu colo, o polegar firmemente inserido na boca.

— Excelente — disse Ned outra vez. Levantou-se, um largo sorriso no rosto, e fez uma reverência para o grupo. — Como diz nosso amigo, o dr. John Arbuthnot: “A lei é um poço sem fundo.” Mas, no momento, não mais do que o meu estômago. Esse cheiro delicioso é indicativo de lombo de carneiro assado nas proximidades, sra. Jenny?

À mesa, sentei-me ao lado de Jamie e Hobart MacKenzie do outro lado, agora rosado e relaxado. Mary MacNab trouxe o assado e, por costume antigo, colocou-o diante de Jamie. Seu olhar demorou-se nele por um tempo um pouco longo demais. Ele pegou a faca de trinchar, comprida e de aspecto assustador, com a mão boa e ofereceu-a educadamente a Hobart.

— Quer cortar, Hobart? — disse ele.

— Ah, não — disse Hobart, descartando a ideia com um gesto da mão.

— É melhor deixar sua mulher cuidar disso. Não sei lidar com facas, é provável que acabe cortando um dedo fora. Você me conhece, Jamie — disse ele, descontraidamente.

Jamie dirigiu um longo olhar ao seu ex-cunhado por cima do saleiro.

— Houve uma época em que eu pensei que conhecia, Hobart — disse ele. — Passe-me o uísque, sim?

— O que tem que ser feito é casá-la imediatamente — declarou Jenny. Os filhos e netos haviam se retirado para dormir, e Ned e Hobart haviam partido para Kinwallis, deixando nós quatro avaliando a situação no escritório, comendo bolo de creme e bebendo uísque.

Jamie virou-se para a irmã.

— Arranjar casamento é mais a sua especialidade, não? — disse ele, de maneira contundente. — Acho que, se você se esforçar, pode pensar em um ou dois sujeitos adequados à função.

— Acho que sim — disse ela, com igual contundência. Ela estava bordando; a agulha perfurava bruscamente o tecido de linho, reluzindo à luz do lampião. Começara a cair uma mistura de chuva e neve do lado de fora, mas o aposento estava aconchegante, com o fogo ardendo na lareira e a poça de luz do lampião derramando calor sobre a escrivaninha surrada e seu fardo de livros contábeis. — Mas há um problema ainda — disse ela, os olhos no trabalho. — Onde pretende arranjar mil e duzentas libras, Jamie?

Eu mesma andara pensando a respeito. O pagamento do seguro da gráfica ficara aquém dessa quantia e eu duvidava que a parte de Jamie das atividades de contrabando sequer se aproximasse de um valor dessa magnitude. Sem dúvida, a própria Lallybroch não poderia suprir o dinheiro; a sobrevivência nas Terras Altas era um negócio de risco e mesmo vários anos de bons resultados eram capazes de fornecer apenas um minguado excedente.

— Bem, parece que só há uma saída, não é? — Ian olhou de

Jenny para o cunhado e de novo para sua mulher. Após um curto silêncio, Jamie balançou a cabeça.

— Creio que sim — disse ele, hesitante. Olhou para a janela, onde a chuva açoitava a vidraça em listras diagonais. — Mas é uma época do ano terrível para isso.

Ian encolheu os ombros e sentou-se mais na ponta de sua cadeira.

— A estação da primavera começa dentro de uma semana.

Jamie franziu o cenho, parecendo preocupado.

— Sim, é verdade, mas...

— Ninguém tem mais direito a ele do que você, Jamie — disse Ian. Estendeu a mão e apertou o braço bom de seu amigo, sorrindo. — Era destinado aos partidários do príncipe Charles, não é? E você era um deles, quer quisesse ou não.

Jamie esboçou um sorriso desolado.

— Sim, imagino que seja verdade. — Suspirou. — De qualquer modo, é a única solução que vejo. — Olhou de Ian para Jenny e novamente para o cunhado, evidentemente debatendo consigo mesmo se deveria acrescentar algo. Sua irmã o conhecia ainda melhor do que eu. Ela ergueu a cabeça do trabalho e olhou-o incisivamente.

— O que é, Jamie? — disse ela.

Ele respirou fundo.

— Quero levar o Jovem Ian comigo — disse ele.

— Não — disse ela, imediatamente. A agulha parara, enfiada no meio de um brilhante botão vermelho cor de sangue contra o vestido infantil branco.

— Ele já tem idade suficiente, Jenny — disse Jamie serenamente.

— Não, não tem! — objetou ela. — Ele nem fez quinze anos. Michael e Jamie tinham ambos pelo menos dezesseis e eram mais fortes.

— Sim, mas o pequeno Ian nada melhor do que qualquer um dos seus irmãos — disse Ian sensatamente, a testa franzida em

pensamentos. — Terá que ser um dos rapazes, de qualquer forma — ressaltou ele para Jenny. Com um gesto da cabeça, indicou Jamie, que segurava o braço na tipoia. — Jamie certamente não poderá nadar, em sua atual condição. Quanto a isso, nem Claire — acrescentou, com um sorriso para mim.

— Nadar? — disse, confusa. — Nadar para onde?

Ian pareceu desconcertado por um instante; em seguida, olhou para Jamie, as sobrancelhas arqueadas.

— Ah. Você não lhe contou?

Jamie sacudiu a cabeça.

— Conte, mas não tudo. — Virou-se para mim. — É o tesouro, Sassenach, o ouro das focas.

Incapaz de levar o ouro com ele, Jamie o escondera em seu lugar e voltara para Ardsmuir.

— Eu não sabia o que devia fazer com ele — explicou ele. — Duncan Kerr entregou-o aos meus cuidados, mas eu não tinha a menor noção de a quem ele pertencia, ou de quem o colocou lá, ou do que eu deveria fazer com ele. A “bruxa branca” foi tudo que Duncan disse e isso não significava nada para mim, exceto você, Sassenach.

Relutante em fazer uso do tesouro e, no entanto, achando que alguém deveria saber de sua existência, com receio de que morresse na prisão, ele enviara uma carta cuidadosamente codificada a Jenny e Ian em Lallybroch, dando a localização do esconderijo e o uso a que ele — provavelmente — fora destinado.

Eram tempos difíceis para os jacobitas, talvez ainda mais para aqueles que haviam se refugiado na França — deixando terras e fortunas para trás — do que para os que permaneceram e enfrentaram a perseguição dos ingleses nas Terras Altas. Mais ou menos na mesma época, Lallybroch sofrera duas colheitas ruins em sequência e cartas haviam chegado da França, pedindo qualquer ajuda possível para socorrer antigos companheiros que corriam o risco de passar fome.

— Não tínhamos nada para mandar; na realidade, nós mesmos

estávamos à beira da fome — explicou Ian. — Mandei avisar Jamie e ele disse que talvez não fosse errado usar um pouco do tesouro para ajudar a alimentar os partidários do príncipe Tearlach.

— Parecia provável que tivesse sido colocado lá por um partidário dos Stuart — acrescentou Jamie. Ergueu uma das sobancelhas ruivas para mim e o canto de sua boca torceu-se para cima. — Mas eu não pretendia mandá-lo para o príncipe Charles.

— Bem pensado — eu disse secamente. Qualquer dinheiro dado a Charles Stuart teria sido desperdiçado, dissipado em questão de semanas, e qualquer um que tivesse conhecido Charles intimamente, como Jamie conhecera, saberia disso muito bem.

Ian levou seu filho mais velho, Jamie, e atravessou a Escócia até a enseada das focas perto de Coigach. Com medo de que qualquer notícia do tesouro se espalhasse, não procuraram um barco de pescador. Em vez disso, o Jovem Jamie nadara até a rocha das focas como seu tio o fizera havia vários anos. Encontrara o tesouro em seu esconderijo, tirara duas moedas de ouro e três das pedras menores e, colocando-as numa sacolinha muito bem atada em volta do seu pescoço, devolvera o resto do tesouro ao seu lugar e atravessara as ondas de volta, chegando exausto.

Seguiram para Inverness e tomaram um navio para a França, onde seu primo Jared Fraser, um bem-sucedido comerciante de vinhos exilado, ajudou-os a trocar as moedas e pedras preciosas discretamente em dinheiro e assumiu a responsabilidade de distribuí-lo entre os jacobitas necessitados.

Desde então, Ian fizera a difícil viagem até a costa com um de seus filhos, cada vez para retirar uma pequena parte da fortuna escondida para cobrir uma necessidade. Por duas vezes, o dinheiro fora para amigos necessitados na França; uma vez, fora utilizado para comprar novos estoques de sementes para Lallybroch e fornecer alimentos aos seus colonos que lhes permitisse atravessar um longo inverno quando a plantação de batatas fracassou.

Somente Jenny, Ian e os dois filhos mais velhos, Jamie e Michael, sabiam da existência do tesouro. A perna artificial de Ian

impedia-o de nadar até a ilha das focas, de modo que um de seus filhos sempre teve que acompanhá-lo na viagem. Imagino que o fato de lhes ter sido confiado um segredo de tal monta tenha sido uma espécie de rito de passagem tanto para o Jovem Jamie quanto para Michael. Agora deveria ser a vez do Jovem Ian.

— Não — disse Jenny outra vez, mas achei que já não falava com a mesma convicção. Ian já balançava a cabeça pensativamente.

— Você o levaria com você para a França, Jamie?

Jamie balançou a cabeça, confirmando.

— Sim, isso mesmo. Terei que partir de Lallybroch e ficar longe por um bom tempo, por causa de Laoghaire. Não posso ficar morando com você aqui embaixo do nariz dela — disse ele para mim, tentando se desculpar —, ao menos não até ela estar adequadamente casada com outra pessoa. — Voltou sua atenção outra vez para Ian. — Não lhe contei tudo que aconteceu em Edimburgo, Ian, mas, no cômputo geral, acho que provavelmente será melhor que eu fique afastado de lá por algum tempo também.

Permaneci em silêncio, digerindo a novidade. Eu não percebera que Jamie pretendia ir embora de Lallybroch — deixar totalmente a Escócia, ao que parecia.

— Então, o que pretende fazer, Jamie? — Jenny desistira de qualquer tentativa de bordar e permanecia sentada com as mãos no colo.

Ele esfregou o nariz, com ar cansado. Era o primeiro dia em que ele se levantara; eu, particularmente, achava que ele já devia estar de volta à cama há horas, mas ele insistira em se manter acordado para presidir o jantar e conversar com todos.

— Bem — disse ele devagar —, Jared já me ofereceu mais de uma vez colocar-me em sua empresa. Talvez eu fique na França, ao menos por um ano. Achei que o Jovem Ian poderia ir conosco e estudar em Paris.

Jenny e Ian trocaram um longo olhar, um desses em que casais unidos há muito tempo são capazes de desenvolver conversas

inteiras no espaço de alguns batimentos cardíacos. Finalmente, Jenny inclinou a cabeça um pouco para o lado. Ian sorriu e tomou sua mão.

— Tudo vai dar certo, *mo nighean dubh* — disse ele numa voz baixa e terna. Em seguida, voltou-se para Jamie. — Sim, leve-o com você. Será uma grande oportunidade para o garoto.

— Tem certeza? — Jamie hesitou, dirigindo-se à irmã, em vez de Ian. Jenny assentiu. Seus olhos azuis cintilaram à luz do lampião e a ponta do seu nariz tornou-se ligeiramente vermelha.

— Imagino que seja melhor nós lhe darmos sua liberdade enquanto ele ainda acha que cabe a nós decidir — disse ela. Olhou para Jamie, depois para mim, diretamente e com firmeza. — Mas vocês vão tomar conta dele muito bem, sim?



PERDIDO E PRANTEADO PELO VENTO

Esta parte da Escócia era tão diferente dos desfiladeiros verdes e largos próximos a Lallybroch quanto as charnecas de North Yorkshire. Aqui, não havia praticamente nenhuma árvore; apenas longas extensões de urzais salpicados de rochas, erguendo-se em penhascos que tocavam o céu baixo e desapareciam abruptamente em cortinas de brumas.

Conforme nos aproximávamos do litoral, a neblina tornava-se mais densa, instalando-se no começo da tarde e demorando-se por mais tempo pela manhã, de modo que apenas por algumas horas no meio do dia é que conseguíamos cavalgar em tempo aberto. O passo, conseqüentemente, era lento, mas nenhum de nós se importava realmente, exceto o Jovem Ian, que estava exultante de empolgação, impaciente para chegar ao destino.

— Qual a distância da costa à ilha das focas? — perguntou ele a Jamie pela décima vez.

— Uns quatrocentos metros, eu calculo — respondeu seu tio.

— Posso nadar essa distância — repetiu o Jovem Ian, pela décima vez. Suas mãos agarravam as rédeas com força e o maxilar descarnado estava fixo com determinação.

— Sim, sei que pode — assegurou Jamie pacientemente. Ele olhou para mim, o esboço de um sorriso oculto no canto da boca. — Mas não será necessário; apenas nade direto para a ilha e a corrente o levará.

O rapaz assentiu e ficou em silêncio, mas seus olhos brilhavam de expectativa.

O promontório acima da enseada estava envolto em neblina e deserto. Nossas vozes ecoavam estranhamente no nevoeiro e logo paramos de falar, por causa de uma intimidante e estranha sensação de mistério. Eu podia ouvir as focas gritando à distância, o

som ondeando e misturando-se ao estouro da arrebentação, de modo que de vez em quando soava como marinheiros gritando uns para os outros acima do barulho do mar.

Jamie apontou a fenda estreita na rocha da torre de Ellen para o Jovem Ian e, tirando um rolo de corda da sela, encetou sua trilha pelas pedras desmoronadas do promontório para a entrada.

— Mantenha a camisa até chegar lá embaixo — disse ao garoto, gritando para ser ouvido acima das ondas. — Caso contrário, a rocha vai retalhar suas costas.

Ian assentiu e, em seguida, a corda bem amarrada à cintura, lançou-me um sorriso nervoso, deu dois passos desajeitados e desapareceu na terra.

Jamie tinha a outra ponta da corda amarrada ao redor de sua própria cintura. Cuidadosamente, com sua mão poderosa, ele arriava a corda aos poucos, conforme o rapaz descia. Rastejando sobre as mãos e os joelhos, aproximei-me da desmoronadiça borda do penhasco, de onde podia avistar a praia em meia-lua lá embaixo.

Depois do que pareceu um longo tempo, Ian finalmente surgiu da base da fenda estreita, uma figura pequena como uma formiga. Ele desamarrou a corda, olhou ao redor, avistou-nos no topo do penhasco e acenou entusiasticamente. Retribuí o aceno, mas Jamie apenas murmurou baixinho:

— Muito bem, vá em frente agora.

Eu o senti tenso ao meu lado enquanto o rapaz despia as calças e arrastava-se pelas rochas até a água, e o vi encolher-se quando a pequena figura mergulhou de cabeça nas ondas azul-acinzentadas.

— Brrrr! — disse, observando. — A água deve estar gelada!

— E está mesmo — disse Jamie, preocupado. — Ian tem razão, é uma época do ano terrível para nadar.

Seu semblante estava pálido e grave. Não achei que fosse consequência do desconforto de seu braço ferido, embora a longa cavalgada e o exercício com a corda não tivessem contribuído para melhorar seu estado. Embora não tivesse demonstrado senão uma confiança encorajadora enquanto Ian fazia sua descida, não fazia

nenhum esforço para esconder sua preocupação agora. O fato é que não havia como chegarmos até Ian, se algo desse errado.

— Talvez devêssemos ter esperado a neblina se dissipar — disse, mais para distraí-lo do que por convicção.

— Se esperássemos até a Páscoa, poderia ser — concordou ele ironicamente. — Embora eu confesse que já vi o tempo mais limpo aqui — acrescentou, estreitando os olhos para o turbilhão de trevas abaixo.

As três ilhas só eram visíveis intermitentemente do penhasco, conforme eram varridas pela neblina. Eu pude ver o pontinho oscilante da cabeça de Ian nos primeiros vinte metros depois que ele deixou a costa, mas agora ele desaparecera no nevoeiro.

— Acha que ele está bem? — Jamie inclinou-se para me ajudar a ficar de pé. Senti o tecido de seu casaco úmido e áspero sob meus dedos, molhado da neblina e do borrifo da arrebentação.

— Sim, ele vai conseguir. Ele é ótimo nadador; e não é um trecho tão difícil, depois que ele pegar a corrente. — Ainda assim, ele fitava o nevoeiro como se o esforço pudesse atravessar as brumas.

Seguindo o conselho de Jamie, o Jovem Ian programou sua descida para o começo da maré vazante, de modo a ter a maior ajuda possível da força da maré. Olhando por cima da beira do penhasco, pude ver restos flutuantes de algas marinhas, semiencaalhadas na crescente faixa de areia.

— Talvez umas duas horas até ele voltar — Jamie respondeu à minha pergunta não formulada. Virou-se relutantemente de seu inútil escrutínio da enseada oculta pelas brumas. — Droga, eu mesmo devia ter ido, com ou sem braço ferido.

— Tanto o Jovem Jamie quanto Michael já fizeram isso — lembrei a ele. Dirigiu-me um sorriso melancólico.

— Ah, sim. Ian se sairá bem. É que é bem mais fácil fazer algo que é um pouco perigoso do que ficar esperando e se preocupando enquanto outra pessoa corre o risco.

— Ah! — exclamei. — Então agora você sabe o que é estar

casada com você.

Ele riu.

— Ah, sim, imagino que sim. Além disso, seria uma vergonha frustrar a aventura do Jovem Ian. Venha, então, vamos sair do vento.

Caminhamos para o interior do promontório, afastando-nos da beira do penhasco, e nos sentamos para esperar, usando os corpos dos cavalos como para-ventos. Pôneis das Terras Altas, rudes, de pelo áspero e emaranhado, pareciam indiferentes às desagradáveis condições do tempo, permanecendo parados, juntos, a cabeça abaixada, a traseira contra o vento.

O vento estava forte demais para conseguirmos conversar com facilidade. Ficamos sentados em silêncio, juntos como os cavalos, nossas costas contra o litoral.

— O que foi isso? — Jamie ergueu a cabeça, ouvindo atentamente.

— O quê?

— Achei ter ouvido gritos.

— Imagino que sejam as focas — disse, mas antes de terminar a frase, ele já estava de pé e caminhando a passos largos para a beira do penhasco.

A pequena baía ainda estava encoberta pelo turbilhão de rolos de neblina, mas o vento descortinara a ilha das focas que, ao menos no momento, estava perfeitamente visível. Mas não havia nenhuma foca na ilha agora.

Um pequeno barco fora puxado para cima de uma rampa de pedra em um dos lados da ilha. Não era um barco de pescador; este era mais comprido e mais pontudo na proa, com um par de remos.

Enquanto eu olhava, um homem surgiu do centro da ilha. Carregava alguma coisa embaixo do braço, do tamanho e formato da caixa que Jamie descrevera. Mas não tive muito tempo para especular sobre a natureza do objeto, pois neste instante um segundo homem surgiu da encosta do outro extremo da ilha.

Este homem carregava o Jovem Ian. O corpo seminu do rapaz

estava descuidadamente jogado sobre um de seus ombros. Balançava-se, a cabeça para baixo, os braços pendurados com uma lassidão que deixava claro que o rapaz estava inconsciente ou morto.

— Ian! — A mão de Jamie fechou-se sobre a minha boca antes que eu pudesse gritar outra vez.

— Silêncio! — Puxou-me para baixo, fazendo-me cair de joelhos, para me manter fora de vista. Observamos, impotentes, quando o segundo homem içou Ian descuidadamente para dentro do barco, depois agarrou a amurada da embarcação para levá-la de volta à água. Não havia a menor possibilidade de fazer a descida pela fenda estreita e nadar até a ilha antes de conseguirem escapar. Mas escapar para onde?

— De onde vieram? — perguntei, num sussurro. Nada mais se movia na enseada abaixo, a não ser a névoa e as ondeantes algas marinhas, oscilando na maré.

— Um navio. É o barco de um navio. — Jamie acrescentou uma imprecação baixa e profundamente sentida em gaélico, e desapareceu. Virei-me e o vi lançar-se sobre um dos cavalos e virar bruscamente a cabeça do animal na direção contrária. E partiu, cavalcando a toda a brida pelo promontório, afastando-se da enseada.

Apesar do solo pedregoso do promontório, os cavalos estavam mais preparados para isso do que eu. Montei apressadamente e segui Jamie, um relincho estridente de protesto do cavalo amarrado de Ian soando em meus ouvidos.

Eram menos de quatrocentos metros até o lado do oceano do promontório, mas pareceu levar uma eternidade até o alcançarmos. Vi Jamie à minha frente, os cabelos voando soltos ao vento, e além dele o navio atracado ao largo da costa.

O solo esfacelou-se numa confusão de pedras desmoronadas que caíam até o oceano, uma encosta não tão escarpada como os penhascos da enseada, mas pedregosa demais para levar um cavalo para baixo. Quando consegui frear o cavalo, Jamie já estava

desmontado e escolhendo seu caminho pelos pedregulhos em direção à água.

Para a esquerda, eu podia ver o barco comprido proveniente da ilha, dobrando a curva do promontório. Alguém no navio devia estar à espera do barco, porque ouvi uma débil saudação vinda da direção do navio e vi pequenas figuras aparecerem repentinamente no cordame.

Uma dessas figuras também deve nos ter visto porque houve uma repentina agitação a bordo, com cabeças despontando acima do parapeito e nova gritaria. O navio era azul, com uma larga faixa preta pintada em toda a volta. Havia uma fileira de portinholas ao longo dessa faixa e, enquanto eu observava, a portinhola na frente do navio abriu-se e o olho redondo e negro do canhão espiou para fora.

— Jamie! — dei um berro agudo, o mais alto possível. Ele ergueu os olhos das pedras a seus pés, viu para onde eu apontava e deitou-se rente ao chão em meio aos cascalhos quando a arma disparou.

O barulho do disparo não foi terrivelmente alto, mas um som sibilante passou junto à minha cabeça, fazendo-me agachar instintivamente. Várias rochas à minha volta explodiram em lufadas de lascas de pedras voadoras. Ocorreu-me, um pouco tardiamente, que os cavalos e eu éramos muito mais visíveis ali no topo do promontório do que Jamie no penhasco abaixo.

Os cavalos, tendo captado esse fato essencial muito antes de mim, já corriam de volta para o local onde havíamos deixado seu companheiro amarrado, antes da poeira se assentar. Eu me arremessei por cima da borda do promontório, deslizei por vários metros numa chuva de cascalhos e enfiei-me em uma fenda profunda do rochedo.

Houve outra explosão em algum lugar acima da minha cabeça e comprimi o corpo ainda mais fundo na fresta. Evidentemente, as pessoas a bordo do navio ficaram satisfeitas com o efeito de seu último tiro, porque fez-se um relativo silêncio.

Meu coração batia com força contra as costelas e o ar ao redor de meu rosto estava denso com uma fina poeira cinza que me dava uma vontade irresistível de tossir. Arrisquei um olhar por cima do ombro, a tempo de ver o barco comprido ser içado para dentro do navio. Não havia sinal de Ian nem de seus dois captores.

A portinhola fechou-se silenciosamente enquanto eu observava e a corda que segurava a âncora foi arrastada para cima, escorrendo água. O navio manobrou lentamente, buscando o vento. A brisa era suave e as velas mal se enfunavam, mas já era o suficiente. Devagar, depois mais rápido, o navio movia-se para alto-mar. Quando Jamie alcançou meu esconderijo, o navio já desaparecera na densa cortina de neblina que obscurecia o horizonte.

— Meu Deus — foi tudo que ele disse quando me alcançou, mas abraçou-me com força por um instante. — Meu Deus.

Soltou-me então e virou-se para olhar o mar ao longe. Nada se movia, a não ser alguns filetes de névoa flutuando em câmara lenta. O mundo inteiro parecia emudecido; até mesmo os gritos ocasionais das tordas-mergulhadeiras e pardilhões haviam sido calados pelo estrondo do canhão.

A rocha cinza junto ao meu pé exibia uma área nova de cinza mais claro, onde o tiro arrancara uma grande lasca da pedra. A fenda onde eu me refugiara ficava a menos de um metro acima.

— O que vamos fazer? — Sentia-me entorpecida, tanto pelo choque da tarde quanto pela absoluta gravidade do que acontecera. Impossível acreditar que, em menos de uma hora, Ian desaparecera completamente de nossa vista, como se tivesse sido varrido da face da terra. O banco de névoa assomava espesso e impenetrável, um pouco ao largo da costa à nossa frente, uma barreira tão impassível quanto a cortina entre a terra e o submundo.

Minha mente repassava as imagens: a névoa, flutuando sobre os contornos da ilha das focas, o súbito aparecimento do barco, os homens surgindo nas rochas, o corpo delgado e adolescente de Ian, a pele branca como a névoa, os braços e pernas finos, balançando como os de um boneco desconjuntado. Eu vira tudo com aquela



clareza que está presente nas tragédias; cada detalhe gravado na minha mente, para ser repassado incessantemente, sempre com aquela sensação semiconsciente de que desta vez eu seria capaz de alterar os fatos.

O rosto de Jamie estava marcado por linhas de preocupação, sulcos profundos do nariz à boca.

— Não sei — disse ele. — Droga, eu não sei o que fazer! — Suas mãos fecharam-se em punhos cerrados ao longo do corpo. Ele fechou os olhos, respirando pesadamente.

Senti-me ainda mais assustada diante dessa admissão. No breve espaço de tempo desde a minha volta, eu me acostumara outra vez ao fato de que Jamie sempre sabia o que fazer, mesmo nas piores circunstâncias. Essa confissão parecia mais perturbadora do que qualquer outra coisa que tivesse acontecido até ali.

Uma sensação de impotência envolveu-me como a neblina. Cada nervo do meu corpo ansiava para fazer alguma coisa. Mas o quê?

Nesse momento, vi o fio de sangue no punho de sua camisa; ele havia cortado a mão ao descer pelas rochas. Isso eu podia remediar e experimentei uma sensação gratificante pelo fato de haver, afinal de contas, algo que eu pudesse fazer, por menor que fosse.

— Você se cortou — disse. Toquei em sua mão ferida. — Deixe-me ver; vou enfaixá-la para você.

— Não — disse ele. Virou-se, o rosto tenso, ainda olhando desesperadamente para dentro da neblina. Quando tentei tocá-lo outra vez, ele afastou-se bruscamente. — Não, já disse! Deixe como está!

Engoli em seco e passei os braços ao redor de mim mesma, sob o manto. Ventava pouco agora, mesmo no promontório, mas ainda assim o ar estava frio e pegajoso.

Ele esfregou a mão descuidadamente na frente do casaco, deixando uma mancha cor de ferrugem. Ainda olhava fixamente para o mar, para o ponto onde o navio desaparecera. Ele fechou os olhos e pressionou os lábios com força. Em seguida, abriu os olhos,

fez um gesto vago de desculpas para mim e virou-se para o promontório.

— Acho que devemos ir buscar os cavalos — disse ele em voz baixa. — Vamos. — Caminhamos de volta pela relva curta e espessa, salpicada de pedras, sem falar, silenciados pelo choque e pela tristeza. Eu podia ver os cavalos, pequenas figuras de pernas finas ao longe, amontoados com seu companheiro amarrado. Parecera levar horas do promontório à costa externa; a volta pareceu levar muito mais tempo.

— Não acho que ele estivesse morto — disse, depois do que me pareceu um ano. Coloquei a mão de forma hesitante no braço de Jamie, numa tentativa de confortá-lo, mas ele não teria notado ainda que o tivesse golpeado com um cassetete. Continuou a caminhar devagar, a cabeça baixa.

— Não — disse ele, e eu o vi engolir com dificuldade. — Não, ele não estava morto, ou eles não o teriam levado.

— Eles o levaram a bordo do navio? — pressionei. — Você os viu? — Achei que seria melhor para ele se falasse sobre o assunto.

Ele balançou a cabeça.

— Sim, içaram-no a bordo, vi claramente. Imagino que isso seja alguma esperança — murmurou ele, como se falasse consigo mesmo. — Se não o golpearam na cabeça na hora, talvez não o façam. — Lembrando-se de repente que eu estava ali, virou-se e olhou para mim, os olhos buscando meu rosto.

— Você está bem, Sassenach?

Eu estava esfolada em vários lugares, coberta de sujeira e com os joelhos trêmulos do susto, mas basicamente em bom estado.

— Estou bem. — Coloquei a mão em seu braço outra vez. Desta vez, ele não se esquivou.

— Ótimo — disse ele brandamente, após um instante. Enfiou minha mão na curva de seu braço e seguimos em frente.

— Tem alguma ideia de quem sejam eles? — Eu tinha que erguer um pouco a voz para ser ouvida acima da arrebentação às nossas costas, mas eu queria mantê-lo falando, se pudesse.

Ele sacudiu a cabeça, franzindo a testa. O esforço para falar parecia tirá-lo gradualmente de seu próprio estado de choque.

— Ouvi um dos marinheiros gritar para os homens no barco e ele falou em francês. Mas isso não prova nada, os marinheiros vêm de toda parte do mundo. Ainda assim, já vi muitos navios nas docas para achar que este não parecia um navio mercante, não parecia nem mesmo um navio inglês — acrescentou ele —, embora eu não saiba dizer exatamente por quê. A maneira como as velas estavam instaladas, talvez.

— Era azul, com uma faixa preta pintada ao redor — eu disse. — Foi tudo que tive tempo de ver, antes de os canhões começarem a disparar.

Seria possível rastrear um navio? O germe da ideia me deu esperança; talvez a situação não fosse tão desesperadora como eu pensara a princípio. Se Ian não estava morto e pudéssemos descobrir para onde o navio estava indo...

— Você viu um nome no navio? — perguntei.

— Um nome? — Olhou-me ligeiramente surpreso com a ideia. — O quê, no navio?

— Os navios geralmente não levam seu nome pintado nas laterais? — perguntei.

— Não, para quê? — Ele parecia realmente intrigado.

— Para que você possa saber quem são, bolas! — eu disse, exasperada. Surpreso com meu tom de voz, esboçou um sorriso.

— Sim, bem, imagino que talvez não queiram que ninguém saiba quem são, considerando a natureza dos seus negócios — disse ele secamente.

Continuamos a caminhar por mais alguns instantes, pensando. Então eu disse, curiosa:

— Bem, mas como os navios legítimos se diferenciam uns dos outros, se não têm seus nomes pintados no casco?

Olhou para mim, uma das sobranceiras erguidas.

— Eu saberia diferenciar você de outra mulher — ressaltou ele —, e você não tem o nome bordado no peito.

— Nem sequer uma letra — disse, de maneira petulante, mas vendo seu olhar de perplexidade, acrescentei: — Você quer dizer que os navios são bastante diferentes entre si, e que existem bem poucos, de modo que você pode distinguir um do outro só de olhar?

— Eu, não — respondeu ele honestamente. — Mas conheço alguns capitães de navios onde estive a bordo para fazer negócios, e também alguns paquetes, eles vão e vêm com tanta frequência que já os vi no porto dezenas de vezes. Mas um homem do mar saberia muito mais.

— Então, talvez seja possível descobrir como se chama o navio que levou Ian?

Assentiu, olhando-me com curiosidade.

— Sim, acho que sim. Venho tentando me recordar de tudo enquanto andamos, de modo a contar a Jared. Ele conhece muitos barcos e inúmeros capitães. Talvez um deles conheça um navio azul, de vau largo, com três mastros, doze canhões e uma carranca na proa.

Meu coração se alegrou.

— Então você tem um plano!

— Não chamaria isso de plano — disse ele. — É que não consigo pensar em mais nada que eu possa fazer. — Encolheu os ombros e passou a mão pelo rosto. Gotículas de umidade condensavam-se sobre nós conforme caminhávamos, cintilando nos pelos ruivos de suas sobrancelhas e cobrindo suas faces com minúsculas lágrimas. Ele suspirou. — A passagem é arranjada em Inverness. O melhor que posso pensar em fazer é ir. Jared estará à nossa espera em Le Havre. Quando o virmos, talvez ele possa nos ajudar a descobrir o nome do navio azul e talvez o seu destino. Sim — disse ele secamente, antecipando-se à minha pergunta —, os navios têm portos de residência e, se não pertencerem à marinha, têm percursos de rotina e também documentos para o capitão do porto, mostrando para onde se destinam.

Comecei a me sentir melhor do que me sentira desde que Ian descera a torre de Ellen.

— Quer dizer, se não forem piratas ou corsários de navio de guerra... — acrescentou ele, com um olhar de advertência que imediatamente lançou um balde de água fria no meu estado de ânimo mais otimista.

— E se forem?

— Então só Deus sabe, eu não sei — disse ele sucintamente, calando-se até alcançarmos os cavalos.

Eles pastavam no promontório perto da torre onde deixáramos o cavalo de lan, comportando-se como se nada tivesse acontecido, fingindo achar a relva dura do mar uma delícia.

— Tcha! — Jamie olhou-os com desaprovação. — Animais tolos. Agarrou o rolo de corda e enrolou-o duas vezes em volta de uma pedra protuberante. Entregando-me a ponta, com uma concisa instrução para segurá-la, lançou a ponta livre pela fenda abaixo, tirou o casaco e os sapatos, e desapareceu pela corda sem nenhum comentário adicional.

Algun tempo depois, ele voltou, suando profusamente, com uma pequena trouxa sob o braço. A camisa, o casaco, os sapatos e meias do Jovem lan, com sua adaga e a bolsinha de couro em que o rapaz guardava os poucos objetos de valor que possuía.

— Pretende levá-los de volta a Jenny? — perguntei. Tentei imaginar o que Jenny pensaria, diria ou faria diante da notícia e tive uma visão perfeita de como seria. Senti-me nauseada, sabendo que a oca e dolorosa sensação de perda que eu sentia não era nada comparada ao que ela sentiria.

O rosto de Jamie estava afogueado da subida, mas diante de minhas palavras, o sangue desapareceu de seu rosto. Suas mãos apertaram a trouxa.

— Ah, sim — disse ele, a voz muito baixa, com grande amargura. — Sim, vou voltar para casa e dizer a minha irmã que perdi seu filho mais novo? Ela não queria que ele viesse comigo, mas eu insisti. Eu cuidarei dele, eu disse. E agora ele está ferido e talvez morto, mas aqui estão as roupas para você se lembrar dele? — Cerrou o maxilar e engoliu em seco convulsivamente. — Preferia

eu mesmo estar morto — disse ele.

A seguir, ajoelhou-se no chão, sacudindo as peças de roupa, dobrando-as e arrumando-as numa pilha. Enrolou o casaco cuidadosamente em volta da pilha, levantou-se e enfiou o pacote no seu alforje.

— Ian vai precisar delas, imagino, quando o encontrarmos — disse, tentando demonstrar convicção.

Jamie olhou para mim, mas após alguns instantes, balançou a cabeça.

— Sim — disse à meia-voz. — Imagino que sim.

Era muito tarde para iniciar a viagem a Inverness. O sol deitava-se no horizonte, anunciando o fato com um embaçado clarão avermelhado que mal penetrava na neblina cada vez mais densa. Sem falar, começamos a montar acampamento. Havia comida fria nos alforjes, mas nenhum de nós dois teve vontade de comer. Em vez disso, nos enrolamos em nossos mantos e cobertores e nos deitamos para dormir, aninhados em pequenas depressões que Jamie escavara no solo.

Não consegui dormir. Sentia o chão duro e pedregoso sob meus quadris e ombros, e o estrondo da arrebentação embaixo teria sido suficiente para me manter acordada, ainda que minha mente não estivesse repleta de pensamentos sobre Ian.

Estaria gravemente ferido? A lassidão de seu corpo denunciara algum dano, mas eu não vira nenhum sangue. Provavelmente, fora apenas golpeado na cabeça. Se assim fosse, o que sentiria ao acordar, descobrindo que havia sido raptado e que, a cada minuto, estava sendo levado cada vez para mais longe de casa e da família?

E como iríamos encontrá-lo? Assim que Jamie mencionou Jared, senti-me esperançosa, mas quanto mais pensava no assunto, menores pareciam as perspectivas de realmente encontrar um determinado barco, que agora podia estar velejando em qualquer direção, para qualquer lugar do mundo. E seus captores se preocupariam em manter Ian ou, pensando melhor, concluiriam que

ele era um estorvo perigoso e o lançariam ao mar por cima da balaustrada?

Creio que não dormi, mas devo ter cochilado, meus sonhos transtornados. Acordei tremendo de frio e estendi a mão, à procura de Jamie. Ele não estava ali. Quando me sentei, vi que ele havia estendido seu cobertor sobre mim enquanto eu cochilava, mas era um fraco substituto para o calor de seu corpo.

Ele estava sentado a certa distância, de costas para mim. O vento de alto-mar havia se intensificado após o pôr do sol e dispersado um pouco da neblina; uma meia-lua lançava uma claridade suficiente através das nuvens para me mostrar sua figura arqueada com clareza.

Levantei-me e caminhei até ele, enrolando o manto bem apertado ao meu redor para me proteger do frio. Meus passos faziam um ruído leve sobre os cascalhos triturados, mas o som era abafado pelo rugido do mar abaixo. Ainda assim, ele deve ter me ouvido; não se virou, mas não deu nenhum sinal de surpresa quando me deixei cair a seu lado.

Ele permanecia sentado com o queixo nas mãos, os cotovelos nos joelhos, os olhos bem abertos, mas cegos, olhando fixamente para as águas escuras da enseada. Se as focas estivessem acordadas, estavam silenciosas esta noite.

— Você está bem? — perguntei baixinho. — Está terrivelmente frio. — Ele não usava nada além de seu casaco e nas horas frias da madrugada, no ar úmido e gelado acima do mar, isso estava longe de ser suficiente. Quando coloquei a mão em seu braço, pude sentir o tremor constante, quase imperceptível, que o percorria.

— Sim, estou bem — disse ele, com uma acentuada falta de convicção. Eu só consegui fingir uma risadinha diante desse embuste e sentei-me ao seu lado em outro bloco de granito.

— Não foi culpa sua — disse, após algum tempo sentados em silêncio, ouvindo o mar.

— Você devia ir dormir, Sassenach. — Sua voz era calma, mas com um tom de desamparo que me fez aproximar-me ainda mais

dele, tentando abraçá-lo. Ele estava claramente relutante em me tocar, mas a essa altura eu mesma tremia perceptivelmente.

— Não vou a lugar algum.

Ele suspirou profundamente e puxou-me para mais perto, aconchegando-me em seu colo, de modo que seus braços entraram por baixo do meu manto, me segurando com força. Pouco a pouco, o tremor cessou.

— O que está fazendo aqui? — perguntei finalmente.

— Rezando — disse ele baixinho. — Ou tentando rezar.

— Eu não devia tê-lo interrompido. — Fiz menção de me levantar, mas ele segurou-me com mais força.

— Não, fique — disse ele. Permanecemos ali, abraçados. Eu podia sentir o calor de sua respiração em meu ouvido. Ele inspirou como se fosse falar, mas depois soltou o ar sem dizer nada. Virei-me e toquei seu rosto.

— O que é, Jamie?

— É errado eu ter você? — sussurrou ele. Seu rosto estava lívido, os olhos apenas duas poças escuras na penumbra. — Eu fico pensando... será culpa minha? Terei cometido um pecado tão grande, desejando-a tanto, precisando mais de você do que da própria vida?

— É mesmo? — Tomei seu rosto entre minhas mãos, sentindo os ossos largos e frios sob minhas palmas. — E se assim é, como isso pode ser errado? Sou sua mulher. — Apesar de tudo, a simples palavra “mulher” aliviou meu coração.

Ele virou o rosto devagar, para que seus lábios tocassem a palma de minha mão, e sua mão subiu, tateando em busca da minha. Seus dedos também estavam frios e rígidos, como madeira de naufrágio encharcada de água do mar.

— É o que digo a mim mesmo. Deus deu você para mim; como posso não amá-la? E, no entanto... fico pensando e não consigo parar de pensar.

Abaixou os olhos para mim, a testa franzida numa expressão transtornada.



— O tesouro... foi certo usá-lo quando necessário, para alimentar os famintos ou para resgatar prisioneiros. Mas tentar comprar minha liberdade da culpa, usá-lo para que eu pudesse viver livre em Lallybroch com você, sem ter que me preocupar com Laoghaire... acho que talvez isso tenha sido errado.

Coloquei sua mão ao redor de minha cintura e o puxei para mais perto de mim. Ele veio, ansioso para ser reconfortado, e deitou a cabeça no meu ombro.

— Shhh — eu disse, embora ele não tivesse voltado a falar. — Fique quieto. Jamie, você já fez alguma coisa por si próprio... sem pensar em outra pessoa?

Sua mão descansou delicadamente em minhas costas, percorrendo a costura do meu espartilho, e sua respiração carregava a sugestão de um sorriso.

— Ah, muitas e muitas vezes — sussurrou ele. — Quando a vi. Quando a possuí, sem me importar se você me queria ou não, se tinha que estar em algum outro lugar, outra pessoa para amar.

— Desgraçado — sussurrei em seu ouvido, embalando-o o melhor que podia. — Você é um grande tolo, Jamie Fraser. E quanto a Brianna? Não foi errado, foi?

— Não. — Ele engoliu em seco; pude ouvir o som claramente e sentir o batimento de seu coração no pescoço onde eu o segurava. — Mas agora eu também a tirei dela. Eu a amo... e amo Ian, como se fosse meu próprio filho. E estou achando que talvez eu não possa ter vocês dois.

— Jamie Fraser — disse outra vez, com tanta convicção quanto pude incutir em minha voz —, você é um terrível tolo. — Alisei seus cabelos para trás, afastando-os da frente, e torci o punho no espesso rabo de cavalo em sua nuca, puxando sua cabeça para trás para fazê-lo olhar para mim.

Achei que meu rosto devia ter para ele a mesma aparência que o seu tinha para mim; os ossos esbranquiçados do crânio, com os lábios e os olhos escuros como sangue.

— Você não me obrigou a vir para você nem me arrancou de

Brianna. Vim porque quis, porque eu queria você, tanto quanto você me queria... e o fato de eu estar aqui não tem nada a ver com o que aconteceu. Nós somos casados, droga, por qualquer lei que você queira nomear: diante de Deus, dos homens, Netuno ou o que quer que seja.

— Netuno? — disse ele, soando um pouco surpreso.

— Silêncio — disse. — Somos casados e não é pecado você me querer, ou me possuir, e nenhum deus que valha a pena tiraria seu sobrinho de você porque você quer ser feliz. Pronto! Além do mais — acrescentei, afastando-me um pouco e erguendo os olhos para ele um instante depois —, pode ter certeza de que eu não vou embora, portanto, o que você poderia fazer a respeito disso, de qualquer modo?

A pequena vibração em seu peito desta vez foi de uma risada, não de frio.

— Ter você e ser amaldiçoado por isso, eu acho — disse ele. Beijou minha testa ternamente. — Amar você me levou ao inferno mais de uma vez, Sassenach; mas eu correria o risco outra vez, se necessário.

— Ah — disse. — E você acha que amar você tem sido um mar de rosas?

Desta vez, ele riu alto.

— Não, mas vai continuar a me amar, não vai?

— Talvez sim, pensando bem.

— Você é uma mulher muito teimosa — disse ele, o sorriso evidente em sua voz.

— É preciso um teimoso para reconhecer outro — disse e, então, ambos ficamos em silêncio por algum tempo.

Era muito tarde, talvez quatro da manhã. A meia-lua estava baixa no céu, visível apenas de vez em quando através das nuvens em movimento. As próprias nuvens estavam movendo-se mais rápido; o vento mudava de direção e a névoa se dispersava, nas horas entre a escuridão e o alvorecer. Em algum lugar lá embaixo, uma das focas berrou, uma única vez.

— Você acha que aguentaria ir agora? — disse Jamie repentinamente. — Sem esperar a luz do dia? Uma vez fora do promontório, a viagem não é tão ruim que os cavalos não consigam prosseguir no escuro.

Meu corpo inteiro doía de cansaço e eu estava faminta, mas levantei-me imediatamente e afastei os cabelos do rosto.

— Vamos — disse.

## PARTE VIII

### Na água



**40**

DESCEREI AO MAR

-Terá que ser o *Artemis*. — Jared fechou com um movimento rápido a tampa da escrivaninha e esfregou a fronte, franzindo as sobrancelhas. O primo de Jamie estava com cinquenta e poucos anos quando o conheci e agora já passava dos setenta, mas o rosto de nariz arrebitado e as feições bem talhadas, a constituição física esbelta e delgada, e a incansável capacidade para o trabalho continuavam os mesmos. Somente os cabelos denunciavam sua idade, passaram de lisos e escuros para um branco rareado, brilhante e puro, elegantemente amarrados com uma fita de seda vermelha.

— É uma corveta de tamanho médio, tem uma tripulação de aproximadamente quarenta pessoas — observou ele. — Mas já está adiantada a temporada e provavelmente não vamos conseguir nada melhor. Todos os indianos já partiram há um mês. O *Artemis* teria ido com o comboio para a Jamaica, se não tivesse sido encostado para reparos.

— Prefiro um dos seus navios e um dos seus capitães — assegurou Jamie. — O tamanho não importa.

Jared arqueou uma das sobrancelhas para seu primo, com ar cético.

— Ah, é? Bem, você pode descobrir que o tamanho é mais importante do que você pensa em alto-mar. Deverá estar tempestuoso lá fora nesta época do ano e uma corveta vai balançar como uma rolha de cortiça. Posso lhe perguntar como você suportou a travessia do Canal no paquete, primo?

O rosto de Jamie, já tenso e lúgubre, tornou-se ainda mais funesto diante da pergunta. Sem sombra de dúvida Jamie era um homem de terra firme, não era apenas propenso a ficar mareado, ficava completamente prostrado. Sentira-se nauseado ao extremo

durante todo o trajeto de Inverness a Le Havre, embora o mar e as condições atmosféricas fossem absolutamente tranquilos. Agora, cerca de seis horas depois, a salvo em terra firme, no depósito de Jared no cais, ainda havia palidez em seus lábios e olheiras bem escuras em seus olhos.

— Darei um jeito — disse ele sucintamente.

Jared examinou-o em dúvida, conhecendo bem sua reação a qualquer tipo de embarcação marítima. Jamie mal podia colocar os pés num navio atracado sem ficar verde; a perspectiva de atravessar o Atlântico, inexoravelmente preso em um navio pequeno e sacolejante por dois ou três meses era suficiente para abalar a mente mais determinada. Vinha perturbando a minha há algum tempo.

— Bem, acho que não há outro jeito — disse Jared com um suspiro, fazendo eco aos meus pensamentos. — E ao menos você terá uma médica à mão — acrescentou ele, sorrindo para mim. — Isto é, imagino que pretenda acompanhá-lo, não, minha cara?

— Sim, com certeza — assegurei-lhe. — Quanto tempo levará até o navio ficar pronto? Gostaria de encontrar uma boa botica, para fazer um bom estoque em minha caixa de remédios antes da viagem.

Jared contraiu os lábios, concentrado.

— Uma semana, se Deus quiser — disse ele. — O *Artemis* está em Bilbao no momento; deverá levar uma carga de couro curtido espanhol, mais uma carga de cobre da Itália. O navio será abastecido aqui, quando chegar, o que deve ocorrer depois de amanhã, com bons ventos. Ainda não escalei nenhum capitão para a viagem, mas tenho um bom sujeito em mente; talvez eu tenha que ir a Paris buscá-lo e isso significa dois dias lá e dois para voltar. Acrescente um dia para completar os suprimentos, encher os tonéis de água, fazer os últimos preparativos e ele deverá estar pronto para partir daqui a uma semana, ao raiar do dia.

— Quanto tempo de viagem até as Índias Ocidentais? — perguntou Jamie. Sua tensão transparecia nos contornos de seu

corpo, pouco afetado pela nossa viagem ou pelo breve descanso. Estava tenso como um arco de flecha e provavelmente permaneceria assim até encontrarmos o Jovem Ian.

— Dois meses, com bom tempo — respondeu Jared, a testa ainda franzida de preocupação. — Mas você está um mês atrasado na temporada; se pegar as tempestades de inverno, podem ser três. Ou mais.

Ou nunca, mas Jared, como um bom e velho homem do mar, era muito supersticioso — ou tinha muito tato — para enunciar essa possibilidade. Ainda assim, eu o vi tocar a madeira de sua escrivaninha furtivamente para dar sorte.

Ele também não enunciaria o outro pensamento que ocupava minha mente; não tínhamos nenhuma prova concreta de que o navio azul dirigia-se para as Índias Ocidentais. Tínhamos apenas os registros que Jared obtivera para nós do capitão do porto de Le Havre, mostrando duas visitas do navio — apropriadamente chamado *Bruja* — nos últimos cinco anos, sempre dando seu porto de origem como Bridgetown, na ilha de Barbados.

— Fale-me dele outra vez, do navio que levou o Jovem Ian — disse Jared. — Como ele flutuava? Alto na água ou bem afundado, como se transportasse uma carga pesada para uma viagem?

Jamie cerrou os olhos por um instante, concentrando-se, depois os abriu com um sinal da cabeça.

— Com uma carga pesada, eu poderia jurar. As portinholas não estavam a mais do que dois metros da água.

Jared balançou a cabeça, satisfeito.

— Então estava partindo, não chegando. Enviei mensageiros a todos os principais portos da França, Portugal e Espanha. Com sorte, encontrarão o porto de onde o navio partiu e então saberemos seu destino com certeza, pelos documentos. — Seus lábios finos torceram-se repentinamente para baixo. — A menos que tenha se tornado um navio pirata e esteja navegando com documentos falsos.

O velho comerciante de vinhos deixou de lado cuidadosamente a



escrivaninha de mogno entalhado, lustroso e escurecido pelos anos de uso, e levantou-se, movendo-se com as juntas enrijecidas.

— Bem, isso é tudo que pode ser feito no momento. Vamos para casa agora. Mathilde já deve estar com o jantar pronto à nossa espera. Amanhã, eu lhe mostrarei as listas de passageiros e encomendas, e sua mulher poderá encontrar suas ervas.

Ainda não eram cinco horas da tarde e já estava completamente escuro nesta época do ano, mas Jared arranajara dois homens para nos escoltar no curto trajeto até sua casa, carregavam tochas para iluminar o caminho e estavam armados com pesados porretes. Le Havre era uma fervilhante cidade portuária e a região do cais não era boa para andar a pé à noite, particularmente se fosse alguém conhecido como um próspero comerciante de vinhos.

Apesar da exaustão com a travessia do Canal, do ar opressivo e pegajoso e do pungente cheiro de peixe de Le Havre, bem como de uma fome avassaladora, senti meu estado de ânimo se elevar conforme seguíamos as tochas pelas ruas estreitas e escuras. Graças a Jared, tínhamos ao menos uma chance de encontrar o Jovem Ian.

Jared concordara com a opinião de Jamie de que se os piratas do *Bruja* — pois assim eu os considerava — não haviam matado o Jovem Ian no local, provavelmente o manteriam são e salvo. Um rapaz saudável de qualquer raça podia ser vendido como escravo ou como criado nas Índias Ocidentais por mais de duzentas libras; uma soma respeitável pelos padrões atuais.

Se realmente pretendessem se livrar do Jovem Ian lucrativamente e se soubéssemos o porto ao qual se destinavam, poderia ser relativamente fácil encontrar e recuperar o rapaz. Uma rajada de vento e algumas gotas geladas das nuvens baixas que pairavam acima de nós esfriaram um pouco meu otimismo, fazendo-me lembrar de que embora pudesse não ser extremamente difícil encontrar Ian quando tivéssemos chegado às Índias Ocidentais, primeiro era preciso que tanto o *Bruja* quanto o *Artemis* chegassem às ilhas. E as tempestades de inverno estavam começando.

A chuva aumentou durante a noite, tamborilando insistentemente no telhado de ardósia acima de nossas cabeças. Em geral, eu teria achado o barulho calmante e soporífero; nestas circunstâncias, as batidas surdas pareciam ameaçadoras, não tranquilizadoras.

Apesar do jantar substancioso oferecido por Jared e dos vinhos excelentes que o acompanharam, eu não conseguia dormir, imaginava lonas encharcadas de chuva e vagalhões em mares revoltos. Minha imaginação mórbida só estava impedindo a mim de dormir, pois Jamie não subira comigo, preferindo ficar para conversar com Jared sobre as providências para a viagem próxima.

Jared estava disposto a arriscar um navio e um capitão para ajudar na busca. Em troca, Jamie viajaria como um sobrecarga.

— Como o *quê*? — dissera, ao ouvir a proposta.

— O sobrecarga — explicara Jared pacientemente — é o responsável pela fiscalização do carregamento, do descarregamento, e da venda e distribuição da carga. O capitão e a tripulação só pilotam o navio; alguém tem que se encarregar do conteúdo. No caso de a segurança da carga se vir ameaçada, as ordens do sobrecarga suplantam até mesmo a autoridade do capitão.

E assim ficou acertado. Ainda que Jared estivesse mais do que disposto a correr certo risco a fim de ajudar um parente, não via razão para não lucrar com o arranjo. Assim, havia tomado as providências necessárias para que uma carga variada fosse embarcada em Bilbao e Le Havre; velejaríamos até a Jamaica para entregar a maior parte da carga e providenciaríamos o recarregamento do *Artemis* com rum produzido na plantação de cana-de-açúcar de Fraser et Cie na Jamaica, para a viagem de volta.

A viagem de volta, entretanto, não ocorreria até que as condições do tempo novamente fossem boas para a navegação, no final de abril ou início de maio. No tempo entre a chegada à Jamaica em fevereiro e a volta à Escócia em maio, Jamie poderia dispor do navio e de sua tripulação para viajar a Barbados — ou outros

lugares — à procura do Jovem Ian. Três meses. Eu esperava que fossem suficientes.

Era um arranjo generoso. Ainda assim, Jared, que há muitos anos vivia exilado na França como um comerciante de vinhos, era bastante rico para poder perder um navio. Embora aflitivo, não o deixaria falido. Não me passou despercebido que, enquanto Jared arriscava uma pequena parcela de sua fortuna, nós estávamos arriscando nossas vidas.

O vento parecia amainar; a chaminé já não uivava com a mesma força. Vendo que o sono continuava esquivo, levantei-me da cama e, com uma colcha enrolada em volta do corpo para me aquecer, dirigi-me à janela.

O céu estava matizado de cinza-escuro, as nuvens pesadas e fugidias tinham suas bordas brilhantes pela luz da lua oculta e a vidraça escorria água da chuva. Mesmo assim, a claridade que atravessava as nuvens era suficiente para eu divisar os mastros dos navios ancorados no cais, a menos de quatrocentos metros de distância. Oscilavam de um lado para o outro, as velas, bem amarradas contra a tempestade, subiam e desciam num ritmo nervoso, conforme as ondas balançavam os barcos atracados. Em uma semana, eu estaria dentro de um deles.

Eu não ousara imaginar como seria a vida quando eu encontrasse Jamie, com receio de simplesmente não encontrá-lo. Depois, eu realmente o encontrara e, numa rápida sucessão, contemplara a vida de mulher de um tipógrafo envolvido com o mundo político e literário de Edimburgo, uma existência perigosa e fugitiva como mulher de um contrabandista e, por fim, a vida atarefada e estabelecida de uma fazenda das Terras Altas, que eu conhecera antes e amava.

Agora, numa sucessão igualmente rápida, todas essas possibilidades haviam sido eliminadas e eu me deparava com um futuro incerto outra vez.

Estranhamente, eu estava mais empolgada que perturbada. Eu levava uma vida estável por vinte anos, presa como um coral pelas

minhas ligações com Brianna, Frank e meus pacientes. Agora, o destino e meus próprios atos libertaram-me de todos esses laços e eu me sentia como se estivesse rolando nas ondas de uma arrebatção, à mercê de forças muito mais poderosas do que eu.

Meu hálito enevoara a vidraça. Desenhei um pequeno coração no vidro embaçado, como eu costumava fazer para Brianna nas manhãs frias. Depois, eu colocava suas iniciais dentro do coração — B. E. R. — de Brianna Ellen Randall. Ela ainda se chamaria Randall, perguntei-me, e em seguida desenhei duas letras dentro do contorno do coração — um “J” e um “C”.

Eu continuava de pé junto à janela quando a porta se abriu e Jamie entrou.

— Ainda acordada? — perguntou ele, desnecessariamente.

— A chuva me impediu de dormir. — Aproximei-me dele e o abracei, feliz por seu corpo sólido e quente dispersar a tristeza fria da noite.

Ele me abraçou, recostando a face contra meus cabelos. Ele cheirava um pouco a maresia e muito mais intensamente a cera de vela e tinta de escrever.

— Andou escrevendo? — perguntei. Ele me olhou, espantado.

— Sim, mas como você sabe disso?

— Está com cheiro de tinta.

Ele sorriu ligeiramente, recuando um passo e passando a mão pelos cabelos.

— Você tem um nariz tão apurado quanto o de um porco caçador de trufas, Sassenach.

— Ora, obrigada, que belo elogio — disse. — O que estava escrevendo?

O sorriso desapareceu de seu rosto, deixando-o com uma aparência tensa e cansada.

— Uma carta para Jenny — disse ele. Dirigiu-se à mesa, onde tirou o casaco e começou a desatar o lenço do pescoço e o jabô. — Eu não quis escrever enquanto não fálássemos com Jared e eu pudesse lhe contar os planos que tínhamos e quais as perspectivas

de trazer Ian são e salvo para casa. — Fez uma careta e puxou a camisa pela cabeça. — Só Deus sabe o que fará quando receber a carta... e graças a Deus que estarei em alto-mar quando isso acontecer — acrescentou ele ironicamente, emergindo das dobras do linho.

Não deve ter sido uma carta de fácil composição, mas achei que ele parecia mais tranquilo por tê-la escrito. Sentou-se para tirar os sapatos e meias e eu passei às suas costas para desfazer o laço que prendia seus cabelos em trança na nuca.

— Pelo menos estou feliz por ter conseguido terminar a carta — disse ele, fazendo eco aos meus pensamentos. — Eu estava em pânico por ter de contar a ela.

— E contou a verdade?

Ele deu de ombros.

— Eu sempre o faço.

Exceto comigo. Entretanto, não expressei o pensamento em palavras, mas comecei a esfregar seus ombros, massageando os músculos enrijecidos.

— O que Jared fez com o sr. Willoughby? — perguntei, a massagem trazendo o chinês à mente. Ele nos acompanhara na travessia do Canal, agarrado a Jamie como uma pequena sombra de seda azul. Jared, acostumado a ver de tudo no cais, não se alterara com a presença do sr. Willoughby, cumprimentando-o solenemente com uma reverência e dirigindo-lhe algumas palavras em mandarim, mas sua governanta olhara o estranho hóspede com muito mais suspeita.

— Acho que ele foi dormir no estábulo. — Jamie bocejou e espreguiçou-se com vontade. — Mathilde disse que não estava acostumada a ter pagãos na casa e não pretendia começar agora. Ela estava borrifando água benta na cozinha depois que ele jantou lá. — Erguendo os olhos, ele viu o coração que eu desenhara na vidraça, preto contra o vidro embaçado, e sorriu.

— O que é isso?

— Tolice — eu disse.

Estendeu o braço e tomou minha mão direita, o polegar acariciando a pequena cicatriz na base de meu próprio polegar, a letra “J” que ele fizera com a ponta de sua adaga, pouco antes de eu deixá-lo, antes de Culloden.

— Eu não perguntei se você queria ir comigo. Eu poderia deixá-la aqui. Jared teria prazer em hospedá-la, aqui ou em Paris. Ou você poderia voltar a Lallybroch, se quisesse.

— Não, você não perguntou — disse. — Porque sabia muito bem qual seria a resposta.

Nossos olhos se encontraram e sorrimos. As marcas de tristeza e cansaço dissiparam-se de seu rosto. A luz da vela refletiu um brilho suave nos cabelos luzidios do topo de sua cabeça quando ele se inclinou e beijou ternamente a palma de minha mão.

O vento ainda zumbia na chaminé e a chuva escorria como lágrimas na vidraça, mas já não fazia diferença. Agora, eu conseguiria dormir.

Pela manhã, o céu havia desanuviado. Uma brisa fria e ligeira sacudia as vidraças das janelas do gabinete de Jared, mas não conseguia penetrar no aconchegante aposento. A casa em Le Havre era bem menor do que a suntuosa residência de Paris, mas ainda assim ostentava três andares de conforto, estruturados em sólidas vigas de madeira.

Estendi os pés para mais perto do fogo crepitante e mergulhei a pena no tinteiro. Eu estava listando tudo que achava que seria necessário em termos médicos para uma viagem de dois meses. Álcool destilado não só era o mais importante, como o mais fácil de ser obtido; Jared prometera comprar um barril para mim em Paris.

— Mas é melhor o rotularmos com outro nome — dissera ele. — Ou os marujos já terão bebido tudo antes de você deixar o porto.

*Gordura de porco purificada*, escrevi devagar, *erva-de-são-joão; alho, cinco quilos, milefólio*. Escrevi *borragem*, depois sacudi a cabeça e risquei-o, substituindo-o pelo nome antigo, pelo qual deveria ser mais conhecido agora, *borago*.

Era um trabalho lento e minucioso. Houve uma época em que eu conhecia os usos de todas as ervas medicinais mais comuns, e não poucas das mais raras. Fora necessário, era tudo que havia de disponível como medicamentos.

De fato, algumas eram surpreendentemente eficazes. Apesar do ceticismo — e declarado horror — de meus supervisores e colegas no hospital em Boston, eu as usava de vez em quando em meus pacientes com bons resultados. (“Você *viu* o que a dra. Randall fez?”, o grito espantado de um médico-residente ecoou em minha memória, fazendo-me sorrir enquanto escrevia. “Ela administrou *flores fervidas* para o estômago do paciente do 134B!”)

O fato é que ninguém usaria milefólio ou consolda em um ferimento se houvesse iodo disponível, nem daria preferência a tratar uma infecção sistêmica com utriculária em detrimento da penicilina.

Eu me esquecera de muita coisa, mas conforme anotava os nomes das ervas, a aparência e o cheiro de cada uma começaram a voltar à minha lembrança — o aspecto escuro e betuminoso e o aroma delicado e agradável do óleo de bétula, o cheiro pungente da família das mentas, o aroma adocicado da camomila e a adstringência da bistorta.

Do outro lado da mesa, Jamie pelejava com suas próprias listas. Escrevia penosamente com sua mão direita aleijada, parando de vez em quando para esfregar o ferimento em cicatrização acima do cotovelo esquerdo e praguejar em voz baixa.

— Colocou suco de limão em sua lista, Sassenach? — perguntou ele, erguendo os olhos.

— Não. Deveria?

Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto e franziu o cenho diante da folha de papel à sua frente.

— Depende. Normalmente, seria o médico de bordo quem forneceria o suco de limão, mas em um navio do tamanho do *Artemis* não costuma haver um cirurgião e a provisão de alimentos recai sobre o comissário de bordo. Mas também não há um

comissário de bordo; não há tempo para encontrar alguém confiável, de modo que deverei preencher esse cargo também.

— Bem, se você é o comissário de bordo e o sobrecarga, imagino que eu seja o mais próximo de um cirurgião de bordo — disse, esboçando um sorriso. — Comprarei o suco de limão.

— Está bem. — Retornamos ao clima de companheirismo de nossas anotações, somente interrompido com a entrada de Josephine, a copeira, para anunciar a chegada de uma pessoa. Seu nariz comprido enrugou-se numa desaprovação inconsciente diante da informação.

— Ele está à espera na soleira da porta. O mordomo tentou despachá-lo, mas ele insiste que tem uma reunião marcada com o senhor, monsieur James. — O tom interrogativo deixava implícito que nada parecia menos provável, mas o dever a obrigava a comunicar a improvável sugestão.

As sobranceiras de Jamie ergueram-se.

— Uma pessoa? Que tipo de pessoa?

Os lábios de Josephine fecharam-se numa expressão afetada, como se ela na verdade não conseguisse responder a essa pergunta. Eu começava a ficar curiosa para saber quem era essa pessoa e aventurei-me até a janela. Enfiando a cabeça para fora, pude ver o topo de um chapéu desabado, preto e muito empoeirado na soleira da porta, e pouca coisa mais.

— Ele parece um vendedor ambulante; carrega algo como um saco nas costas — informei, esticando ainda mais o pescoço, as mãos no parapeito da janela. Jamie me segurou pela cintura e me puxou para trás, enfiando a cabeça pela janela por sua vez.

— Ah, é o negociante de moedas de que Jared falou! — exclamou ele. — Mande-o subir.

Com uma eloquente expressão no rosto magro, Josephine partiu, retornando sem demora com um jovem alto e desengonçado, de aproximadamente vinte anos, trajando um casaco muito antiquado, calças largas e sem fivelas que ondulavam frouxamente ao redor das canelas finas, meias também frouxas e o mais



ordinário sapato com sola de madeira, do tipo usado pelos camponeses.

O imundo chapéu preto, educadamente removido quando ele entrou, revelou um rosto fino, com uma expressão inteligente, adornado com uma barba vigorosa, embora rala. Já que ninguém em Le Havre, além de uns poucos marinheiros, usava barba, não era necessário o pequeno e brilhante solidéu preto na cabeça do recém-chegado para me dizer que ele era um judeu.

O rapaz fez uma reverência desajeitada para mim, depois para Jamie, atrapalhado com as tiras de sua bolsa de mascate.

— Madame — disse ele, com um aceno de cabeça que fez os dois cachos de cabelo, um de cada lado da cabeça, balançarem-se. — Monsieur. É muita gentileza me receberem. — Ele falava francês de forma estranha, com uma entonação cantada que tornava difícil entender o que estava dizendo.

Embora eu compreendesse as reservas de Josephine a respeito dessa... pessoa, ainda assim ele possuía grandes e inocentes olhos azuis que me fizeram sorrir para ele, apesar da má impressão que sua aparência geral causava.

— Nós é que devemos lhe agradecer — dizia Jamie. — Não esperava que viesse tão prontamente. Meu primo me disse que seu nome é Mayer?

O negociante de moedas balançou a cabeça afirmativamente, um sorriso tímido despontando entre os brotos de sua barba juvenil.

— Sim, Mayer. Não foi nenhum problema; eu já estava na cidade.

— Mas você é de Frankfurt, não? É um longo caminho até aqui — disse Jamie educadamente. Ele sorriu ao ver o traje de Mayer, que parecia ter sido resgatado de uma pilha de lixo. — E empoeirado também, imagino — acrescentou. — Aceita um copo de vinho?

Mayer pareceu agitado diante da oferta, mas depois de abrir e fechar a boca algumas vezes, finalmente se decidiu por um silencioso sinal de aceitação com a cabeça.

Entretanto, sua timidez desapareceu assim que abriu a bolsa. Embora pela aparência externa o saco disforme parecesse conter, na melhor das hipóteses, uma muda de roupa de baixo esgarçada e um lanche de Mayer, uma vez aberta ela revelou várias prateleirinhas de madeira, astuciosamente encaixadas numa estrutura dentro da bolsa, cada prateleira cuidadosamente estocada com minúsculas sacolinhas de couro, amontoadas como ovos em um ninho.

Mayer retirou um pano quadrado, dobrado, debaixo das prateleiras, abriu-o com um gesto rápido e estendeu-o com uma espécie de floreio na escrivaninha de Jamie. A seguir, uma a uma, Mayer abriu as sacolinhas e retirou seus conteúdos, colocando cada cintilante moeda reverentemente sobre o quadrado de veludo azul-marinho.

— Uma Aquilia Severa aureus — disse ele, tocando uma pequena moeda que brilhava no veludo com a profunda suavidade do ouro antigo. — E aqui, um Sestércio da família Calpúrnio. — Sua voz era branda e suas mãos firmes, tocando a borda de uma moeda de prata pouco usada ou segurando outra na palma da mão apenas para demonstrar seu peso.

Ergueu o rosto das moedas, os olhos brilhando com os reflexos do precioso metal.

— Monsieur Fraser me disse que gostaria de examinar o maior número possível de raridades romanas e gregas. Não tinha todo o meu estoque aqui comigo, é claro, mas tenho diversas. Eu poderia mandar buscar outras em Frankfurt, se desejar.

Jamie sorriu, sacudindo a cabeça.

— Receio que não tenhamos tempo, sr. Mayer. Nós...

— Apenas Mayer, monsieur Fraser — interrompeu o rapaz, perfeitamente educado, mas com uma leve impaciência na voz.

— Sem dúvida. — Jamie fez uma ligeira inclinação para ele. — Espero que meu primo não tenha lhe dado uma ideia errada. Terei muito prazer em pagar os custos de sua viagem e algo pelo seu tempo, mas eu próprio não desejo adquirir nada do seu estoque...

Mayer.

As sobrancelhas do rapaz ergueram-se com um ar interrogativo, junto com um dos ombros.

— O que eu quero — disse Jamie devagar, inclinando-se para a frente para examinar as moedas em exposição — é comparar seu estoque com minha lembrança de várias moedas antigas que eu vi. Depois, caso eu veja alguma que me seja familiar, quero perguntar se você, ou sua família, eu diria, porque imagino que você seja muito novo, conheceria a pessoa que poderia ter comprado essas moedas há vinte anos.

Ele ergueu os olhos para o jovem judeu, que o olhava compreensivelmente atônito, e sorriu.

— Talvez isso seja pedir um pouco demais de você, eu sei. Mas meu primo me disse que sua família é uma das poucas que lida com esse material e é, de longe, a mais conhecedora do assunto. Da mesma forma, se puder me colocar em contato com qualquer pessoa nas Índias Ocidentais com interesses nesta área, eu ficaria profundamente agradecido.

Mayer permaneceu imóvel, fitando-o, por um instante, depois inclinou a cabeça, a luz do sol cintilando das beiradas de pequenas contas negras que adornavam seu solidéu. Era óbvio que ele estava intensamente curioso, mas apenas tocou em sua bolsa e disse:

— Meu pai ou meu tio teriam vendido tais moedas, não eu; mas tenho aqui o catálogo e o registro de cada moeda que passou pelas nossas mãos em trinta anos. Eu lhe direi o que puder.

Empurrou o pano de veludo na direção de Jamie e recostou-se em sua cadeira.

— Vê aí alguma das moedas de que se lembra?

Jamie examinou as fileiras de moedas atentamente, depois empurrou uma peça de prata, do tamanho aproximado de uma moeda americana de vinte e cinco centavos. Três golfinhos saltando circundavam sua borda, cercando um condutor de biga no centro.

— Esta — disse ele. — Havia várias como esta. Pequenas diferenças, mas várias com estes golfinhos. — Olhou outra vez,

pegou um desgastado círculo de ouro com um perfil indistinto, depois uma de prata, um pouco maior e em melhores condições, com a cabeça de um homem, tanto de frente quanto de perfil. — Estas — disse ele. — Catorze das de ouro e dez com as duas cabeças.

— Dez! — Os olhos brilhantes de Mayer arregalaram-se de espanto. — Eu não imaginaria que houvesse tantas na Europa.

Jamie balançou a cabeça.

— Tenho absoluta certeza, eu as vi bem de perto; cheguei mesmo a manuseá-las.

— Estas são as duas cabeças de Alexandre — disse Mayer, tocando a moeda com reverência. — Realmente muito raras. É um tetradracma, moeda cunhada para comemorar a batalha travada em Anfípolis e a fundação de uma cidade no local do campo de batalha.

Jamie ouviu com atenção, um leve sorriso nos lábios. Embora não tivesse nenhum interesse especial em moedas antigas, ele de fato possuía uma grande admiração por um homem tão apaixonado.

Quinze minutos depois e com outra consulta ao catálogo a questão estava encerrada. Quatro dracmas gregos de um tipo que Jamie reconhecera foram acrescentados à coleção, diversas moedas pequenas de ouro e prata e uma denominada quintinário, uma moeda romana de ouro maciço.

Mayer inclinou-se e enfiou a mão em sua bolsa novamente, desta vez retirando um maço de folhas de papel ofício enroladas em um rolo e amarradas com uma fita. Uma vez desamarradas, as folhas exibiam listas e listas do que pareciam, à distância, pegadas de passarinhos; num exame mais de perto, mostraram ser escrita hebraica, em caracteres pequenos e precisos.

Folheou lentamente as páginas, parando aqui e ali e murmurando: “Hummm”, depois continuando. Por fim, colocou as folhas sobre os joelhos e ergueu os olhos para Jamie, com a cabeça inclinada para o lado.

— Nossas transações são naturalmente realizadas em confiança, monsieur — disse ele —, e embora eu possa lhe dizer,

por exemplo, que certamente vendemos essa ou aquela moeda, em tal e qual ano, não poderei lhe dizer o nome do comprador. — Parou, evidentemente pensando, depois continuou: — Nós de fato vendemos essas moedas descritas pelo senhor, três dracmas, duas da cabeça de Egalababus e duas da de Alexandre, e pelo menos seis das de Calpúrnio, no ano de 1745. — Hesitou. — Normalmente, isso seria tudo que eu poderia lhe dizer. Entretanto... neste caso, monsieur, por acaso eu sei que o comprador original dessas moedas está morto, na verdade, já morreu há alguns bons anos. Realmente, não vejo como nas circunstâncias... — Deu de ombros, tomando uma decisão. — O comprador era um inglês, monsieur. Seu nome era Clarence Marylebone, duque de Sandringham.

— Sandringham! — exclamei, estupefata.

Mayer olhou-me com curiosidade, em seguida olhou para Jamie, cujo rosto não traía nada além de um educado interesse.

— Sim, madame — disse ele. — Sei que o duque está morto, pois ele possuía uma extensa coleção de moedas antigas, que meu tio comprou de seus herdeiros em 1746. A transação está registrada aqui. — Levantou ligeiramente o catálogo e o deixou cair.

Eu também sabia que o duque de Sandringham estava morto e por uma experiência mais imediata. O padrinho de Jamie, Murtagh, o matara numa noite escura em março de 1746, pouco antes de a Batalha de Culloden pôr fim à rebelião jacobita. Engoli em seco, recordando-me da última visão que eu tivera do rosto do duque, seus olhos semelhantes a mirtilos, fixos numa expressão de enorme surpresa.

Os olhos de Mayer iam e vinham de mim para Jamie e vice-versa. Em seguida, acrescentou, hesitante:

— Também posso lhe dizer o seguinte. Quando meu tio comprou a coleção do duque após sua morte, não havia nenhum tetradracma.

— Não — murmurou Jamie consigo mesmo. — Não haveria mesmo. — Em seguida, recompondo-se, levantou-se e foi pegar a garrafa de vinho que estava sobre o aparador. — Obrigado, Mayer

— disse ele formalmente. — E agora, vamos beber a você e seu pequeno catálogo.

Alguns minutos depois, Mayer estava ajoelhado no chão, amarrando as tiras de sua bolsa surrada. A sacolinha repleta de libras de prata que Jamie lhe dera em pagamento estava em seu bolso. Ele se levantou e fez uma reverência para Jamie e outra para mim, antes de se aprumar e colocar na cabeça seu vergonhoso chapéu.

— Adeus, madame — disse ele.

— Adeus, sr. Mayer — respondi. Em seguida, perguntei, um pouco hesitante: — “Mayer” é realmente seu único nome?

Algo tremeluziu nos grandes olhos azuis, mas ele respondeu educadamente, colocando a pesada bolsa nas costas.

— Sim, madame. Os judeus de Frankfurt não podem usar nomes de família. — Ergueu os olhos e sorriu de viés. — Por conveniência, os vizinhos nos chamam por um antigo escudo vermelho que foi pintado na frente de nossa casa, há muitos anos. Mas, fora isso... não, madame. Não temos nenhum nome.

Josephine veio para conduzir nosso visitante à cozinha, tomando o cuidado de andar vários passos à sua frente, as narinas lívidas como se sentisse um cheiro fétido. Mayer seguiu-a com passos em falso, seus desajeitados tamancos de madeira batendo nas tábuas polidas do assoalho.

Jamie relaxou em sua cadeira, os olhos distraídos em profunda meditação.

Ouvi a porta se fechar embaixo alguns minutos mais tarde, com uma batida um pouco forte demais, e o toc toc dos tamancos nos degraus de pedra da entrada. Jamie também ouviu e se aproximou da janela.

— Bem, vá com Deus, Mayer Escudo-Vermelho — disse ele, sorrindo.

— Jamie — disse, repentinamente me ocorrendo um pensamento. — Você fala alemão?

— Hein? Ah, sim — disse ele vagamente, a atenção ainda

voltada para a janela e os barulhos lá fora.

— Como é “escudo vermelho” em alemão? — perguntei.

Ele pareceu não entender por um momento, depois seus olhos clarearam, quando o cérebro fez a conexão adequada.

— *Rothschild*, Sassenach — disse ele. — Por quê?

— Só por curiosidade — disse. Olhei para a janela, onde o barulho dos tamancos de madeira há muito se perdera nos ruídos da rua. — Imagino que todo mundo tenha que começar de algum lugar.

— Quinze homens na arca do morto — observei. — Yo-ho-ho, e uma garrafa de rum.

Jamie lançou-me um olhar incisivo.

— Ah, é? — disse.

— O duque sendo o morto — expliquei. — Acha que o tesouro das focas era realmente dele?

— Não tenho certeza, mas ao menos parece provável. — Os dois dedos rígidos de Jamie tamborilaram rapidamente na mesa, num ritmo meditativo. — Quando Jared mencionou Mayer, o negociante de moedas, para mim, achei que valia a pena investigar, pois certamente a pessoa mais provável de ter enviado o *Bruja* para resgatar o tesouro seria a pessoa que o colocou lá.

— Bem pensado — eu disse —, mas evidentemente não foi a mesma pessoa, se foi o duque quem o colocou lá. Acha que o tesouro inteiro totalizava cinquenta mil libras?

Jamie estreitou os olhos à sua imagem refletida na lateral arredondada da garrafa, considerando. Então pegou o copo e o reabasteceu, para ajudá-lo a pensar.

— Como metal, não. Mas você notou por quanto algumas daquelas moedas no catálogo de Mayer foram vendidas?

— Notei.

— Até mil libras... de prata! E por um pedaço de metal embolorado! — disse ele, maravilhado.

— Não acho que metais criem bolor, mas entendi o que quis

dizer. De qualquer forma — eu disse, descartando a questão com um gesto da mão —, o caso aqui é o seguinte: você acha que o tesouro das focas pode ser as cinquenta mil libras que o duque prometera aos Stuart?

No começo de 1744, Charles Stuart estava na França, tentando persuadir seu real primo Louis a conceder-lhe algum tipo de apoio. Na ocasião, ele recebeu uma oferta do duque de Sandringham de cinquenta mil libras — o suficiente para contratar um pequeno exército —, sob a condição de invadir a Inglaterra para retomar o trono de seus antepassados.

Se fora essa oferta que finalmente convenceu o vacilante príncipe Charles a empreender sua malfadada excursão, jamais saberíamos. Poderia facilmente ter sido um desafio de alguém com quem ele estava bebendo ou uma desfeita — real ou imaginária — de sua amante, que o enviara à Escócia com nada além de seis companheiros, duas mil espadas holandesas e vários barris de conhaque, com os quais ele deveria atrair os chefes dos clãs das Terras Altas.

De qualquer modo, as cinquenta mil libras nunca foram recebidas, pois o duque morreu antes de Charles chegar à Inglaterra. Outra das especulações que me perturbavam nas noites de insônia era se esse dinheiro teria feito diferença. Se Charles Stuart o tivesse recebido, teria levado seu maltrapilho exército das Terras Altas até Londres, retomado o trono e reconquistado a coroa de seu pai?

Se o tivesse feito — bem, se o tivesse feito, a rebelião jacobita poderia ter sido bem-sucedida, Culloden talvez não tivesse acontecido, eu jamais teria voltado pelo círculo de pedras... e eu e Brianna provavelmente teríamos ambas morrido no parto e já teríamos nos transformado em pó há muitos anos. Sem dúvida, vinte anos deveriam ser suficientes para me ensinar a inutilidade de pensar por hipóteses.

Jamie pensava no assunto, esfregando a ponte do nariz meditativamente.



— Pode ser — respondeu ele por fim. — Tendo um mercado adequado para as moedas e pedras preciosas. Você sabe que esses artigos levam tempo para serem vendidos; se tiver que se livrar deles rapidamente, só obterá uma fração do valor. Mas tendo bastante tempo para procurar bons compradores... sim, poderia chegar a cinquenta mil.

— Duncan Kerr era um jacobita, não era?

Jamie franziu a testa, balançando a cabeça.

— Era. Sim, pode ter sido, embora Deus saiba que é um tipo estranho de fortuna para entregar ao comandante de um exército para pagar suas tropas!

— Sim, mas por outro lado é pequena, fácil de carregar e de esconder — ressaltou. — E se você fosse o duque, cometendo traição ao lidar com os Stuart, isso poderia ser importante. Enviar cinquenta mil libras em prata, com cofres e carruagens e guardas, atrairia muito mais atenção do que enviar um homem secretamente ao outro lado do Canal com uma pequena caixa de madeira.

Jamie balançou a cabeça outra vez.

— Da mesma forma, se você já tivesse uma coleção dessas raridades, não atrairia nenhuma atenção estar adquirindo mais e provavelmente ninguém notaria quais moedas você possuía. Seria muito simples tirar as mais valiosas, substituí-las por outras de pouco valor, sem que ninguém notasse. Nenhum banqueiro que pudesse dar com a língua nos dentes, se você deslocasse dinheiro ou propriedades. — Sacudiu a cabeça com admiração.

— É um plano inteligente, sem dúvida, quem quer que o tenha idealizado. — Ergueu os olhos interrogativamente para mim.

— Mas, então, por que Duncan Kerr veio, quase dez anos após Culloden? E o que aconteceu a ele? Teria vindo para deixar a fortuna na ilha das silkies ou para levá-la embora?

— E quem enviou o *Bruja* agora? — concluí por ele. Sacudi a cabeça também.

— Não faço a menor ideia. Talvez o duque tivesse alguma espécie de aliado? Mas, se tinha, não sabemos quem era.

Jamie suspirou e, impaciente por estar sentado há tanto tempo, levantou-se e espreguiçou-se. Olhou pela janela, estimando a posição do sol, seu método de saber as horas, quer houvesse um relógio à mão ou não.

— Sim, bem, teremos tempo para especulações quando estivermos ao mar. Já é quase meio-dia agora e a carruagem para Paris sai às três horas.

A loja do boticário na rue de Varennes desaparecera. Em seu lugar, havia uma fervilhante taberna, uma loja de penhores e uma pequena ourivesaria, amistosamente comprimidas no mesmo espaço.

— Mestre Raymond? — O dono da casa de penhores uniu as sobancelhas grisalhas. — Já ouvi falar dele, madame — lançou-me um olhar desconfiado, sugerindo que o que quer que tivesse ouvido não fora muito recomendável —, mas ele foi embora há muitos anos. Porém, se está precisando de um bom farmacêutico, Krasner na place d'Aloes ou talvez madame Verrue, perto das Tuileries... — Olhou fixamente e com interesse para o sr. Willoughby, que me acompanhava, depois inclinou-se sobre o balcão para dirigir-me a palavra confidencialmente. — Estaria interessada em vender seu chinês, madame? Tenho um cliente com um gosto acentuado pelo Oriente. Eu poderia lhe arranjar um bom preço, sem nada além da comissão de praxe, asseguro-lhe.

O sr. Willoughby, que não falava francês, espreitava com evidente desprezo um jarro de porcelana pintado com faisões, ao estilo oriental.

— Obrigada — disse —, mas acho que não. Vou tentar Krasner.

O sr. Willoughby atraía relativamente pouca atenção em Le Havre, uma cidade portuária transbordante de estrangeiros de todo tipo. Nas ruas de Paris, entretanto, usando um casaco acolchoado sobre o pijama de seda azul, e com sua trancinha enrolada várias vezes em volta da cabeça por conveniência, causava profusos comentários. Surpreendentemente, mostrou-se grande conhecedor

de ervas e substâncias medicinais.

— *Bai jei ai* — disse ele, pegando um punhado de sementes de mostarda de uma caixa aberta no empório de Krasner. — Bom para *shen-yen*, rins.

— Sim, é — disse, surpresa. — Como sabe?

Deixou a cabeça rolar ligeiramente de um lado para o outro, como eu sabia que era seu hábito quando estava satisfeito por ser capaz de surpreender alguém.

— Conhecer curandeiros certa época — foi tudo que disse, antes de voltar-se para um cesto contendo o que pareciam ser bolas de lama seca. — *Shan-yü* — disse ele com grande autoridade. — Bom, muito bom. Limpar sangue, fígado trabalhar bem, nada de pele seca, ajudar vista. Você comprar.

Aproximei-me para examinar os produtos em questão e descobri tratar-se de um tipo particularmente simples de enguia seca, enrolada em bolas e recoberta com lama. O preço era bastante razoável e, assim, para satisfazê-lo, acrescentei duas das horríveis criaturas na cesta que levava no braço.

O tempo estava ameno para o início de dezembro e fomos andando de volta para a casa de Jared na rue Tremoulins. As ruas estavam iluminadas com o sol do inverno e animadas de ambulantes, pedintes, prostitutas, caixeiras de lojas e outros cidadãos da parte mais pobre de Paris, todos aproveitando o degelo temporário.

Na esquina da rue du Nord e da allée des Canards, entretanto, vi algo absolutamente fora do comum; uma figura alta, de ombros arriados, usava um casaco preto de sacerdote e um chapéu preto e redondo.

— Reverendo Campbell! — exclamei.

Ele girou nos calcanhares ao ser chamado pelo nome, reconheceu-me, fez uma reverência e tirou o chapéu.

— Sra. Malcolm! — disse ele. — Que prazer revê-la. — Seus olhos recaíram sobre o sr. Willoughby e ele pestanejou, as feições endurecendo-se numa expressão de censura.

— Hã... este é o sr. Willoughby — apresentei-o. — Ele é um... sócio do meu marido. Sr. Willoughby, reverendo Archibald Campbell.

— É mesmo? — O reverendo Campbell normalmente já tinha um ar austero, mas agora conseguiu parecer que comera arame farpado no desjejum e não gostara.

— Pensei que estivesse partindo de Edimburgo para as Índias Ocidentais — disse, na esperança de arrancar seu olhar glacial de cima do chinês. Funcionou; seus olhos voltaram-se para mim e suavizaram-se um pouco.

— É muita gentileza sua perguntar, senhora — disse ele. — Ainda alimento essa intenção. Entretanto, eu tinha negócios urgentes a tratar na França primeiro. Deverei partir de Edimburgo na quinta-feira da próxima semana.

— E como vai sua irmã? — perguntei. Ele lançou um olhar de antipatia para o sr. Willoughby, depois, dando um passo para o lado para sair da visão direta do chinês, abaixou a voz.

— Está um pouco melhor, obrigado. As poções que lhe prescreveu têm ajudado muito. Ela está muito mais calma e dorme regularmente agora. Devo agradecer-lhe outra vez por sua generosa atenção.

— Não há de quê — disse. — Espero que a viagem lhe seja benéfica. — Despedimo-nos com as expressões de praxe e o sr. Willoughby e eu descemos a rue du Nord, de volta à casa de Jared.

— Reverendo dizer homem muito religioso, né? — disse o sr. Willoughby, após um curto silêncio. Ele apresentava a costumeira dificuldade oriental em pronunciar a letra “r”, o que tornava a palavra “reverendo” mais do que ligeiramente pitoresca, mas entendi bem o significado.

— É verdade — respondi, olhando-o com curiosidade. Ele franziu os lábios e empurrou-os para dentro e para fora, depois resmungou de um modo distintamente irônico.

— Não tão religioso, esse reverendo — disse ele.

— O que o faz dizer isso?

Lançou-me um olhar brilhante, cheio de astúcia.

— Eu ver ele uma vez, na casa de madame Jeanne. Não falar alto. Muito quieto, o reverendo.

— Ah, é mesmo? — Virei-me para olhar para trás, mas a figura alta do reverendo desaparecera na multidão.

— Prostitutas nojentas — acrescentou o sr. Willoughby, fazendo um gesto extremamente grosseiro na vizinhança de sua virilha, para ilustrar.

— Sim, entendi — eu disse. — Bem, creio que a carne é fraca de vez em quando, mesmo para ministros da Igreja Livre da Escócia.

Durante o jantar, à noite, mencionei o encontro com o reverendo, embora sem acrescentar as observações do sr. Willoughby sobre as atividades extracurriculares do religioso.

— Eu devia ter perguntado a ele para onde nas Índias Ocidentais ele estava indo — eu disse. — Não que ele seja uma companhia particularmente brilhante, mas pode ser útil conhecer alguém lá.

Jared, que consumia pedaços de vitela diligentemente, parou para engolir, depois disse:

— Não se preocupe com isso, minha querida. Fiz uma lista de contatos úteis para vocês. Escrevi cartas para levarem a diversos amigos lá, que com certeza lhes darão assistência.

Cortou outro pedaço de bom tamanho de carne de vitela, passou-o numa poça de molho de vinho e mastigou-o, enquanto olhava pensativamente para Jamie.

Tendo evidentemente chegado a algum tipo de decisão, engoliu, tomou um gole de vinho e disse em tom de conversa:

— Nós nos encontramos de coração aberto, primo.

Fitei-o espantada, mas Jamie, após um instante de pausa, replicou:

— E nos despedimos com sinceridade.

O rosto estreito de Jared abriu-se num largo sorriso.

— Ah, isso é muito bom! — disse ele. — Eu não tinha certeza, sabe, mas achei que valia a pena tentar. Onde você se filiou?

— Na prisão — respondeu Jamie sucintamente. — Mas seria a loja de Inverness.

Jared balançou a cabeça, satisfeito.

— Sim, muito bem. Há lojas na Jamaica e em Barbados. Escreverei cartas para você levar aos mestres de lá. Mas a maior loja é a de Trinidad, com mais de dois mil membros. Se você precisar de muita ajuda para encontrar o garoto, é lá que deve buscar. Tudo que acontece nas ilhas passa por aquela loja, mais cedo ou mais tarde.

— Poderiam me dizer sobre o que estão falando? — interrompi.

Jamie olhou para mim e sorriu.

— Franco-maçons, Sassenach.

— Você é maçom? — falei abruptamente. — Você não me contou isso!

— Nem deveria — disse Jared, um pouco rispidamente. — Os ritos da maçonaria são secretos, conhecidos apenas pelos membros. Eu não poderia apresentar Jamie à loja de Trinidad se ele já não fosse um de nós.

A conversa tornou-se geral outra vez, quando Jamie e Jared começaram a discutir o abastecimento do *Artemis*, mas eu fiquei calada, concentrando-me na minha própria vitela. O incidente, apesar de pequeno, me fez lembrar de tudo que eu não sabia a respeito de Jamie. Em certa época, eu diria que o conhecia tão bem quanto uma pessoa pode conhecer outra.

Agora, havia momentos, conversando intimamente, adormecendo na curva do seu ombro, abraçando-o com força no ato do amor, quando sentia que ainda o conhecia, sua mente e seu coração tão claros para mim quanto o cristal das taças de vinho na mesa de Jared.

E outros, como agora, quando eu me deparava sem querer com alguma parte insuspeitada de seu passado ou o via parado, os olhos toldados de lembranças que eu não compartilhava. Senti-me subitamente sozinha e insegura, hesitando na borda do vácuo entre nós dois.

O pé de Jamie pressionou o meu por baixo da mesa e ele olhou para mim do outro lado da mesa, com um sorriso oculto nos olhos.

Ergueu o copo um pouco, num brinde silencioso, e eu devolvi o sorriso, sentindo-me obscuramente reconfortada. O gesto trouxe de volta uma súbita lembrança de nossa noite de núpcias, quando nos sentamos lado a lado tomando vinho, estranhos com medo um do outro, sem nada em comum além de um contrato de casamento — e a promessa de honestidade.

*Há coisas que você talvez não possa me contar, dissera ele. Não vou lhe perguntar, ou forçá-la. Mas quando você resolver me contar alguma coisa, que seja a verdade. Não há nada entre nós agora senão respeito, e o respeito tem espaço para segredos, eu acho — mas não para mentiras.*

Tomei um longo gole do meu próprio copo, sentindo o forte buquê do vinho subir em vapores pela minha cabeça e uma sensação de calor ruborizou minhas faces. Os olhos de Jamie ainda estavam fixos em mim, ignorando o solilóquio de Jared a respeito de biscoitos e velas no navio. Seu pé cutucou o meu numa indagação silenciosa, e eu correspondi ao gesto pressionando o dele também.

— Sim, providenciarei isso pela manhã — disse ele, em resposta à pergunta de Jared. — Mas no momento, primo, acho que devo me retirar. Foi um longo dia. — Empurrou a cadeira para trás, levantou-se e estendeu o braço para mim. — Você me acompanha, Claire?

Levantei-me, o vinho corria pelos meus braços e pernas, fazia-me sentir aquecida e ligeiramente zozza. Nossos olhos se encontraram em perfeito entendimento. Havia mais do que respeito entre nós agora, e espaço para todos os nossos segredos serem conhecidos, no devido tempo.

De manhã, Jamie e o sr. Willoughby saíram com Jared, para finalizar as providências. Eu tinha outra providência a tomar — uma que eu preferia fazer sozinha. Há vinte anos, houve duas pessoas em Paris que eu considerava profundamente. Mestre Raymond fora embora; morto ou desaparecido. As chances de que a outra ainda estivesse viva eram mínimas, mas ainda assim eu tinha que verificar, antes de deixar a Europa talvez pela última vez. Com o

coração descompassado, entrei na carruagem de Jared e disse ao cocheiro para me levar ao Hôpital des Anges.

A sepultura estava no pequeno cemitério reservado ao convento, sob os arcos de suporte da catedral ao lado. Embora o ar vindo do Sena fosse úmido e frio, e o dia estivesse nublado, o cemitério cercado de muros mantinha uma luz suave, refletida dos blocos de pedra calcária clara que protegiam o pequeno terreno dos ventos. No inverno, não havia flores ou plantas, apenas álamos e lariços sem folhas espalhavam arabescos contra o céu, e um musgo verde-escuro envolvia as lápides, florescendo apesar do frio.

Era uma lápide pequena, feita de um suave mármore branco. Um par de asas de querubim abria-se no topo, protegendo a palavra solitária que era a única decoração da lápide além das asas. “Faith”, lia-se.

Fiquei parada, fitando-a, até meus olhos embaçarem. Eu levava uma flor; uma tulipa cor-de-rosa — não era a coisa mais fácil de achar em Paris em dezembro, mas Jared mantinha uma estufa. Ajoelhei-me e depusitei-a sobre a pedra, acariciando a suave curva da pétala com o dedo, como se fosse o rostinho de um bebê.

— Achei que não iria chorar — eu disse, algum tempo depois.

Senti o peso da mão de madre Hildegard em minha cabeça.

— *Le Bon Dieu* sabe o que faz — disse ela brandamente. — Mas Ele raramente nos diz por quê.

Respirei fundo e limpei as faces com a ponta do meu manto.

— Mas já faz muito tempo. — Levantei-me devagar e virei-me, encontrando madre Hildegard me observando com uma expressão de profunda simpatia e interesse.

— Eu notei — disse ela devagar — que o tempo não existe realmente para as mães, em relação a seus filhos. Não importa muito a idade do filho, num piscar de olhos a mãe pode ver a criança outra vez como era quando nasceu, quando aprendeu a andar, como era em qualquer idade e em qualquer época, mesmo quando a criança já se tornou um adulto e ela própria já tem filhos.



— Especialmente quando estão dormindo — disse, abaixando o olhar outra vez para a pequena lápide. — Sempre se pode ver o bebê dormindo.

— Ah. — A madre balançou a cabeça, satisfeita. — Achei que tivesse tido mais filhos; de alguma forma, você tem a aparência.

— Mais uma. — Olhei para ela. — E como você sabe tanto sobre mães e filhos?

Os pequeninos olhos negros brilharam astutamente sob a pesada região das sobrancelhas, cujos pelos dispersos haviam ficado completamente brancos.

— Os velhos precisam de muito pouco sono — disse ela, dando de ombros, como se não fosse nada de importante. — Eu ando pelas enfermarias à noite, às vezes. Os pacientes conversam comigo.

Ela encolhera um pouco com a idade avançada e os ombros largos estavam ligeiramente arqueados, finos como um cabide de arame sob a sarja preta de seu hábito. Mesmo assim, ainda era mais alta do que eu e elevava-se acima da maioria das freiras, à semelhança de um espantalho, mas sempre imponente. Carregava uma bengala, mas andava aprumada, a passos largos e firmes, e tinha o mesmo olhar penetrante, usava a bengala mais para cutucar os indolentes ou subalternos diretos do que para se apoiar.

Assoei o nariz e voltamos pelo caminho que levava ao convento. Conforme retornávamos devagar, notei outras lápides pequenas espalhadas aqui e ali entre as maiores.

— São todas de crianças? — perguntei, um pouco surpresa.

— Os filhos das freiras — disse ela sem afetação. Fiquei boquiaberta de surpresa e ela encolheu os ombros, elegante e irônica como sempre. — Acontece — disse ela. Deu alguns passos à frente, depois acrescentou: — Nem sempre, é claro. — Fez um gesto com a bengala abarcando os limites do cemitério. — Este lugar é reservado para as irmãs, alguns benfeitores do Hôpital... e seus entes queridos.

— Das irmãs ou dos benfeitores?

— Das irmãs. Ei, seu tolo!

Madre Hildegard parou ao ver um servente do hospital preguiçosamente encostado na parede da igreja, fumando cachimbo. Enquanto lhe passava uma descompostura no elegantemente feroz francês palaciano de sua infância, deixei-me ficar para trás, olhando à volta do minúsculo cemitério.

Perto do muro dos fundos, mas ainda em solo sagrado, via-se uma fileira de pequenas tabuletas de pedra, cada qual com um único nome, “Bouton”. Abaixo de cada nome havia um algarismo romano, de I a XV. Os queridos cachorros de madre Hildegard. Lancei um olhar ao seu companheiro atual, o décimo sexto a carregar aquele nome. Este era preto como carvão e de pelo cacheado como uma ovelha persa. Estava sentado aos seus pés, alerta, os olhos redondos fixos no servente faltoso, um eco silencioso da desaprovação feita às claras de madre Hildegard.

As irmãs, e seus entes queridos.

Madre Hildegard voltou, a expressão feroz alterando-se imediatamente para o sorriso que transformava suas feições fortes de gárgula em beleza.

— Estou tão contente que tenha voltado, *ma chère* — disse ela. — Venha, vamos entrar; tenho algumas coisas que poderão lhe ser úteis na viagem. — Enfiando a bengala na curva do braço, tomou meu braço como suporte, agarrando-o com a mão ossuda e quente, cuja pele tornara-se fina como um papel. Tive a estranha sensação de que não era eu quem a estava sustentando, mas o contrário.

Quando entramos no pequeno beco de teixos que levava à entrada do Hôpital, olhei para ela.

— Espero que não me considere rude, madre — disse, hesitante —, mas há uma pergunta que eu queria lhe fazer...

— Oitenta e três — respondeu ela prontamente. Abriu um largo sorriso, exibindo os dentes longos e amarelos como os de um cavalo. — Todos querem saber — disse complacentemente. Olhou para trás por cima do ombro, na direção do pequeno cemitério, e ergueu um dos ombros num gesto gaulês de quem afasta um

pensamento. — Ainda não — disse ela, com confiança. — *Le Bon Dieu* sabe quanto trabalho ainda há para ser feito.

**41**

ZARPAMOS

**E**ra um dia cinza e frio — não existe outro tipo de dia na Escócia em dezembro —, quando o *Artemis* parou em cabo Wrath, na costa noroeste.

Espreitei pela janela da taberna, e percebi a sólida e cinza escuridão que escondia os penhascos ao longo do litoral. O lugar lembrava, de maneira depressiva, a paisagem na região da ilha das silkies, tinha o forte cheiro de algas mortas e o barulho da arrebentação das ondas estava tão alto a ponto de inibir a conversa, mesmo dentro da pequena espelunca perto do píer. O Jovem Ian já fora levado havia quase um mês. Agora, o Natal já passara e ali estávamos nós, ainda na Escócia, a poucas milhas da ilha das focas.

Jamie andava a passos largos de um lado para o outro na doca lá fora, apesar da chuva fria, inquieto demais para ficar dentro do estabelecimento, junto à lareira. A viagem marítima da França de volta à Escócia não fora melhor para ele do que a primeira travessia do Canal e eu sabia que a perspectiva de dois ou três meses a bordo do *Artemis* enchia-o de pavor. Ao mesmo tempo, sua impaciência para iniciar a caça aos sequestradores era tão aguda que qualquer atraso o deixava frustrado. Mais de uma vez, eu acordara no meio da noite e descobria que ele saía para caminhar sozinho pelas ruas de Le Havre.

Ironicamente, esta última demora fora obra dele mesmo. Aportamos em cabo Wrath para pegar Fergus e, com ele, o pequeno grupo de contrabandistas que Jamie o mandara buscar, antes de partirmos para Le Havre.

— Não sabemos o que vamos encontrar nas Índias, Sassenach — explicara-me Jamie. — Não pretendo invadir um navio cheio de piratas sozinho, nem lutar ao lado de homens que não conheço. —

Os contrabandistas eram todos homens da costa, acostumados a barcos e ao oceano, se não até mesmo a navios; seriam contratados como parte da tripulação do *Artemis*, que estava com falta de mão de obra por causa do atraso em se colocar no mar.

O cabo Wrath era um porto pequeno, tinha pouco tráfego nesta época do ano. Além do *Artemis*, apenas alguns barcos de pesca e um brigue estavam atracados no píer de madeira. No entanto, havia uma taberna rústica na qual a alegre tripulação do *Artemis* esperava, os homens que o local não comportava agachavam-se sob as abas do telhado, jarros transbordantes de cerveja eram passados pelas janelas por seus camaradas no interior. Jamie caminhava pela costa, só entrava para as refeições, quando se sentava diante da lareira, os filetes de vapor erguendo-se de suas roupas encharcadas, sintomáticos de sua crescente exasperação.

Fergus atrasou-se. Ninguém parecia se importar com a demora, além de Jamie e do capitão de Jared. O capitão Raines, um homem velho, gordo e baixo, passava a maior parte do tempo no convés do seu navio, com um olho no céu nublado e outro em seu barômetro.

— Este negócio tem um cheiro realmente forte, Sassenach — observou Jamie, durante uma de suas rápidas visitas ao bar da taberna. — O que é?

— Gengibre fresco — respondi, erguendo o que sobrara da raiz que eu estava ralando. — Segundo meus livros de ervas, é o melhor para náuseas.

— Ah, é? — Pegou a tigela, cheirou o conteúdo e espirrou explosivamente, para grande divertimento dos espectadores. Agarrei a tigela de volta, antes que ele pudesse derramá-la.

— Não se usa isso como rapé — disse. — Toma-se no chá. E espero que funcione, porque se não funcionar, nós o estaremos fisingando da estiva, se a estiva for o que acho que é.

— Ah, não se preocupe, dona — assegurou-me um dos marinheiros mais velhos ao ouvir a conversa. — Muita gente da terra fica enjoada nos primeiros dois dias. Mas em geral logo se recuperam; pelo terceiro dia, já se acostumaram ao sobe e desce e

já estão no cordame, felizes como cotovias.

Olhei para Jamie, que no momento não se parecia nem um pouco com uma cotovia. Ainda assim, esse comentário pareceu lhe dar uma certa esperança, porque se animou um pouco e fez sinal para a apoquentada jovem que atendia às mesas, pedindo um copo de cerveja.

— Pode ser — disse ele. — Jared disse o mesmo; que o enjoo não dura mais do que alguns dias, desde que o mar não esteja jogando muito. — Tomou um pequeno gole de cerveja e, em seguida, com crescente confiança, um gole maior. — Acho que consigo aguentar três dias.

No final da tarde do segundo dia, seis homens apareceram, volteando pela praia de cascalhos em peludos pôneis das Terras Altas.

— Raeburn está vindo à frente — disse Jamie, encobrendo e apertando os olhos para distinguir as identidades dos seis pontinhos negros. Kennedy vem atrás dele, depois Innes... ele não tem o braço esquerdo, está vendo?... e Meldrum. O que está com ele é MacLeod, sempre cavalgam juntos assim. E o último? É Gordon ou Fergus?

— Deve ser Gordon — eu disse, espreitando por cima do seu ombro para os homens que se aproximavam — porque é gordo demais para ser Fergus.

— Onde está Fergus? — perguntou Jamie a Raeburn, depois que os contrabandistas foram saudados, apresentados a seus colegas de navio e instalados para um jantar quente e um alegre copo de cerveja.

Raeburn balançou a cabeça em resposta, engolindo apressadamente o resto de seu pastel.

— Bem, ele me disse que tinha um negócio a resolver e pediu-me para arranjar os cavalos e falar com Meldrum e MacLeod para virem, porque eles estavam no mar com seu próprio barco na ocasião e não eram esperados antes de um ou dois dias e...

— Que negócio? — perguntou Jamie incisivamente, mas não obteve nada além de um gesto de ombros em resposta. Jamie praguejou baixinho em gaélico, mas voltou ao seu próprio jantar sem mais comentários.

A tripulação estava agora completa — a não ser por Fergus —, e os preparativos para a partida começaram pela manhã. O convés era um cenário de confusão organizada, havia gente atarefada indo e vindo apressadamente, surgindo de escotilhas e caindo repentinamente do cordame como moscas mortas. Jamie estava parado junto ao leme, mantinha-se fora do caminho, mas ajudava sempre que surgia a necessidade de força em vez de habilidade. No entanto, na maior parte do tempo, ele ficava simplesmente parado, os olhos fixos na estrada ao longo da praia pedregosa.

— Devemos partir no meio da tarde, ou perderemos a maré — o capitão Raines falou amavelmente, mas com firmeza. — Vamos pegar uma borrasca em vinte e quatro horas; o barômetro está caindo e eu sinto isso no meu pescoço. — O capitão delicadamente massageou a parte em questão e balançou a cabeça indicando o céu, que passara de estanho para cinza-chumbo desde o começo da manhã. — Não vou zarpar em meio a uma tempestade, se eu puder evitar, e se queremos chegar às Índias o mais rápido possível...

— Sim, eu compreendo, capitão — interrompeu Jamie. — Claro, faça como achar melhor. — Recuou um passo para deixar um marinheiro apressado passar e o capitão desapareceu, dando ordens conforme se afastava.

No decorrer do dia, Jamie parecia controlado como sempre, mas notei que os dedos rígidos adejavam contra a coxa cada vez com mais frequência, o único sinal exterior de preocupação. E preocupado ele estava. Fergus estava com ele desde o dia, havia mais de vinte anos, em que Jamie o encontrara em um bordel de Paris e o contratara para roubar a correspondência de Charles Stuart.

Mais do que isso; Fergus vivera em Lallybroch desde antes de o



Jovem Ian nascer. O garoto fora um irmão mais novo para Fergus, e Jamie o mais próximo de um pai que Fergus já conhecera. Eu não conseguia imaginar o que poderia ser tão urgente a ponto de impedi-lo de acompanhar Jamie. Nem ele, e seus dedos tamborilavam silenciosamente na madeira da balaustrada.

Então chegou a hora e Jamie virou-se, relutante, arrancando os olhos da praia vazia. As escotilhas foram fechadas e trancadas, as cordas enroladas e vários marujos pularam em terra firme para soltar as amarras; havia seis cabos de ancoragem, cada um com uma corda da grossura do meu pulso.

Coloquei a mão no braço de Jamie em silenciosa compreensão.

— É melhor você vir comigo lá para baixo — eu disse. — Tenho uma lamparina a álcool. Vou preparar um chá quente com gengibre e depois você poderá...

O som de um cavalo a galope ecoou ao longo da costa, o ruído de esmigalhamento dos cascos nos cascalhos da praia ecoou nas encostas dos rochedos muito antes de o animal surgir no campo de visão.

— Lá está ele, o bobalhão — disse Jamie, o alívio evidente na voz e no corpo. Virou-se para o capitão Raines, uma das sobranceiras erguidas interrogativamente. — Ainda resta maré suficiente? Sim, então, vamos.

— Soltar as amarras! — berrou o capitão, fazendo as mãos à espera entrarem em ação. O último dos cabos amarrando-nos ao cais foi liberado e cuidadosamente enrolado e, em toda a nossa volta, cabos eram esticados e velas enfunadas, conforme o contramestre corria para baixo e para cima no convés, gritando ordens com uma voz rouca.

— “Move e se agita! Parece sentir o frêmito da vida ao longo de sua quilha!” — declamei, encantada ao ver o convés estremecer sob meus pés conforme o navio ganhava vida, a energia de toda a tripulação despejada em um casco inanimado, transformado pela força das velas ao vento.

— Ah, meu Deus — disse Jamie, com voz abafada, sentindo a

mesma sensação. Agarrou a balaustrada, fechou os olhos e engoliu em seco.

— O sr. Willoughby diz que tem a cura para o enjoo no mar — eu disse, observando-o com compaixão.

— Ah! — exclamou ele, abrindo os olhos. — Sei o que ele quer dizer com isso e se ele acha que vou deixar que ele... que diabos é aquilo?

Girei nos calcanhares para olhar e vi o que o fizera parar abruptamente. Fergus estava no convés, estendendo a mão para ajudar uma jovem desajeitadamente empoleirada acima dele na balaustrada, os longos cabelos louros agitados ao vento. A filha de Laoghair — Marsali MacKimmie.

Antes que eu pudesse falar, Jamie já passara por mim e se aproximava do casal a passos largos.

— O que, em nome de Deus, vocês pretendem, seus idiotas? — perguntava ele, quando consegui vencer o caminho de obstáculos entre cabos e marinheiros. Ele assomou ameaçadoramente acima do casal, trinta centímetros mais alto do que qualquer um dos dois.

— Estamos casados — disse Fergus, corajosamente colocando-se na frente de Marsali. Parecia tanto amedrontado quanto empolgado, o rosto pálido sob a cabeleira negra.

— Casados! — Jamie cerrou os punhos ao lado do corpo e Fergus involuntariamente recuou um passo, quase pisando nos dedos dos pés de Marsali. — O que quer dizer com “casados”?

Presumi que se tratava de uma pergunta retórica, mas não era; a avaliação de Jamie da situação havia, como sempre, ultrapassado a minha, e já fora direto ao ponto que interessava.

— Já se deitou com ela? — perguntou ele sem rodeios. Parada atrás dele, eu não podia ver seu rosto, mas sabia qual deveria ser sua expressão, só de ver o efeito em Fergus. O francês ficou lívido e umedeceu os lábios.

— Hã... não, milorde — disse ele, no mesmo instante em que Marsali, os olhos chamejando, empinou o queixo e disse desafiadoramente:

— Sim, já!

Jamie olhou rapidamente de um para o outro, praguejou sonoramente e virou-se.

— Sr. Warren! — gritou ele, chamando o mestre do navio. — Volte ao cais, por favor!

O sr. Warren parou, boquiaberto, no meio de uma ordem dirigida ao pessoal do cordame, e olhou, estupefato, primeiro para Jamie, depois — atentamente — para a linha da costa cada vez mais distante. Nos poucos instantes desde o aparecimento dos supostos recém-casados, o *Artemis* se afastara mais de mil metros do litoral e as rochas dos penhascos passavam por nós com crescente velocidade.

— Não creio que ele possa — eu disse. — Acho que já estamos na corrente da maré.

Apesar de não ser um homem do mar, Jamie já passara muito tempo na companhia de marinheiros para ao menos compreender a ideia de que o tempo e a maré não esperam por ninguém. Soltou o ar pelo meio dos dentes por um instante, depois sacudiu a cabeça indicando a escada que levava para baixo do convés.

— Desçam, então, os dois.

Fergus e Marsali sentaram-se juntos na pequena cabine, aconchegados em um beliche, as mãos agarradas com força. Jamie fez sinal para que eu me sentasse em outro beliche, em seguida voltou-se para o casal, as mãos nos quadris.

— Bem, agora vejamos — disse ele. — Que tolice é esta de estarem casados?

— É verdade, milorde — disse Fergus. Estava muito pálido, os olhos escuros brilhantes de ansiedade. Sua única mão segurava a de Marsali com força, o gancho pousado sobre a coxa.

— Ah, é? — disse Jamie, com o máximo de ceticismo. — E quem os casou?

Os dois entreolharam-se, e Fergus umedeceu os lábios levemente antes de responder.

— Nós... nós fizemos um pacto.

— Diante de testemunhas — acrescentou Marsali. Em contraste com a palidez de Fergus, suas faces ardiam, vermelhas. Ela possuía a pele rosada e aveludada da mãe, mas a expressão de teimosia do maxilar provavelmente vinha de algum outro lugar. Ela colocou a mão no peito, onde algo estalou sob o tecido. — Tenho o contrato e as assinaturas aqui.

Jamie emitiu um grunhido rouco na garganta. Pelas leis da Escócia, duas pessoas podiam de fato casar-se legalmente fazendo um pacto em que se dão as mãos diante de testemunhas e declaram-se marido e mulher.

— Ah, bem — disse ele. — Mas você não foi levada para a cama ainda e um contrato não é suficiente aos olhos da Igreja. — Ele olhou para fora pela janela da popa do navio, por onde os penhascos mal eram visíveis em meio à neblina esvoaçante, depois balançou a cabeça com uma repentina decisão. — Pararemos em Lewes para pegar as últimas provisões. Marsali descerá lá; enviarei dois homens para a escoltarem de volta para sua mãe.

— Não vai fazer nada disso! — gritou Marsali. Sentou-se ereta, fitando seu padrasto com raiva. — Eu vou com Fergus!

— Ah, não vai, não, menina! — retrucou Jamie. — Não tem pena de sua mãe? Fugir assim, sem dizer nada, deixando-a preocupada...

— Eu mandei avisar. — O queixo quadrado de Marsali estava empinado. — Enviei uma carta de Inverness, dizendo que eu me casaria com Fergus e partiria num navio com você.

— Santa mãe de Deus! Ela vai achar que eu sabia de tudo isso! — Jamie parecia horrorizado.

— Nós... eu... realmente pedi a mão dela a lady Laoghaire, milorde — disse Fergus. — No mês passado, quando fui a Lallybroch.

— Sim. Bem, não precisa me dizer qual foi a resposta dela — disse Jamie secamente, vendo o rubor repentino no rosto de Fergus. — Já imagino que a resposta tenha sido não.

— Ela disse que ele era um bastardo! — explodiu Marsali, indignada. — E um criminoso... e...

— Ele é um bastardo e um criminoso — enfatizou Jamie. — E um aleijado sem nenhuma propriedade também, como tenho certeza que sua mãe notou.

— Não me importo! — Marsali agarrou a mão de Fergus e fitou-o com um afeto feroz. — Eu o quero.

Desconcertado, Jamie esfregou um dedo pelos lábios. Em seguida, respirou fundo e retornou ao ataque.

— Seja como for — disse ele —, você é nova demais para se casar.

— Tenho quinze anos; é mais do que suficiente!

— Sim, e ele tem trinta! — rebateu Jamie. Ele sacudiu a cabeça. — Não, menina, sinto muito, mas não posso deixá-la fazer isso. Se não fosse por nenhum outro motivo, a viagem é perigosa demais...

— Você está levando *ela*! — O queixo de Marsali projetou-se desdenhosamente em minha direção.

— Deixe Claire fora disso — disse Jamie sem se alterar. — Ela não é da sua conta e...

— Ah, não é? Você troca minha mãe por essa vagabunda inglesa e a torna motivo de chacota em toda a região e ela não é da minha conta, é isso? — Marsali levantou-se e bateu o pé no chão. — E tem a maldita coragem de dizer o que eu devo fazer?

— Tenho — disse Jamie, controlando a raiva com dificuldade. — Meus assuntos particulares não são problema seu...

— E os meus não são da sua conta!

Fergus, parecendo assustado, também se levantou, tentando acalmar a jovem.

— Marsali, *ma chère*, não deve falar com milorde dessa forma. Ele só está...

— Falo com ele do jeito que eu quiser!

— Não, não fala, não! — Surpresa com a repentina rispidez no tom de voz de Fergus, Marsali pestanejou. Apenas quatro ou cinco centímetros mais alto do que sua mulher, o francês possuía uma certa autoridade inflexível que o fazia parecer muito mais alto do que era. — Não — disse ele em tom mais suave. — Sente-se, *ma*

*p'tite*. — Pressionou-a a sentar-se de novo no beliche e ficou parado à sua frente. — Milorde tem sido para mim mais do que um pai — disse amavelmente para a jovem. — Devo-lhe minha vida mil vezes. Ele também é seu padrasto. Seja o que for que sua mãe pense dele, ele sem sombra de dúvida tem sustentado e protegido sua mãe, você e sua irmã. Você lhe deve ao menos respeito.

Marsali mordeu o lábio, os olhos faiscando. Finalmente, ela baixou a cabeça sem jeito para Jamie.

— Desculpe-me — murmurou ela, e a tensão na cabine abrandou-se ligeiramente.

— Tudo bem, menina — disse Jamie, irritado. Olhou para ela e suspirou. — Mas, ainda assim, Marsali, temos que enviá-la de volta a sua mãe.

— Eu não irei. — A jovem estava mais calma agora, mas o queixo continuava empinado da mesma forma. Ela olhou para Fergus, depois para Jamie. — Ele diz que não dormimos juntos, mas dormimos. Ou, de qualquer modo, eu afirmarei que dormimos. Se me mandar de volta para casa, direi a todo mundo que ele me possuiu; portanto, como vê, ou eu serei casada ou estarei com a reputação arruinada. — Seu tom de voz era sensato e determinado.

Jamie cerrou os olhos.

— Que Deus me livre das mulheres — disse ele entre dentes. Abriu os olhos e fitou-a com irritação. — Está bem! — disse. — Vocês estão casados. Mas vão fazer isso direito, diante de um padre. Acharemos um nas Índias, quando desembarcarmos. E enquanto não forem abençoados, Fergus não tocará em você. Entenderam? — Olhou ferozmente para ambos.

— Sim, milorde — disse Fergus, o rosto banhado de alegria. — *Merci beaucoup!* — Marsali estreitou os olhos para Jamie, mas vendo que ele não poderia ser demovido, abaixou a cabeça recatadamente, com um olhar de soslaio para mim.

— Sim, papai — disse ela.

A questão da fuga de Fergus com a amada ao menos distraíra a

mente de Jamie temporariamente do movimento do navio, mas o efeito paliativo não durou. Ainda assim, ele aguentou firme, ficava mais verde a cada instante, mas recusava-se a deixar o convés e ir para baixo, enquanto o litoral da Escócia pudesse ser visto.

— Posso não vê-la nunca mais — disse ele sombriamente, quando tentei persuadi-lo a descer e deitar-se. Apoiava-se pesadamente na balaustrada por cima da qual acabara de vomitar, os olhos pousados com saudade na costa deserta e inóspita atrás de nós.

— Não, você a verá outra vez — eu disse, com uma certeza insensata. — Você vai voltar. Não sei quando, mas sei que vai voltar.

Ele virou a cabeça e ergueu os olhos para mim, estarelecido. Em seguida, o esboço de um sorriso atravessou seu rosto.

— Você viu meu túmulo — disse ele à meia-voz. — Não foi?

Hesitei, mas ele não parecia perturbado, e eu balancei a cabeça.

— Tudo bem — disse ele. Fechou os olhos, respirando fundo. — Mas não... não me diga quando, por favor.

— Não posso — disse. — Não havia datas. Somente o seu nome... e o meu.

— O seu? — Seus olhos arregalaram-se.

Balancei a cabeça outra vez, sentindo um nó na garganta à lembrança daquela lápide de granito. Era o que chamam de “pedra de casamento”, um quarto de círculo cortado de modo a se encaixar em outro, formando um arco completo. Eu vira apenas a metade do arco, é claro.

— Tinha todos os seus nomes. Foi assim que soube que era você. E embaixo, dizia: “Amado esposo de Claire”. Na época, eu não consegui compreender, mas agora, é claro, eu sei.

Ele balançou a cabeça devagar, absorvendo a informação.

— Sim, compreendo. Sim, bem, imagino que se eu estarei na Escócia e ainda casado com você... então, talvez “quando” não tenha muita importância. — Dirigiu-me uma sombra do seu sorriso usual e acrescentou ironicamente: — Significa também que

encontraremos o Jovem Ian são e salvo, porque, vou lhe dizer, Sassenach, não colocarei os pés na Escócia outra vez sem ele.

— Nós o encontraremos — eu disse, com uma certeza que não sentia totalmente. Coloquei a mão em seu ombro e fiquei ao seu lado, observando a Escócia aos poucos se perder ao longe.

Quando a noite caiu, os rochedos da Escócia já haviam desaparecido na névoa do mar e Jamie, enregelado até os ossos e branco como uma folha de papel, concordou em ser levado para baixo e colocado na cama. A essa altura, as consequências não previstas de seu ultimato a Fergus tornaram-se evidentes.

Havia apenas duas pequenas cabines privadas, além da cabine do capitão, se Fergus e Marsali estavam proibidos de compartilhar uma cabine até a bênção formal de sua união, então obviamente Jamie e Fergus teriam que ocupar uma, e Marsali e eu a outra. A viagem estava fadada a ser tumultuada, em mais de um aspecto.

Eu esperara que o enjoo diminuísse, se Jamie não ficasse vendo o lento subir e descer do horizonte, mas infelizmente isso não ocorreu.

— De novo? — exclamou Fergus, erguendo-se sonolentemente sobre um dos cotovelos em seu beliche, no meio da noite. — Como ele consegue? Não comeu nada o dia inteiro!

— Diga isso a *e/e* — eu disse, tentando respirar pela boca enquanto andava de lado em direção à porta, uma bacia nas mãos, avançando com dificuldade pelo cubículo apertado. O convés subia e descia sob meus pés desacostumados, tornando difícil manter o equilíbrio.

— Deixe, milady, eu levo. — Fergus lançou os pés descalços para fora da cama e ficou de pé ao meu lado, cambaleando e quase dando um encontrão em mim, enquanto tentava pegar a bacia. — Vá dormir agora, milady — disse ele, tomando-a das minhas mãos. — Eu cuidarei dele, fique sossegada.

— Bem... — A ideia de meu beliche era inegavelmente tentadora. Fora um longo dia.



— Vá, Sassenach — disse Jamie. Seu rosto estava pálido como o de um fantasma, coberto com uma película de suor à luz turva da pequena lamparina a óleo que queimava na parede. — Vou ficar bem.

Isso não era verdade; ao mesmo tempo, era improvável que minha presença fosse de grande ajuda. Fergus podia fazer o pouco que era possível ser feito; afinal, não havia cura conhecida para o enjoo. Podia-se apenas esperar que Jared tivesse razão e que o enjoo abrandaria à medida que o *Artemis* avançasse para as vagas mais longas do Atlântico.

— Está bem — eu disse, cedendo. — Talvez você se sinta melhor pela manhã.

Jamie abriu um dos olhos por um instante, depois gemeu e, tremendo, fechou-os outra vez.

— Ou talvez eu esteja morto — sugeriu ele.

Com essa animadora observação, saí da cabine para a escada do tombadilho, apenas para tropeçar na forma prostrada do sr. Willoughby, todo enroscado contra a porta da cabine. Deu um grunhido de surpresa, e depois, vendo que era apenas eu, rolou devagar sobre as mãos e os pés e rastejou para dentro da cabine, oscilando com o movimento do navio. Ignorando a exclamação de repugnância de Fergus, enrolou-se na base da mesa e prontamente voltou a dormir, uma expressão de abençoada satisfação no pequeno rosto redondo.

Minha própria cabine ficava logo do outro lado da escada, mas parei por um instante, para respirar o ar fresco que vinha do convés em cima. Havia uma extraordinária variedade de ruídos, dos estalidos das vigas de madeira por toda parte, à batida das velas ao vento, à lamúria do cordame acima e ao fraco eco de um grito em algum lugar no convés.

Apesar da algazarra e do ar frio que entrava de roldão pela escada do tombadilho, Marsali dormia profundamente, uma forma escura, curvada, em um dos dois beliches. Tanto melhor; ao menos, eu não precisava tentar manter uma conversa embaraçosa com ela.

A despeito de mim mesma, senti uma pontada de compaixão por ela; provavelmente, não era isso que ela esperava de sua noite de núpcias. Estava frio demais para trocar de roupa; completamente vestida, enfiei-me no pequeno beliche e fiquei deitada, ouvindo os ruídos do navio ao meu redor. Eu podia ouvir o zumbido da água passando pelo casco, a mais ou menos meio metro de minha cabeça. Era um som estranhamente reconfortante. Com o acompanhamento do canto do vento e o leve ruído de alguém vomitando do outro lado do corredor, adormeci tranquilamente.

O *Artemis* era um navio bem organizado, até onde é possível para um navio. Entretanto, quando se comprime trinta e dois homens — e duas mulheres — num espaço de vinte e cinco metros de comprimento e oito de largura, juntamente com seis toneladas de peles de animais grosseiramente curtidas, quarenta e dois barris de enxofre e chapas de cobre e folhas de flandres suficientes para revestir o *Queen Mary*, a higiene básica tende a sofrer.

No segundo dia, eu já havia perseguido um rato — um ratinho, como Fergus ressaltou, mas ainda assim um rato — no porão onde fui buscar minha enorme caixa de remédios, armazenada lá por engano durante o carregamento. Havia um barulhinho arrastado na minha cabine à noite, o qual, quando acendi o lampião, provou serem os passinhos de várias dúzias de baratas de tamanho médio, todas fugindo freneticamente para o refúgio das sombras.

As latrinas, duas pequenas galerias em cada lado do navio em direção à proa, não passavam de um par de tábuas — com uma fenda estratégica entre elas — suspenso sobre as ondas encapeladas, dois metros e meio abaixo, de modo que o usuário estava sujeito a receber um inesperado jato de água fria do mar em algum momento altamente inoportuno. Eu suspeitava que isso, somado a uma dieta de carne de porco salgada e bolacha de farinha de trigo e água, provavelmente tornava a prisão de ventre epidêmica entre os marinheiros.

O sr. Warren, o mestre do navio, orgulhosamente me informou

que os deques eram esfregados regularmente toda manhã, os metais polidos e tudo, de um modo geral, deixado em perfeita ordem, o que parecia um estado de coisas desejável, considerando que estávamos de fato a bordo de um navio. Ainda assim, nem toda a limpeza do mundo podia disfarçar o fato de que trinta e quatro seres humanos ocupavam este espaço limitado e só um deles tomava banho.

Dadas as circunstâncias, fiquei mais do que espantada ao abrir a porta da cozinha do navio na manhã do segundo dia, em busca de água fervente.

Esperava as mesmas condições sujas e turvas das cabines e porões e fiquei ofuscada com o brilho de uma fileira de painéis de cobre, vista através de um armário de treliça, tão areadas que o metal dos fundos das painéis cintilava com um tom róseo. Pisquei repetidamente contra a luminosidade estonteante, meus olhos adaptando-se, e vi que as paredes da cozinha eram recobertas de prateleiras e armários embutidos, construídos de forma a serem à prova do mais revólto dos mares.

Frascos azuis e verdes de condimentos, cada qual cuidadosamente recoberto de feltro para não sofrerem nenhum dano, vibravam suavemente em sua prateleira acima das painéis. Facas, cutelos e espetos de carne brilhavam numa coleção mortal, em quantidade suficiente para lidar com a carcaça de uma baleia, caso uma se apresentasse. Uma estante dupla, com bordas de proteção, pendurava-se de um anteparo, repleta de pratos rasos e vidros bojudos, nos quais uma boa quantidade de cabeças recém-cortadas de nabos estava disposta para brotar e assim poderem dispor de verduras. Um caldeirão enorme fervia no fogão, emitindo um vapor aromático. E no meio de todo este esplendor impecável, estava o cozinheiro, examinando-me com um olhar funesto.

— Fora — disse ele.

— Bom dia — eu disse, o mais cordialmente possível. — Meu nome é Claire Fraser.

— Fora — repetiu ele, no mesmo tom inóspito.

— Sou a sra. Fraser, esposa do sobrecarga e médica do navio para esta viagem — eu disse, enfrentando seu olhar hostil. — Preciso de seis galões de água fervente, quando lhe for conveniente, para limpeza da latrina.

Seus olhinhos brilhantes e azuis estreitaram-se um pouco, tornando-se ainda menores e mais brilhantes, as pupilas negras apontadas para mim como canos de revólver.

— Sou Aloysius O'Shaughnessy Murphy — disse ele. — O cozinheiro do navio. E peço-lhe que tire os pés do meu convés recém-lavado. Não permito mulheres na minha cozinha. — Olhou-me furiosamente por baixo da borda do lenço de algodão preto que envolvia sua cabeça. Ele era vários centímetros mais baixo do que eu, mas compensava com mais uns noventa centímetros de diâmetro, com ombros de lutador de luta livre e uma cabeça semelhante a uma bola de canhão, implantada sobre eles sem o aparente benefício de um pescoço interveniente. Uma perna de pau completava o conjunto.

Recuei um passo, com dignidade, e falei-lhe da posição relativamente segura do corredor.

— Neste caso — disse —, pode mandar a água quente pelo servente.

— Posso — concordou ele. — Ou talvez não possa. — Virou-se de costas para mim, dispensando-me, ocupando-se com uma tábua de carne, um cutelo e uma peça de carne de carneiro.

Fiquei parada no corredor por um instante, pensando. O baque surdo do cutelo soava regularmente contra a madeira. O sr. Murphy estendeu a mão para sua prateleira de especiarias, pegou um frasco sem olhar e salpicou uma boa quantidade do conteúdo sobre a carne picada. O cheiro de sálvia encheu o ar, imediatamente substituído pela pungência de uma cebola, cortada ao meio com um golpe descuidado do cutelo e atirada na mistura.

Evidentemente, a tripulação do *Artemis* não sobrevivia só de carne de porco salgada e bolacha de trigo. Comecei a entender as razões para a forma física no feitio geral de pera do capitão Raines.

Enfiei a cabeça de novo pela porta, tomando o cuidado de continuar pisando do lado de fora.

— Cardamomo — eu disse, com firmeza. — Noz-moscada, inteira. Seca este ano. Extrato novo de anis. Raiz de gengibre, dois pedaços grandes, sem manchas. — Parei. O sr. Murphy parara de picar, o cutelo imóvel acima do bloco de madeira. — E — acrescentei — meia dúzia de favas de baunilha inteiras. Do Ceilão.

Ele virou-se devagar, limpando as mãos no avental de couro. Ao contrário de seu ambiente, nem o avental nem o resto de sua indumentária eram impecáveis.

Seu rosto era largo, avermelhado, ladeado por suíças ásperas e ruivas como uma escova de cerdas duras, que tremiam ligeiramente quando ele olhou para mim, como as antenas de algum inseto enorme. Sua língua projetou-se para umedecer os lábios contraídos.

— Açafrão? — perguntou ele com voz rouca.

— Uma pitada — disse prontamente, tomando o cuidado de disfarçar qualquer vestígio de vitória em meus modos.

Ele respirou profundamente, o entusiasmo brilhando nos pequenos olhos azuis.

— Vai encontrar um capacho logo aí fora, madame. Por favor, limpe as botas e entre.

Com uma latrina esterilizada dentro dos limites da água fervente e da tolerância de Fergus, voltei para a cabine para me lavar para o almoço. Marsali não estava lá; certamente devia estar cuidando de Fergus, cujos esforços, feitos sob minha insistência, quase chegaram a heroicos.

Lavei minhas próprias mãos com álcool, escovei os cabelos e depois atravessei a passagem para ver se — por alguma chance improvável — Jamie iria querer alguma coisa para comer ou beber. Uma rápida olhada me desiludiu da ideia.

Marsali e eu ficamos com a cabine maior, o que significava que cada uma de nós possuía pouco mais de meio metro quadrado de espaço, sem incluir as camas. Eram beliches de navio, uma espécie

de cama embutida na parede, com cerca de um metro e sessenta de comprimento. Marsali cabia perfeitamente em seu beliche, mas eu era forçada a adotar uma posição ligeiramente curvada, fazendo com que acordasse com os pés formigando.

Jamie e Fergus tinham beliches semelhantes. Jamie estava deitado de lado, enfiado em um deles como um caracol em sua concha; molusco com o qual ele se parecia muito no momento, estando pálido, de um cinza viscoso, com listras verdes e amarelas que contrastavam horripelantemente com seus cabelos ruivos. Ele abriu um olho quando me ouviu entrar, fitou-me com olhar turvo por um instante, depois o fechou outra vez.

— Não está bem, hein? — eu disse, solidária.

O olho abriu-se outra vez e ele pareceu estar se preparando para dizer alguma coisa. Abriu a boca, mudou de ideia e fechou-a de novo.

— Não — disse ele, fechando o olho outra vez.

Alisei seus cabelos, tentando consolá-lo, mas ele estava mergulhado demais no próprio sofrimento para perceber.

— O capitão Raines disse que amanhã provavelmente se sentirá melhor — sugeri. O mar não estava terrivelmente encapelado, mas havia um perceptível movimento de subida e descida.

— Não importa — disse ele, sem abrir os olhos. — Até lá, já estarei morto, ou ao menos assim espero.

— Receio que não — eu disse, sacudindo a cabeça. — Ninguém morre de enjoo do mar; embora eu deva dizer que é de se admirar que não morram, olhando para você.

— Não é isso. — Abriu os olhos e esforçou-se para se erguer sobre um dos cotovelos, um esforço que o deixou pegajoso de suor e com os lábios exangues. — Claire. Tome cuidado. Eu já deveria ter lhe dito antes, mas não quis preocupá-la e pensei que... — Seu rosto mudou. Familiarizada como eu era com expressões de enfermidade física, segurei a bacia para ele bem a tempo. — Ah, meu Deus. — Deixou-se cair, lânguido e exausto na cama, branco como o lençol.

— O que deveria ter me dito? — perguntei, torcendo o nariz enquanto colocava a bacia no chão, perto da porta. — O que quer que seja, devia ter me contado antes de zarparmos, mas agora é tarde demais para pensar nisso.

— Não achei que iria ser tão grave — murmurou ele.

— Você nunca acha — eu disse, um pouco rispidamente. — Mas o que você queria me dizer?

— Pergunte a Fergus — disse ele. — Diga que eu mandei ele lhe contar. E diga-lhe que Innes está bem.

— De que você está falando? — Fiquei ligeiramente alarmada; o delírio não era um efeito comum de enjoos.

Seus olhos se abriram e fixaram-se nos meus, com grande esforço. Gotas de suor porejaram em sua fronte e acima dos lábios.

— Innes — disse ele. — Não pode ser ele. Ele não pretende me matar.

Um pequeno calafrio correu pela minha espinha.

— Você está bem, Jamie? — perguntei. Inclinei-me e enxuguei seu rosto. Ele dirigiu-me o fantasma de um sorriso exausto. Não tinha febre e seus olhos estavam límpidos. — Quem? — disse cuidadosamente, com a repentina sensação de que havia olhos fixos em minhas costas. — Quem realmente pretende matá-lo?

— Não sei. — Um espasmo passageiro contraiu suas feições, mas ele cerrou os lábios com força e conseguiu dominá-lo. — Pergunte a Fergus — sussurrou ele, quando conseguiu falar outra vez. — Em particular. Ele lhe dirá.

Senti-me completamente desamparada. Não fazia a menor ideia do que ele estava falando, mas se havia algum perigo, eu não iria deixá-lo sozinho.

— Esperarei até ele descer — disse.

Sua mão estava curvada junto ao nariz. Ele endireitou-se devagar e enfiou a mão sob o travesseiro, retirando dali sua adaga, que agarrou junto ao peito.

— Ficarei bem — disse ele. — Vá, então, Sassenach. Não creio que tentem alguma coisa à luz do dia. Se é que vão tentar.

Não achei suas palavras nem um pouco alentadoras, mas não parecia haver mais nada a fazer. Ele permaneceu totalmente imóvel e silencioso, a adaga junto ao peito como uma escultura de túmulo em pedra.

— Vá — murmurou ele outra vez, os lábios mal se movendo.

Logo do lado de fora da porta da cabine, algo se remexeu nas trevas no final do corredor. Espreitando atentamente, divisei a figura de seda, agachada, do sr. Willoughby, o queixo apoiado nos joelhos. Ele abriu os joelhos e inclinou a cabeça educadamente entre eles.

— Não preocupar, honrada primeira esposa — assegurou ele num sussurro sibilante. — Eu tomar conta.

— Ótimo — disse —, faça isso. — E saí, em considerável estado de perturbação mental, para procurar Fergus.

Encontrar Fergus, com Marsali no convés posterior, fitando o rastro do navio onde se viam vários pássaros grandes e brancos, foi mais tranquilizador.

— Não temos certeza de que alguém tenha realmente a intenção de matar milorde — explicou ele. — Os barris no depósito podem ter sido um acidente, já vi isso acontecer mais de uma vez, assim como o incêndio do barracão, mas...

— Espere um minuto, Fergus — eu disse, agarrando-o pela manga. — Que barris e que incêndio?

— Ah — exclamou ele, parecendo surpreso. — Milorde não lhe contou?

— Milorde está doente como um cachorro e incapaz de me dizer qualquer coisa além do que eu devia perguntar a você.

Fergus sacudiu a cabeça, estalando a língua à maneira francesa de indicar desaprovação.

— Ele nunca acha que vai passar tão mal — disse ele. — Sempre fica assim e, no entanto, toda vez que tem que pôr os pés em um navio, ele insiste que se trata apenas de uma questão de força de vontade; a força de sua mente vai prevalecer e ele não permitirá que seu estômago dite suas ações. Depois, a três metros



do cais, ele fica verde.

— Ele nunca me disse isso — falei, achando graça de sua descrição. — Tolo e teimoso.

Marsali pairava atrás de Fergus com um ar de arrogante reserva, fingindo ignorar minha presença. Diante dessa inesperada descrição de Jamie, entretanto, ela não conteve um breve espasmo de riso. Percebeu que eu a olhava e virou-se apressadamente, as faces ruborizadas, para fitar o mar à distância.

Fergus sorriu e deu de ombros.

— Sabe como ele é, milady — disse ele, com tolerante afeto. — Pode estar morrendo e ninguém ficaria sabendo.

— Você saberia se descesse e olhasse para ele agora — disse acidamente. Ao mesmo tempo, percebi minha surpresa, acompanhada de uma ligeira sensação de calor na boca do estômago. Fergus estivera com Jamie quase diariamente por vinte anos e, ainda assim, Jamie não admitiria para ele a fraqueza que prontamente me deixava ver. Se ele estivesse morrendo, eu saberia, com toda a certeza. — Homens — disse, sacudindo a cabeça.

— Milady?

— Não tem importância — disse. — Você estava me falando de barris e incêndio.

— Ah, de fato, sim. — Fergus alisou para trás a espessa cabeleira negra com seu gancho. — Foi um dia antes de eu encontrá-la outra vez, milady, na casa de madame Jeanne.

O dia em que eu voltara para Edimburgo, não mais do que poucas horas antes de encontrar Jamie na gráfica. Ele estivera nas docas Burntisland com Fergus e um bando de seis homens durante a noite, aproveitaram-se do tardio alvorecer do inverno para recuperar vários barris de vinho Madeira extraoficiais, contrabandeados em meio a um inocente carregamento de farinha.

— O Madeira não embebe a madeira do barril tão rápido quanto outros vinhos — explicou Fergus. — Não se pode trazer conhaque debaixo do nariz da alfândega, porque os cachorros sentirão o cheiro imediatamente, ainda que seus donos não o façam. Mas não

o vinho Madeira, desde que tenha sido colocado nos barris há pouco tempo.

— Cachorros?

— Alguns inspetores da alfândega possuem cães, milady, treinados para identificar contrabando de tabaco e conhaque. — Fez um gesto descartando a interrupção, estreitando os olhos contra o refrescante vento marinho. — Nós havíamos retirado o Madeira sem problemas e levado para o armazém, um daqueles que aparentemente pertenciam a lorde Dundas, mas na realidade pertenciam em comum a madame Jeanne e milorde.

— Sei — eu disse, novamente com aquele pequeno vazio no estômago que eu sentira quando Jamie abriu a porta do bordel na Queen Street. — Sócios, não são?

— Bem, mais ou menos. — A voz de Fergus soou pesarosa. — Milorde possui apenas uma fração de cinco por cento, em recompensa por ele ter encontrado o lugar e feito os preparativos. A tipografia como ocupação é muito menos rentável do que a manutenção de um *hôtel de joie*. — Marsali não se virou, mas achei que seus ombros empertigaram-se ainda mais.

— Imagino que sim — eu disse. Afinal, Edimburgo e madame Jeanne haviam ficado muito para trás. — Continue a história. Alguém pode cortar a garganta de Jamie antes que eu descubra por quê.

— Claro, milady. — Fergus balançou a cabeça, desculpando-se.

O contrabando estava escondido em segurança, aguardando disfarce e venda, e os contrabandistas fizeram uma pausa para renovar as forças com um drinque em lugar do desjejum, antes de voltarem para casa em plena luz do dia. Dois dos homens pediram sua parte imediatamente, precisavam do dinheiro para pagar dívidas de jogo e comprar comida para suas famílias. Jamie, tendo concordado, dirigiu-se ao escritório do armazém, onde guardava algum ouro.

Quando os homens relaxavam tomando uísque num canto do armazém, suas risadas e brincadeiras foram interrompidas por uma

repentina vibração que sacudiu o chão sob os seus pés. “Abaixem-se!”, gritou MacLeod, um experiente gerente de armazém. Os homens mergulharam em busca de um abrigo, antes mesmo de ver a enorme fileira de barris próxima ao escritório estremecer e estrondar, um barril de duas toneladas rolando pela pilha com uma lenta graciosidade, para despedaçar-se numa aromática lagoa de cerveja, seguido em questão de segundos por uma cascata de seus monstruosos companheiros.

— Milorde estava passando em frente à fileira — disse Fergus, sacudindo a cabeça. — Foi só pela graça da Virgem Maria que ele não foi esmagado. — Na verdade, um dos barris não o atingiu por uma questão de centímetros e ele conseguiu escapar de outro lançando-se de cabeça fora de seu caminho e embaixo de uma prateleira vazia que desviara sua trajetória. Como eu digo, essas coisas acontecem com frequência — disse ele, encolhendo os ombros. — Uma dúzia de homens morre todo ano em acidentes como esse, só nos armazéns próximos a Edimburgo. Mas com todo o resto...

Na semana anterior ao incidente dos barris, um pequeno barracão cheio de palha para empacotamento pegara fogo quando Jamie estava trabalhando dentro dele. Um lampião colocado entre ele e a porta havia aparentemente caído, incendiando a palha e prendendo Jamie no barracão sem janelas, atrás de uma repentina muralha de fogo.

— Felizmente, o barracão era uma construção muito frágil, de tábuas meio apodrecidas. Foi lambido pelas chamas como cavacos de madeira, mas milorde conseguiu abrir um buraco na parede dos fundos e arrastar-se para fora, sem se ferir. A princípio, achamos que o lampião apenas caíra por conta própria e demos graças a Deus por ele ter escapado. Somente depois é que milorde me disse que ele achava ter ouvido um barulho — talvez um tiro, talvez apenas os estalidos que um armazém antigo dá conforme suas tábuas se assentam — e quando ele se virou para ver, deparou-se com as chamas à sua frente.

Fergus suspirou. Parecia cansado e imaginei se ele não teria ficado acordado para vigiar Jamie durante a noite.

— Portanto — disse ele, encolhendo os ombros outra vez —, não sabemos. Tais incidentes podem não ter sido mais do que acidentes, ou talvez não. Mas considerando essas ocorrências com o que aconteceu em Arbroath...

— Vocês podem ter um traidor entre os contrabandistas — disse.

— De fato, milady. — Fergus coçou a cabeça. — Mas o que é mais perturbador para milorde é o homem que o chinês matou na casa de madame Jeanne.

— Por que você acha que ele era um agente alfandegário que seguira Jamie das docas até o bordel? Jamie disse que não poderia ser, porque ele não tinha nenhum mandado judicial.

— Isso não prova nada — observou Fergus. — Mas, pior ainda, era o livreto que ele tinha no bolso.

— O Novo Testamento? — Eu não via nenhuma relevância nesse fato e disse isso a Fergus.

— Ah, mas é relevante, sim, milady, ou deveria ser, eu acho — corrigiu-se Fergus. — Veja bem, era um livreto que o próprio milorde imprimira.

— Compreendo — disse devagar — ou ao menos estou começando a compreender.

Fergus balançou a cabeça gravemente.

— Ter a alfândega rastreando o conhaque dos pontos de entrega ao bordel já seria bastante ruim, é claro, mas não fatal, outro esconderijo poderia ser encontrado; na realidade, milorde fez arranjos com os proprietários de duas tabernas que... mas isso não vem ao caso. — Descartou o assunto com um aceno da mão. — Mas ter os agentes da Coroa ligando o famoso contrabandista Jamie Roy ao respeitável sr. Malcolm do beco Carfax... — Espalmou as mãos num gesto amplo. — Compreende?

Eu compreendia. Se a alfândega chegasse perto demais de suas operações de contrabando, Jamie poderia simplesmente dispensar os auxiliares, deixar de visitar os lugares frequentados por seus

contrabandistas e desaparecer por um tempo, retraindo-se para seu disfarce de mestre-impressor até parecer seguro retomar suas atividades ilegais. Mas ter suas duas identidades tanto detectadas como associadas era não só privá-lo de suas duas fontes de renda, como levantar suspeitas tais que poderiam levar à descoberta de seu verdadeiro nome, suas atividades subversivas e daí para Lallybroch e sua história de rebelde e traidor condenado. Teriam provas para enforcá-lo uma dúzia de vezes — e bastava uma vez.

— Sem dúvida, compreendo. Então, Jamie não estava só preocupado com Laoghaire e Hobart MacKenzie quando disse a Ian que achava bom nos refugiarmos na França por algum tempo.

Paradoxalmente, senti-me aliviada com as revelações de Fergus. Ao menos, eu não fora a única responsável pelo exílio de Jamie. Meu reaparecimento pode ter precipitado a crise com Laoghaire, mas eu nada tivera a ver com tudo aquilo.

— Exatamente, milady. E ainda assim, não sabemos com certeza se um dos homens nos traiu... ou se, ainda que houvesse um traidor entre eles, esse traidor quisesse matar milorde.

— É um ponto a ser considerado. — Era, mas não de grande importância. Se um dos contrabandistas tivesse aceitado trair Jamie por dinheiro, seria uma coisa. Se tivesse algum motivo de vingança pessoal, entretanto, o sujeito poderia muito bem sentir-se compelido a fazer justiça com as próprias mãos, agora que estávamos, temporariamente, ao menos, fora do alcance da alfândega real.

— Se assim for — continuava Fergus —, será um dos seis homens, os seis que milorde me mandou chamar para navegar conosco. Esses seis estavam presentes tanto no incidente com os barris quanto no incêndio do barracão; todos já estiveram no bordel. — Fez uma pausa. — E todos estavam presentes na estrada em Arbroath, quando fomos emboscados e encontramos o guarda alfandegário enforcado.

— Todos eles sabem a respeito da gráfica?

— Ah, não, milady! Milorde sempre tomou muito cuidado para que nenhum dos contrabandistas soubesse da gráfica, mas sempre

é possível que um deles o tenha visto nas ruas de Edimburgo, o seguido até o beco Carfax e tomado conhecimento de A. Malcolm. — Sorriu ironicamente. — Milorde não é o mais discreto dos homens, milady.

— É verdade — eu disse, no mesmo tom. — Mas agora todos eles sabem o verdadeiro nome de Jamie. O capitão Raines o chama de Fraser.

— Sim — disse ele, com um leve sorriso amargo. — É por isso que temos que descobrir se estamos de fato navegando com um traidor... e quem é ele.

Olhando para ele, ocorreu-me pela primeira vez que Fergus era na verdade um adulto agora — e um homem perigoso. Eu o conhecera como um garoto ansioso, dentuço, de dez anos de idade, e para mim algo daquele menino sempre permaneceria em seu rosto. Mas muito tempo se passara desde que ele era um moleque das ruas de Paris.

Marsali permanecera fitando o mar durante a maior parte da conversa, preferia não correr o risco de ter que conversar comigo. Ela obviamente ficara ouvindo e vi um estremecimento percorrer seus ombros delgados — se de frio ou apreensão, eu não sabia. Provavelmente, não planejara subir a bordo com um assassino em potencial quando concordou em fugir com Fergus.

— É melhor levar Marsali para baixo — disse a Fergus. — Ela está ficando azul. Não se preocupe — disse a Marsali com frieza —, não vou para a cabine ainda por um bom tempo.

— Aonde vai, milady? — Fergus estreitava os olhos para mim, ligeiramente desconfiado. — Milorde não vai querer que você...

— Não pretendo — assegurei-lhe. — Vou à cozinha.

— À cozinha? — Suas bem delineadas sobrancelhas negras arquearam-se.

— Para ver se Aloysius O'Shaughnessy Murphy tem alguma sugestão para enjoo — disse. — Se não colocarmos Jamie de pé outra vez, ele não vai se importar se alguém cortar sua garganta ou não.

Murphy, adoçado com alguns gramas de casca de laranja seca e uma garrafa do melhor clarete de Jared, estava absolutamente disposto a colaborar. Na verdade, ele parecia considerar o problema de manter alimento no estômago de Jamie algo como um desafio profissional e passava horas em mística contemplação de sua prateleira de condimentos e em suas despensas — tudo em vão.

Não nos deparamos com nenhuma tempestade, mas os ventos do inverno impeliam pesados vagalhões à sua frente e o *Artemis* subia e descia três metros de cada vez, para cima e para baixo dos enormes picos vidrados das ondas. Algumas vezes, observando as hipnóticas subidas e guinadas do balaústre da popa contra o horizonte, eu mesma senti algumas ânsias de vômito e desviei o olhar apressadamente

Jamie não dava nenhum sinal de estar prestes a realizar a encorajadora profecia de Jared e pôr-se de pé num salto, repentinamente acostumado ao movimento. Continuava no beliche, da cor de mostarda rançosa, movendo-se apenas para arrastar-se até a latrina, vigiado em turnos, dia e noite, pelo sr. Willoughby e Fergus.

Por outro lado, nenhum dos seis contrabandistas fez nada que pudesse ser considerado ameaçador. Todos expressaram sua preocupação e solidariedade pelo bem-estar de Jamie e — cuidadosamente observados — todos o visitaram rapidamente em sua cabine, sem que ocorresse nenhuma circunstância suspeita.

De minha parte, eu passava os dias explorando o navio, atendia pequenas emergências médicas que surgiam das tarefas rotineiras da navegação — um dedo esmagado, uma costela quebrada, gengivas sangrando e um dente com abscesso —, e triturava ervas e fazia remédios em um canto da cozinha; podia trabalhar ali graças à generosidade de Murphy.

Marsali já estava ausente da nossa cabine quando eu acordava, já dormia quando eu retornava e mantinha-se silenciosamente hostil quando o espaço confinado do navio nos forçava a nos encontrar no convés ou durante as refeições. Presumi que a hostilidade devia-se

em parte aos seus naturais sentimentos pela mãe e em parte à frustração por passar as horas da noite em minha companhia, e não na de Fergus.

Quanto a isso, se ela permanecia intocada — e, a julgar por seu comportamento amuado, eu estava razoavelmente certa de ser esse o caso —, o fato devia-se inteiramente ao respeito de Fergus pelas ordens de Jamie. Em termos de seu papel como guardião da virtude de sua enteada, o próprio Jamie era uma força insignificante no momento.

— O quê, nem o caldo ajudou? — disse Murphy. O rosto largo e vermelho do cozinheiro anuviou-se ameaçadoramente. — Eu já fiz muita gente levantar do leito de morte com este caldo!

Tirou a canequinha de caldo da mão de Fergus, cheirou-a criticamente e enfiou-a embaixo do meu nariz.

— Tome, cheire isso, dona. Tutano, alho, cominho e um pedacinho de toucinho de porco para dar sabor, tudo cuidadosamente coado em musselina, do mesmo jeito que é feito para pessoas que não toleram pedaços de alimentos no estômago, mas aqui você não vai encontrar nenhum pedaço, nem um só!

O caldo, de fato, era de um marrom-claro e dourado, com um cheiro apetitoso que encheu minha própria boca de água, apesar do excelente jejum que eu fizera há menos de uma hora. O capitão Raines tinha um estômago delicado e em consequência se dera ao trabalho de procurar um bom cozinheiro e abastecer a cozinha, para benefício da mesa dos oficiais.

Murphy, com uma perna de pau e as dimensões de um barril de rum, era o protótipo de um verdadeiro pirata, mas na verdade tinha a reputação de melhor cozinheiro de navio de Le Havre — como ele próprio me dissera, sem a menor arrogância. Considerava os casos de enjoo um desafio às suas habilidades e Jamie, ainda prostrado após quatro dias, era uma verdadeira afronta para ele.

— Tenho certeza de que o caldo é maravilhoso — assegurei-lhe. — A questão é que ele não consegue manter nada no estômago.

Murphy resmungou com desconfiança, mas virou-se e



cuidadosamente entornou o resto do caldo em uma das numerosas panelas que ferviam dia e noite no fogo da cozinha.

Com uma horrível carranca e passando a mão pelos fiapos de cabelos louros e ralos, abriu um armário e fechou-o, depois se inclinou para remexer em um baú de provisões, resmungando baixinho.

— Um pouco de bolacha, talvez? — murmurou ele. — Alimento seco, é disso que ele precisa. Talvez umas gotas de vinagre; pickles bem ácidos, quem sabe...

Observei, fascinada, as mãos enormes do cozinheiro, com dedos como salsichas, moverem-se com destreza pelo estoque de provisões, escolhendo guloseimas e alinhando-as com rapidez em uma bandeja.

— Pronto, vamos tentar isso, então — disse ele, entregando-me a bandeja arrumada. — Deixe-o chupar esses pepinos em conserva, mas não o deixe mastigá-los ainda. Em seguida, dê-lhe um pedaço de bolacha pura, acho que ainda não tem nenhum gorgulho nelas, mas não deixe que ele beba água com a bolacha. Depois, um pedaço do pepino em conserva, bem mastigado, para fazer a saliva fluir, uma mordida de bolacha e assim por diante. Se isso conseguir ficar no estômago, então poderemos passar ao pudim de leite, feito ontem à noite para o jantar do capitão. Depois, se isso ficar... — Sua voz seguiu-me para fora da cozinha, continuando o catálogo de alimentos disponíveis. — ... torrada de leite, que é feita com leite de cabra, fresco, tirado na hora...

— ... depois leite bem batido com uísque e um bom ovo... — As palavras ressoaram pelo corredor enquanto eu tentava fazer a curva estreita com a bandeja carregada, passando com todo o cuidado por cima do sr. Willoughby, que estava, como sempre, agachado em um canto da passagem, junto à porta de Jamie, como um cachorrinho azul.

No entanto, um passo para dentro da cabine e pude ver que o exercício dos dotes culinários de Murphy iria ser outra vez em vão. À maneira usual de um homem que não está se sentindo bem,

Jamie conseguira arranjar seu ambiente de modo a ficar o mais deprimente e desconfortável possível. A minúscula cabine estava úmida e fedorenta, o apertado beliche coberto com um pano para excluir tanto a luz quanto o ar e sobrecarregado com uma pilha desordenada de cobertas suadas e roupas sujas.

— Levante-se, preguiçoso — eu disse alegremente. Coloquei a bandeja sobre a mesa e retirei a cortina improvisada, que parecia ser uma das camisas de Fergus. A pouca luz vinha de um grande prisma embutido no convés acima. Atingia o beliche, iluminando um semblante pálido como o de um fantasma e uma expressão funesta.

Abriu uma fresta mínima em um dos olhos.

— Vá embora — disse ele, fechando-o outra vez.

— Eu lhe trouxe o desjejum — disse com firmeza. O olho abriu-se outra vez, azul e glacial.

— Não mencione a palavra desjejum para mim — disse ele.

— Chame de almoço então — eu disse. — Já é bem tarde. — Coloquei um banquinho perto dele, peguei o pequeno pepino em conserva da bandeja e segurei-o convidativamente sob seu nariz. — Você deve chupá-lo — disse-lhe.

Lentamente, o outro olho abriu-se. Ele não disse nada, mas o par de círculos azuis se revirou, pousando em mim com uma expressão de tão feroz eloquência que eu apressadamente recolhi o pepino.

As pálpebras caíram lentamente até se fecharem outra vez.

Examinei os destroços à volta, franzindo o cenho. Ele estava deitado de costas, os joelhos erguidos. Embora o beliche embutido na parede oferecesse mais estabilidade para a pessoa dormir do que as redes balançantes da tripulação, era projetado para acomodar os passageiros comuns, que — a julgar pelo tamanho do beliche — não deviam ter mais do que um metro e sessenta de altura aproximadamente.

— Você não pode de forma alguma estar confortável aí dentro — eu disse.

— Não estou.

— Gostaria de experimentar uma rede em vez do beliche? Pelo menos você poderia se esticar...

— Não.

— O capitão disse que ele precisa que você lhe dê uma lista da carga, assim que puder.

Ele fez uma breve e irreproduzível sugestão sobre o que o capitão Raines deveria fazer com sua lista, sem se dar ao trabalho de abrir os olhos.

Suspirei e segurei sua mão lânguida. Estava fria e úmida, e a pulsação rápida.

— Bem — eu disse, após uma pausa. — Talvez possamos tentar uma coisa que eu costumava fazer com pacientes cirúrgicos. Às vezes, parecia ajudar.

Ele deu um gemido baixo, mas não se opôs. Puxei o banquinho e me sentei, ainda segurando sua mão.

Eu desenvolvera o hábito de conversar com os pacientes por alguns minutos antes de serem levados à cirurgia. A minha presença parecia reconfortá-los e eu descobrira que se conseguisse fazê-los fixar a atenção além da iminente provação, eles pareciam se sair melhor — havia menos sangramento, a náusea pós-anestesia era menor e pareciam se recuperar mais facilmente. Eu vira isso acontecer com frequência suficiente para acreditar que não era imaginação; Jamie não estava completamente errado ao afirmar a Fergus que o poder da mente sobre a carne era possível.

— Vamos pensar em algo agradável — eu disse, com a voz mais baixa e tranquilizadora possível. — Pense em Lallybroch, na colina acima da casa. Pense nos pinheiros que crescem lá... pode sentir o cheiro das agulhas dos pinheiros? Pense na fumaça saindo da chaminé da cozinha em um dia claro e em uma maçã em sua mão. Pense na sensação em sua mão, a maçã firme e lisa, e depois...

— Sassenach? — Os dois olhos de Jamie estavam abertos e se fixaram em mim com intensa concentração. O suor brilhava nas suas têmporas.

— Sim?

— Vá embora.

— O quê?

— Vá embora — repetiu ele, muito delicadamente — ou eu vou quebrar seu pescoço. Vá embora agora.

Levantei-me com dignidade e saí.

O sr. Willoughby estava recostado contra uma pilastra no corredor, espreitando pensativamente para dentro da cabine.

— Você não tem aquelas bolas de pedra com você, tem? — perguntei.

— Tenho — respondeu ele, parecendo surpreso. — Quer bolas da saúde para Tsei-mi? — Começou a remexer na manga, mas eu o fiz parar com um gesto.

— O que eu quero fazer é bater na cabeça dele com uma delas, mas acho que Hipócrates não iria gostar muito.

O sr. Willoughby sorriu de modo hesitante e balançou a cabeça várias vezes, no esforço para expressar seu apreço a qualquer coisa que eu estivesse querendo dizer.

— Deixe pra lá — acrescentei. Olhei com raiva por cima do ombro à pilha de cobertas fétidas. Ele remexeu-se levemente e uma mão tateante surgiu, explorando cuidadosamente o chão até encontrar a bacia que estava lá. Segurando-a, a mão desapareceu nas profundezas obscuras do beliche, de onde logo emergiu o barulho de ânsia de vômito seco. — Desgraçado! — eu disse, a exasperação mesclada a pena... e uma ligeira sensação de alarme. As dez horas de travessia do Canal eram uma coisa; qual seria seu estado após dois meses assim?

— Cabeça de porco — concordou o sr. Willoughby, com um melancólico balanço da cabeça. — Ele é rato, você acha, ou será dragão?

— Fede como um zoológico inteiro — eu disse. — Mas por que dragão?

— Uma pessoa nascer no ano do Dragão, ano do Rato, ano do Carneiro, ano do Cavalo — explicou o sr. Willoughby. — Sendo diferente cada ano, pessoas diferentes. Sabendo Tsei-mi ser rato ou

dragão?

— Quer dizer, em que ano ele nasceu? — Eu tinha uma vaga lembrança dos menus nos restaurantes chineses, decorados com os animais do zodíaco chinês, com explicações dos supostos traços de personalidade dos nascidos em cada ano. — Foi em 1721, mas não sei assim de improviso de que animal era esse ano.

— Estar achando rato — disse o sr. Willoughby, olhando pensativamente para o emaranhado de cobertas, que subiam e abaixavam de um modo ligeiramente agitado. — Rato muito esperto, muita sorte. Mas dragão, também, podia ser. É muito sensual na cama, Tsei-mi? Os dragões pessoas muito ardentes.

— Não tanto que desse para notar ultimamente — eu disse, observando o monte de roupas de cama pelo canto dos olhos. Subiu e desceu, como se o conteúdo tivesse se virado de repente.

— Eu ter remédio chinês — disse o sr. Willoughby, observando esse fenômeno pensativamente. — Bom para vômito, estômago, cabeça, deixar tudo sereno e tranquilo.

Olhei-o com interesse.

— É mesmo? Gostaria de ver isso. Já experimentou em Jamie?

O pequeno chinês sacudiu a cabeça pesarosamente.

— Não querer — respondeu ele. — Dizer pro inferno, jogar no mar se eu me aproximar.

O sr. Willoughby e eu entreolhamo-nos com um perfeito entendimento.

— Sabe — eu disse, elevando a voz um ou dois decibéis —, a ânsia de vômito seca e prolongada faz muito mal a uma pessoa.

— Ah, de fato, muito mal. — O sr. Willoughby havia raspado a parte da frente de sua cabeça naquela manhã; a curva lisa do seu crânio brilhou quando ele balançou a cabeça energicamente.

— Corrói os tecidos do estômago e irrita o esôfago.

— É mesmo?

— Sim. Eleva a pressão sanguínea e estende os músculos abdominais também. Pode até rasgá-los e causar uma hérnia.

— Ah.

— E — continuei, elevando mais um pouco a voz — pode fazer com que os testículos se enrolem dentro do escroto e corte a circulação ali.

— Uuuuh! — Os olhos do sr. Willoughby arregalaram-se.

— Se isso acontecer — eu disse de forma ameaçadora —, a única coisa a fazer, em geral, é amputar antes que ocorra uma gangrena.

O sr. Willoughby emitiu um som sibilante indicativo de compreensão e profundo choque. O monte de cobertas, que estivera se remexendo de um lado para o outro durante essa conversa, ficou absolutamente imóvel.

Olhei para o sr. Willoughby. Ele encolheu os ombros. Cruzei os braços e esperei. Após um minuto, um pé esbelto, elegantemente descalço, foi expelido das cobertas. Um momento depois, seu companheiro surgiu, pousando no assoalho.

— Malditos, vocês dois! — disse uma grave voz escocesa, em tom maligno. — Entrem, então.

Fergus e Marsali estavam reclinados sobre a balaustrada à popa, confortavelmente aconchegados, o braço de Fergus ao redor da cintura da jovem, seus longos cabelos louros esvoaçando ao vento.

Ao ouvir passos se aproximando, Fergus olhou para trás por cima do ombro. Soltou o ar com assombro, girou nos calcanhares e fez o sinal da cruz, os olhos arregalados.

— Nem... uma... palavra, por favor — disse Jamie entre dentes.

Fergus abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Marsali, virando-se para olhar também, emitiu um gritinho.

— Pai! O que aconteceu com você?

O medo e a preocupação óbvios em seu rosto impediram Jamie de qualquer observação azeda que estivesse prestes a fazer. Seu rosto relaxou um pouco, fazendo as finas agulhas de ouro que se projetavam detrás de suas orelhas girarem como antenas de formigas.

— Está tudo bem — disse ele irritado. — É só uma bobagem do

chinês, para curar as ânsias de vômito.

Com os olhos esbugalhados, Marsali aproximou-se dele, cautelosamente estendendo um dedo para tocar as agulhas espetadas na carne de seu pulso acima da palma da mão. Mais três reluziram da parte interna de sua perna, alguns centímetros acima do tornozelo.

— Isso... isso funciona? — perguntou ela. — Como se sente?

A boca de Jamie contorceu-se, seu senso de humor usual começando a se restabelecer.

— Sinto-me como um maldito boneco de bruxa que alguém andou enchendo de alfinetes — disse ele. — Por outro lado, não vomitei no último quarto de hora, de modo que acho que deve funcionar. — Lançou um rápido olhar a mim e ao sr. Willoughby, lado a lado perto da balaustrada.

— Veja bem — disse ele —, não tenho vontade de chupar pepino em conserva ainda, mas talvez eu possa saborear um copo de cerveja, se você souber onde poderia encontrar, Fergus.

— Ah. Ah, sim, milorde. Quer vir comigo? — Incapaz de desviar os olhos das agulhas, Fergus estendeu a mão hesitantemente para segurar o braço de Jamie, mas pensando melhor, virou-se na direção do passadiço.

— Devo dizer a Murphy para começar a preparar seu almoço? — gritei para Jamie quando ele se virou para seguir Fergus. Ele me lançou um olhar longo e direto por cima do ombro. As agulhas douradas projetavam-se do meio de seus cabelos em dois maços, um de cada lado, brilhando à luz da manhã como um par de chifres de diabo.

— Não exagere na sorte, Sassenach — disse ele. — Eu não vou esquecer, você sabe. Testículos enrolados, pois sim!

O sr. Willoughby ignorou essa troca de palavras, de cócoras sobre os calcanhares, à sombra do reservatório de água potável no convés da popa, um enorme tonel cheio de água para consumo da guarda do convés. Ele contava nos dedos, evidentemente absorto em algum tipo de cálculo. Quando Jamie se afastava

arrogantemente, ele ergueu os olhos.

— Não rato — disse ele, sacudindo a cabeça. — Não dragão também. Tsei-mi nascer no ano do Boi.

— É mesmo? — disse, olhando para os ombros largos e a cabeleira ruiva, abaixada teimosamente contra o vento. — Muito apropriado.



**42**

O HOMEM DA LUA

**E**m vez do que seu título sugeria, o cargo de Jamie como sobrecarga não era muito pesado. Além de conferir o conteúdo do porão com os comprovantes de carga para assegurar que o *Artemis* de fato carregava as quantidades precisas de couros, flandres e enxofre, não havia mais nada para ele fazer enquanto estivesse no mar. Seus deveres começariam quando chegássemos à Jamaica, onde a carga deveria ser descarregada, conferida novamente e vendida, com os impostos devidos pagos, as comissões deduzidas e a papelada preenchida.

Nesse ínterim, havia pouco para ele fazer — ou mesmo para mim. Embora o sr. Picard, o contramestre, olhasse com cobiça a poderosa compleição física de Jamie, era óbvio que ele jamais poderia ser um homem do mar. Ligeiro e ágil como qualquer outro membro da tripulação, sua ignorância de cordas e velas tornava-o inútil para qualquer outra função além da situação ocasional em que somente a força bruta era exigida. Era evidente que ele era um soldado, não um marinheiro.

Ele realmente participava com entusiasmo da prática de artilharia que era realizada a cada dois dias, ajudava a empurrar para dentro e para fora os quatro enormes canhões em seus carrinhos, com uma tremenda algazarra, e passava horas numa fascinada discussão de sabedoria mítica sobre canhões com Tom Sturgis, o chefe da artilharia. Durante esses estrondosos exercícios, Marsali, o sr. Willoughby e eu ficávamos em um lugar seguro e distante, sob os cuidados de Fergus, que foi excluído das manobras com explosivos por não ter uma das mãos.

Para minha surpresa, eu fui aceita como a médica do navio sem maiores questionamentos por parte da tripulação. Foi Fergus quem explicou que, em pequenos navios mercantes, até barbeiros-

cirurgiões eram incomuns. Em geral, era a mulher do artilheiro — se ele fosse casado — quem tratava os pequenos ferimentos e doenças da tripulação.

Lidei com a sucessão normal de dedos esmagados, mãos queimadas, infecções de pele, dentes com abscesso e doenças digestivas, mas numa tripulação de apenas trinta e dois homens, quase não havia trabalho para me manter ocupada depois da hora de tratamentos médicos pela manhã.

Em consequência, tanto Jamie quanto eu tínhamos bastante tempo livre. E, conforme o *Artemis* rumava gradualmente para o sul, entrando na grande espiral do Atlântico, começamos a passar a maior parte do tempo juntos.

Pela primeira vez desde o meu retorno a Edimburgo, havia tempo para conversar; para reaprender todas as características, parcialmente esquecidas, um do outro; para descobrir as novas facetas que a experiência lavrara; e simplesmente para desfrutar a companhia um do outro, sem as dispersões do perigo e da rotina diária.

Passeávamos constantemente pelo convés, para cima e para baixo, marcando os quilômetros enquanto conversávamos sobre tudo e sobre nada, destacando um para o outro os fenômenos de uma viagem por mar; as auroras e pores do sol espetaculares, cardumes de estranhos peixes verdes e prateados, enormes ilhas flutuantes de algas marinhas, abrigando milhares de minúsculos caranguejos e águas-vivas, os lisos e lustrosos golfinhos que apareciam por vários dias seguidos, acompanhando o navio, saltando da água de vez em quando como se quisessem dar uma espiada nas estranhas criaturas acima da água.

A lua surgiu imensa, ligeira e dourada, um maravilhoso disco luminoso que deslizava para o alto, saindo da água e subindo pelo céu como uma fênix renascida. A água estava escura agora e os golfinhos invisíveis, mas achei que de alguma forma eles ainda estavam ali, acompanhando o ritmo do navio em sua viagem pela

escuridão.

Era um espetáculo deslumbrante até mesmo para os marujos, que já o tinham visto mil vezes. Eles paravam e suspiravam de prazer diante do cenário, conforme o enorme círculo se erguia e pendurava-se na borda do mundo, parecendo tão perto que poderia ser tocado.

Jamie e eu estávamos juntos, apoiados na balaustrada, admirando a lua. Parecia tão próxima que podíamos divisar sem dificuldade as manchas escuras e sombras em sua superfície.

— Parece tão perto que se poderia conversar com o Homem da Lua — disse ele, sorrindo, e acenou, numa saudação à encantadora face dourada acima.

— “As soluçantes Plêiades dirigem-se para oeste e a lua jaz sob os mares” — citei. — E olhe, está mesmo, lá embaixo. — Apontei por cima da balaustrada, para o ponto onde o rastro do luar aprofundava-se, brilhando na água como se uma lua gêmea estivesse afundada ali. — Quando parti — disse —, os homens estavam se preparando para ir à Lua. Imagino se conseguirão.

— As máquinas voadoras voam tão alto assim? — perguntou Jamie. Estreitou os olhos para a lua. — Eu diria que é um imenso caminho, por mais que a lua pareça tão perto no momento. Li um livro de um astrônomo e ele dizia que eram talvez trezentas léguas da Terra à Lua. Ele estava errado, então, ou será que os... aviões, não é?... podem voar tão longe?

— É preciso um tipo especial, chamado de foguete — eu disse. — Na verdade, a distância até a Lua é muito maior do que trezentas léguas e quando você fica bem longe da Terra, não há mais ar no espaço para respirar. Terão que levar ar com eles na viagem, como água e comida. Eles o colocam numa espécie de reservatório de metal.

— É mesmo? — Olhou para o alto, o rosto banhado de luz e admiração. — Como será a superfície lá?

— Eu sei — eu disse. — Vi fotografias. É rochosa, árida, sem nenhum sinal de vida, mas muito bonita, tem penhascos, montanhas

e crateras. Pode-se ver as crateras daqui; as manchas escuras. — Balancei a cabeça para a lua sorridente, depois eu mesma sorri para Jamie. — Não é muito diferente da Escócia, exceto que a Escócia é verde.

Ele riu, e a seguir, evidentemente lembrado pela palavra “fotografias”, enfiou a mão dentro do casaco e retirou o pequeno pacote com as fotos de Brianna. Costumava ser cauteloso com elas, nunca as pegava onde pudessem ser vistas por alguém, nem mesmo Fergus, mas estávamos sozinhos ali, havia pouca chance de sermos interrompidos.

A lua estava suficientemente brilhante para vermos o rosto de Brianna, radiante e mutável, conforme ele manuseava as fotos lentamente nas mãos. As bordas estavam ficando desgastadas, eu notei.

— Você acha que um dia ela vai andar pela Lua? — perguntou ele suavemente, fazendo uma pausa em uma foto de Bree olhando pela janela, sonhando secretamente, sem saber que estava sendo fotografada. Ele levantou os olhos outra vez para o disco acima de nós e eu compreendi que para ele uma viagem à Lua parecia apenas um pouco mais difícil ou fora de alcance do que esta em que estávamos empenhados. A Lua, afinal, era apenas outro lugar longínquo, desconhecido.

— Não sei — respondi, sorrindo ligeiramente.

Ele repassou as fotos lentamente, absorto como sempre ficava ao ver o rosto da filha, tão parecido com o seu. Observei-o calada, compartilhando sua alegria silenciosa diante desta promessa de nossa imortalidade. Pensei rapidamente naquela lápide na Escócia, com seu nome gravado, e reforcei-me com sua distância. Fosse quando fosse, nossa separação não aconteceria em breve. E mesmo quando e onde acontecesse — ainda deixaríamos Brianna.

Mais versos de Housman atravessaram minha mente.

*Pare junto à inscrição da lápide  
O coração não mais agitado,*

*E diga que o rapaz que a amou  
Foi alguém que cumpriu sua palavra.*

Aconcheguei-me mais a ele, sentindo o calor de seu corpo através do casaco e da camisa, e descansei a cabeça em seu braço enquanto ele manuseava devagar a pequena pilha de fotografias.

— Ela é linda — murmurou ele, como fazia toda vez que via as fotos. — E inteligente, também, não foi o que disse?

— Exatamente como o pai — disse-lhe, e o senti sacudir-se com uma risadinha.

Seu corpo retesou-se um pouco quando ele virou uma das fotos e eu levantei a cabeça para ver qual ele estava olhando. Era uma tirada na praia, quando Brianna tinha cerca de dezesseis anos. Mostrava-a de pé na água, com a espuma das ondas até a altura das coxas, os cabelos ruivos molhados e embaralhados, chutando a água em seu amigo, um rapaz chamado Rodney, que recuava e se esquivava, rindo também, as mãos levantadas contra os respingos de água e areia.

Jamie franziu levemente a testa, os lábios contraídos.

— Isso — começou ele. — Eles... — Parou e limpou a garganta. — Não me atreveria a criticar, Claire — disse, com muito cuidado —, mas você não acha que isso é um pouco... indecente?

Reprimi a vontade de rir.

— Não — eu disse, com tranquilidade. — Na verdade, essa é uma roupa de banho de mar bastante comportada... para a época. — Embora o traje em questão fosse realmente um biquíni, não era de forma alguma muito reduzido, cobria quase o umbigo de Bree. — Escolhi esta foto porque achei que você iria querer ver, hã... o máximo possível dela.

Ele pareceu ligeiramente escandalizado diante dessa ideia, mas seus olhos retornaram à foto, irresistivelmente atraídos. Seu rosto suavizou-se ao olhar para ela.

— Sim, bem — disse ele. — Sim, ela é muito bonita e fico contente em saber. — Levantou a foto, examinando-a com cuidado.

— Não, não estou me referindo à roupa que ela está usando; quase todas as mulheres que se banham do lado de fora o fazem nuas e sua pele não é nenhuma vergonha para elas. É só que... este rapaz. Certamente ela não deveria estar perto de um homem quase nua.

— Franziu o cenho para a figura do infeliz Rodney e eu mordi o lábio à ideia do rapazinho magro, que eu conhecia muito bem, como uma ameaça masculina à pureza virginal.

— Bem — eu disse, respirando fundo. Estávamos em terreno um pouco delicado agora. — Não. Quero dizer, rapazes e moças brincam juntos... dessa forma. Você sabe que as pessoas se vestem de forma diferente nessa época, já lhe contei. Ninguém na verdade anda muito coberto, a não ser quando faz frio.

— Mmmhummm — disse ele. — Sim, você me disse. — Ele deu um jeito de me passar a nítida impressão de que, com base no que eu lhe contara, ele não estava impressionado com as condições morais em que sua filha estava vivendo.

Fez uma carranca para a foto outra vez e achei que era uma sorte que nem Bree nem Rodney estivessem presentes. Eu já vira Jamie como amante, marido, irmão, tio, chefe de clã e guerreiro, mas nunca em sua faceta de um feroz pai escocês. Era bastante assustador.

Pela primeira vez, achei que talvez o fato de ele não poder supervisionar pessoalmente a vida de Bree não fosse completamente ruim; ele teria dado uma surra em qualquer rapaz com coragem suficiente para se aproximar dela.

Jamie piscou para a foto uma ou duas vezes, depois respirou fundo e pude sentir que ele se armou de coragem para perguntar:

— Você acha que ela é... virgem? — A pausa na voz foi quase imperceptível, mas eu notei.

— Claro que é — respondi com firmeza. Achava muito provável, na verdade, mas esta não era uma situação em que se podia admitir a possibilidade de dúvida. Havia questões que eu podia explicar para Jamie a respeito da minha própria época, mas a ideia de liberdade sexual não era uma delas.

— Ah. — O alívio em sua voz era inexprimível e eu tive que morder o lábio para não rir. — Sim, bem, eu tinha certeza disso, só que eu... quer dizer... — Ele parou e engoliu em seco.

— Bree é uma excelente garota — eu disse. Apertei seu braço de leve. — Frank e eu podemos não ter nos dado muito bem juntos, mas nós dois éramos bons pais para ela, pode ter certeza.

— Sim, sei que foram. Não pretendi dizer o contrário. — Ele teve a humildade de se mostrar envergonhado e enfiou a foto da praia cuidadosamente de volta no pacote. Recolocou as fotos no bolso interno do casaco, dando-lhe uns tapinhas para se certificar de que estavam seguras.

Depois, ele continuou parado, olhando a lua, as sobrancelhas ligeiramente unidas numa expressão preocupada. O vento do mar levantava fios de seus cabelos, soltava-os da fita que os amarrava, e ele alisou-os para trás distraidamente. Obviamente, ainda havia algo em sua mente.

— Você acha... — começou ele devagar, sem olhar para mim. — Você acha que foi certo voltar para mim agora, Claire? Não que eu não a queira aqui — acrescentou apressadamente, sentindo-me enrijecer a seu lado. Segurou minha mão, impedindo-me de me afastar. — Não, eu não quis absolutamente dizer isso! Santo Deus, eu a quero muito! — Puxou-me mais para junto de si, apertando minha mão contra seu coração. — Eu a quero tanto que às vezes acho que meu coração vai explodir de alegria por ter você outra vez — acrescentou mais serenamente. — É que... Brianna está sozinha agora. Frank se foi, e você também. Ela não tem um marido para protegê-la, nem homens na família para casá-la bem. Será que ela não iria precisar de você por mais algum tempo? Quer dizer, será que você não deveria ter esperado um pouco?

Fiz uma pausa antes de responder, tentando controlar meus próprios sentimentos.

— Não sei — disse, finalmente; minha voz tremia, apesar do meu esforço para controlá-la. — Olhe, as coisas lá não são como agora.



— Eu sei disso!

— Não, não sabe! — Puxei minha mão, soltando-a, e olhei-o furiosa. — Você não sabe, Jamie, e não há nenhum modo de eu lhe contar, porque você não vai acreditar. Mas Bree é uma mulher adulta; ela se casará quando e com quem quiser, não quando alguém arranjar-lhe um casamento. Aliás, ela nem precisa se casar. Ela está recebendo uma boa educação; pode ganhar a própria vida, as mulheres fazem isso. Ela não vai precisar de um homem para protegê-la...

— E se não há necessidade de um homem para proteger uma mulher, e cuidar dela, então acho que será uma época muito infeliz! — disse ele, devolvendo-me o olhar furioso.

Respirei fundo, tentando me acalmar.

— Eu não disse que não há necessidade disso. — Coloquei a mão em seu ombro e falei num tom de voz mais brando. — Disse que ela pode escolher. Ela não precisa aceitar um homem por necessidade; pode escolher um por amor.

Seu rosto começou a relaxar, ainda que levemente.

— Você me aceitou por necessidade — disse ele. — Quando nos casamos.

— E voltei por amor — eu disse. — Acha que eu precisava menos de você só porque eu podia me manter sozinha?

As linhas de expressão em seu rosto suavizaram-se e o ombro sob minha mão relaxou um pouco, enquanto ele examinava meu rosto.

— Não — disse ele baixinho. — Não acho.

Passou o braço pelos meus ombros e me puxou para junto de si. Eu envolvi sua cintura com meus braços e o abracei, sentindo o pequeno pacote das fotos de Brianna em seu bolso sob a minha face.

— Eu realmente me preocupei em deixá-la — sussurrei, instantes depois. — Ela insistiu para que eu viesse; tivemos medo de que se eu esperasse um pouco mais, talvez não conseguisse encontrá-lo. Mas eu realmente me preocupei.

— Eu sei. Eu não deveria ter dito nada. — Afastou os cachos dos meus cabelos de seu queixo, alisando-os para baixo.

— Deixei uma carta para ela — eu disse. — Foi tudo que eu consegui fazer... sabendo que talvez... talvez nunca mais voltasse a vê-la. — Apertei os lábios com força e engoli em seco.

Seus dedos acariciaram minhas costas, delicadamente.

— É mesmo? Isso foi bom, Sassenach. O que você lhe disse?

Ri, ficando um pouco trêmula.

— Tudo de que consegui me lembrar. Sabedoria e conselhos maternos, os poucos que eu possa ter. Todas as coisas práticas, onde a escritura da casa e os documentos da família estavam. E tudo o que eu sabia ou podia lembrar sobre como viver. Imagino que ela vá ignorar tudo isso e ter uma vida maravilhosa... mas pelo menos saberá que pensei nela.

Precisei de quase uma semana, examinando os armários e as gavetas da escrivaninha da casa em Boston, encontrando todos os documentos comerciais, talões de cheques e papéis da hipoteca e coisas da família. Havia uma miscelânea de coisas de Frank por todo lado; enormes álbuns de recortes de jornais e dezenas de mapas genealógicos, álbuns de fotografias, caixas de cartas guardadas. O meu lado da família foi muito mais simples de empacotar.

Retirei a caixa que eu guardava na prateleira do meu closet. Era uma caixa pequena. Tio Lambert era um colecionador, como todos os estudiosos costumam ser, mas não houve muito que guardar. Os documentos essenciais de uma pequena família — certidões de nascimento, minha e dos meus pais, os papéis de seu casamento, os documentos do carro que os matara — que capricho da ironia havia levado tio Lamb a guardar isso? O mais provável é que ele nunca tivesse aberto a caixa, apenas a guardara, com a fé cega de um acadêmico de que informações nunca devem ser destruídas, pois quem saberia a utilidade que poderiam ter, e para quem?

Eu já vira o conteúdo da caixa antes, é claro. Houve uma época na minha adolescência em que eu a abria toda noite para ver as

poucas fotos que continha. Lembro-me da profunda saudade de minha mãe da qual não me lembrava e do esforço vão de imaginá-la, trazê-la de volta à vida pelas pequenas e turvas imagens na caixa.

A melhor foto era um close-up dela, o rosto voltado para a câmera, os olhos meigos e a boca delicada, sorrindo sob a aba de um chapéu cloche de feltro. A fotografia fora colorida à mão; as faces e os lábios eram de um tom artificial de rosa, os olhos castanho-claros. Tio Lamb disse que isso estava errado; seus olhos eram dourados, disse ele, como os meus.

Achei que talvez essa época de profunda necessidade já houvesse passado para Brianna, mas eu não tinha certeza. Tirei uma foto num estúdio fotográfico na semana anterior à minha partida; coloquei-a cuidadosamente na caixa e fechei-a; em seguida, coloquei a caixa no centro da minha escrivaninha, onde ela a encontraria. Então, sentei-me para escrever.

*Minha querida Bree* — escrevi, e parei. Eu não podia. Certamente não podia considerar a ideia de abandonar minha filha. Ver aquelas três palavras negras nítidas no papel trouxe toda a louca ideia para uma fria clareza que me atingiu a medula.

Minha mão tremia e a ponta da caneta fazia pequenos círculos trêmulos no ar acima da superfície do papel. Larguei a caneta e preendi as mãos entrelaçadas entre as minhas coxas, os olhos cerrados.

— Controle-se, Beauchamp — murmurei para mim mesma. — Escreva a maldita carta e acabe logo com isso. Se Brianna não precisar dela, a carta não fará mal algum, e se precisar, estará lá. — Peguei a caneta e recomecei.

*Não sei se você um dia lerá esta carta, mas talvez seja bom eu escrevê-la. Isto é o que eu sei de seus avós (seus verdadeiros avós), seus bisavós e seu histórico médico...*

Escrevi durante algum tempo, enchendo uma página após a outra. Minha mente foi paulatinamente se acalmando com o esforço de recordar e a necessidade de colocar as informações no papel de maneira clara. E em seguida, parei, pensando.

O que eu poderia lhe dizer, além daqueles poucos fatos apáticos e áridos? Como transmitir a sabedoria escassa que eu adquirira em quarenta e oito anos de uma vida bastante movimentada? Minha boca torceu-se ironicamente ao considerar a questão. Alguma filha ouvia? Eu teria ouvido minha mãe, se ela estivesse lá para me contar?

Mas isso não fazia nenhuma diferença; eu precisava simplesmente registrar tudo, para ser útil, se necessário.

No entanto, o que era verdadeiro para durar para sempre, apesar das mudanças de hábitos e costumes com o passar dos anos, o que lhe seria útil? Acima de tudo, como eu poderia lhe dizer o quanto eu a amava?

A enormidade do que eu estava prestes a fazer escancarava-se diante de mim e meus dedos agarraram-se com força à caneta. Eu não podia pensar — não conseguiria pensar e escrever ao mesmo tempo. Podia apenas colocar a caneta no papel e ter esperança.

*Meu bem* — escrevi, e parei. Em seguida, engoli em seco e continuei.

*Você é meu bebê, e sempre será. Você não saberá o que isso significa até ter seu próprio filho, mas eu lhe digo agora, de qualquer forma — você sempre fará parte de mim como na época em que compartilhava meu corpo e eu a sentia mover-se dentro de mim. Sempre.*

*Posso olhar para você, adormecida, e pensar em todas as noites em que a ajeitei na cama, fui ao seu quarto no escuro para ouvir sua respiração, coloquei a mão em você e senti seu peito subir e descer, sabendo que, não importa o que aconteça, tudo está certo no mundo porque você está viva.*

*Todos os nomes pelos quais a chamei ao longo dos anos — princesa, boneca, querida, docinho, fofa, benzinho... sei porque os judeus e os muçulmanos têm novecentos nomes para Deus; uma pequena palavra não é suficiente para o amor.*

Pisquei várias vezes para clarear a visão e continuei a escrever, depressa; não ousava escolher as palavras ou jamais conseguiria escrever.

*Lembro-me de tudo a seu respeito, da minúscula linha de penugem dourada que ziguezagueava pela sua fronte quando você tinha apenas algumas horas de nascida; a unha inchada do dedão do pé que você quebrou no ano passado, quando teve aquela briga com Jeremy e chutou a porta de sua picape.*

*Meu Deus, parte meu coração pensar que agora não poderei mais observá-la, vendo todas as pequenas mudanças — não vou saber quando você deixará de roer as unhas, se é que o fará algum dia —, vendo você crescer e de repente ficar mais alta do que eu, e seu rosto adquirir sua forma. Eu sempre me lembrarei, Bree, sempre.*

*Provavelmente, não há mais ninguém na Terra, Bree, que saiba como era a parte de trás de suas orelhas quando tinha três anos. Eu costumava sentar ao seu lado, lendo histórias infantis, e ver essas orelhas ficarem rosadas de felicidade. Sua pele era tão clara e frágil, que eu achava que um simples toque deixaria marcas de dedos em você.*

*Você se parece com Jamie, eu lhe disse. Mas tem alguma coisa de mim também — olhe a foto de minha mãe, na caixa, e a outra, pequena, em preto e branco, da mãe e da avó dela. Você possui a mesma testa larga e*

*lisa que elas possuíam; eu, também. Vi muitos Fraser também — acho que você envelhecerá bem, se cuidar de sua pele.*

*Cuide de tudo, Bree — ah, eu queria —, bem, eu queria cuidar de você e protegê-la de tudo por toda a sua vida, mas não posso, quer eu fique ou parta. Portanto, cuide-se bem — por mim.*

As lágrimas enrugavam o papel agora; tive que parar para secá-las, ou a tinta mancharia as palavras, tornando-as ilegíveis. Limpei o rosto e retomei a escrita, agora mais devagar.

*Saiba, Bree, que eu não me arrependo. Apesar de tudo, eu não me arrependo. Agora você já deve saber um pouco de como eu me senti sozinha por tanto tempo, sem Jamie. Não importa. Se o preço dessa separação era a sua vida, nem Jamie nem eu lamentamos — sei que ele não se importaria que eu fale por ele.*

*Bree... você é minha alegria. Você é perfeita e maravilhosa — e eu a ouço dizendo agora, naquele tom exasperado: “Mas claro que você acha isso, você é minha mãe!”. Sim, é por isso que eu sei.*

*Bree, você vale tudo — e mais. Já fiz muitas coisas em minha vida até agora, mas a mais importante de todas foi amar seu pai e você.*

Assoei o nariz e peguei outra folha limpa de papel. Isso era o mais importante; eu jamais poderia dizer tudo que sentia, mas isso era o melhor que conseguia fazer. O que eu deveria acrescentar que pudesse servir de ajuda para uma boa vida, crescendo e envelhecendo? O que eu aprendera que devesse transmitir para ela?

*Escolha um homem como seu pai, escrevi. Qualquer um dos*

*dois. Sacudi a cabeça diante disso — poderia haver dois homens mais diferentes? —, mas deixei assim, pensando em Roger Wakefield. Uma vez que tenha escolhido um homem, não tente mudá-lo, escrevi, com mais confiança. Isso não pode ser feito. Mais importante ainda — não permita que ele tente mudá-la. Ele também não pode fazer isso, mas os homens sempre tentam.*

Mordi a ponta da caneta, sentindo o gosto amargo da tinta indiana. E finalmente escrevi o último e melhor conselho que eu sabia, sobre envelhecer.

*Mantenha-se ereta e procure não engordar.  
Com todo o meu amor, sempre,  
Mamãe.*

Os ombros de Jamie tremiam quando ele se apoiou na balaustrada, se de uma risada ou de emoção, eu não saberia dizer. Sua camisa branca cintilava sob o luar e sua cabeça recortava-se, escura, contra a luz. Finalmente, ele se virou e puxou-me para si.

— Acho que ela se sairá muito bem — sussurrou ele. — Porque, independentemente do pobre palerma que seja seu pai, nenhuma menina jamais teve mãe melhor. Beije-me, Sassenach, pois acredite, eu não mudaria você por nada neste mundo.

**43**

MEMBROS FANTASMAS



Fergus, o sr. Willoughby, Jamie e eu mantivemos os seis contrabandistas escoceses sob estrita vigilância desde nossa partida da Escócia, mas não houve o menor indício de comportamento suspeito por parte de nenhum deles e, após algum tempo, comecei a relaxar minha cautela no que dizia respeito a eles. Ainda assim, sentia uma certa reserva, exceto em relação a Innes. Compreendi finalmente por que nem Fergus nem Jamie o consideravam um possível traidor; com um único braço, Innes era o único contrabandista que não podia ter pendurado o guarda da alfândega na estrada de Arbroath.

Innes era um sujeito de pouca conversa. Nenhum dos escoceses era o que se podia chamar de tagarela, mas até mesmo pelos padrões de mutismo, ele era reservado. Portanto, não fiquei surpresa ao vê-lo fazendo uma careta silenciosa uma manhã, encurvado por trás da porta de um alçapão no convés, evidentemente às voltas com alguma silenciosa batalha interna.

— Está sentindo dor, Innes? — perguntei, parando.

— Ah! — Ele se endireitou, surpreso, mas voltou à sua posição vergada, o único braço agarrado à barriga. — Mmmhummm — murmurou ele, o rosto fino ruborizando-se por ter sido flagrado.

— Venha comigo — eu disse, segurando-o pelo cotovelo. Ele olhou desesperadamente à volta em busca de salvação, mas eu o arrastei, resistindo, porém sem protestar audivelmente, de volta à cabine, onde o obriguei a sentar-se sobre uma mesa e removi sua camisa para poder examiná-lo.

Apalpei seu abdômen magro e peludo, sentindo a massa firme e lisa de seu fígado de um lado e a curva levemente distendida de seu estômago do outro. A maneira intermitente com que as dores se apresentavam, fazendo-o contorcer-se como uma minhoca no anzol,

depois amainando aos poucos, deu-me uma boa ideia de que o que o perturbava era apenas flatulência, mas era melhor certificar-me.

Pesquisei algum problema de vesícula, só para garantir, imaginando, enquanto prosseguia, o que deveria ser feito, caso viesse a constatar um ataque agudo de inflamação da vesícula biliar ou de apendicite. Eu podia visualizar a cavidade abdominal mentalmente, como se de fato estivesse aberta diante de mim, meus dedos traduziam em imagens as formas macias, grumosas, sob a pele — as dobras intrincadas dos intestinos, protegidos por sua camada macia de membrana gordurosa, os lóbulos lisos e escorregadios do fígado, vermelho-arroxeados, tão mais escuro do que o escarlate vivo do pericárdio acima. Abrir essa cavidade era muito arriscado, mesmo com modernos anestésicos e antibióticos. Mais cedo ou mais tarde, sabia, eu me depararia com a necessidade de fazer uma operação, mas esperava que fosse mais tarde.

— Inspire — eu disse, as mãos em seu peito, e vislumbrei a superfície granulosa, rosada, de um pulmão saudável. — Expire agora — e senti a cor desbotar-se para um azul-claro. Nenhum sinal de roncos, paradas, um fluxo límpido e regular. Peguei uma das folhas grossas de papel pergaminho que eu usava como estetoscópio. — Quando foi a última vez que você evacuou? — perguntei, enrolando o papel na forma de um tubo. O rosto fino do escocês ficou da cor de fígado fresco. Trespessado pelo meu olhar penetrante como uma verruma, ele balbuciou alguma coisa incoerente, onde a palavra “quatro” mal pôde ser distinguida. — Quatro *dias*! — exclamei, frustrando suas tentativas de fuga com a mão em seu peito e prendendo-o deitado na mesa. — Fique quieto, só preciso ouvir aqui, para ter certeza.

Os batimentos cardíacos eram normais; eu podia ouvir as válvulas abrindo e fechando com seus estalidos suaves e polpudos, todas em seus lugares certos. Tive certeza do diagnóstico — praticamente desde o instante em que o vi —, mas a esta altura havia uma plateia de cabeças espreitando com curiosidade pela

porta; os colegas de Innes, observando. Para maior impacto, movi a extremidade do meu estetoscópio mais para baixo, ouvindo os sons da barriga.

Exatamente como pensei, o rumor prolongado de gás preso era perfeitamente audível na curva superior do intestino grosso. Mas o cólon sigmoide inferior estava bloqueado; absolutamente nenhum som ali embaixo.

— Você está com gases e prisão de ventre.

— Sim, eu sei disso — murmurou Innes, procurando sua camisa freneticamente.

Coloquei a mão sobre a camisa em questão, impedindo-o de ir embora antes que eu pudesse catequizá-lo sobre sua dieta recente. Como não era de admirar, essa consistia quase inteiramente em carne de porco salgada e bolachas de farinha de trigo.

— E as ervilhas secas e a aveia? — perguntei, surpresa. Tendo perguntado sobre a comida habitual a bordo do navio, eu tomara a precaução, como a médica de bordo, de estocar, junto com o meu barril de suco de limão e a coleção de ervas medicinais, cento e cinquenta quilos de ervilhas secas e uma quantidade igual de aveia, para complementar a dieta normal dos marinheiros.

Innes permaneceu calado, mas esse inquérito desencadeou uma avalanche de revelações e reclamações dos espectadores na soleira da porta.

Jamie, Fergus, Marsali e eu fazíamos as refeições com o capitão Raines, deliciando-nos com as iguarias de Murphy, de modo que eu não sabia das deficiências da comida da tripulação. Evidentemente, a dificuldade era o próprio Murphy, que embora mantivesse os mais altos padrões culinários para a mesa do capitão, considerava o rancho da tripulação mais uma tarefa desagradável do que um desafio. Ele dominava a rotina de produzir as refeições dos marinheiros rapidamente e com competência, e era altamente resistente a quaisquer sugestões para um cardápio melhor, que pudesse exigir mais tempo ou trabalho. Ele se recusava terminantemente a se preocupar com chateações como colocar

ervilhas de molho ou cozinhar aveia.

Completando a dificuldade, havia o arraigado preconceito de Murphy contra a aveia, um alimento escocês rústico que ofendia seu senso de estética. Eu sabia o que ele pensava disso, porque já o ouvira resmungar coisas como “vômito de cachorro” sobre as bandejas de desjejum que incluíam as tigelas de mingau de aveia em que Jamie, Marsali e Fergus eram viciados.

— O sr. Murphy diz que carne de porco salgada e bolachas têm sido suficientemente boas para qualquer tripulação que ele teve que alimentar nos últimos trinta anos, acrescidas de pudim de figo ou de ameixa e de carne de vaca aos domingos, e também — embora se aquilo for carne de vaca, eu sou um chinês — que é suficientemente bom para nós — disse Gordon intempestivamente.

Acostumado a tripulações políglotas de marinheiros franceses, italianos, espanhóis e noruegueses, Murphy também estava acostumado a ter suas refeições aceitas e consumidas com uma indiferença voraz que transcendia nacionalidades. A teimosa insistência dos escoceses por aveia levantou toda a sua intransigência irlandesa, e a questão, antes uma pequena diferença de opinião mantida em fogo brando, agora começava a levantar fervura.

— Nós sabíamos que devia haver mingau de aveia — explicou MacLeod — porque Fergus havia dito isso, quando nos chamou para vir. Mas não tem tido nada além de carne e bolacha desde que partimos da Escócia, o que prende a barriga se a pessoa não está acostumada.

— Nós não quisemos perturbar Jamie Roy com esse assunto — acrescentou Raeburn. — Geordie trouxe sua frigideira e nós temos feito nosso próprio bolo de aveia sobre a lamparina em nossos alojamentos. Mas já usamos toda a aveia que trouxemos em nossas sacolas e o sr. Murphy tem a chave da despensa. — Olhou timidamente para mim por baixo das pestanas cor de areia. — Não quisemos pedir, sabendo o que ele pensa de nós.

— Sabe o significado do termo “ralé”, não é, sra. Fraser? —

perguntou-me MacRae, erguendo uma sobrancelha cabeluda.

Enquanto ouvia essa efusão de infortúnios, selecionei várias ervas de minha caixa — anis e angélica, duas boas pitadas de marroio-branco e alguns brotos de hortelã. Amarrando-as em um quadrado de gaze, fechei a caixa e entreguei a Innes a sua camisa, na qual ele se enfiou imediatamente, em busca de refúgio.

— Falarei com o sr. Murphy — prometi aos escoceses. — Enquanto isso — disse a Innes, entregando-lhe a trouxinha de gaze —, prepare um bom bule de chá com isso e beba uma xícara cheia a cada mudança da guarda. Se não tivermos resultados até amanhã, tomaremos medidas mais drásticas.

Como que em resposta, um sinal estrepitoso e chiado da flatulência de Innes emergiu debaixo dele, para uma ovação irônica de seus colegas.

— Sim, isso mesmo, sra. Fraser; talvez possa dar um jeito no problema dele — disse MacLeod, um largo sorriso no rosto.

Innes, vermelho como uma artéria rompida, pegou a trouxinha, balançou a cabeça num agradecimento inarticulado e fugiu precipitadamente, seguido mais lentamente pelos demais contrabandistas.

Seguiu-se um debate mais ou menos áspero com Murphy, terminando sem derramamento de sangue, mas com o compromisso de que eu seria responsável pela preparação do mingau matinal dos escoceses, tendo permissão para o fazer sob a condição de que eu me restringisse a uma única panela e colher, não cantasse enquanto trabalhava e tivesse muito cuidado de não fazer bagunça nos recintos da sagrada cozinha.

Somente naquela noite, virando-me incessantemente nos limites gelados do meu confinado beliche, é que me ocorreu como o incidente da manhã fora estranho. Se ali fosse Lallybroch e os escoceses colonos de Jamie, não só eles não teriam nenhuma hesitação em abordá-lo a respeito da questão, como não teriam tido nenhuma necessidade de o fazer. Ele já saberia o que havia de errado e teria tomado as medidas para remediar a situação.

Acostumada como sempre fui à intimidade e lealdade incondicional dos próprios homens de Jamie, achei aquela distância perturbadora.

Jamie não estava à mesa do capitão na manhã seguinte, tinha saído em um pequeno barco com dois marinheiros para pegar peixinhos pequenos, mas encontrei-o quando retornou ao meio-dia, queimado de sol, alegre e coberto de escamas e sangue de peixe.

— O que você fez com Innes, Sassenach? — disse ele, rindo. — Ele está se escondendo na latrina de estibordo e diz que você mandou que ele não saísse de lá até ter evacuado.

— Eu não lhe disse exatamente *isso* — expliquei. — Só disse que se ele não tivesse evacuado até esta noite, eu lhe daria uma lavagem de casca de olmo.

Jamie lançou um olhar por cima do ombro na direção da latrina.

— Bem, acho que devemos torcer para os intestinos de Innes cooperarem ou ele vai passar o resto da viagem na latrina, com uma ameaça como essa pairando acima de sua cabeça.

— Bem, não devo me preocupar; agora que ele e os demais têm seu mingau de aveia de volta, seus intestinos devem trabalhar sozinhos, sem nenhuma necessidade de interferência minha.

Jamie olhou para mim, surpreso.

— Seu mingau de aveia de volta? O que quer dizer, Sassenach?

Expliquei-lhe a gênese da Guerra da Aveia e seu desfecho, enquanto ele pegava uma bacia de água para lavar as mãos. Sua testa enrugou-se um pouco enquanto ele dobrava as mangas da camisa para cima.

— Deviam ter vindo falar comigo sobre o problema — disse ele.

— Imagino que o teriam feito, mais cedo ou mais tarde — eu disse. — Eu descobri por acaso, quando encontrei Innes grunhindo de dor atrás da porta de um alçapão.

— Mmmhummm. — Ele começou a esfregar as manchas de sangue dos dedos, usando uma pequena pedra-pomes para retirar as escamas aderentes ao sangue.

— Esses homens não são como seus colonos em Lallybroch, não é? — eu disse, expressando o pensamento que eu tivera.

— Não — disse ele serenamente. Mergulhou os dedos na bacia, deixando minúsculos círculos cintilantes onde as escamas dos peixes flutuavam. — Não sou o senhor deles; só o homem que lhes paga.

— Mas eles gostam de você — protestei, depois me lembrei da história de Fergus e corrigi com pouca firmeza —, ou ao menos cinco deles gostam.

Entreguei-lhe a toalha. Pegou-a com um ligeiro sinal da cabeça e secou as mãos. Olhando para a tira de pano, ele sacudiu a cabeça.

— Sim, MacLeod e o resto gostam bastante de mim... ou ao menos cinco deles — repetiu ele ironicamente. — E ficarão do meu lado, se necessário, cinco deles. Mas eles não me conhecem bem, nem eu a eles, a não ser Innes.

Atirou a água suja ao mar por cima da borda e, enfiando a bacia vazia embaixo do braço, virou-se para descer, oferecendo-me seu braço.

— Mais coisas morreram em Culloden do que a causa Stuart, Sassenach — disse ele. — Você vai descer agora para o jantar?

Eu não descobri por que Innes era diferente até a semana seguinte. Talvez encorajado pelo sucesso do purgante que eu lhe dera, Innes veio por vontade própria me visitar em minha cabine uma semana depois.

— Estava pensando, senhora — disse ele educadamente —, se haveria um remédio para alguma coisa que não existe.

— O quê? — Devo ter parecido espantada diante de sua descrição, porque ele levantou a manga vazia da camisa para ilustrar.

— Meu braço — explicou ele. — Não está mais aqui, como pode ver perfeitamente. E, no entanto, às vezes me dói horivelmente. — Ruborizou ligeiramente. — Durante alguns anos, até me perguntei se eu não estaria ficando maluco — confidenciou, em voz baixa. — Mas conversei um pouco com o sr. Murphy e ele me disse que o mesmo acontece com a perna que ele perdeu, e Fergus disse que

às vezes ele acorda sentindo a mão que não possui mais deslizar para dentro do bolso de alguém. — Sorriu levemente, os dentes cintilantes sob o bigode caído. — Assim, achei que se era uma coisa comum, sentir um membro que não está mais lá, talvez alguma coisa pudesse curar a dor.

— Compreendo. — Esfreguei o queixo, ponderando. — Sim, é comum. Chama-se de membro fantasma, quando ainda se tem sensações numa parte do corpo que não existe mais. Quanto ao que fazer a respeito... — Franzi a testa, tentando pensar se eu já ouvira falar de algo terapêutico para essa situação. Para ganhar tempo, perguntei: — Como você perdeu o braço?

— Ah, foi o sangue envenenado — disse ele, descontraidamente. — Machuquei a mão com um prego uma vez e o ferimento inflamou.

Olhei para a manga da camisa, vazia a partir do ombro.

— Imagino que sim — eu disse com firmeza.

— Ah, sim. Mas tive muita sorte, foi isso que me impediu de ser exilado com o resto.

— Que resto?

Olhou-me, surpreso.

— Ora, os outros prisioneiros de Ardsmuir. Mac Dubh não lhe contou sobre isso? Quando a fortaleza deixou de ser uma prisão, despacharam todos os prisioneiros escoceses para trabalhos forçados nas Colônias, todos menos Mac Dubh, porque ele era um homem importante e não queriam perdê-lo de vista, e eu, porque havia perdido um braço e não servia para trabalhos pesados. Assim, Mac Dubh foi levado para outro lugar e eu fui solto, perdoado e libertado. Portanto, como vê, foi um acidente muito feliz, a não ser pela dor que vem às vezes à noite. — Exibiu um largo sorriso e iniciou um movimento como se fosse esfregar o braço inexistente, parando e encolhendo os ombros para mim, ilustrando o problema.

— Compreendo. Então, você esteve com Jamie na prisão. Eu não sabia. — Eu remexia em minha caixa de remédios, imaginando se um analgésico geral como chá de casca de salgueiro ou marroio-



branco com funcho funcionaria em uma dor fantasma.

— Ah, sim. — Innes estava perdendo sua timidez e começava a falar mais livremente. — Eu teria morrido de inanição se Mac Dubh não tivesse ido me procurar quando ele próprio foi libertado.

— Ele foi à sua procura? — Pelo canto do olho, vislumbrei uma centelha de azul e fiz sinal para o sr. Willoughby, que estava passando.

— Sim. Quando ele foi libertado de sua condicional, foi investigar para ver se conseguia localizar qualquer um dos homens que tinham sido levados para a América, para saber se algum podia ter retornado. — Encolheu os ombros, o braço inexistente exagerando o gesto. — Mas não havia nenhum deles na Escócia, exceto eu.

— Compreendo. Sr. Willoughby, tem ideia do que pode ser feito a respeito disso? — Fazendo sinal para o chinês se aproximar e olhar, expliquei o problema e fiquei satisfeita de ouvir que ele de fato tinha uma ideia do que podia ser feito. Despimos Innes de sua camisa outra vez e eu fiquei observando, anotando cuidadosamente, enquanto o sr. Willoughby pressionava seus dedos com força em determinados pontos no pescoço e no peito, explicando da melhor maneira que podia o que ele estava fazendo.

— O braço estar no mundo fantasma — explicou ele. — O corpo, não; aqui no o mundo superior. Braço tentar voltar, pois não gostar de ficar longe do corpo. Isto... An-mo... apertar-apertar... parar a dor. Mas também dizer ao braço para não voltar.

— E como você faz isso? — Innes estava ficando interessado no procedimento. A maioria da tripulação não permitia que o sr. Willoughby a tocasse, considerando-o pagão, impuro e um perverso, ainda por cima, mas Innes conhecera e trabalhara com o chinês nos últimos dois anos.

O sr. Willoughby sacudiu a cabeça, por falta de palavras, e mergulhou na minha caixa de remédios. Emergiu com um frasco de pimenta seca e, retirando um punhado, colocou-o numa pequena vasilha.

— Ter fogo? — perguntou ele. Eu tinha uma pederneira e aço, e

com isso ele conseguiu acender uma fagulha para pôr fogo à erva seca. O cheiro penetrante encheu a cabine e todos nós observamos quando uma pequena pluma branca de fumaça ergueu-se e formou uma pequena nuvem, pairando acima da vasilha. — Enviar fumaça de *fan jiao* como mensageiro para mundo fantasma, falar com braço — explicou o sr. Willoughby. Inflando os pulmões e enfunando as bochechas como um baiacu, soprou vigorosamente a nuvem, dispersando-a. Em seguida, sem fazer nenhuma pausa, virou-se e cuspiu copiosamente no toco de braço de Innes.

— Ora, sujeito nojento! — gritou Innes, os olhos arregalados de fúria. — Como ousa cuspir em mim?

— Cuspir no fantasma — explicou o sr. Willoughby, dando três passinhos rápidos para trás, em direção à porta. — Fantasma medo cuspe. Não voltar tão cedo.

Coloquei a mão no braço remanescente de Innes, retendo-o.

— Seu braço ausente dói agora? — perguntei.

A raiva começou a se dissipar de seu rosto quando ele pensou na pergunta.

— Bem... não — admitiu ele. Depois, fechou a cara para o sr. Willoughby. — Mas isso não significa que vou deixar que cuspa em mim quando lhe der vontade, seu verme!

— Ah, não — disse o sr. Willoughby, perfeitamente calmo. — Eu não cuspir. Você cuspir agora. Assustar seu próprio fantasma.

Innes coçou a cabeça, sem saber se devia ficar com raiva ou achar graça.

— Bem, droga — disse ele finalmente. Sacudiu a cabeça e, pegando a camisa, vestiu-a. — Ainda assim — disse —, acho que talvez da próxima vez seja melhor eu experimentar seu chá, sra. Fraser.

## FORÇAS DA NATUREZA

-Eu sou um idiota – falou Jamie, taciturno, observando Fergus e Marsali, absorvido numa conversa íntima junto à balaustrada do outro lado do navio.

— O que o faz pensar assim? — perguntei, embora tivesse uma boa ideia. O fato de que os dois casais a bordo estivessem vivendo em um celibato não desejado dera lugar a um certo ar de contida hilaridade entre os membros da tripulação, cujo celibato era involuntário.

— Passei vinte anos ansiando para tê-la na minha cama — disse ele, confirmando minha suposição — e em menos de um mês depois de tê-la de volta, arranjei as coisas de tal forma que não posso nem beijá-la sem ter que fugir furtivamente para trás da porta de um alçapão. E mesmo assim, sempre que olho ao redor, vejo Fergus me fulminando com os olhos, o filho da mãe! E não posso culpar ninguém por isso, além de minha própria burrice. O que eu estava pensando? — perguntou retoricamente, fitando o casal do outro lado, que se aconchegava um contra o outro com evidente afeto.

— Bem, Marsali de fato tem apenas quinze anos — eu disse suavemente. — Imagino que você estivesse agindo como um pai agiria, ou um padrasto.

— Sim, foi o que fiz. — Olhou para mim com um sorriso rancoroso. A recompensa por minha terna preocupação é que não posso sequer tocar em minha própria mulher!

— Ah, você pode me tocar — eu disse. Tomei sua mão, acariciando a palma delicadamente com o polegar. — Você só não pode se entregar a atos de desabrido contato carnal.

Tivemos algumas tentativas abortadas nessa linha, todas frustradas ou pela chegada inoportuna de um membro da tripulação

ou pela absoluta falta de qualquer canto apropriado a bordo do *Artemis* suficientemente isolado e privado. Uma excursão a altas horas da noite ao porão da popa terminara bruscamente quando uma ratazana saltou de uma pilha de peles de animais sobre o ombro nu de Jamie, deixando-me histérica e privando Jamie abruptamente de qualquer desejo de continuar o que estava fazendo.

Ele abaixou os olhos para nossas mãos entrelaçadas, onde meu polegar continuava a fazer amor secretamente com a palma de sua mão, e estreitou os olhos para mim, mas me deixou continuar. Ele fechou os dedos delicadamente em torno de minha mão, seu próprio polegar tocando meu pulso como uma pena. O fato puro e simples é que não conseguíamos manter as mãos longe um do outro — não mais do que Fergus e Marsali —, apesar do fato de sabermos muito bem que tal comportamento levaria apenas a uma frustração maior.

— Sim, bem, em minha defesa, eu tive boa intenção — disse ele melancolicamente, sorrindo para mim.

— Bem, você sabe o que dizem sobre boas intenções.

— O que dizem? — Seu polegar acariciava delicadamente meu pulso, para baixo e para cima, enviando pequenas palpitações à boca do meu estômago. Achei que devia ser verdade o que o sr. Willoughby dissera, sobre sensações em uma parte do corpo afetar outra.

— “De boas intenções, o inferno está cheio.” — Apertei sua mão e tentei retirar a minha, mas ele não quis soltá-la.

— Mmmhummm. — Seus olhos estavam sobre Fergus, que provocava Marsali com uma pena de albatroz, segurando-a pelo braço e fazendo-lhe cócegas sob o queixo, enquanto ela se debatia inutilmente para fugir.

— Muito verdadeiro — disse ele. — Minha intenção era dar à menina uma oportunidade de pensar melhor no que estava prestes a fazer antes que fosse tarde demais para arrependimentos. O resultado final de minha interferência foi que passo metade da noite acordado, tentando não pensar em você e ouvindo os ruídos

lascivos de Fergus do outro lado da cabine. Quando me levanto de manhã, encontro a tripulação toda rindo dentro de suas barbas sempre que me veem. — Lançou um olhar funesto a Maitland, que passava por nós. O imberbe atendente das cabines pareceu espantado e foi saindo cautelosamente de lado, olhando nervosamente por cima do ombro.

— Como você ouve ruídos lascivos? — perguntei fascinada.

Ele olhou para mim, levemente ruborizado.

— Ah! Bem... é só que...

Parou por um instante e esfregou a ponta do seu nariz, que começava a ficar vermelha na brisa fustigante.

— Você tem ideia do que os homens na prisão fazem, Sassenach, sem mulher por muito tempo?

— Posso imaginar — eu disse, achando que talvez eu não quisesse realmente ouvir, em primeira mão. Ele nunca me falara sobre o tempo que passara em Ardsmuir.

— Imagino que possa — disse ele secamente. — E estaria certa. Há três opções: usar uns aos outros, ficar meio maluco ou resolver o problema sozinho, não é?

Virou-se para olhar o mar distante e inclinou ligeiramente a cabeça para mim, um leve sorriso visível nos lábios.

— Acha que sou maluco, Sassenach?

— Na maior parte do tempo, não — respondi com sinceridade.

Ele riu e sacudiu a cabeça melancolicamente.

— Não, eu não conseguia. De vez em quando desejava que realmente pudesse enlouquecer — disse ele pensativamente —, parecia muito mais fácil do que ter sempre que pensar no que fazer em seguida, mas isso não me vem naturalmente. Nem sodomia — acrescentou ele, com ar irônico.

— Não, sei que não. — Os homens que normalmente recuam horrorizados à ideia de usar outro homem ainda assim podem recorrer ao ato, por necessidade desesperadora. Não Jamie. Sabendo o que eu sabia de suas experiências nas mãos de Jack Randall, imaginava que seria mais provável que ele de fato

enlouquecesse antes de buscar tal recurso.

Ele estremeceu ligeiramente e ficou em silêncio, olhando o mar. Em seguida, abaixou os olhos para as mãos à sua frente, agarradas à balaustrada.

— Eu lutei contra eles... os soldados que me prenderam. Eu prometera a Jenny que não o faria, ela achava que eles iriam me machucar, mas quando chegou a hora, não pude resistir. — Estremeceu outra vez e lentamente abriu e fechou a mão direita. Era sua mão aleijada, o dedo médio marcado por uma cicatriz profunda que percorria toda a extensão entre as duas primeiras juntas, a segunda junta do dedo anular fundida em um nó rígido, de modo que o dedo ficava estranhamente apontado para a frente, mesmo quando ele cerrava o punho. — Quebrei este dedo outra vez, contra o queixo de um soldado dos dragões — disse ele melancolicamente, mexendo um pouco o dedo. — Foi a terceira vez; a segunda foi em Culloden. Não dei muita importância, mas eles me acorrentaram e então doeu muito.

— Imagino. — Era penoso, não difícil, mas surpreendentemente doloroso, pensar naquele corpo ágil, poderoso, subjugado pelo metal, imobilizado e humilhado.

— Não há privacidade na prisão — disse ele. — Isso me incomodava mais do que as correntes, eu acho. Dia e noite, sempre alguém à vista, sem nenhuma proteção para os seus pensamentos além de fingir que dormia. Quanto aos outros... — resfolegou com ironia e empurrou os cabelos soltos para trás da orelha. — Bem, você espera a luz acabar, porque a única oportunidade de decência que há é a escuridão.

As celas não eram grandes e os homens deitavam-se próximos uns dos outros para se aquecerem durante a noite. Sem nenhuma chance de recato, a não ser a escuridão, e nenhuma privacidade, a não ser o silêncio, era impossível permanecer alheio à acomodação que cada homem fazia às suas próprias necessidades.

— Fiquei acorrentado por mais de um ano, Sassenach — disse ele. Ergueu os braços, afastou-os a uma distância de menos de

meio metro e parou bruscamente, como se atingisse algum limite invisível. — Eu só podia me mover até aqui, nada mais — disse ele, fitando as mãos imóveis. — E não podia mover as mãos nem um centímetro sem que as correntes fizessem barulho.

Dilacerado entre a vergonha e a necessidade, ele esperava no escuro, respirando o ar viciado e animalesco dos homens ao redor, ouvindo o ronco de seus companheiros, até que os ruídos furtivos perto dele lhe dissessem que o tilintar revelador de seus próprios ferros seria ignorado.

— Se há uma coisa que conheço muito bem, Sassenach — disse ele baixinho, com um rápido olhar para Fergus —, é o barulho de um homem fazendo amor com uma mulher que não está lá.

Encolheu os ombros e afastou as mãos com um movimento brusco e repentino, espalmando-as sobre a balaustrada, rompendo suas correntes invisíveis. Abaixou os olhos para mim, então, com o esboço de um sorriso, e vi as lembranças tenebrosas no fundo de seus olhos, sob o ar zombeteiro.

Vi também a terrível necessidade, o desejo tão forte que era capaz de suportar solidão e degradação, miséria e separação.

Permanecemos imóveis e silenciosos, entreolhando-nos, indiferentes às pessoas que circulavam pelo convés. Ele sabia, melhor do que qualquer outro homem, esconder seus pensamentos, mas não os escondia de mim.

Seu desejo ardente penetrava-o até os ossos e os meus próprios ossos pareceram se dissolver ao identificá-lo. Sua mão estava a dois centímetros da minha, pousada na balaustrada de madeira, os dedos longos e poderosos... Se eu o tocasse, pensei repentinamente, ele se viraria e me possuiria, ali mesmo, nas tábuas do convés.

Como se lesse meus pensamentos, tomou minha mão, pressionando-a com força contra o músculo rígido de sua coxa.

— Quantas vezes fizemos amor desde que você voltou para mim? — sussurrou ele. — Uma, duas vezes no bordel. Três vezes no urzal. Depois em Lallybroch, e novamente em Paris. — Seus



dedos tamborilavam de leve contra meu pulso, um depois do outro, no mesmo ritmo da minha pulsação. — E todas as vezes, eu deixava sua cama com tanto desejo como quando cheguei. Não preciso de mais nada agora para ficar excitado além do perfume dos seus cabelos roçando meu rosto ou a sensação de sua coxa contra a minha quando nos sentamos para comer. E vê-la parada no convés, com o vento pressionando seu vestido ao corpo...

O canto de sua boca contorceu-se ligeiramente enquanto ele olhava para mim. Eu podia ver sua pulsação forte na base da garganta, a pele afogueada do vento e de desejo.

— Há momentos, Sassenach, em que por uma moeda de cobre eu não a possuo ali mesmo onde está, as costas contra o mastro e suas saias em volta da cintura, e que toda a tripulação vá para o inferno.

Meus dedos contraíram-se na palma de sua mão e ele apertou-os ainda mais, balançando a cabeça amavelmente em resposta ao cumprimento do artilheiro, passando por nós a caminho da sacada de popa.

A sineta para o jantar do capitão tocou sob meus sapatos, uma suave vibração metálica que viajou através das solas dos meus pés e derreteu o tutano dos meus ossos. Fergus e Marsali interromperam seu namoro e desceram, e a tripulação iniciou os preparativos para a troca da guarda, mas nós continuamos junto à balaustrada, fitando-nos nos olhos, ardendo de desejo.

— Cumprimentos do capitão, sr. Fraser, e ele pergunta se irão se juntar a ele para o jantar. — Era Maitland, o criado das cabines, mantendo uma distância cautelosa ao dar o recado.

Jamie respirou fundo e afastou os olhos de mim.

— Sim, sr. Maitland, iremos agora mesmo. — Respirou fundo outra vez, ajeitou o casaco nos ombros e ofereceu-me seu braço. — Vamos descer, Sassenach?

— Só um minuto. — Tirei a mão do bolso, tendo encontrado o que procurava. Peguei sua mão e enfiei o objeto dentro de sua palma.

Ele olhou para a imagem do rei George III em sua mão, depois levantou os olhos para mim.

— Por conta — disse. — Vamos jantar.

O dia seguinte nos encontrou no convés outra vez; embora o ar ainda estivesse gelado, o frio era preferível ao ar abafado das cabines. Tomamos o nosso caminho de sempre, descendo por um dos lados do navio e subindo pelo outro, mas logo Jamie parou, apoiando-se contra a balaustrada, enquanto me contava uma piada sobre o ofício da impressão gráfica.

A alguns passos de distância, o sr. Willoughby sentava-se, de pernas cruzadas, sob a proteção do mastro principal, tinha uma pequena almofada de tinta preta líquida junto à ponta de sua sapatilha e uma grande folha de papel branco no chão do convés, à sua frente. A ponta de seu pincel tocava o papel com a leveza de uma borboleta, deixando para trás formas surpreendentemente fortes.

Enquanto eu observava, fascinada, ele recomeçou no alto da folha. Trabalhava rápido, com pinceladas tão certas que era como observar um dançarino ou um esgrimista, seguro de seu terreno.

Um dos serventes do convés passou perigosamente perto da borda do papel, quase — embora não tenha acontecido — imprimindo uma pegada grande e suja na alvura da folha. Alguns momentos depois, outro homem fez o mesmo, embora houvesse muito espaço para eles passarem. Então, o primeiro homem voltou, desta vez suficientemente descuidado para derrubar a almofada de tinta ao passar.

— Droga! — exclamou o marujo, contrariado. Ele arrastou o pé sobre a mancha negra no assoalho imaculadamente limpo do convés. — Pagão porco! Olhe só o que ele fez!

O segundo homem, retornando de sua rápida missão, parou, interessado.

— No convés limpo? O capitão Raines não vai gostar nada disso, não é? — Balançou a cabeça para o sr. Willoughby,

simulando um tom jovial. É melhor se apressar e lamber essa sujeira, meu caro, antes que o capitão apareça.

— Sim, isso mesmo; limpe isso aí. Ande logo! — O primeiro homem deu um passo na direção da figura sentada, sua sombra recaindo sobre a folha de papel como um borrão. Os lábios do sr. Willoughby apertaram-se apenas um pouco, mas ele não ergueu os olhos. Terminou a segunda coluna, endireitou a almofada de tinta, mergulhou o pincel sem tirar os olhos da folha e começou a terceira coluna, a mão movendo-se com firmeza.

— Eu *disse*... — começou o primeiro marinheiro, em voz alta, mas parou, surpreso, quando um grande lenço branco desceu flutuando sobre o convés à sua frente, cobrindo a mancha de tinta.

— Com licença, cavalheiros — disse Jamie. — Acho que deixei cair meu lenço. — Com um cordial aceno de cabeça para os marujos, abaixou-se e pegou o lenço com um movimento amplo, não deixando mais do que um leve resquício de tinta no convés. Os marinheiros entreolharam-se, hesitantes, depois olharam para Jamie. Um dos homens notou os olhos azuis acima da boca serenamente sorridente e empalideceu visivelmente. Afastou-se apressado, puxando o colega pelo braço.

— Sem problema, senhor — balbuciou ele. — Vamos, Joe, estão chamando a gente na popa.

Jamie não olhou nem para os homens que debandavam nem para o sr. Willoughby, mas veio em minha direção, enfiando o lenço de volta em sua manga.

— Um dia muito agradável, não é, Sassenach? — disse ele. Atirou a cabeça para trás, inalando profundamente. — Que ar refrescante, hein?

— Mais para uns do que para outros, eu acho — disse, divertindo-me. O ar especificamente naquele lugar do convés cheirava fortemente a couros curtidos com alume, armazenados no porão embaixo. — Foi bondade sua — eu disse, enquanto ele se apoiava contra a balaustrada a meu lado. — Acha que eu deveria oferecer minha cabine ao sr. Willoughby para ele escrever?

Jamie fez um breve muxoxo.

— Não. Eu disse a ele que pode usar minha cabine ou a mesa de jantar entre as refeições, mas ele prefere fazer isso aqui, sendo o idiota teimoso que é.

— Bem, acho que a luz é melhor — eu disse, em dúvida, examinando a pequena figura curvada, agachada tenazmente junto ao mastro. Enquanto eu observava, uma rajada de vento levantou a borda do papel; o sr. Willoughby prendeu-a imediatamente, mantendo-a no lugar com uma das mãos, enquanto continuava suas pinceladas curtas e certeiras com a outra. — Mas não parece confortável.

— Não é. — Jamie correu os dedos pelos cabelos, ligeiramente exasperado. — Ele faz isso de propósito, para provocar a tripulação.

— Bem, se é isso que ele procura, está indo bem — observei. — Mas para que ele faria isso?

Jamie recostou-se de costas na balaustrada e fez um novo muxoxo.

— Sim, bem, é complicado. Já conheceu algum chinês antes?

— Alguns, mas acho que são um pouco diferentes na minha época — eu disse. — Para começar, em geral não usam rabo de cavalo nem pijamas de seda, nem são obcecados por pés femininos. Ao menos, se eram, não me disseram nada — acrescentei, para ser justa.

Jamie riu e aproximou-se, de modo que sua mão sobre a balaustrada tocasse a minha.

— Bem, tem a ver com os pés — disse ele. — Ou, ao menos, esse foi o começo de tudo. Veja bem, Josie, que é uma das prostitutas da casa de madame Jeanne, contou a Gordon sobre isso e, é claro, ele por sua vez contou para todo mundo.

— O que tem os pés? — perguntei, dominada pela curiosidade. — O que é que ele *faz* com eles?

Jamie tossiu e um leve rubor tomou conta de suas faces.

— Bem, é um pouco...

— Você não pode dizer nada que vá me chocar — assegurei-lhe.

— Já vi muita coisa em minha vida, você sabe, e muitas delas com você, por falar nisso.

— De fato, acho que viu — disse ele, rindo. — Sim, bem, não é tanto o que ele faz, mas... bem, na China, as mulheres de boa família têm os pés atados.

— Já ouvi falar nisso — disse, perguntando-me por que tanta admiração em torno disso. — O objetivo é que tenham pés pequenos e graciosos.

Jamie soltou o ar ruidosamente pelas narinas, num sinal de desdém.

— Graciosos, hein? Sabe como é feito? — E prosseguiu, explicando-me. — Pegam uma menina... não mais do que um ano de idade, hein?... e viram para baixo os dedos dos pés até tocarem seu calcanhar, depois enfaixam os pés para mantê-los nessa posição.

— Credo! — exclamei involuntariamente.

— Sim, de fato — disse ele secamente. — A babá tira as ataduras de vez em quando para limpar os pés, mas as recoloca de volta imediatamente. Após algum tempo, seus dedinhos apodrecem e caem. E, quando já estiver crescida, a pobre menina só tem um amontoado de ossos e pele no final das pernas, menor do que o tamanho do meu punho fechado. — Bateu levemente o punho cerrado na madeira da balaustrada, para ilustrar. — Mas, então, ela é considerada muito bonita — terminou ele. — Graciosa, como você diz.

— Isso é absolutamente revoltante! — eu disse. — Mas o que isso tem a ver com... — Olhei para o sr. Willoughby, mas ele não dava nenhum sinal de estar nos ouvindo; o vento soprava dele para nós, levando as palavras para o mar.

— Digamos que isso seja o pé de uma menina, Sassenach — disse ele, espalmando a mão direita diante de mim. — Curve os dedos para baixo até tocar o calcanhar e o que terá no meio? — Ele curvou os dedos para dentro frouxamente, para ilustrar.

— O quê? — exclamei, confusa. Jamie esticou o dedo médio da

mão esquerda e enfiou-o bruscamente pelo centro de seu punho cerrado, num gesto graficamente inconfundível.

— Um buraco — disse ele sucintamente.

— Está brincando! É por isso?

Sua testa franziu-se ligeiramente, depois relaxou.

— Ah, estou brincando? De modo algum, Sassenach. Ele diz — sacudiu a cabeça levemente, indicando o sr. Willoughby — que é uma sensação fantástica para um homem.

— Ora, que animalzinho pervertido!

Jamie riu da minha indignação.

— Sim, bem, é mais ou menos isso que a tripulação acha, também. Claro, ele não pode obter o mesmo efeito com uma mulher europeia, mas imagino que ele... tente, de vez em quando.

Comecei a entender o sentimento geral de hostilidade em relação ao homenzinho. Até mesmo um breve conhecimento da tripulação do *Artemis* ensinara-me que os marinheiros, de um modo geral, tendem a ser criaturas galantes, com um forte veio romântico no que diz respeito às mulheres — sem dúvida, porque passam boa parte do ano sem companhia feminina.

— Hummm — murmurei, lançando um olhar desconfiado ao sr. Willoughby. — Bem, isso explica os marinheiros, certo, mas e quanto a ele?

— Aí é que fica um pouco complicado. — A boca de Jamie curvou-se para cima num sorriso sarcástico. — Veja bem, para o sr. Yi Tien Cho, que pertenceu ao Reino Celestial da China, nós é que somos primitivos e bárbaros.

— É mesmo? — Levantei os olhos para Brodie Cooper, descendo da escada de cordas acima, sendo as solas imundas e calosas dos pés tudo que era visível de baixo. Achei que os dois lados tinham sua razão. — Até você?

— Ah, sim. Eu sou um *gwao-fe*, que significa um diabo estrangeiro, nojento e imundo, com o fedor de uma doninha, acho que é isso que *huang-shu-lang* significa, e o rosto de uma gárgula — terminou ele alegremente.

— Ele *disse* isso para você? — Parecia uma estranha recompensa por salvar a vida de alguém. Jamie abaixou os olhos para mim, arqueando uma das sobrancelhas.

— Já notou, talvez, que homens muito pequenos são capazes de lhe dizer qualquer coisa depois de tomarem uns drinques? — perguntou ele. — Acho que o conhaque os faz esquecer seu tamanho; pensam que são grandes brutamontes cabeludos e assumem um ar feroz. — Balançou a cabeça indicando o sr. Willoughby, pintando laboriosamente. — Ele é um pouco mais circunspecto quando está sóbrio, mas isso não muda o que ele pensa. Isso o atormenta bastante, sabe? Especialmente sabendo que, se não fosse por mim, provavelmente alguém já o teria golpeado na cabeça ou jogado ao mar pela janela no silêncio da noite.

Ele falava com naturalidade, mas não me passaram despercebidos os olhares de soslaio dirigidos a nós pelos marinheiros que iam e vinham, e eu agora entendia exatamente por que Jamie estava passando tanto tempo conversando comigo junto à balaustrada. Se alguém tinha dúvidas sobre o fato de o sr. Willoughby estar sob a proteção de Jamie, logo abandonaria a ideia.

— Então, você salvou a vida dele, deu-lhe trabalho e o mantém longe de confusão e ele o insulta e acha que não passa de um bárbaro ignorante — eu disse secamente. — Sujeitinho amável, hein?

— Sim, bem. — O vento mudara ligeiramente de direção, fazendo uma mecha do cabelo de Jamie voar livremente pelo seu rosto. Ele afastou-a para trás da orelha e inclinou-se ainda mais em minha direção, nossos ombros quase se tocando. — Deixe-o dizer o que quiser; eu sou o único que compreende o que ele diz.

— É mesmo? — Coloquei a mão sobre a de Jamie, em cima da balaustrada.

— Bem, talvez não propriamente compreender — admitiu ele. Olhou para baixo, para o convés entre seus pés. — Mas eu me lembro muito bem — disse ele à meia-voz — o que é não ter nada

além do seu orgulho... e um amigo.

Lembrei-me do que Innes dissera e imaginei se teria sido o homem de um braço só quem fora seu amigo nos tempos difíceis. Eu compreendia o que ele queria dizer; eu tivera Joe Abernathy e sabia a diferença que isso fazia.

— Sim, eu tive um amigo no hospital... — comecei, mas fui interrompida pelas sonoras exclamações de nojo que emanavam debaixo dos meus pés.

— Droga! Que inferno! O maldito filho da mãe!

Olhei para baixo, espantada, e percebi, das imprecações abafadas, em irlandês, que vinham de baixo, que estávamos direto sobre a cozinha. A gritaria era espalhafatosa o suficiente para atrair a atenção dos serventes à frente e um pequeno grupo de marinheiros reuniu-se a nós, observando, fascinados, quando a cabeça com o lenço preto do cozinheiro surgiu pela escotilha, olhando furiosamente para o ajuntamento.

— Cambada de porcalhões! — vociferou ele. — O que estão olhando? Dois de vocês tragam os seus malditos traseiros aqui embaixo e levem essa porcaria e atirem por cima da amurada! Querem que eu fique subindo escadas o dia todo, logo eu com uma perna só? — A cabeça desapareceu abruptamente e, com um movimento dos ombros num gesto bem-humorado, Picard fez sinal a dois marinheiros para que descessem com ele.

Logo se ouviu uma algazarra de vozes e o baque surdo de um grande objeto embaixo. Um cheiro terrível assaltou nossas narinas.

— Santa Mãe de Deus, Maria Santíssima! — Tirei um lenço do meu bolso e tampei o nariz rapidamente com ele; este não era o primeiro mau cheiro que eu encontrava a bordo e em geral mantinha um lenço de linho embebido em gualtéria no bolso, por precaução. — O que é isso?

— Pelo fedor, cavalo morto. Um cavalo muito velho, aliás, e morto há muito tempo. — O nariz longo e reto de Jamie parecia um pouco contraído nas narinas e, em toda a volta, os marinheiros engasgavam, segurando o nariz e de um modo geral fazendo



comentários desfavoráveis ao cheiro.

Maitland e Grosman mantinham os rostos desviados de sua carga, mas ainda assim estavam ligeiramente verdes quando passaram um grande barril pela escotilha e colocaram-no no convés. A tampa estava rachada e eu vi de relance uma massa branco-amarelada pela abertura, brilhando ao sol. Parecia estar se movendo. Vermes, em profusão.

— Cruzes! — A exclamação partiu de mim involuntariamente. Os dois marinheiros nada disseram, os lábios pressionados com força, mas ambos pareciam concordar comigo. Juntos, levaram o barril até a balaustrada, ergueram-no e atiraram-no ao mar.

O resto da tripulação que observava reuniu-se junto à balaustrada para ver o barril oscilando no rastro do navio e divertir-se com a opinião de Murphy, proferida em sonoras blasfêmias, sobre o fornecedor do navio que o vendera a ele. Manzetti, um pequeno marinheiro italiano, com um espesso rabo de cavalo avermelhado, estava parado junto à balaustrada, carregando um mosquete.

— Tubarão — explicou ele com uma cintilação dos dentes sob o bigode, vendo-me observá-lo. — Muito bom para comer.

— Ah — exclamou Sturgis, com aprovação.

Aqueles que não estavam ocupados no momento reuniram-se na popa do navio, observando. Havia tubarões, eu sabia; Maitland apontara para mim duas formas escuras, flexíveis, pairando na sombra do casco na noite anterior, acompanhando o navio aparentemente sem nenhum esforço, exceto uma oscilação pequena e regular da cauda em formato de foice.

— Lá! — Um grito ergueu-se de várias gargantas quando o tonel sacudiu-se repentinamente na água. Uma pausa e Manzetti acertou sua mira cuidadosamente na vizinhança do barril flutuante. Outra sacudidela, como se algo desse um encontrão no tonel, seguida de outra.

A água era de um cinza lamacento, mas suficientemente translúcida para eu vislumbrar algo se movendo sob a superfície,

com rapidez. Outra sacudida, o barril deu um salto para o lado e, subitamente, a borda afiada de uma nadadeira enrugou a superfície da água e um dorso cinzento apareceu por um breve instante, ondas minúsculas fluindo de seu costado.

O mosquete disparou ao meu lado com um pequeno rugido e uma nuvem de fumaça negra de pólvora que deixou meus olhos ardendo. Ouviu-se um grito uníssono dos espectadores e quando meus olhos pararam de lacrimejar, pude ver uma pequena mancha marrom espalhando-se em torno do casco.

— Ele atingiu o tubarão ou a carne de cavalo? — perguntei a Jamie, num aparte à meia-voz.

— O barril — disse ele com um sorriso. — Ainda assim, foi um bom tiro.

Diversos outros tiros foram disparados enquanto o barril começava a saltitar numa dança agitada, os tubarões frenéticos atacando-o repetidamente. Pedacos de material marrom e branco voavam do barril estilhaçado e um grande círculo de gordura, sangue deteriorado e escombros espalhou-se ao redor do banquete dos tubarões. Como se por mágica, aves marinhas começaram a aparecer, mergulhando por migalhas.

— Nada bom — disse Manzetti finalmente, abaixando o mosquete e limpando o rosto com a manga da camisa. — Longe demais. — Ele suava e estava sujo de pólvora do pescoço à raiz dos cabelos; a limpeza deixou uma faixa branca sobre os olhos, como um guaxinim.

— Eu poderia saborear um filé de tubarão — disse a voz do capitão perto do meu ouvido. Virei-me e o vi espreitando pensativamente por cima da balaustrada para o cenário de carnificina. — Talvez devamos baixar um barco, sr. Picard.

O contramestre virou-se com um rugido obediente, e o *Artemis* mudou de direção, fazendo um giro para se aproximar dos restos do barril flutuante. Um pequeno bote foi lançado, carregando Manzetti, com seu mosquete, e três marinheiros armados com arpões e cordas.

Quando chegaram ao local, não havia mais nada do barril além de alguns estilhaços de madeira. Mas ainda havia muita atividade; a água fervilhava com os tubarões debatendo-se sob a superfície e a cena era quase obscurecida por uma rouquenha nuvem de aves marinhas. Enquanto eu observava, vi um focinho pontudo erguer-se repentinamente da água, a boca aberta, agarrar um dos pássaros e desaparecer sob as ondas, tudo num piscar de olhos.

— Você viu aquilo? — eu disse, fascinada. Eu sabia, de um modo geral, que os tubarões possuíam dentes fenomenais, mas essa demonstração prática foi mais impressionante do que qualquer quantidade de fotografias da *National Geographic*.

— Ora, Mãe do céu, que dentes grandes você tem! — disse Jamie, parecendo igualmente impressionado.

— Ah, de fato — disse uma voz cordial próxima. Olhei para o lado e vi Murphy rindo junto ao meu cotovelo, o rosto largo brilhando com um regozijo selvagem. — Pouco vai adiantar aos vagabundos, com uma bala de mosquete atravessada em seus cérebros! — Bateu com o punho cerrado, do tamanho de um pernil, sobre a balaustrada e gritou: — Traga-me um desses malditos de dentes serrilhados, Manzetti! Há uma garrafa de conhaque de cozinha à espera, se você trouxer!

— É uma questão pessoal para você, sr. Murphy? — perguntou Jamie educadamente. — Ou preocupação profissional?

— Ambos, sr. Fraser, ambos — respondeu o cozinheiro, observando a caçada com feroz atenção. Chutou a amurada com a perna de madeira, com uma pancada oca. — Já provaram uma parte de mim — disse ele com implacável deleite —, mas eu já comi muito mais deles!

O bote mal era visível através da alvoroçada cortina de pássaros e seus gritos tornavam quase impossível ouvir qualquer coisa além dos gritos de guerra de Murphy.

— Posta de tubarão com mostarda! — berrava Murphy, os olhos não mais do que fendas estreitas num êxtase de vingança. — Fígado ensopado com piccalilli! Farei uma sopa de suas barbatanas

e gelatina de seus olhos em xerez, malditos filhos da mãe!

Eu vi Manzetti, ajoelhando-se na proa, apontar seu mosquete e a nuvem de fumaça preta quando disparou. E então, vi o sr. Willoughby.

Eu não vira o chinês pular do navio; ninguém vira, com todos os olhos fixos na caçada. Mas lá estava ele, a alguma distância da confusão ao redor do bote, a cabeça raspada brilhando como uma boia de pesca, enquanto ele se debatia na água com um enorme pássaro, suas asas agitando a água como um batedor de ovos.

Alertado pelo meu grito, Jamie arrancou os olhos da caçada, arregalou-os por um instante e, antes que eu pudesse me mexer ou falar, ele próprio já estava em cima da balaustrada.

Meu grito de horror coincidiu com um urro surpreso de Murphy, mas Jamie desapareceu também, atirando-se na água perto do chinês quase sem levantar água.

Ouviam-se gritos e berros do convés — e um chiado estridente de Marsali — quando todo mundo percebeu o que acontecera. A cabeça ruiva e molhada de Jamie emergiu junto à do sr. Willoughby e, em segundos, ele já passara o braço com firmeza em torno da garganta do chinês. O sr. Willoughby agarrava-se com toda a força ao pássaro e eu não tive certeza, por um instante, se Jamie pretendia resgatá-lo ou esganá-lo, mas em seguida ele bateu os pés furiosamente e começou a rebocar a massa de homem e pássaro em luta de volta para o navio.

Ouvi os gritos de triunfo do bote e vi um crescente círculo de vermelho-vivo na água. Houve uma tremenda agitação na água quando um tubarão foi arpoado e puxado pelo pequeno bote por uma corda em volta de sua cauda. Depois, tudo ficou confuso, quando os homens no bote notaram o que mais estava acontecendo na água ali perto.

Algumas cordas foram atiradas por cima de um dos lados da amurada e depois do outro, enquanto membros da tripulação precipitavam-se para cima e para baixo completamente desvairados, sem saber se ajudavam no resgate do chinês ou do

tubarão. Finalmente, Jamie e suas cargas foram içados a estibordo e largados, escorrendo água, sobre o convés, enquanto o tubarão capturado — vários bocados arrancados de seu corpo pelos companheiros famintos — era arrastado, ainda debatendo-se debilmente, para bombordo.

— San... to... Deus — disse Jamie, arfando. Esparramou-se no convés, arquejante como peixe fora d'água.

— Você está bem? — Ajoelhei-me a seu lado e enxuguei a água de seu rosto com a bainha da minha saia. Ele dirigiu-me um sorriso de viés e balançou a cabeça, ainda arfando.

— Meu Deus — disse ele finalmente, sentando-se. Sacudiu a cabeça e espirrou. — Pensei que eu tivesse sido abocanhado também. Esses idiotas no bote começaram a vir em nossa direção e havia uma quantidade enorme de tubarões ao redor deles, embaixo d'água, mordendo o tubarão arpoado. — Massageou a barriga das pernas delicadamente. — Sem dúvida, é exagero de minha parte, Sassenach, mas sempre tive pavor de perder uma perna. Parece até pior do que ser morto de uma vez.

— Prefiro que você não faça nem um nem outro — eu disse sarcasticamente. Ele começava a tremer; tirei meu xale e enrolei-o em volta de seus ombros, depois olhei à volta em busca do sr. Willoughby.

O pequeno chinês, ainda agarrando-se teimosamente ao seu prêmio, um jovem pelicano quase do seu tamanho, ignorou tanto Jamie quanto as ofensas que lhe eram dirigidas. Desceu respingando água para todos os lados, protegido de castigo físico pelo bico ameaçador de seu prisioneiro, que desencorajava qualquer aproximação.

Um horrível som de esquartejamento e um berro de exultação do outro lado do convés anunciaram o uso que Murphy fazia de um machado para liquidar sua antiga nêmesis. Os marinheiros aglomeraram-se em torno do animal morto, as facas em punho, para cortar pedaços da pele. Mais alguns golpes entusiásticos e Murphy passou por nós, radiante, carregando uma grande parte da cauda

sob o braço, o enorme fígado amarelo pendurado de uma das mãos em um saco de rede de pesca e o machado ensanguentado jogado em cima do ombro.

— Não se afogou, hein? — disse ele, agitando os cabelos úmidos de Jamie com a mão livre. — Não vejo por que você se deu ao trabalho de salvar o patife, mas posso dizer que foi feito com muita bravura. Vou preparar um caldo com a cauda, para você se esquentar — prometeu ele, afastando-se com as batidas cadenciadas de sua perna de pau, planejando menus em voz alta.

— Por que ele fez isso? — perguntei. — O sr. Willoughby, quero dizer.

Jamie sacudiu a cabeça e assoou o nariz na ponta da camisa.

— Não faço a menor ideia. Ele queria o pássaro, eu acho, mas não sei dizer por quê. Para comer, talvez?

Murphy ouviu e virou-se no topo da escada que levava à cozinha, franzindo a testa.

— Não se pode comer pelicanos — disse ele, sacudindo a cabeça em desaprovação. — Tem gosto de peixe, por mais que você cozinhe. E só Deus sabe o que estão fazendo aqui, de qualquer forma; são pássaros costeiros, os pelicanos. Trazidos por alguma tempestade, imagino. Tipos estranhos. — Sua cabeça calva desapareceu em seus domínios, murmurando alegremente sobre salsinha seca e pimenta-de-caiena. Jamie riu e levantou-se.

— Sim, bem, talvez ele só queira as penas para fazer penas de escrever. Vamos descer, Sassenach. Pode me ajudar a secar as costas.

Ele falara de brincadeira, mas assim que as palavras saíram de sua boca, seu rosto empalideceu. Olhou rapidamente para bombordo, onde a tripulação discutia e disputava os restos do tubarão, enquanto Fergus e Marsali cautelosamente examinavam a cabeça decepada, com as mandíbulas escancaradas, no assoalho do convés. Então seus olhos encontraram-se com os meus, em perfeito entendimento.

Trinta segundos depois, estávamos embaixo, em sua cabine.

Gotas frias de seus cabelos molhados caíam sobre meus ombros e peito, mas sua boca estava quente e ávida. As curvas rígidas de suas costas emanavam calor através do tecido encharcado da camisa colada a elas.

— *lfrinn!* — disse ele, ofegante, afastando-se o suficiente para tentar arrancar as calças. — Nossa, estão grudadas em mim! Não consigo tirá-las!

Resfolegando de riso, puxava os cadarços, mas a água encharcara os nós, tornando impossível desatá-los.

— Uma faca! — disse. — Onde há uma faca? — Eu mesma resfolegando de risada ao ver seus esforços, lutando freneticamente para conseguir tirar a fralda encharcada da camisa de dentro das calças, comecei a vasculhar as gavetas da escrivaninha, arremessando para fora pedaços de papel, tinteiro, uma caixa de rapé... tudo, exceto uma faca. O mais próximo era um abridor de carta de marfim, no formato de uma grande mão, apontando o indicador.

Agarrei o objeto e segurei-o pelo cócs, tentando serrar os cadarços embaralhados.

Ele deu um grito de susto e saltou para trás.

— Santo Deus, cuidado com isso, Sassenach! Não vai lhe adiantar nada conseguir tirar minhas calças e me capar junto!

Quase enlouquecidos de desejo como estávamos, a situação nos pareceu tão engraçada que nos dobramos de rir.

— Tome! — Esquadrinhando o caos de seu beliche, pegou sua adaga e brandiu-a triunfalmente. Um instante depois, os cadarços foram cortados e as calças encharcadas formaram uma pilha ensopada no chão.

Ele me agarrou, levantou-me do chão e deitou-me sobre a escrivaninha, indiferente aos papéis amassados e penas de escrever espalhadas. Erguendo minhas saias acima da minha cintura, agarrou-me pelos quadris e inclinou-se parcialmente sobre mim, as coxas rígidas abrindo minhas pernas.

Era como segurar uma salamandra; um calor intenso num

envoltório gelado. Soltei a respiração de repente, quando a camisa ensopada tocou minha barriga nua, depois arfei outra vez ao ouvir passos no corredor.

— Pare! — sussurrei para ele. — Vem alguém!

— Tarde demais — disse ele, com uma certeza infinita. — Tenho que possuí-la ou morrer.

Possuiu-me com uma única, rude e rápida estocada, e eu mordi seu ombro com força, sentindo o gosto de sal e linho molhado, mas ele não emitiu nenhum som. Duas, três estocadas e eu já tinha minhas pernas presas com força ao redor de suas nádegas, meu grito abafado em sua camisa, também sem me importar com quem pudesse estar chegando.

Ele me possuiu, com rapidez e competência, e arremessou-se cada vez mais fundo, com um som rouco de triunfo na garganta, estremecendo e sacudindo-se em meus braços.

Dois minutos depois, a porta da cabine abriu-se de par em par. Innes olhou devagar ao redor, espantado com a bagunça da cabine. O olhar meigo e castanho viajou da escrivaninha devastada para mim, sentada, suada e descabelada, mas respeitavelmente vestida, no beliche, e foram pousar finalmente em Jamie, que desmoronara em um banco, ainda vestindo sua camisa molhada, o peito arfando e a vermelhidão esmaecendo aos poucos de seu rosto.

As narinas de Innes alargaram-se delicadamente, mas ele não disse nada. Entrou na cabine, cumprimentando-me com um aceno da cabeça, inclinou-se e enfiou a mão embaixo do beliche de Fergus, de onde retirou uma garrafa de conhaque.

— Para o chinês — disse ele para mim. — Para que ele não pegue um resfriado. — Virou-se para a porta e parou, estreitando os olhos pensativamente para Jamie. — Devia ter mandado o sr. Murphy preparar um caldo pela mesma razão, Mac Dubh. Dizem que é perigoso se resfriar depois de um grande esforço, não é? Não vai querer ficar com febre. — Via-se um brilho débil nas profundezas castanhas e pesarosas.

Jamie ajeitou para trás as mechas emaranhadas de cabelo e sal,



um sorriso espalhando-se pelo rosto.

— Sim, bem, e se isso chegar a acontecer, Innes, pelo menos morrerei feliz.

Descobrimos no dia seguinte para que o sr. Willoughby queria o pelicano. Encontrei-o no convés de ré, a ave empoleirada sobre uma arca de guardar velas a seu lado, as asas bem amarradas junto ao corpo com tiras de pano. Ela me fitou com olhos redondos e amarelos, e bateu o bico, como aviso.

O sr. Willoughby recolhia uma corda, na ponta da qual havia uma pequena lula roxa contorcendo-se. Removendo-a, segurou-a na frente do pelicano e disse alguma coisa em chinês. O pássaro olhou-o com profunda suspeita, mas não se mexeu. Rapidamente, ele agarrou a parte de cima do bico na mão, puxou-a para cima e jogou a lula na bolsa da ave. O pelicano, parecendo surpreso, engasgou-se convulsivamente e engoliu-a.

— *Hao-liao* — disse o sr. Willoughby, com aprovação, acariciando a cabeça do pássaro. Viu-me observando-o e fez sinal para que eu me aproximasse. Mantendo um olho vigilante no perigoso bico, aproximei-me. — Ping An — disse ele, indicando o pelicano. — Pacífico. — A ave ergueu uma pequena crista de penas brancas, exatamente como se estivesse levantando as orelhas ao ouvir seu nome, e eu não pude deixar de rir.

— É mesmo? O que vai fazer com ele?

— Ensinar a caçar para mim — disse o pequeno chinês, com simplicidade. — Observar.

Foi o que fiz. Depois de várias outras lulas e alguns peixinhos terem sido pescados e dados à ave, o sr. Willoughby retirou outra faixa de pano macio dos recessos de sua roupa e enrolou-a confortavelmente em volta do pescoço do pelicano.

— Não querer estrangular — explicou ele. — Não engolir peixe. — Em seguida, amarrou firmemente uma corda fina a esse colarinho, fez sinal para que eu me afastasse um pouco e, com um súbito movimento, soltou as tiras que prendiam as asas do pelicano.

Surpreso com a repentina liberdade, o pássaro gingou de um lado para o outro na arca, bateu as asas enormes e ossudas uma ou duas vezes, depois se arremeteu nos céus numa explosão de penas.

Um pelicano no solo é algo cômico, anguloso e desajeitado, pés abertos e bico esquisito. Um pelicano voando em círculos sobre a água é um assombro, gracioso e primitivo, parecendo um pterodátilo entre as formas mais evoluídas de gaivotas e petréis.

Ping An, o pacífico, levantou voo até o limite de sua corda, esforçou-se para subir mais ainda e, em seguida, como se estivesse resignado, começou a planar em círculos. O sr. Willoughby, de olhos apertados contra o sol a ponto de parecerem fechados, girava devagar, incessantemente, no convés, brincando com o pelicano como se fosse uma pipa. Todas as mãos no cordame e no convés próximo pararam o que faziam para observar; os marinheiros ficaram fascinados.

Repentinamente, como uma flecha de um arco, o pelicano dobrou as asas e mergulhou, cortando a água quase sem um respingo. Quando saltou de volta à superfície, parecendo ligeiramente surpreso, o sr. Willoughby começou a puxá-lo de volta. Novamente a bordo, o pelicano foi convencido, com alguma dificuldade, a desistir de sua presa, mas finalmente seu captor teve que enfiar a mão com toda a cautela na bolsa membranácea abaixo do bico e extrair uma bela e gorda brema-do-mar.

O sr. Willoughby sorriu satisfeito para o admirado Ping An, pegou uma pequena faca e cortou o peixe ainda vivo ao longo do dorso. Prendendo o pássaro com um braço vigoroso, afrouxou o colarinho com a outra mão e ofereceu-lhe um pedaço do peixe, que Ping An vorazmente arrancou de seus dedos e engoliu.

— Dele — explicou o sr. Willoughby, limpando descuidadamente as escamas e o sangue na perna das calças. — Meu — continuou ele, balançando a cabeça na direção da metade do peixe ainda sobre a arca, agora imóvel.

Em uma semana, o pelicano estava completamente

domesticado, capaz de voar livremente, com o colarinho, mas sem a corda que o prendia ao barco, retornando ao seu mestre para regurgitar uma bolsa cheia de peixes brilhantes a seus pés. Quando não estava pescando, Ping An assumia uma posição nos vaus reais, para grande desgosto dos tripulantes responsáveis pela limpeza do convés embaixo, ou seguia o sr. Willoughby pelo convés, gingando absurdamente de um lado para o outro, as asas de dois metros e meio de envergadura semiespraiadas para garantir o equilíbrio.

A tripulação, tanto impressionada pela pesca quanto cautelosa com o grande bico de Ping An, passava ao largo do sr. Willoughby, que todo dia escrevia com seus pincéis ao lado do mastro, se o tempo permitisse, seguro sob o olho amarelo e benigno de seu novo amigo.

Certo dia, parei para observar o sr. Willoughby em seu trabalho, mantendo-me discreta, atrás de um mastro. Ele ficou parado por um instante, tinha um olhar de tranquila satisfação no rosto, contemplando a página acabada. Eu não sabia ler os caracteres, é claro, mas o formato geral era de algum modo muito agradável de ver.

Então, ele olhou rapidamente ao redor, como se verificasse que não havia ninguém se aproximando, pegou o pincel e, com grande cuidado, acrescentou um símbolo final, no canto superior esquerdo da página. Sem perguntar, eu sabia que era sua assinatura.

Ele suspirou e ergueu o rosto para olhar por cima da balaustrada. Sua expressão, inescrutável, era sonhadora e maravilhada. Compreendi que, fosse o que fosse, o que ele via não era o navio nem o oceano oscilante mais além.

Finalmente, ele suspirou outra vez e sacudiu a cabeça, como se falasse consigo mesmo. Colocou as mãos no papel e, rápida e delicadamente, dobrou-o uma, duas e três vezes. Em seguida, levantando-se, dirigiu-se à balaustrada, estendeu as mãos acima da água e deixou a forma branca e dobrada cair.

A folha de papel dobrada foi dando voltas e caindo em direção à água. Então, uma lufada de vento pegou-a e girou-a para cima, um

pedacinho branco desaparecendo na distância, como as gaivotas e andorinhas que gritavam atrás do navio em busca de migalhas.

O sr. Willoughby não permaneceu junto à balaustrada para observá-la, mas virou-se e desceu, o sonho ainda continuava estampado em seu rosto pequeno e redondo.

**45**

A HISTÓRIA DO SR. WILLOUGHBY

**D**epois que cruzamos o meio do Atlântico e rumamos em sua parte sul, os dias e noites ficaram quentes e a tripulação que estava de folga começou a se reunir no castelo de proa durante algum tempo após o jantar, para entoar canções, dançar ao som do violino de Brodie Cooper ou ouvir histórias. Com o mesmo instinto que faz com que as crianças em um acampamento contem histórias de fantasmas, os homens pareciam particularmente atraídos por horríveis relatos de naufrágios e dos perigos do mar.

Conforme nos distanciamos mais para o sul, e para longe do reino de Kraken — a criatura mitológica na forma de uma lula gigante — e da serpente marinha, a disposição para monstros passou e os homens começaram a contar histórias de sua terra natal.

Foi depois da maioria dessas histórias ter se esgotado que Maitland, o criado de cabine, virou-se para o sr. Willoughby, como sempre agachado ao pé do mastro, com sua caneca aconchegada ao peito.

— Como foi que você deixou a China, Willoughby? — perguntou Maitland, curioso. — Não vi mais do que meia dúzia de marinheiros chineses, embora as pessoas digam que há muita gente na China. Será que o lugar é tão bom que as pessoas não querem ir embora de lá?

Discreto no começo, o pequeno chinês parecia ligeiramente lisonjeado com o interesse provocado por essa pergunta. Com um pouco mais de encorajamento, ele consentiu em contar sua partida da terra natal — exigiu apenas que Jamie traduzisse para ele, seu próprio inglês era insuficiente para a tarefa. Jamie concordou prontamente, sentou-se ao lado do sr. Willoughby e inclinou a cabeça para ouvir.

— Eu era um mandarim — começou o sr. Willoughby, na voz de Jamie. — Um mandarim das letras, um talento em composição. Usava uma roupa de seda, bordada em muitas cores e, por cima, este traje azul de seda de um estudioso, usava o distintivo da minha secretaria bordado no peito e nas costas, a figura de um *feng-huang*, um pássaro de fogo.

— Acho que ele quer dizer uma fênix — acrescentou Jamie, virando-se para mim por um instante, antes de dirigir sua atenção de volta ao sr. Willoughby, que aguardava pacientemente e logo retomou a narrativa.

— Eu nasci em Pequim, na Cidade Imperial do Filho do Céu...

— É como chamam seu imperador — sussurrou Fergus para mim. — Que presunção, igualar o rei deles com o Senhor Jesus!

— Shh — sibilaram várias pessoas, virando os rostos indignados na direção de Fergus. Ele fez um gesto rude para Maxwell Gordon, mas silenciou, voltando-se para a pequena figura sentada de cócoras junto ao mastro.

— Desde pequeno, viram que eu tinha talento para a composição artística de letras e embora no começo eu não fosse perito no uso de pincel e tinta, aprendi finalmente, com grande esforço, a fazer as representações de meu pincel espelharem as ideias que dançavam como garças na minha mente. E assim fui descoberto por Wu-Xien, um mandarim da corte imperial, que me levou para viver com ele e supervisionou minha educação. Subi rapidamente em mérito e posição, de modo que antes dos vinte e seis anos eu já conseguira uma esfera de coral vermelho no chapéu. Então sobreveio um vento maligno, que lançou as sementes da desgraça em meu jardim. Talvez eu tenha sido amaldiçoado por um inimigo ou talvez, em minha arrogância, não tenha feito os sacrifícios adequados. Certamente eu não fora omisso nas reverências aos meus ancestrais, sempre tomei o cuidado de visitar o túmulo de minha família todos os anos e sempre mantive incensos queimando na Galeria dos Ancestrais...

— Se suas composições eram sempre tão prolixas, sem dúvida

o Filho do Céu perdeu a paciência e atirou-o no rio — murmurou Fergus com cinismo.

— ... mas qualquer que fosse a causa — continuou a voz de Jamie —, minha poesia caiu diante dos olhos de Wan-Mei, a segunda esposa do imperador. A segunda esposa é uma mulher de grande poder, tendo gerado não menos de quatro filhos, e, quando ela pediu para eu me tornar parte de sua própria corte, o pedido foi concedido imediatamente.

— E o que havia de errado com isso? — perguntou Gordon, inclinando-se para a frente com interesse. — Uma oportunidade de subir na vida, não?

O sr. Willoughby evidentemente entendeu a pergunta, porque balançou a cabeça na direção de Gordon enquanto continuava. A voz de Jamie retomou a história.

— Ah, a honra era inestimável; eu teria uma grande casa só minha dentro dos limites do palácio e uma guarda de soldados para escoltar meu palanquim e um guarda-sol triplo carregado diante de mim como símbolo de meu status, e talvez até uma pena de pavão para meu chapéu. Meu nome seria inscrito em letras de ouro no Livro do Mérito.

O chinês parou, coçando a cabeça. Seu cabelo começava a despontar na parte raspada, fazendo-o parecer uma bola de tênis.

— Entretanto, há uma condição de serviço na Corte Imperial; todos os empregados das esposas reais têm que ser eunucos.

Uma arfada de horror sobreveio a essa informação, seguida de um murmúrio de comentários agitados, onde predominavam exclamações como: “Bárbaros malditos!” e “Amarelos filhos da mãe!”.

— O que é um eunuco? — perguntou Marsali, parecendo desnorteada.

— Nada com que você jamais precise se preocupar, *chérie* — garantiu-lhe Fergus, passando o braço ao redor de seus ombros. — Então você fugiu, *mon ami* — disse ele, dirigindo-se ao sr. Willoughby num tom de profunda solidariedade. — Eu faria o



mesmo, sem dúvida! — Um profundo murmúrio de sincera aprovação reforçou esse sentimento. O sr. Willoughby pareceu ligeiramente sensibilizado por tal evidente aceitação; ele sacudiu a cabeça uma ou duas vezes para os ouvintes antes de continuar sua história.

— Foi muito desonroso de minha parte recusar a dádiva do imperador. No entanto, é uma fraqueza dolorosa, eu me apaixonara por uma mulher.

Ouviu-se um suspiro solidário entre os marinheiros, a maioria tendo um espírito terrivelmente romântico. Entretanto, o sr. Willoughby parou, puxando a manga da camisa de Jamie e fazendo-lhe alguma observação.

— Ah, estou errado — corrigiu-se Jamie. — Ele diz que não era “*uma* mulher”, apenas “mulher”, todas as mulheres ou a ideia geral de mulher, ele quer dizer. É isso? — perguntou ele, olhando para o sr. Willoughby.

O chinês balançou a cabeça, satisfeito, e relaxou. A Lua estava alta no céu, quase cheia, e era suficientemente brilhante para iluminar o rosto do mandarim enquanto ele falava.

— Sim — disse ele, pela voz de Jamie —, eu pensava muito nas mulheres; sua graça e beleza, florescendo como ninfeias, flutuando como algodão-do-campo ao vento. E as miríades de sons que produzem, às vezes como a tagarelice dos papa-arrozes ou o canto dos rouxinóis; outras, como o grasnido de corvos — acrescentou com um sorriso que transformou seus olhos em duas fendas e levou seus ouvintes a gargalhadas —, mas mesmo assim, eu as amava.

“Eu dedicava todos os meus poemas às mulheres. Às vezes, eram dirigidos a uma ou outra mulher em particular, mas geralmente à mulher de um modo geral. Ao gosto de damasco de seus seios, ao cheiro morno do umbigo de uma mulher quando ela acorda no inverno, ao calor de um monte que enche sua mão como um pêssgo, fendido em sua maturidade.”

Fergus, escandalizado, colocou as mãos sobre os ouvidos de Marsali, mas o restante de seus ouvintes mostrava-se muito

receptivo.

— Não é de admirar que o sujeitinho fosse um poeta famoso — disse Raeburn com aprovação. — É muito bárbaro, mas eu gosto!

— Digno de um botão vermelho em seu chapéu, sem dúvida — concordou Maitland.

— Até dá vontade de aprender um pouco de chinês — acrescentou o ajudante do capitão, examinando o sr. Willoughby com novo interesse. — Será que ele tem muitos desses poemas?

Jamie fez um sinal para que a plateia — agora aumentada pela maioria dos tripulantes de folga — silenciasse e disse ao sr. Willoughby:

— Continue.

— Fugi na Noite das Lanternas — disse o chinês. — Um grande festival, quando as pessoas encham as ruas; não havia perigo de ser notado pelos guardas. Logo após o anoitecer, quando as procissões reuniam-se por toda a cidade, vesti minhas roupas de viajante...

— É como uma peregrinação — explicou Jamie —, eles vão visitar os túmulos de seus ancestrais em terras distantes e vestem-se de branco, que é a cor do luto, sabem?

— ... e fugi de minha casa. Atravessei as multidões sem dificuldade, carregando uma lanterna pequena e comum que eu comprara, sem meu nome ou local de residência pintado nela. Os guardas tocavam seus tambores de bambu, os criados das grandes casas soavam os gongos e, do telhado do palácio, fogos de artifício eram lançados em grande profusão.

Percebia-se uma grande nostalgia no pequeno rosto redondo, conforme ele se entregava às recordações.

— Foi, de certa forma, um adeus muito apropriado a um poeta — disse ele. — Fugindo anonimamente, ao som de grandes aplausos. Quando passei pela guarnição de soldados no portão da cidade, olhei para trás e vi os inúmeros telhados do palácio delineados por uma explosão de flores vermelhas e douradas. Parecia um jardim mágico, e também proibido, para mim.

Yi Tien Cho viajou sem incidentes durante toda a noite, mas quase foi pego no dia seguinte.

— Eu havia me esquecido de minhas unhas — disse ele. Espalmou uma das mãos, pequenas, de dedos curtos, as unhas roídas até o sabugo. — Pois um mandarim possui unhas compridas, como símbolo de que ele não é obrigado a trabalhar com as mãos, e as minhas eram do tamanho de uma das juntas dos meus dedos.

Um criado da casa onde ele parara para descansar no dia seguinte viu-as e apressou-se a contar ao guarda. Yi Tien Cho correu também e conseguiu finalmente enganar seus perseguidores enfiando-se em uma vala e escondendo-se no mato.

— Enquanto estava escondido no meio do mato, destruí minhas unhas, é claro — disse ele. Agitou o dedo mínimo da mão direita. — Fui obrigado a arrancar esta unha, pois tinha um *da zi* de ouro incrustado, que eu não conseguia tirar.

Ele roubou roupas camponesas de um arbusto onde haviam sido colocadas para secar, deixando a unha arrancada, com o caractere de ouro incrustado como pagamento. Continuou, lentamente, a atravessar o país em direção à costa. No começo, pagava pela comida com a pequena quantidade de dinheiro que trouxera consigo, mas na periferia de Lulong foi assaltado por um bando de ladrões, que lhe roubaram o dinheiro, mas não a vida.

— Depois disso — disse ele com simplicidade —, roubava comida quando podia e passava fome quando não conseguia. Finalmente, o vento da sorte mudou um pouco e conheci um grupo de herboristas a caminho de uma feira de médicos perto da costa. Em troca por minha habilidade em desenhar cartazes para seu estande e escrever rótulos exaltando as virtudes de seus remédios, levaram-me com eles.

Ao atingir o litoral, ele foi até a zona portuária e tentou se fazer passar por um homem do mar, mas fracassou completamente, já que seus dedos, tão habilidosos com pincel e tinta, nada sabiam da arte de nós e cordas. Havia vários navios estrangeiros no porto; ele escolheu aquele cujos marinheiros pareciam os mais bárbaros e

que, portanto, mais provavelmente o levaria o mais longe possível. Aproveitando uma oportunidade, passou furtivamente pelo guarda do convés e entrou no porão do *Serafina*, com destino a Edimburgo.

— Você sempre teve a intenção de deixar inteiramente o país?  
— perguntou Fergus, interessado. — Parece uma decisão desesperada.

— Alcance do imperador muito grande — disse o sr. Willoughby calmamente em inglês, sem esperar por tradução. — Ou ir para exílio ou ser morto.

Seus ouvintes deram um suspiro coletivo à terrível contemplação de um poder tão sanguinário e fez-se um momento de silêncio, ouvindo-se apenas o gemido do cordame acima, enquanto o sr. Willoughby pegava a caneca esquecida e esvaziava as últimas gotas de sua bebida.

Depositou a caneca no chão, lambendo os lábios, e colocou a mão outra vez no braço de Jamie.

— É estranho — disse o sr. Willoughby, e o ar de reflexão em sua voz foi imitado exatamente por Jamie —, mas foi meu gosto pelas mulheres o que a segunda esposa viu e amou em minhas palavras. Entretanto, ao querer me possuir, e a meus poemas, ela destruiu para sempre o que admirava.

O sr. Willoughby deu uma risadinha abafada, onde a ironia era inconfundível.

— Isso não é o fim da contradição em que se tornou a minha vida. Como eu não quis abrir mão de minha masculinidade, perdi tudo o mais: honra, sustento, país. Com isso, não me refiro apenas à terra em si, com as colinas de majestosos abetos onde eu passava os verões na Tartária, e as grandes planícies ao sul, os rios fluentes, transbordantes de peixes, mas também a perda de mim mesmo. Meus pais foram desonrados, os túmulos dos meus ancestrais foram abandonados e nenhum incenso queima diante de suas imagens.

“Toda a ordem, toda a beleza se perderam. Vim para um lugar onde as palavras douradas dos meus poemas são tomadas pelo

cacarejar das galinhas e meus desenhos a pincel por rabiscos. Sou considerado mais vil do que o pior dos mendigos, que engole serpentes para a diversão das multidões, permitindo que transeuntes puxem a serpente da minha boca pela cauda pelo parco pagamento que me permita viver mais um dia.”

O sr. Willoughby olhou fixamente para seus ouvintes, deixando evidente o paralelo.

— Vim para um país de mulheres grosseiras e cheirando a ursos. — A voz do chinês ergueu-se apaixonadamente, embora Jamie mantivesse a sua num tom uniforme, recitando as palavras, mas privando-as de emoção. — São criaturas sem nenhuma graciosidade, sem nenhuma educação, ignorantes, fedidas, seus corpos nojentos, cheios de pelos, como cachorros! E essas... essas me desdenham como um verme amarelo, de modo que até mesmo a mais baixa das prostitutas não quer se deitar comigo. Pelo amor às mulheres, vim para um lugar onde nenhuma mulher merece ser amada!

Nesse ponto, vendo os olhares sóbrios nos rostos dos marinheiros, Jamie parou de traduzir e tentou acalmar o chinês, colocando a mão avantajada no ombro recoberto de seda azul.

— Sim, meu caro, eu compreendo. E tenho certeza de que não há nenhum homem aqui presente que teria agido de outra forma, se tivesse que escolher. Não é, rapazes? — perguntou ele, olhando por cima do ombro com as sobrancelhas significativamente erguidas.

Sua força moral foi suficiente para extrair um murmúrio de relutante concordância, mas a simpatia da multidão com a história dos infortúnios do sr. Willoughby dissipara-se completamente com sua conclusão insultuosa. Comentários contundentes foram feitos sobre bárbaros ingratos e imorais, e muitos elogios efusivos de admiração feitos a mim e Marsali, conforme os homens se dispersavam.

Fergus e Marsali também se afastaram, mas Fergus deteve-se para informar ao sr. Willoughby que mais uma observação sobre as mulheres europeias faria com que ele, Fergus, fosse obrigado a

enrolar sua — do sr. Willoughby — trança em volta do seu pescoço e estrangulá-lo.

O sr. Willoughby ignorou observações e ameaças semelhantes simplesmente olhando direto para a frente com um olhar fixo, os olhos negros brilhando com as lembranças e a bebida. Jamie enfim se levantou também e estendeu a mão para me ajudar a descer do meu barril.

Foi quando nos virávamos para ir embora que o chinês enfiou as mãos entre as pernas. Sem absolutamente nenhuma obscenidade, segurou os testículos, de modo a pressionar a massa arredondada contra a seda. Rolou-os devagar na palma da mão, analisando o volume em profunda meditação.

— Às vezes — disse ele, como se falasse consigo mesmo —, acho isso não valer a pena.

**46**

ENCONTRAMOS UM BOTO

**E**u percebera, já há algum tempo, que Marsali tentava reunir coragem para falar comigo. Achei que o faria, mais cedo ou mais tarde; quaisquer que fossem seus sentimentos em relação a mim, eu era a única outra mulher a bordo. Eu fazia o possível para ajudar, sorrindo amavelmente e dizendo “Bom-dia”, mas a iniciativa teria que partir dela.

Ela me procurou, finalmente, no meio do oceano Atlântico, um mês após a nossa partida da Escócia.

Eu escrevia em nossa cabine, fazia anotações cirúrgicas sobre uma pequena amputação — dois dedos dos pés esmagados em um dos ajudantes da coberta de proa. Eu acabara de finalizar o desenho do local da cirurgia quando uma sombra escureceu o vão da porta da cabine. Ergui os olhos e vi Marsali parada ali, o queixo empinado de forma beligerante.

— Preciso saber uma coisa — disse ela com firmeza. — Não gosto de você, e acho que sabe disso, mas papai diz que você é uma curandeira e talvez seja uma mulher honesta, ainda que seja uma vagabunda, de modo que talvez possa me dizer.

Havia inúmeros revides possíveis a essa notável declaração, mas me contive de fazer qualquer observação.

— Talvez eu possa — disse, largando a pena de escrever sobre a mesa. — O que deseja saber?

Vendo que eu não estava com raiva, deslizou para dentro da cabine e sentou-se no banquinho, o único lugar disponível.

— Bem, tem a ver com bebês — explicou ela. — E de como se engravida.

Ergui uma das sobrancelhas.

— Sua mãe não lhe disse de onde vêm os bebês?

Ela resfolegou com impaciência, as pequenas sobrancelhas



louras franzidas numa feroz expressão de desdém.

— É claro que eu sei de onde vêm! Qualquer idiota sabe disso. Você deixa um homem colocar o pau dele entre suas pernas e você tem que acertar as contas com o diabo nove meses depois. O que eu quero saber é como não se engravida.

— Sei. — Olhei-a com considerável interesse. — Não quer um filho? Hã... quando estiver adequadamente casada, quero dizer? A maioria das mulheres jovens quer.

— Bem — disse ela devagar, torcendo as mãos no colo. — Acho que vou querer um filho um dia. Por ele mesmo, quero dizer. Se talvez tiver cabelos escuros, como Fergus. — Uma expressão sonhadora atravessou seu semblante, mas logo sua expressão voltou a endurecer. — Mas não posso — disse ela.

— Por que não?

Ela esticou os lábios, pensando, depois os recolheu outra vez.

— Bem, por causa de Fergus. Ainda não dormimos juntos. Não conseguimos mais do que nos beijar de vez em quando por trás da porta de um alçapão, graças ao papai e suas malditas ideias — acrescentou ela amargamente.

— Amém — eu disse, com sarcasmo.

— Hein?

— Nada. — Abanei a mão, descartando o assunto. — O que isso tem a ver com não querer filhos?

— Eu quero gostar — disse ela sem rodeios. — Quando chegarmos à parte do pau.

Mordi a parte interna do meu lábio.

— Eu... hã... imagino que isso tenha algo a ver com Fergus, mas receio que não compreenda o que tem a ver com filhos.

Marsali olhou-me desconfiada. Desta vez sem hostilidade, mais como se me avaliasse de alguma forma.

— Fergus gosta de você — disse ela.

— Também gosto dele — respondi cautelosamente, sem saber ao certo para onde a conversa se dirigia. — Eu o conheço há muito tempo, desde quando era menino.

Ela relaxou repentinamente, um pouco da tensão dissipando-se dos ombros delgados.

— Ah. Então você sabe... onde ele nasceu?

De repente, entendi sua cautela.

— O bordel em Paris? Sim, sei. Ele lhe contou, então?

Ela balançou a cabeça.

— Sim, contou. Foi há muito tempo, no último ano-novo.

Bem, imaginei que um ano fosse muito tempo para uma jovem de quinze anos.

— Foi quando eu disse a ele que o amava — continuou ela. Seus olhos estavam fixos na saia e um ligeiro rubor tingia suas faces. — E ele disse que me amava também, mas que minha mãe jamais concordaria com nosso casamento. Eu perguntei por que não, não era nada tão terrível assim ser francês, nem todo mundo podia ser escocês, e também não achava que sua mão tivesse qualquer importância. Afinal, havia o sr. Murray com sua perna de pau e mamãe gostava bastante dele. Foi então que ele disse que não, não se tratava de nada disso, e me contou... sobre Paris, quero dizer, sobre o fato de ter nascido num bordel e ser um batedor de carteiras antes de conhecer papai.

Ela ergueu os olhos, uma expressão de incredulidade nas profundezas azul-claras.

— Acho que ele pensou que eu me importava — disse ela, com espanto. — Ele tentou se afastar e disse que não me veria mais. Bem — ela encolheu os ombros, afastando os cabelos louros —, eu logo cuidei disso. — Encarou-me diretamente nos olhos, as mãos entrelaçadas no colo. — É que eu não queria mencionar isso, caso você não soubesse. Mas já que sabe... bem, não é com Fergus que estou preocupada. Ele diz que sabe o que deve fazer e que eu vou gostar, depois que passarmos da primeira ou segunda vez. Mas não foi isso que minha mãe me disse.

— O que ela lhe disse? — perguntei, fascinada.

Um pequeno sulco surgiu entre as sobrancelhas.

— Bem... não foi tanto o que ela disse, embora ela realmente

tenha dito, quando lhe contei sobre mim e Fergus, que ele me faria coisas terríveis por ter vivido com prostitutas e ser filho de uma... não foi o que ela disse, mas o modo como agia.

Seu rosto estava completamente vermelho agora e ela mantinha os olhos abaixados para o colo, onde seus dedos se contorciam nas pregas da saia. O vento parecia estar se intensificando; finas mechas de cabelos louros erguiam-se delicadamente de sua cabeça, sopradas pela brisa que vinha da janela.

— Quando sangrei pela primeira vez, ela me disse o que fazer, disse que fazia parte da maldição de Eva e que eu só tinha que tolerar aquilo. E ela leu para mim um trecho da Bíblia sobre São Paulo dizer que as mulheres eram terríveis, pecadoras imundas por causa do que Eva fizera, mas que ainda poderiam ser salvas pelo sofrimento e pelas dores do parto.

— Nunca tive grande consideração por São Paulo — observei.

Ela ergueu os olhos, surpresa.

— Mas está na Bíblia! — disse ela, chocada.

— Assim como várias outras coisas — eu disse secamente. — Já ouviu a história de Gideão e sua filha? Ou do sujeito que mandou sua mulher para ser estuprada e morta por um bando de facínoras para que ele não fosse pego? Deus prefere os homens, exatamente como Paulo. Mas continue.

Ela me olhou boquiaberta por um instante, mas depois fechou a boca e assentiu, um tanto espantada.

— Sim, bem. Mamãe disse que aquilo significava que eu já estava quase com idade para me casar e, quando eu realmente me casasse, não deveria esquecer que é dever da mulher fazer o que seu marido quiser, quer goste ou não. E ela parecia tão triste quando me disse isso... pensei que, qualquer que fosse o dever de uma mulher, devia ser horrível, e pelo que São Paulo dissera sobre sofrimento e parto...

Ela parou e suspirou. Permaneci quieta, esperando. Quando recomeçou a falar, o fez de maneira hesitante, como se tivesse dificuldade em escolher as palavras.

— Não me lembro de meu pai. Eu só tinha três anos quando os ingleses o levaram. Mas já era crescida quando minha mãe se casou com Jamie para saber o que acontecia entre os dois. — Mordeu o lábio; não estava acostumada a chamar Jamie pelo nome. — Papai, quer dizer, Jamie, ele é gentil, eu acho; sempre foi para Joan e para mim. Mas eu via quando ele envolvia minha mãe pela cintura e tentava puxá-la para si... ela se encolhia e fugia dele. — Mordeu o lábio outra vez, depois continuou. — Eu via que ela tinha medo; não gostava que ele a tocasse. Mas não o via fazer nada que pudesse lhe causar medo, não até onde podíamos ver. Assim, achei que devia ser alguma coisa que ele fazia quando estavam na cama, sozinhos. Joan e eu costumávamos nos perguntar o que poderia ser; mamãe nunca tinha marcas no rosto ou nos braços, nem mancava ao andar, como Magdalen Wallace, cujo marido sempre batia nela quando voltava bêbado no dia de feira. Assim, não achávamos que ele batesse na mamãe.

Marsali umedeceu os lábios, ressecados pelo ar morno e salgado, e eu empurrei a jarra de água em sua direção. Ela balançou a cabeça em agradecimento e encheu uma caneca.

— Então, eu pensei — disse ela, os olhos fixos no fluxo de água — que devia ser porque mamãe teve filhos, teve a nós, e sabia que seria terrível outra vez. E, por causa disso, ela não queria ir para a cama com Jamie.

Bebeu um gole de água; em seguida colocou a caneca sobre a mesa e fitou-me diretamente nos olhos, firmando o queixo com ar de desafio.

— Eu vi você com meu pai — disse ela. — Apenas naquele instante, antes de ele me ver. Eu... eu acho que você estava gostando do que ele fazia com você na cama.

Abri a boca e fechei-a outra vez.

— Bem... sim — eu disse, debilmente. — Estava.

Ela deu um grunhido de satisfação.

— Mmmhummm. E você gosta quando ele a toca, eu já vi. Muito bem, então. Você não tem filhos. E ouvi dizer que há meios de evitá-

los, só que ninguém sabe exatamente como, mas você deve saber, sendo uma curandeira e tudo o mais.

Ela inclinou a cabeça para o lado, analisando-me.

— Eu gostaria de ter um bebê — admitiu ela —, mas se tiver que escolher entre ter um bebê ou gostar de Fergus, prefiro Fergus. Portanto, não terei um bebê... se você me disser como.

Alisei meus cachos para trás da orelha, sem saber por onde começar.

— Bem — eu disse, respirando fundo —, para começar, eu tive filhos.

Seus olhos arregalaram-se.

— Teve? E papai... Jamie sabe?

— Bem, claro que sim — respondi com impaciência. — Eram dele.

— Nunca ouvi dizer que papai tivesse nenhum filho. — Os olhos claros estreitaram-se, desconfiados.

— Imagino que ele não achasse que fosse da sua conta — eu disse, talvez um pouco mais ríspidamente do que o necessário. — E, de fato, não é — acrescentei, mas ela apenas ergueu as sobrancelhas e continuou a me olhar com desconfiança. — O primeiro bebê morreu — eu disse, capitulando. — Na França. Ela está enterrada lá. Minha... nossa segunda filha já é adulta, ela nasceu depois de Culloden.

— Então, ele nunca a viu? A filha adulta? — Marsali falou devagar, franzindo a testa.

Sacudi a cabeça, incapaz de falar por um instante. Parecia haver algo preso em minha garganta e estendi a mão para a água. Marsali empurrou a jarra distraidamente em minha direção, inclinando-se contra o balanço do navio.

— É muito triste — disse ela baixinho, consigo mesma. Em seguida, ergueu os olhos para mim, franzindo a testa outra vez em concentração, enquanto tentava entender toda a história. — Então você teve filhos e não fez diferença para você? Mmmhummm. Mas já faz muito tempo, portanto... você teve outros homens enquanto

estava na França? — Seu lábio inferior cobriu o superior, fazendo-a parecer-se muito a um buldogue pequeno e teimoso.

— Isso — eu disse com firmeza, colocando o copo na mesa — definitivamente não é da sua conta. Quanto a se o nascimento de um filho faz diferença, provavelmente faz para algumas mulheres, mas não para todas. Mas quer faça diferença ou não, há boas razões para você não querer ter filhos de imediato.

Ela desfez o trejeito com o lábio inferior e sentou-se ereta, interessada.

— Então, há uma maneira?

— Há muitas maneiras e infelizmente a maioria delas não funciona — disse-lhe, com uma pontada de pesar pelo meu bloco de receitas e a confiabilidade das pílulas anticoncepcionais. Ainda assim, lembrava-me perfeitamente do conselho das *maîtresses sage-femme*, as experientes parteiras do Hôpital des Anges, onde eu trabalhara em Paris havia vinte anos. — Pegue para mim uma pequena caixa nesse armário aí — eu disse, apontando para as portas acima de sua cabeça. — Sim, essa mesma. Algumas parteiras francesas fazem um chá de baga de loureiro e valeriana — eu disse, vasculhando minha caixa de remédios. — Mas é um pouco perigoso e nada confiável, eu acho.

— Você sente a falta dela? — perguntou Marsali bruscamente.

Ergui os olhos, espantada.

— Sua filha? — Seu rosto estava anormalmente inexpressivo e imaginei que a pergunta tinha mais a ver com Laoghaire do que comigo.

— Sim — respondi simplesmente. — Mas ela já é crescida; tem sua própria vida. — O nó em minha garganta voltou e eu abaixei a cabeça sobre a caixa de remédios, ocultando o rosto. As chances de Laoghaire voltar a ver Marsali outra vez eram praticamente as mesmas de que um dia eu visse Brianna; não era um pensamento que eu quisesse alimentar. — Tome — disse, puxando um grande chumaço de esponja limpa. Peguei um dos finos bisturis cirúrgicos do seu encaixe apropriado na tampa da caixa e cuidadosamente

cortei vários pedaços finos, de cerca de vinte centímetros quadrados. Vasculhei a caixa outra vez e encontrei o pequeno frasco de óleo de atânasia, com o qual cuidadosamente saturei um quadrado de esponja sob o olhar fascinado de Marsali. — Muito bem — eu disse. — Esta é mais ou menos a quantidade de óleo a ser usada. Se não tiver nenhum óleo, pode mergulhar a esponja em vinagre; até mesmo vinho serve, num aperto. Ponha o pedaço de esponja bem dentro de você antes de ir para a cama com um homem. Veja bem, isso é feito desde a primeira vez; você pode ficar grávida com uma única vez.

Marsali balançou a cabeça, os olhos arregalados, e tocou a esponja delicadamente com o dedo indicador.

— Ah, é? E... e depois? Eu a tiro outra vez ou...

Um grito urgente vindo de cima, somado a uma repentina guinada do *Artemis* ao impelir para trás as velas mestras, interrompeu a conversa. Algo estava acontecendo no andar superior.

— Eu lhe direi depois — eu disse, empurrando a esponja e o frasco para ela. Precipitei-me para o corredor.

Jamie estava no convés de ré com o capitão, observando a aproximação de um grande navio atrás de nós. Devia ter o triplo do tamanho do *Artemis*, com três mastros, uma verdadeira floresta de cordame e velas, em meio à qual pequenas figuras negras saltavam como pulgas num lençol. Uma nuvem de fumaça branca flutuava em seu rastro, vestígio de um canhão recém-disparado.

— Estão atirando em nós? — perguntei, admirada.

— Não — respondeu Jamie, com raiva. — Apenas um tiro de advertência. Eles pretendem nos abordar.

— E eles podem? — dirigi a pergunta ao capitão Raines, que parecia mais sombrio do que o normal, os cantos caídos de sua boca afundados na barba.

— Podem — disse ele. — Não conseguiríamos fugir deles nesta calmaria, em mar aberto.

— Que navio é este? — Sua bandeira tremulava no topo do

mastro, mas vista contra o sol àquela distância, parecia completamente preta.

Jamie abaixou os olhos para mim.

— Um navio de guerra inglês, Sassenach. Setenta e quatro canhões. Talvez seja melhor você descer.

Eram más notícias. Embora a Inglaterra não estivesse mais em guerra com a França, as relações entre os dois países não eram de modo algum cordiais. E embora o *Artemis* estivesse armado, possuía apenas quatro canhões de doze tiros; suficientes para deter pequenos navios piratas, mas inócuos contra um navio de guerra.

— O que podem querer conosco? — perguntou Jamie ao capitão. Raines sacudiu a cabeça, o rosto gordo, flácido, fechado numa expressão sombria.

— Provavelmente confiscar — respondeu ele. — Estão com falta de mão de obra; pode-se ver pelo cordame... e a coberta de proa está abandonada — observou com desaprovação, os olhos fixos no navio de guerra, agora lado a lado com o *Artemis*. Olhou para Jamie. — Eles podem convocar qualquer membro da tripulação que pareça inglês, o que é aproximadamente metade da tripulação. E até mesmo você, sr. Fraser... a menos que queira passar por francês.

— Droga — disse Jamie baixinho. Olhou para mim e franziu o cenho. — Eu não lhe disse para descer?

— Disse — respondi, sem me mexer. Aproximei-me dele, os olhos fixos no navio de guerra, onde um bote estava sendo baixado. Um oficial, num casaco dourado e um chapéu enfeitado com galões, descia do navio.

— Se confiscarem os marujos ingleses — perguntei ao capitão Raines —, o que acontecerá a eles?

— Servirão a bordo do *Porpoise*, o Boto, esse é o nome do navio. — Ele balançou a cabeça na direção do vaso de guerra, que ostentava um peixe de lábios grossos como figura de proa. — Servirão como membros da Marinha Real. Eles podem soltar os marujos confiscados quando o navio chegar ao porto... ou não.



— O quê? Está querendo dizer que eles podem simplesmente sequestrar homens e fazê-los trabalhar como marinheiros pelo tempo que quiserem? — Um calafrio de medo percorreu meu corpo à ideia de Jamie ser abruptamente levado.

— Podem — disse o capitão sucintamente. — E se o fizerem, teremos muito trabalho para chegar à Jamaica com metade da tripulação. — Virou-se de repente, para saudar o bote que chegava.

Jamie segurou meu cotovelo e apertou-o.

— Eles não levarão Innes ou Fergus — disse ele. — Eles a ajudarão a procurar o Jovem Ian. Se nos levarem — notei o “nós” com uma pontada de dor —, vá para a casa de Jared em Sugar Bay e comece a busca de lá. — Ele parecia abatido e dirigiu-me um débil sorriso. — Eu a encontrarei lá — disse ele, apertando meu cotovelo para me tranquilizar. — Não sei quanto tempo pode levar, mas eu procurarei por você lá.

— Mas você pode se fazer passar por francês! — protestei. — Sabe que pode!

Olhou-me por um instante e sacudiu a cabeça, sorrindo tristemente.

— Não — disse ele à meia-voz. — Não posso deixar que levem meus homens e ficar para trás, escondendo-me sob uma identidade francesa.

— Mas... — comecei a protestar que os contrabandistas escoceses não eram seus homens, não podiam exigir sua lealdade, mas parei, percebendo que seria inútil. Os escoceses podiam não ser seus colonos ou parentes, e um deles poderia muito bem ser um traidor, mas ele os trouxera para o *Artemis* e, se fossem levados, iria com eles.

— Não se preocupe, Sassenach — disse ele brandamente. — Devo ficar bem, de um modo ou de outro. Mas acho melhor que nosso nome seja Malcolm, por enquanto.

Bateu de leve em minha mão, depois a soltou e adiantou-se, os ombros empertigados para enfrentar o que viesse. Segui-o, mais devagar. Quando o bote parou ao lado do *Artemis*, vi as

sobrancelhas do capitão erguerem-se de espanto.

— Deus nos proteja, o que é isso? — murmurou ele baixinho, quando uma cabeça apareceu acima da amurada do *Artemis*.

Era um homem jovem, evidentemente perto dos trinta anos, mas com o rosto abatido e os ombros arqueados de fadiga. Um casaco de uniforme que era grande demais para ele havia sido enfiado por cima de uma camisa imunda e ele cambaleou um pouco quando o convés do *Artemis* ergueu-se sob seus pés.

— Você é o capitão deste navio? — Os olhos do inglês estavam vermelhos de cansaço, mas ele identificou Raines de imediato no agrupamento de homens de aspecto soturno. — Sou o capitão substituto Thomas Leonard, do navio *Porpoise* de Sua Majestade. Pelo amor de Deus, têm um cirurgião a bordo?

Enquanto tomava um copo de Porto que lhe fora oferecido com desconfiança, o capitão Leonard explicou que o *Porpoise* sofrera o ataque de uma praga infecciosa, que começara havia cerca de quatro semanas.

— Metade da tripulação está de cama — disse ele, limpando uma gota vermelha do queixo coberto pela barba por fazer. — Já perdemos trinta homens até agora e parece que vamos perder muitos mais.

— Perdeu seu capitão? — perguntou Raines.

O rosto de Leonard ruborizou-se ligeiramente.

— O... o capitão e os dois tenentes morreram semana passada, assim como o cirurgião e seu auxiliar. Eu era o terceiro-tenente. — Isso explicava tanto sua surpreendente juventude quanto seu nervosismo; ver-se de repente sozinho, no comando de um grande navio, com uma tripulação de seiscentos homens e uma infecção grassando a bordo, era suficiente para deixar qualquer um abalado. — Se tiver alguém a bordo com experiência médica... — Olhou esperançosamente do capitão Raines para Jamie, que estava parado junto à escrivaninha, com uma expressão preocupada.

— Eu sou a cirurgiã do *Artemis*, capitão Leonard — disse, do

meu lugar na soleira da porta. — Que sintomas seus homens têm?

— Você? — A cabeça do jovem capitão girou para fitar-me, admirado. Seu maxilar afrouxou-se e ele permaneceu ligeiramente boquiaberto, mostrando a língua esbranquiçada e os dentes manchados típicos de um mascador de fumo.

— Minha mulher é uma extraordinária curandeira, capitão — disse Jamie amavelmente. — Se está em busca de ajuda, aconselho-o a responder às suas perguntas e fazer o que ela disser.

Leonard piscou uma vez, mas em seguida respirou fundo e assentiu.

— Sim. Bem, parece começar com fortes cólicas na barriga, uma diarreia terrível e vômitos. Os homens doentes queixam-se de dor de cabeça e têm febre alta. Eles...

— Alguns deles têm irritação na pele da barriga? — interrompi. Ele balançou a cabeça ansiosamente.

— Têm, sim. E alguns deles sangram pelo ânus também. Ah, sinto muito, madame — disse ele, repentinamente ruborizado. — Não pretendia ofendê-la, mas é que...

— Acho que sei do que se trata — eu disse, interrompendo suas desculpas. Uma empolgação começou a avolumar-se dentro de mim; a sensação de um diagnóstico em minhas mãos e a certeza de como proceder. O soar das trombetas para um cavalo de guerra, pensei com ironia. — Eu precisaria vê-los, para ter certeza, mas...

— Minha mulher teria prazer em aconselhá-lo, capitão — disse Jamie com firmeza. — Mas receio que ela não possa ir a bordo de seu navio.

— Tem certeza? — O capitão Leonard olhou de um para o outro, os olhos desesperados de decepção. — Se ela pudesse ao menos dar uma olhada em minha tripulação...

— Não — disse Jamie, no mesmo instante em que eu respondia: — Sim, claro!

Houve um silêncio embaraçoso por um instante. Jamie, então, ergueu-se e disse educadamente, arrastando-me para fora da cabine:

— Pode nos dar licença, capitão Leonard? — E continuou arrastando-me pelo corredor que levava ao porão de popa.

— Você é surda? — sibilou ele, ainda agarrando-me por um braço. — Não pode estar pensando em colocar os pés em um navio com a peste! Arriscar a vida, a tripulação e o Jovem Ian, tudo por um bando de ingleses?

— Não é a peste — eu disse, lutando para soltar-me. — E eu não estaria arriscando minha vida. Solte meu braço, escocês miserável!

Ele soltou-me, mas continuou bloqueando a escada, olhando-me com raiva.

— Ouça — eu disse, esforçando-me para ser paciente. — Não é a peste; tenho quase certeza de que é febre tifoide, a erupção cutânea me faz pensar assim. Não vou pegar isso, fui vacinada contra essa doença.

A dúvida cruzou momentaneamente seu rosto. Apesar de minhas explicações, ele ainda estava inclinado a considerar germes e vacinas na mesma linha de magia negra.

— Ah, é? — disse ele com ceticismo. — Bem, pode ser que seja, mas ainda assim...

— Olhe — eu disse, procurando as palavras. — Sou uma médica. Eles estão doentes e eu posso fazer alguma coisa para ajudar. Eu... é que... bem, é minha obrigação, só isso!

A julgar pelo efeito, essa declaração pareceu pouco eloquente. Jamie ergueu uma das sobrancelhas, convidando-me a prosseguir.

Respirei fundo. Como eu poderia explicar isso — a necessidade de tocar, a compulsão de curar? A seu próprio modo, Frank compreendera. Certamente, haveria uma maneira de tornar isso claro para Jamie.

— Eu fiz um juramento — eu disse. — Quando me tornei médica.

As duas sobrancelhas ergueram-se.

— Um juramento? — repetiu ele. — Que espécie de juramento?

Eu o dissera em voz alta uma única vez. Ainda assim, eu tinha

uma cópia emoldurada no meu consultório; Frank o dera para mim, um presente quando me formei na faculdade de medicina. Engoli para desfazer o nó em minha garganta, fechei os olhos e li o que pude me lembrar do pergaminho em minha mente.

*— Eu juro, por Apolo, médico, por Esculápio, Higeia e Panaceia, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue: aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei por comprazer nem remédio mortal nem um conselho que induza à perda. Conservarei imaculada minha vida e minha arte. Em toda casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo longe dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados. Aquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, conservarei inteiramente secreto. Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrada para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.*

Abri os olhos e o encontrei olhando-me pensativamente.

— Hã... algumas partes são apenas por tradição — expliquei.

O canto de sua boca torceu-se ligeiramente.

— Compreendo — disse ele. — Bem, a primeira parte parece um pouco pagã, mas gosto da parte em que se manterá longe de qualquer sedução.

— Achei que iria gostar — eu disse secamente. — A virtude do capitão Leonard está a salvo comigo.

Ele deu uma risadinha irônica e reclinou-se contra a escada, passando a mão devagar pelos cabelos.

— É assim que é, então, entre os médicos? — perguntou ele. — Você se obriga a ajudar quem quer que precise, até mesmo um inimigo?

— Não faz muita diferença, sabe, se estão doentes ou feridos. —

Ergui os olhos, examinando seu rosto em busca de compreensão.

— Sim, bem — disse ele devagar. — Eu mesmo já fiz um ou outro juramento... e nenhum deles superficialmente. — Estendeu o braço e tomou minha mão direita, os dedos sobre minha aliança de prata. — Mas uns pesam mais do que outros — disse ele, perscrutando meu rosto.

Ele estava muito perto de mim, o sol que entrava pela escotilha acima desenhando listras no linho da manga de sua camisa, a pele de sua mão de um bronze escuro e avermelhado, embalando meus próprios dedos brancos e a prata brilhante de minha aliança de casamento.

— É verdade — eu disse suavemente, dirigindo-me ao seu pensamento. — Você sabe que sim. — Pousei minha outra mão em seu peito, a aliança de ouro brilhando num feixe de luz solar. — Mas onde uma promessa pode ser mantida sem prejuízo de outra...?

Ele suspirou, tão profundamente a ponto de mover minha mão em seu peito, em seguida inclinou-se e beijou-me com ternura.

— Sim, bem, não quero que você cometa perjúrio — disse ele, endireitando-se com um sorriso irônico. — Tem certeza sobre essa sua vacina? Funciona mesmo?

— Funciona — assegurei-lhe.

— Talvez eu deva ir com você — disse ele, franzindo ligeiramente as sobrancelhas.

— Não pode, você não foi vacinado e o tifo é altamente contagioso.

— Você só está achando que é tifo pelo que Leonard disse — enfatizou ele. — Não tem certeza se é isso mesmo.

— Não, não tenho — admiti. — Mas só há um jeito de saber.

Subi ao convés do *Porpoise* com a ajuda da cadeira do contramestre, uma aterrorizante cadeira de balanço suspensa no ar, acima do mar espumante. Aterrissei de maneira ignominiosa, espatifando-me sobre o convés. Quando consegui ficar de pé, espantei-me de ver como o convés do navio de guerra parecia

sólido em comparação ao minúsculo e oscilante tombadilho superior do *Artemis*, bem mais abaixo. Era como ficar em pé no penhasco de Gibraltar.

Meus cabelos haviam se soltado durante a travessia entre os dois navios; enrolei-os para cima e prendi-os da melhor maneira que pude, depois peguei minha caixa de remédios das mãos do guarda-marinha que a segurava.

— É melhor mostrar-me onde estão — eu disse. O vento estava ligeiro e eu sabia que as duas tripulações estavam tendo muito trabalho para manter os dois navios juntos, mesmo quando ambos deslizavam a sota-vento.

Estava escuro no espaço entre os conveses, um lugar confinado, iluminado por pequenos lampiões a óleo pendurados do teto, oscilando levemente com o movimento de subida e descida do navio, de modo que as fileiras de homens deitados em redes permaneciam nas sombras, manchadas com áreas turvas da luz acima. As redes e seus ocupantes pareciam um grupo de baleias ou monstros marinhos adormecidos, formas escuras, deitadas e dobradas ao meio, lado a lado, oscilando segundo o balanço do mar abaixo.

O mau cheiro era insuportável. O pouco ar que havia vinha dos rústicos respiradores que davam para o andar de cima, mas eram poucos. Pior do que o odor de homens que não tomavam banho era o fedor asfixiante e nauseante de vômito e de diarreia misturada a sangue, que se espalhava no assoalho sob as redes, onde os doentes estavam tão mal que não tinham condições de pegar os urinóis disponíveis. Meus sapatos grudavam-se no convés, soltando-se com um asqueroso barulho de sucção, conforme eu avançava cautelosamente.

— Ilumine melhor aqui — eu disse categoricamente para o jovem e apreensivo guarda-marinha, que recebera a incumbência de me acompanhar. Ele segurava um lenço no nariz e parecia amedrontado e angustiado, mas obedeceu, erguendo o lampião que carregava de modo que eu pudesse espreitar dentro da rede mais

próxima.

O ocupante gemeu e virou o rosto quando a luz atingiu-o. Estava vermelho de febre e sua pele quente ao toque. Puxei sua camisa para cima e apalpei seu estômago; também estava quente, a pele distendida e endurecida. Enquanto apertava delicadamente aqui e ali, o homem contorcia-se como uma minhoca no anzol, emitindo gemidos dolorosos.

— Tudo bem — eu disse, tentando acalmá-lo, instando-o a esticar-se outra vez. — Sim, eu vou ajudá-lo; logo vai se sentir melhor. Deixe-me examinar seus olhos, agora. Sim, isso mesmo.

Puxei a pálpebra para trás; sua pupila encolheu-se com a luz, deixando seus olhos castanhos e com as bordas vermelhas de sofrimento.

— Santo Deus, tirem essa luz daqui! — disse ele, arfando e virando a cabeça abruptamente. — Está me rachando a cabeça! — Febre, vômito, espasmos abdominais, dor de cabeça.

— Você sente calafrios? — perguntei, fazendo um sinal para o guarda-marinha afastar o lampião.

A resposta foi mais um gemido do que uma palavra, mas afirmativa. Mesmo na penumbra, eu podia ver que muitos dos homens nas redes estavam enrolados em seus cobertores, embora fizesse um calor sufocante ali embaixo.

Se não fosse pela dor de cabeça, poderia ser simplesmente uma gastroenterite — mas não com tantos homens contaminados. Algo realmente muito contagioso — e eu estava quase certa do que deveria ser. Não era malária, se vinham da Europa para o Caribe. Tifo era uma possibilidade; disseminado pelo piolho do corpo comum, tendia a espalhar-se rapidamente em ambientes fechados e apinhados de gente como este, e os sintomas eram semelhantes a estes que eu via à minha volta — com uma única diferença.

Aquele marinheiro não apresentava a característica erupção na barriga, nem o seguinte, mas o terceiro apresentava. As rosetas vermelho-claras eram evidentes na pele branca pegajosa. Pressionei uma delas com força e ela desapareceu, voltando à vida



um instante depois, quando o sangue retornou à pele. Prossegui, esgueirando-me entre as redes, os corpos pesados, suarentos, pressionando-me de ambos os lados, voltando depois para a escada onde o capitão Leonard e mais dois guardas-marinhas me aguardavam.

— É tifo — eu disse ao capitão. Eu tinha a certeza que poderia ter, não dispondo de microscópio ou cultura de sangue.

— Ah! — Seu rosto tenso permaneceu apreensivo. — Sabe o que fazer para isso, sra. Malcolm?

— Sim, mas não será fácil. Os doentes têm que ser trazidos para cima, cuidadosamente lavados e deitados onde haja ar fresco para respirarem. Além disso, é uma questão de cuidados; precisarão de uma dieta líquida e muita água... água fervida, isso é muito importante!... e compressas para abaixar a febre. Entretanto, o mais importante é evitar contaminar qualquer outro membro de sua tripulação. Várias coisas precisam ser feitas...

— Faça-as — interrompeu ele. — Vou dar ordens para que tenha o maior número possível de homens saudáveis para atendê-la; dê as ordens que achar melhor.

— Bem — eu disse, com um olhar dubio ao meu redor. — Posso começar e dizer-lhe como prosseguir, mas vai ser uma grande empreitada. O capitão Raines e meu marido devem estar ansiosos para prosseguirmos viagem.

— Sra. Malcolm — disse o capitão com grande ansiedade —, eu lhe serei eternamente grato por qualquer ajuda que possa nos dar. Nós estamos viajando com destino à Jamaica, onde somos aguardados com grande urgência. A menos que o restante de minha tripulação possa ser salva desta horrível doença, jamais chegaremos àquela ilha. — Ele falou com grande seriedade e eu senti uma pontada aguda de compaixão por ele.

— Está bem — eu disse com um suspiro. — Envie-me doze tripulantes saudáveis, para começar.

Subindo ao convés, dirigi-me à balaustrada e acenei para Jamie, que estava junto ao leme do *Artemis*, olhando para cima. Eu podia

ver seu rosto com clareza, apesar da distância; sua expressão era preocupada, mas relaxou num largo sorriso assim que me viu.

— Vai voltar agora? — gritou ele, protegendo a boca com as mãos.

— Ainda não! — gritei em resposta. — Preciso de duas horas! — Erguendo dois dedos para ilustrar o que eu queria dizer caso não me ouvisse, afastei-me da balaustrada, não sem antes ver o sorriso desaparecer de seu rosto. Ele ouvira.

Supervisionei a remoção dos doentes para o convés de ré e mandei um grupo de ajudantes despirem os homens de suas roupas imundas, lavá-los e ensaboá-los com um jato de água do mar de uma mangueira alimentada por bombas. Eu estava na cozinha, instruindo o cozinheiro e os serventes de cozinha nos cuidados com a preparação dos alimentos, quando senti o movimento do convés sob meus pés.

O cozinheiro com quem eu falava estendeu a mão e fechou o trinco do armário atrás dele. Com a rapidez de um raio, agarrou uma panela solta que saltou de sua prateleira, enfiou um enorme presunto no espeto no armário inferior e girou nos calcanhares para prender a tampa do caldeirão com água fervente suspenso sobre o fogão da cozinha.

Fitei-o, atônita. Eu já vira Murphy executar este mesmo estranho balé, sempre que o *Artemis* era jogado de um lado para o outro ou mudava bruscamente de curso.

— O que... — eu disse, mas abandonei a pergunta e corri para o convés o mais rápido possível. Estávamos navegando; embora o *Porpoise* fosse grande e sólido, eu podia sentir a vibração que percorria a quilha conforme o navio arrostava o vento.

Irrompi no convés, deparando-me com uma nuvem de velas acima de minha cabeça, estendidas e enfunadas, e o *Artemis* desaparecendo rapidamente atrás de nós. O capitão Leonard estava parado junto ao timoneiro, olhando para o *Artemis*, enquanto o mestre vociferava ordens para os homens acima.

— O que está fazendo? — gritei. — Seu desgraçado filho da

mãe, o que está acontecendo aqui?

O capitão olhou para mim, obviamente constrangido, mas com o maxilar cerrado obstinadamente.

— Temos que chegar à Jamaica com a maior urgência — disse ele. A pele de suas faces estava gretada e vermelha do impetuoso vento marinho, ou ele teria corado de vergonha. — Sinto muito, sra. Malcolm, de fato eu lamento a necessidade, mas...

— Mas coisa nenhuma! — eu disse, furiosa. — Mude de direção! Volte! Lance a maldita âncora! Não pode me levar assim!

— Lamento a necessidade — disse ele outra vez, tenazmente. — Mas acredito que seus serviços continuados sejam imprescindíveis, sra. Malcolm. Não se preocupe — disse ele, esforçando-se em vão para transmitir segurança. Estendeu a mão como se quisesse bater de leve em meu ombro, mas reconsiderou e desistiu. Deixou cair o braço ao lado do corpo. — Prometi a seu marido que a marinha lhe fornecerá acomodações na Jamaica até o *Artemis* chegar lá.

Encolheu-se um pouco e recuou diante da expressão do meu rosto, evidentemente com medo de que eu fosse agredi-lo — e não sem razão.

— O que quer dizer com prometeu a meu marido? — eu disse, entre dentes. — Está querendo dizer que J... que o sr. Malcolm permitiu que você me raptasse?

— Hã... não. Não, não permitiu. — O capitão parecia estar achando o confronto uma tarefa estafante. Retirou um lenço imundo do bolso e enxugou a testa e a nuca. — Ele foi muito intransigente, receio.

— Intransigente, hein? Bem, eu também sou. — Bati o pé furiosamente no chão, mirando nos dedos do seu pé e não os atingindo apenas porque ele saltou agilmente para trás. — Se pensa que eu vou ajudá-lo, maldito sequestrador, pode esquecer!

O capitão guardou o lenço e empinou o queixo.

— Sra. Malcolm. A senhora me obriga a dizer-lhe o que eu disse a seu marido. O *Artemis* navega sob bandeira francesa e com

documentos franceses, porém, mais da metade da tripulação é de ingleses ou escoceses. Eu poderia ter confiscado esses homens para trabalharem aqui, e estou precisando muito deles. Em vez disso, concordei em deixá-los em troca do seu conhecimento médico.

— Então, em vez deles, resolveu me confiscar. E meu marido concordou com esse... acordo?

— Não, não concordou — disse o jovem, um pouco rispidamente. — Entretanto, o capitão do *Artemis* compreendeu a força do meu argumento. — Pestanejou em minha direção, os olhos inchados de noites sem dormir, o casaco grande demais esvoaçando em torno do torso magro. Apesar de sua juventude e aparência desalinhada, portava-se com grande dignidade. — Peço-lhe desculpas pelo que pode parecer o máximo de comportamento indigno de um cavalheiro, sra. Malcolm, mas a verdade é que estou desesperado — disse ele simplesmente. — A senhora pode ser nossa única chance. Não posso perdê-la.

Abri a boca para responder, mas fechei-a. Apesar de minha fúria — e minha profunda inquietação com o que Jamie iria dizer quando eu o visse outra vez —, senti certa compaixão pela situação em que ele se encontrava. Era bem verdade que ele corria o risco de perder metade de sua tripulação se não tivesse ajuda. Mesmo com meu auxílio, perderíamos alguns — mas essa não era uma perspectiva que eu quisesse considerar.

— Está bem — disse, entre dentes. — Está... bem! — Olhei para longe, por cima da balaustrada, para as velas cada vez menores do *Artemis*. Eu não tinha tendência a enjoo no mar, mas senti um inconfundível vazio no estômago conforme o navio — e Jamie — ficavam para trás. — Parece que não tenho escolha. Se puder liberar o maior número possível de homens para lavar e esfregar o espaço entre os conveses... ah, e você tem álcool a bordo?

Ele pareceu ligeiramente surpreso.

— Álcool? Bem, temos rum para a bebida dos marinheiros e provavelmente algum vinho trancado no compartimento das armas.

Servem?

— Se é o que tem, vão ter que servir. — Tentei afastar minhas próprias emoções o tempo suficiente para lidar com a situação. — Acho que tenho que falar com o comissário, então.

— Sim, claro. Venha comigo. — Leonard começou a caminhar em direção à escada que levava para baixo do convés superior, quando, enrubescendo, recuou um passo e gesticulou desajeitadamente para que eu fosse à sua frente, com receio de que minha descida expusesse minhas pernas indelicadamente, imagino. Mordendo o lábio com um misto de raiva e humor, segui em frente.

Eu acabara de atingir o pé da escada quando ouvi uma confusão de vozes acima.

— Não, estou lhe dizendo, o capitão não pode ser perturbado! O que quer que você tenha para lhe dizer, terá...

— Largue-me! Eu vou dizer a você, se não me deixar falar com ele agora, será tarde demais!

Em seguida, a voz de Leonard, repentinamente ríspida ao voltar-se para os intrusos.

— Stevens? O que é? Qual o problema?

— Nenhum problema, senhor — disse a primeira voz, repentinamente obsequiosa. — É só que o Tompkins aqui tem certeza que conhece o sujeito que estava naquele navio, o grandão, de cabelos ruivos. Ele diz que...

— Não tenho tempo agora — interrompeu o capitão. — Conte ao imediato, Tompkins, e eu trato disso mais tarde.

Eu voltara, naturalmente, e estava no meio da escada quando essas palavras foram ditas, ouvindo atentamente.

O vão da escotilha escureceu-se quando Leonard começou a descer de costas pela escada. O jovem fitou-me com um olhar penetrante, mas mantive o rosto cuidadosamente inexpressivo, dizendo apenas:

— Ainda há bastante reserva de alimentos, capitão? Os doentes precisarão de uma dieta muito cuidadosa. Não creio que haja nenhum leite a bordo, mas...

— Ah, temos leite, sim — disse ele, repentinamente mais alegre.  
— Temos seis cabras, na realidade. A mulher do artilheiro, a sra. Johansen, trata muito bem delas. Mandarei que ela venha conversar com você, depois de termos falado com o comissário.

O capitão Leonard apresentou-me rapidamente ao sr. Overholt, o comissário, e em seguida saiu, com a observação de que todos os meus pedidos deveriam ser atendidos. O sr. Overholt, um homem pequeno e gordo, com uma cabeça calva e brilhante, espreitou-me de dentro da gola alta de seu casaco como uma miniatura do Humpty-Dumpty — o personagem, semelhante a um ovo, da história infantil —, reclamando com ar infeliz da escassez de tudo no final de um cruzeiro e da desgraça que se abatera sobre o navio, mas eu mal prestei atenção a ele. Estava agitada demais, pensando no que ouvira.

Quem era esse Tompkins? A voz era completamente desconhecida para mim e eu tinha certeza de que jamais ouvira aquele nome. Mais importante ainda, o que ele sabia a respeito de Jamie? E o que o capitão Leonard faria com a informação? Na verdade, não havia nada que eu pudesse fazer no momento, a não ser conter minha impaciência e, com a metade da minha mente que não estava ocupada com especulações infrutíferas, calcular com o sr. Overholt os suprimentos disponíveis para uso na alimentação dos doentes.

Não tinham muita coisa, como pude constatar.

— Não, certamente eles não podem comer carne seca salgada — eu disse com firmeza. — Nem bolacha ainda, embora se mergulharmos a bolacha em leite fervido, talvez eles consigam comer quando começarem a se recuperar. Se você acabar com os gorgulhos primeiro — acrescentei, pensando melhor.

— Peixe — sugeriu o sr. Overholt, um pouco desalentado. — Nós sempre encontramos grandes cardumes de cavala e até mesmo de bonito quando nos aproximamos do Caribe. Às vezes, a tripulação dá sorte com linhas de pesca e iscas.

— Talvez sirva — eu disse, distraidamente. — Água e leite

fervidos serão suficientes nos primeiros estágios, mas quando os homens começarem a se recuperar, devem receber alguma alimentação leve e nutritiva, como sopa, por exemplo. Acho que poderíamos fazer uma sopa de peixe, não é? A menos que tenha outra coisa que possa ser adequada.

— Bem... — O sr. Overholt pareceu profundamente constrangido. — Há uma pequena quantidade de figos secos, cinco quilos de açúcar, um pouco de café, uma certa quantidade de biscoitos de Nápoles e um grande barril de vinho Madeira, mas é claro que não podemos usá-los.

— Por que não? — Olhei fixamente para ele, que remexeu os pés, inquieto.

— Ora, esses suprimentos são destinados ao uso de nosso passageiro — disse ele.

— Que tipo de passageiro? — perguntei sem rodeios.

O sr. Overholt pareceu surpreso.

— O capitão não lhe disse? Estamos transportando o novo governador da ilha da Jamaica. Esta é a causa... bem, *uma* das causas — corrigiu-se, enxugando nervosamente a cabeça calva com um lenço — de nossa pressa.

— Se não estiver doente, o governador pode comer carne salgada — eu disse com firmeza. — Será bom para ele, não tenho dúvidas. Agora, se puder mandar levarem o vinho para a cozinha, eu tenho trabalho a fazer.

Auxiliada por um dos guardas-marinhas remanescentes, um rapaz atarracado e troncado chamado Pound, dei uma volta rápida pelo navio, recrutando impiedosamente marinheiros e suprimentos. Pound, trotando a meu lado como um buldogue pequeno e feroz, informava com firmeza a surpresos e rancorosos cozinheiros, marceneiros, serventes da limpeza, mestres de velas e encarregados dos porões que todos os meus desejos — por mais irracionais que parecessem — deveriam ser prontamente atendidos. Por ordens do capitão.

Quarentena era o mais importante. Tão logo o espaço entre os conveses fosse arejado e limpo, os pacientes teriam que ser levados para baixo outra vez, mas as redes teriam que ser rearranjadas com bastante espaço entre elas — a tripulação não afetada teria que dormir no convés —, e instalações sanitárias adequadas teriam que ser providenciadas. Eu vira um par de caldeirões na cozinha que achei que poderiam servir. Fiz uma rápida anotação na lista mental que estava guardando na memória e torci para que o cozinheiro-chefe não fosse tão possessivo com seus recipientes quanto Murphy.

Segui a cabeça redonda de Pound, coberta com cachos castanhos cortados rentes, até o porão, em busca de velas usadas que pudessem ser usadas como panos. Somente metade de minha mente estava na lista; com a outra metade, eu considerava a possível causa do surto de tifo. Causado por um bacilo do gênero *Salmonella*, normalmente se espalhava pela ingestão do bacilo, levado por mãos contaminadas por urina ou fezes.

Considerando os hábitos de higiene dos marinheiros, qualquer um da tripulação poderia ser o transmissor da doença. Mas o culpado mais provável deveria ser alguém que lidava com os alimentos, devido à natureza repentina e espalhada do surto — o cozinheiro ou um de seus dois ajudantes, ou talvez um dos que serviam à mesa. Eu teria que descobrir quantos desses havia, em quais refeições serviam e se alguém trocara de função quatro semanas atrás — não, cinco, corriji-me. O surto começara há quatro semanas, mas ainda havia um período de incubação para a doença a ser considerado.

— Sr. Pound — chamei, e um rosto redondo olhou para cima da base da escada.

— Sim, senhora?

— Sr. Pound... aliás, qual é o seu primeiro nome? — perguntei.

— Elias, senhora — disse ele, parecendo um pouco confuso.

— Importa-se se eu o chamar assim? — Desci do último degrau e sorri para ele. Ele devolveu o sorriso com certa hesitação.



— Hã... não, senhora. Mas o capitão talvez se importe — acrescentou ele cautelosamente. — Não é muito próprio na marinha, sabe.

Elias Pound não devia ter mais do que dezessete ou dezoito anos; eu duvidava que o capitão Leonard fosse cinco ou seis anos mais velho. Mesmo assim, protocolo era protocolo.

— Seguirei rigidamente o protocolo em público — afirmei-lhe, contendo um sorriso. — Mas se vai trabalhar comigo, será mais fácil chamá-lo pelo primeiro nome.

Eu sabia, e ele não, o que tínhamos pela frente — horas e dias e possivelmente semanas de trabalho e exaustão, quando nossos sentidos ficariam embotados e só o hábito físico e o instinto cego — e a liderança de um líder infatigável — manteriam de pé aqueles que cuidavam dos doentes.

Eu estava longe de ser infatigável, mas a ilusão teria que ser mantida. Isso poderia ser feito com a ajuda de dois ou três ajudantes, que eu poderia treinar; substitutos para as minhas próprias mãos e olhos, que poderiam dar continuidade ao trabalho quando eu tivesse que descansar. O destino e o capitão Leonard haviam designado Elias Pound como meu novo braço direito; era melhor ficar à vontade com ele de imediato.

— Há quanto tempo trabalha no mar, Elias? — perguntei, parando para espreitá-lo quando ele se agachou sob uma plataforma baixa que guardava enormes voltas de uma imensa e fétida corrente, cada elo o dobro da espessura do meu pulso. A corrente da âncora?, perguntei-me, tocando-a com curiosidade. Parecia forte o suficiente para ancorar o *Queen Elizabeth*, o que parecia um pensamento reconfortante.

— Desde os sete anos, senhora — disse ele, tentando andar de costas, arrastando um pesado baú. Parou, arfando um pouco com o esforço, e enxugou o rosto inocente e redondo. — Meu tio é o comandante do *Triton*, de modo que ele conseguiu uma vaga lá para mim. Mas vim para o *Porpoise* só para esta viagem, de Edimburgo. — Ele abriu a tampa do baú, revelando uma miscelânea de

instrumentos cirúrgicos enferrujados — ao menos eu esperava que aquilo fosse ferrugem — e uma coleção variada de jarros e frascos com rolha. Uma das botijas rachara e um pó fino e branco, como gesso, espalhava-se sobre todo o conteúdo do baú.

— Isso é o que o sr. Hunter, o cirurgião, tinha com ele, senhora — disse ele. — Vai ter alguma utilidade para a senhora?

— Só Deus sabe — eu disse, espreitando o interior do baú. — Mas darei uma olhada. Porém, mande alguém vir buscar isso e levá-lo para a enfermaria do navio, Elias. Preciso que você venha comigo e fale firmemente com o cozinheiro.

Enquanto eu supervisionava a limpeza do espaço entre os conveses com água do mar fervente, minha mente ocupava-se com uma série de pensamentos distintos.

Primeiro, eu mapeava mentalmente os passos necessários a serem dados no combate à doença. Dois homens, muito desidratados e fracos, morreram durante a remoção e agora jaziam na extremidade do convés de ré, onde um mestre de velas industriosamente costurava-os em suas redes para o funeral, um par de pesos redondos de chumbo colocado dentro da rede, junto aos pés dos mortos. Outros quatro não conseguiriam atravessar a noite. Os restantes quarenta e cinco tinham chances que iam de excelentes a fracas; com sorte e habilidade, eu conseguiria salvar a maioria. Mas quantos casos novos estavam em incubação, não detectados, entre o resto da tripulação?

Enormes quantidades de água ferviam na cozinha por ordens minhas; água do mar fervente para a limpeza, água potável fervida para beber. Fiz mais uma marca na minha lista mental; eu tinha que ir falar com a sra. Johansen, das cabras leiteiras, e providenciar que o leite também fosse esterilizado.

Tenho que entrevistar os ajudantes de cozinha sobre suas funções; se uma única fonte de contaminação puder ser encontrada e isolada, já seria um importante fator na contenção da disseminação da doença. Outra marca na minha lista.

Todo o álcool disponível no navio estava sendo reunido na enfermaria, para grande horror do sr. Overholt. Podia ser usado em sua forma atual, mas seria melhor ter álcool puro. Haveria um meio de destilá-lo? Verificar com o comissário do navio. Outra marca.

Todas as redes tinham que ser fervidas e secas antes que os marinheiros saudáveis dormissem nelas. Isso teria que ser feito rápido, antes do término do turno da guarda, quando as atuais sentinelas iriam dormir. Enviar Elias para reunir uma turma de pessoal da limpeza; lavagem de roupa parecia se encaixar melhor em sua linha de ação. Marca.

Sob a crescente lista mental de necessidades, havia o pensamento vago mas constante do misterioso Tompkins e sua informação desconhecida. Qualquer que fosse, não resultara em mudarmos de rumo para retornar ao *Artemis*. Ou o capitão Leonard não a levava a sério ou ele estava simplesmente ansioso demais para chegar à Jamaica para deixar que qualquer coisa o detivesse.

Eu havia parado por um instante junto à balaustrada para organizar meus pensamentos. Afastei os cabelos da testa e levantei o rosto para o vento purificador, deixando-o levar o mau cheiro da doença. Baforadas de vapor malcheiroso erguiam-se da escotilha próxima, por causa da limpeza com água fervente que estava sendo feita embaixo. O espaço ocupado pelos enfermos ficaria melhor quando terminassem, mas ainda muito distante do ar fresco.

Olhei à distância, por cima da balaustrada, esperando inutilmente perceber o vislumbre de uma vela, mas o *Porpoise* estava sozinho, o *Artemis* — e Jamie — deixados muito para trás.

Afastei a sensação repentina de solidão e pânico. Eu precisava conversar logo com o capitão Leonard. As respostas para dois, no mínimo, dos problemas que me preocupavam estavam com ele: a possível fonte do surto de tifo e o papel do desconhecido sr. Tompkins nos negócios de Jamie. Mas, por enquanto, havia assuntos mais urgentes.

— Elias! — chamei, sabendo que ele estaria em algum lugar ao alcance de minha voz. — Leve-me à sra. Johansen e às cabras, por

favor.

**47**

A EPIDEMIA

Dois dias mais tarde, eu ainda não encontrara tempo para falar com o capitão Leonard. Por duas vezes, eu fora à sua cabine, mas o jovem capitão estava ocupado ou ausente — analisando a posição do navio, disseram-me, consultando mapas ou ocupado com alguma outra atividade secreta dos mistérios da navegação.

O sr. Overholt passara a evitar a mim e às minhas insaciáveis exigências, trancando-se em sua cabine com um sachê de sálvia seca amarrado ao pescoço para afugentar a doença. Os membros saudáveis da tripulação designados para o trabalho de limpeza e deslocamento dos enfermos comportaram-se de forma letárgica e hesitante no começo, mas eu importunei, ralhei, gritei, fuzilei-os com o olhar, bati o pé, berrei, e gradualmente consegui que se apressassem. Sentia-me mais como um cão pastor do que uma médica — rosnando e berrando em seus calcanhares, e agora rouca com o esforço.

Mas estava funcionando; havia um novo sentimento de esperança e propósito entre a tripulação — eu podia sentir. Quatro novas mortes hoje e dez novos casos informados, mas os gemidos de agonia haviam diminuído consideravelmente e os rostos dos que ainda estavam saudáveis mostravam o alívio que advém quando alguma coisa está sendo feita — qualquer coisa. Até agora, eu não conseguira detectar a fonte de contágio. Se pudesse fazer isso, e evitar novos casos, eu poderia — apenas possivelmente — estancar a devastação em uma semana, enquanto o *Porpoise* ainda contava com marinheiros suficientes para navegá-lo.

Uma inspeção cuidadosa da tripulação sobrevivente resultou em dois homens confiscados de uma prisão municipal onde estavam presos por fabricarem bebida ilicitamente. Requisitei-os com satisfação e coloquei-os para trabalhar na construção de um

alambique no qual — para horror da tripulação — metade do estoque de rum do navio estava sendo destilado em álcool puro para desinfecção.

Eu colocara um dos guardas-marinhas sobreviventes na entrada da enfermaria e outro na entrada da cozinha, cada qual armado com uma bacia de álcool puro e instruções para não deixar que ninguém entrasse ou saísse sem mergulhar as mãos no álcool. Ao lado de cada guarda-marinha, havia um fuzileiro naval com seu rifle, encarregado de vigiar para que ninguém bebesse o conteúdo sujo do barril onde o álcool usado era despejado quando ficava imundo demais para continuar a ser utilizado.

Na sra. Johansen, a mulher do artilheiro, eu encontrei uma inesperada aliada. Uma mulher inteligente de trinta e poucos anos, ela entendera — apesar de só falar algumas palavras num inglês claudicante e eu não saber nem uma palavra em sueco — o que eu queria que fizesse e cumpria à risca.

Se Elias era meu braço direito, Annekje Johansen era o esquerdo. Ela sozinha assumira a responsabilidade de esquentar o leite de cabra, pacientemente socando as bolachas duras — e removendo os gorgulhos ao fazê-lo — para serem misturadas ao leite e, com essa mistura, alimentar aqueles que tivessem força suficiente para digeri-la.

Seu próprio marido, o chefe da artilharia, era uma das vítimas do tifo, mas felizmente parecia um dos casos menos graves e eu tinha grandes esperanças de que ele fosse se recuperar — tanto pelos cuidados dedicados de sua mulher quanto por sua própria constituição vigorosa.

— Senhora, Ruthven disse que alguém anda bebendo o álcool puro outra vez. — Elias Pound surgiu junto ao meu cotovelo, seu rosto rosado e redondo parecendo abatido e pálido, substancialmente emagrecido com as pressões dos últimos dias.

Eu disse algo extremamente ofensivo e seus olhos castanhos se arregalaram.

— Desculpe-me — eu disse. Passei as costas da mão pela testa,

tentando afastar os cabelos dos olhos. — Não quis ofender seus ouvidos delicados, Elias.

— Ah, já ouvi isso antes, senhora — assegurou-me Elias. — Só que não de uma dama.

— Não sou uma dama, Elias — eu disse, exausta. — Sou uma médica. Mande alguém vasculhar o navio para descobrir quem foi; provavelmente já deve estar inconsciente a esta altura.

Ele assentiu e girou nos calcanhares.

— Vou olhar na bancada dos cabos — disse ele. — É lá que costumam se esconder quando estão bêbados.

Era o quarto caso nos últimos três dias. Apesar de todos os guardas designados para o alambique e o álcool purificado, os marinheiros, vivendo com metade da dose diária de bebida a que estavam acostumados, estavam tão desesperados por um trago que davam um jeito de roubar o álcool puro destinado à esterilização.

— Santo Deus, sra. Malcolm — dissera o comissário, sacudindo a cabeça calva quando reclamei do problema. — Marinheiros bebem qualquer coisa, madame! Conhaque de ameixa estragado, pêssegos enfiados numa bota de borracha e deixado lá para fermentar... ora, eu já vi até um marinheiro ser pego roubando as ataduras usadas das dependências do cirurgião e embebendo-as em álcool, só para sentir o cheiro! Não, senhora, dizer-lhes que beber álcool puro vai matá-los certamente não irá detê-los.

E realmente os matou. Um dos quatro homens que o beberam morreu; dois outros estavam em sua própria seção isolada da enfermaria, em coma profundo. Se sobrevivessem, era provável que ficassem com sequelas cerebrais permanentes.

— Não que ficar num maldito inferno flutuante como este não seja suficiente para causar danos cerebrais em qualquer um — observei amargamente para uma andorinha-do-mar que pousara na balaustrada perto de mim. — Como se não bastasse, enquanto tento salvar metade desses miseráveis do tifo, a outra metade está se matando com o meu álcool! Desgraçados, todos eles!

A ave inclinou a cabeça para o lado, chegou à conclusão de que



eu não era comestível e voou para longe. O oceano estendia-se pela vastidão vazia a toda a volta — diante de nós, onde as desconhecidas Índias Ocidentais ocultavam a sorte do Jovem Ian, e atrás de nós, onde Jamie e o *Artemis* há muito haviam desaparecido. E eu no meio, com seiscentos marujos ingleses loucos por bebida e um porão cheio de intestinos infeccionados.

Fiquei ali parada, furiosa, por um instante, depois virei-me com decisão em direção à ponte de comando na frente do navio. Não me importava se o capitão Leonard estava pessoalmente bombeando água para fora do navio, ele teria que falar comigo.

Parei assim que entrei, junto à porta. Ainda não era meio-dia, mas o capitão estava dormindo, a cabeça apoiada nos braços, em cima de um livro aberto. A pena caíra de seus dedos e o tinteiro de vidro, sabiamente preso em seu suporte, oscilava devagar com o balanço do navio. Seu rosto estava virado para o lado, a face pressionada sobre o braço. Apesar da barba crescida, ele parecia absurdamente jovem.

Virei-me, pretendendo voltar mais tarde, mas ao me mover esbarrei no armário, onde uma pilha de livros equilibrava-se precariamente entre montes de papéis, instrumentos de navegação e mapas semienrolados. O volume no topo da pilha caiu com um baque surdo sobre o convés.

O barulho foi quase inaudível acima dos ruídos gerais de estalidos de madeira, agitação de velas, gemidos de cordame e gritaria geral que formavam a trilha sonora da vida a bordo, mas ele acordou, pestanejando e parecendo espantado.

— Sra. Fra... sra. Malcolm! — disse ele. Esfregou a mão pelo rosto e sacudiu a cabeça rapidamente, tentando acordar. — O que... quer dizer... precisa de alguma coisa?

— Não queria acordá-lo — eu disse. — Mas realmente preciso de mais álcool, se necessário posso usar o rum diretamente, e você mesmo tem que falar com os marinheiros, para ver se há algum modo de fazê-los parar de tentar beber o álcool destilado. Tivemos

outro caso de envenenamento hoje. E se houver algum meio de levar mais ar fresco à enfermaria... — Parei, vendo que estava sobrecarregando-o.

Ele piscava e coçava a cabeça, tentando colocar os pensamentos em ordem. Os botões de sua manga haviam deixado duas marcas vermelhas e redondas em sua face, e os cabelos estavam amassados daquele lado.

— Compreendo — disse ele, um pouco atordoado. A seguir, conforme ele despertava, sua expressão desanuviou-se. — Sim. Claro. Darei ordens para que uma vela seja armada, para levar mais ar para baixo. Quanto ao álcool, tenho que consultar o comissário, já que eu pessoalmente não sei nossa capacidade atual a esse respeito. — Ele virou-se e respirou fundo, como se fosse gritar, depois se lembrou de que seu auxiliar já não estava ao alcance de sua voz, estando agora lá embaixo, na enfermaria. Neste instante, o débil tilintar do sino do navio chegou lá de cima.

— Com sua licença, senhora — disse ele, recuperando a gentileza. — É quase meio-dia, preciso ir e determinar nossa posição. Mandarei o comissário vir para falar com a senhora, se puder permanecer aqui por um instante.

— Obrigada. — Sentei-me na cadeira que ele acabara de desocupar. Ele virou-se para sair, fazendo uma tentativa de ajeitar o casaco ornamentado, grande demais para ele, sobre os ombros. — Capitão Leonard? — eu disse, movida por um súbito impulso. Ele voltou-se, com um ar de interrogação. — Se não se importa com a minha pergunta... quantos anos tem?

Ele pestanejou e seu rosto ruborizou-se, mas ele respondeu.

— Dezenove anos, senhora. A seu dispor. — E com isso, desapareceu pela porta. Eu podia ouvi-lo na escada de tombadilho, gritando numa voz entrecortada de fadiga.

Dezenove! Permaneci sentada, absolutamente imóvel, paralisada de choque. Eu o achava muito jovem, mas não tanto assim. Com o rosto curtido da exposição ao tempo e marcado pela tensão e pelas noites sem dormir, parecia ter ao menos vinte e

tantos anos. Meu Deus!, pensei, horrorizada. Ele não passa de uma criança!

Dezenove. A idade de Brianna. E ser inesperadamente atirado não só no comando de um navio — e não apenas de um navio, mas de um navio de guerra inglês — e não apenas um navio de guerra, mas um com uma epidemia grassando a bordo que o privou repentinamente de um quarto da tripulação e praticamente de todo o comando — senti o medo e a raiva que fervilharam dentro de mim nos últimos dias começarem a enfraquecer, ao perceber que o autoritarismo que o levava a me sequestrar na verdade não era arrogância ou tirania, mas o resultado de puro desespero.

Ele tinha que obter ajuda, dissera ele. Bem, ele estava certo, e eu era sua ajuda. Respirei fundo, visualizando a confusão que eu deixara na enfermaria. Cabia a mim, e somente a mim, fazer o melhor possível.

O capitão Leonard deixara o diário de bordo aberto sobre a mesa, suas anotações incompletas. Havia um pequeno ponto molhado na página; ele babara um pouco durante o sono. Num espasmo de irritada compaixão, virei a página, tentando ocultar mais esta evidência de sua vulnerabilidade.

Meus olhos surpreenderam uma palavra na nova página e eu parei, um calafrio percorrendo-me da base da nuca quando me lembrei de algo que ouvira. Quando o acordei inesperadamente, o capitão levantou a cabeça, me viu e disse “Sra. Fra...” antes de se conter. E o nome na página à minha frente, a palavra que chamara minha atenção, era “Fraser”. Ele sabia quem eu era — e quem Jamie era.

Levantei-me rapidamente e fechei a porta, trancando-a com o ferrolho. Ao menos, eu saberia quando alguém chegasse. Em seguida, sentei-me à escrivaninha do capitão, alisei as folhas e comecei a ler.

Voltei as páginas até encontrar o registro do encontro com o *Artemis*, há três dias. As anotações do capitão Leonard eram diferentes dos lançamentos de seus antecessores e, em grande

parte, bem sucintas — o que não era de admirar, considerando tudo que ele tivera que enfrentar nos últimos dias. A maioria dos registros continha apenas as informações de navegação de costume, com uma breve nota dos nomes daqueles que haviam morrido desde o dia anterior. Mas o encontro com o *Artemis* estava registrado, bem como a minha própria presença.

*3 de fevereiro de 1767. Encontramos, aproximadamente às oito badaladas do sino de bordo, com o Artemis, um pequeno navio de dois mastros, sob a bandeira da França. Saudei-o e requisitei o auxílio de seu cirurgião, C. Malcolm, que foi levado a bordo e permanece conosco para tratar dos doentes.*

C. Malcolm, hein? Nenhuma menção ao fato de eu ser mulher; talvez achasse irrelevante ou quisesse evitar qualquer investigação sobre a dignidade de seus atos. Prossegui para o lançamento seguinte.

*4 de fevereiro de 1767. Recebi informações hoje de Harry Tompkins, um marinheiro apto, de que o sobrecarga do brigue Artemis é um criminoso conhecido chamado James Fraser, também conhecido pelos nomes de Jamie Roy e de Alexander Malcolm. Esse Fraser é um líder rebelde e um famoso contrabandista, pela captura do qual uma recompensa substancial é oferecida pela Alfândega Real. As informações foram recebidas de Tompkins depois que nos separamos do Artemis; considereei que não seria expedito perseguir o Artemis, já que temos ordens de seguir com toda a rapidez para a Jamaica, por causa do nosso passageiro. Entretanto, como prometi devolver o cirurgião do Artemis lá, Fraser poderá ser preso na ocasião.*

*Dois homens mortos com a doença — que o cirurgião do Artemis informa tratar-se de febre tifoide. Jno. Jaspers, marinheiro apto, DM, Harty Kepple, ajudante de cozinheiro, DM.*

Isso era tudo; o registro para o dia seguinte era totalmente restrito à navegação e ao registro da morte de seis homens, todos com “DM” escrito ao lado do nome. Eu sabia que Jno. era uma abreviatura usada para Jonathan, mas perguntei-me qual seria o significado de “DM”. Entretanto, estava perturbada demais para me preocupar com detalhes.

Ouvi passos aproximando-se pelo corredor e mal havia levantado o trinco quando a batida do comissário soou na porta. Mal ouvi as desculpas do sr. Overholt; minha mente estava ocupada demais tentando dar sentido a essa nova revelação.

Quem, com todos os diabos, seria esse tal de Tompkins? Ninguém que eu já tivesse visto ou de quem tivesse ouvido falar, tinha certeza, e no entanto, ele obviamente detinha um conhecimento muito perigoso das atividades de Jamie. O que levava a duas perguntas: como um marinheiro inglês obtivera tais informações — e quem mais as possuía?

— ... racionar ainda mais a bebida, lhe dar mais um barril de rum — dizia o sr. Overholt com ar de dúvida. — Os marinheiros não vão gostar disso, mas acho que podemos conseguir; estamos a apenas duas semanas da Jamaica agora.

— Quer eles gostem ou não, preciso mais do álcool do que eles precisam da bebida — respondi asperamente. — Se reclamarem muito, diga-lhes que se eu não tiver o rum, talvez nenhum deles consiga chegar vivo à Jamaica.

O sr. Overholt suspirou e enxugou pequenas gotas de suor em sua testa brilhante.

— Eu lhes direi, senhora — disse ele, abatido demais para protestar.

— Ótimo. Ah, sr. Overholt. — Ele virou-se, com um ar

interrogativo. — O que “DM” significa? Vi o capitão anotá-lo no diário.

Uma leve cintilação bem-humorada atravessou os olhos fundos do comissário.

— Significa “Dispensado”, quer dizer, que teve baixa, e “Morto”, senhora — respondeu ele. — A única maneira certa de a maioria de nós deixar a Marinha de Sua Majestade.

Enquanto eu supervisionava o banho dos corpos e as constantes infusões de água adoçada e leite escaldado, minha mente continuava a trabalhar no problema do desconhecido Tompkins.

Eu nada sabia sobre o sujeito, a não ser sua voz. Ele devia ser mais um na multidão anônima acima, as silhuetas que eu via no cordame quando subia ao convés para tomar ar fresco, ou um dos apressados, correndo para cima e para baixo dos conveses no esforço vão de fazer o trabalho de três homens.

Eu o encontraria, é claro, se ele ficasse doente; eu sabia os nomes de cada paciente na enfermaria. Mas não podia deixar a questão de lado, na esperança um tanto mórbida de que Tompkins contraísse tifo. Finalmente, resolvi perguntar; o sujeito provavelmente sabia quem eu era, de qualquer forma. Ainda que ele descobrisse que eu andara indagando a seu respeito, era improvável que isso fizesse alguma diferença.

Elias era a pessoa certa por onde começar. Esperei o final do dia para perguntar, confiando em que o cansaço embotaria sua curiosidade natural.

— Tompkins? — O rosto redondo do rapaz contraiu-se ligeiramente, depois desanuviou. — Ah, sim, é um dos marinheiros do castelo de proa.

— Onde ele embarcou, você sabe? — Não havia nenhuma maneira de explicar este súbito interesse em um homem que eu não conhecia, mas felizmente Elias estava cansado demais para estranhar.

— Ah — respondeu ele vagamente —, em Spithead, eu acho.

Ou... não! Agora me lembro, foi em Edimburgo. — Ele esfregou os nós dos dedos sob o nariz para reprimir um bocejo. — Isso mesmo, Edimburgo. Eu não me lembraria, mas ele foi confiscado e fez uma enorme confusão por causa disso, alegando que não podiam confiscá-lo, ele estava sob proteção, porque trabalhava para sir Percival Turner, na alfândega. — O bocejo venceu-o e ele abriu a boca amplamente e depois a fechou. — Mas ele não tinha nenhuma proteção escrita de sir Percival — concluiu ele, pestanejando —, de modo que nada podia ser feito.

— Um agente da alfândega, hein? — Isso explicava muita coisa.

— A-ham. Sim, senhora. — Elias fazia um grande esforço para se manter acordado, mas seus olhos vidrados estavam fixos no lampião oscilante no final da enfermaria e ele oscilava com ele.

— Vá para a cama, Elias — eu disse, com pena. — Eu termino aqui. Ele sacudiu a cabeça rapidamente, tentando afastar o sono.

— Ah, não, senhora! Não estou com sono, nem um pouco! — Estendeu a mão desajeitadamente para pegar a caneca e a garrafa que eu segurava. — Me dê isso e vá descansar. — Ele não se deixou convencer, mas teimosamente insistiu em ajudar a administrar a última ronda de água antes de sair cambaleando para sua cama.

Eu estava quase tão cansada quanto Elias quando terminamos, mas não conseguia dormir. Fiquei deitada na cabine do cirurgião morto, fitando a viga escura acima da minha cabeça, ouvindo os estalos e roncoss do navio à minha volta, pensando.

Então, Tompkins trabalhava para sir Percival. E sir Percival sem dúvida sabia que Jamie era contrabandista. Mas haveria mais alguma coisa? Tompkins conhecia Jamie de vista. Como? E se sir Percival estivera disposto a tolerar as atividades clandestinas de Jamie em troca de subornos, então — bem, talvez nenhum desses subornos tenha chegado ao bolso de Tompkins. Mas nesse caso... e quanto à emboscada na enseada de Arbroath? Haveria um traidor entre os contrabandistas? Se assim fosse...

Meus pensamentos estavam perdendo a coerência, girando em

círculos como os rodopios de um pião que já está perdendo as forças. O rosto branco de talco de sir Percival desapareceu na máscara púrpura do agente alfandegário enforcado na estrada de Arbroath, e as chamas douradas e vermelhas de um lampião explodindo iluminou as fendas de minha mente. Rolei sobre o estômago, agarrando o travesseiro junto ao peito, com o último pensamento em minha mente: eu tinha que encontrar Tompkins.

Mas Tompkins me encontrou antes. Durante mais de dois dias, a situação na enfermaria foi premente demais para que eu pudesse me ausentar mais do que alguns instantes. No terceiro dia, entretanto, a situação melhorou e eu me retirei para a cabine do cirurgião, pretendendo me lavar e descansar um pouco antes que o toque do tambor anunciasse meio-dia, a hora do almoço.

Estava deitada no catre, um pano frio sobre meus olhos cansados, quando ouvi um baque e vozes no corredor do lado de fora da cabine. Uma batida hesitante soou na minha porta e uma voz desconhecida disse:

— Sra. Malcolm? Houve um acidente, por favor, senhora.

Escancarei a porta e deparei-me com dois homens amparando um terceiro, que permanecia em pé como uma cegonha, somente sobre uma das pernas, o rosto lívido de choque e dor.

Bastou um único olhar de relance para eu saber quem estava diante de mim. Uma das faces do sujeito era marcada com cicatrizes brancas de uma grave queimadura e a pálpebra retorcida desse lado do rosto expunha a lente leitosa de um olho cego — eu não precisava de mais nenhuma confirmação para saber que diante de mim estava o marinheiro caolho que o Jovem Ian pensou ter matado. Os cabelos lisos, castanhos, cresciam para trás de uma fronte calva, formando um rabo de cavalo mirrado que caía sobre um dos ombros, expondo um par de orelhas grandes e transparentes.

— Sr. Tompkins — eu disse sem hesitação e seu único olho arregalou-se de surpresa. — Coloquem-no ali, por favor.



Os homens depositaram Tompkins em um banco junto à parede e voltaram a seus afazeres; o navio estava carente demais de mão de obra para permitir qualquer distração. Com o coração batendo fortemente, ajoelhei-me para examinar a perna ferida.

Ele sabia quem eu era, sem dúvida; vi isso em seu rosto assim que abri a porta. Havia muita tensão na perna sob minha mão. O ferimento estava muito ensanguentado, mas não era grave, se bem tratado; um talho profundo cortava a panturrilha de cima a baixo. Sangrara profusamente, mas nenhuma artéria profunda fora seccionada. Fora bem amarrada com uma tira da camisa de alguém e o sangramento já havia quase estancado quando removi a atadura improvisada.

— Como fez isso, sr. Tompkins? — perguntei, levantando-me e pegando a garrafa de álcool. Ele ergueu o rosto, o único olho alerta e desconfiado.

— Lasca de madeira, senhora — respondeu ele, no tom anasalado que eu ouvira antes. — Uma verga estilhaçou quando eu estava sobre ela. — A ponta de sua língua umedeceu furtivamente o lábio inferior.

— Entendo. — Virei-me e abri a tampa de minha caixa de remédios vazia, fingindo examinar os remédios disponíveis. Analisei-o pelo canto do olho, enquanto tentava decidir a melhor maneira de abordá-lo. Ele estava na defensiva; induzi-lo com astúcia a fazer revelações ou tentar conquistar sua confiança estavam obviamente fora de questão.

Meus olhos adejaram sobre o tampo da mesa, em busca de inspiração. E encontraram. Com desculpas mentais à memória de Esculápio, o deus da medicina, peguei a serra de ossos do falecido cirurgião, um instrumento assustador com cerca de cinquenta centímetros de comprimento, de metal manchado de ferrugem. Olhei para o objeto pensativamente, virei-me e encostei o lado denteado do instrumento delicadamente contra a perna ferida, logo acima do joelho. Sorri encantadoramente, fitando o único e apavorado olho do marinheiro.

— Sr. Tompkins — eu disse —, vamos conversar francamente.

Uma hora depois, o saudável marinheiro Tompkins fora levado de volta à sua rede, o corte costurado e enfaixado, trêmulo dos pés à cabeça, mas ainda assim saudável. De minha parte, também me sentia um pouco abalada.

Tompkins era, como ele insistira para os recrutadores de marujos em Edimburgo, um agente de sir Percival Turner. Nessa função, ele andava pelas docas e armazéns de todos os portos de marinha mercante no estuário do Forth, de Culross e Donibristle a Restalrig e Musselburgh, recolhendo boatos e mantendo seu olho pequeno e brilhante atento a qualquer evidência de atividade ilegal.

Sendo a atitude dos escoceses em relação às leis de impostos dos ingleses como era, não faltavam atividades ilícitas para reportar. O que era feito com tais relatórios, entretanto, variava. Pequenos contrabandistas, pegos em flagrante com uma ou duas garrafas de rum ou uísque não registrado, poderiam ser sumariamente presos, julgados e declarados culpados, e condenados a qualquer coisa do cumprimento de pena ao exílio, com confisco de todas as suas propriedades para a Coroa.

Os peixes maiores, entretanto, eram reservados ao julgamento pessoal de sir Percival. Em outras palavras, era-lhes permitido pagar subornos substanciais pelo privilégio de continuarem suas operações sob o olho cego (neste ponto, Tompkins riu cinicamente, tocando o lado arrumado de seu rosto) dos agentes do rei.

— Sir Percival tem ambições, compreende? — Embora não perceptivelmente descontraído, Tompkins havia ao menos relaxado o suficiente para se inclinar para a frente, um olho estreitando-se enquanto gesticulava, explicando. — Ele está mancomunado com Dundas e todos eles. Se tudo der certo, ele pode receber um título de nobreza, não apenas um título de cavaleiro, sabe? Mas para isso é necessário mais do que dinheiro.

Um fator que podia ajudar era alguma espetacular demonstração de competência e serviços à Coroa.

— Como uma grande prisão que chame a atenção deles, sabe? Aai! Isso dói, dona. Tem certeza que sabe o que está fazendo aí? — Tompkins olhou desconfiadamente para baixo, onde eu limpava o local do ferimento com álcool diluído.

— Tenho certeza — eu disse. — Continue. Imagino que um simples contrabandista não seria suficiente, por maior que fosse, não é?

Obviamente, não. Entretanto, quando sir Percival ouviu dizer que podia haver um importante criminoso político ao seu alcance, o velho cavaleiro quase explodiu de entusiasmo.

— Mas a atividade subversiva é mais difícil de provar do que contrabando, certo? Você pega um dos peixinhos com o material e eles não dizem nem mais uma palavra que leve a outros envolvidos. São idealistas, esses revolucionários — disse Tompkins, sacudindo a cabeça em reprovação. — Nunca delatam os companheiros.

— Então, você não sabia quem estava procurando? — Levantei-me e peguei um dos meus fios de sutura feitos de tripas de gato de sua botija, passando-o pelo buraco da agulha. Percebi o olhar apreensivo de Tompkins, mas não fiz nada para aliviar sua ansiedade. Eu o queria ansioso... e loquaz.

— Não, não sabíamos quem era o peixe grande, não até outro dos agentes de sir Percival ter a sorte de tropeçar em outro sócio de Fraser, que lhes deu a dica de que ele era Malcolm, o mestre-impressor, e revelou seu nome verdadeiro. Então, naturalmente, tudo se esclareceu.

Meu coração deu um salto.

— Quem era o sócio? — perguntei. Os nomes e rostos dos seis contrabandistas atravessaram minha mente... peixes pequenos. Não eram idealistas, nenhum deles. Mas para qual deles a lealdade nada significava?

— Não sei. Não, é verdade, dona, eu juro! Aai! — gritou ele histericamente quando enfiei a agulha sob a pele.

— Não estou tentando machucá-lo — afirmei, numa voz tão falsa quanto pude imitar. — Mas eu tenho que suturar o ferimento.

— Ah! Ai! Não sei, pode acreditar. Eu diria, se soubesse, Deus é testemunha!

— Tenho certeza que diria — observei, atenta à sutura.

— Ah! Por favor, dona. Pare! Só um instante! Tudo que eu sei é que foi um inglês! Só isso!

Parei e ergui os olhos, fitando-o fixamente.

— Um inglês? — eu disse, perplexa.

— Sim, dona. Foi o que sir Percival disse. — Ele abaixou os olhos para mim, as lágrimas tremeluzindo nos cílios em ambos os olhos. Dei o último ponto, com toda a delicadeza possível, e arrematei a sutura. Sem falar, levantei-me, servi uma pequena dose da minha garrafa particular de conhaque e entreguei a ele.

Ele sorveu-o com gratidão e pareceu mais reanimado. Se por gratidão ou puro alívio pelo término do sofrimento, ele me contou o resto da história. Em busca de provas para sustentar a acusação de incitação à revolta, ele fora à gráfica no beco Carfax.

— Sei o que aconteceu lá — assegurei-lhe. Virei seu rosto na direção da luz, examinando as marcas de queimaduras. — Ainda dói?

— Não, dona, mas doeu muito durante algum tempo — disse ele. Ficando incapacitado por causa dos ferimentos, Tompkins não participara da emboscada na enseada Arbroath, mas ouvira falar do episódio. — Não diretamente, mas ouvi, sabe — disse ele, com um sinal significativo da cabeça.

Sir Percival avisara Jamie de uma emboscada para reduzir as chances de Jamie achar que ele estivesse envolvido no caso e possivelmente revelar os detalhes de seus arranjos financeiros em locais onde tais revelações seriam prejudiciais aos interesses de sir Percival.

Ao mesmo tempo, sir Percival ficara sabendo — do sócio, o misterioso inglês — do arranjo alternativo com o navio francês de entrega da mercadoria e providenciara a fatídica emboscada na praia de Arbroath.

— Mas e quanto ao guarda alfandegário que foi morto na

estrada? — perguntei incisivamente. Não pude conter um leve estremecimento, à lembrança daquele rosto terrível. — Quem fez aquilo? Havia apenas cinco homens entre os contrabandistas que poderiam ter feito isso e nenhum deles é inglês!

Tompkins passou a mão pela boca; parecia estar considerando a conveniência ou não de me contar. Peguei a garrafa de conhaque e coloquei-a junto a seu cotovelo.

— Ora, muito obrigado, sra. Fraser! A senhora é uma verdadeira cristã, dona, e direi isso a quem perguntar!

— Deixe de lado as recomendações — eu disse secamente. — Apenas me conte o que sabe sobre o guarda alfandegário.

Ele encheu o copo e esvaziou-o, pouco a pouco. Depois, com um suspiro de satisfação, sentou-se e umedeceu os lábios.

— Não foi nenhum dos contrabandistas que o matou, dona. Foi seu próprio colega.

— O quê? — Dei um salto para trás, surpresa, mas ele balançou a cabeça, piscando seu olho bom em sinal de sinceridade.

— Isso mesmo, dona. Havia dois deles, não é? Bem, um deles tinha suas instruções, não tinha?

As instruções eram esperar até que quaisquer contrabandistas que tivessem escapado da emboscada na praia atingissem a estrada, onde então o oficial da alfândega passaria um laço pela cabeça do parceiro na escuridão e o estrangularia rapidamente, depois o penduraria e o abandonaria ali, como prova da ira assassina dos contrabandistas.

— Mas por quê? — eu disse, confusa e horrorizada. — Por que fazer isso?

— A senhora não vê? — Tompkins pareceu surpreso, como se a lógica da situação fosse óbvia. — Nós havíamos fracassado em obter provas da gráfica que incriminariam Fraser na acusação de atividades subversivas e, com a gráfica destruída pelo incêndio, não havia possibilidade de outra chance. Nem jamais havíamos flagrado Fraser com as mercadorias contrabandeadas, apenas alguns dos peixinhos que trabalhavam para ele. Um dos outros agentes achava

que sabia onde as mercadorias eram guardadas, mas algo aconteceu a ele; talvez Fraser o tivesse descoberto ou comprado, porque desapareceu um dia em novembro e não se ouviu mais falar dele, nem tampouco do esconderijo do contrabando.

— Sei. — Engoli em seco, pensando no homem que me abordara na escadaria do bordel. O que acontecera com aquele barril de crème de menthe? — Mas...

— Bem, estou lhe contando, dona, espere um pouco. — Tompkins ergueu a mão em advertência. — Assim, de um lado sir Percival, sabendo que tinha nas mãos um caso incomparável: um homem que não só era um dos maiores contrabandistas do estuário e autor de alguns dos materiais mais subversivos que já tive o privilégio de ver, mas era também um traidor jacobita perdoado, cujo nome transformaria o julgamento num caso sensacional, de um extremo ao outro do reino. O único problema é que não havia provas.

Tudo começou a fazer um sentido sinistro, à medida que Tompkins explicava o plano. O assassinato de um guarda alfandegário no cumprimento do dever não só faria com que qualquer contrabandista fosse preso por um crime sujeito à pena capital, como era o tipo de crime hediondo que provocaria um extraordinário clamor público. A aceitação na prática que os contrabandistas usufruíam por parte do povo não os protegeria numa questão de tamanha vilania.

— O seu sir Percival tem todos os atributos de um filho da mãe de primeira classe — observei. Tompkins balançou a cabeça pensativamente, piscando com o olhar mergulhado no copo.

— Bem, nisso a senhora tem razão, dona, não vou dizer que está errada.

— E o guarda alfandegário que foi morto, imagino que fosse apenas um inocente útil, não?

Tompkins sufocou uma risadinha, com um belo jorro de conhaque. Seu único olho parecia ter algum problema em focalizar.

— Ah, muito útil, madame, em diversos aspectos. Não precisa

ter pena dele. Muita gente ficou feliz em ver Tom Oakie na corda e sir Percival era um dos mais interessados.

— Sei. — Terminei de enfaixar sua panturrilha. Estava ficando tarde; logo eu teria que voltar à enfermaria. — É melhor eu chamar alguém para levá-lo à sua rede — eu disse, tirando a garrafa quase vazia de sua mão lânguida. — Deve deixar a perna em repouso por pelo menos três dias. Diga ao seu chefe que você não pode subir enquanto eu não tirar os pontos.

— Farei isso, dona, e obrigado por sua bondade com um pobre marujo sem sorte. — Tompkins fez uma tentativa frustrada de se levantar, parecendo admirado quando não conseguiu. Enfieei a mão embaixo de seu braço e, com esforço, coloquei-o de pé. Ele recusou minha oferta de chamar alguém para ajudá-lo e, então, acompanhei-o até a porta.

— Não precisa se preocupar com Harry Tompkins, dona — disse ele, cambaleando para o corredor. Virou-se e deu uma piscadela exagerada para mim. — O velho Harry sempre acaba bem, independentemente de qualquer coisa. — Olhando para ele, o nariz longo, com a ponta vermelha da bebida, as orelhas grandes e transparentes, e o único olho castanho e dissimulado, veio-me de imediato à cabeça o que ele me lembrava.

— Quando você nasceu, sr. Tompkins? — perguntei.

Ele piscou por um instante, sem compreender, mas em seguida respondeu:

— No ano de Nosso Senhor de 1713, dona. Por quê?

— Por nada — eu disse, despedindo-o com um aceno, observando enquanto ele cambaleava lentamente pelo corredor, saindo do alcance da vista na escada como um saco de aveia. Eu teria que conferir com o sr. Willoughby para me certificar, mas no momento eu teria apostado minha camisola que 1713 fora o ano do Rato.

**48**

MOMENTO DE GRAÇA



Nos dias seguintes, estabeleceu-se uma rotina, como costuma acontecer mesmo nas circunstâncias mais desesperadoras, desde que continuem por um longo tempo. As horas seguintes a uma batalha são urgentes e caóticas, a vida dos homens fica suspensa na ação de apenas um segundo. Nessa situação, um médico pode ser heroico, sabendo com certeza que o ferimento que acabou de estancar salvou uma vida, que a rápida intervenção salvará uma perna ou um braço. Mas numa epidemia, não há nada disso.

Depois, vêm os longos dias de constante vigília e batalhas travadas no campo dos germes. Sem armas adequadas para esse campo, não pode ser mais do que uma batalha de protelação, fazendo as pequenas coisas que podem não ajudar, mas que têm que ser feitas. É preciso continuar lutando, incansavelmente, contra o inimigo invisível da doença, na tênue esperança de que o corpo possa ser sustentado tempo suficiente para sobreviver a seu atacante.

Lutar contra a doença sem remédios é como empurrar uma sombra; uma escuridão que se espalha tão inexoravelmente quanto a noite. Eu estava lutando há nove dias e mais quarenta e seis homens haviam morrido.

Mesmo assim, eu me levantava todo dia com o nascer do sol, jogava água nos meus olhos que pareciam ter areia e me dirigia mais uma vez ao campo de batalha, sem nenhuma arma além da persistência — e um barril de álcool.

Houve algumas vitórias, mas mesmo essas deixavam um gosto amargo em minha boca. Eu encontrara a fonte provável de infecção — um dos ajudantes das refeições, um homem chamado Howard. Primeiro servindo a bordo como membro da equipe dos canhões, Howard fora transferido para as tarefas da cozinha havia seis

semanas, em consequência de um acidente com uma carroça de canhão que retrocedeu e esmagou vários dos seus dedos.

Howard servira na sala da artilharia e o primeiro caso conhecido da doença — deduzindo-se dos registros incompletos do cirurgião morto, sr. Hunter — fora um dos marinheiros que fazia ali suas refeições. Quatro novos casos, todos da sala da artilharia, e então a doença começou a se espalhar, conforme homens infectados, mas ainda circulando, deixavam a infecção mortal nas latrinas do navio, onde outros eram contaminados e passavam para o resto da tripulação.

A admissão de Howard de que já vira doença semelhante, em outros navios onde servira, foi o suficiente para comprovar a suspeita. Entretanto, o cozinheiro, com falta de ajudantes como todos a bordo, recusara-se terminantemente a abrir mão de um auxiliar valioso, somente por causa de uma “ideia tola de uma maldita mulher!”.

Elias não conseguiu convencê-lo e eu fui obrigada a requisitar a presença do próprio capitão, o qual — sem compreender a natureza do desentendimento — chegara acompanhado de vários fuzileiros navais armados. Houve uma cena muito desagradável na cozinha e Howard foi removido para a prisão do navio, o único lugar isolado para colocar alguém em quarentena. Howard protestou, perplexo, exigindo que lhe dissessem qual fora seu crime.

Quando subi da cozinha, o sol estava se pondo no horizonte num esplendor chamejante que pavimentava de ouro o mar a oeste, como as ruas do céu. Parei por um instante, só por um momento, paralisada pela beleza do cenário.

Já acontecera muitas vezes antes, mas sempre me pegava de surpresa. Sempre no meio de um grande estresse, mergulhada até o pescoço em problemas e tristeza, como acontece com os médicos, eu olhava para fora de uma janela, abria uma porta, olhava um rosto, e lá estava, inesperado e inconfundível. Um momento de paz.

A luz esparramava-se do céu para o navio e o imenso horizonte

já não era uma ameaça desconhecida de vazio, mas a morada da alegria. Por um instante, habitei o centro do sol, aquecida e purificada, e o cheiro e a visão da doença se dissiparam; a amargura abandonou meu coração.

Eu nunca a procurava, não lhe dava nenhum nome; entretanto, eu sempre sabia quando a dádiva da paz vinha. Eu permanecia absolutamente imóvel por aquele momento que ela durava, achando estranho e ao mesmo tempo natural que a graça me alcançasse aqui também.

Então a luz mudou um pouco e o momento passou, deixando-me como sempre o fazia, com o eco duradouro de sua presença. Num reflexo de agradecimento, fiz o sinal da cruz e descí, minha armadura embaçada brilhando ligeiramente.

Elias Pound morreu de febre tifoide quatro dias depois. Foi uma infecção devastadora; ele chegou à enfermaria com febre alta e encolhendo-se diante da luz; seis horas mais tarde estava delirante e prostrado. No amanhecer do dia seguinte, ele pressionou sua cabeça redonda de cabelos bem curtos contra meu peito, chamou-me “mamãe” e morreu nos meus braços.

Fiz o que era necessário fazer durante todo o dia e fiquei ao lado do capitão Leonard ao pôr do sol, quando ele leu a cerimônia fúnebre. O corpo do guarda-marinha Pound foi consignado ao mar, enrolado em sua rede.

Recusei o convite do capitão para jantar e, em vez disso, fui sentar-me num canto retirado do convés de ré, perto de um dos enormes canhões, de onde eu podia ficar voltada para o mar, sem mostrar meu rosto a ninguém. O sol se pôs em toda a sua glória e esplendor de ouro, seguido por uma noite de veludo estrelado, mas não houve nenhum momento de graça, nenhuma paz para mim em nenhum dos dois deslumbrantes cenários.

Conforme a escuridão se instalava sobre o navio, todos os seus movimentos começaram a abrandar. Recostei a cabeça contra o canhão, o metal polido e frio sob meu rosto. Um marinheiro passou

por mim apressado, atento às suas obrigações, e depois fiquei sozinha.

Eu sofria desesperadamente; minha cabeça latejava, minhas costas estavam enrijecidas e doloridas e meus pés inchados, mas nada disso importava, em comparação à dor mais profunda que apertava meu coração.

Todo médico detesta perder um paciente. A morte é o inimigo e perder alguém sob seus cuidados para o anjo das trevas é ser derrotado, sentir a raiva da traição e da impotência, que vai além da dor humana comum da perda e do horror da inexorabilidade da morte. Eu perdera vinte e três homens entre a aurora e o pôr do sol deste dia. Elias fora apenas o primeiro.

Vários morreram enquanto eu os limpava ou segurava suas mãos; outros, sozinhos em suas redes, morreram sem o conforto sequer de um toque, porque não pude chegar a eles a tempo. Eu achava que havia me resignado às realidades desta época, mas saber — no momento mesmo em que segurava o corpo agitado de um marinheiro de dezoito anos enquanto seus intestinos dissolviam-se em sangue e água — que a penicilina teria salvado a maioria, e eu não tinha nenhuma, me corroía como uma úlcera, devorava minha alma.

A caixa de seringas e ampolas fora deixada no *Artemis*, no bolso da minha saia de reserva. Ainda que a tivesse, não poderia tê-la usado. Se a tivesse usado, não poderia salvar mais do que uma ou duas pessoas. Mas mesmo sabendo disso, enfurecia-me a inutilidade de tudo, cerrando os dentes até meu maxilar doer, enquanto ia de um homem a outro, armada apenas com leite escaldado e bolacha, e minhas duas mãos vazias.

Minha mente refazia o mesmo percurso atordoante que meus pés haviam percorrido anteriormente, vendo rostos — rostos contraídos de dor ou acalmando-se lentamente na flacidez da morte, mas todos olhando para mim. Para mim. Ergui minha mão inútil e a golpeei com força contra a balaustrada. Repeti o gesto, uma, duas vezes, mal sentindo a dor dos golpes, num frenesi furioso de ódio e

frustração.

— Pare! — falou uma voz atrás de mim, e dedos fortes seguraram meu pulso, impedindo-me de bater na balaustrada outra vez.

— Solte-me! — Debatí-me, mas ele era forte demais.

— Pare — repetiu ele, com firmeza. Seu outro braço segurou-me pela cintura e ele me puxou para trás, afastando-me da balaustrada. — Não deve fazer isso — disse ele. — Vai se machucar.

— Não me importo! — Contorci-me violentamente, tentando me livrar, mas depois me abandonei, derrotada. Que diferença fazia?

Ele me soltou e eu me virei, deparando-me com um homem que nunca vira antes. Não era um marinheiro; embora suas roupas estivessem amarrotadas e malcheirosas pelo longo tempo de uso, haviam sido originalmente muito elegantes; o casaco e o colete no mesmo cinza-claro haviam sido talhados para valorizar sua figura esbelta, e a renda murcha em seu pescoço era proveniente de Bruxelas.

— Quem é você, afinal? — perguntei, espantada. Limpei minhas faces molhadas, funguei e fiz um esforço instintivo para amansar meus cabelos. Esperava que as sombras ocultassem meu rosto.

Ele esboçou um sorriso e entregou-me um lenço, amassado, mas limpo.

— Meu nome é Grey — disse ele, com uma pequena reverência cortês. — Imagino que seja a famosa sra. Malcolm, cujo heroísmo o capitão Leonard não cansa de elogiar. — Meu rosto se contorceu de desgosto diante de suas palavras, e ele parou. — Desculpe-me — disse ele. — Eu disse alguma coisa errada? Minhas desculpas, madame, não tive a menor intenção de ofendê-la. — Ele pareceu ansioso diante da ideia e eu sacudi a cabeça.

— Não é heroico ver homens morrendo — eu disse. Minhas palavras soaram grosseiras e eu parei para assoar o nariz. — Só estou aqui, só isso. Obrigada pelo lenço. — Hesitei, sem querer devolver o lenço usado, mas não querendo simplesmente embolsá-lo. Ele resolveu o dilema com um breve aceno da mão, descartando

a questão.

— Posso fazer mais alguma coisa por você? — Ele hesitou, indeciso. — Um copo de água? Um pouco de conhaque, talvez? — Remexeu no casaco, retirando um pequeno frasco de bolso, de prata, gravado com um brasão, que me ofereceu.

Peguei-o, agradecendo com um sinal da cabeça, e tomei um longo gole, suficiente para me fazer engasgar. A bebida queimou o fundo da minha garganta, mas tomei outro gole, mais cautelosamente desta vez, e senti o conhaque me aquecer, acalmando-me e fortalecendo-me. Respirei fundo e bebi outra vez. Senti-me melhor.

— Obrigada — eu disse, a voz um pouco rouca, devolvendo-lhe o frasco. Pareceu-me uma atitude um pouco brusca e eu acrescentei: — Havia me esquecido como o conhaque é bom para beber; eu o tenho usado para limpar os doentes na enfermaria. — A declaração trouxe de volta os acontecimentos do dia com uma intensidade esmagadora e deixei-me cair outra vez, esmorecida, sobre a caixa de pólvora onde estivera sentada.

— Quer dizer que a epidemia continua com toda a força? — perguntou ele à meia-voz. Estava de pé diante de mim, a claridade de um lampião próximo brilhando em seus cabelos louro-escuros.

— Não, com toda a força, não. — Cerrei os olhos, sentindo-me indescritivelmente desalentada. — Houve somente um novo caso hoje. Houve quatro ontem e seis anteontem.

— Parece promissor — observou ele. — Como se você estivesse vencendo a doença.

Sacudi a cabeça devagar. Parecia densa e pesada, como uma das bolas de canhão empilhadas em caixas rasas perto dos canhões.

— Não. Tudo que estamos fazendo é impedir que mais homens sejam infectados. Não há nada que eu possa fazer por aqueles que já estão doentes.

— De fato. — Ele parou e pegou uma de minhas mãos. Surpresa, deixei que ele a segurasse. Passou o polegar de leve

sobre a bolha onde eu me queimara escaldando leite e tocou os nós dos meus dedos, avermelhados e rachados pela constante imersão em álcool. — Você parece que andou trabalhando demais para alguém que não está fazendo nada — disse ele sem floreios.

— É claro que estou fazendo alguma coisa! — retruquei, retirando minha mão bruscamente. — Só que não adianta nada!

— Tenho certeza... — começou ele.

— Não adianta! — Bati o punho cerrado contra o canhão, o golpe silencioso parecendo simbolizar a inutilidade e a angústia do dia. — Sabe quantos homens eu perdi hoje? Vinte e três! Estou de pé desde o raiar do dia, mergulhada até o pescoço em imundície e vômito e minhas roupas grudam no meu corpo e nada disso adiantou! Não pude fazer nada! Entendeu? Não pude ajudar!

Seu rosto estava virado, mergulhado nas sombras, mas os ombros estavam tensos.

— Entendi — disse ele brandamente. — Você faz com que eu me sinta envergonhado. Eu tenho ficado em minha cabine por ordens do capitão, mas não fazia a menor ideia de que as circunstâncias eram tão graves quanto você descreve ou eu lhe asseguro que teria vindo ajudar, apesar de tudo.

— Por quê? — perguntei, sem rodeios. — Não é sua função.

— É a sua? — Ele girou nos calcanhares para me encarar e eu vi que ele era um homem bonito, perto dos quarenta anos, talvez, com feições bem delineadas, sensíveis, e grandes olhos azuis, arregalados de espanto.

— Sim — eu disse.

Ele examinou meu rosto por um instante e sua própria expressão mudou, passando de surpresa a pensativa.

— Compreendo.

— Não, não compreende, mas não importa. — Pressionei as pontas dos dedos com força contra as têmporas, no lugar que o sr. Willoughby me mostrara, para aliviar a dor de cabeça. — Se o capitão quer que você permaneça em sua cabine, então provavelmente é o que deve fazer. Há bastantes ajudantes na

enfermaria; é apenas que... nada adianta — concluí, abandonando as mãos.

Ele caminhou até a balaustrada, a alguns passos de mim, e ficou observando a extensão de águas escuras, faiscando aqui e ali quando uma onda aleatória refletia o brilho das estrelas.

— Eu realmente compreendo — repetiu ele, como se falasse com as ondas. — Imaginei que sua angústia se devesse apenas à compaixão natural de uma mulher, mas vejo que se trata de algo inteiramente diferente. — Parou, as mãos agarradas à balaustrada, uma figura indistinta sob a luz das estrelas. — Já fui soldado, oficial — disse ele. — Sei o que é ter a vida dos homens nas mãos... e perdê-los.

Fiquei em silêncio, e ele também. Os sons normais de um navio continuaram à distância, amortecidos pela noite e pela falta de homens para produzi-los. Por fim, ele suspirou e virou-se novamente para mim.

— O que dói, eu acho, é a compreensão de que não somos Deus. — Ele parou, depois acrescentou, brandamente: — E o grande pesar de não poder ser.

Suspirei, sentindo parte da tensão esvair-se de mim. O vento frio levantou meus cabelos do pescoço e as pontas dos cachos esvoaçaram pelo meu rosto, delicadamente, como um toque suave.

— Sim — eu disse.

Ele hesitou por um instante, como se não soubesse o que dizer em seguida, depois se inclinou, pegou minha mão e beijou-a, muito simplesmente, sem afetação.

— Boa noite, sra. Malcolm — disse ele, e afastou-se, o som de seus passos soando alto no convés.

Ele não estava a mais do que alguns metros de mim quando um marinheiro que passava correndo avistou-o e parou com um grito. Era Jones, um dos camareiros de bordo.

— Santo Deus! O senhor não deveria estar fora de sua cabine, senhor! O ar noturno é mortal e essa praga está solta no navio, sem falar nas ordens do capitão. O que o seu criado estava pensando,



senhor, para deixá-lo andar por aí assim?

O homem balançou a cabeça, desculpando-se.

— Sim, sim, eu sei. Eu não deveria ter subido ao convés; mas achei que se ficasse na cabine mais um instante ficaria completamente asfixiado.

— Melhor asfixiado do que morto pela maldita diarreia, senhor, se me perdoa falar assim — retrucou Jones severamente. O homem não fez nenhum protesto, apenas murmurou alguma coisa e desapareceu nas sombras do convés de ré.

Estendi o braço e agarrei Jones pela manga quando ele passou, fazendo-o ter um sobressalto e dar um ganido sufocado de susto.

— Ah! Sra. Malcolm! — disse ele, caindo em si, a mão espalmada contra o peito. — Credo, pensei que fosse um fantasma, madame, queira me desculpar.

— Eu é que peço desculpas — eu disse, educadamente. — Eu só queria lhe perguntar quem era o homem com quem você acaba de falar?

— Ah, ele? — Jones torceu-se para olhar por cima do ombro, mas o sr. Grey já desaparecera havia muito tempo. — Ora, é lorde John Grey, dona, o novo governador da Jamaica. — Ele franziu o cenho com ar severo na direção tomada pelo meu conhecido. — Ele não deveria estar aqui em cima; o capitão deu ordens estritas para ele ficar a salvo em sua cabine, fora do caminho da doença. Tudo que precisamos é entrar no porto com um político morto a bordo e aí vai haver o diabo, dona, com perdão da sua presença.

Ele sacudiu a cabeça com ar de desaprovação, depois balançou a cabeça, virando-se para mim.

— Vai se recolher, senhora? Quer que eu leve uma boa xícara de chá e talvez alguns biscoitos?

— Não, obrigada, Jones — eu disse. — Vou passar pela enfermaria outra vez antes de ir dormir. Não preciso de nada.

— Bem, se precisar, dona, é só dizer. A qualquer hora. Boa noite, dona. — Ele tocou rápido em seu topete e afastou-se apressado.

Fiquei parada junto à balaustrada sozinha por alguns instantes antes de descer, inspirando profundamente o ar fresco e limpo. Ainda havia muitas horas pela frente até o alvorecer; as estrelas fulguravam, límpidas e brilhantes, no firmamento, e eu compreendi, de repente, que aquele momento de graça pelo qual eu tanto rezara em silêncio enfim chegara.

— Tem razão — eu disse por fim, em voz alta, para o mar e para o céu. — Um pôr do sol não teria sido suficiente. Obrigada — acrescentei, virando-me para descer.

**49**

**TERRA À VISTA!**

É verdade o que os marinheiros dizem. Podemos sentir o cheiro da terra muito tempo antes de vê-la.

Apesar da longa viagem, o curral das cabras era um lugar surpreendentemente agradável. A esta altura, a palha fresca se esgotara e os cascos das cabras clicavam incessantemente de um lado para o outro nas tábuas nuas. Ainda assim, os montes de excremento eram varridos todos os dias e cuidadosamente empilhados em cestos para serem jogados ao mar, e Annekje Johansen trazia braçadas de feno seco para a manjedoura toda manhã. Havia um cheiro forte de cabra, mas era um odor limpo de animal e bastante agradável em contraste com a fedentina de marinheiros que não tomavam banho.

— *Komma, komma, komma, dyr get* — sussurrava ela, atraindo uma cabrita com um punhado de feno enrolado. O animal estendia a boca com cautela e era prontamente agarrado pelo pescoço e puxado para a frente, a cabeça presa sob o braço musculoso de Annekje.

— Carrapatos? — perguntei, aproximando-me para ajudar. Annekje ergueu os olhos e dirigiu-me seu sorriso largo e parcialmente desdentado.

— *Guten Morgen*, sra. Claire — disse ela. — *Ja*, carrapatos. Aqui. — Ela segurou a orelha caída da cabrita com uma das mãos e virou para cima a borda sedosa para mostrar-me a protuberância escura de um carrapato gordo de sangue, enterrado fundo na pele tenra.

Ela agarrou o animal com força para mantê-lo imóvel e apertou sua orelha, segurando o carrapato ferozmente entre as unhas. Arrancou-o com um puxão e a cabra baliu e esperneou, um minúsculo ponto de sangue brotando de sua orelha, no local de

onde o carrapato fora arrancado.

— Espere — eu disse, quando ela ia soltar o animal. Ela olhou-me, curiosa, mas assentiu e continuou segurando a cabra. Peguei a garrafa de álcool que eu usava pendurada no cinto como uma arma e pinguei algumas gotas na orelha. Era delicada e macia, as veias minúsculas claramente visíveis sob a pele acetinada. Os olhos de pupilas quadradas da cabra esbugalharam-se ainda mais e ela colocou a língua para fora de agitação enquanto balia.

— A orelha não vai inflamar — eu disse, explicando, e Annekje balançou a cabeça em aprovação.

Então a cabrita foi liberada e correu para misturar-se de novo ao rebanho, empurrando a cabeça contra a lateral do corpo da mãe, numa busca frenética pelo conforto do leite. Annekje olhou à sua volta, à procura do carrapato descartado, e encontrou-o no assoalho do convés, as pernas minúsculas impotentes para arrastar seu corpo inchado. Ela esmagou-o descontraidamente sob o calcanhar do sapato, deixando uma pequena mancha escura na tábua.

— Estamos chegando à terra firme? — perguntei. Ela balançou a cabeça, com um sorriso amplo e alegre. Abanou a mão num gesto largo para cima, onde a luz do sol penetrava pela grade no alto.

— *Ja*. Cheiro? — disse ela, inspirando vigorosamente para ilustrar. Sorria, radiante. — Terra, *ja*! Água, capim. Bom, muito bom!

— Preciso ir para terra — eu disse, observando-a cuidadosamente. — Ir escondida. Segredo. Sem dizer nada.

— Ah? — Os olhos de Annekje arregalaram-se e ela me olhou especulativamente. — Não contar capitão, *ja*?

— Não contar a ninguém — eu disse, balançando a cabeça enfaticamente. — Pode ajudar?

Ela ficou quieta por um instante, pensando. Uma mulher corpulenta, tranquila, ela me fazia lembrar de suas próprias cabras, alegremente adaptando-se à estranha vida a bordo, desfrutando os prazeres do feno e da companhia calorosa, prosperando apesar do convés oscilante e das sombras asfixiantes do porão.

Com o mesmo ar de competente adaptação, ela ergueu os olhos

para mim e assentiu calmamente.

— *Ja*, eu ajudo.

Passava do meio-dia quando ancoramos ao largo de uma ilha que um dos guardas-marinhas disse chamar-se Watlings.

Olhei por cima da balaustrada com grande curiosidade. Essa ilha plana, com suas amplas praias de areia branca e fileiras de palmeiras baixas, um dia chamara-se San Salvador. Atualmente rebatizada em homenagem a um notório pirata do século anterior, este pontinho de terra foi provavelmente a primeira visão que Cristóvão Colombo teve do Novo Mundo.

Eu levava a grande vantagem sobre Cristóvão Colombo de saber com certeza que a terra estava ali, mas mesmo assim senti um leve eco da alegria e alívio que os marinheiros daquelas minúsculas caravelas de madeira sentiram ao avistar terra pela primeira vez.

Quando se passa bastante tempo num navio em movimento, esquecemos de como é andar em terra firme. Ficamos com pés de marinheiro, como costumam dizer. É uma metamorfose, como a mudança de girino a rã, uma mudança indolor de um elemento para outro. Mas o cheiro e a visão de terra o fazem se lembrar de que você nasceu para andar em solo firme e repentinamente seus pés anseiam para tocar em terreno sólido.

O problema no momento era realmente colocar meus pés em terra firme. A ilha Watlings não era mais do que uma parada, para reabastecer nosso suprimento de água seriamente reduzido antes da viagem pelas ilhas Windward até a Jamaica. Seria uma jornada de pelo menos mais uma semana e a presença de tantos inválidos a bordo exigindo grandes quantidades de infusões líquidas havia praticamente drenado os grandes tonéis de água no porão.

San Salvador era uma ilha pequena, mas fiquei sabendo por meio de uma cuidadosa investigação entre meus pacientes de que havia um significativo tráfico de marinha mercante pelo porto principal em Cockburn Town. Podia não ser o lugar ideal para fugir, mas não parecia haver outra escolha; eu não tinha a menor intenção de desfrutar a “hospitalidade” da marinha na Jamaica, servindo de

isca para atrair Jamie à captura.

Apesar de ansiosa como a tripulação estava para ver e sentir a terra, ninguém tinha permissão para descer, exceto a equipe responsável pela água, agora ocupada com seus barris e carrinhos no riacho Pigeon, em cuja foz estávamos ancorados. Um fuzileiro naval montava guarda na cabeceira da prancha de desembarque, bloqueando qualquer tentativa de deixar o navio.

Os membros da tripulação que não estavam diretamente envolvidos no reabastecimento de água ou na guarda, debruçavam-se na balaustrada, conversando e pilheriando ou simplesmente fitando a ilha, o sonho de esperança realizado. Mais abaixo no convés, vi de relance um rabo de cavalo louro e comprido, esvoaçando na brisa da costa. O governador também emergira de seu isolamento, o rosto pálido voltado para o sol dos trópicos.

Eu teria ido falar com ele, mas não havia tempo. Annekje já descera para pegar a cabra. Limpei as mãos na saia, fazendo minhas últimas estimativas. A distância até a mata densa de palmeiras e arbustos não ultrapassava duzentos metros. Se eu pudesse descer pela prancha e entrar na mata, achava que teria uma boa chance de escapar.

Ansioso como estava para chegar à Jamaica, o capitão Leonard provavelmente não perderia muito tempo tentando me capturar. E se realmente me capturassem — bem, o capitão com certeza não poderia me punir por tentar abandonar o navio; afinal de contas, eu não era nem um marinheiro nem um prisioneiro formal.

O sol brilhou nos cabelos louros de Annekje conforme ela subia cuidadosamente as escadas, uma cabra pequena confortavelmente aconchegada junto ao peito farto. Um rápido olhar, para ver se eu estava posicionada, e ela dirigiu-se para a prancha de desembarque.

Annekje falava com a sentinela em sua estranha mistura de inglês e sueco, apontando para a cabra e depois para a praia, insistindo que o animal precisava comer capim fresco. O marinheiro pareceu compreender, mas continuou irredutível.

— Não, senhora — disse ele, com todo o respeito. — Ninguém deve descer, a não ser o pessoal da água. Ordens do capitão.

Perto dali, mas fora da vista da sentinela, eu observava enquanto ela argumentava, erguendo a cabra diante do rosto dele e obrigando-o a recuar, um passo para trás, um passo para o lado, manobrando-o astuciosamente e afastando-o o suficiente para que eu pudesse passar furtivamente por trás dele. Não mais do que um instante, agora; ele estava quase na posição certa. Quando ela tivesse conseguido afastá-lo da cabeceira da prancha, deixaria cair a cabra e causaria uma confusão suficiente para tentar pegá-la, o que me daria um ou dois minutos para fugir.

Eu mudava de um pé para o outro, agitada. Estava descalça; seria mais fácil correr pela praia arenosa. A sentinela moveu-se, as costas de seu casaco vermelho completamente voltadas para mim. Mais um passo, pensei, só mais um passo.

— Belo dia, não é, sra. Malcolm?

Mordi a língua.

— Muito bonito, capitão Leonard — disse, com alguma dificuldade. Meu coração parecia ter parado de bater quando falei. Agora, retomava seus batimentos, bem mais acelerados do que o normal, para compensar o tempo perdido.

O capitão postou-se ao meu lado e olhou por cima da balaustrada, o rosto jovem brilhando com a alegria de Colombo. Apesar da minha vontade quase incontrolável de empurrá-lo por cima da amurada, sorri a contragosto ao vê-lo.

— Esta aproximação do continente é tanto uma vitória sua quanto minha, sra. Malcolm — disse ele. — Sem a senhora, duvido que tivéssemos conseguido trazer o *Porpoise* à terra firme. — Muito timidamente, ele tocou minha mão e eu sorri novamente, com um pouco menos de rancor.

— Tenho certeza de que você teria conseguido, capitão — eu disse. — Parece um homem do mar muito competente

Ele riu e enrubesceu. Fizera a barba em homenagem à terra e suas faces lisas brilhavam, rosadas e esfoladas.



— Bem, o mérito é principalmente dos marinheiros, senhora. Devo dizer que agiram com muita dignidade. E seus esforços, é claro, devem-se por sua vez à sua competência como médica. — Olhou para mim, os olhos castanhos brilhantes e sérios. — De fato, sra. Malcolm, não posso expressar o quanto sua capacidade e bondade significaram para nós. Eu... eu pretendo dizer isso, também, ao governador e a sir Greville, sabe, o representante do rei em Antígua. Escreverei uma carta, uma carta de recomendação absolutamente elogiosa, expressando minha estima e admiração pela senhora e por seus esforços em nosso interesse. Talvez... talvez isso ajude. — Ele abaixou os olhos.

— Ajude em quê, capitão? — Meu coração continuava a bater acelerado. O capitão Leonard mordeu o lábio, em seguida ergueu os olhos.

— Eu não pretendia lhe dizer nada, madame. Mas eu... sinto-me moralmente obrigado. Sra. Fraser, eu sei seu nome e sei quem é seu marido.

— É mesmo? — eu disse, tentando controlar minhas próprias emoções. — E o que ele é?

O rapaz pareceu surpreso com a minha pergunta.

— Ora, madame, ele é um criminoso. — Ele empalideceu. — Quer dizer... a senhora não sabia?

— Sim, eu sabia — respondi secamente. — Mas por que está me contando isso?

Ele umedeceu os lábios, mas fitou-me corajosamente nos olhos.

— Quando descobri a identidade de seu marido, registrei o fato no diário de bordo. Lamento ter feito isso, mas agora é tarde demais; a informação é oficial. Assim que eu chegar à Jamaica, tenho que informar seu nome e destino às autoridades locais e igualmente para o comandante da guarnição naval em Antígua. Ele será levado quando o *Artemis* atracar. — Ele engoliu em seco. — E se ele for levado...

— Será enforcado — eu disse, terminando o que ele não conseguia dizer. O rapaz balançou a cabeça, mudo. Sua boca abria-

se e fechava-se, buscando as palavras.

— Já vi homens serem enforcados — disse ele finalmente. — Sra. Fraser, eu só... eu... — Ele parou, esforçando-se para manter o autocontrole, e conseguiu. Empertigou-se e olhou diretamente para mim, a alegria de ter aportado afogada numa súbita agonia. — Lamento muito — disse ele num sussurro. — Não posso lhe pedir que me perdoe, só posso dizer que sinto muito.

Girou nos calcanhares e afastou-se. Diretamente à frente dele estava Annekje Johansen e sua cabra, ainda numa discussão acalorada com a sentinela.

— O que foi? — perguntou o capitão Leonard, furioso. — Retire este animal do convés agora mesmo! Sr. Holford, o que está pensando?

Os olhos de Annekje dardejaram do capitão para mim, compreendendo instantaneamente o que dera errado. Ficou imóvel, a cabeça abaixada diante da reprimenda do capitão, depois saiu a passos largos na direção da escotilha que levava ao porão das cabras, agarrada ao seu animal. Ao passar por mim, um grande olho azul piscou solenemente. Tentaríamos de novo. Mas como?

Assolado pela culpa e atormentado por ventos contrários, o capitão Leonard me evitava, procurando refúgio em seu tombadilho conforme prosseguíamos cautelosamente, passando pela ilha Acklin e pelo recife Samana. As condições atmosféricas o ajudaram nessa evasão; o tempo continuou ensolarado, mas com brisas leves e estranhas alternando com rajadas súbitas de vento, exigindo o ajuste constante das velas — uma tarefa nada fácil num navio com falta de mão de obra.

Quatro dias mais tarde, quando mudávamos de curso para entrar na passagem Caicos, uma repentina e estrondosa lufada atingiu o navio sem aviso prévio, pegando-o desprevenido e mal preparado.

Eu estava no convés quando fomos atingidos pela rajada de vento. Ouviu-se um zumbido e o deslocamento de ar inflou minhas saias e me lançou, voando, pelo convés. Seguiu-se um estalo forte

e agudo em algum lugar acima. Colidi de frente com Ramsdell Hodges, um membro da tripulação do castelo de proa, e saímos girando juntos numa louca pirueta, antes de cairmos, embolados, no chão do convés.

Houve uma confusão geral, com marinheiros correndo e ordens sendo gritadas. Sentei-me, tentando me recobrar.

— O que foi isso? — perguntei a Hodges, que se ergueu cambaleando e estendeu o braço para me ajudar a levantar. — O que aconteceu?

— O maldito mastro principal partiu-se — respondeu ele sucintamente. — Com perdão da sua presença, madame, mas foi o que aconteceu. E agora vai haver o diabo.

O *Porpoise* prosseguiu de modo claudicante na direção sul, não arriscando a se aproximar dos bancos de areia e baixios da passagem sem o mastro principal. Em vez de tentar prosseguir, o capitão Leonard entrou para reparos no porto adequado mais próximo, Bottle Creek, no litoral da ilha North Caicos.

Desta vez, tivemos permissão para desembarcar, mas isso de pouco me adiantou. Minúsculas e secas, com poucas fontes de água doce, as ilhas Turks e Caicos proporcionavam pouco mais do que inúmeras angras que poderiam abrigar navios de passagem surpreendidos por uma tempestade. E a ideia de se esconder numa ilha sem água e sem comida, à espera de um furacão que enviasse um navio para mim, não me atraía.

Para Annekje, entretanto, nossa mudança de curso sugeria um novo plano.

— Eu conheço estas ilhas — disse ela, balançando a cabeça vivamente. — Nós damos a volta agora, Grand Turk, Mouchoir. Caicos, não.

Eu parecia desconfiada e ela se agachou, desenhando com o dedo indicador rombudo na areia amarela da praia.

— Veja, passagem Caicos — disse ela, traçando duas linhas. No alto, entre as linhas, ela desenhou o pequeno triângulo de uma vela.

— Atravessa — disse ela, indicando a passagem Caicos —, mas sem mastro. — Agora. — Desenhou rapidamente vários círculos irregulares, à direita da passagem. — North Caicos, South Caicos, Caicos, Grand Turk — disse ela, enfiando o dedo em cada círculo conforme os nomeava. — Damos a volta, recifes. Mouchoir. — E ela desenhou outro par de linhas, indicando uma passagem a sudeste da ilha Grand Turk.

— Passagem Mouchoir? — Eu ouvira os marinheiros mencionarem esse lugar, mas não fazia a menor ideia de como ele se aplicava à minha fuga do *Porpoise*.

Annekje balançou a cabeça, radiante, depois desenhou uma linha longa, sinuosa, um pouco abaixo das ilustrações anteriores. Apontou-a com orgulho.

— Hispaniola. Santo Domingo. Ilha grande, com cidades, muitos navios.

Ergui as sobrancelhas, ainda desnorteada. Ela suspirou, vendo que eu não compreendia. Parou um instante para pensar, depois se levantou, limpando as coxas grossas. Nós andáramos catando moluscos nas rochas e guardando-os numa panela rasa. Ela pegou a panela, jogou fora os moluscos e encheu-a com água do mar. Depois, colocando-a sobre a areia, fez sinal para que eu observasse.

Ela agitou a água cuidadosamente, com um movimento circular, depois ergueu o dedo, manchado com o sangue púrpura dos búzios. A água continuou a se mexer, girando ao redor das paredes finas da panela.

Annekje puxou uma linha da bainha desfeita de sua saia, cortou um pedaço com os dentes e cuspiu-a na água. Ela flutuou, seguindo o giro da água em círculos lentos ao redor da panela.

— Você — disse ela, apontando para o pedaço de linha. — Água leva você. — Apontou novamente para o desenho na areia. Um novo triângulo, na passagem Mouchoir. Um traço, curvando-se da minúscula vela para a esquerda, indicando o curso do navio. E agora, a linha azul representando-me resgatada de sua imersão na

panela. Ela colocou-a junto à minúscula vela que representava o *Porpoise*, depois arrastou-a pela passagem, na direção da costa de Hispaniola.

— Saltar — disse ela simplesmente.

— Está maluca! — disse, horrorizada.

Ela abafou uma risadinha, satisfeita por eu ter compreendido.

— *Ja* — disse ela. — Mas funciona. Água leva você. — Apontou para o final da passagem Mouchoir, para o litoral da Hispaniola, e agitou a água na panela outra vez. Ficamos lado a lado, observando as ondas de sua corrente manufaturada se extinguir lentamente.

Annekje olhou para mim de soslaio, pensativamente.

— Você tenta não afogar, *ja*?

Respirei fundo e afastei os cabelos dos olhos.

— *Ja* — eu disse. — Tentarei.

**50**

CONHEÇO UM PADRE

O mar era surpreendentemente morno, no que tange a mares, e semelhante a um banho morno em comparação às ondas geladas ao largo da Escócia. Por outro lado, era extremamente penetrante. Após duas ou três horas de imersão, meus pés estavam dormentes e meus dedos enregelados onde se agarravam às cordas do meu salva-vidas improvisado, feito de dois barris vazios.

A mulher do artilheiro, entretanto, tinha razão. A forma comprida, turva, que eu avistara do *Porpoise*, ficava cada vez mais perto, suas colinas suaves escuras como veludo negro contra um céu prateado. Hispaniola — Haiti.

Eu não tinha como saber as horas e, entretanto, dois meses a bordo de um navio, com seus constantes toques de sinos e mudanças de guarda, haviam me dado uma noção aproximada da passagem das horas noturnas. Acho que era por volta da meia-noite quando deixei o *Porpoise*; agora provavelmente eram quatro horas da manhã e ainda devia faltar um quilômetro e meio até a praia. As correntes marítimas são fortes, mas não têm pressa.

Exausta de trabalho e preocupação, enrolei a corda desajeitadamente em volta de um dos pulsos para impedir que eu deslizesse dos arreios, encostei a testa em um dos barris e adormeci com o forte cheiro de rum em minhas narinas.

O roçar de algo sólido sob meus pés acordou-me para uma aurora opalina, o mar e o céu brilhando como as cores encontradas dentro de uma concha. Com os pés plantados em areia fria, eu podia sentir a força da corrente passando por mim, empurrando os barris. Desvencilhei-me dos arreios de corda e, com grande alívio, deixei os incômodos objetos irem sacudindo-se em direção à praia.

Havia marcas profundas e vermelhas em meus ombros. O pulso que eu enrolara entre as cordas molhadas estava vermelho e

arranhado com o atrito; eu estava enregelada, exausta, com muita sede e minhas pernas estavam borrachudas como lula escaldada.

Por outro lado, o mar atrás de mim estava vazio, nenhum sinal do *Porpoise*. Eu conseguira escapar.

Agora, tudo que restava fazer era chegar à costa, encontrar água doce, encontrar algum meio de transporte rápido à Jamaica, e encontrar Jamie e o *Artemis*, de preferência antes que a Marinha Real o fizesse. Achei que poderia no máximo conseguir cumprir o primeiro item da agenda.

O pouco que eu sabia do Caribe vinha de cartões-postais e folhetos de turismo, pensava sempre em praias de areia branca e lagoas transparentes. Na realidade, na paisagem local predominava uma vegetação densa e assustadora, embutida num lamaçal marrom-escuro extremamente pegajoso.

As plantas, arbustos cerrados, deviam ser mangues. Estendiam-se até onde minha vista podia alcançar, para ambos os lados; não havia alternativa senão atravessar o manguezal. As raízes erguiam-se do lodo em grandes laços, como aros de croquê, nos quais eu tropeçava invariavelmente, e os galhos finos, lisos e cinzentos cresciam em maços como ossos de dedos, agarrando meus cabelos à medida que eu passava.

Pelotões de minúsculos caranguejos roxos fugiam em grande correria à minha aproximação. Meus pés afundavam-se no lodo até os tornozelos e achei melhor não calçar meus sapatos, apesar de encharcados. Enrolei para cima minha saia molhada, prendendo-a acima dos joelhos, e peguei a faca de peixe que Annekje me dera, por precaução. Eu não via nada ameaçador, mas sentia-me melhor com uma arma na mão.

O sol nascente sobre meus ombros no começo foi bem-vindo, conforme descongelava meus músculos frios e secava minhas roupas. Após uma hora, entretanto, eu queria que ele se escondesse atrás de nuvens. Eu suava profusamente à medida que o sol subia mais alto no céu, tinha lama seca até os joelhos e sentia cada vez mais sede.



Tentei ver até onde o mangue se estendia, mas a vegetação erguia-se acima de minha cabeça e tapetes ondulantes de folhas estreitas verde-acinzentadas eram tudo que eu conseguia ver.

— Não é possível que a maldita ilha inteira seja de mangues — murmurei, continuando a avançar pesadamente. — Tem que haver terra firme em algum lugar. — E água, eu esperava.

Um barulho como o disparo de um pequeno canhão nas proximidades assustou-me tanto que eu deixei cair a faca de peixe. Tateei freneticamente na lama à procura da faca, em seguida mergulhei de cara no chão quando algo grande passou zunindo pela minha cabeça, não me atingindo por questão de centímetros.

Houve um ruidoso farfalhar da folhagem e depois uma espécie de som familiar, como um grasnido.

— O quê? — exclamei com voz rouca. Sentei-me cautelosamente, a faca numa das mãos, e afastei os cachos molhados e enlameados do meu rosto com a outra. A uns dois metros de distância, um enorme pássaro preto estava pousado num arbusto do mangue, fitando-me com olhar crítico.

Ele inclinou a cabeça, limpando delicadamente as luzidias penas pretas, como se quisesse contrastar sua aparência imaculada com meu próprio estado de absoluta sujeira.

— Bem, ave pedante — eu disse sarcasticamente. — Você tem asas, meu caro.

O pássaro parou de limpar as penas e olhou-me com ar de censura. Em seguida, levantou o bico no ar, enfunou o peito, e, como se quisesse deixar ainda mais clara a superioridade de seus trajes, repentinamente inflou uma grande bolsa de brilhante pele vermelha que ia da base de seu pescoço até o meio de seu corpo.

— Buuum! — gritou ele, repetindo o som de disparo de canhão que me assustara anteriormente. Assustei-me de novo, mas não da mesma forma.

— Não faça isso! — disse, irritada. Sem prestar nenhuma atenção, o pássaro lentamente bateu as asas, ajeitou-se no seu galho e estrondou outra vez.

Ouviu-se um grito áspero e repentino acima e, com um barulhento bater de asas, mais dois grandes pássaros negros desceram subitamente, pousando num mangue a alguns passos de distância. Encorajado pela plateia, o primeiro pássaro continuou a retumbar a intervalos regulares, a pele de seu papo flamejando de empolgação. Em poucos instantes, mais três vultos pretos apareceram no alto.

Eu estava quase certa de que não eram abutres, mas ainda assim não estava disposta a ficar ali parada. Eu tinha quilômetros pela frente antes de poder dormir — ou encontrar Jamie. As chances de encontrá-lo a tempo era algo em que eu preferia não pensar.

Meia hora mais tarde, eu fizera tão pouco progresso que ainda podia ouvir os gritos intermitentes do meu vaidoso conhecido, agora aliado a um número de amigos igualmente barulhentos. Ofegante com o esforço, escolhi uma raiz mais grossa e sentei-me para descansar.

Meus lábios estavam rachados e ressecados e minha mente só conseguia se preocupar com água, praticamente excluindo qualquer outro pensamento, até mesmo Jamie. Parecia que eu estava lutando para atravessar o manguezal há séculos, e mesmo assim ainda conseguia ouvir o barulho do mar. Na verdade, a maré devia estar me seguindo porque, enquanto estava ali sentada, uma fina camada de água suja do mar, espumosa, veio borbulhando pelo meio das raízes dos mangues até tocar meus pés rapidamente, antes de recuar.

— Água, água por toda parte — eu disse melancolicamente, observando-a —, e nem uma gota para beber.

Um pequeno movimento na lama encharcada atraiu minha atenção. Inclinando-me para baixo, vi diversos peixinhos, de um tipo que eu jamais vira. Longe de estarem se debatendo, lutando para respirar, estes peixes estavam na vertical, apoiados em suas barbatanas peitorais, parecendo que o fato de estarem fora da água não constituía absolutamente nenhum problema.

Fascinada, abaixei-me ainda mais para examiná-los. Um ou outro remexeu-se em suas barbatanas, mas de modo geral não pareciam se importar de serem observados. Fitavam-me solenemente, os olhos esbugalhados. Somente quando olhei mais de perto é que percebi que a aparência de olhos esbugalhados era causada pelo fato de que cada peixe parecia ter quatro olhos, em vez de dois.

Olhei fixamente para um deles por um longo minuto, sentindo o suor escorrer entre meus seios.

— Ou estou tendo alucinações — eu disse em tom de conversa — ou você está.

O peixe não respondeu, mas deu um salto inesperado, aterrissando num galho vários centímetros acima do solo. Talvez pressentisse alguma coisa, pois um instante depois outra onda inundou o lugar, esta espadanando borrifos até a altura dos meus tornozelos.

Um frescor repentino e agradável recaiu sobre mim. O sol gentilmente se escondera atrás de uma nuvem e com o seu desaparecimento, todo o comportamento da floresta de mangues se alterou. As folhas cinza farfalharam quando uma súbita lufada de vento se levantou e todos os minúsculos caranguejos, peixes e insetos da areia desapareceram como em um passe de mágica. Eles obviamente sabiam de alguma coisa que eu não sabia e achei sua debandada um pouco sinistra.

Ergui os olhos para a nuvem onde o sol desaparecera e preendi a respiração. Uma enorme massa púrpura de nuvens em ebulição subia detrás das colinas, tão depressa que eu podia realmente ver a parte dianteira da massa de nuvens, ofuscantemente branca ao servir de anteparo à luz do sol, vindo em minha direção.

A onda seguinte entrou, cinco centímetros mais alta do que a última e demorando-se mais a recuar. Eu não era nem um peixe nem um caranguejo, mas a essa altura chegara à conclusão de que uma tempestade estava a caminho e movendo-se com uma rapidez assustadora.

Olhei ao redor, mas não vi nada além da aparentemente infinita extensão de mangues diante de mim. Não havia nenhum lugar onde eu pudesse me abrigar. Ainda assim, ser apanhada no meio de um aguaceiro não era o pior que poderia acontecer, sob as circunstâncias. Eu sentia a língua seca e pegajosa e umedecei os lábios à ideia da chuva doce e fria caindo no meu rosto.

O sussurro de outra onda no meio das minhas pernas me fez perceber de repente que eu estava correndo um risco maior do que simplesmente ficar molhada. Um olhar rápido aos galhos mais altos dos mangues mostrou-me tufo secos de algas marinhas enrolados nas forquilha e raminhos — percebi que o nível da maré alta estava bem acima da minha cabeça.

Senti um momento de pânico e tentei me acalmar. Se eu perdesse o controle naquele lugar, estava liquidada.

— Calma, Beauchamp — murmurei para mim mesma. Lembrei-me de um conselho que ouvira quando era residente: “A primeira coisa a fazer numa emergência cardíaca é tomar seu próprio pulso.” Sorri à lembrança, sentindo o pânico decrescer imediatamente. Como um gesto simbólico, eu realmente tomei meu pulso; um pouco acelerado, mas forte e ritmado.

Está bem, então, em qual direção? Para a montanha; era a única coisa que eu podia ver acima do mar de mangues. Abri caminho por entre os galhos o mais rápido que consegui, ignorando os rasgos nas minhas saias e a força crescente com que cada onda puxava minhas pernas. O vento vinha do mar às minhas costas, empurrando as ondas e tornando-as cada vez mais altas. Lançava meus cabelos constantemente nos meus olhos e na minha boca e eu os puxava para trás o tempo inteiro, gritando impropérios pelo conforto de ouvir uma voz, mas logo minha garganta ficou tão seca que doía falar.

Calei-me. Minha saia soltava-se do cinto e em algum momento perdi os sapatos, que desapareceram imediatamente na espuma fervilhante que agora chegava bem acima dos meus joelhos. Nada parecia importar.

A maré estava no meio da minha coxa quando a chuva caiu. Com um ronco que abafou o barulho do chacoalhar das folhas, a tempestade desabou em cortinas torrenciais que me encharcaram até a alma em questão de segundos. No começo, perdi tempo tentando inutilmente inclinar minha cabeça para trás, procurando dirigir os filetes de água que escorriam pelo meu rosto para dentro de minha boca aberta. Em seguida, o bom senso predominou; tirei o lenço amarrado em volta dos ombros, deixei a chuva encharcá-lo e o torci diversas vezes para remover os vestígios de sal. Então, deixei-o absorver a chuva outra vez, ergui o tecido embolado acima da minha boca e sorvi a água. Tinha gosto de suor, algas marinhas e algodão rústico. Era deliciosa.

Eu continuara andando, mas ainda estava embrenhada no manguezal. A maré enchente estava quase na minha cintura, o que tornava a caminhada mais difícil. Com a sede momentaneamente saciada, eu abaixei a cabeça e investi para a frente o mais rápido que pude.

Um relâmpago lampejou acima das montanhas e um momento depois veio o rugido do trovão. A varredura da maré era tão forte agora que eu só conseguia avançar quando cada onda entrava e eu era lançada para a frente, quase correndo, empurrada pelas águas, depois agarrava-me ao caule do mangue mais próximo quando a água começava a retroceder, sugando-me para trás, arrastando minhas pernas.

Eu estava começando a achar que me apressara demais em abandonar o capitão Leonard e o *Porpoise*. O vento estava cada vez mais forte, lançando a chuva em meu rosto de tal modo que eu mal conseguia enxergar. Os marinheiros dizem que toda sétima onda é maior. Vi-me contando, conforme avançava penosamente. Na verdade, foi a nona onda que me atingiu entre as omoplatas e derrubou-me antes que eu pudesse agarrar-me a um galho.

Debati-me, impotente e engasgada num torvelinho de areia e água, depois pisei no chão e fiquei em pé outra vez. A onda quase me afogara, mas também me fizera mudar de direção. Eu não

estava mais de frente para a montanha. Estava, no entanto, de frente para uma enorme árvore, a uns sete metros de distância.

Mais quatro ondas, mais quatro empurrões para a frente, mais quatro esforços de me agarrar com todas as forças a um mangue conforme a força da maré me puxava para trás, e eu estava na margem lamacenta de uma pequena calha, onde um riacho corria pelo manguezal na direção do mar. Arrastei-me para cima, escorregando e cambaleando, à medida que escalava o tronco e me refugiava no abraço acolhedor da árvore.

De uma posição segura a quase quatro metros de altura, eu podia ver toda a extensão do manguezal atrás de mim e, além dele, o mar aberto. Mudei de ideia mais uma vez sobre a sensatez de ter deixado o *Porpoise*; por pior que fosse a situação em terra firme, era bem pior lá fora.

Um relâmpago estilhaçou-se na superfície da água fervilhante, conforme o vento e a força da maré lutavam pelo controle das ondas. Ao longe, na passagem Mouchoir, as ondas eram tão gigantescas que pareciam colinas ondulantes. O vento, agora mais intenso, fazia um chiado agudo ao passar, resfriando-me até os ossos em minhas roupas molhadas. Os trovões estrondavam juntos com os raios agora, à medida que a tempestade passava por cima de mim.

O *Artemis* era mais lento do que o navio de guerra; bastante lento, eu esperava, para ainda estar a salvo, bem distante no Atlântico.

Vi um grupo de mangues ser atingido por um raio a uns trinta metros de distância; a água recuou com um chiado, ferveu e a terra seca surgiu por um instante, antes de as ondas a tragarem novamente, sepultando sob suas águas os galhos carbonizados, lembrando arame preto retorcido. Passei os braços ao redor do tronco da árvore, pressionei o rosto contra a casca e rezei. Por Jaime e pelo *Artemis*. Pelo *Porpoise*, por Annekje Johansen, Tom Leonard e o governador. E por mim.

Já era dia alto quando acordei, a perna enfiada entre dois galhos e dormente do joelho para baixo. Em parte deslizei, em parte caí do meu poleiro, aterrissando nas águas rasas do estreito. Com as mãos em concha, peguei a água do riacho, provei-a e cuspi-a. Não era salgada, mas salobra demais para ser bebida.

Minhas roupas estavam úmidas, mas eu estava desidratada. A tempestade já cessara havia muito tempo; tudo ao meu redor era pacífico e normal, à exceção dos mangues carbonizados. À distância, eu podia ouvir o grito retumbante dos enormes pássaros negros.

Água salobra aqui era promessa de água mais doce acima do estreito. Esfreguei a perna, tentando eliminar as pontadas e agulhadas, depois subi a margem mancando.

A vegetação começou a mudar dos mangues verde-acinzentados para um verde mais exuberante, com uma densa forração de capim e musgos que me obrigava a caminhar pela água. Cansada e sedenta como estava, só conseguia percorrer uma pequena distância antes de ter que parar e descansar. Quando estava sentada, descansando, vários dos peixinhos estranhos saltaram para a margem, ao meu lado. Fitando-me com os olhos esbugalhados, como se fosse por curiosidade.

— Bem, eu acho que você também tem uma aparência estranha — disse a um deles.

— Você é inglesa? — disse o peixe, incrédulo. A impressão de Alice no País das Maravilhas foi tão pronunciada que eu apenas pisquei estupidamente para ele por um instante. Então, levantei bruscamente a cabeça e fitei o rosto do homem que falara.

Seu rosto era tão queimado e curtido pelo tempo que tinha a cor do mogno, mas os cabelos negros e cacheados eram cheios e sem nenhum fio branco. Ele saiu de dentro do manguezal, movendo-se cautelosamente, como se receasse me assustar.

Sua altura era um pouco acima da mediana, era forte, de ombros musculosos, tinha um rosto largo, bem cinzelado, cuja expressão naturalmente amistosa mostrava-se cautelosa. Estava

miseravelmente vestido, com uma sacola de lona grossa atravessada no ombro — e um cantil feito de pele de cabra pendurado na cintura.

— *Vous êtes Anglaise?* — perguntou ele, repetindo a pergunta original em francês. — *Comment ça va?*

— Sim, sou inglesa — eu disse, com voz áspera. — Pode me dar um pouco de água, por favor?

Seus olhos arregalaram-se — eram castanho-claros —, mas ele não disse nada, apenas tirou o cantil de pele do cinto e entregou-o a mim.

Coloquei a faca de peixe sobre o joelho, bem à mão, e bebi longamente, quase engasgando com a pressa.

— Cuidado — disse ele. — É perigoso beber rápido demais.

— Eu sei — eu disse, ligeiramente sem fôlego enquanto abaixava o cantil. — Sou uma doutora. — Levantei o cantil e bebi outra vez, mas desta vez obriguei-me a engolir mais devagar.

Meu salvador observava-me com um olhar curioso — o que não era de admirar, imagino. Ensopada de água do mar e secada ao sol, coberta de placas de lama seca e manchada de suor, com os cabelos desgrenhados caindo no rosto, eu parecia uma mendiga, e provavelmente uma mendiga louca.

— Doutora? — disse ele em inglês, provando que seus pensamentos haviam caminhado na direção que eu suspeitava. Observou-me atentamente, de um modo muito semelhante ao do enorme pássaro negro que eu encontrara anteriormente. — Doutora em quê, se me permite a pergunta?

— Medicina — eu disse, parando brevemente entre dois goles.

Ele possuía sobrancelhas negras e unidas. Elas se levantaram até quase a raiz dos cabelos.

— Verdade? — disse ele, após uma pausa considerável.

— Verdade — eu disse, e ele riu.

Ele inclinou a cabeça para mim numa reverência formal.

— Neste caso, doutora, permita-me apresentar-me. Lawrence Stern, doutor em filosofia natural, do Gesellschaft von



Naturwissenschaft Philosophieren, Munique.

Pisquei os olhos, fitando-o.

— Um naturalista — complementou ele, indicando a sacola de lona sobre o ombro. — Eu estava indo na direção dos alcatrazes na esperança de observar esses pássaros no período da procriação, quando a ouvi, hã...

— Conversando com um peixe — concluí. — Sim, bem... eles têm mesmo quatro olhos? — perguntei, na esperança de mudar de assunto.

— Sim, ou assim parece. — Ele olhou para baixo, para o peixe, que parecia acompanhar a conversa com fascinada atenção. — Eles parecem empregar seu estranho aparelho óptico quando submersos, de modo que o par de olhos superior observe os acontecimentos acima da superfície da água e o par inferior igualmente espreite os acontecimentos embaixo da água.

Em seguida, ele olhou para mim, com um ligeiro sorriso.

— Posso ter a honra de saber seu nome, doutora?

Hesitei, sem saber ao certo o que lhe dizer. Considerei a variedade de nomes falsos disponíveis e decidi-me pela verdade.

— Fraser — eu disse. — Claire Fraser. Sra. James Fraser — acrescentei ainda, com a vaga sensação de que o estado civil de casada poderia me fazer parecer um pouco mais respeitável, apesar das aparências. Levei para trás o cacho pendurado sobre meu olho esquerdo.

— A seu dispor, madame — disse ele com uma elegante mesura. Esfregou a ponte do nariz de modo pensativo, olhando para mim. — Seu navio naufragou? — arriscou ele. Parecia a mais lógica, se não a única, explicação da minha presença ali e eu balancei a cabeça.

— Tenho que encontrar uma maneira de chegar à Jamaica — eu disse. — Acha que pode me ajudar?

Ele encarou-me, franzindo ligeiramente a testa, como se eu fosse um espécime que ele não soubesse muito bem como classificar, mas depois balançou a cabeça. Ele tinha uma boca larga

que parecia feita para sorrir; um dos cantos curvou-se para cima e ele estendeu a mão para me ajudar a levantar.

— Sim — respondeu ele. — Posso ajudar. Mas acho que primeiro temos que encontrar alguma coisa para você comer e talvez roupas, não é? Tenho um amigo que não mora muito longe daqui. Vou levá-la até lá, está bem?

Com a sede abrasadora e a pressão geral dos acontecimentos, eu não prestara muita atenção às exigências do meu estômago. No entanto, à menção de comida, ele despertou imediata e clamorosamente.

— Isso — eu disse em voz alta, na esperança de abafar os ruídos do meu estômago — seria realmente muito bom. — Alisei para trás meus cabelos desgrehados da melhor maneira que pude e, agachando-me por baixo de um galho, segui meu salvador para o meio das árvores.

Quando emergimos de um bosque de palmeiras pequenas, o terreno abriu-se para uma área semelhante a uma campina e depois subiu numa alta colina à nossa frente. No topo do monte, eu podia ver uma casa — ou ao menos uma ruína. As paredes amarelas de argamassa estavam rachadas e invadidas por buganvílias cor-de-rosa e goiabeiras dispersas, o telhado de folhas de flandres exibia diversos buracos visíveis e o lugar como um todo exalava um ar de desolada dilapidação.

— Hacienda de la Fuente — disse meu novo conhecido, com um sinal da cabeça. — Aguenta a caminhada até lá em cima ou... — Ele hesitou, examinando-me como se calculasse meu peso. — Acho que poderia carregá-la — disse ele, com um tom de dúvida não muito lisonjeiro na voz.

— Eu consigo, sim — assegurei-lhe. Meus pés estavam escoriados e doloridos e furados pelas folhas caídas das palmeiras, mas o caminho à nossa frente parecia relativamente desimpedido.

A encosta que levava à casa era cruzada pelas linhas fracas das trilhas de ovelhas. Havia um rebanho desses animais pastando

pacificamente sob o sol quente da Hispaniola. Quando saímos do meio das árvores, um carneiro nos avistou e emitiu um pequeno balido de surpresa. Como o mecanismo de um relógio, todos os animais na encosta ergueram a cabeça simultaneamente e nos fitaram.

Sentindo-me um pouco inibida sob o escrutínio de olhares fixos e desconfiados, segurei minhas saias enlameadas e segui o dr. Stern na direção do caminho principal — usado por mais do que carneiros e ovelhas, a julgar por sua largura — que levava ao topo do monte.

Era um dia luminoso e agradável, bandos de borboletas brancas e de cor laranja adejavam pela grama. Pousavam nas flores esparsas e, aqui e ali, uma brilhante borboleta amarela reluzia como um pequeno sol.

Respirei fundo, um cheiro delicioso de flores e grama, com nuances menores de carneiros e terra aquecida pelo sol. Um pontinho marrom pousou por um instante em minha manga e agarrou-se a ela, tempo suficiente para eu ver as escamas aveludadas em sua asa e sua probóscide minúscula e curva. O abdômen delgado pulsou, respirando segundo as batidas de suas asas, e em seguida ele se foi.

Podem ter sido a promessa de ajuda, a água, as borboletas ou as três coisas juntas, mas o fardo do medo e do cansaço sob o qual eu vinha trabalhando havia tanto tempo começou a se dispersar. É bem verdade que eu ainda tinha que enfrentar o problema de encontrar transporte para a Jamaica, mas com a sede saciada, um amigo por perto e a possibilidade de almoço diante de mim, isso já não parecia a tarefa impossível que se apresentava no manguezal.

— Lá está ele! — Lawrence parou, esperando que eu o alcançasse no caminho. Apontou para cima, para uma figura magra, mas vigorosa, descendo cuidadosamente pelo caminho em nossa direção. Estreitei os olhos para a figura conforme ela vagueava entre as ovelhas, que pareciam nem notar sua passagem.

— Santo Deus! — exclamei. — É são Francisco de Assis.

Lawrence olhou-me, surpreso.

— Não, nem um nem outro. Eu lhe disse que ele é inglês. — Ergueu um braço e gritou: — *Hola! Señor Fodgen!*

A figura vestida de cinza parou desconfiada, uma das mãos protetoramente enrolada na lã de uma ovelha que passava.

— *¿Quién es?*

— Stern! — gritou Lawrence. — Lawrence Stern! Venha — disse ele, estendendo a mão para me puxar pela íngreme subida para o caminho do rebanho acima.

A ovelha fazia esforços concentrados para escapar de seu protetor, o que desviou sua atenção de nossa chegada. Um homem magro, um pouco mais alto do que eu, possuía um rosto delgado que devia ter sido bonito, se não estivesse desfigurado por uma barba ruiva que se espalhava como um espanador pelas beiradas do seu queixo. Seus cabelos longos e desgrehados haviam se tornado grisalhos em listras e camadas, e caíam frequentemente para a frente, sobre seus olhos. Uma borboleta de cor laranja alçou voo de sua cabeça quando o alcançamos.

— Stern? — disse ele, afastando os cabelos para trás com a mão livre e piscando como uma coruja contra a luz do sol. — Não conheço nenhum... ah, é você! — Seu rosto fino iluminou-se. — Por que não disse que era o homem dos vermes? Eu o teria reconhecido imediatamente!

Stern pareceu ligeiramente envergonhado e olhou-me com ar de desculpas.

— Eu... hã... colecionei vários parasitas interessantes do excremento do rebanho do sr. Fogden na ocasião da minha última visita — explicou ele.

— Vermes grandes, horrorosos! — disse o padre Fogden, estremecendo violentamente com a lembrança. — Uns trinta centímetros, alguns deles, no mínimo!

— Não mais do que vinte centímetros — corrigiu Stern, sorrindo. Olhou para o carneiro mais próximo, a mão sobre a sacola, como se na expectativa de outras iminentes contribuições à ciência. — O remédio que eu dei foi eficaz?

O padre Fogden pareceu vagamente em dúvida, como se tentasse se lembrar exatamente qual fora o remédio.

— O banho de terebintina. — O naturalista o fez lembrar.

— Ah, sim! — O sol iluminou o semblante delgado do padre e ele sorriu amavelmente. — Claro, claro! Sim, funcionou esplendidamente. Alguns morreram, mas o resto ficou completamente curado. Excelente, absolutamente excelente!

De repente, o padre Fogden pareceu perceber que não estava sendo nem um pouco hospitaleiro.

— Mas vocês precisam entrar! — disse ele. — Eu já ia almoçar; faço questão que almocem comigo. — O padre virou-se para mim. — E você é a sra. Stern, certo?

A menção de vermes de vinte centímetros havia suprimido momentaneamente a minha fome, mas à ideia de comida, ela voltou roncando com toda a força.

— Não, mas adoraríamos desfrutar sua hospitalidade — respondeu Stern educadamente. — Por favor, permita que eu apresente minha colega, a sra. Fraser, uma compatriota sua.

Os olhos de Fogden arregalaram-se diante da informação. De um azul pálido, com a tendência de lacrimejar na claridade do sol, eles se fixaram em mim pensativamente.

— Uma inglesa? — disse ele, incrédulo. — Aqui? — Os olhos redondos observaram as manchas de sal e de lama no meu vestido amarfanhado, além da aparência geral de desordem. Ele piscou por um instante, em seguida deu um passo à frente e, com a maior dignidade, inclinou-se formalmente sobre minha mão. — Seu mais humilde criado, madame — disse ele. Ergueu-se e fez um gesto grandioso para a ruína no topo da colina. — *Mi casa es su casa*. — Assobiou energicamente e um pequeno King Charles cavalier spaniel enfiou o focinho com um ar intrigado para fora do mato.

— Temos uma hóspede, Ludo — disse o padre, radiante. — Não é ótimo? — Enfiando minha mão com firmeza na curva do seu braço, agarrou a ovelha pelo topete de lã e arrastou nós duas em direção à Hacienda de la Fuente, deixando que Stern nos seguisse.

A razão do nome tornou-se clara quando entramos no pátio em ruínas; uma pequena nuvem de libélulas esvoaçava como luzes cintilantes sobre o laguinho cheio de algas em um dos cantos; parecia uma fonte natural que alguém cercara quando a casa foi construída. Pelo menos uma dúzia de galinhas selvagens levantou-se do pavimento destroçado e bateu as asas freneticamente junto aos nossos pés, deixando para trás uma pequena nuvem de poeira e penas. Por outras evidências deixadas para trás, deduzi que as árvores que se projetavam sobre o pátio eram seu poleiro habitual, e já há um bom tempo.

— E então eu tive a sorte de encontrar a sra. Fraser no mangue esta manhã — concluiu Stern. — Achei que talvez você pudesse... oh, veja só que beleza! Uma magnífica Odonata!

Um tom de encantamento e admiração acompanhou essa última declaração e ele passou por nós sem nenhuma cerimônia para espreitar as sombras do telhado de palha do pátio, onde uma enorme libélula, de pelo menos dez centímetros, lançava-se de um lado para o outro, o corpo azul chamejando quando atravessava um dos errantes raios de luz que penetravam pelo telhado esfarrapado.

— Ah, você a quer? Fique à vontade. — Nosso anfitrião abanou a mão elegante na direção da libélula. — Venha, Becky, vá para lá e daqui a pouco eu cuido do seu casco. — Ele enxotou a ovelha para dentro do pátio com um tapa no seu traseiro. A ovelha resfolegou e galopou uma curta distância, logo parando e começando a remexer nas enormes goiabas espalhadas pelo chão, de uma goiabeira que se projetava da antiga parede.

Na realidade, as árvores ao redor do pátio haviam crescido tanto que os galhos se entrelaçavam em muitos pontos. O pátio inteiro parecia recoberto por eles, uma espécie de túnel frondoso atravessando toda a extensão do pátio e conduzindo à boca da caverna que era a entrada da casa.

Terra trazida pelo vento e as flores cor-de-rosa, secas como papel, das buganvílias amontoavam-se contra a soleira da porta, mas logo depois o assoalho de madeira escura brilhava, encerado,

descoberto e imaculado. Estava escuro no interior da casa, depois da claridade cegante do sol, mas meus olhos logo se adaptaram ao ambiente e eu olhei ao meu redor, com curiosidade.

Era um aposento muito simples, escuro e fresco, mobiliado apenas com uma mesa comprida, alguns bancos e cadeiras, e um pequeno aparador, acima do qual estava pendurado um quadro horroroso em estilo espanhol — um cristo emaciado, de cavanhaque e pálido na penumbra, apontando com a mão esquelética o coração ensanguentado que pulsava em seu peito.

Esse objeto medonho atraiu minha atenção de tal forma que levei alguns instantes para perceber que havia mais alguém na sala. As sombras no canto do aposento aglutinaram-se e um rosto pequeno e redondo surgiu, com uma expressão terrivelmente maligna. Pestanejei e dei um passo para trás. A mulher — é o que era — deu um passo para a frente, os olhos negros fixos em mim, sem piscar, como os de uma ovelha.

Ela não tinha mais do que um metro e vinte de altura e um corpo tão troncudo que parecia um bloco sólido, sem juntas ou reentrâncias. A cabeça era uma pequena protuberância redonda em cima do corpo, com uma protuberância menor que era um escasso coque grisalho firmemente puxado e amarrado na nuca. Sua cor era de mogno claro — se naturalmente ou do sol eu não saberia dizer — e não parecia outra coisa senão uma boneca esculpida em madeira. E uma boneca de bruxaria.

— Mamacita — disse o padre, falando em espanhol com a imagem esculpida —, que sorte! Temos convidados que irão almoçar conosco. Lembra-se do señor Stern? — acrescentou ele, indicando Lawrence.

— *Sí, claro* — disse a estátua esculpida, através de lábios invisíveis de madeira. — O assassino de Cristo. E quem é a *puta alba*?

— E esta é a señora Fraser — continuou o padre Fogden, radiante como se ela não houvesse falado. — A pobre senhora teve a infelicidade de sofrer um naufrágio. Precisamos dar-lhe toda a

assistência que pudermos.

Mamacita examinou-me lentamente dos pés à cabeça. Não disse nada, mas as narinas alargaram-se com infinito desprezo.

— Sua comida está pronta — disse ela, virando-se e saindo.

— Esplêndido! — exclamou o padre. — Mamacita lhes dá as boas-vindas. Ela vai nos trazer a comida. Não querem se sentar?

A mesa já estava posta com um grande prato rachado e uma colher de madeira. O padre pegou mais dois pratos e duas colheres do aparador e distribuiu-os aleatoriamente pela mesa, gesticulando calorosamente para que nos sentássemos.

Um grande coco marrom descansava sobre a cadeira à cabeceira da mesa. Fogden pegou-o com extremo cuidado e colocou-o ao lado de seu prato. A casca fibrosa e escura do coco maduro tinha uma aparência quase lustrosa nos pontos onde as fibras haviam se soltado; achei que ele já o possuía havia algum tempo.

— Olá — disse ele, dando uns tapinhas no coco afetuosamente.

— E como você está passando neste belo dia, Coco?

Olhei de relance para Stern, mas ele examinava o retrato de Cristo, uma pequena ruga entre as espessas sobrancelhas negras. Imaginei que cabia a mim entabular a conversação.

— Mora sozinho aqui, sr.... hã, padre Fogden? — perguntei ao nosso anfitrião. — Com sua... hã, Mamacita?

— Sim, receio que sim. É por isso que estou tão contente em vê-los aqui. Não tenho nenhuma companhia de verdade, além de Ludo e Coco, sabe — explicou ele, batendo de leve no coco cabeludo outra vez.

— Coco? — eu disse educadamente, pensando que, de acordo com as evidências até o momento, havia pelo menos um louco entre os presentes. Lancei outro rápido olhar a Stern, que parecia estar se divertindo, mas não assustado.

— É espanhol para bicho-papão, coco — explicou o padre. — Um duende, um fantasma. Está vendo-o ali, o botãozinho do nariz e seus olhinhos escuros? — Fogden enfiou dois dedos finos e longos



de repente nas depressões na base do coco e retirou-os com um puxão, gargalhando. — Ha ha! — exclamou ele. — Não fique encarando as pessoas, Coco, é falta de educação, você sabe!

Os pálidos olhos azuis lançaram-me um olhar penetrante e, com certa dificuldade, retirei os dentes do meu lábio inferior.

— Uma dama muito bonita — disse ele, como se falasse consigo mesmo. — Não como a minha Ermenegilda, mas ainda assim muito bonita, não é, Ludo?

O cachorro, chamado a participar, ignorou-me, mas dirigiu-se alegremente a seu dono, empurrando a cabeça embaixo de sua mão e latindo. Ele coçou suas orelhas afetuosamente, depois virou outra vez sua atenção para mim.

— Será que um dos vestidos de Ermenegilda caberia em você?

Eu não sabia se devia responder ou não. Em vez disso, simplesmente sorri educadamente, esperando que meu rosto não revelasse meus pensamentos. Felizmente, Mamacita voltou neste momento, carregando uma fumegante panela de barro envolvida em toalhas. Ela despejou uma concha do conteúdo em cada prato, depois saiu, os pés — se tivesse — movendo-se invisivelmente sob a saia amorfa.

Revolvi em meu prato a mistura, que parecia ser composta de vegetais in natura. Dei uma mordida cautelosa e achei-a surpreendentemente boa.

— Banana-da-terra frita, misturada com mandioca e feijão vermelho — explicou Lawrence, vendo minha hesitação. Ele próprio pegou uma colherada da polpa fumegante e comeu-a sem esperar que esfriasse.

Eu esperara uma espécie de inquisição sobre a minha presença, identidade e perspectivas. Em vez disso, padre Fogden cantarolava baixinho, marcando o tempo na mesa com sua colher entre uma colherada e outra.

Lancei um olhar rápido a Lawrence, com as sobrancelhas erguidas. Ele apenas sorriu, ergueu ligeiramente um dos ombros num gesto de resignação e inclinou-se sobre seu prato.

Nenhuma conversa real ocorreu até o término da refeição, quando Mamacita — “séria” parecia uma forma branda de descrever sua expressão — retirou os pratos, substituindo-os por uma travessa de frutas, três copos e um jarro de barro gigantesco.

— Já bebeu sangria, sra. Fraser?

Abri a boca para responder “Sim”, pensei melhor e disse:

— Não, o que é?

Sangria havia sido uma bebida popular nos anos 60 e eu a tomara muitas vezes em festas do departamento na universidade e nos eventos sociais do hospital. Mas, por enquanto, eu tinha certeza de que não era conhecida na Inglaterra nem na Escócia; a sra. Fraser de Edimburgo jamais teria ouvido falar em sangria.

— Uma mistura de vinho tinto e sucos de laranja e limão — explicava Lawrence Stern. — Aquecida com especiarias e servida quente ou fria, dependendo do clima. Uma bebida muito saudável e reconfortante, não é, Fogden?

— Ah, sim. Ah, sim. Muito reconfortante. — Sem esperar que eu descobrisse por mim mesma, o padre esvaziou seu copo e estendeu a mão para o jarro antes que eu tivesse tomado o primeiro gole.

Era igual; o mesmo gosto doce, abrasivo na garganta, e eu tive a ilusão momentânea de que estava de volta à festa onde a experimentara pela primeira vez, na companhia de um estudante de pós-graduação que fumava maconha e um professor de botânica.

Essa ilusão foi incentivada pela conversa de Stern, sobre suas coleções, e pelo comportamento do padre Fogden. Após vários copos de sangria, ele se levantara, vasculhara o aparador e emergira com um grande cachimbo de barro. Encheu o cachimbo até a borda com uma erva de cheiro forte que sacudiu de um embrulho de papel, acendeu-o e fumou.

— Haxixe? — perguntou Stern, vendo-o. — Diga-me, acha que a maconha ajuda os processos digestivos? Ouvi dizer que sim, mas a erva não pode ser obtida na maioria das cidades europeias e eu não tenho nenhuma informação em primeira mão sobre seus efeitos.

— Ah, é muito suave e reconfortante para o estômago —

assegurou o padre Fogden. Inspirou fundo, prendeu a respiração, depois exalou longa e sonhadoramente, soprando um filete de fumaça branca e leve, que flutuou em serpentinas de nevoeiro perto do teto baixo da sala. — Mandarei um pacote para casa com você, meu caro. Agora, diga-me, o que pretende fazer, você e esta senhora que você salvou de um naufrágio?

Stern explicou seu plano; após uma noite de sono, pretendíamos caminhar até a vila de St. Luis du Nord e dali ver se um barco pesqueiro nos levaria a Cap-Haïtien, a cinquenta quilômetros de distância. Se não, teríamos que ir por terra a Le Cap, o único porto mais perto.

O padre franziu o cenho, as sobrancelhas ralas unidas, contra a fumaça.

— Hummm? Bem, imagino que não haja muita escolha, não é? Ainda assim, devem tomar cuidado, particularmente se forem por terra a Le Cap. Maroons, sabe?

— Maroons? — Olhei com ar de interrogação para Stern, que balançou a cabeça, franzindo a testa.

— É verdade. Eu encontrei dois ou três bandos quando vim para o norte pelo vale do Artibonite. Mas eles não me molestaram. Ouso dizer que eu parecia em melhores condições do que eles, pobres coitados. Os maroons são escravos foragidos — explicou-me ele. — Tendo fugido da crueldade de seus senhores, refugiam-se nas colinas remotas, onde a selva os esconde.

— Provavelmente, não os importunarão — disse o padre Fogden. Sugou profundamente seu cachimbo, com um ruído baixo e gorgolejante, prendeu a respiração por um bom tempo e depois a liberou a contragosto. Seus olhos estavam ficando acentuadamente injetados. Fechou um deles e examinou-me de modo um pouco indistinto com o outro. — Ela não parece que vale a pena ser roubada, na verdade.

Stern riu de orelha a orelha, olhando para mim, depois rapidamente apagou o sorriso, como se percebesse que não estava sendo nem um pouco delicado. Tossiu e serviu-se de outro copo de

sangria. Os olhos do padre brilhavam acima do cachimbo, vermelhos como os de um furão.

— Acho que preciso de um pouco de ar fresco — eu disse, empurrando minha cadeira para trás. — E talvez um pouco de água para me lavar?

— Ah, claro, claro! — exclamou o padre Fogden. Levantou-se, cambaleando, e bateu o cachimbo no aparador, despejando as cinzas descuidadamente sobre o móvel. — Acompanhe-me.

O ar no pátio parecia fresco e revigorante em comparação, apesar de seu calor úmido. Inspirei profundamente, observando com interesse enquanto o padre Fogden andava às voltas com um balde junto à fonte no canto.

— De onde vem a água? — perguntei. — É uma nascente? — O tanque de pedra estava recoberto de filetes macios de algas verdes e eu podia vê-las movendo-se preguiçosamente; era evidente que havia algum tipo de corrente.

Foi Stern quem respondeu.

— Sim, há centenas destas nascentes. Acredita-se que algumas sejam habitadas por espíritos, mas imagino que não dê fé a essas superstições, não é, padre?

O padre Fogden parou, dando a impressão de que precisava pensar no assunto. Apoiou o balde cheio até a metade em cima da mureta e estreitou os olhos para dentro da água, tentando fixar o olhar em um dos pequenos peixes prateados que nadavam no tanque.

— Hein? — disse ele vagamente. — Bem, não. Espíritos, não. Mesmo assim... ah, sim, eu havia me esquecido. Tenho uma coisa para lhe mostrar. Dirigindo-se a um armário embutido na parede, abriu a porta de madeira rachada, retirou uma pequena trouxa de musselina rústica e que não fora branqueada, e colocou com cuidado nas mãos de Stern. — Isso apareceu na fonte um dia no mês passado — disse ele. — Morreu quando o sol do meio-dia a atingiu, então eu a retirei. Receio que o outro peixe o tenha mordiscado um pouco — disse ele, desculpando-se —, mas você

ainda pode ver.

No meio do tecido havia um pequeno peixe seco, muito parecido com os demais que corriam de um lado para o outro na fonte, exceto que este era completamente branco. Também era cego. De cada lado da cabeça rombuda, havia um pequeno inchaço onde deveria haver um olho, mas isso era tudo.

— Acha que é um peixe fantasma? — perguntou o padre. — Lembrei-me dele quando você falou em espíritos. Ainda assim, não consigo imaginar que tipo de pecado um peixe possa ter cometido para ser condenado a vagar por aí assim, quero dizer, sem olhos. Quero dizer — ele fechou um dos olhos outra vez em sua expressão favorita —, não se pensa em peixes como tendo almas e, no entanto, se não têm, como podem se transformar em fantasmas?

— Eu particularmente não acho que tenham — assegurei-lhe. Olhei o peixe mais atentamente, enquanto Stern o examinava com a alegria esfuziante de um naturalista nato. A pele era muito fina e tão transparente que as sombras dos órgãos internos e a linha nodosa da coluna vertebral eram claramente visíveis. Mesmo assim, ele possuía escamas, minúsculas e translúcidas, embora turvadas pelo ressecamento.

— É um peixe cego de caverna — disse Stern, acariciando reverentemente a cabeça minúscula e rombuda. — Eu vi um desses apenas uma vez antes, num lago no fundo de uma caverna, em um lugar chamado Abandawe. E ele escapou antes que eu pudesse examiná-lo minuciosamente. Meu caro... — Ele virou-se para o padre, os olhos brilhando de entusiasmo. — Posso ficar com ele?

— Claro, claro. — O padre agitou os dedos com uma generosidade espontânea. — Não tem nenhuma utilidade para mim. Pequeno demais para comer, sabe, ainda que Mamacita o cozinhasse, o que ela não faria. — Olhou ao redor do pátio, chutando distraidamente uma galinha que passava. — Onde está Mamacita?

— Aqui, *cabrón*, onde mais poderia ser? — Eu não a vira sair da casa, mas lá estava ela, uma figura pequena, empoeirada e

queimada de sol, inclinando-se para encher outro balde na fonte.

Um odor desagradável, levemente almiscarado, atingiu minhas narinas, que se contorceram nervosamente. O padre deve ter percebido, pois disse:

— Ah, não se preocupe, é apenas a pobre Arabella.

— Arabella?

— Sim, aqui. — O padre afastou uma cortina esfarrapada de juta que encobria um dos cantos do pátio, e eu espiei por trás dela.

Uma prateleira projetava-se da parede de pedra na altura da cintura. Sobre ela, estendia-se uma longa fileira de crânios de ovelhas, muito brancas e polidas.

— Não consigo me desfazer delas, sabe. — O padre Fogden delicadamente acariciou a curva pesada de um crânio. — Esta é Beatriz... tão meiga e gentil. Morreu de parto, a pobrezinha. — Ele indicou dois crânios bem menores ao lado, dispostos e polidos como o resto.

— Arabella é uma... uma ovelha também? — perguntei. O cheiro era muito mais forte ali e achei que eu na verdade não precisava saber de onde vinha.

— Um membro do meu rebanho, sim, sem dúvida. — O padre voltou seus olhos azuis estranhamente brilhantes para mim, parecendo furioso. — Ela foi assassinada! Pobre Arabella, uma alma tão gentil, tão confiante. Como podem ter tido a perversidade de trair tal inocência por causa de desejos carnavais!

— Nossa! — eu disse, um pouco inadequadamente. — Lamento muito ouvir isso. Ah... quem a matou?

— Os marinheiros, os bárbaros miseráveis! Mataram-na na praia e assaram o pobre corpo em uma grelha, exatamente como são Lourenço, o Mártir.

— Céus! — exclamei.

O padre suspirou e a sua barba rala e comprida pareceu murchar de tristeza.

— Sim, não posso esquecer a esperança do céu. Porque se Nosso Senhor observa a queda de cada pardal, Ele certamente não

deixou de guardar Arabella. Ela devia pesar uns quarenta quilos, no mínimo, sendo como era uma excelente comedora, pobre criança.

— Ah — eu disse, tentando instilar a observação com a compaixão e a indignação adequadas. Ocorreu-me, então, o que o padre dissera. Marinheiros? — perguntei. — Quando foi que disse que esse... esse lamentável incidente ocorreu? — Não poderia ser o *Porpoise*, eu imaginava. Certamente, o capitão Leonard não teria me considerado tão importante que se arriscasse a levar seu navio tão perto da ilha, a fim de me perseguir. Mas minhas mãos ficaram suadas com a ideia e eu as limpei discretamente no meu vestido.

— Hoje de manhã — respondeu o padre Fogden, recolocando no lugar o crânio da ovelha que ele pegara para acariciar. — Mas — acrescentou ele, animando-se um pouco —, devo dizer que estão fazendo um excelente progresso com ela. Geralmente leva mais de uma semana e já se pode ver...

Ele abriu o armário outra vez, revelando um montículo informe, coberto com várias camadas de juta umedecida. O cheiro era acentuadamente mais forte agora e inúmeros besouros pequenos e marrons saíram correndo, fugindo da luz.

— Esses são membros dos Dermestidae que você tem aí, Fogden? — Lawrence Stern, tendo cuidadosamente confiado o cadáver de seu peixe de caverna a um vidro com uma mistura alcoólica, viera se juntar a nós. Espreitou por cima do meu ombro, as feições queimadas pelo sol enrugadas numa expressão de interesse.

Dentro do armário, as larvas brancas de besouros da família Dermestidae trabalhavam arduamente, polindo o crânio da ovelha Arabella. Havia feito um grande progresso nos olhos. A mandioca revirou-se pesadamente em meu estômago.

— É isso que são? Imagino que sim; queridas criaturinhas vorazes.

O padre cambaleou de forma alarmante, segurando-se na borda do armário. Ao fazê-lo, finalmente notou a mulher idosa, parada, fitando-o furiosamente, um balde em cada mão.

— Ah, eu me esqueci completamente! Você vai precisar de uma muda de roupa, não é, sra. Fraser?

Olhei para minhas roupas. O vestido e a combinação que eu usava estavam rasgados em tantos lugares que mal me cobriam com decência, e tão encharcados e empapados de água e lama do mangue que minha presença era quase intolerável, mesmo em companhia tão pouco exigente como a do padre Fogden e de Lawrence Stern.

O padre Fogden virou-se para a imagem esculpida.

— Nós temos alguma coisa que esta desventurada senhora possa usar, Mamacita? — perguntou ele em espanhol. Ele parecia hesitar, oscilando ligeiramente. — Talvez um dos vestidos em...

A mulher exibiu os dentes para mim.

— São pequenos demais para esta vaca — disse ela, também em espanhol. — Dê-lhe seu roupão velho, se quiser. — Lançou um olhar de desprezo aos meus cabelos emaranhados e ao meu rosto sujo de lama. — Venha — disse em inglês, virando as costas para mim. — Lavar-se.

Conduziu-me a um pátio menor nos fundos da casa, onde me deu dois baldes de água limpa e fresca, uma velha toalha de linho e um pequeno pote de sabão líquido, com um forte cheiro de lixívia. Acrescentando um roupão cinza surrado com um cinto de corda, ela exibiu os dentes para mim outra vez e saiu, observando alegremente em espanhol:

— Lave o sangue de suas mãos, puta assassina de Cristo.

Fechei o portão do pátio atrás dela com uma considerável sensação de alívio, despi minhas roupas imundas e pegajosas com mais alívio ainda e fiz minha toailete da melhor maneira que pude com água fria e sem nenhum pente.

Vestida decentemente, ainda que de forma estranha, no enorme roupão do padre Fogden, penteei os cabelos molhados com os dedos, considerando meu peculiar anfitrião. Eu não tinha certeza se as incursões do padre em comportamentos estranhos seriam uma forma de demência ou apenas os efeitos colaterais de longo prazo



da intoxicação alcoólica e da cannabis, mas ele parecia uma alma bondosa e amável, apesar de tudo. Sua criada — se era esta a sua posição — já era uma questão inteiramente diferente.

Mamacita deixava-me mais do que um pouco nervosa. O sr. Stern anunciara sua intenção de descer até a beira-mar para se banhar e eu relutava em voltar para dentro da casa antes de seu retorno. Havia sobrado muita sangria e eu suspeitava que o padre Fogden — se ainda estivesse consciente — seria de pouca valia a esta altura contra aquele olhar de basilisco.

Ainda assim, eu não podia ficar do lado de fora a tarde inteira; estava muito cansada e queria ao menos me sentar, embora eu preferisse encontrar uma cama e dormir por uma semana. Havia uma porta que se abria do meu pequeno pátio para dentro de casa; empurrei-a e entrei no interior escuro.

Eu estava em um pequeno quarto. Olhei ao redor, surpresa; não parecia fazer parte da mesma casa como o espartano salão principal e os pátios malcuidados. A cama estava arrumada, havia travesseiros de penas e uma coberta macia de lã vermelha. Quatro enormes leques decorados espalhavam-se como asas vibrantes sobre as paredes brancas e um candelabro de latão, ramificado, com velas de cera, descansava sobre a mesa.

A mobília simples, mas de boa qualidade e lustrada com óleo, adquirira um brilho suave e profundo. Uma cortina de algodão listrado estendia-se ao longo da parede no outro extremo do quarto. Estava parcialmente aberta e eu pude ver, por trás dela, uma fileira de vestidos pendurados em cabides, num arco-íris de cores suntuosas.

Devem ser os vestidos de Ermenegilda, os que o padre Fogden mencionara. Adiantei-me para vê-los, meus pés descalços silenciosos no assoalho. O quarto estava perfeitamente limpo, sem sinal de poeira, mas muito silencioso, sem o cheiro ou a vibração de ocupação humana. Ninguém mais vivia neste aposento.

Os vestidos eram lindos; todos de seda e veludo, moiré e cetim, musselina e pelúcia de seda. Mesmo suspensos sem vida ali em

seus cabides, possuíam o brilho e a beleza da pele animal, onde uma essência de vida permanece nos pelos.

Toquei em um corpete, de veludo roxo, pesado com os bordados de amores-perfeitos em fio de prata, com uma pérola no centro. Ela fora pequena, essa Ermenegilda, e de complexão delicada — vários vestidos possuíam franzidos e enchimentos acolchoados, cuidadosamente costurados por dentro dos espartilhos, para dar a ilusão de mais busto. O quarto era confortável, embora não fosse luxuoso; os vestidos eram magníficos trajes que podiam ser usados na Corte em Madri.

Ermenegilda se fora, mas o aposento ainda parecia habitado. Toquei em uma manga azul-pavão como despedida e saí na ponta dos pés, deixando os vestidos entregues a seus sonhos.

Encontrei Lawrence Stern na varanda nos fundos da casa, com vista para uma íngreme encosta de aloés e goiabeiras. Ao longe, avistava-se uma pequena ilha corcovada, encravada num brilhante mar turquesa. Ele se levantou cortesmente, fazendo uma pequena medida para mim, com um ar de surpresa.

— Sra. Fraser! Está com uma aparência muito melhor, devo dizer. O roupão do padre assenta-lhe melhor do que nele. — Sorriu para mim, os olhos cor de avelã estreitando-se numa lisonjeira expressão de admiração.

— Acho que a ausência de lama tem mais a ver com isso — eu disse, sentando-me na cadeira que ele me ofereceu. — Isso é alguma coisa de beber? — Havia um jarro na mesa de vime entre as cadeiras; a umidade se condensara em forte orvalho e gotículas escorriam tentadoramente nas laterais. Eu ficara com sede por tanto tempo que a visão de qualquer líquido automaticamente fazia minhas bochechas se contraírem de vontade.

— Mais sangria — disse Stern. Ele serviu um pequeno copo para cada um de nós e tomou um pequeno gole do seu, suspirando de prazer. Espero que não me ache imoderado, sra. Fraser, mas após meses vagando por aí, bebendo apenas água e o rum bruto dos escravos... — Ele fechou os olhos, em estado de graça. — Manjar

dos deuses.

Eu estava inclinada a concordar.

— Hã... o padre Fogden está... — hesitei, buscando uma forma educada de perguntar pelo estado de nosso anfitrião. Não precisava ter me dado ao trabalho.

— Bêbado — disse Stern com toda a franqueza. — Mole como um verme, caído sobre a mesa da sala. Ele quase sempre está assim ao final do dia — acrescentou ele.

— Sei. — Recostei-me na cadeira, bebericando minha própria sangria.

— Conhece o padre Fogden há muito tempo?

Stern passou a mão pela testa, pensando.

— Ah, há alguns anos. — Olhou para mim. — Eu estive pensando... por acaso, você conhece um James Fraser, de Edimburgo? Sei que é um nome comum, mas... conhece?

Eu não dissera nada, mas meu rosto me delatara, como sempre acontecia, a menos que eu já estivesse preparada para mentir.

— O nome do meu marido é James Fraser — eu disse. O rosto de Stern iluminou-se com interesse.

— É mesmo? — exclamou ele. — E ele é um sujeito grandalhão, com...

— Cabelos ruivos — concluí. — Sim, é Jamie. — Algo me ocorreu. — Ele me disse que havia conhecido um naturalista em Edimburgo e que tiveram uma conversa muito interessante sobre... diversos assuntos. — O que eu estava me perguntando era onde Stern teria aprendido o verdadeiro nome de Jamie. A maioria das pessoas em Edimburgo o conhecia apenas como “Jamie Roy”, o contrabandista, ou como Alexander Malcolm, o respeitável mestre-impressor do beco Carfax. Certamente o dr. Stern, com seu distinto sotaque alemão, não podia ser o “inglês” de quem Tompkins falara.

— Aranhas — disse Stern prontamente. — Sim, lembro-me perfeitamente. Aranhas e cavernas. Nós nos encontramos em um... um... — Seu rosto empalideceu por um instante. Em seguida, ele tossiu, encobrindo o lapso com habilidade. — Em um, hã, bar. Uma

das... hã... empregadas deparara-se com um grande espécime de *Arachnida* no teto do seu... quer dizer, no teto quando nós estávamos... ah, conversando. Ficando um pouco alarmada em consequência, ela irrompeu no corredor, gritando histericamente. — Stern tomou um grande gole de sangria como um tônico restaurador, evidentemente achando a lembrança estressante. — Eu acabara de capturar o animal e guardá-lo num frasco de exemplares quando o sr. Fraser irrompeu no aposento, apontou uma espécie de arma de fogo para mim e disse... — Neste ponto, Stern desenvolveu um prolongado acesso de tosse, batendo vigorosamente no peito. — Nossa! Não achou este jarro particularmente um pouco forte demais, sra. Fraser? Acho que a mulher colocou fatias de limão demais.

Eu suspeitava que Mamacita teria colocado cianureto, se tivesse algum à mão, mas na realidade a sangria estava excelente.

— Não notei — eu disse, tomando outro pequeno gole. — Mas, por favor, continue. Jamie entrou com uma pistola e disse...?

— Ah. Bem, na verdade, não posso dizer que me lembro precisamente do que ele falou. Parece ter havido uma ligeira comoção, devido à impressão de que a gritaria da jovem tivesse sido causada por algum gesto ou palavra inoportuna de minha parte, e não pelo aracnídeo. Felizmente, pude mostrar-lhe o animal, e a jovem foi induzida a aproximar-se da porta, mas não conseguimos convencê-la a entrar no aposento outra vez e identificar a aranha como a causa de sua aflição.

— Entendo — eu disse. Eu podia visualizar a cena muito bem, a não ser por um detalhe de suprema importância. — Por acaso se lembra do que ele estava vestindo? Jamie?

Lawrence Stern olhou-me espantado.

— Vestindo? Não... Minha impressão é de que ele estava vestido para sair, e não com roupas de dormir ou andar em casa, mas...

— Tudo bem — assegurei-lhe. — Só estava pensando. — Afinal, “vestido” era a palavra-chave. — Então ele se apresentou a você?

Stern franziu a testa, passando a mão pelos espessos cachos

negros.

— Acho que não. Pelo que me lembro, a dona do estabelecimento chamou-o de sr. Fraser; mais tarde, durante a conversa, nós pedimos um lanche e ficamos conversando quase até o raiar do dia, encontrando bastante interesse na companhia um do outro, sabe. Em algum momento, ele me convidou a chamá-lo pelo nome de batismo. — Ele ergueu uma das sobrancelhas com sarcasmo. — Espero que não ache muito abusado por chamá-lo pelo nome, depois de tão pouco tempo.

— Não, não. Claro que não. — Querendo mudar de assunto, continuei. — Você disse que conversaram sobre aranhas e cavernas. Por que cavernas?

— Por causa de Robert Bruce e a história, que seu marido estava inclinado a considerar apócrifa, relativa à sua motivação para continuar na luta pelo trono da Escócia. Aparentemente, Bruce estava escondido em uma caverna, perseguido pelos inimigos, e...

— Sim, conheço a história — interrompi.

— Jamie achava que as aranhas não frequentam cavernas onde o homem habite; uma opinião com a qual eu basicamente concordei, embora salientando que nas cavernas maiores, como as desta ilha...

— Há cavernas aqui? — Surpreendi-me e depois me senti uma tola. — Mas é claro, tem que haver, se há peixes de caverna, como aquele na fonte. Sempre achei que as ilhas do Caribe eram feitas de coral. Não imaginei que houvesse cavernas em coral.

— Bem, é possível, embora não muito provável — disse Stern sensatamente. — Entretanto, a ilha de Hispaniola não é um atol de coral, mas basicamente de origem vulcânica, com o acréscimo de cristais de xisto, depósitos sedimentares de fósseis, antiquíssimos, e depósitos de calcário por toda parte. O calcário é particularmente caracterizado por cavernas em alguns pontos.

— Não diga. — Servi um novo copo do vinho temperado.

— Ah, sim. — Lawrence inclinou-se para pegar a sacola de lona do chão da varanda. Retirando da bolsa um caderno de notas,

arrancou uma folha e amassou-a dentro da mão fechada. — Veja — disse ele, estendendo a mão aberta. O papel começou a desdobrar-se lentamente, deixando uma topografia crivada de rugas e picos enrugados. — Esta ilha é assim. Lembra-se do que o padre Fogden dizia a respeito dos maroons? Os escravos fugitivos que se refugiaram nestas colinas? Não é a falta de perseguição por parte de seus senhores que permite que desapareçam tão facilmente. Há muitas partes desta ilha onde nenhum homem... branco ou negro, ousou dizer... ainda colocou os pés. E nesses montes desconhecidos, há cavernas ainda mais desconhecidas, de cuja existência ninguém sabe, a não ser talvez os nativos deste lugar, e eles já desapareceram há muito tempo, sra. Fraser. Eu vi uma dessas cavernas — acrescentou pensativamente. — Abandawe, é como os maroons a chamam. Consideram-na um lugar muito sinistro e sagrado, embora eu não saiba por quê.

Encorajado pela minha concentrada atenção, tomou outro grande gole de sangria e continuou sua palestra de história natural.

— Aquela pequena ilha — disse ele, indicando com um sinal da cabeça a ilha flutuante visível no mar distante —, aquela é a Ile de la Tortue, ou Tortuga. Aquela é, de fato, um atol de coral, sua laguna há muito tempo formada pela ação dos animálculos de coral. Sabia que já foi um covil de piratas? — perguntou, aparentemente achando que precisava insuflar sua aula com algo de interesse mais geral do que formações calcárias e cristais de xisto.

— Piratas de verdade? Bucaneiros? — Olhei para a pequena ilha com mais interesse. — Isso é bastante romântico.

Stern riu e eu olhei para ele, surpresa.

— Não estou rindo de você, sra. Fraser — assegurou-me. Um sorriso persistiu em seus lábios quando gesticulou para a Ile de la Tortue. — É só que, certa vez, eu tive a oportunidade de conversar com um antigo residente de Kingston com relação aos hábitos dos bucaneiros que em determinada época fizeram seu quartel-general numa vila próxima, chamada Port Royal.

Contraíu os lábios, resolveu falar, resolveu o contrário, depois,

com um olhar de viés para mim, resolveu se arriscar.

— Desculpe-me a indelicadeza, sra. Fraser, mas como é uma mulher casada e pelo que sei está familiarizada com a prática da medicina... — Fez uma pausa e teria parado por aí, mas ele já bebera quase dois terços do jarro de sangria; o rosto largo e simpático estava profundamente ruborizado. — Talvez já tenha ouvido falar das práticas abomináveis de sodomia? — perguntou ele, olhando-me de esquelha.

— Já — eu disse. — Está querendo dizer...

— Asseguro-lhe — disse ele, balançando a cabeça com ar professoral. — Meu informante foi muito eloquente sobre os hábitos dos bucaneiros. Sodomitas, entre homens — afirmou, sacudindo a cabeça.

— O quê?

— Era de conhecimento público. Meu informante disse-me que, quando Port Royal foi tragada pelo mar, há uns sessenta anos, foi amplamente aceito que tratara-se de um ato de vingança divina sobre esses depravados, por causa de seus hábitos vis e aberrantes.

— Nossa! — eu disse. Eu imaginava o que a voluptuosa Tessa de *O pirata impetuoso* teria pensado disso.

Ele balançava a cabeça, solene como uma coruja.

— Dizem que se pode ouvir os sinos das igrejas afundadas de Port Royal quando uma tempestade se aproxima, tocando pelas almas dos piratas amaldiçoados.

Pensei em perguntar mais sobre a exata natureza dos hábitos vis e aberrantes, porém neste ponto do processo, Mamacita entrou pisando com força na varanda, disse laconicamente “Comida” e desapareceu outra vez.

— Imagino em que caverna o padre Fogden encontrou essa aí — eu disse, empurrando minha cadeira para trás.

Stern fitou-me, surpreso.

— Encontrou-a? Ah, mas eu me esqueci — disse ele, o rosto se desanuviando —, você não sabe. — Espreitou pela porta aberta

onde a mulher desaparecera, mas o interior da casa estava silencioso e escuro como uma caverna.

— Ele a encontrou em Havana — disse ele, e contou-me o resto da história.

O padre Fogden era um sacerdote havia dez anos, um missionário da ordem de santo Anselmo, quando veio para Cuba havia quinze anos. Devotado às necessidades dos pobres, ele trabalhou nas favelas e bordéis de Havana por vários anos, sem pensar em nada mais do que aliviar o sofrimento e amar a Deus... até o dia em que conheceu Ermenegilda Ruiz Alcântara y Meroz no mercado.

— Acho que nem ele mesmo sabe, até hoje, como aconteceu — disse Stern. Ele limpou uma gota de vinho que escorrera pelo lado do copo e bebeu outra vez. — Talvez ela não soubesse também, ou talvez ela tivesse planejado tudo no instante em que o viu.

De qualquer modo, seis meses depois a cidade de Havana ficou escandalizada com a notícia de que a jovem esposa de dom Armando Alcântara fugira... com um padre.

— E sua mãe — disse à meia-voz, mas ele me ouviu e sorriu ligeiramente.

— Ermenegilda jamais deixaria Mamacita para trás — disse ele. — Nem seu cachorro Ludo.

Eles jamais teriam conseguido escapar — pois o alcance de dom Armando era longo e poderoso — se não fosse pelo fato de que o inglês convenientemente escolheu o momento oportuno para sua fuga no dia da invasão de Cuba. Dom Armando, é claro, tinha coisas muito mais importantes com que se preocupar do que com o paradeiro de sua jovem mulher desertora.

Os fugitivos foram a cavalo para Bayamo — muito atrapalhados pelos vestidos de Ermenegilda, dos quais ela se recusava a se separar — e lá alugaram um barco de pesca, que os trouxe para a segurança de Hispaniola.

— Ela morreu dois anos depois — disse Stern abruptamente. Colocou o copo sobre a mesa e encheu-o outra vez com a bebida



da jarra suada. — Ele mesmo a enterrou, sob a buganvília.

— E aqui ficaram para sempre — eu disse. — O padre, Ludo e Mamacita.

— Ah, sim. — Stern cerrou os olhos, o perfil escuro contra o sol poente. — Ermenegilda não deixaria Mamacita, e Mamacita jamais deixaria Ermenegilda.

Ele esvaziou o resto de seu copo.

— Ninguém vem aqui — disse ele. — Os habitantes da vila não colocam o pé na colina. Têm medo do fantasma de Ermenegilda. Uma pecadora amaldiçoada, enterrada por um padre condenado em solo não sagrado. É claro que ela não pode descansar em paz.

Senti a brisa marinha fria em minha nuca. Atrás de nós, até as galinhas no pátio haviam se calado com a chegada do crepúsculo. A Hacienda de la Fuente permanecia em silêncio.

— Você vem — eu disse, e ele sorriu. O aroma de laranjas ergueu-se do copo vazio em minha mão, adocicado como o perfume de flores de laranjeira.

— Ah, bem — disse ele. — Sou um cientista. Não acredito em fantasmas. — Estendeu a mão para mim, um pouco instável. — Vamos jantar, sra. Fraser?

Após o desjejum na manhã seguinte, Stern estava pronto para partir em direção a St. Luis du Nord. Antes de ir embora, entretanto, eu tinha uma ou duas perguntas sobre o navio que o padre mencionara; se fosse o *Porpoise*, eu queria ficar longe dele.

— Que tipo de navio era? — perguntei, servindo uma xícara de leite de cabra para acompanhar a banana-da-terra frita.

O padre Fogden, aparentemente pouco afetado pelos excessos do dia anterior, acariciava o seu coco, cantarolando sonhadoramente consigo mesmo.

— Hã? — disse ele, arrancado de seus devaneios pelas cutucadas de Stern em suas costelas.

Repeti pacientemente a pergunta.

— Ah. — Ele estreitou os olhos, como se mergulhasse em

pensamentos profundos, depois seu rosto relaxou. — Um navio de madeira.

Lawrence abaixou o rosto largo sobre seu prato, ocultando um sorriso. Respirei fundo e tentei outra vez.

— Os marinheiros que mataram Arabella... você os viu?

Suas sobranceiras estreitas ergueram-se.

— Bem, é claro que eu os vi. De que outra forma eu poderia saber o que fizeram?

Agarrei-me àquela evidência de pensamento lógico.

— Sem dúvida. E viu o que usavam? Quero dizer — eu o vi abrir a boca para responder “roupas” e apressadamente me antecipei a ele —, pareciam usar algum tipo de uniforme? — A tripulação do *Porpoise* normalmente usava roupas de marinheiro quando não estava realizando nenhuma cerimônia, mas mesmo essas roupas rústicas tinham a aparência de um uniforme, sendo quase inteiramente de um branco sujo e semelhantes no feitio.

O padre Fogden colocou sua xícara na mesa, deixando um bigode de leite sobre o lábio superior. Limpou-o com as costas da mão, franzindo o cenho e sacudindo a cabeça.

— Não, acho que não. Tudo que me lembro deles, porém, é que o líder usava um gancho. Não tinha uma das mãos, quero dizer. — Sacudiu os próprios dedos, longos e finos, para mim a título de ilustração.

Larguei minha xícara, que explodiu sobre a mesa. Stern pôs-se de pé com uma exclamação, mas o padre continuou imóvel, observando com surpresa um filete branco atravessar a mesa e cair em seu colo.

— Por que você fez isso? — perguntou ele, com ar de reprovação.

— Sinto muito — eu disse. Minhas mãos tremiam tanto que eu nem conseguia recolher os cacos da xícara quebrada. Tive medo de fazer a pergunta seguinte. — Padre... o navio foi embora?

— Ora, não — disse ele, erguendo os olhos com surpresa de seu roupão molhado de leite. — Como poderia? Está encalhado na

praia.

O padre Fogden seguiu à nossa frente, as canelas finas brancas como leite quando ele encurtou sua batina da Igreja Anglicana até a altura das coxas. Fui obrigada a fazer o mesmo, porque a encosta do morro acima da casa estava tomada pelo mato e arbustos espinhosos que se agarravam à lã rústica do meu roupão emprestado.

A colina era cruzada de caminhos de ovelhas, mas eles eram estreitos e quase indistintos, perdiam-se sob as árvores e desapareciam bruscamente no mato denso. No entanto, o padre parecia confiante quanto ao seu destino e corria lepidamente pelo meio da vegetação, sem nunca olhar para trás.

Eu respirava com dificuldade quando chegamos ao topo da colina, embora Lawrence Stern tivesse galantemente me ajudado, afastando os galhos do meu caminho e segurando meu braço para me puxar nos trechos mais íngremes.

— Acha que existe mesmo um navio? — perguntei-lhe, em voz baixa, quando nos aproximávamos do cimo do morro. Considerando-se o comportamento do nosso anfitrião até então, eu não tinha tanta certeza que ele não tivesse imaginado tudo, apenas para ser sociável.

Stern encolheu os ombros, enxugando um filete de suor que escorria pelo rosto bronzeado.

— Imagino que exista alguma coisa lá — respondeu ele. — Afinal, há uma ovelha morta.

Uma náusea repentina me atingiu à lembrança da falecida Arabella. Alguém havia realmente matado a ovelha e eu caminhei o mais silenciosamente possível quando nos aproximávamos do topo do monte. Não poderia ser o *Porpoise*; nenhum dos oficiais ou dos marinheiros tinha um gancho. Tentei dizer a mim mesma que provavelmente também não era o *Artemis*, mas meu coração batia cada vez com mais força quando chegamos a uma plataforma de agaves gigantes no cume do monte.

Eu podia ver o mar do Caribe brilhando, azul, e uma faixa estreita de areia branca através das folhas suculentas. O padre Fogden parara, acenando para que nos aproximássemos.

— Lá estão eles, as criaturas malignas — murmurou ele. Seus olhos azuis faiscaram de fúria e seus cabelos ralos eriçaram-se, como um porco-espinho mordido por um inseto. — Carniceiros! — disse à meia-voz, mas com veemência, como se falasse consigo mesmo. — Canibais!

Lancei-lhe um olhar perplexo, mas Lawrence Stern agarrou meu braço, arrastando-me para uma abertura maior entre duas árvores.

— Veja! Há realmente um navio — disse ele.

Havia. Estava encalhado na praia, adernado, com os mastros ainda posicionados, pilhas desarrumadas de carga. Velas, cordames e barris de água espalhados por todo lado. Os homens rastejavam por cima da carcaça como formigas. Gritos e golpes de martelos soavam como tiros de canhão e o cheiro de piche quente enchia o ar. A carga não descarregada brilhava foscamente ao sol; cobre e latão, ligeiramente embaçados pelo ar salgado. Peles curtidas de animais haviam sido estendidas na areia, manchas duras e marrons secando ao sol.

— São eles! É o *Artemis*! — A dúvida foi sanada pelo surgimento próximo ao casco de uma figura atarracada, de uma só perna, a cabeça protegida do sol por um lenço berrante de seda amarela. — Murphy! — gritei. — Fergus! Jamie! — Libertei-me da mão de Stern e corri pela encosta abaixo, sem considerar seu grito de cautela, na agitação de ver o *Artemis*.

Murphy girou nos calcanhares diante do meu grito, mas não conseguiu sair do meu caminho. Levada pelo impulso e correndo como um cavalo desembestado, colidi direto com ele, estatelando-o no chão.

— Murphy! — disse, e beijei-o, tomada pela alegria do momento.

— Ei! — exclamou ele, chocado. Contorceu-se freneticamente, tentando sair de baixo de mim.

— Milady! — Fergus apareceu ao meu lado, desalinhado e

elétrico, o belo sorriso ofuscante no rosto queimado de sol. — Milady! — Ajudou-me a sair de cima do gemente Murphy, depois me agarrou num abraço capaz de quebrar costelas. Marsali apareceu atrás dele, um largo sorriso no rosto. — *Merci aux les saints!* — disse ele em meu ouvido. — Temia que jamais voltássemos a vê-la! — Beijou-me calorosamente, nas duas faces e na boca, depois finalmente soltou-me.

Olhei para o *Artemis*, de lado na praia como um besouro encalhado.

— Pelo amor de Deus, o que aconteceu?

Fergus e Marsali entreolharam-se. Era o tipo de olhar em que perguntas são feitas e respondidas, e fiquei surpresa de ver a profunda intimidade que havia entre eles. Fergus respirou fundo e virou-se para mim.

— O capitão Raines morreu — disse ele.

A tempestade que se abatera sobre mim durante a noite que passara no manguezal também atingira o *Artemis*. Desviado para longe de sua rota pelo vendaval, fora lançado sobre um recife, rasgando um grande buraco no fundo do casco.

Ainda assim, ele continuara a flutuar. Com o porão de popa enchendo-se rapidamente, o navio se arrastara na direção da pequena enseada que se abria bem próxima, oferecendo abrigo.

— Estávamos a menos de trezentos metros da praia quando o acidente aconteceu — disse Fergus, o rosto tenso com a lembrança. O navio inclinou-se subitamente, quando o conteúdo do porão de popa se movimentou e começou a flutuar. Exatamente nesse instante, um vagalhão, vindo do mar, chocou-se contra o navio inclinado e a enxurrada que varreu o tombadilho superior arrastou o capitão Raines e quatro marinheiros com ela.

— A praia estava tão perto! — disse Marsali, o rosto contorcido de angústia. — Dez minutos depois estávamos em terra firme! Se ao menos...

Fergus interrompeu-a, colocando a mão em seu braço.

— Não podemos questionar os desígnios de Deus — disse ele.

— Teria acontecido a mesma coisa se estivéssemos a mil milhas no mar, exceto que não poderíamos ter lhes dado um enterro decente.

— Indicou a outra ponta da praia com um sinal da cabeça, junto à selva, onde cinco montículos, encimados por toscas cruzeiros de madeira, assinalavam o derradeiro local de descanso dos afogados.

— Eu tinha um pouco de água benta que papai me trouxe da Notre Dame de Paris — disse Marsali. Seus lábios estavam rachados e ela os umedeceu com a língua. — Numa garrafinha. Rezei uma prece e aspergi a água benta sobre as sepulturas. Acha que eles teriam gostado?

Percebi o tremor em sua voz e compreendi que apesar de todo o seu autocontrole, os últimos dois dias haviam sido uma aterrorizante experiência para a jovem. Seu rosto estava sujo, os cabelos despencados e o olhar penetrante havia sumido de seus olhos, suavizados pelas lágrimas.

— Tenho certeza que sim — eu disse gentilmente, batendo de leve em seu braço. Olhei os rostos ao redor, à procura da altura e da cabeça flamejante de Jamie, mesmo começando a perceber que ele não estava lá. — Onde está Jamie? — eu disse. Meu rosto estava afogueado da corrida pela colina abaixo. Comecei a sentir o sangue fugir do meu rosto, enquanto uma corrente de medo subia em minhas veias.

Fergus olhava-me fixamente, o rosto magro espelhando o meu.

— Ele não está com você? — perguntou ele.

— Não. Como poderia estar? — O sol era ofuscante, mas senti a minha pele fria. Eu podia sentir o calor tremular acima de mim, mas de nada adiantava. Meus lábios estavam tão frios que eu mal consegui formular a pergunta.

— Onde ele está?

Fergus sacudiu a cabeça devagar de um lado para o outro, como um boi aturdido, atingido pelo golpe mortal no abatedouro.

— Não sei.

**51**

QUANDO JAMIE FAREJA UM RATO

Jamie Fraser estava deitado nas sombras, sob o escaler do *Porpoise*, o peito arfando com o esforço. Subir a bordo do navio de guerra sem ser visto não fora uma tarefa fácil; o lado direito do seu corpo estava contundido por ter sido jogado contra o lado do navio enquanto se dependurava nas redes de carregamento, lutando para se erguer até a balaustrada. Seus braços pareciam ter sido arrancados de suas juntas e havia uma enorme farpa em sua mão. Mas ele estava ali, até agora despercebido.

Mordeu delicadamente a palma da mão, procurando a ponta da farpa com os dentes, enquanto tentava se localizar. Russo e Stone, os marinheiros do *Artemis* que haviam servido a bordo de um navio de guerra, passaram horas descrevendo para ele a estrutura de um navio de grande porte, os compartimentos e conveses, e a localização provável das dependências do cirurgião. Mas ouvir uma descrição e ser capaz de se orientar pelo navio eram duas situações diferentes. Ao menos, o miserável balançava menos do que o *Artemis*, embora ele ainda pudesse sentir o nauseante movimento do convés sob ele.

Conseguiu soltar a ponta da farpa; segurando-a entre os dentes, puxou-a devagar e cuspiu-a no convés. Chupou o pequeno ferimento, sentindo gosto de sangue, e deslizou cautelosamente para fora do seu esconderijo sob o escaler, os ouvidos atentos a qualquer aproximação de passos.

O convés era embaixo deste, pela escada à frente. O alojamento dos oficiais seria lá e, com sorte, a cabine do cirurgião também. Não que fosse provável que ela estivesse em sua cabine; ela não. Ela se importara o suficiente para vir cuidar dos enfermos — ela estaria com eles.

Ele esperara até escurecer para que Robbie MacRae o levasse



no barco a remo. Raines dissera-lhe que o *Porpoise* provavelmente içaria âncora na maré do começo da noite, daqui a duas horas. Se pudesse encontrar Claire e fugir pela amurada antes disso — poderia nadar com ela facilmente até a praia — o *Artemis* estaria à sua espera, escondido numa pequena enseada do outro lado da ilha Caicos. Se não pudesse — bem, lidaria com isso quando acontecesse.

Tendo acabado de deixar o mundo pequeno e acanhado do *Artemis*, os conveses inferiores do *Porpoise* pareciam enormes; um bairro superpovoado, imerso em sombras. Permaneceu imóvel, as narinas alargadas quando ele deliberadamente inspirou o ar fétido para os pulmões. Havia todos os odores asquerosos associados a um navio ao mar há muito tempo, superpostos com o leve e flutuante fedor de fezes e vômito.

Virou para a esquerda e começou a caminhar silenciosamente, o longo nariz contorcendo-se. Onde o cheiro de doença fosse mais forte, era lá que iria encontrá-la.

Quatro horas mais tarde, com crescente desespero, avançou para a popa pela terceira vez. Havia percorrido o navio inteiro — mantendo-se fora do alcance de vista com grande dificuldade — e Claire não estava em lugar nenhum.

— Maldita mulher! — disse ele baixinho. — Onde você se meteu, desgraçada encrenqueira?

Um pequeno verme do medo corroeu a base de seu coração. Ela dissera que sua vacina a protegeria da doença, mas e se estivesse errada? Ele podia ver que a tripulação do navio de guerra havia sido muito reduzida pela doença fatal — mergulhada nisso até o pescoço, os germes deviam tê-la atacado também, com ou sem vacina.

Ele pensava nos germes como pequeninos seres cegos, mais ou menos do tamanho de larvas, mas equipados com ferozes dentes afiados, como minúsculos tubarões. Também podia, muito facilmente, imaginar um enxame dessas criaturas devorando-a,

matando-a, exaurindo a vida de sua carne. Fora exatamente essa visão que o fizera perseguir o *Porpoise* — isso e um ódio assassino do inglês miserável que tivera a absurda insolência de roubar sua mulher debaixo do seu próprio nariz, com uma vaga promessa de devolvê-la, depois de a usarem.

Deixá-la com os Sassenachs, desprotegida?

— Nem pensar — murmurou ele baixinho, agachando-se para entrar num escuro espaço de carga. Ela não estaria em tal lugar, é claro, mas ele tinha que parar por um instante e pensar no que fazer. Seria esta a bancada dos cabos, a entrada de carga da popa, a maldita não sei quê da proa? Deus, ele odiava barcos!

Inspirou fundo e parou, surpreso. Havia animais ali; cabras. Podia sentir seu cheiro com nitidez. Também havia uma luz, turva, quase invisível, ao redor da borda de um anteparo, e o murmúrio de vozes. Uma delas seria uma voz de mulher?

Avançou cautelosamente, ouvindo. Havia passos no convés acima, umas batidas leves seguidas de um baque surdo que ele reconheceu; corpos descendo e saltando do cordame. Teria alguém lá em cima o avistado? Bem, e se tivesse? Não era crime, até onde sabia, que um homem procurasse sua mulher.

O *Porpoise* estava a todo o pano; ele sentira a vibração das velas, atravessando a madeira até a quilha, conforme o navio recebia o vento. Já haviam perdido o encontro com o *Artemis* há muito tempo.

Assim sendo, provavelmente não havia nada a perder em aparecer corajosamente diante do capitão e exigir ver Claire. Mas talvez ela estivesse ali — era definitivamente uma voz feminina.

Era uma figura feminina também, a silhueta recortada contra a luz do lampião, mas a mulher não era Claire. Seu coração saltou convulsivamente ao ver o reflexo da luz em seus cabelos, mas logo esmoreceu ao ver a figura corpulenta da mulher junto ao cercado das cabras. Havia um homem com ela; enquanto Jamie observava, o homem inclinou-se e pegou uma cesta. Virou-se e começou a caminhar na direção de Jamie.

Ele saiu para o corredor estreito entre os anteparos, bloqueando o caminho do marinheiro.

— Ei, o que pretende... — começou a dizer o homem e, depois, erguendo os olhos para o rosto de Jamie, parou, prendendo a respiração. Um dos olhos estava fixo nele num horrorizado reconhecimento; o outro era apenas uma intumescência branco-azulada sob a pálpebra atrofiada. — Que Deus nos ajude! — disse o marinheiro. — O que você está fazendo aqui? — O rosto do marinheiro brilhava, pálido e amarelado na luz turva.

— Então você me conhece? — O coração de Jamie batia com força contra suas costelas, mas manteve a voz baixa e controlada. — Não tenho a honra de saber seu nome, eu acho.

— Eu prefiro deixar esta circunstância em particular inalterada, senhor, se não se opõe. — O marinheiro caolho começou a recuar, mas foi impedido quando Jamie agarrou seu braço, com força suficiente para extrair um pequeno grito.

— Não tão rápido, por favor. Onde está a sra. Malcolm, a médica?

Seria difícil o marinheiro parecer mais assustado, mas diante dessa pergunta, ele conseguiu.

— Não sei! — disse ele.

— Sabe, sim — disse Jamie incisivamente. — E vai me dizer agora mesmo ou quebrarei seu pescoço.

— Bem, não vou poder lhe contar nada se quebrar meu pescoço, não é? — ressaltou o marinheiro, começando a recuperar a coragem. Ergueu o queixo desafiadoramente por cima de seu cesto de excremento. — Agora, solte-me ou chamarei... — O resto da frase perdeu-se num ganido quando a mão avantajada de Jamie fechou-se em seu pescoço e começou a apertá-lo inexoravelmente. O cesto caiu no convés e bolas de excremento de cabras dispersaram-se como metralha. — Aaah! — As pernas de Harry Tompkins debatiam-se freneticamente, espalhando bosta de cabra em todas as direções. Seu rosto ficou roxo como uma beterraba enquanto ele tentava em vão arranhar os braços de Jamie.

Avaliando as consequências clinicamente, Jamie soltou o sujeito quando seus olhos começaram a se esbugalhar. Ele limpou as mãos nas calças, não gostou da sensação pegajosa do suor do sujeito na palma de sua mão.

Tompkins ficou esparramado no assoalho do convés, respirando fracamente com um chiado.

— Tem toda a razão — disse Jamie. — Por outro lado, se eu quebrar seu braço, imagino que ainda estará em condições de falar comigo, não é? — Inclinou-se, agarrou o homem pelo braço magro e puxou-o, colocando-o de pé e torcendo seu braço bruscamente para as costas.

— Eu vou contar, eu vou contar! — O marinheiro contorcia-se freneticamente, em pânico. — Desgraçado, você é tão cruel quanto ela era!

— Era? O que quer dizer com “era”? — Jamie sentiu o coração apertar no peito e deu um safanão no braço, com mais brutalidade do que pretendia. Tompkins soltou um grito agudo de dor e Jamie aliviou ligeiramente a pressão.

— Solte-me! Eu vou contar, mas pelo amor de Deus, solte-me! — Jamie relaxou o aperto de sua mão, mas não o soltou.

— Diga-me onde está minha mulher! — disse ele, num tom que já havia feito homens mais fortes do que Harry Tompkins apressarem-se a obedecer.

— Ela sumiu! — falou o homem abruptamente. — Perdeu-se no mar!

— O quê? — Ele ficou tão atordoado que soltou o braço do marinheiro. No mar. Perdida no mar. Desaparecida. — Quando? — perguntou. — Como? Droga, conte-me o que aconteceu! — Avançou para o marinheiro, os punhos cerrados.

Tompkins estava recuando, esfregando o braço e arfando, um olhar furtivo de satisfação no único olho.

— Não se preocupe, senhor — disse ele, com um tom estranho, zombeteiro, na voz. — Não vai ficar solitário por muito tempo. Vai se juntar a ela no inferno dentro de poucos dias... balançando do lais

da verga no porto de Kingston!

Tarde demais, Jamie ouviu um passo nas tábuas atrás dele. Não teve tempo nem para virar a cabeça antes de ser golpeado.

Ele já fora atingido na cabeça com bastante frequência para saber que o mais sensato era permanecer deitado até que a vertigem e as luzes que pulsavam atrás de suas pálpebras a cada batida do coração passassem. O ato de sentar-se cedo demais e a dor o fariam vomitar.

O convés subia e descia, subia e descia sob ele, no horrível modo próprio dos navios. Manteve os olhos bem fechados, concentrando-se na dor excruciante na base de seu crânio a fim de não pensar em seu estômago.

Navio. Ele devia estar em um navio. Sim, mas a superfície sob sua face estava errada — madeira dura, não os lençóis de seu beliche. E o cheiro, o cheiro estava errado, era...

Sentou-se ereto com um salto, a memória explodindo com uma nitidez que tornou a dor na cabeça insignificante em comparação. A escuridão se movia de forma nauseante ao seu redor, com luzes coloridas tremeluzindo, e sentiu uma ânsia de vômito. Fechou os olhos e engoliu com força, tentando recuperar sua consciência estilhaçada a respeito do único pensamento assustador que perfurara seu cérebro como um espeto num pedaço de carne de carneiro.

*Claire. Perdida. Afogada. Morta.*

Inclinou-se para o lado e vomitou. Engasgava-se e tossia, como se seu corpo tentasse com todas as forças expelir o pensamento. Não funcionou; quando finalmente parou, apoiando-se, exausto, contra o anteparo, a sensação continuava. Até respirar lhe doía e ele cerrou os punhos sobre as coxas, tremendo.

Ouviu-se o barulho de uma porta se abrindo e uma luz intensa atingiu seus olhos com a força de um soco. Contraiu-se, fechando os olhos contra a claridade do lampião.

— Sr. Fraser — disse uma voz suave, bem-educada. — Eu...

realmente, eu sinto muito. Gostaria que soubesse disso, ao menos.

Através de uma fenda da pálpebra, ele viu o rosto tenso e transtornado do jovem Leonard — o homem que havia sequestrado Claire. O homem parecia arrependido. Arrependimento! Arrependimento por tê-la matado.

A fúria o pôs de pé apesar da fraqueza e o arremessou para a frente pelo convés inclinado em menos de um segundo. Ouviu-se um grito quando ele atingiu Leonard e o empurrou de costas para o corredor, seguido de um bom e suculento baque quando a cabeça do miserável atingiu as tábuas do assoalho. Pessoas gritavam e as sombras saltavam loucamente ao seu redor conforme os lampiões oscilavam, mas ele não prestou nenhuma atenção.

Deu um soco fulminante no queixo de Leonard, outro em seu nariz. A fraqueza não importava. Gastaria todas as suas forças e morreria, mas agora ele queria surrar e aleijar, sentir os ossos se quebrarem e o sangue quente e pegajoso em seus punhos. Abençoado são Miguel Arcanjo, que ele pudesse vingá-la primeiro!

Sentiu mãos sobre ele, agarrando e puxando, mas não importava. Não o matariam agora, pensou indistintamente, e isso não importava, tampouco. O corpo sob ele debatia-se e contorcia-se entre suas pernas, depois ficou imóvel.

Quando o próximo golpe veio, ele se deixou levar de bom grado para a escuridão.

O toque leve de dedos em seu rosto acordou-o. Levou o braço sonolentemente para segurar a mão e tocou...

— Aaaah!

Com uma repulsa instantânea, ele já estava de pé, arranhando o rosto. A enorme aranha, quase tão assustada quanto ele, partiu em direção aos arbustos a toda a velocidade, as longas pernas cabeludas não mais do que uma mancha negra indistinta.

Houve uma explosão de risadinhas atrás dele. Virou-se, o coração batendo como um tambor, e deparou-se com seis crianças, empoleiradas nos galhos de uma enorme árvore verde, todas rindo

para ele com dentes manchados de tabaco.

Ele fez uma medida para elas, sentindo-se tonto e com as pernas fracas, o susto que o fizera se levantar agora fenecendo em seu sangue.

— Mesdemoiselles, messieurs — disse ele, a voz rouca, e nos recessos adormecidos de seu cérebro perguntou-se o que o fizera falar em francês. Teria ouvido parcialmente a conversa entre elas, enquanto dormia?

Eram de fato francesas, pois responderam nessa língua, fortemente temperada com uma espécie de sotaque crioulo gutural que ele nunca ouvira antes.

— *Vous êtes matelot?* — perguntou o menino maior, olhando-o com interesse.

Seus joelhos cederam e ele sentou-se no chão, tão bruscamente que fez as crianças rirem outra vez.

— *Non* — respondeu ele, esforçando-se para fazer sua língua trabalhar. — *Je suis guerrier*. — Sua boca estava seca e sua cabeça doía diabolicamente. Vagas lembranças nadavam aleatoriamente no mingau que enchia sua cabeça, fracas demais para ele apreendê-las.

— Um soldado! — exclamou uma das crianças menores. Seus olhos eram redondos e escuros como o fruto do abrunheiro. — Onde estão sua espada e pistola, hein?

— Não seja tolo — disse-lhe uma menina mais velha arrogantemente. — Como ele poderia nadar com uma pistola? Ficaria estragada. Você não entende nada mesmo, cabeça de bagre?

— Não me chame assim! — gritou o menino menor, o rosto contorcido de raiva. — Cara de fuinha!

— Titica de galinha!

— Miolo mole!

As crianças pulavam de um galho para o outro como macacos, gritando e perseguindo uns aos outros. Jamie esfregou o rosto com força, tentando pensar.

— Mademoiselle! — Acenou para a menina mais velha, chamando-a. Ela hesitou por um momento, depois se deixou cair de seu galho como uma fruta madura, aterrissando no solo à sua frente numa nuvem de poeira amarela. Estava descalça, usava apenas um vestido largo de musselina rústica e um lenço colorido nos cabelos cacheados e escuros.

— Monsieur?

— Parece uma mulher de certo conhecimento, mademoiselle — disse ele. — Diga-me, por favor, qual o nome deste lugar?

— Cap-Haïtien — respondeu ela prontamente. Olhou-o com grande curiosidade. — Você fala engraçado — disse ela.

— Estou com sede. Tem água aqui por perto? — Cap-Haïtien. Então ele estava na ilha de Hispaniola. Lentamente, sua mente começava a funcionar outra vez; tinha a vaga lembrança de um terrível esforço, de nadar como uma questão de vida ou morte num caldeirão espumante de ondas enormes, e a chuva batendo em seu rosto com tanta força que fazia pouca diferença se sua cabeça estava acima ou abaixo da superfície. E o que mais?

— Por aqui, por aqui! — As outras crianças haviam saído da árvore e uma garotinha puxava-o pela mão, encorajando-o a segui-la.

Ele ajoelhou-se junto ao riacho, jogando água sobre a cabeça, bebendo avidamente o líquido limpo e fresco, enquanto as crianças corriam alegremente pelas rochas, jogando lama umas nas outras.

Agora se lembrava — o homem de cara de rato, o rosto surpreso do jovem Leonard, a raiva colérica e a gratificante sensação de carne esmagada contra osso em seu punho.

E Claire. A lembrança retornou repentinamente, com uma sensação de emoções confusas — perda e terror, sucedidos de alívio. O que acontecera? Ele parou o que estava fazendo, sem ouvir as perguntas que as crianças lhe lançavam.

— Você é um desertor? — perguntou um dos meninos outra vez. — Já esteve numa luta? — Os olhos do garoto pousaram com curiosidade em suas mãos. Os nós de seus dedos estavam



cortados e inchados, e suas mãos doíam; o dedo anelar parecia ter quebrado outra vez.

— Sim — disse ele distraidamente, a mente ocupada. Tudo estava voltando; o lugar confinado, escuro e asfíxiante onde o deixaram desacordado, e o terrível despertar com o pensamento de que Claire estava morta. Ficara ali encolhido nas tábuas nuas, abalado demais com a dor da perda para notar no começo o balanço cada vez mais intenso do navio ou os gemidos agudos do cordame, suficientemente altos para filtrar até a sua masmorra.

Entretanto, após algum tempo, o movimento e o barulho tornaram-se intensos demais, capazes de penetrar até mesmo a nuvem de dor que o envolvia. Ouvira os sons de uma tempestade iminente e os gritos e correrias no convés superior. Depois, ficou ocupado demais para pensar em qualquer coisa.

Não havia nada no pequeno espaço em que estava, nada em que se agarrar. Fora jogado de uma parede à outra como ervilha seca num chocalho de bebê, sem saber distinguir onde era em cima e onde era embaixo, onde era a direita ou a esquerda, na escuridão agitada, mas também sem se importar muito, conforme as ondas de náusea rolavam pelo seu corpo. Na hora, não pensara em nada a não ser na morte, e com fervorosa expectativa.

Na verdade, estava quase inconsciente quando a porta de sua prisão abriu-se e um forte cheiro de cabra assaltou suas narinas. Não fazia a menor ideia de como a mulher o levara pela escada ao convés de ré, ou por quê. Tinha apenas uma lembrança confusa da mulher tagarelando num inglês claudicante conforme o puxava, tentando ampará-lo, enquanto ele tropeçava e escorregava no convés molhado da chuva.

Lembrava-se de suas últimas palavras, enquanto ela o empurrava na direção do inclinado balaústre da popa.

— Ela não está morta — disse a mulher. — Ela ir lá — apontando para o mar revolto —, você ir também. Encontra ela! — Então ela se inclinara, colocara a mão em sua virilha e um ombro vigoroso em seu traseiro, içou-o acima do corrimão e atirou-o nas

águas tempestuosas.

— Você não é inglês — dizia o garoto. — Mas é um navio inglês, não é?

Ele virou-se automaticamente, para olhar na direção em que o menino apontava, e viu o *Porpoise*, oscilando, ancorado, ao largo da baía rasa. Outros navios espalhavam-se por todo o porto, todos claramente visíveis da posição favorável onde estava, numa colina fora da cidade.

— Sim — disse ele ao garoto. — Um navio inglês.

— Um pra mim! — exclamou o menino alegremente. Virou-se para gritar para outro garoto. — Jacques! Eu estava certo! Inglês! São quatro pra mim e só dois para você este mês!

— Três! — corrigiu Jacques, indignado. — Eu tenho espanhol e português. *Bruja* era português, então posso contá-lo também!

Jamie segurou o menino pelo braço.

— *Pardon*, monsieur — disse ele. — Seu amigo disse *Bruja*?

— Sim, ele entrou no porto semana passada — respondeu o menino. — Mas *Bruja* é um nome português? Não sabíamos se contávamos como espanhol ou português.

— Alguns dos marinheiros estavam na taverna de minha *maman* — disse uma das meninas. — Pareciam estar falando espanhol, mas não era como tio Geraldo fala.

— Acho que gostaria de falar com sua *maman*, *chérie* — disse ele à menina. — Algum de vocês por acaso sabe para onde o *Bruja* se dirigia quando partiu?

— Bridgetown — respondeu a mais velha prontamente, tentando recuperar sua atenção. — Ouvi o funcionário na guarnição militar dizer que iam para lá.

— Guarnição militar?

— Os alojamentos ficam ao lado da taverna de minha *maman* — disse a mais nova, puxando-o pela manga. — Todos os capitães de navio vão lá com seus documentos, enquanto os marinheiros se embebedam. Venha, venha! *Maman* vai lhe dar comida se você pedir.

— Acho que sua *maman* vai me atirar pela porta fora — disse ele, esfregando a mão na barba crescida. — Estou parecendo um vagabundo. — E estava. Havia manchas de sangue e vômito em suas roupas, apesar de ter nadado, e sabia pela sensibilidade de seu rosto que estava contundido e esfolado.

— *Maman* já viu gente muito pior do que você — garantiu a menina. — Vamos!

Ele sorriu e agradeceu-lhe, deixando que ela o conduzisse pela descida da colina, um pouco cambaleante, enquanto suas pernas não readquiriam a estabilidade da terra firme. Achou estranho, mas de certa forma reconfortante, que as crianças não tivessem medo dele, apesar da aparência terrível que sem dúvida ostentava.

Era isso o que a mulher das cabras quisera dizer? Que Claire nadara para a praia nesta ilha? Sentiu uma onda de esperança tão revigorante para seu coração quanto a água fora para sua garganta seca. Claire era teimosa, afobada e tinha muito mais coragem do que era desejável para a segurança de uma mulher, mas não era absolutamente nenhuma tola para cair de um navio de guerra por acidente.

E o *Bruja* — e Ian — estavam por perto! Então, iria encontrar ambos. O fato de estar descalço, sem nenhum tostão e ser um fugitivo da Marinha Real não parecia importante. Podia contar com sua inteligência e suas mãos. Além disso, com terra firme sob seus pés, tudo parecia possível.

**52**

UM CASAMENTO É REALIZADO

Não havia nada a ser feito, senão consertar o *Artemis* o mais rápido possível e zarpar para a Jamaica. Fiz o melhor possível para afastar do pensamento meus temores por Jamie, porém mal comi nos dois dias seguintes, meu apetite obstruído por uma enorme bola de gelo que se instalara no meu estômago.

Para me distrair, levei Marsali até a casa na colina, onde ela conseguiu atrair a atenção do padre Fogden ao recordar — e preparar para ele — uma receita escocesa para banhar ovelhas que ela garantiu destruir os carrapatos.

Stern prestativamente deu sua contribuição aos trabalhos de recuperação do navio, delegando-me a guarda de sua sacola de espécimes e me incumbindo de recolher na selva próxima qualquer espécime curioso de *Arachnida* que se apresentasse enquanto eu procurava minhas plantas medicinais. Pensei comigo mesma que eu preferia encontrar qualquer um dos espécimes maiores de *Arachnida* com um bom e forte par de botas a encontrá-los com minhas mãos nuas. Ainda assim, aceitei a incumbência, espreitando dentro dos receptáculos cheios de água das bromélias em busca das aranhas e rãs de cores brilhantes que habitavam esses minúsculos mundos.

Retornei de uma dessas expedições na tarde do terceiro dia com várias raízes grandes de lótus, alguns cogumelos de uma cor laranja vívida e um musgo de um tipo peculiar, junto com uma tarântula viva — cuidadosamente presa em um gorro de marinheiro e mantida à distância de um braço —, grande e cabeluda o suficiente para deixar Lawrence extasiado.

Quando emergi da borda da selva, vi que havíamos alcançado um novo estágio de progresso; o *Artemis* já não estava inclinado para o lado, mas lentamente recuperava uma posição ereta na

areia, com a ajuda de cabos, calços e uma grande gritaria.

— Então, está quase terminado? — perguntei a Fergus, que estava parado perto da popa do navio, participando entusiasticamente da gritaria conforme instruía sua equipe na colocação dos calços. Virou-se para mim, rindo e limpando o suor da testa.

— Sim, milady! A calafetação está terminada. O sr. Warren é de opinião de que poderemos zarpar ao anoitecer, quando o dia já estiver mais fresco, de modo que o alcatrão já terá endurecido.

— Que maravilha! — Estiquei o pescoço e inclinei a cabeça para trás, olhando para o mastro nu que assomava no alto. — Temos velas?

— Ah, sim — garantiu-me ele. — Na realidade, temos tudo, exceto...

Um grito de alarme de MacLeod interrompeu o que ele pretendia dizer. Virei-me para olhar na direção da estrada distante, ao longo das palmeiras pequenas, onde o sol refletia o brilho de metal.

— Soldados! — Fergus reagiu mais rápido do que qualquer um, saltando do andaime para a terra a meu lado com um baque surdo e uma chuva de areia. — Rápido, milady! Para o mato! Marsali! — gritou ele, olhando desesperadamente ao redor à procura da jovem.

Limpou o suor do lábio superior, os olhos lançando-se da selva para os soldados que se aproximavam.

— Marsali! — gritou outra vez.

Marsali surgiu pela curva do casco, pálida e assustada. Fergus agarrou-a pelo braço e empurrou-a para mim.

— Vá com milady! Corram!

Agarrei a mão de Marsali e corri para a floresta, a areia esguichando sob nossos pés. Ouviram-se gritos da estrada atrás de nós e um tiro espocou no alto, seguido de outro.

Dez passos e entramos na sombra das árvores. Desabei atrás do abrigo de um arbusto espinhoso, arquejante e sentindo a dor aguda de uma pontada no lado do corpo. Marsali ajoelhou-se na terra ao meu lado, as lágrimas escorrendo pelas faces.

— O quê? — disse ela, arquejante, lutando para recuperar o fôlego. — Quem são eles? O que... vão... fazer? Com Fergus. O quê?

— Não sei. — Ainda respirando com dificuldade, agarrei-me a uma muda de cedro e fiquei em pé. Espreitando através dos arbustos, agachada sobre os pés e as mãos, pude ver que os soldados haviam alcançado o navio.

Estava fresco e úmido sob as árvores, mas a mucosa de minha boca estava seca como algodão. Mordi a parte de dentro de minha bochecha, tentando estimular a produção de um pouco de saliva.

— Acho que vai dar tudo certo. — Bati de leve no ombro de Marsali, tentando incutir-lhe confiança. — Veja, são apenas dez soldados — sussurrei, contando até o último soldado sair do meio das palmeiras. — São franceses. O *Artemis* tem documentos franceses. Acho que vai dar tudo certo.

Por outro lado, talvez não desse. Eu sabia muito bem que um navio encalhado e abandonado podia ser legalmente confiscado. Era uma praia deserta. E tudo que se interpunha entre esses soldados e uma rica recompensa eram as vidas da tripulação do *Artemis*.

Alguns dos marinheiros tinham suas pistolas à mão; a maioria facas. Mas os soldados estavam armados até os dentes, cada homem com mosquete, espada e pistolas. Se houvesse uma luta, seria um massacre, mas os soldados a cavalo levariam a melhor.

Os homens perto do navio estavam em silêncio, agrupados atrás de Fergus, que se apresentou, empertigado e com ar feroz, como porta-voz. Eu o vi empurrar a cabeleira para trás com o gancho e plantar os pés com firmeza na areia, pronto para o que desse e viesse. Os tinidos e estalidos dos arreios pareciam amortecidos no ar quente e úmido, e os cavalos moviam-se devagar, o barulho dos cascos abafado na areia.

Os soldados pararam a três metros do agrupamento de marinheiros. Um homem alto e forte que parecia estar no comando ergueu uma das mãos numa ordem para ficar onde estavam e

desceu do seu cavalo.

Eu observava Fergus, não os soldados. Vi seu rosto transformar-se, depois ficar paralisado, branco sob o bronzeado. Olhei rapidamente para o soldado que vinha em sua direção pela areia e meu próprio sangue congelou nas veias.

— *Silence, mes amis* — disse o homem, numa simpática voz de comando. — *Silence, et restez, s'il vous plaît.* — Silêncio, meus amigos, e não se movam, por favor.

Eu teria caído, se já não estivesse de joelhos. Fechei os olhos numa prece silenciosa de graças a Deus.

A meu lado, Marsali soltou a respiração de uma só vez, ruidosamente. Abri os olhos e tampei sua boca aberta com a mão.

O comandante tirou o chapéu e sacudiu uma espessa cabeleira de cabelos ruivos encharcados de suor. Abriu um largo sorriso para Fergus, os dentes brancos e ferozes numa barba ruiva, curta e cacheada.

— É você o responsável aqui? — perguntou Jamie em francês. — Você, venha comigo. O resto — balançou a cabeça para a tripulação, da qual vários integrantes fitavam-no com olhos esbugalhados, claramente perplexos — permaneça onde está. Não falem — acrescentou ele em seguida.

Marsali puxou meu braço e eu percebi como a estava segurando com força.

— Desculpe — murmurei, soltando-a, mas sem tirar os olhos da praia.

— O que ele está fazendo? — sibilou Marsali no meu ouvido. Seu rosto estava pálido de emoção e as pequenas sardas deixadas pelo sol destacavam-se em seu nariz em contraste. — Como ele chegou aqui?

— Não sei! Fique quieta, pelo amor de Deus!

Os membros da tripulação do *Artemis* entreolharam-se, mexeram as sobancelhas e cutucaram-se nas costelas, mas felizmente também obedeceram às ordens e não falaram. Eu rezava para que a óbvia agitação dos marinheiros fosse interpretada



meramente como consternação frente à sua destruição iminente.

Jamie e Fergus haviam caminhado para a beira da água, confabulando em voz baixa. Em seguida, separaram-se, Fergus voltando para o navio com uma expressão de feroz determinação, Jamie ordenando aos soldados para que apeassem e se reunissem à sua volta.

Eu não conseguia entender o que Jamie dizia aos soldados, mas Fergus estava suficientemente perto para que pudéssemos ouvir.

— Eles são soldados do quartel de Cap-Haïtien — anunciou à tripulação. — Seu comandante, capitão Alessandro — disse ele, erguendo as sobrancelhas e fazendo uma careta medonha para enfatizar o nome —, diz que nos ajudarão a lançar o *Artemis*. — Essa declaração foi recebida com algumas fracas exclamações de entusiasmo por parte de alguns homens e olhares de perplexidade por parte de outros. — Mas como o sr. Fraser... — começou Royce, um marinheiro um pouco lerdo, as sobrancelhas grossas unidas numa expressão desconcertada. Fergus não deu tempo para perguntas, mergulhando no meio da tripulação, passando o braço pelos ombros de Royce e arrastando-o na direção do andaime, falando alto para abafar quaisquer observações indesejadas.

— Sim, não é uma grande sorte? — disse ele em voz bem alta. Eu podia ver que ele torcia a orelha de Royce com a mão boa. — Uma verdadeira sorte! O capitão Alessandro disse que um *habitant* ao voltar da plantação viu o navio encalhado e avisou a guarnição. Com tanta ajuda, logo teremos o *Artemis* ao mar. — Solto Royce e bateu a mão energicamente na coxa. — Vamos, vamos, vamos começar a trabalhar agora mesmo! Manzetti, para cima! MacLeod, MacGregor, peguem seus martelos! Maitland. — Avistou Maitland, parado na praia, fitando Jamie de boca aberta, com ar de idiota. Fergus girou nos calcanhares e deu um tapa nas costas do atendente das cabines que o fez cambalear. — Maitland, *mon enfant*! Dê-nos uma canção para animar nosso trabalho! — Parecendo estupefato, Maitland começou uma hesitante versão de “The Nut-Brown Lady”. Alguns marinheiros começaram a voltar aos

andaimes, olhando desconfiadamente por cima do ombro. — Cantem! — berrou Fergus, olhando-os furiosamente. Murphy, que parecia estar achando alguma coisa extremamente engraçada, enxugou o rosto vermelho suado e obsequiosamente aderiu à canção, sua ressonante voz de baixo reforçando o tenor puro de Maitland.

Fergus andava para cima e para baixo ao lado do navio, exortando, dando ordens, incentivando — e fazendo um tal espetáculo de si mesmo que poucos olhares reveladores eram dirigidos a Jamie. As batidas desencontradas de martelos começaram outra vez.

Enquanto isso, Jamie dava instruções precisas a seus soldados. Vi mais de um francês lançar um rápido olhar ao *Artemis* enquanto ele falava, com uma expressão de mal disfarçada cobiça, sugerindo que um desejo altruísta de ajudar seus semelhantes talvez não fosse a motivação predominante nas mentes dos soldados, não importa o que Fergus tivesse anunciado.

Ainda assim, os soldados entregaram-se ao trabalho com bastante disposição, despindo seus coletes de couro e deixando de lado a maior parte de suas armas. Três soldados, eu notei, não se uniram ao grupo de trabalho, mas permaneceram de guarda, completamente armados, os olhos atentos a qualquer movimento dos marinheiros. Somente Jamie permaneceu distante, observando tudo.

— Deveríamos sair? — murmurou Marsali no meu ouvido. — Parece seguro, agora.

— Não — eu disse. Meus olhos estavam fixos em Jamie. Ele estava parado na sombra de uma palmeira alta, relaxado, mas ereto. Por trás da barba pouco familiar, sua expressão era impenetrável, mas percebi o leve movimento ao lado do corpo, quando os dois dedos rígidos tamborilaram uma vez contra a coxa. — Não — repeti. — Ainda não acabou.

O trabalho continuou durante toda a tarde. A pilha de toras de

madeira crescia, as pontas cortadas perfumando o ar com o cheiro forte de seiva fresca. A voz de Fergus estava rouca e sua camisa colava-se, molhada de suor, ao seu torso delgado. Os cavalos, amarrados, vagavam lentamente na borda da floresta, pastando. Os marinheiros haviam parado de cantar e concentraram-se em seu trabalho, apenas com um ou outro olhar ocasional em direção à palmeira onde o capitão Alessandro permanecia na sombra, os braços cruzados.

A sentinela perto das árvores andava devagar para cima e para baixo, o mosquete preparado, um olhar anelante em direção às sombras verdes e frescas. Ele passou bem junto de mim em uma de suas voltas para eu ver os cachos escuros, ensebados, balançando-se pelo pescoço, e as cicatrizes de acne em suas bochechas gordas. Ele tinha e estalava à medida que andava. Estava faltando a roseta da espada em uma de suas botas. Ele parecia acalorado e um pouco irritado.

Era uma longa espera e a curiosidade dos mosquitos da selva tornava-a ainda mais longa. Após o que pareceu uma eternidade, entretanto, vi Jamie fazer um sinal com a cabeça para um dos guardas e sair da praia na direção das árvores. Fiz sinal para Marsali esperar e, agachando-me sob os galhos, ignorando o mato denso, fui me esquivando e avançando loucamente em direção ao lugar onde ele desaparecera.

Emergi, ofegante, detrás de um arbusto, exatamente quando ele atava os cadarços de sua braguilha. Sua cabeça ergueu-se num movimento brusco, seus olhos se arregalaram e ele emituiu um grito que teria levantado a ovelha Arabella dos mortos, quanto mais a sentinela que o aguardava.

Voltei depressa para o meio do mato quando botas pesadas e gritos de investigação partiram em nossa direção.

— *C'est bien!* — gritou Jamie. Sua voz soou um pouco abalada.  
— *Ce n'est qu'un serpent!*

A sentinela falava um estranho dialeto de francês, mas parecia estar perguntando com um certo nervosismo se a serpente era

perigosa.

— *Non, c'est innocent* — respondeu Jamie. Acenou para a sentinela, cuja cabeça inquiridora eu podia ver, espreitando relutantemente por cima dos arbustos. A sentinela, que não parecia gostar de cobras, mesmo inofensivas, desapareceu prontamente de volta ao seu posto.

Sem hesitação, Jamie mergulhou no mato.

— Claire! — Apertou-me com força contra o peito. Em seguida, agarrou-me pelos ombros e sacudiu-me, com força. — Desgraçada! — disse ele, num sussurro contundente. — Eu tinha certeza que você tinha morrido! Como pôde fazer uma coisa tão tola como se jogar de um navio no meio da noite? Não tem nenhuma noção de perigo?

— Solte-me! — sibilei. O tremor fizera com que eu mordesse o lábio. — Solte-me, já disse! O que quer dizer com eu fazer uma tolice? Seu idiota, o que deu em você para me seguir?

Seu rosto estava queimado de sol; logo um vermelho-escuro começou a escurecê-lo ainda mais, erguendo-se das bordas de sua nova barba.

— O que deu em mim? — repetiu ele. — Você é minha mulher, pelo amor de Deus! É claro que eu iria atrás de você. Por que não esperou por mim? Santo Deus, se eu tivesse tempo, eu... — A menção de tempo evidentemente o fez lembrar de que não dispúnhamos de muito e, com um perceptível esforço, ele sufocou quaisquer novos comentários, no que fez muito bem, porque eu mesma tinha muitas verdades a lhe dizer a respeito. Também as engoli, com certa dificuldade.

— O que em nome de Deus você está fazendo aqui? — perguntei.

O profundo rubor diminuiu um pouco, seguido pelo breve esboço de um sorriso entre o emaranhado de pelos com que eu não estava habituada.

— Sou o capitão — disse ele. — Não percebeu?

— Sim, percebi! Capitão Alessandro, uma ova! O que pretende

fazer?

Em vez de responder, deu-me uma última e delicada sacudidela e dividiu um olhar colérico entre mim e Marsali, que havia enfiado a cabeça curiosa para fora do mato.

— Fiquem aqui, as duas, e não arredem o pé ou juro que vou lhes dar uma surra até perderem os sentidos.

Sem parar para ouvir uma resposta, girou nos calcanhares e voltou a passos largos pelo meio das árvores, em direção à praia.

Marsali e eu trocamos um olhar espantado, que foi interrompido um segundo depois, quando Jamie, ofegante, reapareceu na pequena clareira. Agarrou-me pelos dois braços e beijou-me rápida, mas profundamente.

— Esqueci-me. Eu a amo — disse ele, dando-me outra sacudidela à guisa de ênfase. — Fico feliz que não esteja morta. Não faça isso de novo! — Soltando-me, arremeteu-se de novo pelo meio do mato e desapareceu.

Eu mesma senti-me ofegante, e mais do que um pouco abalada, mas inegavelmente feliz.

Os olhos de Marsali estavam arregalados como dois pires.

— O que vamos fazer? — perguntou ela. — O que papai vai fazer?

— Não sei — respondi. Meu rosto estava afogueado e eu ainda podia sentir o toque de seus lábios nos meus e a estranha sensação de pinicadas deixada pelo roçar de sua barba e bigode. Minha língua tocou o pequeno ponto onde eu mordera meu lábio. — Não sei o que ele vai fazer — repeti. — Acho que teremos que esperar para ver.

Foi uma longa espera. Eu cochilava contra o tronco de uma enorme árvore, ao anoitecer, quando a mão de Marsali em meu ombro me acordou.

— Estão lançando o navio! — disse ela num sussurro entusiasmado.

E estavam; sob os olhos das sentinelas, os demais soldados e a tripulação do *Artemis* manipulavam as cordas e os rolos de troncos

de árvores que fariam a embarcação deslizar pela praia até as águas da baía. Até mesmo Fergus, Innes e Murphy juntaram-se ao trabalho, mutilados ou não.

O sol descia no horizonte; seu disco brilhava imenso, laranja-dourado, ofuscante, acima de um mar da cor púrpura de moluscos. Os homens não passavam de silhuetas contra a luz, anônimos como escravos de uma pintura mural egípcia, amarrados por cordas a seu fardo colossal.

O monótono grito “Içar!” do contramestre era seguido por uma fraca exclamação de incentivo, conforme o casco deslizava os últimos metros, retirado da praia por cabos de reboque do escaler e do cúter do *Artemis*.

Vi o reflexo de cabelos ruivos quando Jamie subiu pela lateral do navio e saltou a bordo, em seguida o brilho de metal quando um dos soldados o seguiu. Ficaram montando guarda juntos, cabelos ruivos e negros não mais do que dois pontinhos na cabeceira da escada de corda, conforme a tripulação do *Artemis* entrava no escaler, remava e subia a escada, entremeada do resto dos soldados franceses.

O último homem desapareceu no topo da escada. Os homens nos barcos permaneceram sentados com seus remos, olhando para cima, tensos e alertas. Nada aconteceu.

A meu lado, ouvi Marsali expirar ruidosamente e percebi que eu também estivera prendendo a respiração por um longo tempo.

— O que estão fazendo? — disse ela, exasperada.

Como em resposta à sua pergunta, ouviu-se um grito sonoro e furioso do *Artemis*. Os homens nos barcos ergueram-se num salto, prontos a se lançarem a bordo. No entanto, não houve mais nenhum sinal. O *Artemis* flutuou serenamente nas águas da maré enchente da enseada, perfeito como uma pintura a óleo.

— Para mim chega — disse subitamente a Marsali. — O que quer que esses malditos homens andaram fazendo, já terminaram. Vamos.

Enchi os pulmões com o ar fresco do início da noite e saí do

meio das árvores, Marsali atrás de mim. Conforme descíamos pela praia, uma figura escura e esbelta pulou por cima da amurada do navio e vadeou a passos largos e pesados pelas águas rasas, gotas brilhantes, púrpuras e verdes, de água do mar irrompendo de suas passadas.

— *Mo chridhe chérie!* — Fergus veio correndo, pingando, em nossa direção, o rosto radiante. Agarrando Marsali, levantou-a do chão com exuberância e girou-a no ar. — Está feito! — gritou ele com alegria. — Feito sem sequer um tiro disparado! Amarrados como gansos e empilhados como arenque salgado no porão! — Beijou Marsali entusiasmaticamente, depois a recolocou de volta no chão e, virando-se para mim, fez uma reverência cerimoniosa, com o floreio exagerado de um chapéu imaginário. — Milady, o capitão do *Artemis* requer o prazer de sua companhia para o jantar.

O novo capitão do *Artemis* estava parado no meio de sua cabine, os olhos fechados e completamente nu, coçando os testículos com ar de absoluta felicidade.

— A-ham — eu disse, diante da visão. Seus olhos arregalaram-se e seu rosto iluminou-se de alegria. No instante seguinte, fui envolvida em seus braços, o rosto pressionado contra os anéis vermelho-dourados dos pelos de seu peito.

Não dissemos nada por um bom tempo. Eu podia ouvir o ruído surdo de passos no convés acima, os gritos da tripulação, retinindo de contentamento diante da iminência de fuga, e os rangidos e vibrações do velame. O *Artemis* estava ganhando vida novamente ao nosso redor.

Meu rosto estava quente, coçando com o roçar de sua barba. Senti-me repentinamente estranha e tímida abraçando-o, ele nu como um galo e eu igualmente nua sob os remanescentes do esfarrapado roupão do padre Fogden.

O corpo que se pressionava contra o meu com urgência crescente era o mesmo do pescoço para baixo, mas o rosto era de um estranho, de um saqueador viking. Além da barba que

transformava seu rosto, seu cheiro estava diferente, seu próprio suor sobreposto por óleo de cozinhar rançoso, cerveja entornada e o mau cheiro de perfume barato e condimentos desconhecidos.

Soltei-o e recuei um passo.

— Não deveria se vestir? — perguntei. — Não que eu não goste do cenário — acrescentei, ruborizando a despeito de mim mesma. — Eu... hã... eu acho que gosto da barba. Talvez — acrescentei em dúvida, examinando-o atentamente.

— Eu não — disse ele com franqueza, coçando o maxilar. — Estou infestado de piolhos e coça como o diabo!

— Credo! — Embora eu estivesse inteiramente familiarizada com o *Pediculus humanus*, o conhecido piolho, ele não me agradava nem um pouco. Passei a mão nervosamente pelos meus próprios cabelos, já imaginando a comichão de pés no meu couro cabeludo, saltitando pelo meio dos meus cachos.

Ele abriu um largo sorriso, os dentes brancos assustadores na barba ruiva.

— Não se preocupe, Sassenach — assegurou ele. — Já mandei trazer uma lâmina e água quente.

— É mesmo? Parece uma pena raspá-la imediatamente. — Apesar dos piolhos, inclinei-me para a frente a fim de examinar seu adorno hirsuto. — É como o seu cabelo, de diversas cores. Bastante bonita, na verdade.

Toquei-a, cautelosamente. Seus pelos eram estranhos; espessos e rijos, muito encaracolados, em contraste com os cabelos lisos, cheios e macios de sua cabeça. Saltavam exuberantemente de sua pele numa profusão de cores; cobre, ouro, âmbar, canela, um castanho tão escuro que quase parecia preto. O mais surpreendente de tudo era uma mecha prateada que descia do lábio inferior à linha do queixo.

— É engraçado — eu disse, traçando-a com o dedo. — Você não tem nenhum cabelo branco na cabeça, mas tem aqui.

— Tenho? — Colocou a mão no queixo, parecendo surpreso, e percebi de repente que ele provavelmente não fazia a menor ideia



de sua aparência. Em seguida, ele sorriu ironicamente e inclinou-se para pegar a pilha de roupas atirada ao chão.

— Bem, sim, não é de admirar que eu tenha. Não sei como não fiquei com a cabeça toda branca depois de tudo que passei este mês. — Parou, olhando-me por cima das calças brancas emboladas nas mãos. — E por falar nisso, Sassenach, como eu estava lhe dizendo lá no meio das árvores...

— Sim, já que mencionou — interrompi. — O que em nome de Deus você fez?

— Ah, os soldados, é isso? — Coçou o queixo pensativamente. — Bem, foi bastante simples. Eu disse aos soldados que assim que o navio fosse lançado, reuniríamos todo mundo no convés e, ao meu sinal, deveriam cair sobre a tripulação e empurrá-la para o porão. — Um largo sorriso floresceu em meio à folhagem de sua barba. — Só que Fergus mencionara isso à tripulação, sabe; então, assim que cada soldado subia a bordo, dois marinheiros agarravam-no pelos braços enquanto um terceiro o amordaçava, amarravam seus braços e retiravam suas armas. Depois, empurramos todos eles para dentro do porão. Só isso. — Ele deu de ombros, modestamente.

— Certo — eu disse, soltando a respiração. — E quanto ao fato de você estar aqui...

Nesse ponto, fomos interrompidos por uma batida discreta na porta da cabine.

— Sr. Fraser? Hã... quer dizer, capitão? — O rosto jovem e anguloso de Maitland espreitou pelo batente, segurando com cuidado uma tigela de água quente. — O sr. Murphy já acendeu o fogão da cozinha e aqui está sua água quente, com seus cumprimentos.

— Pode me chamar de sr. Fraser — assegurou-lhe Jamie, pegando a bandeja com a tigela e a lâmina com uma das mãos. — Impossível imaginar um capitão menos apto a navegar. — Parou, ouvindo o barulho de pés acima de nossas cabeças. — Embora, já que sou o capitão — disse ele devagar —, imagino que isso

signifique que devo dizer quando navegamos e quando paramos, não?

— Sim, senhor, é uma das coisas que o capitão faz — disse Maitland. Acrescentou prestativamente: — O capitão também diz quando os marinheiros devem receber cotas extras de comida e bebida.

— Entendo. — O canto da boca torcido para cima ainda era visível no rosto de Jamie, apesar da barba. — Diga-me, Maitland, quanto você acha que os marinheiros podem beber e ainda assim conduzir o navio?

— Ah, muito, senhor — disse Maitland fervorosamente. Franziu a testa, pensativo. — Talvez... uma porção dupla extra para todos?

Jamie ergueu uma das sobrancelhas.

— De conhaque?

— Ah, não, senhor! — Maitland parecia chocado. — Grogue. Se fosse conhaque, somente a metade de uma dose extra, ou ao fim do jantar estariam rolando no fundo do navio.

— Dose dupla de grogue, então. — Jamie fez uma reverência cerimoniosa para Maitland, sem se preocupar com o fato de que ainda estava completamente nu. — Providencie, sr. Maitland. E o navio não levantará âncora até eu terminar meu jantar.

— Sim, senhor! — Maitland devolveu a reverência; os modos de Jamie eram contagiante. — E devo dizer ao chinês que se apresente ao senhor depois que a âncora for içada?

— Um pouco antes disso, sr. Maitland, muito obrigado.

Maitland virava-se para sair, com um último olhar admirado às cicatrizes de Jamie, mas eu o impedi.

— Outra coisa, Maitland — eu disse.

— Ah, sim, madame?

— Poderia ir até a cozinha e pedir ao sr. Murphy para mandar subir uma garrafa do seu vinagre mais forte? E depois veja onde os homens colocaram alguns dos meus remédios e traga-os também, por favor.

Sua testa estreita enrugou-se num ar de perplexidade, mas ele

assentiu de boa vontade.

— Ah, sim, madame. Agora mesmo.

— Exatamente o que você pretende fazer com o vinagre, Sassenach? — Jamie fitou-me com os olhos apertados, enquanto Maitland desaparecia no corredor.

— Embebê-lo nele, para matar os piolhos — eu disse. — Não pretendo dormir com um efervescente ninho de parasitas.

— Ah — disse ele. Coçou o lado do pescoço, pensativamente. — Quer dizer, dormir comigo? — Ele olhou para o beliche, um buraco pouco convidativo na parede.

— Não sei onde, precisamente, mas sim, é o que pretendo — eu disse com firmeza. — E queria que você não raspasse a barba ainda — acrescentei, quando ele se inclinava para colocar sobre a mesa a bandeja que segurava.

— Por que não? — Olhou para mim por cima do ombro com curiosidade e eu senti minhas faces corarem.

— Hã... bem. É um pouco... diferente.

— Ah, é? — Levantou-se e deu um passo em minha direção. Nos limites acanhados da cabine, ele parecia ainda maior — e muito mais nu — do que pareceria no convés.

Os olhos azul-escuros haviam se estreitado, repletos de humor.

— Diferente como? — perguntou ele.

— Bem, é... hummm... — Roci os dedos vagamente pelo meu rosto afogueado. — Dá uma sensação diferente. Quando você me beija. Na minha... pele.

Seus olhos encontraram os meus. Ele não se movera, mas parecia muito mais perto.

— Você tem uma pele muito bonita, Sassenach — disse ele suavemente. — Como pérolas e opalas. — Estendeu o dedo e delicadamente traçou a linha do meu maxilar. Depois, meu pescoço, a curva larga da omoplata e de volta, e para baixo, numa serpentina lenta que roçou as pontas dos meus seios, escondidos na gola grande, com capuz, do roupão do padre. — Você tem muita pele bonita, Sassenach — acrescentou ele. Uma das sobancelhas se

ergueu. — Era nisso que estava pensando?

Engoli com dificuldade e umedeci os lábios, mas não desviei os olhos.

— Sim, é mais ou menos o que eu estava pensando.

Ele afastou seu dedo e olhou para a tigela de água quente.

— Sim, bem. É uma pena desperdiçar a água. Devo mandar de volta para Murphy fazer uma sopa ou devo bebê-la?

Eu ri, tanto a tensão quanto a sensação de estranheza dissolvendo-se instantaneamente.

— É melhor você se sentar — eu disse — e usá-la para se lavar. Está cheirando a bordel.

— Imagino que sim — disse ele, coçando-se. — Há um em cima da taberna onde os soldados vão beber e jogar. — Ele pegou o sabão e colocou-o dentro da água quente.

— Em cima, hein? — eu disse.

— Bem, as garotas descem, a intervalos — explicou ele. — Afinal, seria indelicado impedir que sentassem em seu colo.

— E sua mãe o educou para ser um homem de bons modos, imagino — eu disse secamente.

— Pensando melhor, acho que talvez devêssemos ficar ancorados aqui esta noite — disse ele pensativamente, olhando para mim.

— Devemos?

— E dormir em terra, onde há espaço.

— Espaço para *quê*? — perguntei, olhando-o desconfiada.

— Bem, já tenho tudo planejado, sabe? — disse ele, jogando água no rosto com as duas mãos.

— Tem o *que* planejado? — perguntei. Ele deu uma risadinha ruidosa e sacudiu o excesso de água da barba antes de responder.

— Venho pensando nisso há meses — disse ele, com entusiasmada expectativa. — Toda noite, encolhido nessa maldita concha que é o beliche, ouvindo Fergus gemer e peidar do outro lado da cabine. Planejei tudo, exatamente o que faria, se eu a tivesse nua e disposta, ninguém nos ouvindo e bastante espaço

para servi-la a contento. — Fez uma espuma grossa esfregando o sabão vigorosamente entre as palmas das mãos e aplicou-a ao rosto.

— Bem, estou bastante disposta — eu disse intrigada. — E há espaço, sem dúvida. Quanto a estar nua...

— Cuidarei disso — assegurou ele. — Faz parte do plano, sabe? Devo levá-la para um lugar privado, estender uma colcha para nos deitarmos e começar sentando-me a seu lado.

— Bem, sem dúvida, é um começo — eu disse. — E depois? — Sentei-me ao lado dele no beliche. Ele se aproximou e mordeu o lóbulo de minha orelha muito delicadamente.

— Quanto ao depois, devo segurá-la sobre meus joelhos e beijá-la. — Parou para ilustrar, segurando meus braços, de modo que eu não pudesse me mover. Soltou-me um minuto depois, deixando meus lábios ligeiramente intumescidos, com gosto de cerveja, sabão e Jamie.

— Basta para a primeira etapa — eu disse, limpando espuma de sabão da minha boca. — E depois?

— Depois, eu a deitarei na colcha, enrolarei seus cabelos para cima em minha mão e provarei seu rosto, garganta, orelhas e seios com meus lábios — disse ele. — Pensei em fazer isso até você começar a dar seus gritinhos.

— Não dou gritinhos!

— Ah, dá, sim — disse ele. — Olhe, dê-me a toalha, sim? Então — continuou alegremente —, pensei em começar do outro lado. Levantarei sua saia e... — Seu rosto desapareceu nas dobras da toalha de linho.

— E o quê? — perguntei, extremamente intrigada.

— E beijarei a parte interna de suas coxas, onde a pele é mais macia. A barba vai ajudar ali, hein? — Acariciou a barba, pensando.

— Talvez — eu disse, um pouco fracamente. — O que deverei estar fazendo enquanto você faz isso?

— Bem, você pode gemer um pouco, se quiser, para me encorajar, mas caso contrário pode ficar apenas deitada, quieta.

Ele não parecia precisar de nenhum encorajamento. Uma de suas mãos descansava em minha coxa enquanto ele usava a outra para esfregar o peito com a toalha úmida. Quando terminou, sua mão deslizou para as minhas costas e apertou.

— O braço do meu amado está sob mim — citei o Cântico de Salomão. — E sua mão atrás de minha cabeça. Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, porque desfaleço de amor.

Viu-se um lampejo de dentes brancos em sua barba.

— Ou talvez abóboras — disse ele, uma das mãos segurando minha nádega.

— Abóboras? — eu disse, indignada.

— Bem, abóboras selvagens às vezes ficam deste tamanho — disse ele. — Mas, sim, isso vem em seguida. — Apertou outra vez, depois retirou a mão a fim de lavar a axila daquele lado. — Eu me deito de costas e você se estende sobre mim, de modo que eu possa segurar suas nádegas e acariciá-las adequadamente.

Parou de se lavar para me dar um rápido exemplo do que ele considerava adequado e eu deixei escapar uma arfada involuntária.

— Agora — continuou ele, retomando suas abluções —, se você quiser mexer um pouco suas pernas ou talvez fazer movimentos libertinos com os quadris e respirar ofegante em meu ouvido nessa etapa dos procedimentos, eu não terei nenhuma objeção.

— Eu não respiro ofegante!

— Ah, respira, sim. Agora, quanto aos seus seios...

— Ah, pensei que tinha esquecido deles.

— Jamais — garantiu ele. — Não — continuou com ar sonhador —, isso é quando eu tiro seu vestido, deixando-a apenas com sua combinação.

— Não estou usando combinação.

— Ah! Bem, não importa — disse ele, descartando o comentário. — Eu pretendia sugá-los através do algodão fino, até seus mamilos endurecerem em minha boca e, então, despi-la completamente, mas não tem importância; darei um jeito. Assim, considerando a ausência de combinação, cuidarei dos seus seios até você fazer

aquele barulhinho como um balido...

— Eu não...

— E depois — disse ele, interrompendo-me —, como você estará, de acordo com o plano, nua e, contanto que eu tenha feito tudo certo até aqui, provavelmente excitada também...

— Ah, é bem provável — eu disse. Meus lábios ainda latejavam da primeira etapa.

— ... então, abrirei suas pernas, tirarei minhas calças e... — Ele parou, à espera.

— E? — eu disse, incentivando-o.

Seu sorriso ampliou-se substancialmente.

— E veremos que tipo de barulho você não faz nesta hora, Sassenach.

Ouviu-se um ligeiro pigarro no vão da porta atrás de mim.

— Ah, perdoe-me, sr. Willoughby — disse Jamie, desculpando-se. — Não o esperava tão cedo. Talvez prefira ir jantar, não? E, se for, leve essas coisas e peça a Murphy para queimá-las no fogo da cozinha. — Atirou os restos do seu uniforme para o sr. Willoughby e inclinou-se para vasculhar o armário da cabine em busca de roupas limpas. — Nunca pensei que encontraria Lawrence Stern outra vez — observou ele, mergulhando no meio da roupa amontoadas. — Como é que ele veio parar aqui?

— Ah, então ele é mesmo o naturalista judeu de quem você me falou?

— É, sim. Embora eu não diria que haja tantos naturalistas judeus por aí a ponto de causar confusão.

Expliquei como eu me deparara com Stern no manguezal.

— ... e então ele me levou até a casa do padre — eu disse, e parei, lembrando-me repentinamente. — Ah, eu quase me esqueci! Você deve ao padre duas libras esterlinas, por causa de Arabella.

— Devo? — Jamie olhou para mim, espantado, uma camisa nas mãos.

— Deve. Talvez deva pedir a Lawrence para servir de embaixador, o padre parece se dar bem com ele.

— Está bem. Mas o que aconteceu com essa tal de Arabella? Por acaso um dos marinheiros abusou dela?

— Acho que se pode dizer que sim. — Inspirei fundo para continuar a explicar, mas antes que pudesse falar, outra batida soou na porta.

— Um homem não pode se vestir em paz? — perguntou Jamie, irritado. — Entre!

A porta abriu-se, revelando Marsali, que pestanejou diante da visão de seu padraço nu. Jamie apressadamente enrolou os quadris na camisa que segurava e balançou a cabeça para ela, o sangue-frio apenas ligeiramente afetado.

— Marsali, menina. Fico feliz de ver que está sã e salva. Precisa de alguma coisa?

A jovem avançou lentamente para dentro do quarto, assumindo uma posição entre a mesa e uma arca de marinheiro.

— Sim — disse ela. Estava queimada de sol e seu nariz descascava, mas achei que mesmo assim ela parecia pálida. Seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo e o queixo empinado para a frente, pronta para lutar. — Preciso que você cumpra sua promessa — disse ela.

— Sim? — Jamie olhou-a, desconfiado.

— Sua promessa de deixar que Fergus e eu nos casássemos assim que chegássemos às Índias. — Uma pequena ruga apareceu entre suas sobrancelhas louras. — Hispaniola fica nas Índias, não é? Foi o que o judeu disse.

Jamie coçou a barba, relutante.

— Fica — disse ele. — E sim, suponho que se... bem, sim. Eu realmente prometi. Mas... vocês ainda têm certeza de que é o que querem, vocês dois? — Ela levantou o queixo ainda mais, o maxilar firmemente cerrado.

— Temos.

Jamie ergueu uma das sobrancelhas.

— Onde está Fergus?

— Ajudando a armazenar a carga. Eu sabia que logo



zarparíamos, então achei melhor vir e perguntar de uma vez.

— Sim. Bem. — Jamie franziu o cenho, depois suspirou com resignação. — Sim, eu disse. Mas também disse que têm que ser abençoados por um padre, não foi? Não há nenhum padre mais perto do que Bayamo e são três dias de viagem até lá. Mas talvez na Jamaica...

— Não, você está se esquecendo — disse Marsali triunfalmente. — Temos um padre aqui mesmo. Padre Fogden pode nos casar.

Fiquei de queixo caído e rapidamente fechei a boca. Jamie olhou-a com uma expressão ameaçadora.

— Nós zarpamos à primeira hora da manhã!

— Não vai demorar muito — disse ela. — São apenas algumas palavras, afinal de contas. Já estamos legalmente casados; é apenas para sermos abençoados pela Igreja, certo? — Sua mão espalmou-se sobre o abdômen, onde sua certidão de casamento provavelmente ficava sob seus espartilhos.

— Mas sua mãe... — Jamie olhou desamparadamente para mim em busca de socorro. Dei de ombros, igualmente impotente. A tarefa de tentar explicar o padre Fogden para Jamie ou de tentar dissuadir Marsali estava muito além dos meus poderes. — Ele provavelmente se recusará — Jamie apresentou essa objeção com um palpável ar de alívio. — A tripulação andou se divertindo com uma de suas paroquianas chamada Arabella. Acho que ele não vai querer ter nada a ver conosco.

— Vai, sim! Ele fará isso para mim... ele gosta de mim! — Marsali estava quase dançando na ponta dos pés de ansiedade.

Jamie fitou-a por um longo instante, os olhos fixos nos dela, lendo sua expressão. Ela era muito jovem.

— Tem certeza, então, menina? — disse ele finalmente, muito delicadamente. — É isso o que quer?

Ela respirou fundo, um brilho tomando conta de seu rosto.

— É, sim, papai. É o que eu quero. Eu quero Fergus! Eu o amo!

Jamie hesitou por um instante, depois passou a mão pelos cabelos e assentiu.

— Sim, está bem. Vá e diga ao sr. Stern para vir aqui, depois vá procurar Fergus e diga-lhe para se aprontar.

— Ah, papai! Obrigada, obrigada! — Marsali atirou-se sobre ele e beijou-o. Ele segurou-a com um dos braços, segurando a camisa em volta dos quadris com o outro. Depois, beijou-a na testa e afastou-a delicadamente.

— Cuidado — disse ele, sorrindo. — Não vai querer ir às suas núpcias coberta de piolhos.

— Oh! — Isso pareceu fazê-la lembrar-se de alguma coisa. Olhou para mim e corou, levando a mão às suas próprias mechas claras, que estavam embaraçadas e suadas, soltando-se de um coque negligente e caindo num emaranhado pelo pescoço.

— Mamãe Claire — disse ela timidamente —, será que... você... poderia me emprestar um pouco do sabão especial que você faz com camomila? Eu... se der tempo... — acrescentou, com um olhar apreensivo para Jamie — gostaria de lavar os cabelos.

— Claro — eu disse, sorrindo para ela. — Venha e deixaremos você bonita para seu casamento. — Olhei-a de cima a baixo de forma avaliadora, do rosto redondo e radiante aos pés descalços e sujos. A musselina amarrotada de seu vestido encolhido pela água do mar esticava-se, apertada, sobre os seios, embora pequenos, e a barra imunda da saia pairava muitos centímetros acima de seus tornozelos cheios de areia.

Uma ideia me ocorreu e eu me virei para Jamie.

— Ela devia ter um vestido bonito para se casar — eu disse.

— Sassenach — disse ele, com uma paciência que obviamente se esgotava —, nós não temos...

— Não, mas o padre tem — interrompi. — Diga a Lawrence para pedir ao padre Fogden se poderia nos emprestar um de seus vestidos; de Ermenegilda, quero dizer. Acho que são do tamanho certo.

O rosto de Jamie ficou atônito de surpresa acima de sua barba.

— Ermenegilda? — disse ele. — Arabella? Vestidos? — Estreitou os olhos para mim. — Que espécie de padre é este

homem, Sassenach?

Parei no vão da porta, Marsali pairando impacientemente no corredor.

— Bem, ele bebe um pouco. E gosta muito de ovelhas. Mas deve se lembrar das palavras de uma cerimônia de casamento.

Foi um dos casamentos mais extraordinários a que já assisti. O sol já desaparecera havia muito tempo no mar quando todos os preparativos finalmente terminaram. Para desgosto do sr. Warren, o mestre do navio, Jamie declarara que só partiríamos no dia seguinte, para permitir aos recém-casados uma noite de privacidade em terra.

— Eu é que não ia querer consumir um casamento num desses malditos beliches piolhentos — disse-me ele em particular. — Para começar, se eles ficassem encaixados lá dentro, jamais conseguiríamos arrancá-los de lá. E a ideia de possuir uma virgem numa rede...

— Tem razão — eu disse. Despejei mais vinagre em sua cabeça, sorrindo comigo mesma. — Muito atencioso de sua parte.

Agora, Jamie estava a meu lado na praia, com um forte cheiro de vinagre, mas bonito e digno num casaco azul, camisa e lenço de pescoço limpos e calças de sarja cinza, com os cabelos presos na nuca com uma fita. A desordenada barba ruiva parecia um pouco discordante acima de seus trajes sóbrios, mas fora cuidadosamente aparada e penteada com vinagre. Calçado com meias para completar, ele fazia uma bela figura como pai da noiva.

Murphy, como uma das testemunhas, e Maitland, como a outra, estavam um pouco menos elegantes, embora Murphy tivesse lavado as mãos e Maitland o rosto. Fergus teria preferido Lawrence Stern como testemunha e Marsali pedira que eu fosse sua testemunha, mas foram dissuadidos; primeiro, porque Stern não era cristão, muito menos católico, e depois por considerarem que, embora eu fosse qualificada em termos de religião, era improvável que esse fato tivesse muito peso com Laoghaire, quando ela descobrisse.

— Eu disse a Marsali que ela deve escrever a sua mãe para dizer-lhe que está casada — murmurou Jamie para mim enquanto observávamos o andamento dos preparativos na praia. — Mas talvez eu deva sugerir que ela não diga muito mais além disso.

Eu entendia o porquê; Laoghaire não iria ficar satisfeita em saber que sua filha mais velha fugira com um ex-batedor de carteiras, maneta, com o dobro de sua idade. Era improvável que seus sentimentos maternos fossem acalmados sabendo que o casamento fora realizado no meio da noite em uma praia das Índias Ocidentais por um padre amaldiçoado — se não verdadeiramente excomungado —, testemunhado por vinte e cinco marinheiros, dez cavalos franceses, um pequeno rebanho de ovelhas — todas alegremente enfeitadas com fitas em homenagem à ocasião — e um King Charles spaniel, que contribuía para o espírito festivo geral tentando copular com a perna de madeira de Murphy sempre que surgia uma oportunidade. O único fato que poderia piorar as coisas, do ponto de vista de Laoghaire, seria ouvir que eu havia participado da cerimônia.

Várias tochas foram acesas, amarradas a estacas enfiadas na areia. E as chamas corriam na direção do mar em flâmulas vermelhas e alaranjadas, luminosas contra o negro aveludado da noite. As estrelas brilhantes do Caribe cintilavam no alto como as luzes do céu. Embora não fosse uma igreja, poucas noivas tiveram um cenário mais belo para as suas núpcias.

Não sei que prodígios de persuasão foram necessários da parte de Lawrence, mas o padre Fogden estava lá, frágil e tão sem substância quanto um fantasma, as fagulhas azuis de seus olhos os únicos sinais verdadeiros de vida. Sua pele era tão cinza quanto sua batina, e as mãos tremiam sobre o couro gasto de seu livro de orações.

Jamie lançou-lhe um olhar penetrante e parecia prestes a dizer alguma coisa, mas apenas murmurou baixinho em gaélico e cerrou os lábios com força. O cheiro aromático de sangria era soprado das proximidades do padre Fogden, mas ao menos ele chegara à praia

pelas próprias pernas. Estava parado, oscilante, entre duas tochas, tentando penosamente passar as páginas de seu livro conforme o leve vento que vinha do mar as embaralhava.

Ele finalmente desistiu e largou o livro sobre a areia com um pequeno *plop*.

— Hummm — disse ele, e arrotou. Olhou à volta e dirigiu-nos um sorriso beatificado. — Filhos bem-amados de Deus.

Passaram-se alguns momentos antes que a multidão irrequieta, murmurante, de espectadores percebesse que a cerimônia estava em andamento e comesçasse a cutucar uns aos outros e a prestar atenção.

— Aceita esta mulher? — perguntou o padre Fogden, virando-se subitamente para Murphy com um ar feroz.

— Não! — disse o cozinheiro, estarrecido. — Eu não me envolvo com mulheres. Muito confusas.

— Não? — O padre Fogden fechou um dos olhos, a órbita remanescente brilhante e acusadora. Olhou para Maitland.

— E você, aceita esta mulher?

— Eu não, senhor, não. Não que qualquer um não ficasse lisonjeado — acrescentou ele apressadamente. — Ele, por favor. — Maitland apontou para Fergus, que estava ao lado do atendente das cabines, fulminando o padre com o olhar.

— Ele? Tem certeza? Mas ele não tem uma das mãos — disse o padre Fogden, em dúvida. — Ela não se importa?

— Não, não me importo! — Marsali, soberba num dos vestidos de Ermenegilda, seda azul incrustada de bordados a ouro ao longo do decote quadrado e baixo, mangas bufantes, estava ao lado de Fergus. Estava linda, com os cabelos lavados e brilhantes como palha fresca, escovados até ficarem lustrosos e flutuando ao vento pelos ombros, soltos, como convinha a uma moça. Também parecia furiosa. — Continue! — Bateu o pé, o que não fez nenhum barulho na areia, mas pareceu assustar o padre.

— Ah, sim — disse ele nervosamente, dando um passo para trás. — Bem, suponho que não seja um imp... impedi...

impedimento, afinal de contas. Não é como se ele tivesse perdido seu pau, quero dizer. Ele não perdeu, perdeu? — perguntou o padre ansiosamente, quando a possibilidade lhe ocorreu. — Não posso casá-los, nesse caso. Não é permitido.

O rosto de Marsali já estava roxo à luz da tocha. A expressão de seu semblante neste momento me fez lembrar muito de sua mãe ao me encontrar em Lallybroch. Um visível tremor percorreu os ombros de Fergus, se de raiva ou risada, eu não sabia.

Jamie sufocou a incipiente revolta dando um passo firme para o meio do casamento e colocando a mão nos ombros de Fergus e Marsali.

— Este homem — disse ele, com um sinal da cabeça indicando Fergus — e esta mulher — com outro sinal em direção a Marsali. — Case-os, padre. Agora. Por favor — acrescentou ele, como um pensamento que obviamente só depois lhe ocorreu. Deu um passo para trás e restaurou a ordem entre os espectadores à força de olhares fulminantes de um lado para o outro.

— Ah, claro. Claro — repetia o padre Fogden, oscilando ligeiramente. — Claro, claro. — Seguiu-se uma longa pausa, durante a qual o padre estreitou os olhos para Marsali.

— Nome — disse ele abruptamente. — Eu preciso de um nome. Não se pode casar sem um nome. Exatamente como um pau. Não se pode casar sem um nome; não se pode casar sem um p...

— Marsali Jane MacKimmie Joyce! — disse Marsali em voz alta, abafando a voz do padre.

— Sim, sim — disse ele apressadamente. — Claro. Marsali. Marsa-lii. Certo. Bem, então, você, Marsalii, aceita este homem, embora ele não tenha uma das mãos e talvez outras partes não visíveis, como seu legítimo marido? Para amar e proteger, de hoje em diante, renunciando... — Nesse ponto, sua voz foi desaparecendo, sua atenção fixa em uma das ovelhas que se desgarrara do rebanho, entrara na luz e laboriosamente mastigava um pé de meia de lã listrada que fora jogado fora.

— Aceito!

O padre Fogden piscou, trazido de volta à realidade. Fez uma tentativa malsucedida de reprimir outro arroto e transferiu seu olhar azul e brilhante para Fergus.

— Você também tem um nome? *E* um pau?

— Sim — disse Fergus, sabiamente preferindo não ser mais específico. — Fergus.

O padre franziu ligeiramente as sobrancelhas diante da resposta.

— Fergus? — disse ele. — Fergus. Fergus. Sim, Fergus, entendi. Só isso? Mais nenhum nome? Preciso de mais nomes, sem dúvida.

— Fergus — repetiu ele, com a voz tensa. Fergus fora o único nome que ele sempre tivera, à exceção de seu nome original de Claudel. Jamie lhe dera o nome Fergus em Paris, quando se encontraram, havia vinte anos. Mas certamente um bastardo nascido num bordel não teria um sobrenome a dar à sua mulher.

— Fraser — disse uma voz grave e firme ao meu lado. Fergus e Marsali olharam para trás ao mesmo tempo, surpresos, e Jamie balançou a cabeça. Seus olhos encontraram-se com os de Fergus e ele sorriu levemente. — Fergus Claudel Fraser — disse ele, devagar e com clareza. Uma das sobrancelhas se ergueu quando ele olhou para Fergus.

O próprio Fergus parecia paralisado. Boquiaberto, os olhos arregalados, parecendo duas grandes poças escuras na luz turva. Em seguida, ele balançou a cabeça ligeiramente e seu rosto se iluminou, como se contivesse uma vela que acabara de ser acesa.

— Fraser — disse ele ao padre. Sua voz estava rouca e ele limpou a garganta. — Fergus Claudel Fraser.

O padre Fogden tinha a cabeça inclinada para trás, olhando para o céu, onde a lua crescente flutuava acima das árvores, segurando o círculo negro da lua em sua taça. Abaixou a cabeça para encarar Fergus, com um olhar sonhador.

— Bem, isso é bom — disse ele. — Não é?

Uma leve cutucada de Maitland nas costelas do padre trouxe-o de volta à realidade e às suas responsabilidades.

— Ah! Hummm. Bem. Homem e mulher. Sim, eu os declaro... não, não está certo, você não disse se a aceita. Ela tem as duas mãos — acrescentou ele, prestativamente.

— Aceito — disse Fergus. Ele segurava a mão de Marsali; neste momento, soltou-a e enfiou a mão apressadamente no bolso, surgindo com uma pequena aliança de ouro. Devia tê-la comprado na Escócia, concluí, e a guardado desde então, não querendo tornar o casamento oficial até ser abençoado. Não por um padre; por Jamie.

A praia ficou em silêncio quando ele colocou a aliança no dedo da jovem, todos os olhos fixos no pequeno aro de ouro e nas duas cabeças inclinadas sobre ela, uma clara, outra escura.

Então, ela conseguira. Uma garota de quinze anos, tendo por arma unicamente sua teimosia. “Eu o quero”, ela dissera. E continuara repetindo, vencendo as objeções da mãe e os argumentos de Jamie, os escrúpulos de Fergus e seus próprios temores, três mil milhas de saudades de casa, dificuldades, tormenta no oceano e naufrágio.

Ela ergueu a cabeça, radiante, e encontrou seu espelho nos olhos de Fergus. Eu os vi fitarem-se apaixonadamente e senti as lágrimas aflorarem por trás de minhas pálpebras.

“Eu o quero.” Eu não dissera isso a Jamie em nosso casamento; eu não o queria, na época. Mas eu o disse desde então, três vezes; em dois momentos de decisão em Craigh na Dun e novamente em Lallybroch.

“Eu o quero.” Eu ainda o quero e nada poderia se interpor entre nós.

Ele olhava para mim; podia sentir o peso de seu olhar, azul-escuro e suave como o mar ao amanhecer.

— Em que está pensando, *mo chridhe*? — perguntou ele brandamente. Pisquei várias vezes para afastar as lágrimas e sorri para ele. Suas mãos eram grandes e quentes sobre a minha.

— O que eu lhe disse três vezes é verdade — eu disse. E ficando na ponta dos pés, beijei-o enquanto as aclamações e vivas



dos marinheiros se erguiam no ar.

## PARTE IX

### Mundos desconhecidos



**53**

GUANO DE MORCEGO

O guano de morcego é de um verde viscoso e enegrecido quando fresco e de um marrom-claro, semelhante a pó, quando seco. Em ambos os estados, exala um mau cheiro de almíscar, amônia e putrefação que faz seus olhos lacrimejarem.

— Quanto desse negócio você disse que vamos levar? — perguntei, através do pano que eu amarrara na parte de baixo do meu rosto.

— Dez toneladas — respondeu Jamie, as palavras igualmente abafadas. Estávamos de pé no convés superior, observando os escravos empurrarem carrinhos de mão repletos da matéria fétida pela prancha de carregamento até a escotilha aberta do porão de popa.

Minúsculas partículas de guano seco voavam dos carrinhos de mão e enchiam o ar à nossa volta com uma enganadora bela nuvem de ouro, que cintilava e faiscava ao sol do final de tarde. Os corpos dos homens também estavam recobertos daquela poeira; filetes de suor esculpiam canais escuros na poeira de seus torsos nus, e as lágrimas constantes escorriam por suas faces e peitos, de modo que ficavam listrados de preto e ouro, como zebras exóticas.

Jamie enxugou seus próprios olhos lacrimejantes quando o vento soprou ligeiramente em nossa direção.

— Sabe como se arrasta uma pessoa por baixo da quilha do navio, Sassenach?

— Não, mas se é Fergus que você tem em mente como candidato, estou com você. Qual a distância até a Jamaica? — Fora Fergus, fazendo investigações no mercado em Kings Street em Bridgetown, quem conseguira a primeira comissão do *Artemis* como um navio de carga e comércio; o transporte de dez toneladas cúbicas de guano de morcego de Barbados para a Jamaica, para

ser utilizado como fertilizante nas plantações de cana-de-açúcar de um certo sr. Grey, proprietário.

O próprio Fergus supervisionava vaidosamente o carregamento dos enormes blocos de guano seco, que eram tirados de seus carrinhos e levados, um a um, para dentro do porão. Marsali, que estava sempre a seu lado, neste caso afastara-se para o castelo de proa, onde permanecia sentada em um barril cheio de laranjas, o lindo xale novo que Fergus comprara para ela no mercado enrolado sobre o rosto.

— Queremos ser comerciantes, não é? — perguntara Fergus. — Temos um porão vazio para encher. Além disso — acrescentou logicamente, encerrando a discussão —, o sr. Grey nos pagará muito bem.

— Qual a distância, Sassenach? — Jamie estreitou os olhos, fitando o horizonte distante, como se esperasse ver terra firme elevando-se das ondas cintilantes. As agulhas mágicas do sr. Willoughby deixaram-no apto para navegar, mas ele se submeteu ao processo sem muito entusiasmo. — Três a quatro dias, segundo Warren — admitiu ele com um suspiro —, se o tempo continuar bom.

— Talvez o cheiro melhore no mar — eu disse.

— Ah, sim, milady — garantiu-me Fergus, ouvindo a conversa ao passar por nós. — O dono me disse que o mau cheiro se dissipa significativamente quando o material seco é removido das cavernas onde se acumula. — Ele saltou para o cordame e subiu, escalando como um macaco, apesar de seu gancho. Ao atingir a parte de cima do cordame, Fergus amarrou o lenço vermelho que era o sinal para que os marinheiros na praia subissem a bordo e deslizou para baixo outra vez, parando para dizer algo rude a Ping An, que estava empoleirado em uma verga mais baixa, observando os preparativos lá embaixo com seu olhar amarelo.

— Fergus parece estar assumindo um interesse de verdadeiro proprietário nesta carga — observei.

— Sim, bem, ele é sócio — disse Jamie. — Eu disse a ele que

se tinha uma mulher para sustentar, precisava pensar como fazer isso. E como talvez leve algum tempo até voltarmos ao ramo da tipografia, ele tem que se voltar para o que aparecer. Ele e Marsali têm a metade do lucro desta carga, por conta do dote que eu prometi a ela — acrescentou ele ironicamente, e eu ri.

— Sabe — eu disse —, eu realmente gostaria de ler a carta que Marsali está enviando a sua mãe. Quero dizer, primeiro Fergus, depois o padre Fogden e Mamacita, e agora dez toneladas de excremento de morcego como dote.

— Acho que nunca mais vou poder colocar o pé na Escócia outra vez, depois que Laoghaire a ler — disse Jamie, ainda assim sorrindo. — Já pensou o que vai fazer com sua nova aquisição?

— Nem me lembre — eu disse, um pouco sombriamente. — Onde ele está?

— Em algum lugar lá embaixo — disse Jamie, sua atenção distraída por um homem que descia o cais em nossa direção. — Murphy já lhe deu comida e Innes encontrará um lugar para ele. Com licença, Sassenach, acho que é alguém à minha procura. — Ele saltou da balaustrada e desceu a prancha de desembarque, cuidadosamente evitando um escravo que subia com um carrinho de mão cheio de guano.

Observei com interesse quando ele cumprimentou o homem, um imigrante alto numa indumentária de um próspero dono de plantações, com um rosto vermelho e castigado pelo tempo que denunciava muitos anos vivendo nas ilhas. Ele estendeu a mão para Jamie, que a apertou com firmeza. Jamie disse alguma coisa e o homem respondeu, sua expressão de desconfiança mudando para imediata cordialidade.

Este deve ser o resultado da visita de Jamie à loja maçônica em Bridgetown, onde ele fora assim que atracaram no dia anterior, seguindo a sugestão de Jared. Ele identificara-se como membro da irmandade e falara com o mestre da loja, descrevendo o Jovem Ian e pedindo qualquer informação sobre o garoto ou o navio *Bruja*. O mestre prometera espalhar a informação entre os maçons que

pudessem frequentar o mercado de escravos e os embarcadouros. Com sorte, isto já era resultado de sua promessa.

Observei ansiosamente quando o fazendeiro enfiou a mão dentro do casaco e retirou um papel, que desdobrou e mostrou a Jamie, aparentemente dando uma explicação. O rosto de Jamie estava atento, as sobrancelhas ruivas unidas em concentração, mas sem demonstrar nem decepção nem júbilo. Talvez não tivesse nada a ver com Ian. Após nossa visita ao mercado de escravos no dia anterior, eu estava inclinada a esperar que não.

Lawrence, Fergus, Marsali e eu fomos ao mercado de escravos sob a excêntrica tutela de Murphy, enquanto Jamie visitava o mestre maçônico. O mercado de escravos ficava perto das docas, em uma rua de terra alinhada dos dois lados por vendedores de frutas e café, peixe seco e cocos, batata-doce e cochonilhas vermelhas, insetos dos quais se obtém um corante usado em tinturas, vendidos em pequenas garrafas de vidro tampadas com rolha de cortiça.

Murphy, com sua paixão por ordem e decência, insistira que eu e Marsali deveríamos portar, cada uma, uma sombrinha, e obrigara Fergus a comprar duas de um vendedor da beira da estrada.

— Todas as mulheres brancas em Bridgetown carregam sombrinhas — disse ele com firmeza, tentando me entregar uma.

— Não preciso de sombrinha — eu disse, impaciente em falar de algo tão inconsequente quanto a aparência da minha pele, quando podíamos estar prestes a encontrar Ian finalmente. — O sol não está tão quente assim. Vamos!

Murphy lançou-me um olhar furioso, escandalizado.

— Não vai querer que as pessoas pensem que não é uma mulher de respeito, que não se importa em manter a pele clara e bonita!

— Não pretendo fixar residência aqui — eu disse com sarcasmo. — Não me importa o que pensem. — Sem parar para continuar a discussão, comecei a descer a rua, em direção a um burburinho distante que imaginei se tratar do mercado de escravos.

— Seu rosto vai... ficar... vermelho! — disse Murphy, indignado, bufando de raiva ao meu lado, tentando abrir a sombrinha enquanto me acompanhava pesadamente com sua perna de pau.

— Ah, um destino pior do que a morte, tenho certeza! — retruquei. Meus nervos estavam tensos, na expectativa do que poderíamos encontrar. — Está bem, então, me dê a maldita sombrinha! — Arranquei-a de sua mão, abri-a com um safanão e coloquei-a sobre o ombro com um giro irritado.

No entanto, em poucos minutos, fiquei grata a Murphy pela intransigência. Embora a rua fosse ensombreada por altas palmeiras e embaúbas, o mercado de escravos, na verdade, localizava-se em um espaço amplo, com pavimento de pedras, sem a benevolência de nenhuma sombra. A única exceção era a proporcionada por barracas desmanteladas, abertas, cobertas com folhas de flandres ou folhas secas de palmeiras, nas quais os negociantes de escravos e leiloeiros buscavam ocasionalmente um refúgio do sol. Os escravos eram mantidos em grandes cercados ao lado da praça, inteiramente expostos às intempéries.

O sol era realmente escaldante em lugar aberto e a luz que ricocheteava das pedras claras era ofuscante, depois da sombra verde da rua. Pisquei, os olhos lacrimejantes, e rapidamente ajeitei a sombrinha acima de minha cabeça.

Assim protegida, eu podia ver uma desconcertante exibição de corpos, nus ou quase nus, brilhando em todos os tons de café com leite claro a um preto-azulado. Buquês de cor floresciam em frente aos tablados de leilão, onde os fazendeiros, donos das grandes plantações, e seus criados reuniam-se para inspecionar a mercadoria, vívidos em meio aos negros e brancos.

O mau cheiro do lugar era impressionante, mesmo para alguém acostumado aos odores fétidos de Edimburgo e aos espaços malcheirosos entre os conveses do *Porpoise*. Montes de excremento humano fresco enchiam os cantos dos cercados dos escravos, fervilhantes de moscas, e um fedor oleoso e denso flutuava no ar, mas o principal componente do cheiro era o odor



desagradavelmente íntimo de carne humana nua e quente, cozinando ao sol.

—Jesus — murmurou Fergus ao meu lado. Seus olhos escuros dardejavam de um lado a outro, com um ar de chocada desaprovação. — É pior do que as favelas de Montmartre. — Marsali não fez nenhum comentário, mas aproximou-se mais dele, apertando o nariz.

Lawrence era mais pragmático; imagino que ele já devia ter visto mercados de escravos antes, durante suas incursões pelas ilhas.

— Os brancos ficam lá no fim — disse ele, indicando o outro extremo da praça. — Venham, perguntaremos por rapazes brancos vendidos recentemente. — Colocou a mão grande e quadrada no meio das minhas costas e conduziu-me delicadamente pelo meio da multidão.

Perto do final do mercado, uma mulher negra e idosa agachou-se no chão, alimentando um pequeno fogareiro com carvão. Quando nos aproximamos, um pequeno grupo de pessoas abordou-a: um fazendeiro, acompanhado de dois homens negros vestidos com calças e camisas de algodão rústico, obviamente seus empregados. Um deles segurava pelo braço uma escrava recém-adquirida; duas outras jovens, nuas a não ser por uma tira de tecido ao redor dos quadris, eram conduzidas por cordas amarradas a seus pescoços.

O fazendeiro inclinou-se e entregou uma moeda à mulher. Ela virou-se e retirou diversas vergas curtas de latão do solo atrás dela, erguendo-as para inspeção do fazendeiro. Ele as examinou por um instante, escolheu duas e endireitou-se. Entregou os ferros quentes de marcar a um dos criados, que enfiou as pontas no braseiro da vendedora.

O outro criado passou para trás da jovem e segurou seus braços com força. O primeiro homem, então, retirou os ferros do fogo e plantou-os, juntos, na curva superior de seu seio direito. Ela berrou, um som agudo e sibilante, suficientemente alto para fazer algumas cabeças próximas se virarem. Os ferros foram retirados, deixando as letras HB na carne viva e rosada.

Fiquei paralisada, estupefata, diante da cena. Sem perceber que eu já não estava com eles, os demais haviam prosseguido. Virei-me de um lado para o outro, procurando em vão um sinal de Lawrence ou Fergus. Eu nunca tive nenhuma dificuldade em encontrar Jamie em meio a uma multidão; sua cabeleira de fogo era sempre visível acima de qualquer cabeça. Mas Fergus era baixo, Murphy não era mais alto do que ele e Lawrence não passava da altura mediana; até mesmo a sombrinha amarela de Marsali se perdera entre as muitas outras na praça.

Afastei-me do fogareiro com um tremor, ouvindo gritos e gemidos atrás de mim, mas não quis olhar para trás. Passei apressadamente por vários tablados de leilão, os olhos desviados, mas depois fui retardada e finalmente parada pela crescente multidão ao meu redor.

Os homens e mulheres que bloqueavam minha passagem ouviam um leiloeiro que exaltava as virtudes de um escravo sem um dos braços, parado, nu, no tablado, para inspeção. Era um homem baixo, mas corpulento, tinha coxas maciças e peito largo e forte. O braço ausente fora grosseiramente amputado acima do cotovelo; o suor escorria da ponta do toco.

— Não serve para trabalhar no campo, é verdade — admitia o leiloeiro. — Mas é um ótimo investimento para reprodução. Olhem para estas pernas! — Ele portava uma longa vara de junco, que sacudiu contra as panturrilhas do escravo, depois exibiu um sorriso forçado e gordo para a multidão.

— Você dá uma garantia de virilidade? — disse o homem atrás de mim, com um tom distinto de ceticismo. — Eu tive um rapagão há três anos, grande como um jumento, e não gerou nem uma cria; não conseguia fazer nada, segundo as garotas juba.

A multidão riu furtivamente diante disso, e o leiloeiro fingiu estar ofendido.

— Garantia? — disse ele. Passou a mão teatralmente sobre seu queixo duplo, recolhendo o suor oleoso na palma. — Vejam por si mesmos, gente de pouca fé! — Inclinando-se ligeiramente, agarrou

o pênis do escravo e começou a massageá-lo vigorosamente.

O homem grunhiu de surpresa e tentou recuar, mas foi impedido pelo assistente do leiloeiro, que o agarrou com firmeza pelo único braço. Ouviu-se uma explosão de risadas da multidão e algumas aclamações dispersas, conforme a carne negra e macia endurecia e começava a aumentar de volume.

Alguma coisa dentro de mim partiu-se de repente; eu ouvi distintamente. Indignada pelo mercado, a marcação a ferro em brasa, a nudez, o palavreado grosseiro e a indiferença com o ultraje geral, e indignada acima de tudo com a minha própria presença ali, não consegui nem pensar no que estava fazendo, mas mesmo assim comecei a agir. Sentia-me estranhamente desligada do ambiente ao meu redor, como se eu estivesse fora do meu próprio corpo, observando.

— Pare! — eu disse, muito alto, mal reconhecendo minha própria voz. O leiloeiro ergueu os olhos, espantado, e sorriu obsequiosamente para mim. Encarou-me diretamente nos olhos, com um olhar intencionalmente lascivo.

— Um sólido garanhão, madame — disse ele. — Garantido, como pode ver.

Fechei minha sombrinha, abaixei-a e enfiei a ponta fina com toda a força em sua barriga gorda. Ele deu um salto para trás, os olhos arregalados de surpresa. Ergui a sombrinha e desfechei-a contra sua cabeça, depois a larguei e comecei a chutá-lo, com força.

Lá no fundo, eu sabia que meu protesto não iria fazer a menor diferença, não iria ajudar em nada, só iria causar problemas. No entanto, eu não podia ficar ali parada, consentindo com meu silêncio. Não era pelas garotas marcadas a ferro, pelo homem no tablado, nem por nenhum deles que eu reagi; foi por mim mesma.

Houve um grande tumulto ao meu redor e mãos me agarraram, afastando-me do leiloeiro. Esse ilustre senhor, suficientemente recuperado de seu choque inicial, riu odiosamente para mim, mirou e esbofeteou com força o escravo.

Olhei ao redor em busca de reforço, mas apenas vislumbrei

Fergus, o rosto contorcido de raiva, abrindo caminho à força pela multidão em direção ao leiloeiro. Ouviu-se um grito e vários homens viraram-se em sua direção. As pessoas começaram a empurrar e pressionar. Alguém me fez tropeçar e eu caí sentada nas pedras.

Através de uma nuvem de poeira, vi Murphy, a dois metros de distância. Com uma expressão resignada no rosto largo e vermelho, ele se inclinou, removeu a perna de pau, endireitou-se e, saltando graciosamente para a frente, desfechou-a com toda a força na cabeça do leiloeiro. O homem cambaleou e caiu, enquanto a multidão recuava como uma onda, tentando sair do caminho.

Fergus, frustrado em seus planos de atacar a presa, parou de repente junto ao homem caído e olhou ferozmente ao redor. Lawrence, sombrio, carrancudo e volumoso, atravessava a multidão a passos largos vindo da outra direção, a mão sobre o facão à sua cintura.

Fiquei sentada no chão, abalada. Já não me sentia distanciada. Sentia-me enjoada, aterrorizada, percebendo que eu acabara de cometer uma tolice, que provavelmente resultaria em Fergus, Lawrence e Murphy sendo surrados, se não pior.

E, então, Jamie apareceu.

— Levante-se, Sassenach — disse ele serenamente, inclinándose sobre mim e me oferecendo suas mãos. Consegui me levantar, os joelhos trêmulos. Vi o longo bigode de Raeburn contorcendo-se em um dos lados, MacLeod atrás dele, e percebi que seus escoceses estavam com ele. Então meus joelhos cederam, mas os braços de Jamie me ampararam.

— Faça alguma coisa — eu disse numa voz engasgada, junto ao seu peito. — Por favor. Faça alguma coisa.

E ele fez. Com sua habitual presença de espírito, ele fizera a única coisa capaz de debelar o tumulto e evitar maiores danos. Ele comprou o homem de um braço. E como resultado irônico de minha pequena explosão de sensibilidade, eu era agora a horrorizada proprietária de um genuíno escravo africano, de um só braço, mas

de saúde exuberante e de virilidade garantida.

Suspirei, tentando não pensar no sujeito, provavelmente agora em algum lugar sob meus pés, alimentado e — eu esperava — vestido. Os documentos de propriedade, que eu me recusara sequer a tocar, diziam que ele era um negro puro-sangue da Costa do Ouro, um iorubá, vendido por um fazendeiro francês de Barbuda, com um único braço, ostentando no ombro esquerdo a marca de uma flor-de-lis e a inicial “A”, e conhecido pelo nome de Temeraire, o Corajoso. Os documentos não sugeriam o que, em nome de Deus, eu deveria fazer com ele.

Jamie terminara de ler os papéis que seu conhecido maçônico trouxera — eram muito parecidos aos que eu recebera por Temeraire, até onde podia ver da balaustrada do navio. Ele os devolveu com uma reverência de agradecimento, a testa ligeiramente franzida. Os dois homens trocaram algumas palavras e despediram-se com outro aperto de mãos.

— Estão todos a bordo? — perguntou Jamie, descendo da prancha de embarque. Soprava uma leve brisa; ela agitou a fita azul-marinho que amarrava seus cabelos num espesso rabo de cavalo.

— Sim, senhor — disse o sr. Warren, com o descontraído movimento de cabeça usado como saudação em um navio mercante. — Vamos zarpar?

— Vamos, por favor. Obrigado, sr. Warren. — Com uma ligeira medida, Jamie passou por ele e veio postar-se ao meu lado. — Não — disse ele à meia-voz. Seu rosto estava calmo, mas eu podia sentir a profundidade de sua decepção. Entrevistas no dia anterior com os dois homens que lidavam com contratos de serviços de brancos no mercado de escravos não forneceram nenhuma informação útil. O fazendeiro maçônico fora uma esperança de última hora.

Não havia nada útil que eu pudesse dizer. Coloquei a mão sobre a dele, pousada sobre a balaustrada, e apertei-a delicadamente. Jamie olhou para mim e esboçou um sorriso. Ele respirou fundo e

endireitou os ombros, sacudindo-os para ajeitar o casaco sobre eles.

— Sim, bem. Pelo menos, aprendi uma coisa. Aquele era o sr. Villiers, dono de uma grande plantação de cana-de-açúcar aqui. Ele comprou seis escravos do capitão do navio *Bruja*, há três dias, mas nenhum deles era lan.

— Três dias? — perguntei, surpresa. — Mas... o *Bruja* deixou Hispaniola há mais de duas semanas!

Ele balançou a cabeça, esfregando o rosto. Fizera a barba, uma necessidade antes de fazer investigações públicas, e sua pele reluzia, viçosa e avermelhada, acima do linho alvo do lenço de pescoço.

— É verdade. E chegou aqui na quarta-feira, há cinco dias.

— Então, esteve em outro lugar antes de vir para Barbados! Sabemos onde?

Ele sacudiu a cabeça.

— Villiers não sabia. Ele disse que conversou um pouco com o capitão do *Bruja* e o homem lhe pareceu muito reticente sobre onde estivera e o que andara fazendo. Villiers não achou nada de mais nisso, sabendo que o *Bruja* tem má reputação e vendo que o capitão estava disposto a vender os escravos por um bom preço.

— Ainda assim — disse ele, animando-se um pouco —, Villiers me mostrou os documentos dos escravos que comprou. Você viu os documentos de seu escravo?

— Gostaria que não o chamasse assim — eu disse. — Mas, sim. Os que você viu eram iguais?

— Não inteiramente. Três dos documentos não citavam nenhum dono anterior, embora Villiers diga que nenhum deles acabou de chegar da África; todos eles sabem algumas palavras em inglês, pelo menos. Um citava um proprietário anterior, mas o nome fora riscado; não consegui lê-lo. Os outros dois davam uma sra. Abernathy da Mansão da Rosa, Jamaica, como a proprietária anterior.

— Jamaica? A que distância...

— Não sei — interrompeu ele. — Mas o sr. Warren deve saber. Pode estar certo. De qualquer forma, acho que devemos ir para a Jamaica primeiro, nem que seja para nos livrarmos de nossa carga antes que todos morram de repugnância. — Ele franziu o longo nariz com nojo e eu ri.

— Você fica parecendo um tamanduá quando faz isso — disse-lhe.

A tentativa de distraí-lo surtiu efeito; a boca larga curvou-se ligeiramente para cima.

— Ah, é? É um animal que come formigas, não é? — Ele se esforçou o melhor que pôde para reagir à brincadeira, virando as costas para as docas de Barbados. Apoiou-se contra a balaustrada e sorriu para mim. — Não acho que elas saciem a fome.

— Imagino que ele tenha que comer uma grande quantidade delas. Afinal, não podem ser piores do que haggis — disse, referindo-me ao prato de miúdos de carneiro dos escoceses. Respirei fundo antes de continuar e soltei o ar rápido, tossindo. — Santo Deus, o que é isso?

O *Artemis* já havia deixado o embarcadouro e estava ao largo do porto. Quando atingimos uma distância suscetível aos ventos, um cheiro forte e penetrante tomou conta do navio, um cheiro pior e mais sinistro do que os componentes da sinfonia olfativa do cais: cracas mortas, madeira molhada, peixe, algas podres e o constante bafo morno da vegetação tropical na praia.

Apertei meu lenço com força sobre o nariz e a boca.

— O que é isso?

— Estamos passando pelo local da queima de corpos, senhora, ao pé do mercado de escravos — explicou Maitland, ouvindo minha pergunta. Apontou para a praia, onde uma nuvem de fumaça branca erguia-se por trás de uma cortina de arbustos de pimenta-da-jamaica. — Eles queimam os corpos dos escravos que não sobrevivem ao transporte da África até aqui — continuou. — Primeiro eles descarregam a carga viva e, depois, quando o navio passa pela limpeza, os corpos são removidos e atirados na pira que

fica ali, para evitar que as doenças se espalhem pela cidade.

Olhei para Jamie e encontrei o mesmo temor que transparecia em meu próprio rosto.

— Com que frequência eles queimam corpos? — perguntei. — Todo dia?

— Não sei, senhora, mas creio que não. Talvez uma vez por semana? — Maitland deu de ombros e afastou-se para cuidar de seus afazeres.

— Temos que dar uma olhada — eu disse. Minha voz soou estranha a meus próprios ouvidos, calma e clara. Eu não me sentia assim.

Jamie ficara muito pálido. Virara-se outra vez e seus olhos estavam fixos na fumaça, que se elevava espessa e branca detrás das palmeiras. Seus lábios cerraram-se com força e seu maxilar enrijeceu-se.

— Sim — foi tudo que disse, virando-se então para ordenar ao sr. Warren que mudasse de direção.

O homem encarregado de manter a pira acesa, uma pequena criatura fenecida, de cor e sotaque indistinguíveis, ficou clamorosamente chocado que uma senhora entrasse no local da queima, mas Jamie afastou-o bruscamente com uma cotovelada. Ele não tentou me impedir de segui-lo nem se virou para ver se eu o fazia; sabia que eu não o deixaria sozinho ali.

Era uma pequena clareira, situada atrás de uma cortina de árvores, num local conveniente para um pequeno desembarcadouro que se estendia pelo rio adentro. Barris de piche lambuzados de preto e pilhas de madeira seca agrupavam-se em montes sinistros e pegajosos entre os verdes luxuriantes de samambaias e poincianas-anãs. À direita, uma enorme pira fora erguida, com uma plataforma de madeira, sobre a qual os corpos haviam sido atirados e respingados de piche.

A pira fora acesa havia pouco tempo. Uma boa chama começara em um dos lados da pilha de cadáveres, mas apenas pequenas



línguas de fogo lambiam aqui e ali no resto da pilha. Era a fumaça que obscurecia os corpos, subindo em rolos acima da pira em um véu espesso e ondulante, que dava aos membros atirados para fora a horrível ilusão de movimento.

Jamie parara, fitando a pilha. Em seguida, saltou sobre a plataforma, sem se importar com a fumaça e o calor, e começou a puxar e empurrar corpos, remexendo implacavelmente os medonhos restos mortais.

Próximo dali, via-se uma pilha menor de cinzas e fragmentos de ossos muito brancos e quebradiços. A curva de um occipício jazia no topo da pilha, frágil e perfeito como uma casca de ovo.

— Dá uma boa colheita. — A pequena criatura suja de fuligem que cuidava do fogo estava junto ao meu cotovelo, oferecendo informações na evidente esperança de uma recompensa. Ele... ou ela. — Apontou para as cinzas. — Coloca na plantação; faz crescer, crescer.

— Não, obrigada — eu disse, fracamente. A fumaça obscureceu a figura de Jamie por um momento e eu tive a terrível sensação de que ele havia caído e estava queimando na pira. O cheiro horrível e intenso de carne assada ergueu-se no ar e eu achei que iria vomitar.

— Jamie! — gritei. — Jamie!

Ele não respondeu, mas ouvi uma tosse rouca e profunda do centro do fogo. Vários e longos minutos depois, o véu de fumaça se abriu e ele saiu cambaleando, sufocado.

Desceu da plataforma e ficou dobrado ao meio, tossindo incontrolavelmente. Estava coberto de uma fuligem oleosa, as mãos e roupas sujas de piche. Estava cego pela fumaça; as lágrimas escorriam pelo seu rosto, desenhando filetes na fuligem.

Atirei várias moedas para o responsável pela pira e, segurando Jamie pelo braço, o levei, cego e sufocado, para fora do vale da morte. Sob as palmeiras, ele deixou-se cair de joelhos e vomitou.

— Não toque em mim — disse ele, arfando, quando tentei ajudá-lo. Sacudiu-se diversas vezes pelas ânsias de vômito, mas finalmente parou, cambaleando sobre os joelhos. Em seguida,

devagar e sem firmeza, colocou-se de pé. — Não me toque — repetiu ele. Sua voz, rouca pela fumaça e pelo enjoo, parecia a de um estranho.

Caminhou até a beira do píer, retirou o casaco e os sapatos, e mergulhou na água, com todas as outras roupas. Esperei por um instante, depois me abaixei e peguei seu casaco e sapatos, segurando-os cuidadosamente com o braço esticado. Pude ver no bolso interno o pequeno volume retangular das fotos de Brianna.

Esperei até ele voltar e içar-se para fora da água, escorrendo água. As manchas de piche ainda estavam lá, mas a maior parte da fuligem e o cheiro do fogo haviam sumido. Ele sentou-se no desembarcadouro, a cabeça entre os joelhos, respirando com dificuldade. Uma fileira de rostos curiosos despontava da balaustrada do *Artemis* acima de nós.

Sem saber o que fazer, inclinei-me e coloquei a mão em seu ombro. Sem levantar a cabeça, ele ergueu o braço e segurou minha mão.

— Ele não estava lá — disse ele, em sua estranha voz rouca e abafada.

A brisa era revigorante; agitava os anéis de cabelos molhados que se espalhavam sobre seus ombros. Olhei para trás e vi que a nuvem de fumaça que se erguia do pequeno vale tornara-se negra. Espalhou-se e começou a flutuar para o mar, as cinzas dos escravos mortos fugindo ao vento, de volta para a África.

**54**

**“O PIRATA IMPETUOSO”**

-Não posso ser dona de ninguém, Jamie — eu disse, olhando consternada para os documentos sob a luz do lampião. — Eu simplesmente *não posso*. Não é direito.

— Bem, estou inclinado a concordar com você, Sassenach. Mas o que vamos fazer com o sujeito? — Jamie sentou-se ao meu lado no beliche, suficientemente perto para ver os documentos por cima do meu ombro. Passou a mão pelos cabelos, franzindo a testa. — Poderíamos libertá-lo, é o que parece correto, mas, se o fizermos, o que acontecerá a ele? — Inclinou-se para a frente, estreitando os olhos por cima do nariz para ler os papéis. — Quase não sabe nada em inglês ou francês; não tem nenhuma habilidade específica. Se o libertássemos, ou mesmo lhe déssemos um pouco de dinheiro, ele conseguiria sobreviver por conta própria?

Dei uma pequena mordida em um pãozinho de queijo de Murphy. Era bom, mas o cheiro do óleo queimando no lampião misturava-se estranhamente com o aroma do queijo, reforçado — como tudo o mais — pelo cheiro insidioso de guano de morcego que permeava o navio.

— Não sei — eu disse. — Lawrence me disse que há muitos negros livres em Hispaniola. Muitos creoles e pessoas de raças misturadas, e muitos que têm seu próprio negócio. É assim na Jamaica também?

Ele sacudiu a cabeça e pegou um pãozinho da bandeja.

— Acho que não. É verdade, há alguns negros livres que ganham a vida por conta própria, mas são os que têm alguma habilidade, como costureiros e pescadores. Conversei um pouco com esse Temeraire. Era cortador de cana até perder um braço e não sabe fazer praticamente mais nada.

Coloquei o pãozinho sobre a mesa, quase intocado, e franzi a

testa com desgosto para os papéis. A simples ideia de possuir um escravo me assustava e enojava, mas eu estava começando a compreender que poderia não ser tão simples me livrar da responsabilidade.

O homem fora tirado de um *barracoon*, uma espécie de prisão temporária para escravos e condenados que aguardavam extradição, na costa da Guiné, há cinco anos. Meu impulso original, de mandá-lo de volta à sua terra, era obviamente impossível; ainda que fosse possível encontrar um navio com destino à África que concordasse em levá-lo como passageiro, a esmagadora probabilidade é a de que ele seria imediatamente escravizado outra vez, ou pelo navio que o aceitara ou por qualquer outro traficante de escravos nos portos da África Ocidental.

Viajando sozinho, com apenas um braço e ignorante, não teria absolutamente nenhuma proteção. E ainda que conseguisse por algum milagre chegar à África a salvo e se manter longe das garras dos mercadores de escravos tanto europeus quanto africanos, não havia praticamente nenhuma chance de ele encontrar o caminho de volta ao seu vilarejo. Se tentasse, Lawrence explicara gentilmente, ele provavelmente seria assassinado ou escorraçado, já que seu próprio povo agora o consideraria um fantasma, e perigoso para eles.

— Imagino que você não consideraria vendê-lo, não é? — Jamie colocou a questão delicadamente, erguendo uma das sobrancelhas.

— Para alguém que temos certeza que o trataria bem?

Esfreguei dois dedos entre as sobrancelhas, tentando acalmar uma crescente dor de cabeça.

— Não vejo em que isso seria melhor do que ele pertencer a nós mesmos — protestei. — Pior ainda, provavelmente, porque não poderíamos ter certeza do que os novos proprietários fariam com ele.

Jamie suspirou. Ele passara a maior parte do dia percorrendo os subterrâneos escuros e fétidos do navio com Fergus, fazendo inventários para nossa chegada à Jamaica, e estava cansado.

— Sim, entendo — disse ele. — Mas não é nenhuma bondade libertá-lo para que ele passe fome, isso eu sei.

— Não. — Tentei afastar o desejo pouco caridoso de jamais ter visto o escravo de um braço. Teria sido muito melhor para mim, mas provavelmente não para ele.

Jamie levantou-se do beliche e espreguiçou-se, apoiando-se na escrivaninha e flexionando os ombros para relaxá-los. Inclinou-se e me beijou na testa, entre as sobrancelhas.

— Não se preocupe, Sassenach. Falarei com o administrador da plantação de Jared. Talvez consiga encontrar alguma utilidade para o sujeito, ou então...

Um grito de alerta vindo de cima interrompeu-o.

— Navio à vista! Cuidado, aí embaixo! A bombordo! Ao largo da proa! — O grito de alerta era urgente e ouviu-se um repentino corre-corre, conforme marinheiros começaram a surgir. Em seguida, houve uma grande gritaria, um solavanco e um estremecimento quando o *Artemis* impeliu suas velas para trás.

— O que em nome de Deus... — Jamie começou a dizer. Uma colisão dilacerante abafou suas palavras e ele foi arremessado para o lado, os olhos arregalados de susto, quando a cabine inclinou-se. O banco em que eu estava caiu, atirando-me ao chão. O lampião a óleo foi lançado de seu suporte, felizmente apagando-se antes de atingir o assoalho. O lugar ficou às escuras.

— Sassenach! Você está bem? — A voz de Jamie veio da escuridão próxima, aguda de ansiedade.

— Sim — eu disse, arrastando-me debaixo da mesa. — E você? O que aconteceu? Alguém bateu em nós?

Sem parar para responder a nenhuma dessas perguntas, Jamie já havia alcançado a porta e a abria. A babel de vozes, exclamações e pancadas vinha do convés acima, pontuada pelo repentino pipocar de tiros de armas pequenas.

— Piratas — disse ele sucintamente. — Fomos abordados. — Meus olhos estavam se acostumando à penumbra. Vi sua sombra arremessar-se para a escrivaninha, para apanhar a pistola na

gaveta. Parou para pegar a adaga sob o travesseiro de seu beliche e partiu em direção à porta, dando instruções enquanto saía. — Pegue Marsali, Sassenach, e leve-a para baixo. Vá em direção à popa até onde puder, o porão grande onde estão os blocos de guano. Escondam-se atrás deles e fiquem lá. — E desapareceu.

Passei um instante tateando pelo armário acima do meu beliche, à procura da caixa marroquina que madre Hildegard me dera quando a visitei em Paris. Um bisturi poderia ser de pouca utilidade contra piratas, mas eu me sentiria melhor com uma arma de algum tipo na mão, por menor que fosse.

— Mamãe Claire? — A voz de Marsali veio da porta, alta e assustada.

— Estou aqui — eu disse. Vislumbrei um reflexo de algodão claro quando ela se moveu e enfiei o abridor de cartas de marfim em sua mão. — Tome, segure isto, só para garantir. Vamos, temos que descer.

Com uma lâmina de amputação de cabo longo em uma das mãos e um monte de bisturis na outra, atravessei o navio na direção do porão de popa. Pés pesados estrondavam no convés acima e imprecações e gritos ecoavam na noite, superpostos por um terrível barulho dissonante e gemido, que eu achei que devia ser causado pelo roçar das madeiras do *Artemis* contra as do navio desconhecido que nos abalroara.

O porão estava escuro como breu e o ar era denso de vapores empoeirados. Avançamos lentamente, tossindo, em direção aos fundos do porão.

— Quem são eles? — perguntou Marsali. Sua voz soou estranhamente abafada, os ecos do porão amortecidos pelos blocos de guano empilhados ao nosso redor. — Acha que são piratas?

— Imagino que sim. — Lawrence nos dissera que o Caribe era um rico campo de caça para navios piratas e embarcações inescrupulosas de todo tipo, mas esperávamos não ter nenhum problema, já que nossa carga não era particularmente valiosa. — Acho que não têm um bom olfato.

— Hein?

— Deixe pra lá — eu disse. — Sente-se aqui. Não podemos fazer nada, a não ser esperar.

Eu sabia por experiência própria que esperar enquanto os homens lutavam era uma das coisas mais difíceis de fazer na vida, mas neste caso não havia nenhuma alternativa sensata.

Ali embaixo, os sons da batalha eram reduzidos a um ruído surdo e distante, embora o gemido constante e dilacerado das madeiras raspando umas nas outras ecoasse por todo o navio.

— Ah, meu Deus, Fergus — sussurrou Marsali, ouvindo, a voz cheia de agonia. — Virgem Maria, salve-o!

Repeti silenciosamente sua prece, pensando em Jamie, em algum lugar no caos acima. Persigui-me no escuro, tocando o pequeno ponto entre minhas sobrancelhas que ele beijara há alguns minutos, sem querer pensar que podia facilmente ser o último toque de seus lábios que eu teria na vida.

Repentinamente, houve uma explosão em cima, um rugido que fez vibrar as vigas proeminentes onde estávamos sentadas.

— Estão explodindo o navio! — Marsali levantou-se num salto, em pânico. — Vão nos afundar! Temos que sair daqui! Vamos morrer afogadas aqui!

— Espere! — gritei. — São só os canhões! — Mas ela não esperara para me ouvir. Eu podia ouvi-la, desatinada, cega de pânico, choramingando entre os blocos de guano.

— Marsali! Volte aqui! — Não havia absolutamente nenhuma luz no porão. Dei alguns passos pelo ambiente sufocante, tentando localizá-la pelo barulho, mas o efeito amortecedor dos blocos farelentos escondia seus movimentos de mim. Ouviu-se outro estrondo no convés superior e um terceiro logo em seguida. O ar estava cheio de pó agitado com as vibrações e eu me engasguei, os olhos lacrimejando.

Limpei os olhos com a manga da minha roupa e pisquei. Eu não estava imaginando aquilo; havia uma luz no porão, uma claridade turva que debruava os contornos do bloco mais próximo.



— Marsali? — chamei. — Onde você está?

A resposta foi um grito agudo aterrorizado, vindo da direção da luz. Lancei-me ao redor do bloco, desviei-me entre dois outros e emergi no espaço junto à escada, encontrando Marsali nas garras de um homem grande e seminu.

Ele era imensamente gordo, as roliças camadas de gordura decoradas com uma série de tatuagens, um estrepitoso colar de moedas e botões pendurado no pescoço. Marsali desferia tapas no sujeito, com gritos estridentes, e ele desviava o rosto, impaciente.

Então ele me viu e seus olhos se arregalaram. Ele possuía um rosto largo e chato, e cabelos negros alcatroados, com um topete no alto da cabeça. Abriu um riso largo e ameaçador para mim, exibindo uma pronunciada falta de dentes, e disse alguma coisa que soou como um espanhol arrastado.

— Solte-a! — gritei. — *Basta, cabrón!* — Esse era todo o espanhol que eu consegui lembrar. Ele pareceu achar engraçado, porque arreganhou ainda mais a boca, soltou Marsali e virou-se para mim. Atirei nele um dos meus bisturis. O objeto ricocheteou em sua cabeça, surpreendendo-o, e ele agachou-se, perplexo. Marsali esquivou-se dele e avançou para a escada.

O pirata resmungou por um instante, dividido entre nós duas, mas depois se voltou para a escada, saltando vários degraus com uma agilidade que não combinava com seu peso. Agarrou Marsali pelo pé quando ela mergulhava pela escotilha e ela gritou.

Praguejando incoerentemente à meia-voz, corri para a base da escada e, erguendo o braço, atirei a faca de amputação de cabo longo em seu pé, com todas as forças que consegui reunir. O pirata emitiu um grito longo e esganiçado. Algo passou voando pela minha cabeça e um jato de sangue atingiu meu rosto, úmido e quente em minha pele.

Aturdida, caí para trás, olhando para baixo por reflexo para ver o que caíra. Era um pequeno dedo do pé, marrom, caloso e com a unha preta, sujo de poeira.

O pirata atingiu o convés ao meu lado com um baque surdo que

fez as tábuas do assoalho estremecerem, e lançou-se sobre mim. Desviei-me, mas ele me agarrou pela manga. Puxei o braço com um safanão, rasgando o tecido, e tentei golpear seu rosto com a lâmina em minha mão.

Saltando para trás, atônito, ele escorregou no próprio sangue e caiu. Dei um salto em direção à escada e subi desesperadamente, deixando cair a lâmina.

Ele estava tão perto atrás de mim que consegui agarrar a barra da minha saia, mas puxei-a com força e investi escada acima, os pulmões ardendo com a poeira do sufocante porão. O homem gritava uma língua que eu não conhecia. Em algum recesso turvo de minha mente, não ocupado com a sobrevivência imediata, especulei que talvez fosse português.

Irrompi do porão em cima do convés no meio de um completo caos. O ar era denso de fumaça negra de pólvora e pequenos grupos de homens empurravam-se e puxavam-se, xingando e tropeçando por todo o convés.

Eu não podia perder tempo olhando ao redor; ouviu-se um urro rouco da escotilha atrás de mim e eu me lancei na direção da balaustrada. Hesitei por um instante, equilibrada no estreito corrimão de madeira. O mar passava vertiginosamente lá embaixo, numa estonteante agitação negra. Agarrei-me ao cordame e comecei a subir.

Foi um erro; compreendi isso quase imediatamente. Ele era um marinheiro, eu não. Nem era atrapalhado por um vestido. As cordas dançavam e sacudiam-se em minhas mãos, vibrando sob o impacto do peso do meu atacante, quando ele atingiu as cordas abaixo de mim.

Ele subia pela parte de baixo das cordas, galgando-as como um gibão, enquanto eu avançava devagar pela inclinação superior do cordame. Quando ficamos na mesma altura, ele cuspiu no meu rosto. Continuei a subir, impelida pelo desespero; não havia mais nada a fazer. Ele me acompanhou, facilmente, sibilando por um riso pernicioso, quase desdentado. Não importava qual língua ele estava

falando; o significado era perfeitamente claro. Segurando-se com uma das mãos, retirou o alfanje da faixa em sua cintura e girou-o num golpe maligno que por pouco não me atingiu.

Eu estava apavorada demais até para gritar. Não havia nenhum lugar para onde fugir, nada a fazer. Cerrei os olhos com força e desejei que tudo acabasse rápido.

E acabou. Ouvi um ruído surdo, um grunhido agudo e um forte cheiro de peixe.

Abri os olhos. O pirata desaparecera. Ping An estava sentado no vau, a um metro de distância, a crista em pé de irritação, as asas semiabertas para manter o equilíbrio.

— Gwa! — disse ele, de mau humor. Virou um olho redondo, pequeno e amarelo para mim e bateu o bico em advertência. Ping An detestava barulho e comoção. Evidentemente, também não gostava de piratas portugueses.

Havia pontos negros diante dos meus olhos e eu me sentia tonta. Agarrei-me com força às cordas, tremendo, até achar que conseguia me mexer outra vez. O barulho lá embaixo diminuía e o teor da gritaria mudara. Algo acontecera; achei que tudo terminara.

Ouviu-se um novo barulho, o ondular repentino de velas, seguido de um som longo e rascante, com uma vibração que fazia a corda em que eu me segurava zumbir em minhas mãos. Acabara; o navio pirata afastava-se. Do outro lado do *Artemis*, vi a trama do mastro e do cordame do navio pirata começar a se mover, negros contra o céu prateado do Caribe. Muito, muito devagar, comecei a longa viagem de volta.

Os lampiões ainda estavam acesos embaixo. Uma névoa negra de pólvora pairava sobre tudo e corpos jaziam aqui e ali no convés. Meu olhar percorreu-os enquanto eu descia, à procura de uma cabeleira ruiva. Encontrei-a e meu coração deu um salto.

Jamie estava sentado num barril perto do leme, com a cabeça inclinada para trás, os olhos cerrados, um pano pressionado contra sua testa e um copo de uísque na mão. O sr. Willoughby estava ajoelhado a seu lado, administrando primeiros socorros — na forma

de mais uísque — a Willie MacLeod, sentado com as costas apoiadas contra o mastro de proa, parecendo enjoado.

Todo o meu corpo tremia de exaustão e reação. Sentia-me zozza e ligeiramente fria. Eu estava em choque, imagino, e não era de admirar. Eu bem que precisava de um pouco daquele uísque também.

Agarrei as cordas menores acima da balaustrada e deslizei para o convés, sem me importar que minhas mãos ficassem esfoladas. Eu suava e tremia de frio ao mesmo tempo, e a penugem do meu rosto pinicava desagradavelmente.

Aterrissei desajeitadamente, com um baque que fez Jamie endireitar-se e abrir os olhos. O olhar de alívio em seus olhos puxou-me até ele pelos poucos metros que nos separavam. Senti-me melhor, com o músculo sólido e quente de seu ombro sob minha mão.

— Você está bem? — eu disse, inclinando-me sobre ele para olhar.

— Sim, nada mais do que um pequeno golpe — disse ele, erguendo o rosto com um sorriso para mim. Havia um pequeno corte junto à linha do seu couro cabeludo, onde algo como a coronha de uma pistola o atingira, mas o sangue já coagulara. Havia manchas de sangue escuras, quase secas, na frente de sua camisa, mas a manga de sua camisa também estava ensanguentada. Na verdade, estava quase encharcada, com sangue vivo e vermelho.

— Jamie! — exclamei, agarrando seu ombro, minha visão obscurecendo nas bordas. — Você não está bem, olhe, está sangrando!

Meus pés e mãos estavam dormentes e quase não senti suas mãos agarrarem-me pelos braços conforme ele se levantava, subitamente alarmado. A última coisa que vi, entre lampejos de luz, foi seu rosto, que ficou pálido sob a pele bronzeada.

— Santo Deus! — exclamou ele com a voz assustada, na escuridão em redemoinho. — Não é meu sangue, Sassenach, é seu!

— Eu não vou morrer — eu disse de mau humor —, a menos que seja de calor. Tire uma parte dessas cobertas de cima de mim!

Marsali, que estivera chorosamente rezando para eu não falecer, pareceu um pouco aliviada diante dessa explosão. Parou de chorar e fungou esperançosa, mas não fez nenhum movimento para retirar um dos mantos, casacos, cobertores e outros empecilhos nos quais eu estava enrolada.

— Ah, não posso fazer isso, mamãe Claire! — disse ela. — Papai disse para mantê-la aquecida!

— Aquecida! Estou sendo cozida viva! — Eu estava na cabine do capitão e mesmo com as janelas de popa completamente abertas, a atmosfera embaixo do convés era asfixiante, quente do sol e impregnada dos vapores acres da carga.

Tentei lutar para escapar do meu embrulho, mas logo um raio atingiu meu braço direito. O mundo escureceu, com pequenos flashes luminosos ziguezagueando pela minha vista.

— Permaneça deitada e quieta — disse uma voz escocesa grave, através de uma onda de tontura e náusea. Um braço segurava-me por baixo dos ombros, uma grande mão embalava minha cabeça. — Sim, isso mesmo, deite-se no meu braço. Tudo bem agora, Sassenach?

— Não — eu disse, vendo cata-ventos coloridos dentro das minhas pálpebras. — Acho que vou vomitar.

Foi o que fiz e, na verdade, foi um processo muito desagradável, com facas incandescentes sendo enfiadas no meu braço direito a cada espasmo.

— Jesus H. Roosevelt Cristo! — exclamei finalmente, voltando à minha expressão favorita.

— Terminou? — Jamie deitou-me cuidadosamente e ajeitou minha cabeça sobre o travesseiro.

— Se está perguntando se estou morta, a resposta infelizmente é não. — Entreabri um dos olhos. Ele estava ajoelhado junto ao meu beliche, ele próprio parecia-se muito com um pirata, tinha uma faixa de tecido, manchada de sangue, amarrada em volta da cabeça e

ainda usava a mesma camisa ensopada de sangue.

Ele permaneceu em silêncio, assim como o resto da cabine, de modo que eu então abri o outro olho. Ele sorriu frouxamente para mim.

— Não, você não está morta. Fergus vai ficar contente em saber.

Como se isso fosse um sinal, a cabeça do francês despontou ansiosamente na porta da cabine. Vendo-me acordada, seu rosto abriu-se num sorriso deslumbrante e desapareceu. Eu pude ouvir sua voz acima, informando em altos brados à tripulação que eu sobrevivera. Para meu profundo constrangimento, a notícia foi recebida com uma entusiástica ovação no convés superior.

— O que aconteceu? — perguntei.

— O que *aconteceu*? — Jamie, servindo água em um copo, parou e fitou-me por cima da borda. Ajoelhou-se outra vez a meu lado, respirando ruidosamente, e ergueu minha cabeça para que eu tomasse um gole de água. — O que aconteceu, ela pergunta! Sim, de fato, o que aconteceu? Eu digo a você para ficar escondida com Marsali lá embaixo e quando vejo, você cai do céu e aterrissa a meus pés, ensopada de sangue!

Enfiou o rosto no compartimento do beliche e fitou-me furiosamente. Já era bastante impressionante quando estava barbeado e sem ferimentos, era consideravelmente mais feroz quando visto — a barba por fazer, sujo de sangue e furioso — a uma distância de alguns centímetros. Fechei os olhos prontamente outra vez.

— Olhe para mim! — disse ele enfaticamente, e eu o fiz, contra a própria voz da razão.

Os olhos azuis perfuraram os meus, apertados de raiva.

— Você sabe que quase morreu? — perguntou ele. — Você tem um corte no braço, fundo até o osso, da axila ao cotovelo, e se eu não tivesse amarrado um pano em volta, você estaria alimentando os tubarões a esta hora!

Um enorme punho cerrado abateu-se com toda a força no lado do beliche, sobressaltando-me. O movimento fez meu braço doer,

mas não emiti nenhum som.

— Droga, mulher! Você nunca vai fazer o que eu mandar?

— Provavelmente, não — eu disse timidamente.

Virou-se para mim com uma carranca ameaçadora, mas pude ver o canto de sua boca torcer-se sob os pelos acobreados da barba.

— Meu Deus, o que eu não daria para vê-la amarrada de barriga para baixo em um canhão e eu com a ponta de uma corda na mão.

— Resfolegou outra vez e retirou o rosto do compartimento do beliche. — Willoughby! — berrou ele. Imediatamente, o sr. Willoughby entrou, radiante, com um fumegante bule de chá e uma garrafa de conhaque numa bandeja.

— Chá! — sussurrei, esforçando-me para me sentar. — Manjar dos deuses. — Apesar da atmosfera tensa da cabine, chá quente era tudo de que eu precisava. A deliciosa bebida, com um toque de conhaque, deslizou pela minha garganta e assentou-se tranquilamente na boca do meu trêmulo estômago. — Ninguém faz chá melhor do que os ingleses — eu disse, inalando o aroma —, exceto os chineses.

O sr. Willoughby iluminou-se de satisfação e inclinou-se cerimoniosamente numa reverência. Jamie voltou a resfolegar, elevando o total para três nesta tarde.

— É mesmo? Bem, aproveite-o enquanto pode.

Aquilo soou um pouco sinistro, e eu o fitei por cima da borda da minha xícara.

— E exatamente o que você quer dizer com isso? — perguntei.

— Vou cuidar do seu braço quando você terminar — informou ele. Pegou o bule e espreitou o conteúdo. — Quanto sangue você disse que uma pessoa tem no corpo? — perguntou.

— Uns nove litros — disse, intrigada. — Por quê?

Ele depositou o bule sobre a mesa e fitou-me.

— Porque — disse ele com grande precisão —, a julgar pela quantidade que você deixou no convés, talvez tenham lhe restado uns quatro agora. Tome mais um pouco de chá. — Ele encheu

minha xícara outra vez, colocou o bule sobre a mesa e saiu com passadas largas e pesadas.

— Receio que Jamie esteja um pouco aborrecido comigo — observei melancolicamente para o sr. Willoughby.

— Aborrecido, não — disse ele, procurando me consolar. — Tsei-mi ficar muito apavorado. — O pequeno chinês pousou a mão em meu ombro direito, com a delicadeza de uma borboleta. — Doer muito?

Suspirei.

— Para ser franca, sim, dói.

O sr. Willoughby sorriu e deu uns tapinhas de leve em meu ombro.

— Eu ajudar — disse ele, procurando me tranquilizar. — Mais tarde. — Apesar do latejamento em meu braço, eu me sentia suficientemente recuperada para indagar sobre o resto da tripulação, cujos ferimentos, como relatado pelo sr. Willoughby, limitavam-se a cortes e contusões, mais uma concussão e uma fratura de braço não muito grave.

Uma agitação no corredor anunciou o retorno de Jamie, acompanhado de Fergus, que carregava minha caixa de remédios embaixo de um braço e outra garrafa de conhaque na mão.

— Muito bem — eu disse, resignada. — Vamos dar uma olhada.

Eu era bem familiarizada com ferimentos escabrosos e este — tecnicamente falando — não era tão mau assim. Por outro lado, era minha própria carne que estava em jogo ali e eu não estava disposta a ser técnica.

— Aaai! — disse, meio fraca. Mesmo sendo um pouco pitoresco a respeito da natureza do ferimento, Jamie também fora muito meticoloso. Era um corte longo, bem delineado, atravessando, com uma leve inclinação, a frente do meu bíceps, do ombro a uns três centímetros acima da junta do cotovelo. E embora eu não pudesse efetivamente ver o meu úmero, sem dúvida era um ferimento muito profundo, aberto nas bordas.

Ainda sangrava, apesar da faixa de pano que fora bem amarrada



ao redor, mas a exsudação era lenta; nenhum vaso sanguíneo importante parecia ter sido seccionado.

Jamie abriu com um estalido a tampa da minha caixa de remédios e vasculhava pensativo o conteúdo com o dedo indicador.

— Você precisa de suturas e de uma agulha — eu disse, sentindo um repentino abalo de susto quando me ocorreu que eu estava prestes a levar de trinta a quarenta pontos no braço, sem nenhuma anestesia, a não ser conhaque.

— Não tem láudano? — perguntou Jamie, franzindo a testa para a caixa. Evidentemente, ele estava pensando a mesma coisa.

— Não. Usei tudo no *Porpoise*. — Controlando o tremor da minha mão esquerda, servi uma dose generosa de conhaque puro na minha xícara de chá vazia e tomei um grande gole. — Foi muita gentileza sua, Fergus — eu disse, indicando com a cabeça a nova garrafa de conhaque enquanto bebia de minha xícara. — Mas acho que não vou precisar de duas garrafas. — Considerando o teor alcoólico do conhaque francês de Jared, era improvável que conseguisse tomar mais do que uma xícara cheia.

Eu estava pensando se seria melhor ficar logo bêbada de uma vez ou me manter ao menos um pouco sóbria a fim de supervisionar as operações; não havia a menor possibilidade de eu mesma fazer a sutura, com a mão esquerda e tremendo como uma folha. Nem Fergus, com uma só mão. É verdade que as enormes mãos de Jamie podiam mover-se com surpreendente leveza em algumas tarefas, mas...

Jamie interrompeu minhas apreensões, sacudindo a cabeça e pegando a segunda garrafa.

— Esta não é para beber, Sassenach, é para limpar o ferimento.

— O quê? — Em meu estado de choque, eu me esquecera da necessidade de desinfecção. Na falta de algo melhor, eu normalmente lavava os ferimentos com álcool de cereais destilado, misturado meio a meio com água, mas já usara toda a minha reserva também, em nosso encontro com o navio de guerra.

Senti meus lábios ficarem ligeiramente dormentes e não apenas

porque o conhaque que ingerira estivesse fazendo efeito. Os habitantes das Terras Altas estavam entre os mais estoicos e corajosos dos guerreiros e os marinheiros, como classe, também não ficavam atrás. Eu vi muitos homens permanecerem deitados, sem um único queixume, enquanto eu reassentava ossos quebrados, fazia pequenas cirurgias, costurava terríveis ferimentos e de um modo geral os fazia passar o diabo, mas quando se tratava de desinfecção com álcool a história era diferente — os gritos podiam ser ouvidos a quilômetros.

— Hã... espere um minuto — eu disse. — Talvez só um pouco de água fervida...

Jamie me observava, não sem compaixão.

— Não vai ficar mais fácil com o passar do tempo, Sassenach — disse ele. — Fergus, pegue a garrafa. — E antes que eu pudesse protestar, ele me carregara do beliche e me sentara em seu colo, abraçando-me com força, prendendo meu braço esquerdo para que eu não pudesse me debater, enquanto agarrava meu pulso direito e mantinha meu braço ferido firmemente estendido para fora.

Acho que foi o velho e maldito Ernest Hemingway que disse que é de se esperar que você desmaie de dor, mas infelizmente isso nunca acontece. Tudo que posso dizer em resposta a isso é que ou Ernest tinha uma ideia muito distinta dos vários estágios de consciência ou ninguém nunca despejara conhaque em vários centímetros cúbicos de *sua* carne viva.

Para ser justa, creio que eu mesma não devo ter perdido inteiramente a consciência, já que quando comecei a recobrar os sentidos, Fergus dizia:

— Por favor, milady! Não deve gritar dessa forma. Angustia os homens.

Obviamente, angustiará Fergus, seu rosto fino estava pálido e gotículas de suor escorriam pelo seu maxilar. Ele estava certo a respeito dos homens, também — vários rostos espreitavam para dentro da cabine, pela porta e pela janela, com expressões de horror e preocupação.

Reuni a presença de espírito para fazer um débil sinal com a cabeça para eles. O braço de Jamie ainda me prendia pela cintura, eu não sabia dizer qual de nós estava tremendo — ambos, eu creio.

Consegui sentar-me na larga cadeira do capitão, com considerável ajuda, e reclinei-me, tremendo, o fogo ainda ardendo em meu braço. Jamie segurava uma das minhas agulhas curvas de sutura e um pedaço de fio esterilizado de tripa de gato, parecendo tão incerto quanto eu me sentia em relação às perspectivas.

Foi o sr. Willoughby quem interveio, serenamente retirando a agulha das mãos de Jamie.

— Eu posso fazer isso — disse ele, com autoridade. — Um momento. E desapareceu em direção à popa, provavelmente para ir buscar alguma coisa.

Jamie não protestou, nem eu. Na realidade, suspiramos de alívio simultaneamente, o que me fez rir.

— E pensar que uma vez eu disse a Bree que homens grandes eram gentis e delicados e os baixos tendiam a ser desagradáveis.

— Bem, imagino que sempre haja a exceção que confirma a regra, não é? — Enxugou meu rosto banhado de suor com uma toalha úmida, com toda a delicadeza. — Não quero saber como você fez isso — disse ele com um suspiro —, mas pelo amor de Deus, Sassenach, não faça outra vez!

— Bem, eu não pretendia fazer nada... — comecei, irritada, quando fui interrompida pelo retorno do sr. Willoughby. Ele carregava o pequeno rolo de seda verde que eu vira quando ele curara o enjoo de Jamie.

— Ah, você tem aí aquelas agulhinhas? — Jamie espreitou com interesse para as pequenas agulhas de ouro, depois sorriu para mim. — Não se preocupe, Sassenach, elas não doem... não muito, pelo menos — acrescentou ele.

Os dedos do sr. Willoughby examinaram a palma da minha mão direita, cutucando aqui e ali. Em seguida, segurou cada um dos meus dedos, sacudiu-o e torceu-o delicadamente, de modo que eu sentia as juntas estalarem levemente. Depois, colocou dois dedos

na base do meu pulso, pressionando o espaço entre o rádio e o cúbito.

— Este é o portão interior — disse ele mansamente. — Aqui ser tranquilo. Aqui estar a paz. — Eu esperava sinceramente que fosse verdade. Pegando uma das minúsculas agulhas de ouro, colocou a ponta sobre o ponto que assinalara e com um giro ágil do polegar e do indicador, perfurou a pele.

A picada me fez dar um salto, mas ele manteve minha mão imóvel com um aperto cálido e firme, e eu relaxei outra vez.

Ele colocou três agulhas em cada pulso e um extravagante feixe, parecendo um porco-espinho, no alto do meu ombro direito. Eu estava começando a ficar interessada, apesar da minha condição de cobaia. Fora uma picada inicial na colocação, as agulhas não causavam nenhum desconforto. O sr. Willoughby cantarolava baixinho, de um modo calmante, dando umas pancadinhas e pressionando alguns pontos no meu pescoço e ombro.

Eu honestamente não saberia dizer se meu braço direito estava dormente ou se eu estava apenas distraída com os procedimentos, mas sentia-me realmente menos angustiada — pelo menos, até ele pegar a agulha de sutura e começar a costurar.

Jamie estava sentado num banquinho do meu lado, segurando minha mão esquerda enquanto observava meu rosto. Após um instante, ele disse, com a voz um pouco rouca:

— Solte um pouco a respiração, Sassenach. Não vai ficar pior do que está.

Soltei o ar que não percebera que estava prendendo e percebi o que ele estava tentando me dizer. Era o medo da dor que me mantinha rígida como uma tábua na cadeira. A verdadeira dor dos pontos era desagradável, sem dúvida, mas nada que eu não pudesse suportar.

Comecei a respirar cautelosamente e dei-lhe uma aproximação grosseira de um sorriso. O sr. Willoughby cantava baixinho em chinês. Jamie traduzira as palavras para mim há uma semana; era uma canção de amor, na qual um jovem catalogava os encantos

físicos de sua parceira, um a um. Esperava que ele terminasse a sutura antes de chegar aos pés da mulher.

— É um corte muito feio — disse Jamie, os olhos no trabalho do sr. Willoughby. Eu mesma preferi não olhar. — Seria um facão malaio ou um alfanje?

— Acho que era um alfanje — eu disse. — Na verdade, sei que era. Ele veio atrás...

— Pergunto-me o que os teria levado a nos atacar — disse Jamie, sem prestar nenhuma atenção a mim. Suas sobrancelhas cerraram-se pensativamente. — Afinal de contas, não pode ter sido pela carga.

— Acho que não — eu disse. — Mas talvez não soubessem o que carregávamos. — Isso parecia extremamente improvável; qualquer navio que se aproximasse a menos de cem metros de nós teria sabido, o cheiro de amônia do guano de morcego pairava ao nosso redor como um miasma.

— Talvez, eles simplesmente achassem que o navio era suficientemente pequeno para tomarem. O próprio *Artemis* valeria um bom preço, com ou sem carga.

Pestanejei quando o sr. Willoughby fez uma pausa em sua canção para dar um nó. Achei que ele já devia estar no umbigo a essa altura, mas não estava prestando muita atenção.

— Sabemos o nome do navio pirata? — perguntei. — É bem verdade que provavelmente há muitos navios piratas nestas águas, mas sabemos que o *Bruja* estava nesta área três dias atrás e...

— É isso que estou pensando — disse ele. — Não pude ver muita coisa no escuro, mas tinha o tamanho do *Bruja* e aquela larga trave espanhola.

— Bem, o pirata que me perseguia falava... — comecei a dizer, mas o som de vozes no corredor me fez parar.

Fergus entrou cautelosamente, com medo de interromper, mas obviamente explodindo de entusiasmo. Segurava algo brilhante e chocalhante na mão.

— Milorde — disse ele —, Maitland encontrou um pirata morto

no convés de proa.

As sobancelhas ruivas de Jamie ergueram-se e ele olhou de Fergus para mim.

— Morto?

— Completamente morto, milorde — disse Fergus, com um pequeno estremecimento. Maitland espreitava por cima de seu ombro, ansioso para reclamar sua parte da glória. — Ah, sim, senhor — assegurou a Jamie fervorosamente. — Mortinho, sua pobre cabeça bateu em algo terrível!

Os três homens viraram-se e fitaram-me com um olhar penetrante. Dei-lhes um sorrisinho tímido.

Jamie esfregou a mão pelo rosto. Seus olhos estavam injetados e um filete de sangue havia secado na frente de sua orelha.

— Sassenach... — começou ele, pausadamente.

— Eu tentei lhe contar — eu disse com grande integridade. Entre o choque, o conhaque, a acupuntura e a crescente percepção de haver sobrevivido, eu começava a me sentir agradavelmente zozza. Mal notei os esforços finais do sr. Willoughby.

— Ele usava isto, milorde. — Fergus adiantou-se e colocou o colar do pirata na mesa à nossa frente. Ostentava os botões de prata de um uniforme militar, castanhas kono bem polidas, vários dentes grandes de tubarão, conchas também polidas de moluscos e pedaços de madrepérola, além de um grande número de moedas tilintantes, todas furadas para serem enfiadas no cordão de couro.

— Achei que deveria ver isso imediatamente, milorde — continuou Fergus. Estendeu a mão e ergueu uma das reluzentes moedas. Era de prata, sem nenhuma mancha, e através da crescente névoa do conhaque, pude ver em sua face as duas cabeças de Alexandre. Uma tetradracma, do século IV a.C., em perfeitas condições, como se tivesse acabado de ser cunhada.

Completamente exaurida pelos acontecimentos da tarde, eu logo adormeci, a dor no braço sendo embotada pelo conhaque. Agora já estava totalmente escuro e o efeito do conhaque passara. Meu

braço parecia inchar e latejar a cada batida do meu coração e qualquer movimento mínimo enviava pontadas agudas através dele, como fustigações de advertência da cauda de um escorpião.

A lua estava quase cheia, enorme, desequilibrada, como uma lágrima dourada, pairando logo acima da linha do horizonte. O navio adernou um pouco e a lua saiu do meu campo de visão, o homem da lua olhando maliciosamente conforme desaparecia. Eu sentia calor e provavelmente estava um pouco febril.

Havia um jarro de água no armário no outro lado da cabine. Senti-me fraca e zozna quando atirei as pernas por cima da borda do beliche e meu braço registrou um forte protesto contra o fato de ser perturbado. Devo ter feito algum barulho, porque a escuridão no assoalho da cabine moveu-se de repente e a voz de Jamie soou sonolenta da região dos meus pés.

— Está sentindo dor, Sassenach?

— Um pouco — eu disse, não querendo ser dramática. Cerrei os lábios e ergui-me nos pés de forma instável, segurando o cotovelo direito com a mão esquerda.

— Ótimo — disse ele.

— Ótimo? — eu disse, minha voz erguendo-se de indignação. Ouviu-se uma risadinha na escuridão e ele se sentou, a cabeça tornando-se visível ao se erguer acima das sombras e entrar no luar.

— Sim, é. Quando um ferimento começa a incomodar, significa que está sarando. Você não sentiu nada quando aconteceu, sentiu?

— Não — admiti. Certamente, eu o sentia agora. O ar estava muito mais fresco no mar aberto e a sensação no meu rosto do vento salgado que entrava pela janela era agradável. Eu estava úmida e pegajosa de suor e a camisola fina grudava-se em meu corpo.

— Eu vi que não sentiu. Foi isso que me assustou. A gente nunca sente um ferimento fatal, Sassenach — disse ele brandamente.

Dei uma pequena risada, mas travei quando o movimento teve um efeito devastador em meu braço.

— E como você sabe disso? — perguntei, tateando com a mão esquerda para colocar água no copo. — Não é o tipo de coisa que se aprende em primeira mão, quero dizer.

— Murtagh me disse.

A água parecia fluir silenciosamente para dentro do copo, o som gorgolejante perdendo-se no chiado da oscilação da proa lá fora. Pousei o jarro na mesa e ergui o copo, a superfície da água negra ao luar. Jamie nunca mencionara Murtagh para mim nos meses de nosso reencontro. Eu perguntei a Fergus, que me disse que o pequeno e vigoroso escocês morrera em Culloden, mas ele não sabia nada além do fato em si.

— Em Culloden. — A voz de Jamie mal podia ser ouvida acima do estalido de madeira e do zumbido do vento que nos impulsionava. — Sabia que queimaram os corpos lá? Eu me perguntei, ouvindo-os enquanto faziam isso, como seria dentro do fogo quando chegasse a minha vez. — Pude ouvi-lo engolir em seco, acima dos rangidos do navio. — Descobri, nesta manhã.

O luar privava seu rosto de cor e profundidade; ele parecia um crânio, com os ossos largos e planos da face, o maxilar branco e os olhos negros como órbitas vazias.

— Eu fui para Culloden com a intenção de morrer — disse ele, a voz pouco mais do que um sussurro. — Mas o resto, não. Eu teria ficado feliz em interromper a trajetória de uma bala de mosquete imediatamente, e no entanto, atravessei o campo e fiz metade do caminho de volta, enquanto os homens ao meu redor eram explodidos em sangrentos pedacinhos. — Levantou-se e abaixou os olhos para mim. — Por quê? — disse ele. — Por quê, Claire? Por que estou vivo e eles não?

— Não sei — eu disse suavemente. — Por sua irmã, por sua família, talvez? Por mim?

— Eles tinham famílias — disse ele. — Esposas, namoradas, filhos para chorarem por eles. E, mesmo assim, eles se foram. E eu ainda estou aqui.

— Eu não sei, Jamie — eu disse finalmente. Toquei seu rosto, já



áspero com a barba que despontava, uma incontrollável prova de vida. — Você nunca vai saber.

Ele suspirou, a maçã do rosto pressionada contra a palma de minha mão por um instante.

— Sim, sei disso. Mas não posso deixar de me perguntar, quando penso neles... especialmente em Murtagh. — Virou-se nervosamente, os olhos como sombras vazias — e compreendi que ele atravessava Drumossie Moor outra vez, com os fantasmas. — Devíamos ter ido mais cedo; os homens estavam de prontidão há horas, famintos e enregelados. Mas esperaram até Sua Majestade dar a ordem de atacar.

E Charles Stuart, empoleirado em segurança em cima de uma rocha, bem atrás da linha de combate, tendo assumido pessoalmente o comando das suas tropas pela primeira vez, havia hesitado e demorado. E os canhões ingleses tiveram tempo de se preparar e mirar direto sobre as fileiras de escoceses maltrapilhos, e abriram fogo.

— Foi um alívio, eu acho — disse Jamie à meia-voz. — Todos os homens no campo sabiam que a causa estava perdida e que estávamos mortos. E ainda assim permanecemos lá, observando os canhões ingleses surgirem e abrirem suas bocas negras diante de nós. Ninguém falava. Eu não ouvia nada além do vento e os gritos dos soldados ingleses do outro lado do campo.

E então os canhões rugiram, homens caíram e aqueles ainda de pé, reanimados por uma ordem frouxa e tardia, empunharam suas espadas e atacaram o inimigo, seus brados gaélicos abafados pelos estrondos das armas, perdidos no vento.

— A fumaça era tão densa que eu não conseguia ver mais do que alguns passos à minha frente. Chutei meus sapatos para longe e parti para cima do inimigo, gritando. — A linha exangue de seus lábios ergueu-se ligeiramente. — Eu estava feliz — disse ele, soando um pouco surpreso. — Sem medo algum. Afinal, eu pretendia morrer; não havia nada a temer, exceto ser ferido e não morrer imediatamente. Mas eu morreria e então tudo estaria

terminado, e eu a reencontraria, e tudo ficaria bem.

Aproximei-me dele e sua mão ergueu-se da escuridão para segurar a minha.

— Os homens caíam à minha volta e eu podia ouvir os estilhaços e as balas de mosquete passarem zumbindo pela minha cabeça como abelhões. Mas não fui atingido.

Ele alcançara as linhas britânicas ileso, um dos pouquíssimos escoceses a terminar o ataque através da charneca de Culloden. A equipe de um canhão ergueu os olhos, estupefata, para o enorme soldado das Terras Altas que irrompeu da cortina de fumaça como um demônio, a lâmina de sua espada larga brilhando com a chuva e, em seguida, ficando embaçada de sangue.

— Havia uma pequena parte da minha mente que perguntava por que eu os estava matando — disse ele pensativamente. — Porque certamente eu sabia que estávamos perdidos; não havia nenhuma vantagem naquilo. Mas há uma grande cobiça em matar, sabia? — Seus dedos apertaram os meus, indagando, e eu devolvi o gesto numa confirmação. — Eu não conseguia parar, ou não queria. — Sua voz era tranquila, sem amargura ou recriminação. — É um sentimento muito antigo, eu acho; o desejo de levar um inimigo com você para o túmulo. Eu o podia sentir ali, algo vermelho e quente no meu peito e barriga, e... eu me entreguei a ele — concluiu simplesmente.

Havia quatro homens operando o canhão, nenhum deles armado com mais do que uma pistola e uma adaga, nenhum esperando um ataque tão de perto. Ficaram impotentes contra a furiosa força de seu desespero, e ele os matou a todos.

— O solo tremia sob meus pés — disse ele — e eu estava quase surdo com o barulho. Não conseguia pensar. E então me ocorreu que eu estava atrás da linha inimiga. — Uma risadinha veio de baixo. — Um lugar bem ruim para tentar ser morto, hein?

Assim, ele empreendeu o caminho de volta pela charneca, para se unir aos escoceses mortos.

— Ele estava sentado contra uma moita de capim no meio do

campo... Murtagh. Fora atingido umas doze vezes pelo menos e havia um terrível ferimento em sua cabeça... eu sabia que ele estava morto.

Mas ele não estava; quando Jamie caiu de joelhos ao lado de seu padrinho e tomou o pequeno corpo nos braços, os olhos de Murtagh se abriram.

— Ele me viu. E sorriu.

E então, a mão do velho amigo tocou seu rosto de leve. “Não tenha medo, *a bhalaic*”, dissera Murtagh, usando as afetuosas palavras para um garotinho amado. “Não dói nada morrer.”

Fiquei parada por um longo tempo, segurando a mão de Jamie. Então, ele suspirou e sua outra mão fechou-se muito, muito delicadamente ao redor de meu braço ferido.

— Muita gente morreu, Sassenach, porque me conhecia... ou sofreu por me conhecer. Eu daria meu próprio corpo para lhe poupar um momento de dor... e, no entanto, eu gostaria de poder fechar minha mão agora até ouvi-la gritar para saber com certeza que não a matei também.

Inclinei-me para a frente, pressionando um beijo na pele de seu peito. Ele dormia despido no calor.

— Você não me matou. Você não matou Murtagh. E nós encontraremos Ian. Leve-me de volta para a cama, Jamie.

Algum tempo depois, quando eu cochilava à beira do sono, ele falou do chão ao meu lado.

— Sabe, eu raramente queria voltar para casa, para Laoghaire — disse ele pensativamente. — E, no entanto, quando finalmente o fazia, eu a encontrava exatamente onde a deixara.

Virei a cabeça para o lado, onde sua respiração suave vinha do chão ensombreado.

— Ah, é? E é esse o tipo de mulher que você quer? O tipo que fica parada no mesmo lugar?

Ele emitiu um pequeno ruído entre uma risadinha e uma tosse, mas não respondeu. Após alguns instantes, o som de sua respiração mudou para um ronco suave e rítmico.

**55**

ISHMAEL

Tive um sono agitado e acordei tarde e febril, com uma dor de cabeça latejante atrás dos olhos. Sentia-me bastante doente para não protestar quando Marsali insistiu em banhar minha testa, mas relaxei com gratidão, os olhos fechados, desfrutando o toque fresco do pano embebido em vinagre nas minhas têmporas latejantes.

Era tão calmante, na verdade, que adormeci novamente quando ela saiu. Sonhava agitadamente com passagens estreitas e escuras de uma mina e com o giz de ossos incinerados, quando fui repentinamente acordada por um estrondo que me fez sentar ereta no beliche e enviou uma dor lancinante como uma flecha rasgando minha cabeça.

— O quê? — exclamei, segurando a cabeça com as duas mãos, como se quisesse impedir que ela caísse. — O que foi isso? — A janela fora coberta para impedir que a luz me perturbasse e foi preciso um momento para minha visão aturdida se adaptar à penumbra.

No lado oposto da cabine, uma enorme figura imitava-me, agarrando a própria cabeça em aparente agonia. Então ela falou, liberando uma enxurrada de palavrões, numa mistura de chinês, francês e gaélico.

— Droga! — disse a figura, os impropérios abrandando-se em um inglês mais moderado. — Maldito inferno! — Jamie cambaleou até a janela, ainda esfregando a cabeça que batera na beira do armário. Afastou a cortina improvisada e abriu a janela, deixando entrar uma agradável lufada de ar fresco junto com uma luz ofuscante.

— O que, em nome do maldito inferno, você acha que está fazendo? — perguntei, com considerável irritação. A luz perfurou meus sensíveis globos oculares como agulhas, e o movimento

requerido para segurar minha cabeça não fez nenhum bem aos pontos em meu braço.

— Eu estava procurando sua caixa de remédios — respondeu ele, encolhendo-se ao passar a mão no topo de sua cabeça. — Droga, afundei o crânio. Olhe só isso! — Enfiou dois dedos, ligeiramente sujos de sangue, sob meu nariz. Deixei cair o pano embebido em vinagre sobre seus dedos e desabei de volta sobre o travesseiro.

— Para que você precisa da caixa de remédios e por que não me perguntou antes, em vez de ficar batendo de um lado para o outro como uma abelha numa garrafa? — eu disse, irritada.

— Não queria acordá-la — disse ele, tão encabulado que eu não pude conter o riso, apesar do latejamento que grassava pelo meu corpo.

— Tudo bem, eu não estava gostando mesmo — assegurei-lhe. — Para que precisa da caixa? Alguém está ferido?

— Sim. Eu estou — disse ele, tocando levemente o alto de sua cabeça com o pano e fazendo uma careta para o resultado. — Não quer dar uma olhada na minha cabeça?

A resposta seria “Não especialmente”, mas sendo prestativa, fiz sinal para que ele se inclinasse, apresentando o topo da cabeça para inspeção. Havia um calombo razoavelmente impressionante sob a cabeleira espessa, com um pequeno corte da borda do armário, mas o ferimento não chegara a ser uma concussão.

— Não está fraturado — tranquilizei-o. — Você tem a cabeça mais dura que eu já vi. — Movida por um instinto tão antigo quanto a maternidade, inclinei-me para a frente e beijei o calombo de leve. Ele ergueu a cabeça, os olhos arregalados de surpresa. — Isso é para ajudar a sarar — expliquei. Um sorriso repuxou o canto de sua boca.

— Oh. Ah, bem. — Ele inclinou-se e delicadamente beijou a atadura em meu braço ferido. — Melhor? — perguntou ele, endireitando-se.

— Muito.

Ele riu e, estendendo a mão para a garrafa de uísque, serviu uma pequena dose, que me entregou.

— Eu queria aquele remédio que você usa para lavar arranhões — explicou ele, servindo outra dose para si próprio.

— Loção de espinheiro. Não tenho nenhuma pronta, porque não dura — eu disse, esforçando-me para sentar. — Mas, se for urgente, posso preparar um pouco, não demora muito. — A ideia de me levantar e caminhar até a cozinha era assustadora, mas talvez eu me sentisse melhor quando estivesse me movimentando.

— Não é urgente — assegurou ele. — É que temos um prisioneiro no porão que está um pouco machucado.

Abaixei meu copo, piscando para ele.

— Um prisioneiro? Onde arranjamos um prisioneiro?

— Do navio pirata. — Franziu o cenho para seu uísque. — Embora eu não ache que ele seja um pirata.

— O que ele é?

Esvaziou seu copo de uísque, num gole único e preciso, e sacudiu a cabeça.

— Não faço a menor ideia. Pelas cicatrizes em suas costas, talvez um escravo fugitivo, mas nesse caso não posso imaginar por que ele fez o que fez.

— O que ele fez?

— Mergulhou do *Bruja* no mar. MacGregor o viu e, depois que o *Bruja* zarpou, viu o homem subindo e descendo nas ondas e atirou-lhe uma corda.

— Bem, isso é engraçado. Por que ele faria isso? — perguntei. Estava começando a me interessar e o latejamento em minha cabeça parecia diminuir conforme eu bebericava meu uísque.

Jamie correu os dedos pelos cabelos e parou, encolhendo-se.

— Não sei, Sassenach — disse ele, cautelosamente alisando os cabelos no topo da cabeça. — Não seria de esperar que uma tripulação como a nossa tentasse trazer o pirata para bordo. Qualquer comerciante teria simplesmente tentado se livrar dele; não há nenhum motivo para trazê-lo. Mas se ele não pretendia fugir de

nós, talvez pretendesse fugir deles, não é?

As últimas gotas douradas do uísque desceram pela minha garganta. Era o uísque especial de Jared, quase a última garrafa, e justificava plenamente o nome com que ele o batizara — Ceò *Gheasacach*. “Névoa mágica.” Sentindo-me um pouco restabelecida, forcei-me a me sentar direito.

— Se ele está ferido, talvez eu devesse dar uma olhada nele — sugeri, jogando os pés para fora do beliche.

Considerando-se o comportamento de Jamie no dia anterior, eu esperava que ele me jogasse deitada na cama e chamasse Marsali para vir sentar-se no meu peito. Em vez disso, ele olhou para mim de modo pensativo e assentiu.

— Sim, bem. Tem certeza de que consegue ficar em pé, Sassenach?

Eu não tinha tanta certeza, mas resolvi tentar. O aposento inclinou-se quando me levantei e pontos negros e amarelos dançaram diante de meus olhos, mas mantive-me de pé, agarrada ao braço de Jamie. Após uns instantes, uma pequena quantidade de sangue relutantemente consentiu em reentrar em minha cabeça e os pontinhos desapareceram, mostrando o rosto de Jamie fitando-me com ansiedade.

— Tudo bem — eu disse, respirando fundo. — Prossiga.

O prisioneiro estava embaixo, no que a tripulação chamava de cobertura inferior, um espaço embaixo do convés, repleto de uma miscelânea de cargas. Havia uma pequena área fechada com tábuas, junto à proa do navio, que às vezes abrigava marinheiros rebeldes ou bêbados, e ele fora preso ali.

Estava escuro e abafado nas entranhas do navio e eu mesma comecei a sentir tontura outra vez, conforme avançava devagar pela escada da escotilha, atrás de Jamie e da luz do lampião.

Quando ele destrancou a porta, no começo não vi absolutamente nada na cela improvisada. Em seguida, quando Jamie abaixou-se para entrar com seu lampião, o brilho dos olhos do homem traiu a sua presença. “Negro como o ás de espadas” foi o primeiro



pensamento que surgiu em minha mente ligeiramente danificada, enquanto os contornos do rosto e da figura se delineavam contra a escuridão da madeira.

Não era de admirar que Jamie tivesse achado que se tratava de um escravo fugitivo. O homem parecia africano, não era natural da ilha. Fora o tom preto-avermelhado de sua pele, seu comportamento não era o de um homem crescido como escravo. Estava sentado num barril, as mãos amarradas atrás das costas e os pés atados, mas vi sua cabeça erguer-se e seus ombros se endireitarem quando Jamie abaixou a cabeça sob a verga da porta do minúsculo espaço. Era muito magro, mas extremamente musculoso, e vestia apenas calças maltrapilhas. Os contornos de seu corpo eram bem definidos; ele estava retesado para ataque ou defesa, mas não para a submissão.

Jamie também percebeu isso e fez sinal para que eu ficasse bem para trás, contra a parede. Colocou o lampião sobre um barril e agachou-se na frente do prisioneiro, os olhos de ambos no mesmo nível.

— *Amiki* — disse ele, exibindo as mãos vazias, as palmas para cima. — *Amiki. Bene-bene.* — Amigo. Tudo bem. Era taki-taki, um jargão multilíngue que os comerciantes entre Barbados e Trinidad falavam nos portos.

O homem fitou Jamie impassivelmente por um instante, os olhos imóveis como poças formadas pela maré. Então, uma das sobrelanceiras ergueu-se e ele estendeu os pés atados à sua frente.

— *Bene-bene, amiki?* — disse ele, com uma entonação sarcástica que não podia deixar de ser compreendida, qualquer que fosse a língua. Tudo bem, amigo?

Jamie deu uma risadinha e esfregou o dedo sob o nariz.

— Não deixa de ter razão — disse Jamie em inglês.

— Ele fala inglês ou francês? — Aproximei-me um pouco. Os olhos do prisioneiro pousaram em mim por um instante, depois se desviaram, indiferentes.

— Se fala, não admite. Picard e Fergus tentaram conversar com

ele ontem à noite. Ele não dizia nada, apenas ficou olhando para eles. Esta foi a primeira vez que falou desde que subiu a bordo. *Habla español?* — disse ele repentinamente ao prisioneiro. Não houve resposta. O homem nem sequer olhou para Jamie; continuou apenas a olhar impassivelmente para o vão da porta aberta atrás de mim.

— Hã, *sprechen sie Deutsche?* — eu disse, experimentalmente. Ele não respondeu, o que na verdade era bom já que eu exaurira todo o meu suprimento de alemão com aquela frase. — *Nicht* holandês tampouco, eu acho.

Jamie lançou-me um olhar irônico.

— Posso não saber muito sobre ele, Sassenach, mas tenho certeza que não é holandês.

— Eles têm escravos em Eleuthera, não é? É uma ilha holandesa — eu disse com irritação. — Ou St. Croix, é dinamarquesa, não é? — Por mais devagar que minha mente estivesse funcionando nesta manhã, não me passara despercebido que o prisioneiro era nossa única pista para as andanças dos piratas, poderia saber sobre Ian. — Você sabe o suficiente de taki-taki para perguntar-lhe sobre Ian?

Jamie sacudiu a cabeça, olhando intensamente o prisioneiro.

— Não. Além do que eu já lhe disse, eu sei dizer “não bom”, “quanto?”, “dê-me isso” e “pare com isso, filho da mãe”, e nada disso parece servir no momento.

Frustrados, olhávamos fixamente para o prisioneiro, que impassivelmente devolvia o olhar.

— Para o inferno com isso — disse Jamie num impulso. Tirou a adaga da cintura, foi para trás do barril e cortou as tiras de couro que atavam os pulsos do prisioneiro.

Cortou as tiras dos tornozelos também, em seguida sentou-se sobre os calcanhares, a adaga sobre a coxa.

— Amigo — disse ele com firmeza em taki-taki. — Tudo bem?

O prisioneiro não disse nada, mas após um instante balançou ligeiramente a cabeça, a expressão cautelosa, intrigada.

— Há um urinol no canto — disse Jamie em inglês, erguendo-se e embainhando a adaga outra vez. — Use-o e depois minha mulher cuidará de seus ferimentos.

Uma centelha de humor atravessou o rosto do prisioneiro. Ele balançou a cabeça uma vez, desta vez aceitando a derrota. Levantou-se devagar do barril e virou-se, as mãos dormentes tateando as calças. Lancei um olhar de viés a Jamie.

— É uma das piores coisas estar amarrado assim — explicou ele de forma prática. — Você não pode urinar sozinho.

— Entendo — eu disse, sem querer descobrir como ele sabia disso.

— Isso e a dor nos ombros — disse ele. — Cuidado ao tocar nele, Sassenach. — O tom de advertência em sua voz era claro, e eu balancei a cabeça. Não era com os ombros do sujeito que ele estava preocupado.

Eu ainda me sentia ligeiramente tonta e o ar abafado do lugar fizera minha dor de cabeça retornar, mas eu estava em melhor estado do que o prisioneiro, que de fato fora machucado em algum momento do processo.

Embora machucado, seus ferimentos pareciam, na maior parte, superficiais. Um calombo inchado projetava-se de sua testa e um profundo arranhão deixara uma mancha vermelha, recoberta por uma crosta, em um dos ombros. Ele sem dúvida estava machucado em diversos lugares, mas devido ao tom notavelmente escuro de sua pele e à pouca luz do ambiente, eu não conseguia ver a extensão de suas contusões.

Havia várias faixas de pele esfolada nos tornozelos e pulsos, onde ele tentara livrar-se das tiras de couro. Eu não preparara a loção de espinheiro, mas trouxera o pote de pomada de genciana. Sentei-me no convés a seu lado, mas ele não tomou conhecimento de mim, mesmo quando comecei a passar o creme azul e fresco em seus ferimentos.

Entretanto, o que era mais interessante do que os ferimentos recentes, eram os cicatrizados. Olhando de perto, eu podia ver as

fracas linhas brancas de três cortes paralelos, atravessando a curva de cada maçã do rosto e uma série de três linhas verticais curtas na testa alta e estreita, bem entre as sobrancelhas. Cicatrizes tribais. Portanto, certamente, nascera na África; tais cicatrizes eram feitas durante os rituais de iniciação, ou assim Murphy me dissera.

Sua pele era quente e lisa sob meus dedos, escorregadias de suor. Eu também sentia calor; estava suada e não me sentia bem. O convés ergueu-se suavemente sob mim e eu coloquei a mão em suas costas para manter o equilíbrio. As linhas finas e duras de marcas de açoites cicatrizadas teciam uma teia em seus ombros, como os sulcos de minúsculos vermes embaixo de sua pele. A sensação sob meus dedos foi inesperada; muito semelhante à sensação das marcas nas próprias costas de Jamie. Engoli em seco, sentindo-me nauseada, mas continuei com meu tratamento.

O sujeito ignorava-me completamente, mesmo quando eu tocava em pontos que sabia que deviam ser dolorosos. Seus olhos estavam fixos em Jamie, que observava o prisioneiro com igual intensidade.

O problema era óbvio. O homem muito provavelmente era um escravo fugitivo. Não quis falar conosco por medo de que sua fala revelasse a ilha de seu proprietário e de que nós então iríamos descobrir seu dono original e devolvê-lo ao cativo.

Agora que sabíamos que ele falava — ou ao menos compreendia — inglês, era provável que sua cautela aumentasse. Ainda que lhe garantíssemos que não tínhamos a intenção nem de devolvê-lo a seu proprietário nem de transformá-lo em nosso escravo, era improvável que confiasse em nós. Eu não podia dizer que o culpava, nas atuais circunstâncias.

Por outro lado, este homem era nossa melhor — e talvez única — chance de descobrir o que acontecera a Ian Murray a bordo do *Bruja*.

Quando finalmente terminei de enfaixar os pulsos e tornozelos do sujeito, Jamie deu-me a mão para me ajudar a levantar, depois falou ao prisioneiro:

— Imagino que esteja com fome — disse ele. — Venha até a cabine e comeremos. — Sem esperar uma resposta, segurou-me pelo braço são e virou-se para a porta. Havia silêncio atrás de nós quando passamos ao corredor, mas ao olhar para trás, o escravo estava lá, seguindo-nos alguns passos atrás.

Jamie conduziu-nos à minha cabine, sem se incomodar com os olhares curiosos dos marinheiros com quem cruzávamos, parando apenas junto a Fergus o tempo suficiente para mandar que enviassem comida da cozinha.

— E você volte agora para a cama, Sassenach — disse ele com firmeza ao chegarmos à cabine. Não discuti. Meu braço doía, minha cabeça doía e eu podia sentir pequenas ondas de calor adejar por trás dos meus olhos. Parecia que eu iria ter que ceder e usar um pouco da preciosa penicilina em mim mesma, afinal de contas. Ainda havia uma chance de meu corpo livrar-se da infecção, mas eu não podia me dar ao luxo de esperar demais.

Jamie servira um copo de uísque para mim e outro para nosso convidado. Ainda cauteloso, o homem aceitou-o e tomou um pequeno gole, os olhos arregalados de espanto. Imagino que uísque escocês devia ser uma novidade para ele.

Jamie serviu um copo para si próprio e sentou-se, fazendo um sinal para que o escravo ocupasse o outro banco, do outro lado da pequena mesa.

— Meu nome é Fraser — disse ele. — Sou o capitão aqui. Minha mulher — acrescentou, com um sinal da cabeça em direção ao meu beliche.

O prisioneiro hesitou, mas depois depositou o copo na mesa com ar decidido.

— Eles me chamar de Ishmael — disse ele, numa voz como mel despejado sobre brasas. — Não ser pirata. Eu ser cozinheiro.

— Murphy vai gostar disso — observei, mas Jamie ignorou-me. Havia uma leve ruga entre as sobrancelhas ruivas, conforme ele procurava um caminho na conversa.

— Cozinheiro do navio? — perguntou ele, tomando cuidado para

que sua voz parecesse descontraída. Apenas as leves batidas de seus dois dedos rígidos na coxa o traíam, e isso, apenas para mim.

— Não, senhor, não tenho nada a ver com aquele navio! — disse Ishmael com veemência. — Eles me tiraram na praia, disseram que me mataram, eu não iria com eles, sem protestar. Não sou pirata! — repetiu ele e tardiamente compreendi que naturalmente ele não queria ser tomado por um pirata, quer fosse ou não. A pirataria era punida com a força e ele não tinha como saber que estávamos tão ansiosos quanto ele para nos manter longe da Marinha Real.

— Sim, compreendo — disse Jamie em tom equilibrado, entre tranquilizador e cético. Ele inclinou-se ligeiramente para trás na grande cadeira de espaldar alto. — E como o *Bruja* veio a fazê-lo prisioneiro, então? Não onde — acrescentou rapidamente, quando um ar de espanto atravessou o rosto do prisioneiro. — Você não precisa me dizer de onde é, isso não me interessa. Só quero saber como veio a cair nas mãos deles e há quanto tempo está com eles. Já que, como diz, você não era um deles. — A insinuação era suficientemente ampla. Não pretendíamos devolvê-lo a seu proprietário; entretanto, se não nos desse informações, poderíamos simplesmente entregá-lo à Coroa como pirata.

Os olhos do prisioneiro turvaram-se; não sendo nenhum tolo, ele logo compreendeu as implicações. Sua cabeça inclinou-se ligeiramente para o lado e seus olhos estreitaram-se.

— Eu estar pegando peixe no rio — disse ele. — Navio grande, ele subir o rio devagar, barcos pequenos puxar ele. Homens no barquinho me ver, gritar. Eu largar peixe, correr, mas eles me alcançar. Os homens saltar do barco, me pegar perto da plantação de cana, eu imaginar que eles me pegar pra vender. Só isso, senhor. — Encolheu os ombros, indicando o fim de sua história.

— Sim, entendo. — Os olhos de Jamie fitavam intensamente o prisioneiro. Ele hesitou, querendo perguntar onde ficava o rio, mas não ousando fazê-lo, por medo de que o sujeito se calasse outra vez. — Enquanto você estava no barco... viu garotos entre a tripulação ou como prisioneiros também? Garotos, rapazes?

Os olhos do prisioneiro arregalaram-se ligeiramente; ele não esperava isso. Fez uma pausa cautelosa, mas depois balançou a cabeça, com um ligeiro brilho de escárnio nos olhos.

— Sim, senhor, eles ter meninos. Por quê? Querer um? — Seu olhar saltou para mim e de volta para Jamie, uma das sobrancelhas erguidas.

A cabeça de Jamie fez um movimento brusco e um ligeiro rubor subiu às suas maçãs do rosto com a implicação.

— Sim — respondeu ele sem alteração na voz. — Estou à procura de um jovem parente que foi levado por piratas. Eu ficaria imensamente agradecido a qualquer pessoa que pudesse me ajudar a encontrá-lo. — Ele ergueu uma das sobrancelhas significativamente.

O prisioneiro resmungou baixinho, as narinas alargando-se.

— É mesmo? O que você fazer por mim, eu ajudar você encontrar garoto?

— Eu o deixo em terra em qualquer porto que escolher, com uma boa quantia em ouro — respondeu Jamie. — Mas obviamente eu exigiria prova de que você de fato tem conhecimento do paradeiro do meu sobrinho.

— Huh. — O prisioneiro ainda estava desconfiado, mas começava a relaxar. — Dizer, senhor, como é esse garoto?

Jamie hesitou por um instante, examinando o prisioneiro, mas depois sacudiu a cabeça.

— Não — disse ele pensativamente. — Acho que assim não vai funcionar. Você descreva para mim esses rapazes que viu no navio pirata.

O prisioneiro olhou para Jamie por um instante, depois desatou numa risada baixa e sonora.

— Você nada bobo, senhor — disse ele. — Sabe disso?

— Sei — disse Jamie secamente. — Desde que você também saiba disso. Diga-me, então.

Ishmael deu uma risadinha, mas cedeu, parando apenas para servir-se da bandeja de alimentos que Fergus trouxera. O próprio

Fergus recostou-se na porta, observando o prisioneiro através de olhos semicerrados.

— Uns doze garotos falando esquisito, como você.

As sobranceiras de Jamie ergueram-se e ele trocou um olhar de assombro comigo. Doze?

— Como eu? — disse ele. — Garotos brancos, ingleses? Ou escoceses?

Ishmael sacudiu a cabeça, sem compreender; “escoceses” não fazia parte de seu vocabulário.

— Falando como cachorros brigando — explicou ele. — Grrr! Au au! — rosnou, sacudindo a cabeça para ilustrar, como um cachorro estraçalhando um rato, e eu vi os ombros de Fergus sacudirem-se numa hilaridade contida.

— Escoceses, sem dúvida — eu disse, tentando não rir. Jamie lançou-me um olhar rápido e maligno, depois retornou sua atenção a Ishmael.

— Muito bem, então — disse ele, exagerando em seu sotaque escocês natural. — Doze rapazes escoceses. Como eles eram?

Ishmael estreitou os olhos de forma duvidosa, mastigando um pedaço de manga da bandeja. Limpou o suco do canto da boca e sacudiu a cabeça.

— Eu ver eles uma vez só, senhor. Vou contar tudo que eu ver. — Fechou os olhos e franziu o cenho, as linhas verticais em sua testa unindo-se. — Quatro garotos ter cabelos amarelos, seis castanhos, dois com cabelos negros. Dois menores do que eu, um talvez do tamanho daquele *griffone* ali. — Indicou Fergus com um movimento da cabeça, e este se retesou, indignado com o insulto. — Um grande, não tão grande quanto você...

— Sim, e como estavam vestidos? — Devagar, com cuidado, Jamie conduziu-o pelas descrições, perguntando detalhes, solicitando comparações. — Que altura? Gordo ou magro? Qual a cor dos olhos? — escondendo cuidadosamente a direção de seu interesse enquanto conduzia o sujeito pela conversa.

Minha cabeça parara de girar, mas o cansaço ainda estava lá,



sobrecarregando meus sentidos. Deixei meus olhos se fecharem, obscuramente acalmada pelas vozes suaves, murmurantes. Jamie, de fato, soava como um cão grande e feroz, pensei, com seus erres baixos e guturais e o som abrupto, cortado, de suas consoantes.

— Au au — murmurei baixinho e os músculos de minha barriga estremeeceram ligeiramente sob minhas mãos entrelaçadas.

A voz de Ishmael era igualmente grave, mas sedosa e baixa, espessa e macia como chocolate quente feito com creme de leite. Comecei a cochilar, embalada pelo som de sua voz.

Ele soava como Joe Abernathy, pensei sonolentemente, ditando um relatório de autópsia — detalhes físicos desagradáveis, chocantes, sem disfarces, relatados com uma voz grave e calmante como uma canção de ninar.

Eu podia ver as mãos de Abernathy mentalmente, escuras na pele clara de uma vítima de acidente, movendo-se com agilidade enquanto fazia suas anotações verbais para o gravador.

“O morto é um homem alto, de aproximadamente um metro e oitenta e de compleição esguia...”

*Um homem alto, esguio.*

— ... este, sendo alto, sendo magro...

Acordei de repente, o coração saltando pela boca, ouvindo o eco da voz de Joe vindo da mesa a alguns passos de distância.

— Não! — exclamei, repentinamente, e os três homens pararam e olharam para mim, surpresos. Empurrei para trás meus cabelos úmidos e acenei debilmente para eles. — Não se preocupem comigo. Estava sonhando, eu acho.

Eles retornaram à sua conversa e eu permaneci deitada, imóvel, os olhos semicerrados, porém não mais sonolenta.

Não havia nenhuma semelhança física. Joe era forte, troncado, como um urso; este Ishmael era longilíneo e magro, embora o volume de músculo na curva de seus ombros sugerisse força considerável.

O rosto de Joe era largo e amável; o rosto deste homem era fino, de olhos desconfiados, com uma testa alta que tornava suas

cicatrizes tribais ainda mais impressionantes. A pele de Joe era da cor de café fresco, a de Ishmael era negra com o tom vermelho-escuro de um carvão em brasa, que Stern me dissera ser característico dos escravos da costa da Guiné — não tão valorizados quanto os senegaleses negro-azulados, porém mais valiosos do que os congoleses ou yagas marrom-amarelados.

Mas se eu fechasse meus olhos completamente, eu podia ouvir a voz de Joe falando, apesar da leve cadência caribenha do inglês dos escravos. Abri uma fresta das minhas pálpebras e olhei cuidadosamente, buscando quaisquer sinais de semelhança. Não havia nenhum, mas eu vi o que já vira antes, e não notara, entre as outras cicatrizes de marcas no torso maltratado do escravo. O que eu achara que não passava de um arranhão era na verdade uma profunda abrasão que se sobrepunha a uma cicatriz plana e larga, com um formato quadrado, logo abaixo do topo do ombro. A marca era áspera e rosada, quase cicatrizada. Eu deveria tê-la visto imediatamente, se não fosse pela escuridão da coberta inferior e o arranhão que a disfarçara.

Permaneci imóvel, tentando me lembrar. “Nenhum nome de escravo”, dissera Joe zombeteiramente, referindo-se ao nome adotado por seu filho. Obviamente, Ishmael havia apagado a marca de um proprietário para impedir sua identificação, caso fosse recapturado. Mas de quem? E certamente o nome Ishmael não passava de coincidência.

Entretanto, talvez uma coincidência nada irrelevante; era quase certo que “Ishmael” não era seu nome verdadeiro. “Eles me chamar de Ishmael”, dissera ele. Esse, também, era um nome de escravo, que lhe fora dado por algum proprietário. E se o jovem Lenny andara subindo a árvore genealógica da família, como parecia, o que mais provável do que ter escolhido simbolicamente o nome de um dos seus ancestrais? Se. Mas se ele fosse...

Fiquei deitada, fitando o teto claustrofóbico do beliche, suposições girando pela minha cabeça. Quer este homem tivesse qualquer ligação com Joe, quer não, a possibilidade me trouxera

algo à lembrança.

Jamie interrogava minuciosamente o homem a respeito do pessoal e da estrutura do *Bruja* — pois fora ele o navio que nos atacara —, mas eu não prestava nenhuma atenção. Sentei-me na cama, cautelosamente, para não piorar a sensação de vertigem, e fiz sinal para Fergus.

— Preciso de ar — eu disse. — Ajude-me a subir ao convés, sim? — Jamie olhou para mim com um ar de preocupação, mas eu lhe sorri de forma tranquilizadora, tomando o braço de Fergus. — Onde estão os documentos daquele escravo que compramos em Barbados? — perguntei, tão logo ficamos fora do alcance dos ouvidos de Jamie. — E, por falar nisso, onde está o escravo?

Fergus olhou para mim com curiosidade, mas obsequiosamente remexeu nos bolsos do casaco.

— Tenho os documentos aqui, milady — disse ele, entregando-os a mim. — Quanto ao escravo, creio que esteja nas dependências da tripulação. Por quê? — acrescentou, incapaz de conter a curiosidade.

Ignorei a pergunta, manuseando desajeitadamente os pedaços de papel sujos e repulsivos.

— Aqui está — exclamei, encontrando a parte que eu me lembrava de Jamie ter lido para mim. — Abernathy! Era Abernathy! Marcado no ombro com uma flor-de-lis. Você notou essa marca, Fergus?

Ele sacudiu a cabeça, parecendo ligeiramente confuso.

— Não, milady.

— Então, venha comigo — eu disse, virando-me na direção das acomodações da tripulação. — Quero ver o tamanho.

A marca tinha aproximadamente oito centímetros de comprimento por oito de largura; uma flor sobreposta à inicial “A”, marcada a ferro na carne, alguns centímetros abaixo do topo do ombro. Tinha o tamanho certo e estava no mesmo lugar, combinando com a cicatriz de Ishmael. Não era, entretanto, uma flor-de-lis; esse fora o erro de uma transcrição descuidada. Era uma

rosa de dezesseis pétalas, o emblema jacobita de Charles Stuart. Pestanejei, perplexa; que exilado patriótico escolhera este método bizarro de manter lealdade aos derrotados Stuart?

— Milady, acho que devia voltar para sua cama — disse Fergus. Ele franzia o cenho para mim, enquanto eu me debruçava sobre Temeraire, que suportava essa inspeção tão estoicamente quanto tudo o mais. — Está da cor de cocô de ganso e milorde não vai gostar nada se eu a deixar cair no convés.

— Não vou cair — garanti-lhe. — E não me importo com a minha cor. Acho que tivemos um golpe de sorte. Ouça, Fergus, quero que faça algo para mim.

— Qualquer coisa, milady — disse ele, segurando-me pelo cotovelo quando uma súbita mudança na direção do vento me fez cambalear pelo convés repentinamente inclinado. — Mas não — acrescentou com firmeza — enquanto não estiver a salvo em sua cama.

Deixei que ele me conduzisse de volta para a cabine, pois realmente não me sentia nada bem, mas não antes de lhe dar minhas instruções. Quando entramos na cabine, Jamie levantou-se da mesa para nos receber.

— Aí está você, Sassenach! Você está bem? — perguntou ele, franzindo a testa. — Está com uma cor horrível, parece um pudim estragado.

— Estou perfeitamente bem — eu disse entre dentes, sentando-me com cuidado na cama dura e desconfortável para evitar danos ao braço. — Você e o sr. Ishmael terminaram a conversa?

Jamie olhou para o prisioneiro, e eu vi o olhar negro e direto que enfrentou o dele. A atmosfera entre eles não era hostil, mas de algum modo era intensa. Jamie balançou a cabeça, encerrando a entrevista.

— Já terminamos... por enquanto — disse ele. Virou-se para Fergus. — Leve nosso hóspede para baixo, por favor, Fergus, e providencie para que ele seja alimentado e vestido. — Ele permaneceu de pé até Ishmael ter saído sob a tutela de Fergus.

Então, sentou-se ao lado do meu beliche e estreitou os olhos na penumbra para mim. — Você está com um aspecto horrível — disse ele. — Quer que eu traga sua caixa de remédios para tomar um tônico ou algo assim?

— Não — eu disse. — Jamie, ouça. Acho que sei de onde nosso amigo Ishmael veio.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Sabe?

Expliquei sobre a cicatriz de Ishmael e a marca quase igual no escravo Temeraire, sem mencionar o que me dera a ideia em primeiro lugar.

— Cinco contra dez como eles vieram do mesmo lugar, da propriedade dessa sra. Abernathy, na Jamaica — eu disse.

— Cinco contra...? Ah — disse ele, abanando a mão para descartar minha confusa referência no interesse da continuação de nossa conversa. — Bem, você pode ter razão, Sassenach, e espero que tenha. Aquele negro astuto não quis dizer de onde era. Não que eu o culpe — acrescentou, de modo justo. — Meu Deus, se eu tivesse fugido de tal vida, nada no mundo me levaria de volta! — Falou com uma surpreendente veemência.

— Não, eu também não o culparia — eu disse. — Mas o que ele lhe contou sobre os garotos? Ele viu o Jovem Ian?

As linhas em sua testa relaxaram-se.

— Sim, tenho quase certeza de que ele o viu. — Um punho cerrou-se sobre seu joelho de expectativa. — Dois dos rapazes que ele descreveu podiam ser Ian. E sabendo que era o *Bruja*, não posso pensar de outra maneira. E se você estiver certa a respeito do lugar de onde ele veio, Sassenach, nós podemos finalmente encontrá-lo, nós podemos salvá-lo! — Ishmael, embora se recusando a dar qualquer pista sobre o lugar onde o *Bruja* o capturara, chegara a dizer que os doze jovens — todos prisioneiros — foram retirados juntos do navio, logo depois de sua captura. — Doze rapazes — repetiu Jamie, sua expressão de entusiasmo desfazendo-se de novo em uma carranca. — O que em nome de

Deus alguém estaria querendo, para sequestrar doze garotos da Escócia?

— Talvez ele seja um colecionador — eu disse, sentindo-me cada vez mais zozza. — Moedas, pedras preciosas e rapazes escoceses.

— Você acha que quem quer que esteja com Ian também está com o tesouro? — Olhou para mim com curiosidade.

— Não sei — eu disse, sentindo-me repentinamente muito cansada. Bocejei sofredamente. — Mas podemos saber ao certo a respeito de Ishmael. Eu disse a Fergus que providenciasse para que Temeraire desse uma boa olhada nele. Se forem do mesmo lugar... — Bocejei outra vez, meu corpo buscando o oxigênio do qual a perda de sangue me privava.

— É uma opinião muito sensata a sua, Sassenach — disse Jamie, parecendo ligeiramente surpreso por eu ser capaz de alguma lucidez. Quanto a isso, eu mesma estava um pouco surpresa; meus pensamentos estavam ficando cada vez mais fragmentados e era preciso um grande esforço para continuar a falar com lógica.

Jamie percebeu; deu uns tapinhas de leve na minha mão e levantou-se.

— Não se preocupe com isso agora, Sassenach. Descanse e eu mandarei Marsali com o chá.

— Uísque — eu disse, e ele riu.

— Está bem, então, uísque — concordou ele. Alisou os cabelos para trás e, inclinando-se para dentro do vão do beliche, beijou minha testa quente.

— Melhor? — perguntou ele, sorrindo.

— Muito. — Devolvi o sorriso e fechei os olhos.

**56**

SOPA DE TARTARUGA

Quando acordei novamente, no fim da tarde, meu corpo todo doía. Eu retirara as cobertas durante o sono e esparramava-me na cama em minha combinação, a pele quente e seca no ar fresco. Meu braço doía terrivelmente e eu podia sentir cada um dos quarenta e três pontos elegantes do sr. Willoughby como alfinetes de segurança em brasa atravessados em minha carne.

Não havia como evitar; eu teria que usar a penicilina. Eu podia ser imune a varíola, febre tifoide e resfriado comum em sua encarnação do século XVIII, mas não era imortal e só Deus sabe em que imundas substâncias o português andara usando seu sabre antes de aplicá-lo em mim.

A pequena viagem através do quarto até o armário onde minhas roupas estavam penduradas deixou-me suando e tremendo, e eu tive que sentar-me subitamente, a saia agarrada ao peito, para não cair.

— Sassenach! Você está bem? — Jamie enfiou a cabeça pela porta baixa, com ar preocupado.

— Não — eu disse. — Venha cá um minuto, sim? Preciso que faça uma coisa.

— Vinho? Biscoito? Murphy fez uma sopa para você, especialmente. — Em um instante, ele estava ao meu lado, as costas de sua mão fria contra minha face afogueada. — Santo Deus, você está ardendo em febre!

— Sim, eu sei — eu disse. — Mas não se preocupe, tenho um remédio para isso.

Remexi com uma única mão no bolso de minha saia e retirei o estojo contendo as seringas e ampolas. Meu braço direito estava tão dolorido que qualquer movimento me fazia cerrar os dentes.

— Sua vez — eu disse, com um sorriso enviesado, empurrando



o estojo por cima da mesa na direção de Jamie. — É a sua chance de vingança, se quiser.

Ele olhou para o estojo sem compreender, depois para mim.

— O quê? — disse ele. — Quer que eu a espete com uma dessas estacas?

— Preferia que não colocasse dessa forma, mas, sim — eu disse.

— Nas nádegas? — Os cantos de seus lábios torceram-se.

— Sim, desgraçado!

Ele olhou para mim por um instante, um dos cantos da boca torcendo-se ligeiramente para cima. Em seguida, inclinou a cabeça sobre o estojo, os cabelos ruivos brilhando no raio de sol que entrava pela janela.

— Explique-me o que tenho que fazer, então — disse ele.

Instruí-o cuidadosamente, conduzindo-o pela preparação e enchimento da seringa, depois eu mesma a peguei, verificando a existência de bolhas de ar desajeitadamente com a mão esquerda. Quando a devolvi para ele e ajeitei-me no beliche, ele já deixara de achar qualquer graça na situação.

— Tem certeza de que quer que eu faça isso? — disse ele, em dúvida. — Não sou muito bom com as mãos.

Isso me fez rir, apesar do meu braço latejante. Eu já o vira fazer de tudo com aquelas mãos, de ajudar o nascimento de um potro e construir muros a tirar a pele de um veado e alinhar tipos na gráfica, tudo com o mesmo toque leve e ágil.

— Bem, sim — disse ele, quando eu o fiz ver tudo isso. — Mas não é a mesma coisa. O mais próximo que fiz disto foi esfaquear um sujeito na barriga e, além do mais, é estranho fazer isso a você, Sassenach.

Olhei para trás por cima do ombro e o vi mastigando o lábio inferior, hesitante, o chumaço de pano embebido em conhaque em uma das mãos, a seringa cuidadosamente suspensa na outra.

— Olhe — disse. — Eu fiz isso com você. Você sabe como é. Não foi tão ruim assim, não é? — Ele estava começando a me

deixar um pouco nervosa.

— Mmmhummm. — Pressionando os lábios, ajoelhou-se junto à cama e delicadamente limpou um ponto em minhas nádegas com o chumaço frio e úmido. — Está bem assim?

— Está. Pressione a ponta num pequeno ângulo, não na vertical. Está vendo como a ponta da agulha é cortada em ângulo? Empurre cerca de cinco milímetros. Não tenha medo de espetar com firmeza, a pele é mais dura do que você imagina, e depois empurre o êmbolo para baixo bem devagar, cuidado para não o fazer depressa demais.

Fechei os olhos e esperei. Após um instante, abri-os e olhei para trás. Ele estava pálido e uma fina película de suor brilhava em suas maçãs do rosto.

— Não tem importância. — Ergui-me, apoiando-me contra uma onda de vertigem. — Dê-me isso aqui. — Arranquei o chumaço de sua mão e limpei uma área na parte de cima de minha coxa. Minha mão tremia um pouco da febre.

— Mas...

— Cale-se! — Peguei a seringa e mirei-a da melhor forma que pude, com a mão esquerda; em seguida, apliquei a injeção no músculo. Doeu. Doeu ainda mais quando pressionei o êmbolo para baixo e meu polegar escorregou.

Então as mãos de Jamie estavam ali, uma segurando minha perna, a outra sobre a seringa, pressionando devagar para baixo, até que todo o líquido branco do tubo se esgotasse. Inspirei fundo, rápido, quando ele retirou-a.

— Obrigada — eu disse, após um instante.

— Sinto muito — disse ele baixinho, um minuto depois. Sua mão segurou-me pelas costas, ajudando-me a deitar.

— Tudo bem. — Meus olhos estavam fechados e pequenos desenhos coloridos pairavam por trás de minhas pálpebras. Lembravam-me do forro de uma malinha infantil que eu tivera quando criança; estrelinhas cor-de-rosa e prateadas em um fundo escuro. — Eu havia me esquecido; é difícil fazer isso nas primeiras vezes. Imagino que enfiar uma adaga em alguém seja mais fácil —

acrescentei. — Afinal, você não está preocupado se vai machucá-lo.

Ele não disse nada, mas soltou o ar com força pelo nariz. Eu podia ouvi-lo andando pela cabine, guardando o estojo de seringas e pendurando minha saia. O local da injeção tinha um calombo por baixo da pele.

— Desculpe-me — eu disse. — Não falei por mal.

— Bem, deveria ter falado — disse ele sem alterar a voz. — É realmente mais fácil matar alguém para salvar a própria vida do que ferir uma pessoa para salvar a dela. Você é muito mais corajosa do que eu e não me importo que o diga.

Abri os olhos e olhei para ele.

— Pois sim que não se importa!

Ele olhou fixamente para mim, os olhos azuis apertados. O canto de sua boca ergueu-se.

— Pois sim que não me importo! — concordou ele.

Eu ri, mas isso fez meu braço doer ainda mais.

— Eu não sou e você não é, e eu não falei por mal, de qualquer modo — eu disse, fechando os olhos outra vez.

— Mmmhummm.

Eu podia ouvir o ruído de pés no convés em cima e a voz do sr. Warren, erguida numa impaciência controlada. Nós passáramos por Great Abaco e Eleuthera à noite e agora seguíamos para o sul, em direção à Jamaica, com o vento à nossa retaguarda.

— Eu não me arriscaria a ser fuzilada e retalhada, presa e enforcada, se houvesse escolha — eu disse.

— Nem eu — disse ele secamente.

— Mas você... — comecei a dizer, mas parei. Olhei para ele com curiosidade. — Você realmente acha isso — eu disse devagar. — Que não tem escolha. Não é?

Ele estava parcialmente de costas para mim, de olhos fixos no porto. O sol brilhava na ponte de seu nariz longo e reto, e ele esfregava um dedo devagar para cima e para baixo sobre ela. Os ombros largos ergueram-se ligeiramente, depois se abaixaram.

— Sou um homem, Sassenach — disse ele, brandamente. — Se

eu achasse que havia escolha... talvez não conseguisse fazer o que tenho que fazer. Você não precisa ser muito corajoso se sabe que não há outro jeito, não é? — Voltou-se para mim, com um ligeiro sorriso. — Como uma mulher no parto, não é? Você tem que fazer isso e não faz nenhuma diferença se tem medo, você tem que fazer. Somente quando você sabe que pode dizer não é que precisa de coragem.

Permaneci imóvel por um instante, observando-o. Ele fechara os olhos e recostara-se na cadeira, as longas pestanas castanho-avermelhadas absurdamente infantis contra as maçãs do rosto. Elas contrastavam estranhamente com as olheiras sob os olhos e as linhas mais fundas nos cantos. Ele estava cansado; mal dormira desde que avistaram o navio pirata.

— Eu não lhe contei sobre Graham Menzies, contei? — eu disse finalmente. Os olhos azuis abriram-se imediatamente.

— Não. Quem é?

— Um paciente. No hospital em Boston.

Graham estava com quase setenta anos quando eu o conheci; era um imigrante escocês que não perdera o sotaque, apesar de quase quarenta anos em Boston. Era um pescador, ou fora; quando o conheci, era dono de vários barcos de pesca de lagosta e deixava que outros pescassem por ele.

Era muito parecido com os soldados escoceses que eu conhecera em Prestonpans e Falkirk; estoico e engraçado ao mesmo tempo, sempre disposto a fazer brincadeiras com o que fosse doloroso demais para se sofrer em silêncio.

— Tenha cuidado agora, dona — foi a última coisa que me disse quando eu observava o anestesista montar o aparelho de gotejamento intravenoso que o sustentaria enquanto eu amputava sua perna esquerda cancerosa. — Não vá tirar a perna errada.

— Não se preocupe — tranquilizei-o, batendo de leve na mão calejada pelo tempo, pousada sobre o lençol. — Tirarei a perna direito.

— O quê? Direita? — Seus olhos arregalaram-se num horror

simulado. — Pensei que era a esquerda que estava ruim! — Ele ainda ria asmaticamente quando a máscara de gás desceu sobre seu rosto.

A amputação correu bem, Graham se recuperou e foi para casa, mas não fiquei realmente surpresa ao vê-lo de volta, seis meses depois. Os resultados do laboratório sobre o tumor original haviam sido dúbios e as dúvidas agora se consubstanciaram; metástase nos gânglios linfáticos na virilha.

Removi os gânglios cancerosos. O tratamento radioterápico foi aplicado. Cobalto. Removi o baço, para onde a doença se espalhara, sabendo que a cirurgia era inteiramente em vão, mas não querendo desistir.

— É muito mais fácil não desistir quando não é você que está doente — eu disse, fitando as vigas acima.

— Então ele desistiu? — perguntou Jamie.

— Não diria que sim, exatamente.

*— Estive pensando — declarou Graham. O som de sua voz ecoava metalicamente através dos fones do meu estetoscópio.*

*— Esteve? — eu disse. — Bem, seja um bom garoto, não pense em voz alta enquanto eu não tiver terminado aqui.*

*Ele soltou uma risadinha, mas permaneceu quieto enquanto eu auscultava seu peito, movendo o disco do estetoscópio rápido das costelas para o esterno.*

*— Muito bem — eu disse finalmente, tirando os tubos do meu ouvido e deixando-os cair sobre meus ombros. — Em que andou pensando?*

*— Em me matar.*

*Seus olhos fitaram os meus diretamente, com apenas uma sugestão de desafio. Olhei para trás de mim, para ter certeza de que a enfermeira saíra, depois puxei a cadeira de plástico azul, destinada às visitas, e sentei-me*

a seu lado.

— A dor está piorando? — perguntei. — Podemos fazer alguma coisa, você sabe. Só precisa pedir. — Hesitei antes de acrescentar essa última frase; ele nunca pedira. Mesmo quando era óbvio que precisava de medicação, nunca aludira ao seu desconforto. Eu mesma trazer o assunto à baila parecia-me uma invasão de privacidade; vi o ligeiro endurecimento dos cantos de sua boca.

— Eu tenho uma filha — disse ele. — E dois netos; belos garotos. Mas estava me esquecendo; você os viu na semana passada, não foi?

Eu vira. Vinham ao menos duas vezes por semana para visitá-lo, trazendo cadernos da escola e bolas de beisebol autografadas para mostrar ao avô.

— E há a minha mãe, morando numa casa de repouso em Canterbury — disse ele pensativamente. — Custa muito caro, mas é limpa e a comida tão boa que ela gosta de reclamar enquanto come.

Olhou desapaixonadamente para o lençol esticado e ergueu o toco de sua perna.

— Um mês, você acha? Quatro? Três?

— Talvez três — disse. — Com sorte — acrescentei estupidamente.

Ele resfolegou e fez um movimento brusco com a cabeça, indicando o aparelho intravenoso acima de seu leito.

— Ah! Eu não desejaria uma sorte pior a um mendigo. — Olhou ao redor, para toda a parafernália; o respirador automático, o monitor cardíaco piscando, a miscelânea de tecnologia médica. — Está custando quase cem dólares por dia para me manter aqui — disse ele. — Três meses seriam... Santo Deus, dez mil dólares! — Sacudiu a cabeça, franzindo o cenho. — Um mau negócio, é o

*que eu acho. Não vale a pena. — Seus claros olhos cinzentos piscaram repentinamente para mim. — Sou escocês, sabe. Nasci parcimonioso e não vou deixar de sê-lo agora.*

— Então, eu o fiz por ele — eu disse, ainda fitando o teto. — Ou melhor, fizemos isso juntos. Prescreveram morfina para a dor, é como láudano, só que muito mais forte. Eu retirei metade de cada ampola e substituí o que faltava por água. Assim, ele não obtinha o alívio de uma dose completa por quase vinte e quatro horas, mas essa era a maneira mais segura de conseguir uma dose grande sem risco de ser descoberto. — Conversamos sobre o uso dos remédios fitoterápicos que eu estava estudando; eu sabia o suficiente para preparar alguma coisa fatal, mas não tinha certeza se seria indolor e ele não queria que eu corresse o risco de ser acusada, caso alguém suspeitasse e fizesse uma autópsia. — Vi a sobrançelha de Jamie erguer-se e abanei a mão. — Não importa; é uma maneira de descobrir como alguém morreu.

— Ah. Como um tribunal que investiga mortes suspeitas?

— Mais ou menos. De qualquer forma, seria de esperar encontrar morfina em seu sangue; isso não provaria nada. Então, foi o que fizemos.

Respirei fundo.

— Não teria havido nenhum problema se eu tivesse lhe aplicado a injeção e saído. Foi o que ele me pediu para fazer.

Jamie permaneceu em silêncio, os olhos fixos atentamente em mim.

— Mas eu não consegui. — Olhei para minha mão esquerda, vendo não minha própria pele lisa e macia, mas os nós dos dedos, grandes e inchados, de um pescador profissional, e as veias grossas e verdes que atravessavam seu pulso. — Eu enfiei a agulha — eu disse. Esfreguei um dedo sobre o local no pulso, onde uma veia grossa atravessa a cabeça distal do rádio. — Mas não consegui apertar o êmbolo.

Em minha lembrança, vi a outra mão de Graham Menzies erguer-se, arrastando os tubos, e fechar-se sobre a minha. Ele não tinha muitas forças, mas o suficiente.

— Fiquei lá sentada, segurando sua mão, até ele partir. — Eu ainda o sentia, a batida rítmica da pulsação cardíaca no pulso, sob o meu polegar, tornando-se cada vez mais fraca, e mais fraca, enquanto eu segurava sua mão, e depois esperando uma batida que não veio.

Ergui os olhos para Jamie, tentando afastar a lembrança.

— Então, uma enfermeira entrou. — Era uma das enfermeiras mais novas, uma jovem nervosinha, sem nenhuma descrição. Não era muito experiente, mas sabia o suficiente para reconhecer um morto quando o visse. E eu ali sentada, sem fazer nada... uma conduta muito imprópria de um médico. E a seringa de morfina vazia, abandonada na mesa ao meu lado. — Ela comentou, é claro.

— Imagino que o fizesse.

— Mas eu tive a presença de espírito de jogar a seringa no tubo do incinerador depois que ela saiu. Era a palavra dela contra a minha e a questão foi simplesmente abandonada.

Minha boca contorceu-se ironicamente.

— Exceto que, na semana seguinte, ofereceram-me o cargo de chefe de todo um departamento. Muito importante. Um lindo escritório no sexto andar do hospital, longe dos pacientes, onde eu não poderia matar mais ninguém.

Meu dedo continuava a esfregar meu pulso distraidamente. Jamie estendeu o braço e interrompeu o movimento colocando sua própria mão sobre a minha.

— Quando foi isso, Sassenach? — perguntou ele, a voz muito suave.

— Pouco antes de eu pegar Bree e ir para a Escócia. Aliás, foi por isso que eu fui, deram-me uma longa licença. Disseram que eu estava trabalhando demais e merecia umas boas férias. — Não tentei disfarçar a ironia contida em minha voz.

— Entendo. — Sua mão estava quente sobre a minha, apesar do



calor da minha febre. — Se não fosse por isso, por perder seu trabalho... você teria vindo, Sassenach? Não apenas para a Escócia. Para mim?

Ergui os olhos para ele e apertei sua mão, respirando fundo.

— Não sei. Realmente, não sei. Se eu não tivesse vindo para a Escócia, encontrado Roger Wakefield, descoberto a seu respeito...

— Parei e engoli em seco, emocionada. — Foi Graham quem me mandou para a Escócia — eu disse finalmente, com a voz ligeiramente embargada. — Ele me pediu para ir um dia... e saudar Aberdeen por ele. — Ergui os olhos repentinamente para Jamie. — Eu não fiz isso! Eu nunca fui de fato a Aberdeen.

— Não se preocupe, Sassenach. — Jamie apertou minha mão. — Eu mesmo a levarei lá, quando retornarmos. Não — acrescentou ele de modo prático — que haja alguma coisa lá para se ver.

Estava ficando cada vez mais abafado na cabine. Ele levantou-se e foi abrir uma das janelas de popa.

— Jamie — eu disse, observando suas costas —, o que você quer?

Ele olhou em volta, franzindo ligeiramente a testa com ar pensativo.

— Ah, uma laranja seria ótimo — disse ele. — Há algumas na escrivaninha, não é? — Sem esperar por uma resposta, ele enrolou para trás a tampa da escrivaninha, revelando uma pequena tigela de laranjas, luminosa em meio à desordem de papéis e penas de escrever. — Quer uma também?

— Está bem — eu disse, sorrindo. — Mas não foi exatamente isso que eu quis dizer. Eu quis dizer, o que você quer fazer depois que tivermos encontrado Ian.

— Ah. — Ele sentou-se junto ao beliche, uma laranja nas mãos, e fitou-a por um instante. — Sabe — disse ele finalmente —, acho que ninguém nunca me perguntou isso: o que é que eu queria fazer. — Parecia ligeiramente surpreso.

— Não que você, na maioria das vezes, tivesse escolha, não é?

— eu disse sarcasticamente. — Mas agora você tem.

— Sim, é verdade. — Rolou a laranja nas palmas das mãos, a cabeça inclinada sobre a esfera grumosa. — Imagino que você tenha concluído que não podemos voltar para a Escócia, a menos por algum tempo, não foi? — disse ele. Eu lhe contara as revelações de Tompkins sobre sir Percival e suas maquinações, é claro, mas tivemos pouco tempo para discutir a questão, ou suas implicações.

— Sim — eu disse. — Foi por isso que perguntei.

Calei-me, então, deixando que ele chegasse a uma decisão. Ele vivera como um fora da lei por muitos anos, escondendo-se primeiro fisicamente e depois por meio de segredos e nomes falsos, burlando a lei sob diferentes identidades. Agora, entretanto, todas elas já eram conhecidas; não havia condições de retomar suas atividades anteriores — ou mesmo aparecer em público na Escócia.

Seu refúgio final sempre fora Lallybroch. Mas até mesmo essa via de fuga estava perdida para ele. Lallybroch sempre seria seu lar, mas já não lhe pertencia; havia um novo senhor das terras agora. Eu sabia que ele não tinha mágoa do fato de a família de Jenny possuir a propriedade, mas certamente, já que era humano, lamentava a perda do seu legado.

Eu podia ouvir sua respiração ruidosa e achei que ele provavelmente chegara ao mesmo ponto que eu em seu pensamento.

— Nem a Jamaica nem as ilhas pertencentes à Inglaterra tampouco — observou ele melancolicamente. — No momento, Tom Leonard e a Marinha Real podem achar que estamos mortos, mas logo vão saber que não estamos, se nos demormos por lá algum tempo.

— Já pensou na América? — eu perguntei delicadamente. — As colônias, quero dizer.

Ele esfregou o nariz, em dúvida.

— Bem, não. Não havia realmente pensado nisso. É bem verdade que lá provavelmente estaríamos a salvo da Coroa, mas...

— Deixou a voz se extinguir, franzindo a testa. Pegou sua adaga e fez uma incisão na laranja, rápido e com habilidade, depois começou a descascá-la.

— Ninguém o perseguiria lá — ressalttei. — Sir Percival não tem nenhum interesse em você, a menos que esteja na Escócia, onde prendê-lo seria bom para ele. A Marinha britânica não pode persegui-lo em terra e os governadores das Índias Ocidentais também não têm nada a ver com o que acontece nas colônias.

— É verdade — disse ele devagar. — Mas as colônias... — Segurou a laranja em uma das mãos e começou a lançá-la alguns centímetros no ar. — São muito primitivas, Sassenach — disse ele. — Um território selvagem, hein? Eu não gostaria de colocá-la em perigo.

Isso me fez rir e ele olhou incisivamente para mim, mas depois, percebendo o meu ponto de vista, relaxou com um sorriso pesaroso.

— Sim, bem, imagino que arrastá-la para o mar e deixar que fosse sequestrada e mantida num navio devastado por uma epidemia seja suficientemente perigoso. Mas ao menos eu não a deixei ser devorada por canibais, ainda.

Tive vontade de rir outra vez, mas havia um tom amargo em sua voz que me fez morder o lábio em vez de rir.

— Não há canibais na América — eu disse.

— Há, sim! — disse ele acaloradamente. — Eu imprimi um livro para a sociedade dos missionários católicos que contava tudo sobre os bárbaros iroqueses. Eles amarram seus prisioneiros e cortam pedaços deles, depois arrancam seus corações e os comem diante de seus olhos!

— Comem seus corações, hein? — eu disse, rindo a contragosto. — Está bem — disse, vendo sua expressão ameaçadora —, desculpe-me. Mas, para começar, você não pode acreditar em tudo que lê, e depois...

Não consegui terminar. Ele inclinou-se para a frente e agarrou-me pelo meu braço são, com força suficiente para me fazer emitir um guincho de surpresa.

— Droga, me escute! — disse ele. — Não é uma brincadeira!

— Bem... não, claro que não — eu disse, desconcertada. — Não pretendi rir de você... Mas, Jamie, eu vivi em Boston durante quase vinte anos. Você nunca colocou os pés na América!

— Isso é verdade — disse ele sem se alterar. — E você acha que o lugar onde você viveu tem alguma semelhança com o que é agora, Sassenach?

— Bem — comecei, depois parei. Embora eu tivesse visto incontáveis prédios históricos perto do parque Boston Common, exibindo pequenas placas de bronze atestando sua antiguidade, a maioria deles fora construída depois de 1770, bem depois. E com exceção de alguns prédios...

— Bem, não — admiti. — Não tem, sei que não tem. Mas não acredito que seja um lugar completamente bárbaro. Há cidades e vilas agora, isso eu sei.

Ele soltou meu braço e recostou-se na cadeira. Ainda segurava a laranja na outra mão.

— Imagino que sim — disse ele devagar. — Não se ouve falar das cidades, apenas que é um lugar selvagem, embora muito bonito. Mas eu não sou nenhum tolo, Sassenach. — Sua voz aguçou-se um pouco e ele enfiou o polegar brutalmente na laranja, dividindo-a ao meio. — Não acredito em alguma coisa somente porque alguém escreveu em um livro, pelo amor de Deus, eu imprimo os malditos livros! Sei muito bem como alguns escritores são charlatões e idiotas, tenho contato com eles! E certamente sei a diferença entre ficção e um fato registrado a sangue-frio!

— Está bem — eu disse. — Embora eu não tenha tanta certeza que seja assim tão fácil saber a diferença entre fato e ficção na forma impressa! Mas ainda que seja absolutamente verdade sobre os iroqueses, o continente inteiro não está pululando de selvagens sedentos de sangue. Isso eu sei. É um lugar muito grande, sabe — acrescentei, delicadamente.

— Mmmhummm — disse ele, obviamente sem se deixar convencer. Ainda assim, voltou sua atenção para a laranja e

começou a separá-la em gomos.

— Isso é muito engraçado — disse melancolicamente. — Quando eu decidi voltar, li tudo que pude encontrar sobre a Inglaterra, Escócia e França da sua época, para que eu soubesse o máximo possível o que esperar. E acabamos aqui num lugar sobre o qual eu nada sei, porque nunca me ocorreu que iríamos atravessar o oceano, você sofrendo tanto com enjoo no mar.

Isso o fez rir, com certa relutância.

— Sim, bem, você nunca sabe o que pode fazer até ter que fazê-lo. Acredite-me, Sassenach, assim que eu conseguir resgatar Ian são e salvo, nunca mais pretendo pôr os pés num maldito e imundo barco outra vez em minha vida... — a não ser para voltar para a Escócia, quando for seguro — acrescentou, como uma reflexão tardia. Ofereceu-me uma parte da laranja e eu a aceitei, como símbolo de uma oferenda de paz.

— Por falar em Escócia, você ainda tem sua gráfica lá, a salvo em Edimburgo — disse. — Poderíamos enviá-la para lá, talvez, e nos estabelecermos em uma das cidades americanas maiores.

Ele ergueu os olhos para mim, perplexo.

— Acha que seria possível ganhar a vida com uma tipografia? Há tanta gente assim? Só uma cidade razoavelmente grande precisa de um impressor ou de um livreiro.

— Tenho certeza que sim. Boston, Filadélfia... não Nova York, ainda, creio que não. Williamsburg, talvez? Não sei quais, mas há vários locais suficientemente grandes para precisar de uma gráfica... as cidades portuárias, sem dúvida. — Lembrei os cartazes anunciando datas de embarque e de chegada, venda de produtos e recrutamento de marinheiros, que decoravam as paredes de toda taverna à beira-mar em Le Havre.

— Mmmhummm. — Esse foi um ruído pensativo. — Sim, bem, se pudermos fazer isso...

Enfiou um pedaço da fruta na boca e comeu-o devagar.

— E quanto a você? — disse ele abruptamente. Olhei para ele, surpresa.

— O que é que tem?

Seus olhos estavam fixos em mim, examinando a expressão do meu rosto.

— Seria bom para você ir para um lugar assim? — Ele olhou para baixo então, cuidadosamente separando a outra metade da fruta. — Quero dizer, você também tem seu trabalho a fazer, não é? — Ergueu os olhos e exibiu um sorriso enviesado. — Aprendi em Paris que não posso impedi-la de fazer seu trabalho. E você mesma disse, talvez não tivesse vindo se a morte de Menzies não a tivesse feito parar, lá onde você estava. Será que você consegue ser uma curandeira nas colônias?

— Creio que sim — eu disse devagar. — Há pessoas doentes e machucadas praticamente em todo lugar aonde se vá, afinal de contas. — Olhei para ele, curiosa. — Você é um homem muito peculiar, Jamie Fraser.

Ele riu e engoliu o resto da laranja.

— Ah, sou? E o que quer dizer com isso?

— Frank me amava — eu disse devagar. — Mas havia... partes de mim com as quais ele não sabia como lidar. Coisas a meu respeito que ele não compreendia ou que talvez o assustassem. — Olhei para ele. — Você não.

Sua cabeça inclinava-se sobre uma segunda laranja, as mãos movendo-se rápido conforme ele a cortava com sua adaga, mas pude ver um ligeiro sorriso no canto de sua boca.

— Não, Sassenach, você não me assusta. Ou melhor, assusta, mas somente quando acho que você pode se matar por falta de cautela.

Dei uma risadinha.

— Você me assusta pela mesma razão, mas imagino que não haja nada que eu possa fazer a respeito.

Uma risada profunda e fácil sacudiu-o.

— E você pensa que também não posso fazer nada a respeito, e então não deveria me preocupar?

— Não disse que não deveria se preocupar... você acha que eu

não me preocupo? Mas não, provavelmente, não há nada que você possa fazer a meu respeito.

Eu o vi abrir a boca para discordar. Depois, mudou de ideia e riu outra vez. Estendeu o braço e jogou um gomo de laranja em minha boca.

— Bem, talvez sim e talvez não, Sassenach. Mas já vivi o suficiente para achar que não tem tanta importância, desde que eu possa amá-la.

Sem poder falar com o gomo da laranja, fitei-o, surpresa.

— E eu amo — disse ele ternamente. Inclinou-se para dentro do beliche e beijou-me, a boca quente e doce. Em seguida, recuou e delicadamente tocou em meu rosto. — Descanse agora — disse ele com firmeza. — Vou lhe trazer uma sopa daqui a pouco.

Dormi por várias horas e acordei ainda febril, mas faminta. Jamie trouxe-me um pouco da sopa de Murphy — uma mistura verde, nadando em manteiga e cheirando a conhaque — e insistiu, apesar dos meus protestos, em alimentar-me com uma colher.

— Uma das minhas mãos está perfeitamente sã — eu disse, contrariada.

— Sim, e eu também a vi usá-la — retrucou ele, agilmente me fazendo calar com a colher. — Se for desajeitada com uma colher como foi com aquela agulha, vai derramar tudo isso no colo e desperdiçar a sopa, e Murphy vai quebrar minha cabeça com a concha. Tome, abra a boca.

Eu abri, meu ressentimento gradualmente desfazendo-se numa espécie de estupor reconfortante e irradiante conforme eu comia. Eu não tomara nada para a dor em meu braço, mas à medida que meu estômago vazio se expandia com um agradável alívio, praticamente deixei de notá-la.

— Quer outra tigela? — perguntou Jamie, enquanto eu engolia a última colherada. — Precisa recuperar as forças. — Sem esperar uma resposta, destampou a pequena terrina que Murphy enviara e tornou a encher minha tigela.

— Onde está Ishmael? — perguntei, durante o breve hiato.

— No convés de ré. Ele não parecia confortável lá embaixo e não posso dizer que o culpo, tendo visto os escravos em Bridgetown. Mandeí Maitland pendurar uma rede para ele.

— Acha seguro deixá-lo solto assim? Que sopa é essa? — A última colherada deixara um gosto persistente, delicioso, em minha língua; a próxima reavivou todo o sabor.

— De tartaruga. Stern pegou uma enorme tartaruga-de-pente ontem à noite. Mandou dizer que guardou o casco para fazer pentes para seus cabelos. — Jamie franziu ligeiramente a testa, se por causa do galanteio de Lawrence Stern ou da presença de Ishmael eu não soube dizer. — Quanto ao negro, ele não está solto. Fergus está vigiando-o.

— Fergus está em lua de mel — protestei. — Não devia dar-lhe essa incumbência. Isso é realmente sopa de tartaruga? Nunca havia provado. É maravilhosa.

Jamie não se deixou comover pela situação delicada de Fergus.

— Sim, bem, ele vai ficar casado por muito tempo — disse ele insensivelmente. — Não vai lhe fazer nenhum mal manter as calças no lugar por uma noite. E dizem que a abstinência torna o coração mais firme, não é?

— Ausência — eu disse, esquivando-me da colher por um instante. — E mais afetuoso. E se alguma coisa está ficando mais firme com a abstinência, não será seu coração.

— Essa é uma maneira muito desbocada de falar para uma respeitável mulher casada — disse Jamie com ar de reprovação, enfiando a colher em minha boca. — E falta de consideração, também.

Engoli.

— Falta de consideração?

— Eu mesmo estou um pouco firme no momento — respondeu ele serenamente, mergulhando a colher na sopa. — Você aí sentada, com os cabelos soltos e os mamilos me encarando, do tamanho de cerejas.



Olhei para baixo involuntariamente e a colherada seguinte bateu no meu nariz. Jamie estalou a língua em sinal de reprovação, pegou um pano e energicamente limpou meu colo. É bem verdade que minha camisola era feita de algodão fino e, mesmo seca, bastante transparente.

— Até parece que nunca os viu antes — eu disse, achando graça.

Ele largou o pano e ergueu as sobrancelhas.

— Bebo água desde o dia em que fui desmamado e isso não significa que eu não possa ainda assim ficar com sede. — Pegou a colher. — Quer mais um pouco?

— Não, obrigada — eu disse, esquivando-me da colher que se aproximava. — Quero saber mais sobre essa sua firmeza.

— Não, não quer. Você está doente.

— Sinto-me bem melhor — garanti-lhe. — Posso dar uma olhada? — Ele usava as calças de baixo largas como os marinheiros, nelas, ele poderia facilmente esconder três ou quatro peixes mortos, quanto mais uma firmeza passageira.

— Não, não pode — disse ele, parecendo ligeiramente chocado. — Alguém pode entrar. E acho que o fato de você olhar não vai ajudar em nada.

— Bem, isso você não pode saber até que eu tenha realmente olhado, não é? Além do mais, pode trancar a porta.

— Trancar a porta? O que você acha que vou fazer? Eu pareço o tipo de homem que se aproveitaria de uma mulher que, além de estar ferida e ardendo de febre, também está bêbada? — perguntou ele. Mesmo assim levantou-se.

— Não estou bêbada — eu disse, indignada. — Ninguém pode ficar bêbado com sopa de tartaruga! — Ainda assim, eu tinha consciência de que o forte calor em meu estômago parecia ter migrado mais para baixo, fixando residência entre minhas coxas, e havia inegavelmente uma leve tontura não estritamente tributável à febre.

— Pode, se tiver tomado uma sopa como essa preparada por

Aloysius O'Shaughnessy Murphy — disse ele. — Pelo cheiro, ele colocou pelo menos uma garrafa inteira de conhaque na sopa. Uma raça muito descomedida, os irlandeses.

— Bem, continuo sóbria. — Recostei-me sobre os travesseiros da melhor forma que consegui. — Você me disse uma vez que enquanto você puder ficar de pé, não estará bêbado.

— Você não está de pé — ressaltou ele.

— Você está. E eu poderia, se quisesse. Pare de tentar mudar de assunto. Falávamos de sua firmeza.

— Bem, você pode parar de falar sobre isso porque... — interrompeu-se com um pequeno uivo, quando consegui agarrá-lo com a mão esquerda.

— Desajeitada, hein? — eu disse, com considerável satisfação. — Nossa! Você está mesmo com um problema, hein?

— Poderia me soltar? — sibilou ele, olhando freneticamente por cima do ombro em direção à porta. — Pode entrar alguém a qualquer momento!

— Eu lhe disse que deveria trancar a porta — eu disse, sem soltá-lo. Longe de parecer um peixe morto, o objeto em minha mão exibía uma disposição considerável.

Olhou-me com os olhos estreitados, respirando ruidosamente pelo nariz.

— Eu não usaria a força contra uma mulher doente — disse ele entre dentes —, mas para alguém com febre, você está com um vigor muito saudável, Sassenach. Se você...

— Eu lhe disse que estava melhor — interrompi —, mas farei um acordo. Você tranca a porta e eu provarei que não estou bêbada. — Soltei-o a contragosto, como sinal de boa-fé. Ele ficou parado, fitando-me, por um instante, distraidamente esfregando o local do meu recente ataque à sua virtude. Em seguida, levantou uma sobancelha ruiva, virou-se e foi trancar a porta.

Quando retornou, eu já saíra do beliche e estava de pé — um pouco tropegamente, mas ainda assim ereta — contra a estrutura da cama. Ele examinou-me com ar crítico.

— Não vai dar certo, Sassenach — disse ele, sacudindo a cabeça. Ele também parecia um pouco pesaroso. — Nunca conseguiremos ficar de pé, com a oscilação sob nossos pés como está esta noite e você sabe que eu sozinho já não caibo neste beliche, quanto mais com você.

Houve um considerável balanço; o lampião, em seu suporte giratório, permanecia firme e nivelado, mas a prateleira acima dele inclinava-se visivelmente para a frente e para trás, conforme o *Artemis* cavalgava as ondas. Eu podia sentir o leve tremor das tábuas sob meus pés descalços e compreendi que Jamie tinha razão. Ao menos, ele estava absorto demais na discussão para se sentir enjoado.

— Sempre há o chão — sugeri esperançosamente. Ele abaixou os olhos para o limitado espaço no assoalho e franziu a testa.

— Sim, bem. De fato, mas teríamos que nos contorcer como cobras, Sassenach, entre as pernas da mesa.

— Eu não me incomodo.

— Não — disse ele, sacudindo a cabeça —, iria machucar seu braço. Esfregou o nó de um dedo contra o lábio inferior, pensando. Seus olhos atravessaram distraidamente meu corpo, na altura dos quadris, retornaram, fixaram-se e perderam o foco. Achei que a maldita camisola devia ser mais transparente do que eu imaginava.

Resolvendo tomar as rédeas da situação, soltei a estrutura do beliche onde me apoiava e cambaleei pelos dois passos necessários para alcançá-lo. O balanço do navio atirou-me em seus braços e ele próprio mal conseguiu manter o próprio equilíbrio, agarrando-me com força pela cintura.

— Santo Deus! — disse ele, cambaleando e, em seguida, tanto por reflexo quanto por desejo, inclinou a cabeça e beijou-me.

Foi surpreendente. Eu estava acostumada a ser envolvida pelo calor de seu abraço; agora, era eu quem estava quente ao toque e ele quem estava fresco. Por sua reação, ele estava gostando da novidade tanto quanto eu.

Zonza e impulsivamente, mordi de leve o lado de seu pescoço,

sentindo as ondas de calor do meu rosto pulsarem contra a coluna de seu pescoço. Ele também sentiu.

— Meu Deus, você está parecendo um carvão em brasa! — Suas mãos desceram e pressionaram-me com força contra seu corpo.

— Firme, hein? Ah — eu disse, liberando minha boca por um instante. — Tire essas calças largas. — Deslizei pelo seu corpo e ajoelhei-me diante dele, manuseando atrapalhadamente sua braguilha. Ele desatou os cadarços com um puxão e as calças de baixo caíram no assoalho como um balão, com um sopro de vento.

Não esperei que removesse a camisa; apenas levantei-a e tomei-o em minha boca. Ele emitiu um som estrangulado e suas mãos desceram sobre a minha cabeça como se ele quisesse me conter, mas não tivesse forças para isso.

— Ah, meu Deus! — exclamou ele. Suas mãos fecharam-se sobre meus cabelos, mas ele não estava tentando me afastar. — Isso deve ser como fazer amor no inferno — sussurrou. — Com uma diaba incandescente.

Eu ri, o que foi extremamente difícil naquelas circunstâncias. Engasguei e afastei-me um pouco, sem ar.

— Acha que é isso o que um súcubo faz?

— Eu não duvidaria nem por um instante — garantiu ele. Suas mãos ainda estavam em meus cabelos, instando-me a continuar.

Ouviu-se uma batida na porta e ele ficou paralisado. Confiante de que a porta estava trancada, não me abalei.

— Sim? O que é? — disse ele, com uma calma notável para um homem em sua posição.

— Fraser? — A voz de Lawrence Stern atravessou a porta. — O francês diz que o negro está dormindo e pergunta se ele pode ir pra cama agora.

— Não — disse Jamie laconicamente. — Diga a ele para ficar onde está. Eu vou rendê-lo daqui a pouco.

— Ah. — A voz de Stern soou um pouco hesitante. — Certamente. Sua... ã, sua mulher parece... ansiosa para ele descer.

Jamie inspirou com força.

— Diga a ela — disse ele, um ligeiro tom de irritação tornando-se evidente em sua voz — que ele irá... logo.

— Direi. — Stern parecia em dúvida sobre a reação de Marsali a essa notícia, mas depois sua voz animou-se. — Ah... a sra. Fraser está se sentindo melhor?

— Muito — disse Jamie, entusiasticamente.

— Ela gostou da sopa de tartaruga?

— Gostou muito. Obrigado. — As mãos em minha cabeça tremiam.

— Disse a ela que guardei o casco para ela? Era uma bela tartaruga-de-pente, um animal muito elegante.

— Sim. Sim, eu disse. — Com uma audível respiração ofegante, Jamie afastou-se e, abaixando-se, puxou-me para cima. — Boa noite, sr. Stern! — gritou ele. Arrastou-me para o beliche; lutamos com quatro pernas para não colidir com mesa e cadeiras, conforme o assoalho subia e descia sob nossos pés.

— Ah — Lawrence soou ligeiramente desapontado. — Imagino que a sra. Fraser esteja dormindo, então?

— Se você rir, eu a esgano — murmurou Jamie ferozmente no meu ouvido. — Está sim, sr. Stern — gritou ele através da porta. — Eu lhe darei suas recomendações pela manhã, sim?

— Desejo que ela durma bem. O mar parece estar agitado esta noite.

— Eu... notei, sr. Stern. — Empurrando-me sobre meus joelhos diante do beliche, ele ajoelhou-se atrás de mim, tateando em busca da barra de minha camisola. Uma brisa fresca entrou pela janela de popa e soprou minhas nádegas nuas, e um tremor percorreu a parte de trás de minhas coxas.

— Se o senhor e a sra. Fraser sentirem-se incomodados com o balanço, eu tenho um excelente remédio à mão, um composto de artemísia, excremento de morcego e o fruto do mangue. É só pedir.

Jamie não respondeu por um instante.

— Ah, Deus! — sussurrou ele. Mordi as cobertas da cama com

força.

— Sr. Fraser?

— Boa noite, sr. Stern! — berrou Jamie.

— Ah! Hã... Boa noite.

Os passos de Stern recuaram pela escada, perdendo-se no barulho das ondas que agora se arrebatavam ruidosamente contra o casco do navio. Cuspi o bocado de colcha que estava em minha boca.

— Ah... meu.. Deus!

Suas mãos eram grandes, rijas e frescas em minha carne quente.

— Você tem o traseiro mais redondo que eu já vi!

Com uma brusca guinada do *Artemis* ajudando seus esforços para um grau desconfortável, eu emiti um grito sonoro.

— Shhhh! — Ele tampou minha boca, inclinando-se sobre mim de modo a praticamente deitar-se sobre minhas costas, as dobras de linho de sua camisa caindo ao meu redor e seu peso pressionando-me contra a cama. Minha pele, enlouquecida pela febre, estava sensível ao mais leve toque; eu tremia em seus braços, o calor interno subindo à superfície conforme ele se movia dentro de mim.

Logo suas mãos estavam sob mim, agarrando meus seios, a única âncora conforme eu perdia meus limites e me dissolia, o pensamento consciente um elemento deslocado no caos de sensações — as cobertas emboladas, quentes e suadas sob mim, o vento frio do mar e os respingos de água salgada que borrifavam sobre nós das ondas em fúria lá fora, a respiração arquejante e o hálito quente de Jamie roçando a minha nuca, e o arrepio repentino de frio e calor, enquanto minha febre desfazia-se num suor de desejo satisfeito.

O peso de Jamie descansou sobre minhas costas, suas coxas atrás das minhas. Eram quentes e reconfortantes. Após um longo tempo, sua respiração acalmou-se e ele se levantou. O algodão fino de minha camisola estava úmido e o vento arrancava-a de minha

pele, fazendo-me estremecer.

Jamie fechou a janela com um golpe rápido, depois se inclinou e pegou-me no colo como uma boneca de trapos. Depositou-me no beliche e me cobriu com a colcha.

— Como vai seu braço? — perguntou ele.

— Que braço? — murmurei sonolentemente. Sentia como se tivesse sido dissolvida e despejada numa forma para solidificar outra vez.

— Ótimo — disse ele, um sorriso na voz. — Pode ficar de pé?

— Nem por todo o chá da China.

— Direi a Murphy que você gostou da sopa. — Sua mão descansou um pouco sobre a minha testa fria, deslizou pela curva da minha face numa leve carícia e desapareceu. Não ouvi quando ele saiu.

**57**

A TERRA PROMETIDA



-É perseguição! — disse Jamie, indignado. Estava parado atrás de mim, olhando por cima da balaustrada do *Artemis*.

O porto de Kingston estendia-se para a nossa esquerda, brilhando como safiras líquidas à luz da manhã, a cidade acima parcialmente submersa no verde da selva, cubos de marfim amarelado e quartzo cor-de-rosa em um cenário luxuriante de esmeralda e malaquita. E no seio azul-celeste da água abaixo flutuava a visão grandiosa de um majestoso navio de três mastros, as velas recolhidas brancas como asas de gaivotas, os conveses dos canhões altivos com seus bronzes reluzentes ao sol. O navio de guerra de Sua Majestade, o *Porpoise*.

— O maldito navio está me perseguindo — disse ele, olhando fixamente e com raiva conforme passávamos por ele a uma distância segura, bem fora da boca do porto. — Aonde quer que eu vá, lá está ele outra vez!

Eu ri, embora a visão do *Porpoise* também me deixasse ligeiramente nervosa.

— Não creio que seja pessoal — eu disse. — O capitão Leonard realmente me disse que se dirigiam à Jamaica.

— Sim, mas por que não foram direto para Antígua, onde estão os alojamentos da marinha e os estaleiros navais, apesar de todos os apuros por que estavam passando? — Ele protegeu os olhos da claridade, espreitando o *Porpoise*. Mesmo àquela distância, minúsculas figuras eram visíveis no cordame, fazendo reparos.

— Tiveram que vir para cá primeiro — expliquei. — Estavam transportando um novo governador para a colônia. — Senti uma vontade absurda de me agachar atrás da balaustrada, embora soubesse que até mesmo a cabeleira ruiva de Jamie seria indistinguível àquela distância.

— É mesmo? Quem seria? — Jamie falou distraidamente; estávamos a menos de uma hora da chegada à plantação de Jared em Sugar Bay e eu sabia que sua mente estava ocupada com planos para encontrar o Jovem Ian.

— Um sujeito chamado Grey — eu disse, afastando-me da balaustrada. — Um bom homem. Eu o conheci no navio, apenas rapidamente.

— Grey? — Espantado, Jamie olhou para mim. — Não seria lorde John Grey, por acaso?

— Sim, esse era o nome dele. Por quê? — Ergui os olhos para ele, curiosa. Ele fitava o *Porpoise* com renovado interesse.

— Por quê? — Ele me ouviu quando repeti a pergunta pela segunda vez e olhou para mim, sorrindo. — Ah. É que eu conheço lorde John. É um amigo meu.

— Verdade? — Não fiquei muito surpresa. O círculo de amizades de Jamie em certa época ia desde o ministro francês das Finanças e Charles Stuart, até mendigos escoceses e pivetes franceses. Imaginei que não era de admirar que ele agora incluísse aristocratas ingleses entre seus conhecidos, assim como contrabandistas das Terras Altas e cozinheiros irlandeses. — Bem, é uma sorte — eu disse. — Ou ao menos eu acho que é. De onde você conhece lorde John?

— Era o diretor da prisão de Ardsmuir — respondeu ele, surpreendendo-me, no final das contas. Seus olhos ainda estavam fixos no *Porpoise*, apertados, com um ar especulativo.

— E ele é um *amigo* seu? — Sacudi a cabeça. — Nunca vou entender os homens.

Ele virou-se e sorriu para mim, finalmente desviando sua atenção do navio inglês.

— Bem, os amigos estão onde você os encontra, Sassenach — disse ele. Estreitou os olhos na direção da praia, protegendo-os com a mão. — Vamos torcer para que essa sra. Abernathy seja um deles.

Quando dobrávamos a ponta do promontório, uma figura negra e ágil materializou-se junto à balaustrada. Agora vestido com roupas simples de marinheiro, as cicatrizes escondidas, Ishmael parecia-se menos com um escravo e muito mais com um pirata. Não pela primeira vez, perguntei-me o quanto do que ele nos contara seria verdade.

— Eu ir embora agora — anunciou ele abruptamente.

Jamie ergueu uma das sobancelhas e olhou por cima da balaustrada, para as serenas profundezas azuis.

— Não se detenha por mim — disse ele educadamente. — Mas você não preferia ter um barco?

Algo que poderia ser humor atravessou rapidamente os olhos de Ishmael, mas não alterou os contornos graves de seu rosto.

— Você dizer que me colocar na praia onde eu quiser, eu contar sobre aqueles garotos — disse ele. Fez um sinal com a cabeça indicando a ilha, onde um desordenado crescimento de selva derramava-se pela encosta de um monte até encontrar sua própria sombra verde nas águas rasas. — Lá onde eu quiser.

Jamie olhou pensativamente da praia deserta para Ishmael e depois assentiu.

— Vou mandar baixar um barco. — Virou-se para ir à cabine. — Eu também lhe prometi ouro, não foi?

— Não querer ouro, senhor. — O tom de Ishmael, assim como suas palavras, fizeram Jamie parar subitamente. Olhou para o sujeito com interesse, misturado a uma certa reserva.

— Tem alguma outra coisa em mente?

Ishmael fez um rápido aceno com a cabeça. Externamente, ele não parecia estar nervoso, mas eu notei o leve brilho de suor em suas têmporas, apesar da suave brisa do meio-dia.

— Eu querer aquele negro de um braço. — Olhou desafiadoramente para Jamie enquanto falava, mas havia um certo acanhamento por trás da fachada confiante.

— Temeraire? — perguntei, atônita. — Por quê?

Ishmael lançou um rápido olhar em minha direção, mas

endereço suas palavras a Jamie, com um ar ao mesmo tempo atrevido e adulator.

— Ele não servir para nada para o senhor, não poder trabalhar na lavoura nem no navio, só tem um braço.

Jamie não respondeu imediatamente, mas olhou fixamente para Ishmael por um instante. Em seguida, mandou Fergus trazer o escravo de um braço.

Temeraire, trazido ao convés, mantinha-se impassível como um bloco de madeira, mal piscando sob o sol. Ele também recebera roupas de marinheiro, mas faltava-lhe a elegância selvagem de Ishmael. Ele parecia um tronco sobre o qual alguém espalhara roupas para secar.

— Este homem quer que você vá embora com ele, para aquela ilha ali — disse Jamie a Temeraire, num francês cuidadoso e pausado. — Você quer fazer isso?

Temeraire de fato piscou diante da proposta e um breve ar de espanto arregalou seus olhos. Imagino que há muitos anos ninguém lhe perguntava o que ele queria — se é que algum dia perguntaram. Ele olhou com desconfiança de Jamie para Ishmael e novamente para Jamie, mas não disse nada.

Jamie tentou outra vez.

— Você não tem que ir com este homem — garantiu ele ao escravo. — Pode vir conosco e nós tomaremos conta de você. Ninguém irá machucá-lo. Mas você pode ir com ele, se quiser.

O escravo ainda hesitava, os olhos dardejando para a esquerda e para a direita, obviamente espantado e confuso com a escolha inesperada. Foi Ishmael quem decidiu a questão. Ele disse alguma coisa, numa língua estranha, cheia de vogais e sílabas vibrantes, que se repetiam como uma batida de tambor.

Temeraire deixou escapar a respiração numa arfada, caiu de joelhos e pressionou a testa no assoalho do convés, aos pés de Ishmael. Todos no convés olharam fixamente para ele, depois para Ishmael, que continuou parado, os braços cruzados, numa espécie de desafio cauteloso.

— Ele ir comigo — disse ele.

E assim foi feito. Picard levou os dois negros para a praia num pequeno barco a remo e deixou-os nas rochas à beira de uma floresta com uma pequena saca de provisões, cada um armado com uma faca.

— Por que lá? — perguntei-me em voz alta, observando as duas figuras minúsculas subirem devagar pela encosta coberta de árvores. — Não há cidades por perto, há? Ou alguma plantação? — Até onde podíamos ver, o litoral apresentava apenas uma extensão contínua de selva.

— Ah, sim, há plantações — garantiu-me Lawrence. — Bem no alto dos montes; é lá que plantam café e índigo. A cana-de-açúcar cresce melhor perto da costa. — Ele estreitou os olhos para a praia, onde as duas figuras escuras haviam desaparecido. — Porém, é mais provável que eles tenham ido se juntar a um grupo de maroons — disse ele.

— Há maroons na Jamaica, assim como em Hispaniola? — perguntou Fergus, interessado.

Lawrence sorriu, um pouco soturnamente.

— Há maroons em qualquer lugar onde haja escravos, meu amigo — disse ele. — Há sempre homens que preferem correr o risco de morrer como animais a viver como prisioneiros.

Jamie virou a cabeça abruptamente para olhar para Lawrence, mas não disse nada.

A fazenda de Jared em Sugar Bay chamava-se Casa da Montanha Azul, provavelmente por causa do pico enevoadado, baixo, que se erguia no interior da ilha, a cerca de um quilômetro e meio atrás da casa, azul por causa dos pinheiros e da distância. A casa propriamente dita ficava perto da praia, na curva rasa da baía. Na realidade, a varanda que se estendia ao longo de um dos lados da casa debruçava-se sobre uma pequena lagoa; o prédio fora construído sobre fortes pilares de madeira prateada que se erguiam da água, incrustados com uma camada de tunicados, mexilhões e

as delicadas algas marinhas verdes conhecidas como cabelos de sereia.

Éramos esperados; Jared enviara uma carta por um navio que deixara Le Havre uma semana antes do *Artemis*. Devido à nossa demora em Hispaniola, a carta chegara quase um mês antes de nós e o administrador e sua mulher — um casal escocês corpulento e amável chamado MacIver — ficaram aliviados ao nos ver.

— Achei que certamente as tempestades de inverno haviam alcançado vocês — disse Kenneth MacIver pela quarta vez, sacudindo a cabeça. Ele era calvo, o topo de sua cabeça escamoso e sardento de muitos anos de exposição ao sol dos trópicos. Sua mulher parecia uma vovó bonachona, gorda e simpática, que, para meu espanto, soube que era aproximadamente cinco anos mais nova do que eu. Ela conduziu Marsali e a mim para um banho rápido, escovação e cochilo antes do jantar, enquanto Fergus e Jamie saíam com o sr. MacIver para comandar o descarregamento parcial da carga do *Artemis* e acomodar a tripulação.

Obedeci de bom grado; embora meu braço tivesse sarado o suficiente para não precisar de mais do que uma leve atadura, me impedira de tomar banho no mar como eu costumava fazer. Após uma semana a bordo do *Artemis*, sem tomar banho, eu ansiava por água doce e lençóis limpos com uma nostalgia que era quase um desejo ardente.

Eu ainda não recuperara a firmeza nas pernas de quem vive em terra; as desgastadas tábuas do assoalho da casa da fazenda davam-me a desconcertante ilusão de parecer subir e descer sob meus pés, e fui cambaleando pelo corredor atrás da sra. MacIver, esbarrando nas paredes.

A casa possuía uma banheira de verdade em uma pequena varanda fechada; de madeira, mas cheia — *mirabile dictu!* — de água quente, graças aos serviços de duas escravas que aqueciam chaleiras sobre uma pequena fogueira no quintal e as traziam para dentro. Eu deveria ter me sentido culpada demais diante dessa exploração para apreciar meu banho, mas não me senti. Rolei na

água suntuosamente, esfregando o sal e a sujeira da minha pele com uma esponja de bucha e ensaboando meus cabelos com um xampu feito de camomila, óleo de gerânio, flocos de sabão de sebo e a gema de um ovo, amavelmente fornecido pela sra. MacIver.

Com um doce aroma pelo corpo, cabelos limpos e brilhantes, e lânguida pelo banho quente, desabei de bom grado na cama que me foi oferecida. Antes de adormecer, só tive tempo de pensar em como era delicioso poder esticar-me numa cama.

Quando acordei, a penumbra do crepúsculo concentrava-se na varanda para a qual as portas do meu quarto se abriam. Jamie estava deitado nu ao meu lado, as mãos entrelaçadas sobre a barriga, respirando devagar e profundamente.

Ao sentir que eu me remexia, ele abriu os olhos. Sorriu sonolentemente e, erguendo a mão, puxou-me para sua boca. Ele também tomara banho; cheirava a sabão e cedro. Beije-o longa, devagar e apaixonadamente, passando a língua pela curva larga de seu lábio, encontrando sua língua com a minha, num embate macio e suave de sedução.

Afastei-me finalmente e respirei fundo. O quarto estava iluminado por uma ondeante luz verde, reflexos da lagoa lá fora, como se o próprio aposento estivesse debaixo d'água. O ar era ao mesmo tempo quente e fresco, cheirando a mar e chuva, com minúsculas correntes de uma brisa que acariciava a pele.

— Você está com um cheiro gostoso, Sassenach — murmurou ele, a voz rouca de sono. Sorriu, erguendo a mão para enrolar os dedos nos meus cabelos. — Vem cá, minha cabeleira de caracóis.

Livre dos grampos e recém-lavados, meus cabelos derramavam-se sobre meus ombros numa perfeita explosão de cachos como os de Medusa. Ergui a mão para alisá-los para trás, mas ele me puxou delicadamente, inclinando-me para a frente, de modo que o véu de prata, ouro e castanho caísse livremente sobre seu rosto.

Beije-o, um pouco sufocada no meio dos cabelos, e deslizei, deitando-me sobre ele, deixando o volume dos meus seios amassar-se delicadamente contra seu peito. Ele remexeu-se

devagar, esfregando-se em mim, e suspirou de prazer.

Suas mãos seguraram minhas nádegas, tentando me mover para cima o suficiente para me penetrar.

— Ainda não — sussurrei. Pressionei os quadris para baixo, rolando-os, desfrutando a sensação da rigidez sedosa presa sob minha barriga. Ele emitiu um pequeno som arquejante. — Há meses não temos espaço nem tempo para fazer amor adequadamente — eu disse. — De modo que não vamos nos apressar agora, certo?

— Você me deixa em desvantagem, Sassenach — murmurou ele no meio dos meus cabelos. Contorceu-se sob mim, pressionando o corpo para cima, com urgência. — Não acha que podemos nos demorar da próxima vez?

— Não — respondi com firmeza. — Agora. Devagar. Não se mexa.

Ele emitiu uma espécie de ruído surdo e vibrante na garganta, mas suspirou e relaxou, deixando as mãos caírem ao lado do corpo, sobre a cama. Deslizei mais para baixo em seu corpo, fazendo-o inspirar com força e coloquei a boca em seu mamilo.

Deslizei a língua delicadamente ao redor da pequena protuberância, fazendo-a empinar-se, rígida, desfrutando a sensação áspera dos pelos encaracolados e ruivos que a circundavam. Senti seu corpo retesar-se sob mim e coloquei as mãos em seus braços para mantê-lo quieto enquanto eu continuava, mordendo delicadamente, sugando e passando a língua.

Alguns minutos depois, levantei a cabeça, alisei os cabelos para trás com uma das mãos e perguntei:

— O que você está murmurando?

Ele abriu um dos olhos.

— O rosário — informou ele. — É a única maneira de eu aguentar isso. — Fechou os olhos e retornou à sua prece em latim. — *Ave Maria, gratia plena...*

Dei uma risadinha e comecei a trabalhar no outro mamilo.

— Você está misturando tudo — eu disse, quando voltei a erguer a cabeça para respirar. — Já disse o padre-nosso três vezes



seguidas.

— Estou surpreso de saber que ainda estou dizendo qualquer coisa com nexos. — Seus olhos estavam cerrados e uma leve umidade reluzia em suas faces. Movimentou os quadris com crescente desassossego. — Agora?

— Ainda não. — Abaixei ainda mais a cabeça e, tomada por um impulso, soprei em seu umbigo. Ele contorceu-se e, tomado de surpresa, emitiu um barulho que só podia ser descrito como uma risadinha.

— Não faça isso! — disse ele.

— Faça, sim, se eu quiser — eu disse, repetindo a brincadeira. — Você falou exatamente como a Bree. Eu costumava fazer isso com ela quando era pequenina, ela adorava.

— Bem, eu não sou nenhum bebê, caso não tenha notado a diferença — disse ele, um pouco impaciente. — Se tem que fazer isso, ao menos tente um pouco mais abaixo, sim?

Foi o que fiz.

— Você não tem nenhum pelo na parte de cima das coxas — disse, admirando a pele branca e lisa. — Por que será?

— A vaca lambeu tudo da última vez que me ordenhou — disse ele entre os dentes. — Pelo amor de Deus, Sassenach!

Eu ri e retornei ao meu trabalho. Finalmente, parei e ergui-me sobre os cotovelos.

— Acho que já basta — eu disse, afastando os cabelos dos olhos. — Você só ficou repetindo o nome de Deus nos últimos minutos.

De repente, ele moveu-se para cima e derrubou-me de costas na cama, prendendo-me com o volume maciço do seu corpo.

— Você vai se arrepender disso, Sassenach — disse ele com um riso de satisfação.

Devolvi o sorriso, sem arrependimento.

— É mesmo?

Ele abaixou os olhos semicerrados para mim.

— Ir devagar, não é? Você vai suplicar antes de eu terminar com

você.

Tentei puxar meus pulsos imobilizados e contorci-me ligeiramente sob ele, na expectativa.

— Ah, tenha compaixão — eu disse. — Animal.

Ele resfolegou levemente e inclinou a cabeça para a curva do meu seio, branco como pérola na turva luz esverdeada.

Fechei os olhos e deixei-me afundar nos travesseiros.

— *Paster noster, qui es in coelis...* — murmurei.

Nós chegamos muito atrasados para o jantar.

Durante o jantar, Jamie não perdeu tempo em perguntar sobre a sra. Abernathy da Mansão da Rosa.

— Abernathy? — MacIver franziu a testa, dando pancadinhas na mesa com sua faca para ajudá-lo a pensar. — Sim, parece que já ouvi o nome, embora não consiga me lembrar...

— Ah, você conhece Abernathy — interrompeu sua mulher, parando em suas instruções a uma criada para a preparação do pudim quente. — É aquele lugar acima do rio Yallahs, nas montanhas. Cana-de-açúcar, na maior parte, mas um pouco de café também.

— Ah, sim, claro! — exclamou seu marido. — Que memória você tem, Rosie! — Olhou radiante para sua mulher.

— Bem, eu posso não ter me lembrado dela por conta própria — disse ela modestamente —, já que aquele ministro na igreja Nova Graça na semana passada estava perguntando pela sra. Abernathy também.

— Quem é esse ministro, senhora? — perguntou Jamie, pegando um pedaço de frango assado da enorme travessa que lhe era apresentada por um criado negro.

— Que belo apetite você tem, sr. Fraser! — exclamou a sra. MacIver admirada, vendo seu prato cheio. — É o ar da ilha que faz isso, eu acho.

As pontas das orelhas de Jamie ficaram rosadas.

— Acho que sim — disse ele, tomando o cuidado de não olhar

para mim. — Esse ministro...?

— Ah, sim. Campbell, esse era seu nome, Archie Campbell. — Sobressaltei-me e ela olhou interrogativamente para mim. — Conhece-o?

Sacudi a cabeça, engolindo um cogumelo em conserva.

— Encontrei-o uma vez, em Edimburgo.

— Ah. Bem, ele veio como missionário, para levar aos negros pagãos a salvação de Nosso Senhor Jesus Cristo. — Falou com admiração e olhou furiosamente para seu marido quando ele deu uma risadinha debochada. — Ora, não vá começar com seus comentários papistas, Kenny! O reverendo Campbell é um homem santo e um grande estudioso, além do mais. Eu mesma sou da Igreja Livre — disse ela, inclinando-se em minha direção com ar de confidência. — Meus pais me deserdaram quando me casei com Kenny, mas disse a eles que tinha certeza de que ele veria a luz mais cedo ou mais tarde.

— Muito mais tarde — observou seu marido, colocando uma colher de geleia em seu prato. Riu para sua mulher, que fez um muxoxo e voltou à sua história.

— Então, foi pelo fato de o reverendo ser um grande estudioso que a sra. Abernathy lhe escreveu, enquanto ele ainda estava em Edimburgo, para lhe fazer perguntas. E agora que ele veio para cá, tinha em mente ir visitá-la. Embora depois de tudo que Myra Dalrymple e o reverendo Davis lhe contaram, eu ficaria surpresa se ele colocasse os pés na casa dela — acrescentou ela afetadamente.

Kenny MacIver resmungou, fazendo sinal para um criado que estava no vão da porta com outra enorme travessa.

— Eu mesmo não coloco muita fé em nada que o reverendo Davis diz — observou ele. — O sujeito é devoto demais e fala muita bobagem. Mas Myra Dalrymple é uma mulher sensata. Aai! — Ele retirou com um safanão os dedos que sua mulher acabara de acertar com uma colher e colocou-os na boca.

— O que a srta. Dalrymple tinha a dizer sobre a sra. Abernathy? — perguntou Jamie, intervindo apressadamente antes que uma

guerra conjugal completa irrompesse.

A sra. MacIver estava vermelha e exaltada, mas relaxou a ruga em sua testa ao se virar para responder à pergunta de Jamie.

— Bem, a maior parte não passa de mexericos maldosos — admitiu ela. — O tipo de coisas que as pessoas sempre falam sobre uma mulher que vive sozinha. Que ela aprecia demais a companhia de seus escravos, sabe?

— Mas houve um boato quando seu marido morreu — interrompeu Kenny. Deslizou vários peixinhos listrados em tons do arco-íris da travessa que o criado, inclinando-se, lhe apresentava. — Lembro-me bem, agora que me lembro do nome.

Barnabas Abernathy viera da Escócia e comprara a Mansão da Rosa havia cinco anos. Administrara bem a propriedade, conseguira um pequeno lucro com cana-de-açúcar e café, e não atraíu nenhum comentário entre seus vizinhos. Então, há dois anos, ele se casara com uma mulher que ninguém conhecia, trazendo-a de uma viagem a Guadalupe.

— E seis meses depois estava morto — concluiu a sra. MacIver com uma soturna satisfação.

— E o que se diz é que a sra. Abernathy teve alguma coisa a ver com isso? — Tendo uma boa ideia da pletora de parasitas e doenças tropicais que atacavam os europeus nas Índias Ocidentais, eu me inclinava a duvidar. Barnabas Abernathy poderia facilmente ter morrido de qualquer doença, de malária a elefantíase, mas Rosie MacIver tinha razão, as pessoas têm a tendência de alimentar boatos maldosos.

— Veneno — disse Rosie, baixinho, com um olhar rápido para a porta da cozinha. — O médico que o examinou disse isso. Veja bem, poderiam ser as escravas. Falava-se de Barnabas e suas escravas e é mais comum do que as pessoas gostam de admitir que uma escrava cozinheira coloque alguma coisa na comida, mas... — Interrompeu-se quando outra criada entrou, carregando uma molheira de cristal lapidado. Todos ficaram em silêncio enquanto a mulher colocava-a na mesa e saía, fazendo uma medida para sua

patroa.

— Não precisam se preocupar — disse a sra. MacIver para nos tranquilizar, ao me ver seguir a criada com o olhar. — Temos um garoto que prova tudo antes de ser servido. É tudo muito seguro.

Engoli com certa dificuldade o bocado de peixe que mastigava.

— O reverendo Campbell foi visitar a sra. Abernathy, então? — perguntou Jamie.

Rosie ficou satisfeita em mudar de assunto. Sacudiu a cabeça, agitando os babados de renda de seu gorro.

— Não, tenho certeza que não, porque foi logo no dia seguinte que houve o tumulto por causa da irmã dele.

Na empolgação de seguir a pista de Ian e do *Bruja*, eu quase me esquecera de Margaret Jane Campbell.

— O que aconteceu com a irmã dele? — perguntei, curiosa.

— Ora, ela desapareceu! — Os olhos azuis da sra. MacIver arregalaram-se. A Casa da Montanha Azul era afastada, a cerca de dezesseis quilômetros de Kingston por terra, e nossa presença propiciava uma oportunidade sem paralelo para os mexericos.

— O quê? — Fergus estivera concentrado em seu prato com uma dedicação obcecada, mas agora ergueu os olhos, pestanejando. — Desapareceu? Onde?

— A ilha inteira está comentando — observou Kenny, tomando a palavra de sua mulher. — Parece que o reverendo tinha uma criada encarregada de tomar conta da irmã, mas a mulher morreu com uma febre durante a viagem.

— Ah, que lástima! — Senti uma verdadeira pontada de dor por Nellie Cowden, com seu rosto largo e agradável.

— Sim. — Kenny balançou a cabeça apressadamente. — Bem, assim o reverendo arranjou um lugar para abrigar a irmã. Meio irresponsável, não? — Ergueu uma das sobrancelhas para mim.

— Um pouco.

— Sim, bem, a moça parecia tranquila e obediente, e a sra. Forrest, a proprietária da casa onde ela estava alojada, a levava para sentar-se na varanda nas horas mais frescas do dia. Bom, na

última terça-feira, um rapaz veio dizer à sra. Forrest que ela deveria ver imediatamente sua irmã, que iria dar à luz. E a sra. Forrest ficou nervosa e partiu imediatamente, esquecendo-se da srta. Campbell na varanda. Quando se lembrou disso e enviou uma pessoa de volta para verificar... a srta. Campbell havia desaparecido. E nem sinal dela desde então, apesar de o reverendo estar revirando céus e terras, pode-se dizer assim, para encontrá-la. — MacIver recostou-se em sua cadeira, estufando suas bochechas queimadas de sol.

A sra. MacIver sacudiu a cabeça tristemente e estalou a língua em sinal de reprovação.

— Myra Dalrymple disse ao reverendo que ele deveria ir ao governador pedir ajuda para encontrá-la — disse ela. — Mas o governador acabou de chegar e ainda não está pronto para receber ninguém. Vai haver uma grande recepção para ele na próxima quinta-feira, para que ele conheça todas as pessoas importantes da ilha. Myra disse que o reverendo deve ir e falar com o governador lá mesmo, mas ele não está pensando em fazer isso, por se tratar de uma ocasião festiva, sabe?

— Uma recepção? — Jamie abaixou sua colher, olhando para a sra. MacIver com interesse. — É com convite, a senhora sabe?

— Ah, não — disse ela, sacudindo a cabeça. — Qualquer um que quiser pode ir, ou assim ouvi dizer.

— É mesmo? — Jamie olhou para mim, sorrindo. — O que acha, Sassenach? Gostaria de me acompanhar à residência do governador?

Fitei-o, atônita. Eu imaginava que a última coisa que ele queria fazer era se apresentar em público. Também me surpreendi com o fato de que alguma coisa pudesse impedi-lo de visitar a Mansão da Rosa na primeira oportunidade.

— É uma boa oportunidade de perguntar sobre Ian, não? — explicou ele. — Afinal, ele pode não estar na Mansão da Rosa, mas em algum outro lugar da ilha.

— Bem, fora o fato de eu não ter nada para usar... — contemporizei, tentando descobrir o que ele realmente pretendia.

— Ah, isso não é problema — assegurou-me Rosie MacIver. — Tenho uma das melhores costureiras da ilha; ela vai deixá-la bem-vestida num piscar de olhos.

Jamie balançava a cabeça pensativamente. Sorriu, os olhos rasgados fitando-me por cima da chama da vela.

— Seda violeta, eu acho — disse ele. Tirou as espinhas de seu peixe cuidadosamente e colocou-as de lado. — Quanto ao resto... não se preocupe, Sassenach. Tenho algo em mente. Você vai ver.

**58**

A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA



— *Oh, quem será este jovem pecador com algemas nos pulsos?*

*E o que ele andou fazendo para rugirem e brandirem os punhos cerrados?*

*E por que ele exhibe um ar tão acabrunhado?*

*Ah, estão levando-o para a prisão por causa da cor de seus cabelos.*

Jamie largou a peruca que tinha na mão e ergueu uma das sobrancelhas para mim pelo espelho. Sorri e continuei, declamando com gestos:

— *É uma vergonha para a natureza humana, uma cabeleira como a dele;*

*Nos velhos e bons tempos, essa cor era punida com a força.*

*Embora a força não seja o bastante e a flagelação seja melhor,*

*Por causa da ultrajante e abominável cor de seus cabelos!*

— Você não me disse que estudou para ser médica, Sassenach?  
— perguntou ele. — Ou foi para ser poeta, afinal?

— Eu não — garanti-lhe, aproximando-me para ajeitar o lenço do seu pescoço. — Esses sentimentos são de um certo A. E. Housman.

— Certamente basta um como ele — disse Jamie secamente. — Considerando a qualidade de suas opiniões. — Pegou a peruca e encaixou-a cuidadosamente na cabeça, soltando pequenas lufadas de talco perfumado conforme ele ajeitava aqui e ali. — O sr. Housman é um conhecido seu?

— Pode-se dizer que sim. — Sentei-me na cama para observar. — É que na sala de estar dos médicos no hospital onde eu trabalhava havia um exemplar das obras completas de Housman que alguém deixara lá. Não há muito tempo entre uma chamada e outra para ler romances, mas os poemas são ideais. Acho que agora já sei quase tudo de Housman de cor.

Olhou-me de viés, como se esperasse outra explosão de poesia, mas eu apenas sorri e ele voltou ao seu trabalho. Observei a transformação fascinada.

Sapatos vermelhos de salto e meias de seda decoradas em preto. Calças de cetim cinza com fivelas de prata nos joelhos. Camisa de linho imaculadamente branca, com fartos babados de renda de Bruxelas nos punhos e no jabô. O casaco, uma obra-prima em cinza-escuro com punhos de cetim azul e botões de prata decorados com brasões, pendurado atrás da porta, aguardava sua vez.

Ele terminou a cuidadosa aplicação de talco no rosto e, lambendo a ponta de um dedo, pegou uma pinta falsa — um sinal preto usado para embelezar o rosto —, untou-o com goma arábica e fixou-o com precisão, próximo ao canto da boca.

— Pronto — disse ele, girando na banquetta de vestir para ficar de frente para mim. — Estou parecendo um contrabandista escocês de cabelos ruivos?

Examinei-o atentamente, da peruca grande e completa aos sapatos marroquinos de salto alto.

— Você está parecendo uma gárgula — eu disse. Seu rosto iluminou-se num largo sorriso. Delineado em talco branco, seus lábios pareciam anormalmente vermelhos, a boca ainda maior e mais expressiva do que comumente era.

— *Non!* — disse Fergus, indignado, entrando a tempo de ouvir o comentário. — Ele está parecendo um francês.

— É mais ou menos a mesma coisa — disse Jamie, e espirrou. Limpando o nariz em um lenço, acrescentou: — Desculpe-me, Fergus.

Levantou-se e pegou o casaco, ajeitando-o nos ombros e nas beiradas. Em saltos de sete centímetros, ele alcançava uma altura de dois metros; sua cabeça quase roçava o teto de argamassa.

— Não sei — eu disse, fitando-o com ar de dúvida. — Nunca vi um francês deste tamanho.

Jamie deu de ombros, o casaco farfalhando como folhas de outono.

— Sim, bem, não tenho como esconder a altura. Mas desde que meus cabelos estejam escondidos, acho que está bem. Além do mais — acrescentou ele, olhando-me com aprovação —, as pessoas não vão olhar para mim. Levante-se para eu ver, sim?

Atendi obsequiosamente, girando devagar para exibir o brilho intenso da saia de seda violeta. Com um profundo decote na frente, o décolletage era preenchido com babados de renda que caíam em cascata pela frente do corpete numa série de Vs. A mesma cascata de renda projetava-se da borda da manga, na altura do cotovelo, em graciosas camadas brancas que deixavam meus pulsos descobertos.

— Que pena eu não ter as pérolas de sua mãe — observei. Não lamentava sua falta; eu as deixara para Brianna, na caixa com as fotografias e os documentos da família. Ainda assim, com o décolletage profundo e os cabelos presos num coque alto, o espelho mostrava uma longa extensão de pescoço e colo nus, erguendo-se com um tom perolado da seda violeta.

— Eu pensei nisso. — Com o gesto de um mágico ou ilusionista, Jamie tirou uma pequena caixa do bolso interno e entregou-a a mim, fazendo uma mesura floreada no melhor estilo de Versalhes.

Dentro da caixa, havia um peixe pequeno e brilhante, esculpido num material denso e negro, as bordas de suas escamas ornadas a ouro.

— É um broche — explicou ele. — Talvez você possa usá-lo preso a uma fita branca em volta do pescoço, não?

— É lindo! — eu disse, encantada. — De que é feito? Ébano?

— Coral negro — disse ele. — Comprei-o ontem, quando Fergus

e eu fomos a Montego Bay. — Ele e Fergus deram a volta na ilha com o *Artemis*, finalmente livrando-se da carga de guano de morcego, entregue a seu comprador.

Encontrei um pedaço de fita de cetim branco e Jamie obsequiosamente amarrou-a em volta do meu pescoço, inclinando-se para espreitar por cima do meu ombro para a imagem no espelho.

— Não, não vão olhar para mim — disse ele. — Metade das pessoas estará olhando para você, Sassenach, e a outra metade para o sr. Willoughby.

— Sr. Willoughby? Será que é seguro? Quero dizer... — Lancei um olhar para o chinesinho, pacientemente sentado em um banco com as pernas cruzadas, reluzente em roupas limpas de seda azul, e abaixei a voz. — Quero dizer, eles vão servir vinho, não é?

Jamie balançou a cabeça, confirmando.

— E também uísque, chá de cambraia, clarete, Porto, ponche de champanhe... e um pequeno barril do melhor conhaque francês, cortesia de Monsieur Etienne Mareei de Provac Alexandre. — Colocou a mão no peito e fez uma nova medida, numa pantomima tão exagerada que me fez rir. Não se preocupe — disse ele, endireitando-se. — Ele vai se comportar, ou eu tomarei seu globo de coral, não é, homenzinho bárbaro? — acrescentou ele com um largo sorriso para o sr. Willoughby.

O estudioso chinês assentiu com grande dignidade. A seda preta bordada de sua boina redonda era decorada com uma pequena bola de coral vermelho esculpido — o símbolo de sua profissão, devolvida a ele graças ao encontro fortuito com um comerciante de coral nas docas de Montego e à generosidade de Jamie.

— Tem certeza de que temos que ir? — As palpitações que eu estava sentindo deviam-se em parte ao espartilho apertado que eu estava usando, mas em mais alto grau às recorrentes visões da peruca de Jamie caindo e a festa parando completamente, quando todos os participantes voltavam-se para ele, olhando fixamente para seus cabelos, antes de correrem em massa para alertar a Marinha

Real.

— Sim, tenho. — Sorriu de forma tranquilizadora. — Não se preocupe, Sassenach. Se houver alguém do *Porpoise* lá, não é provável que me reconheça. Não vestido assim.

— Espero que não. Acha que alguém do navio estará lá esta noite?

— Duvido. — Coçou ferozmente a peruca, acima da orelha esquerda. Onde foi que você conseguiu isso, Fergus? Acho que tem piolho.

— Ah, não, milorde — garantiu-lhe Fergus. — O peruqueiro de quem eu a aluguei me garantiu que ela foi bem escovada com loções de ervas medicinais para impedir essas infestações. — Fergus usava seu próprio cabelo, profusamente coberto de talco, e estava elegante, embora mais discreto do que Jamie, em um traje novo de veludo azul-marinho.

Ouviu-se uma batida hesitante na porta e Marsali entrou. Ela também mandara fazer um novo traje e resplandecia em um vestido cor-de-rosa claro com uma faixa cor-de-rosa escuro.

Na realidade, ela resplandecia mais do que se poderia atribuir ao vestido e, quando descemos o estreito corredor em direção à carruagem, consegui inclinar-me para a frente e murmurar em seu ouvido.

— Está usando o óleo de tanásia?

— Hã? — disse ela distraidamente, os olhos em Fergus enquanto ele fazia uma medida e abria a porta da carruagem para ela. — O que você disse?

— Deixe pra lá — eu disse, resignada. Essa era a menor de nossas preocupações no momento.

A mansão do governador estava incandescente de luzes. Lanternas empoleiravam-se ao longo do muro baixo da varanda e penduravam-se das árvores ao longo dos caminhos do jardim ornamental. Pessoas em roupas festivas emergiam de suas carruagens no caminho de cascalhos e entravam na casa por duas

enormes portas que se abriam para fora.

Nós dispensamos nossa própria carruagem — ou melhor, de Jared —, mas ficamos parados um instante no caminho de entrada, aguardando um pequeno intervalo nas chegadas. Jamie parecia ligeiramente nervoso, seus dedos torciam-se de vez em quando contra o cetim cinza, mas externamente mostrava a mesma aparência calma de sempre.

Havia uma pequena fila de recepção no foyer; diversos dignitários da ilha, de menor importância, haviam sido convidados para auxiliar o novo governador a receber seus convidados. Passei à frente de Jamie na fila, sorrindo e cumprimentando com um sinal da cabeça o prefeito de Kingston e sua mulher. Encolhi-me um pouco ao avistar o próximo na fila, um almirante pesadamente condecorado, resplandecente em um casaco com dragonas douradas, mas nenhum sinal além de uma leve surpresa atravessou suas feições quando ele apertou a mão do gigante francês e do pequenino chinês que me acompanhavam.

Lá estava meu conhecido do *Porpoise*; os cabelos louros de lorde John estavam escondidos sob uma peruca formal esta noite, mas eu reconheci as feições alvas, elegantes, e o corpo esbelto, musculoso, imediatamente. Mantinha-se um pouco afastado dos demais dignitários, sozinho. Dizia-se que sua mulher recusara-se a deixar a Inglaterra para acompanhá-lo a este posto.

Ele virou-se para me cumprimentar, o rosto fixo numa expressão de cordialidade formal. Ele olhou, pestanejou e depois abriu um sorriso de prazer extraordinariamente caloroso.

— Sra. Malcolm! — exclamou ele, segurando minhas mãos. — Estou muito feliz de revê-la!

— O sentimento é inteiramente mútuo — eu disse, devolvendo o sorriso. — Não sabia que você era o governador da última vez que nos vimos. Receio ter sido um pouco informal demais.

Ele riu, o rosto radiante à luz das velas nos castiçais presos à parede. Visto claramente na luz pela primeira vez, percebi a notável beleza de seus traços.

— Certamente tinha uma excelente desculpa — disse ele. Examinou-me atentamente. — Devo dizer que está com uma aparência notável esta noite. Obviamente, o ar da ilha lhe é mais propício do que os miasmas do navio. Eu esperava encontrá-la outra vez antes de deixar o *Porpoise*, mas quando perguntei por você, o sr. Leonard disse-me que estava indisposta. Espero que esteja completamente recuperada.

— Ah, completamente — disse-lhe, achando graça. Indisposta, hein? Evidentemente, Tom Leonard não estava disposto a admitir que me perdera no mar. Perguntei-me se ele teria registrado meu desaparecimento no diário de bordo.

— Posso lhe apresentar meu marido? — Virei-me para acenar para Jamie, que fora retido numa conversa animada com o almirante, mas que agora avançava em nossa direção, acompanhado do sr. Willoughby.

Virei-me novamente e deparei-me com o governador esverdeado como uma fruta fora da estação. Ele olhou de Jamie para mim e de novo para Jamie, lívido como se tivesse se deparado com dois fantasmas.

Jamie parou ao meu lado e inclinou a cabeça cortesmente para o governador.

— John — disse ele brandamente. — É bom vê-lo de novo, homem.

A boca do governador abriu-se e fechou-se sem emitir nenhum som.

— Vamos arranjar uma oportunidade de conversarmos, mais tarde — murmurou Jamie. — Mas, por enquanto... meu nome é Etienne Alexandre. — Segurou-me pelo braço e fez uma reverência formal. — E gostaria de ter o prazer de apresentar-lhe minha mulher, Claire — disse ele em voz alta, mudando com facilidade para a língua francesa.

— Claire? — O governador olhou atônito para mim. — Claire?

— Hã, sim — respondi, esperando que ele não desmaiasse. Era o que parecia, embora eu não fizesse a menor ideia do motivo pelo

qual a revelação do meu nome pudesse afetá-lo de tal forma.

Os recém-chegados seguintes aguardavam impacientemente que seguissemos em frente e saíssemos do caminho. Fiz uma ligeira mesura, abanando meu leque, e entramos no salão principal da residência do governador. Olhei para trás por cima do ombro para vê-lo, apertando mecanicamente a mão do novo visitante, fitando-nos com o rosto branco como papel.

O salão era um enorme aposento, de teto baixo, apinhado de gente, barulhento e animado como uma gaiola cheia de papagaios. Senti um certo alívio diante do cenário. Naquela multidão, Jamie não se destacaria tanto, apesar de seu tamanho.

Uma pequena orquestra tocava em um dos cantos do salão, junto a duas portas abertas para um terraço. Vi diversas pessoas caminhando para lá, evidentemente buscando um pouco de ar fresco ou tranquilidade suficiente para manter uma conversa reservada. Do outro lado do salão, outro par de portas abria-se para um corredor, onde ficavam os aposentos particulares.

Não conhecíamos ninguém, nem tínhamos nenhum patrocinador social para fazer as apresentações. Entretanto, graças à perspicácia de Jamie, não tivemos necessidade de nenhum. Pouco depois de nossa chegada, as mulheres começaram a se reunir ao nosso redor, fascinadas com o sr. Willoughby.

— Um conhecido meu, sr. Yi Tien Cho. — Jamie apresentou-o a uma mulher jovem e corpulenta num vestido apertado de cetim amarelo. — Ex-membro do Reino Celestial da China, madame.

— Oh! — A jovem abanou o leque diante do rosto, impressionada. — Realmente da China? Mas de que distância inimaginável o senhor veio! Permita-me dar-lhe as boas-vindas à nossa pequena ilha, sr.... sr. Cho? — Ela estendeu a mão para ele, obviamente esperando que ele a beijasse.

O sr. Willoughby fez uma profunda reverência, as mãos dentro das mangas, e educadamente disse alguma coisa em chinês. A mulher ficou encantada. Jamie pareceu momentaneamente admirado, mas logo a máscara de urbanidade recaiu sobre seu



rosto. Vi os brilhantes olhos negros do sr. Willoughby fixarem-se na ponta dos sapatos da jovem, despontando por baixo da bainha de seu vestido, e imaginei o que exatamente ele teria lhe dito.

Jamie aproveitou a oportunidade — e a mão da jovem — inclinando-se sobre ela com extrema elegância.

— Seu criado, madame — disse ele num inglês com forte sotaque. — Etienne Alexandre. Gostaria de apresentar-lhe minha mulher, Claire.

— Ah, muito prazer em conhecê-la! — A jovem mulher, afogueada de empolgação, tomou minha mão e apertou-a. — Sou Marcelline Williams; talvez conheça meu irmão, Judah? Ele é o dono de Twelvetrees, a enorme plantação de café, conhece? Vim passar uma temporada com ele e estou me divertindo muito!

— Não, receio não conhecer ninguém aqui — eu disse, desculpando-me. — Nós acabamos de chegar... da Martinica, onde ficam os negócios de açúcar do meu marido.

— Ah! — exclamou a srta. Williams, os olhos arregalando-se. — Tem que me permitir apresentá-los a meus amigos particulares, os Stephens! Acho que eles visitaram a Martinica uma vez e Georgina Stephens é uma pessoa encantadora... vai gostar dela imediatamente, garanto-lhe!

E isso foi o suficiente. Dentro de uma hora, eu já fora apresentada a dezenas de pessoas e estava sendo lentamente levada pelo salão, de um grupo para outro, passada de mão em mão pela corrente de apresentações deslanchada pela srta. Williams.

Do outro lado do aposento, eu podia ver Jamie, a cabeça e os ombros destacando-se acima de seus companheiros, a imagem da dignidade aristocrática. Ele conversava cordialmente com um grupo de homens, todos ansiosos para conhecer um próspero homem de negócios que poderia oferecer contatos úteis com o comércio francês de açúcar. Nossos olhos se encontraram uma vez, em passant, e ele me dirigiu um brilhante sorriso e uma galante mesura francesa. Ainda me perguntava o que, em nome de Deus, ele

pretendia, mas descartei mentalmente a questão. Ele me contaria quando estivesse pronto.

Fergus e Marsali como sempre não precisavam da companhia de mais ninguém além de um ao outro, e dançavam em uma das extremidades do salão, o rosto rosado e radiante de Marsali sorrindo para ele. Em homenagem à ocasião, Fergus renunciara ao gancho que usava normalmente, substituindo-o por uma luva de couro preta, cheia de farelo e presa à manga do casaco. Ela repousava nas costas do vestido de Marsali, a aparência um pouco rígida, mas não tão artificial a ponto de provocar comentários.

Passei por eles dançando, girando tranquilamente nos braços de um plantador inglês baixo e gordo chamado Carstairs, que respirava ruidosamente em meu colo, murmurando galanteios, o rosto vermelho pingando de suor.

Quanto ao sr. Willoughby, desfrutava um triunfo social sem paralelo, o centro das atenções de um aglomerado de senhoras que competiam entre si para trazer-lhe guloseimas e bebidas. Seus olhos brilhavam e um leve rubor iluminava suas faces amareladas.

O sr. Carstairs depositou-me em um grupo de senhoras ao final da dança e cortesmente foi buscar uma taça de clarete. Imediatamente retornei à tarefa da noite, perguntando às mulheres se conheciam as pessoas a quem eu havia sido recomendada, chamadas Abernathy.

— Abernathy? — A sra. Hall, uma jovem matrona, abanou seu leque com um olhar vazio. — Não, não posso dizer que os conheço. Sabe se eles participam ativamente da sociedade?

— Ah, não, Joan! — Sua amiga, a sra. Yoakum, pareceu chocada, com aquele tipo particular de regozijo que precede alguma revelação escandalosa. — Você já ouviu falar dos Abernathy! Lembra-se, o homem que comprou a Mansão da Rosa, acima do rio Yallahs?

— Ah, sim! — Os olhos azuis da sra. Hall arregalaram-se. — O que morreu pouco depois de comprá-la?

— Sim, esse mesmo — disse outra mulher, ouvindo a conversa.

— Malária, é o que dizem, mas eu falei com o médico que o atendeu, ele tinha vindo fazer curativo na perna doente de mamãe que, como você sabe, é uma mártir do edema, e ele me contou... em estrita confidência, é claro...

As línguas continuaram a se agitar alegremente. Rosie MacIver fora uma boa repórter; todas as histórias que ela revelara estavam ali, e mais. Peguei o fio da conversa e dei uma guinada na direção desejada.

— A sra. Abernathy tem trabalhadores contratados, além de escravos?

Aqui as opiniões eram mais confusas. Algumas achavam que ela possuía vários trabalhadores sob contrato, outras achavam que apenas um ou dois — ninguém ali presente havia de fato colocado os pés na Mansão da Rosa, mas obviamente as pessoas comentavam...

Alguns minutos mais tarde, o mexerico voltara-se para outras novidades e o inacreditável comportamento do novo cura, sr. Jones, com a viúva sra. Mina Alcott. Mas o que se poderia esperar de uma mulher com sua reputação, e por certo não era inteiramente culpa do jovem rapaz, e ela sendo tão mais velha, embora, é claro, espera-se que um homem ordenado pela Santa Igreja mantenha um padrão mais elevado... Arranjei uma desculpa e deixei a sala de descanso das mulheres, os ouvidos tilintando.

Vi Jamie ao sair, parado junto à mesa de bebidas. Conversava com uma jovem alta, de cabelos ruivos, com um vestido de algodão bordado, um traço de incauta ternura pairando em seus olhos enquanto a fitava. Ela sorria ansiosamente para ele, lisonjeada por sua atenção. Sorri diante da cena, imaginando o que a jovem pensaria, se soubesse que ele na realidade não estava olhando para ela, mas imaginando-a como a filha que ele nunca vira.

Parei diante do espelho na sala de descanso externa, ajeitando alguns anéis do cabelo desgarrados, que se soltaram durante o exercício da dança, e desfrutei o silêncio temporário. A sala de repouso era luxuosamente mobiliada, constituía-se na verdade de

três cômodos distintos; havia o lavabo e uma sala para guardar chapéus, xales e outros acessórios, que se abria para o salão principal e onde eu estava agora. Havia um longo tremó e uma penteadeira completamente equipada, mas também uma chaise-longue de veludo vermelho. Fitei-a pensativamente — os sapatos que eu usava apertavam-me terrivelmente —, mas o dever me chamava.

Até agora, eu não tomara conhecimento de mais nada além do que já sabíamos sobre a fazenda Abernathy, embora eu tivesse compilado uma lista útil de várias outras plantações perto de Kingston que utilizavam trabalhos forçados. Eu me perguntava se Jamie pretendia solicitar a ajuda de seu amigo governador na busca por Ian — isso provavelmente justificaria o risco de comparecer ali naquela noite.

Mas a reação de lorde John à revelação de minha identidade era tanto intrigante quanto perturbadora; o sujeito parecia ter visto um fantasma. Estreitei os olhos para a imagem violeta refletida no espelho, admirando o brilho do peixe preto e dourado em meu pescoço, mas não notei nada de extraordinário em minha aparência. Meus cabelos estavam presos no alto por grampos decorados com brilhantes e pérolas minúsculas, e o uso discreto dos cosméticos da sra. MacIver escurecera minhas pálpebras e acrescentara um tom rosado às minhas faces de maneira muito apropriada, na minha opinião.

Dei de ombros, bati as pestanas sedutoramente para a minha imagem, depois dei uns tapinhas no meu cabelo e retornei ao salão.

Dirigi-me às longas mesas de guloseimas e bebidas, onde uma imensa coleção de bolos, doces, antepastos, frutas, bombons, pãezinhos recheados e inúmeros objetos que eu não conhecia, mas que presumivelmente eram comestíveis, estavam em exibição. Ao virar-me distraidamente da mesa de bebidas e comidas com um prato de frutas, colidi de frente com um paletó de cor escura. Desculpando-me atordoadamente com seu proprietário, ergui os olhos e deparei-me com o rosto severo do reverendo Archibald

Campbell.

— Sra. Malcolm! — exclamou ele, atônito.

— Hã... reverendo Campbell! — retruquei, debilmente. — Que surpresa. — Tentei passar o guardanapo numa mancha de manga em seu abdômen, mas ele recuou um passo bruscamente e eu desisti.

Ele olhou um pouco friamente para o meu decote.

— Como vai, sra. Malcolm? — perguntou ele.

— Bem, obrigada — respondi. Esperava que ele parasse de me chamar de sra. Malcolm antes que alguém a quem eu tivesse sido apresentada como madame Alexandre o ouvisse.

— Sinto muito pelo que aconteceu a sua irmã — eu disse, esperando distraí-lo. — Já teve alguma notícia dela?

Ele inclinou a cabeça rigidamente, aceitando minha compaixão.

— Não. Minhas próprias tentativas de instigar uma busca têm sido, é claro, limitadas — disse ele. — Foi por sugestão de um dos membros da minha congregação que eu o acompanhei e à sua esposa aqui esta noite, com a intenção de apresentar meu caso ao governador, suplicando sua assistência para descobrir o paradeiro de minha irmã. Garanto-lhe, sra. Malcolm, nenhuma consideração menos grave teria impellido o meu comparecimento a um evento como este.

Lançou um olhar de profunda aversão a um alegre grupo perto de nós, onde três rapazes competiam entre si na composição de brindes espirituosos a um grupo de moças, que recebiam essas atenções com uma profusão de risadinhas e vigorosos abanos de leque.

— Lamento muito seu infortúnio, reverendo — eu disse, afastando-me devagar para o lado. — A srta. Cowden contou-me um pouco da tragédia de sua irmã. Se houver alguma coisa em que eu possa ajudar...

— Ninguém pode ajudar — interrompeu ele. Seus olhos estavam frios. — Foi culpa dos Stuart papistas, com sua maligna tentativa de usurpar o trono, e os licenciosos escoceses das Terras Altas, que os

seguiram. Não, ninguém pode ajudar, a não ser Deus. Ele destruiu a casa dos Stuart, também destruirá esse tal de Fraser e, neste dia, minha irmã ficará curada.

— Fraser? — O rumo da conversa estava me deixando perceptivelmente nervosa. Olhei rápido para o outro lado do aposento, mas felizmente não se via Jamie em parte alguma.

— Esse é o nome do homem que seduziu Margaret e a fez deixar sua família e suas lealdades apropriadas. Pode não ter sido a mão dele que se abateu sobre ela, mas foi por causa dele que ela abandonou sua casa e sua segurança, colocando-se em perigo. Sim, Deus vai dar a Jamie Fraser o que ele merece — disse ele com uma espécie de sinistra satisfação diante do pensamento.

— Sim, tenho certeza que sim — murmurei. — Se me der licença, acho que vi uma amiga... — eu disse, tentando escapar, mas uma procissão de criados carregando bandejas de carne bloqueou minha passagem.

— Deus não vai permitir que a luxúria dure para sempre — continuou o reverendo, evidentemente achando que as opiniões do Todo-Poderoso coincidiam amplamente com as suas próprias. Seus pequenos olhos acinzentados pousaram com gélida reprovação em um grupo próximo, onde várias senhoras agitavam-se ao redor do sr. Willoughby como alegres mariposas ao redor de uma lanterna chinesa.

O sr. Willoughby também estava alegremente aceso, em mais de um sentido da palavra. Sua risadinha estridente erguia-se acima das risadas das senhoras e eu o vi lançar-se pesadamente na direção de um criado que passava, quase derrubando uma bandeja de taças de sorvete.

— Que as mulheres aprendam com toda a sobriedade — entoava o reverendo —, evitando qualquer ostentação nas roupas e nas tranças dos cabelos. — Ele parecia estar acertando o passo; sem dúvida, Sodoma e Gomorra seria o próximo tema. — Uma mulher que não tem marido deveria dedicar-se ao serviço do Senhor, não ficar se exibindo descaradamente em lugares públicos.

Vê a sra. Alcott? E ela é uma viúva, que devia estar empenhada em obras de caridade!

Segui a direção de sua carranca e vi que ele olhava para uma mulher rechonchuda e alegre, de trinta e poucos anos, com cabelos castanho-claros arrumados em cachos, que ria animadamente para o sr. Willoughby. Olhei-a com interesse. Então, aquela era a famosa viúva alegre de Kingston!

O pequeno chinês agora estava de quatro, arrastando-se pelo chão, fingindo procurar um brinco perdido, enquanto a sra. Alcott dava gritinhos de falso alarme diante das investidas do sr. Willoughby na direção de seus pés. Achei que era melhor eu encontrar Fergus sem demora e afastar o sr. Willoughby de sua nova conhecida antes que as coisas fossem longe demais.

Evidentemente ofendido além do tolerável pela cena, o reverendo depositou bruscamente na mesa o copo de limonada que estava segurando, virou-se e atravessou a multidão em direção ao terraço, vigorosamente abrindo caminho a cotoveladas.

Dei um suspiro de alívio; conversar com o reverendo Campbell era como trocar frivolidades com o carrasco público — embora, na realidade, o único carrasco que eu conhecera pessoalmente fosse uma companhia bem mais interessante do que o reverendo.

De repente, vi a figura alta de Jamie dirigindo-se para uma porta do outro lado do salão, onde eu presumia que ficassem os aposentos particulares do governador. Ele devia estar indo conversar com lorde John agora. Movida pela curiosidade, decidi unir-me a ele.

O salão estava tão cheio agora que tive dificuldade de atravessá-lo. Quando finalmente cheguei à porta que Jamie atravessara, ele já desaparecera há muito tempo, mas eu o segui.

Era um longo corredor, fracamente iluminado por velas em castiçais e pontilhada a intervalos por longas janelas de postigos, através dos quais tremeluzia a luz vermelha das tochas no terraço lá fora, refletindo-se no brilho do metal das decorações nas paredes. Essas eram militares em sua maior parte, consistindo em arranjos

ornamentais de pistolas, facas, escudos e espadas. Os suvenires pessoais de lorde John?, perguntei-me. Ou já faziam parte da casa?

Longe do burburinho do salão, a casa parecia extraordinariamente silenciosa. Desci o corredor, meus passos abafados pelo longo tapete turco que cobria o assoalho de parquet.

Havia um murmúrio indistinto de vozes masculinas à frente. Virei uma esquina, passando a um corredor mais curto e vi uma porta de onde jorrava luz — devia ser o gabinete particular do governador. Dentro, ouvi a voz de Jamie.

— Ah, meu Deus, John! — disse ele.

Parei onde estava, paralisada mais pelo tom daquela voz do que pelas palavras — estava embargada com uma emoção que eu raramente ouvi nele.

Andando muito devagar, aproximei-me. Emoldurado na porta semiaberta estava Jamie, a cabeça abaixada, enquanto pressionava lorde John Grey com força num abraço emocionado.

Fiquei imóvel, completamente incapaz de me mover ou de falar. Enquanto observava, eles se separaram. Jamie estava virado de costas para mim, mas lorde John estava de frente para o corredor; ele poderia ter me visto facilmente, caso tivesse olhado. Mas ele não estava olhando para o corredor. Ele olhava fixamente para Jamie e em seu rosto havia uma expressão de desejo tão evidente que o sangue subiu às minhas próprias faces quando a vi.

Deixei meu leque cair. Vi a cabeça do governador se virar, sobressaltado com o barulho. Saí correndo pelo corredor, de volta ao salão, meus batimentos cardíacos pulsando nos meus ouvidos.

Atravessei como um raio a porta que dava para o salão e estanquei atrás de uma palmeira em um grande vaso, o coração martelando. Os candelabros de ferro forjado estavam apinhados de velas de cera de abelha e tochas de pinho ardiam luminosamente nas paredes, mas mesmo assim, os cantos do salão eram escuros. Permaneci nas sombras, tremendo.

Minhas mãos estavam frias e eu me sentia ligeiramente enjoada. O que em nome de Deus estava acontecendo?



O choque do governador ao saber que eu era a mulher de Jamie estava agora ao menos em parte explicado; aquele único vislumbre de desejo incauto, sofrido, ardente, revelara-me exatamente o seu lado da questão. Jamie já era outro assunto inteiramente diferente.

*Ele era o diretor da prisão de Ardsmuir*, dissera ele, descontraidamente. E menos descontraidamente, em outra ocasião: *Sabe o que os homens fazem na prisão?*

De fato, eu sabia, mas juraria pela vida de Brianna que Jamie não o faria; não fizera, não poderia, sob nenhuma circunstância, quaisquer que fossem. Ao menos, eu teria jurado isso antes desta noite. Fechei os olhos, o peito arfante, e tentei não pensar no que eu vira.

Não consegui, é claro. E, entretanto, quanto mais eu pensava nisso, mais impossível me parecia. As lembranças de Jack Randall podiam ter desbotado com as cicatrizes físicas que ele deixara, mas eu não podia acreditar que jamais pudessem fenecer o suficiente para Jamie tolerar as atenções físicas de outro homem, quanto mais recebê-las com prazer.

Mas se ele conhecia Grey tão intimamente a ponto de tornar plausível o que eu presenciara apenas em nome da amizade, então por que não me contara sobre ele antes? Por que ir ao extremo de ver o sujeito, tão logo soube que Grey estava na Jamaica? Meu estômago contorceu-se outra vez e a sensação de enjoo retornou. Eu precisava muito me sentar.

Enquanto me apoiava contra a parede, tremendo nas sombras, a porta para os alojamentos do governador abriu-se e ele saiu, retornando à sua festa. Seu rosto estava afogueado e seus olhos brilhavam. Eu poderia facilmente, naquele momento, tê-lo assassinado, caso tivesse à mão algo mais letal do que um grampo de cabelos.

A porta abriu-se outra vez alguns minutos mais tarde e Jamie emergiu, a menos de dois metros de onde eu estava. Sua máscara fria e reservada estava de volta ao lugar, mas eu o conhecia suficientemente bem para ver as marcas de uma forte emoção sob

ela. Mas, embora eu pudesse vê-la, não conseguia interpretá-la. Excitação? Apreensão? Uma mistura de medo e alegria? Alguma outra coisa? Eu simplesmente nunca vira aquela expressão em seu rosto antes.

Ele não procurou conversa nem comidas e bebidas. Em vez disso, começou a dar um giro tranquilamente pelo salão, obviamente procurando alguém. Procurando por mim.

Engoli com dificuldade. Não podia confrontá-lo. Não diante de uma multidão. Permaneci onde estava, observando-o, até ele finalmente sair para o terraço. Então deixei meu esconderijo e atravessei o salão o mais rápido que pude, buscando o refúgio da sala de repouso. Ao menos lá eu poderia me sentar por alguns instantes.

Empurrei a porta pesada e entrei, relaxando imediatamente quando os aromas cálidos e reconfortantes do perfume e do talco das mulheres me rodearam. Em seguida, um outro cheiro atingiu-me em cheio. Também era um cheiro familiar — um dos cheiros da minha profissão. Mas que não era de se esperar ali.

A sala de repouso ainda estava silenciosa; o barulho retumbante do salão decaíra repentinamente para um fraco murmúrio, como o ruído de trovões distantes. Entretanto, não era mais um local de refúgio.

Mina Alcott jazia esparramada sobre a chaise de veludo vermelho, a cabeça pendida para trás por cima da borda, as saias desarranjadas ao redor do pescoço. Seus olhos estavam abertos, fixos numa surpresa invertida. O sangue da garganta cortada tornara o veludo negro debaixo dela e pingava numa grande poça sob sua cabeça. Seus cabelos castanho-claros haviam se soltado dos prendedores, as pontas emaranhadas de seus cachos balançando-se na poça.

Fiquei paralisada, paralisada demais sequer para pedir socorro. Então ouvi o som de vozes alegres no corredor do lado de fora e a porta sendo aberta. Houve um momento de silêncio quando as mulheres atrás de mim também viram a cena.

A luz do corredor derramou-se pela porta e pelo assoalho, e no instante que antecedeu o início da gritaria, eu vi as pegadas em direção à janela — as pegadas pequenas e nítidas de um pé com sola de feltro, delineadas em sangue.

QUANDO HÁ GRANDES REVELAÇÕES

**H**aviam levado Jamie a algum lugar. Eu, trêmula e incoerente, fora colocada — com uma certa dose de ironia — no gabinete particular do governador com Marsali, que insistia em tentar lavar meu rosto com uma toalha molhada, apesar de minha resistência.

— Eles não podem achar que papai teve alguma coisa a ver com isso! — disse ela, pela quinta vez.

— Não acham. — Consegui finalmente recuperar autocontrole suficiente para falar com ela. — Mas acham que foi o sr. Willoughby e foi Jamie quem o trouxe aqui.

Ela me olhou fixamente, os olhos arregalados de horror.

— O sr. Willoughby? Mas ele não faria isso!

— Eu também acho que não. — Parecia que eu tinha levado uma surra, todo o meu corpo doía. Estava desmoronada em um pequeno sofá de veludo, girando inutilmente um copo de conhaque entre as mãos, incapaz de bebê-lo.

Não conseguia sequer decidir o que eu deveria sentir, quanto mais elucidar os eventos e emoções conflitantes da noite. Minha mente saltava sem parar entre a terrível cena na sala de repouso e o quadro que eu vira meia hora atrás, naquele mesmo aposento.

Continuei sentada, olhando para a enorme escrivaninha do governador. Ainda podia ver os dois homens, Jamie e lorde John, como se estivessem pintados na parede diante de mim.

— Eu simplesmente não posso acreditar — eu disse, sentindo-me um pouco melhor ao fazer a afirmação em voz alta.

— Nem eu — disse Marsali. Ela andava de um lado para o outro, suas passadas mudando do clique dos saltos altos no parquet para um baque surdo quando passava ao tapete florido. — Não pode ser! Sei que ele é um bárbaro, mas temos convivido com ele! Nós o conhecemos!

Conheceríamos mesmo? Eu conhecia Jamie? Teria jurado que sim e, no entanto... lembrava-me repetidamente do que ele me dissera no bordel, em nossa primeira noite juntos. *Você vai me aceitar e se arriscar com o homem que eu sou agora, em nome do homem que conheceu?* Eu pensara na ocasião — e desde então — que não havia muita diferença entre eles. Mas e se eu estivesse errada?

— Não estou errada! — murmurei, agarrando o copo com força.  
— Não estou! — Se Jamie podia tomar lorde John como amante e esconder isso de mim, ele não era nem de longe o homem que eu pensava que fosse. Tinha que haver outra explicação.

Ele não lhe contou sobre Laoghaire, disse uma vizinha insidiosa dentro da minha cabeça.

— Isso é diferente — retruquei resolutamente.

— O que é diferente? — Marsali olhava para mim, surpresa.

— Não sei, não ligue para mim. — Passei a mão pelo rosto, tentando afastar a confusão e o cansaço. — Estão demorando muito.

O relógio em estojo de noqueira bateu as duas horas da manhã antes de a porta do gabinete se abrir e Fergus entrar, acompanhado por um membro da guarda nacional com um ar soturno.

Fergus parecia exausto; a maior parte do talco desaparecera de seus cabelos, sacudido sobre os ombros de seu casaco azul-marinho como caspa. O que restara dava aos seus cabelos um tom cinza, como se ele tivesse envelhecido vinte anos de um dia para o outro. Não era de surpreender; eu mesma me sentia assim.

— Podemos ir agora, *chérie* — disse ele serenamente para Marsali. Voltou-se para mim. — Quer vir conosco, milady, ou esperar por milorde?

— Vou esperar — eu disse. Eu não pretendia ir dormir enquanto não visse Jamie, por mais que demorasse.

— Mandarei a carruagem voltar para pegá-los, então — disse ele, colocando a mão nas costas de Marsali para conduzi-la para fora.

O homem da guarda disse alguma coisa à meia-voz quando passaram por ele. Eu não consegui entender, mas obviamente Fergus conseguira. Ele empertigou-se, os olhos estreitando-se, e voltou-se para o sujeito. O militar balançou-se sobre os pés, sorrindo malignamente e parecendo estar na expectativa. Ele claramente não desejava nada mais do que uma desculpa para atacar Fergus.

Para sua surpresa, Fergus dirigiu-lhe um sorriso encantador, os dentes brancos e quadrados brilhando.

— Muito obrigado, *mon ami* — disse ele —, por sua assistência nesta difícil situação. — Estendeu-lhe uma das mãos com a luva preta, que o militar aceitou com surpresa.

Em seguida, Fergus deu um puxão no próprio braço para trás. Ouviu-se um ruído de algo rasgando e um som chiado, conforme um pequeno fluxo de farelo atingiu o assoalho de parquet.

— Fique com ela — disse ele ao membro da guarda nacional indulgentemente. — Uma pequena lembrança do meu apreço. — E desapareceram, deixando o sujeito de queixo caído, fitando horrorizado a mão aparentemente decepada dentro da sua.

Passou-se mais uma hora até a porta abrir-se novamente, desta vez para admitir o governador. Ele ainda estava bonito e elegante como uma camélia branca, mas definitivamente começava já a amarelar nas bordas. Coloquei o copo de conhaque intacto sobre a mesa e levantei-me para encará-lo.

— Onde está Jamie?

— Ainda sendo interrogado pelo capitão Jacobs, o comandante da guarda nacional. — Deixou-se afundar em sua cadeira, parecendo confuso. — Eu não tinha noção de que ele falasse francês tão bem.

— Acho que você não o conhece tão bem assim — eu disse, tentando deliberadamente atormentá-lo. O que eu queria muito saber era até que ponto ele de fato conhecia Jamie. Mas ele não mordeu a isca; apenas retirou a peruca formal e deixou-a de lado, passando a mão pelos cabelos louros suados com alívio.

— Acha que ele vai conseguir manter o disfarce? — perguntou ele, franzindo a testa, e eu percebi que ele estava tão transtornado com os pensamentos do assassinato e de Jamie que prestava pouca, ou nenhuma, atenção a mim.

— Sim — eu disse secamente. — Onde o estão mantendo? — Levantei-me, dirigindo-me à porta.

— No salão de visitas — disse ele. — Mas não acho que deveria...

Sem parar para ouvir, abri a porta de par em par e enfiei a cabeça no corredor, depois apressadamente recuei e bati a porta.

Descendo o corredor, vinha o almirante que eu conhecera na fila de recepção, o rosto com um ar grave apropriado à ocasião. Com almirantes eu podia lidar. Entretanto, ele vinha acompanhado de um grupo de jovens oficiais e entre o séquito eu havia avistado um rosto conhecido, embora ele agora estivesse usando o uniforme de primeiro-tenente, em vez de um casaco de capitão excessivamente grande.

Estava barbeado e com ar descansado, mas seu rosto estava inchado e com manchas roxas; alguém lhe dera uma surra no passado não muito distante. Apesar das diferenças em sua aparência, não tive a menor dificuldade em reconhecer Thomas Leonard. Eu tinha a distinta sensação de que ele também não teria nenhuma dificuldade em me reconhecer, apesar de toda a seda violeta.

Olhei freneticamente pelo gabinete, em busca de um lugar onde eu pudesse me esconder, mas fora me agachar debaixo da escrivaninha, não havia nada. O governador me observava, as sobrancelhas louras erguidas em assombro.

— O que... — começou ele, mas eu me virei para ele, um dedo sobre os lábios.

— Não me delate, se dá valor à vida de Jamie! — sussurrei melodramaticamente e, assim dizendo, atirei-me sobre o sofá de veludo, agarrei a toalha úmida e coloquei-a sobre o rosto e, com um esforço sobre-humano, forcei todos os meus membros a ficarem



lânguidos.

Ouvi a porta se abrir e a voz elevada, descontente, do almirante.

— Lorde John — começou ele e, então, evidentemente percebeu minha figura deitada de costas, porque parou e retomou o discurso numa voz ligeiramente mais baixa. — Oh! Vejo que está ocupado!

— Não, não exatamente ocupado, almirante, não. — Grey tinha reflexos rápidos, isso eu diria em seu favor; sua voz soou perfeitamente controlada, como se ele estivesse acostumado a ser encontrado na custódia de mulheres inconscientes. — Esta senhora não suportou o choque de descobrir o corpo.

— Oh! — exclamou o almirante outra vez, desta vez destilando compaixão. — Compreendo. Um terrível choque para uma senhora, sem dúvida. — Hesitou; depois, abaixando a voz para uma espécie de sussurro rouco, disse:

— Acha que ela está dormindo?

— Acredito que sim — assegurou-lhe o governador. — Ela tomou conhaque suficiente para derrubar um cavalo.

Meus dedos sacudiram-se num espasmo, mas consegui me manter imóvel.

— Ah, claro. A melhor coisa para um choque, conhaque. — O almirante continuou sussurrando, soando como uma dobradiça enferrujada. — Vim lhe dizer que mandei buscar mais tropas em Antígua, totalmente à sua disposição; guardas, para dar busca na cidade, se a milícia não encontrar o sujeito primeiro — acrescentou ele.

— Espero que não consigam — disse uma voz malignamente determinada entre os oficiais. — Gostaria de encontrar eu mesmo o patife amarelo. Não iria sobrar muita coisa dele para enforcar, acredite-me!

Um profundo murmúrio de aprovação diante de tal sentimento percorreu os homens, severamente silenciado pelo almirante.

— Seus sentimentos depõem a seu favor, cavalheiros — disse ele —, mas a lei será observada em todos os seus aspectos. Deixarão isso muito claro a todas as tropas sob seu comando;

quando o canalha for capturado, deverá ser trazido ao governador e a justiça será adequadamente executada, asseguro-lhes. — Não gostei da maneira como ele enfatizou a palavra “executada”, mas recebeu um coro rancoroso de concordância de seus oficiais.

O almirante, tendo dado esta ordem em sua voz habitual, voltou a falar num sussurro para se despedir.

— Vou pernoitar na cidade, no hotel MacAdams — grasnou ele. — Não hesite em mandar me chamar para qualquer assistência que precisar, Excelência.

Ouviu-se um murmúrio e um arrastar geral de pés quando os oficiais da marinha se despediram, observando a descrição em nome do meu sono. Depois veio o som de um único par de passadas e, em seguida, o estalido e um sopro repentino de ar de alguém se deixando cair pesadamente numa cadeira. Houve silêncio por um instante.

Então, lorde John disse:

— Pode se levantar agora, se quiser. Suponho que não esteja realmente prostrada com o choque — acrescentou ele ironicamente. — De certo modo, suspeito que um simples assassinato não seria suficiente para perturbar uma mulher que pôde lidar sozinha com uma epidemia de febre tifoide.

Retirei a toalha do rosto e joguei as pernas para fora do sofá, sentando-me para olhá-lo de frente. Ele estava apoiado na escrivaninha, o queixo entre as mãos, fitando-me.

— Há choques — eu disse com precisão, alisando meus cachos úmidos e olhando-o significativamente — e choques. Se entende o que quero dizer.

Ele pareceu surpreso; então um lampejo de compreensão atravessou sua expressão. Enfiou a mão na gaveta de sua escrivaninha e retirou meu leque, seda branca bordada com violetas.

— Isto é seu, não é? Encontrei-o no corredor. — Sua boca contorceu-se sarcasticamente enquanto olhava para mim. — Entendo. Suponho, então, que deva ter alguma noção de como seu

aparecimento no começo da noite afetou a mim.

— Duvido muito — eu disse. Meus dedos ainda estavam enregelados e sentia-me como se tivesse entalada por um objeto grande e frio que pressionava meu peito desconfortavelmente. Respirei fundo, tentando forçar o objeto a descer, em vão. — Não sabia que Jamie era casado?

Ele piscou, mas não a tempo de me impedir de ver uma pequena careta de dor, como se alguém repentinamente tivesse lhe dado um tapa no rosto.

— Eu sabia que ele fora casado — corrigiu ele. Deixou as mãos caírem, remexendo aleatoriamente nos pequenos objetos que atulhavam a escrivaninha. — Ele me disse, ou ao menos me deu a entender, que você havia morrido.

Grey pegou um pequeno peso de papel de prata e começou a revirá-lo incansavelmente nas mãos, os olhos fixos na superfície brilhante. Uma grande safira estava engastada no peso de papel, cintilando em azul à luz das velas.

— Ele nunca me mencionou? — perguntou ele brandamente. Eu não tinha certeza se o tom subjacente em sua voz era de dor ou de raiva. A despeito de mim mesma, senti uma certa compaixão por ele.

— Sim, mencionou — eu disse. — Disse que você era seu amigo. — Ele ergueu os olhos, o rosto elegantemente delineado iluminando-se um pouco.

— Disse?

— Tem que compreender — eu disse. — Ele... eu... nós fomos separados pela guerra, pela Revolução de 45. Cada um achou que o outro havia morrido. Eu só o reencontrei, meu Deus, foi apenas há quatro meses? — Sentia-me chocada, e não apenas pelos acontecimentos da noite. Parecia que eu vivera várias vidas desde o dia em que abri a porta da loja em Edimburgo, deparando-me com A. Malcolm inclinado sobre sua prensa.

As rugas de tensão no rosto de Grey amenizaram-se um pouco.

— Entendo — disse ele devagar. — Então, você não o via

desde... meu Deus, são vinte anos! — Fitou-me, estupefato. — E quatro meses? Por que... como... — Ele sacudiu a cabeça, afastando as perguntas. — Bem, isso não importa agora. Mas ele não lhe contou... sobre Willie?

Fitei-o sem compreender.

— Quem é Willie?

Em vez de explicar, inclinou-se e abriu a gaveta de sua escrivaninha. Retirou um pequeno objeto e colocou-o sobre a mesa, fazendo sinal para que eu me aproximasse.

Era um retrato, uma miniatura oval, numa moldura esculpida de alguma bela madeira escura. Olhei para o rosto e sentei-me bruscamente, meus joelhos dissolvendo-se. Eu tinha apenas uma turva noção do rosto de Grey, flutuando acima da escrivaninha como uma nuvem no horizonte, quando peguei a miniatura para vê-la mais de perto.

Ele podia ser irmão de Bree, foi meu primeiro pensamento. O segundo, vindo com a força de um soco no plexo solar, foi: Santo Deus, ele é irmão de Bree!

Não podia haver muita dúvida a respeito. O garoto no retrato devia ter nove ou dez anos, com uma ternura infantil ainda presente em seu rosto. Seus cabelos eram macios e castanhos, não ruivos. Mas os olhos puxados e azuis olhavam audaciosamente por cima de um nariz reto e um pouco longo demais, e as maçãs do rosto altas como as de um viking pressionavam-se contra a pele lisa. A inclinação da cabeça tinha o mesmo jeito confiante do homem que lhe dera aquele rosto.

Minhas mãos tremiam tão violentamente que eu quase deixei o retrato cair. Coloquei-o de volta sobre a escrivaninha, mas mantive a mão sobre ele, como se pudesse dar um salto e me morder. Grey observava-me, não sem compaixão.

— Você não sabia? — perguntou ele.

— Quem? — Minha voz estava rouca do choque e tive que parar e limpar a garganta. — Quem é a mãe?

Grey hesitou, examinando-me atentamente, e depois deu de

ombros.

— Era. Ela morreu.

— Quem era ela? — As ondas do choque ainda se espalhavam de um epicentro em meu estômago, fazendo o topo da minha cabeça latejar e os dedos dos meus pés ficarem dormentes, mas ao menos minhas cordas vocais estavam voltando ao meu controle. Eu podia ouvir Jenny dizendo: Ele não é o tipo de homem que deveria dormir sozinho, não é? Evidentemente, não era.

— Seu nome era Geneva Dunsany — disse Grey. — Irmã de minha mulher.

Minha mente girava, num esforço para dar sentido a tudo aquilo, e imagino que eu não tenha demonstrado nenhum tato.

— Sua mulher? — exclamei, arregalando os olhos para ele. Ele ruborizou-se intensamente e desviou o olhar. Se eu tivesse alguma dúvida sobre a natureza do olhar que eu o vira dirigir a Jamie, agora não tinha mais. — Acho bom você me explicar exatamente o que você tem a ver com Jamie e essa Geneva e este garoto — eu disse, pegando o retrato outra vez.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, frio e reservado; ele também sofrera um choque, mas o impacto já estava se dissipando.

— Não creio que eu tenha nenhuma obrigação em particular de o fazer — disse ele.

Tive que conter a ânsia de arranhar seu rosto com as minhas unhas, mas o impulso deve ter ficado claro no meu semblante, porque ele empurrou a cadeira para trás e apoiou os pés com firmeza no chão, pronto para se mover rapidamente. Olhou-me com cautela por cima da madeira escura da escrivaninha.

Respirei fundo várias vezes, relaxei os punhos cerrados e falei da maneira mais calma que consegui.

— Certo. Não tem. Mas eu gostaria muito se o fizesse. E por que me mostrou o retrato se não queria que eu soubesse? — acrescentei. — Já que sei disso, certamente descobrirei o resto com Jamie. Portanto, é melhor você me contar seu lado da história agora. — Olhei para a janela; a fatia de céu que aparecia entre as

persianas parcialmente abertas ainda era um veludo negro, sem nenhum sinal do alvorecer. — Há tempo suficiente.

Ele respirou profundamente e recolocou o peso de papel sobre a mesa.

— Suponho que sim. — Indicou a garrafa de bebida com um sinal da cabeça. — Aceita um pouco de conhaque?

— Aceito — respondi prontamente —, e sugiro que você também tome um pouco. Acho que precisa tanto quanto eu.

Um ligeiro sorriso surgiu por um breve instante no canto de sua boca.

— Essa é uma opinião médica, sra. Malcolm? — perguntou ele secamente.

— Sem dúvida — eu disse.

Com essa pequena trégua, ele recostou-se na cadeira, girando seu copo de conhaque devagar entre as mãos.

— Você disse que Jamie me mencionou a você — disse ele. Devo ter me encolhido ligeiramente quando ele usou o nome de Jamie, porque ele franziu a testa para mim. — Prefere que eu me refira a ele pelo sobrenome? — disse ele friamente. — Eu nem saberia ao certo qual usar, nas atuais circunstâncias.

— Não. — Abanei a mão descartando a questão e tomei um gole do conhaque. — Sim, ele o mencionou. Disse que você foi o diretor da prisão de Ardsmuir e que era um amigo, e que ele podia confiar em você — acrescentei com certa relutância. Provavelmente, Jamie achava que podia confiar em lorde John Grey, mas eu não era tão otimista.

O sorriso desta vez prolongou-se um pouco mais.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Grey brandamente. Abaixou os olhos para o líquido âmbar em seu copo, girando-o delicadamente para que liberasse seu inebriante buquê. Tomou um gole, depois colocou o copo sobre a mesa com um gesto decisivo. — Eu o encontrei na prisão de Ardsmuir, como ele disse — começou ele. — E quando a prisão foi desativada e os outros prisioneiros vendidos para trabalhos forçados na América, arranjei

para que Jamie fosse, em vez disso, colocado em liberdade condicional em um lugar na Inglaterra chamado Helwater, de propriedade de amigos da minha família. — Olhou para mim, hesitante, depois acrescentou simplesmente: — Eu não podia suportar a ideia de não vê-lo nunca mais.

Em poucas palavras, colocou-me a par dos fatos da morte de Geneva e do nascimento de Willie.

— Ele estava apaixonado por ela? — perguntei. O conhaque estava fazendo seu efeito em aquecer meus pés e minhas mãos, mas nada fez para remover o objeto grande e frio em meu estômago.

— Ele nunca me contou nada a respeito de Geneva — disse Grey. Tomou o resto de sua bebida, tossiu e estendeu a mão para a garrafa para servir nova dose. Somente quando terminou essa operação é que olhou novamente para mim e acrescentou: — Mas duvido, pelo que conheci dela. — Sua boca torceu-se ironicamente. — Ele nunca me falou de Willie tampouco, mas houve boatos sobre Geneva e o velho lorde Ellesmere e, quando o garoto tinha quatro ou cinco anos, a semelhança deixava bem claro quem era seu pai, para quem quisesse ver. — Tomou mais um grande gole de conhaque. — Acho que minha sogra sabe, mas obviamente ela jamais deixaria transparecer.

— Não?

Fitou-me por cima da borda de seu copo.

— Não, você deixaria? Se a escolha fosse entre seu único neto ser o nono conde de Ellesmere e herdeiro de uma das propriedades mais ricas da Inglaterra ou o bastardo sem um tostão de um criminoso escocês?

— Compreendo. — Tomei mais um pouco do meu próprio conhaque, tentando imaginar Jamie com uma jovem inglesa chamada Geneva, e conseguindo perfeitamente bem.

— Sem dúvida — disse Grey secamente —, Jamie também viu isso. E muito sabiamente arranhou para deixar Helwater antes que se tornasse evidente para todos.

— E é aí que você entra novamente na história, não é? — perguntei. Ele balançou a cabeça, os olhos fechados. A residência do governador estava silenciosa, embora houvesse um burburinho distante que não me deixava esquecer de que ainda havia pessoas pela casa.

— Isso mesmo — disse ele. — Jamie me deu o menino.

*O estábulo em Ellesmere era bem construído; aconchegante no inverno, era um refúgio fresco no verão. O enorme garanhão baio sacudiu as orelhas preguiçosamente diante de uma mosca que passava, mas permaneceu impassivelmente satisfeito, desfrutando as atenções do cavaleiro.*

*— Isobel está muito insatisfeita com você — disse Grey.*

*— Está? — A voz de Jamie era indiferente. Não havia mais necessidade de se preocupar em não desagradar nenhum dos Dunsany.*

*— Ela disse que você contou a Willie que iria embora, o que o deixou terrivelmente perturbado. Ele passou o dia todo chorando, desolado.*

*O rosto de Jamie mal estava visível, mas Grey percebeu o ligeiro endurecimento no lado de sua garganta. Ele deu um passo para trás, apoiando-se contra a parede do estábulo, enquanto observava a rascadeira descer em movimentos regulares, fortes, que deixavam trilhas escuras no pelo brilhante.*

*— Certamente teria sido mais fácil não dizer nada para o menino, não? — disse Grey serenamente.*

*— Suponho que sim... para lady Isobel. — Fraser virou-se para guardar a rascadeira e deu um tapa no traseiro do cavalo, dispensando-o. Grey achou que havia um ar de irrevocabilidade no gesto; amanhã Jamie teria partido. Sentiu um nó na própria garganta, mas engoliu-o.*



*Levantou-se e seguiu Fraser em direção à porta do boxe.*

*— Jamie... — disse ele, colocando a mão no ombro de Fraser. O escocês girou nos calcanhares, as feições rapidamente se reajustando, mas não rápido o suficiente para esconder o sofrimento em seus olhos. Ficou parado, imóvel, fitando o inglês. — Você está certo em ir embora — disse Grey. Uma expressão de alarme atravessou os olhos de Fraser, logo suplantada pela cautela.*

*— Estou? — disse ele.*

*— Qualquer um com metade da visão poderia ver — disse Grey ironicamente. — Se alguém realmente olhasse para um cavaleiro, já teria notado há muito tempo. — Olhou para trás, para o garanhão baio, e ergueu uma das sobrancelhas. — Alguns procriadores marcam seus descendentes. Tenho a distinta impressão de que qualquer filho seu seria inconfundível.*

*Jamie não disse nada, mas Grey achou que ele ficara um pouco mais pálido do que de costume.*

*— Certamente você pode ver. Bem, não, talvez não — corrigiu-se. — Acho que você não tem um espelho, tem?*

*Jamie sacudiu a cabeça mecanicamente.*

*— Não — disse ele distraído. — Faço a barba no reflexo do coche. — Inspirou profundamente e soltou o ar bem devagar. — Sim, bem — disse ele. Olhou para a casa, onde as portas abriam-se para um gramado. Willie estava acostumado a brincar lá após o almoço nos dias de bom tempo.*

*Fraser virou-se para ele com súbita decisão.*

*— Pode dar uma caminhada comigo? — disse ele.*

*Sem esperar por uma resposta, saiu do estábulo, descendo o caminho que levava do cercado para o pasto inferior. Somente depois de uns quatrocentos metros ele parou, em uma clareira ensolarada, junto a um bosque de*

*salgueiros, perto da beira do lago.*

*Grey viu-se meio ofegante por causa do passo acelerado — muita vida sedentária em Londres, zombou de si mesmo. Fraser, é claro, não estava sequer suando, apesar do dia quente.*

*Sem preâmbulos, virando-se para encarar Grey, ele disse:*

*— Quero lhe pedir um favor. — Os olhos azuis puxados eram diretos como o próprio Fraser.*

*— Se acha que eu contaria a alguém... — começou Grey, depois sacudiu a cabeça. — Certamente você não acha que eu pudesse fazer tal coisa. Afinal, eu sei disso, ou ao menos suspeitava, há bastante tempo.*

*— Não. — Um breve sorriso ergueu a boca de Jamie. — Não, não achei que pudesse fazer isso. Mas queria lhe pedir...*

*— Sim — disse Grey prontamente. O canto da boca de Jamie torceu-se.*

*— Não quer saber o que é primeiro?*

*— Imagino que eu saiba; quer que eu fique de olho em Willie; talvez lhe mandar notícias dele.*

*Jamie balançou a cabeça.*

*— Sim, isso mesmo. — Olhou para o topo da encosta, onde a casa situava-se, parcialmente escondida em seu ninho de bordos flamejantes. — Talvez seja um fardo lhe pedir que venha lá de Londres para vê-lo de vez em quando.*

*— Absolutamente — interrompeu Grey. — Eu vim esta tarde para lhe dar minhas próprias notícias; eu vou me casar.*

*— Casar? — O choque no rosto de Jamie era evidente. — Com uma mulher?*

*— Acho que não há muitas alternativas — retrucou Grey sarcasticamente. — Mas, sim, já que perguntou,*

*com uma mulher. Com lady Isobel.*

*— Santo Deus, homem! Não pode fazer isso!*

*— Posso, sim — assegurou-lhe Grey. Fez uma expressão de desgosto. — Fiz um teste da minha capacidade em Londres; pode ficar certo que eu serei um marido adequado para ela. Não se precisa necessariamente ter prazer no ato para desempenhá-lo... ou será que não sabe disso?*

*O canto do olho de Jamie fez um pequeno movimento reflexo; não exatamente uma contração, mas suficiente para Grey notar. Jamie abriu a boca, depois a fechou outra vez e sacudiu a cabeça, obviamente pensando melhor no que estivera prestes a dizer.*

*— Dunsany está ficando velho demais para administrar a propriedade — ressaltou Grey. — Gordon está morto e Isobel e sua mãe não conseguem administrar o lugar sozinhas. Nossas famílias se conhecem há décadas. É um casamento perfeitamente adequado.*

*— É mesmo? — O ceticismo sarcástico na voz de Jamie era evidente. Grey virou-se para ele, a pele clara ruborizando-se ao responder incisivamente.*

*— É, sim. Há mais num casamento do que amor carnal. Muito mais.*

*Fraser deu-lhe as costas abruptamente. Caminhou com passos largos e pesados até a beira do lago e parou, as botas afundadas na lama coberta de vegetação pantanosa, fitando as ondulações da água por algum tempo. Grey esperou pacientemente, aproveitando o tempo para soltar a fita que prendia seus cabelos e arrumar a espessa cabeleira loura.*

*Finalmente, Fraser voltou, caminhando devagar, a cabeça baixa como se ainda estivesse pensando. Cara a cara com Grey, ele ergueu os olhos outra vez.*

— Você tem razão — disse ele serenamente. — Não tenho nenhum direito de pensar mal de você, se não pretende nenhuma desonra à moça.

— Certamente não — disse Grey. — Além do mais — acrescentou mais animado —, significa que estarei aqui permanentemente, cuidando de Willie.

— Pretende renunciar ao seu cargo, então? — Uma sobancelha cor de cobre ergueu-se de repente.

— Sim — disse Grey. Sorriu, um pouco melancolicamente. — Será um alívio, de certa forma. Não fui talhado para a vida militar, eu acho.

Fraser parecia estar pensando.

— Eu ficaria... muito agradecido, então, se você ficasse como padrasto do... do meu filho. — Ele provavelmente jamais pronunciara aquela palavra em voz alta antes e o som pareceu chocá-lo. — Eu... ficaria muito agradecido. — A voz de Jamie soou como se seu colarinho estivesse apertado demais, embora na verdade a gola de sua camisa estivesse aberta. Grey olhou-o com curiosidade e viu que aos poucos seu semblante estava se tornando dolorosamente vermelho. — Em troca... Se você quiser... Quero dizer, eu estaria disposto a... isso é...

Grey reprimiu uma súbita vontade de rir. Colocou a mão de leve no braço do enorme escocês e viu Jamie reter-se para não se retrair ao contato.

— Meu caro Jamie — disse ele, dividido entre o riso e a exasperação. — Você está mesmo me oferecendo seu corpo em pagamento pela minha promessa de cuidar de Willie?

O rosto de Fraser ficou roxo até a raiz dos cabelos.

— Sim, estou — respondeu ele, os lábios cerrados. — Você quer ou não?

Diante disso, Grey realmente não conseguiu conter o riso, em longos e ofegantes espasmos, finalmente tendo

*que se sentar na grama da margem a fim de se recobrar.*

*— Ah, meu Deus — disse ele finalmente, limpando os olhos. — Não pensei que fosse viver para ouvir uma proposta como essa!*

*Fraser permaneceu acima dele, olhando para baixo, a luz da manhã recortando sua silhueta, incendiando seus cabelos em chamas contra o pálido azul-celeste. Grey achou que podia ver uma ligeira torção da boca larga no rosto escurecido — humor, mesclado a um profundo alívio.*

*— Então, você não me quer?*

*Grey levantou-se, batendo a poeira do traseiro de suas calças.*

*— Eu provavelmente vou querê-lo até o dia da minha morte — disse ele pragmaticamente. — Porém, por mais tentado que eu esteja... — Sacudiu a cabeça, limpando a grama molhada das mãos. — Você acha mesmo que eu iria exigir, ou aceitar, qualquer pagamento por tal serviço? — perguntou. — Realmente, eu devia me sentir profundamente insultado por essa oferta, se não soubesse a profundidade dos sentimentos que a motivaram.*

*— Sim, bem — murmurou Jamie. — Não quis insultá-lo.*

*Neste ponto, Grey não sabia se ria ou chorava. Em vez disso, estendeu a mão e delicadamente tocou o rosto de Jamie, agora de volta ao seu bronze pálido normal. Mais serenamente, disse:*

*— Além do mais, você não pode me dar o que não tem.*

*Grey sentiu, mais do que viu, o leve relaxamento de tensão no corpo alto à sua frente.*

*— Você terá minha amizade — disse Jamie brandamente —, se isso tiver algum valor para você.*

— Na verdade, um grande valor. — Os dois homens permaneceram em silêncio por um instante, depois Grey suspirou e virou-se para olhar para o sol. — Está ficando tarde. Imagino que tenha muitas coisas para fazer hoje, não é?

Jamie limpou a garganta.

— Sim, tenho. Acho melhor começar a me arrumar.

— Sim, acho que sim.

Grey puxou para baixo as pontas de seu colete, pronto para ir embora. Mas Jamie demorava-se, sem jeito, e em seguida, como se tomasse uma decisão repentina, deu um passo à frente e, inclinando-se, segurou o rosto de Grey entre as mãos.

Grey sentiu as mãos grandes, quentes, na pele de seu rosto, leves e fortes como o roçar da pena de uma águia. Em seguida, a boca larga e macia de Jamie Fraser tocou a sua. Houve uma impressão fugaz de ternura e força contidas, o leve gosto de cerveja e pão saído do forno. Depois, desapareceu, e John Grey ficou parado, piscando, sob a luz brilhante do sol.

— Oh — exclamou ele.

Jamie dirigiu-lhe um sorriso tímido, enviesado.

— Sim, bem — disse ele. — Suponho que eu não esteja corrompido. — Virou-se então e desapareceu no bosque de salgueiros, deixando lorde John Grey sozinho junto ao lago.

O governador ficou em silêncio por um instante. Depois, ergueu os olhos com um sorriso melancólico.

— Essa foi a primeira vez que ele me tocou por vontade própria — disse ele serenamente. — E a última... até esta noite, quando eu lhe dei a outra cópia desta miniatura.

Permaneci sentada inteiramente imóvel, o copo de conhaque esquecido nas mãos. Eu não sabia ao certo o que sentia; choque,

fúria, horror, ciúme e pena, tudo me inundava em ondas sucessivas, misturando-se em marés de emoções confusas.

Uma mulher fora violentamente assassinada ali perto, nas últimas horas. E, no entanto, a cena na sala de repouso parecia irreal em comparação a esta miniatura; um retrato pequeno e sem importância, pintado em tons de vermelho. Naquele momento, nem lorde John nem eu estávamos preocupados com crime ou justiça — ou com qualquer outro drama além daquele que nos envolvia.

O governador examinava meu rosto, com considerável concentração.

— Acho que eu deveria tê-la reconhecido no navio — disse ele.  
— Mas obviamente, na época, eu a imaginava morta há muito tempo.

— Bem, estava escuro — eu disse, tolamente. Passei a mão pelos meus cachos, sentindo-me tonta de conhaque e sono. Então percebi o que ele dissera. — Reconhecer-me? Mas você nunca me conheceu!

Ele hesitou, depois balançou a cabeça.

— Lembra-se de um bosque escuro, perto de Carryarrick nas Terras Altas escocesas, há vinte anos? E um garoto com o braço quebrado? Você o entalou para mim. — Ergueu um dos braços em demonstração.

— Jesus H. Roosevelt Cristo! — Tomei um gole tão grande do conhaque que engasguei e tossi. Pestanejei sucessivamente para ele, os olhos lacrimejando. Sabendo agora quem ele era, pude discernir os ossos bem delineados, delicados, e ver os contornos mais esbeltos e arredondados do rapaz que ele fora.

— Os seus foram os primeiros seios de uma mulher que eu vi — disse ele ironicamente. — Foi um grande choque.

— Do qual você parece ter se recuperado — eu disse, com certa frieza. — Ao menos, parece ter perdoado Jamie por quebrar seu braço e ameaçar matá-lo.

Ele enrubesceu ligeiramente, em seguida pousou seu copo sobre a escrivaninha.

— Eu... bem... sim — respondeu ele abruptamente.

Permanecemos ali sentados por bastante tempo, nenhum de nós sabia o que dizer. Ele respirou ruidosamente uma ou duas vezes, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas depois desistiu. Finalmente, ele fechou os olhos como se encomendasse a alma a Deus, abriu-os e olhou para mim.

— Você sabe... — começou ele, e parou. Abaixou os olhos para as mãos entrelaçadas com força, sem olhar para mim. Uma pedra azul cintilou em um nó de seus dedos, luminosa como uma lágrima. — Você sabe — disse outra vez, à meia-voz, dirigindo-se a suas mãos — o que é amar alguém e nunca, nunca!, ser capaz de lhe dar paz, alegria ou felicidade?

Ergueu os olhos então, repletos de dor.

— Saber que não pode lhe dar felicidade, não por culpa dele ou sua, mas somente porque você não nasceu a pessoa certa para ele?

Permaneci em silêncio, vendo não seu belo rosto, mas o de outra pessoa; morena, não loura. Não sentindo o ar quente de uma noite tropical, mas o toque gelado de um inverno de Boston. Vendo a pulsação da luz como sangue de um coração, esparramando-se pela neve fria dos lençóis do hospital.

*... somente porque você não nasceu a pessoa certa para ele.*

— Eu sei — murmurei, as mãos entrelaçadas no colo. Eu dissera a Frank: deixe-me. Mas ele não pôde, assim como eu não pude amá-lo adequadamente, tendo encontrado meu par em outro lugar.

Ah, Frank, disse, silenciosamente. Perdoe-me.

— Imagino que eu esteja lhe perguntando se acredita em destino — continuou lorde John. O fantasma de um sorriso atravessou seu rosto. — Você, mais do que ninguém, parece a mais capacitada a dizer.

— Você imaginaria que sim, não é? — eu disse desoladamente. — Mas eu não sei, não mais do que você.

Ele sacudiu a cabeça, depois estendeu a mão e pegou a miniatura.



— Tenho tido mais sorte do que a maioria, eu acho — disse ele serenamente. — Havia uma única coisa que ele poderia tirar de mim. — Sua expressão abrandou-se quando ele abaixou os olhos e fitou o rosto do menino na palma de sua mão. — E ele me deu algo muito precioso em troca.

Sem pensar, minha mão espalmou-se pela minha barriga. Jamie me dera esta mesma dádiva preciosa — e ao mesmo enorme custo para si mesmo.

O som de passos desceu o corredor, abafado pelo carpete. Ouviu-se uma forte batida na porta e um membro da milícia enfiou a cabeça no gabinete.

— A madame já se recuperou? — perguntou ele. — O capitão Jacobs terminou seu interrogatório e a carruagem de monsieur Alexandre já retornou.

Levantei-me apressadamente.

— Sim, estou bem. — Virei-me para o governador, sem saber o que lhe dizer. — Eu... agradeço-lhe...

Ele fez uma mesura formal, dando a volta à mesa para me acompanhar até a porta.

— Lamento muito que tenha sido submetida a uma experiência tão chocante, madame — disse ele, sem nenhum vestígio de emoção além do pesar diplomático na voz. Ele retomara sua atitude oficial, acetinada e polida como seu assoalho de parquet.

Segui o militar, mas voltei-me impulsivamente ao chegar à porta.

— Quando nos encontramos, naquela noite a bordo do *Porpoise*... Fico contente que não soubesse quem eu era. Eu... gostei de você. Na ocasião.

Ele continuou parado, educado, distante. Então, a máscara se desfez.

— Eu também gostei de você — disse ele à meia-voz. — Na ocasião.

Eu sentia como se estivesse viajando ao lado de um estranho. A noite começava a se acinzentar, aproximando-se da aurora, e

mesmo na penumbra da carruagem, eu podia ver Jamie sentado diante de mim, o rosto abatido de cansaço. Ele tirara a ridícula peruca assim que nos afastamos da sede do governo, descartando a fachada de francês refinado e deixando que o descabelado escocês se revelasse. Seus cabelos soltos caíam em ondas sobre os ombros, escuros na obscuridade que antecede o amanhecer e que priva tudo de sua cor original.

— Acha que foi ele? — perguntei finalmente, apenas para dizer alguma coisa.

Seus olhos estavam fechados. Com a minha pergunta, ele os abriu e deu ligeiramente de ombros.

— Não sei — disse ele. Parecia exausto. — Eu me fiz a mesma pergunta mil vezes esta noite... e também a fizeram a mim mais vezes ainda. Esfregou os nós dos dedos com força na testa. — Não posso imaginar um homem que eu conheço fazer tal coisa. E, entretanto... bem, você sabe que ele é capaz de qualquer coisa quando bebe. E ele já matou antes, bêbado. Lembra-se do agente alfandegário no bordel? — Balancei a cabeça e ele inclinou-se para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, afundando a cabeça entre as mãos. — Mas isso é diferente — disse ele. — Não posso imaginar... mas talvez seja verdade. Você ouviu o que ele disse sobre as mulheres no navio. E se a sra. Alcott tiver brincado com ele...

— Ela o fez — eu disse. — Eu vi.

Ele balançou a cabeça sem erguer o olhar.

— Assim como várias outras pessoas. Mas se ela o levou a pensar que pretendia mais do que realmente fez e depois o descartou, talvez rindo dele... e ele parecendo um pequinês bêbado e facas à mão por todas as paredes do lugar... — Suspirou e sentou-se direito. — Só Deus sabe — disse ele desoladamente. — Eu não sei. — Passou a mão pelos cabelos, alisando-os para trás. — Há mais uma coisa. Eu tive que dizer a eles que mal conhecia Willoughby. Disse que nós o conhecemos no pacote procedente da Martinica e achamos que seria gentil apresentá-lo às pessoas, mas

que eu não sabia de onde ele vinha nem o tipo de pessoa que realmente era.

— Eles acreditaram?

Lançou-me um olhar irônico.

— Até agora. Mas o pacote chega novamente dentro de seis dias. Então, eles vão interrogar o capitão e descobrir que ele jamais viu nenhum monsieur Etienne Alexandre e sua mulher, muito menos um pequeno demônio amarelo.

— A situação pode ficar embaraçosa — observei, pensando em Fergus e no soldado da milícia. — Já somos um pouco impopulares por causa do sr. Willoughby.

— Nada em comparação com o que seremos, se seis dias se passarem e não o tiverem encontrado — garantiu ele. — Seis dias é provavelmente o tempo que vai levar para os mexericos se espalharem da Casa da Montanha Azul até Kingston sobre os hóspedes dos MacIver, pois você sabe que todos os empregados lá sabem quem nós somos.

— Merda!

Ele sorriu brevemente diante da minha imprecação.

— Você sabe usar as palavras, Sassenach. Sim, bem, tudo que isso significa é que temos que encontrar Ian em seis dias. Devo ir à Mansão da Rosa imediatamente, mas acho que preciso de um pequeno descanso antes de partir. — Ele bocejou por trás da mão e sacudiu a cabeça, piscando.

Não falamos mais até chegarmos à Casa da Montanha Azul e andar na ponta dos pés pela residência adormecida até nossos aposentos.

Troquei de roupa no quarto de vestir, deixando os pesados espartilhos caírem no chão com alívio, e retirando os prendedores dos cabelos para que caíssem livremente. Usando apenas uma camisola de seda, entrei no quarto e encontrei Jamie junto à porta que se abria para a varanda, de camisa, fitando a lagoa.

Virou-se quando me ouviu e fez sinal para que eu me aproximasse, colocando um dedo sobre os lábios.

— Venha ver — sussurrou ele.

Havia um pequeno rebanho de peixes-boi na lagoa, grandes corpos cinza deslizando sob as águas escuras e cristalinas, erguendo-se, brilhantes, como rochas molhadas e lisas. Pássaros começavam a chamar nas árvores próximas à casa; além disso, o único som era a frequente baforada da respiração dos peixes-boi quando se erguiam em busca de ar e, de vez em quando, um som sinistro, como um lamento distante, oco, quando chamavam uns aos outros.

Ficamos observando os animais em silêncio, lado a lado. A lagoa começou a se tornar verde quando os primeiros raios de sol tocaram sua superfície. Naquele estado de extrema fadiga onde cada sentido é anormalmente intensificado, eu tinha consciência da presença de Jamie como se o estivesse tocando.

As revelações de John Grey haviam me aliviado da maior parte das minhas dúvidas e temores — e, no entanto, restava o fato de que Jamie não me contara sobre seu filho. Obviamente, ele tinha razões — e boas — para sua discrição, mas ele não achou que podia confiar em mim para guardar seu segredo? Ocorreu-me repentinamente que talvez ele tivesse silenciado por causa da mãe do menino. Talvez a tivesse amado, apesar das impressões de Grey.

Ela estava morta, fazia diferença se ele a tivesse amado? A resposta é que fazia, sim. Eu acreditei que Jamie estava morto por vinte anos e isso não fizera absolutamente nenhuma diferença no que eu sentia por ele. E se ele tivesse amado essa jovem inglesa desse mesmo modo? Engoli um pequeno bolo em minha garganta, tentando encontrar coragem para perguntar-lhe.

Seu rosto estava absorto em pensamentos, a testa levemente franzida, apesar da beleza do raiar do dia na lagoa.

— Em que está pensando? — perguntei finalmente, incapaz de buscar a restauração da confiança, temendo pedir a verdade.

— É que me ocorreu um pensamento — respondeu ele, ainda fitando os peixes-boi. — Sobre Willoughby, sabe?

Os acontecimentos da noite pareciam distantes e sem importância. Entretanto, um assassinato fora cometido.

— O que foi?

— Bem, no começo eu não podia imaginar que Willoughby pudesse fazer tal coisa, como qualquer homem poderia? — Parou, correndo o dedo pela leve neblina de condensação que se formava nas vidraças conforme o sol se levantava. — E, no entanto... — Virou-se para mim. — Talvez eu possa entender. — Seu rosto estava perturbado. — Ele se sentia sozinho, muito sozinho.

— Um estranho, numa terra estranha — eu disse à meia-voz, lembrando-me dos poemas, pintados no segredo escancarado de pinceladas ousadas de tinta negra, lançados no ar, na direção da terra natal, perdida e distante, confiados ao mar em asas de papel branco.

— Sim, é isso. — Ele parou de pensar, passando a mão devagar pelos cabelos, cobre cintilante à nova luz do dia. — E quando um homem está sozinho dessa forma... bem, talvez não seja certo dizer isso, mas fazer amor com uma mulher pode ser a única coisa que o fará esquecer sua dor por algum tempo.

Ele abaixou os olhos, virando as palmas das mãos para cima, acariciando a cicatriz do dedo médio com o indicador da mão esquerda.

— Foi isso que me fez casar com Laoghaire — disse ele baixinho. — Não foi a insistência de Jenny. Nem pena dela e das meninas. Nem mesmo um par de bolas doloridas. — Sua boca curvou-se para cima em um dos cantos, depois relaxou. — Só a necessidade de esquecer que eu estava sozinho — concluiu serenamente.

Ele retornou à janela, inquieto.

— Assim, estou achando que se o chinês a procurou, desejando-a, precisando dela, e ela o rejeitou... — Encolheu os ombros, olhando ao longe, além do verde frio da lagoa. — Sim, talvez ele possa ter feito isso.

Continuei ao seu lado. No meio da lagoa, um único peixe-boi

subiu lentamente à superfície, virando-se de costas para segurar o filhote em seu peito na direção do sol.

Ele ficou em silêncio por vários minutos, e eu também, sem saber como levar a conversa de volta ao que eu vira e ouvira na casa do governador.

Eu senti, mais do que vi, ele engolir em seco. Virou-se da janela para me fitar. Havia rugas de cansaço em seu rosto, mas seu semblante estava tomado por uma espécie de determinação — o tipo de expressão que surgia em seu rosto quando estava diante de uma batalha.

— Claire — disse ele, e eu imediatamente retesei o corpo. Ele só me chamava pelo nome quando o assunto era muito grave. — Claire, preciso contar-lhe uma coisa.

— O quê? — Eu estivera pensando como perguntar, mas repentinamente eu não queria ouvir. Dei um pequeno passo para trás, afastando-me dele, mas ele me segurou pelo braço.

Ele tinha algo escondido na mão fechada. Pegou minha mão, que não ofereceu resistência, e colocou o objeto dentro dela. Sem olhar, eu sabia o que era; podia sentir o entalhe da delicada moldura oval e a superfície ligeiramente áspera da pintura.

— Claire. — Pude ver o ligeiro tremor no lado de sua garganta quando engoliu em seco. — Claire... preciso lhe contar. Eu tenho um filho.

Eu não disse nada, mas abri a mão. Lá estava ele; o mesmo rosto que eu vira no escritório de Grey, uma versão infantil, arrogante, do homem diante de mim.

— Eu devia ter lhe contado há mais tempo. — Ele examinava meu rosto em busca de alguma pista dos meus sentimentos, mas desta vez meu semblante sempre tão revelador devia estar perfeitamente impassível. — Eu o teria feito... é que... — Ele respirou fundo, reunindo forças para continuar. — Nunca contei a ninguém a respeito dele — disse ele. — Nem mesmo a Jenny.

Isso me surpreendeu o bastante para me fazer falar.

— Jenny não sabe?

Ele sacudiu a cabeça e virou-se para observar os peixes-boi. Alarmados com nossas vozes, eles haviam se afastado um pouco, mas depois se acomodaram outra vez, alimentando-se das plantas aquáticas nas margens da lagoa.

— Foi na Inglaterra. Ele é... eu não podia dizer que ele era meu. Ele é bastardo, sabe? — Deve ter sido o sol nascente que afogueou suas faces. Ele mordeu o lábio e continuou: — Eu não o vejo desde que era pequeno. E nunca mais o verei... exceto talvez num pequeno retrato como este. Pegou o pequeno objeto de mim, embalando-o na palma de sua mão como a cabeça de um bebê. Pestanejou, a cabeça inclinada sobre ele. — Eu tinha medo de lhe contar — disse ele, quase num sussurro. — Por medo de que você pensasse que talvez eu tenha andado por aí gerando dezenas de bastardos... por medo de que você pensasse que eu não iria me importar tanto com Brianna se soubesse que eu tinha outro filho. Mas eu realmente me importo, Claire... muito mais do que eu posso lhe dizer. — Ele levantou a cabeça e olhou diretamente para mim. — Pode me perdoar?

— Você... — As palavras quase me sufocaram, mas eu tinha que proferi-las. — Você a amou?

Uma expressão extraordinária de tristeza atravessou seu rosto, mas ele não desviou o olhar.

— Não — disse ele brandamente. — Ela... me desejava. Eu devia ter encontrado um meio, devia tê-la impedido, mas não pude. Ela queria que eu me deitasse com ela. E eu o fiz, e... ela morreu por causa disso. — Ele por fim abaixou os olhos, as longas pestanas ocultando seus olhos. — Sou culpado de sua morte, diante de Deus. Talvez ainda mais culpado... porque eu não a amava.

Eu não disse nada, mas ergui a mão e toquei seu rosto. Ele pressionou a própria mão sobre a minha, com força, e fechou os olhos. Havia uma lagartixa na parede ao nosso lado, quase da mesma cor da argamassa amarela, começando a brilhar à crescente luz do dia.

— Como ele é? — perguntei brandamente. — Seu filho?

Ele sorriu debilmente, sem abrir os olhos.

— É mimado e teimoso — disse ele ternamente. — Malcriado. Escandaloso. Com um péssimo gênio. — Engoliu com dificuldade. — E corajoso e bonito e alegre e forte — disse ele, tão baixo que eu mal conseguia ouvi-lo.

— E seu — eu disse. Sua mão apertou a minha, segurando-a contra os pelos macios de sua barba por fazer.

— E meu — disse ele. Inspirou fundo e eu pude ver o brilho de lágrimas sob suas pálpebras cerradas.

— Você devia ter confiado em mim — eu disse por fim. Ele assentiu, devagar, depois abriu os olhos, ainda segurando minha mão.

— Talvez — disse ele serenamente. — E ainda assim não paro de pensar como eu poderia ter lhe contado tudo, sobre Geneva, e Willie, e John. Sabe a respeito de John? — Ele franziu ligeiramente a testa, mas relaxou quando balancei a cabeça.

— Ele me contou. A respeito de tudo. — Suas sobrancelhas se ergueram, mas ele continuou.

— Especialmente depois que você descobriu sobre Laoghaire. Como eu poderia lhe contar e esperar que você soubesse a diferença?

— Que diferença?

— Geneva, a mãe de Willie, ela queria meu corpo — disse ele brandamente. — Laoghaire precisava do meu nome e do trabalho de minhas mãos para se manter e manter as filhas. — Então virou a cabeça, os olhos azul-escuros fixos nos meus — John... bem. — Ergueu os ombros e deixou-os cair. — Eu não pude lhe dar o que ele queria e ele foi amigo o suficiente para não pedir. Mas como eu posso lhe dizer tudo isso — disse ele, a linha de sua boca torcendo-se. — E depois dizer-lhe que você é a única pessoa que eu já ameí? Como você iria acreditar em mim?

A pergunta ficou pairando no ar entre nós dois, tremeluzindo com o reflexo da água embaixo.

— Se você disser, eu acreditarei em você.



— Acreditará? — Ele pareceu ligeiramente espantado. — Por quê?

— Porque você é um homem honesto, Jamie Fraser — eu disse, sorrindo para não chorar. — E que Deus tenha piedade de você por isso.

— Só você — disse ele, tão baixinho que eu mal podia ouvi-lo. — Adorá-la com meu corpo, dar-lhe todo o serviço de minhas mãos. Dar-lhe meu nome e todo o meu coração e minha alma também. Só você. Porque você não me deixará mentir e assim mesmo você me ama.

Eu o toquei.

— Jamie — eu disse ternamente, colocando a mão em seu braço. — Você não está mais sozinho.

Ele voltou-se, então, e segurou-me pelos braços, perscrutando meu rosto.

— Eu jurei a você — eu disse. — Quando nos casamos. Na ocasião, eu não sabia todo o significado, mas jurei e agora eu sei. — Virei a mão dele sobre as minhas, sentindo a pele fina, lisa, na base de seus pulsos, onde o sangue pulsava sob meus dedos, onde a lâmina de sua adaga cortara sua carne um dia e derramara seu sangue para misturar-se ao meu para sempre.

Pressionei meu próprio pulso contra o dele, pulsação contra pulsação, batimento contra batimento.

— Sangue do meu sangue... — murmurei.

— Ossos dos meus ossos. — Sua voz era grave e rouca. Ele se ajoelhou subitamente diante de mim e colocou as mãos entrelaçadas dentro das minhas; o gesto de um escocês das Terras Altas ao jurar lealdade a seu líder. — Eu lhe dou meu espírito — disse ele, a cabeça inclinada sobre nossas mãos.

— Até o fim de nossas vidas — eu disse suavemente. — Mas nossas vidas ainda não chegaram ao fim, Jamie.

Então, ele se levantou e tirou minha camisola. Eu me deitei nua na cama estreita, puxei-o para mim através da suave luz amarela e o trouxe para casa outra vez, e nenhum de nós dois ficou sozinho.

**60**

O CHEIRO DE PEDRAS PRECIOSAS

**A** Mansão da Rosa ficava a dezesseis quilômetros de Kingston, subindo uma estrada íngreme e sinuosa de terra vermelha que conduzia às montanhas azuis. A estrada estava abandonada, era tão estreita que tivemos que cavalgar em fila indiana a maior parte do percurso. Segui Jamie pelas passagens escuras, docemente perfumadas, de galhos de cedros, sob árvores de quase trinta metros. Samambaias imensas cresciam nas sombras embaixo, as pontas enroladas das folhas novas eram quase do tamanho de um braço de violino.

Havia um silêncio completo, exceto pelo canto dos pássaros nos arbustos — e até eles silenciavam quando passávamos. O cavalo de Jamie parou de repente certa vez e retrocedeu, relinchando; esperamos enquanto uma pequena cobra verde atravessou o caminho contorcendo-se e entrou no mato. Fiquei observando-a, mas não pude ver além de três metros da beira da estrada, mais além, apenas sombras verdes e frescas. Eu esperava que o sr. Willoughby tivesse vindo nesta direção — ninguém jamais o encontraria num lugar assim.

O chinês não fora encontrado, apesar de uma busca intensiva da milícia da ilha pela cidade. O destacamento especial de fuzileiros navais do quartel em Antígua era esperado amanhã. Nesse ínterim, toda casa em Kingston estava trancada como um cofre de banco, os donos armados até os dentes.

O humor da cidade era extremamente perigoso. Como o dos oficiais da marinha; era opinião do coronel da milícia que se o chinês fosse encontrado, teria sorte de sobreviver tempo suficiente para ser enforcado.

— Vai ser esquartejado, eu acho — dissera o coronel Jacobs ao nos escoltar da residência do governador na noite do crime. — Vai

ter seus testículos arrancados e enfiados goela abaixo, ousou afirmar — acrescentou ele, com uma óbvia e sinistra satisfação diante da ideia.

— Eu ousou afirmar — murmurara Jamie em francês, ajudando-me a subir na carruagem. Eu sabia que a questão do sr. Willoughby ainda o perturbava; mantivera-se quieto e pensativo durante o percurso pelas montanhas. E, no entanto, não havia nada que pudéssemos fazer. Se o pequeno chinês fosse inocente, não poderíamos salvá-lo; se fosse culpado, não poderíamos entregá-lo. O melhor que podíamos esperar era que ele não fosse encontrado.

Enquanto isso, tínhamos cinco dias para encontrar o Jovem Ian. Se ele realmente estivesse na Mansão da Rosa, tudo daria certo. Se não estivesse...

Uma cerca e um pequeno portão marcavam a divisa entre a plantação e a floresta ao redor. Dentro, o terreno fora desmatado e plantado com cana-de-açúcar e café. A alguma distância da casa, em uma subida separada, erguia-se uma construção grande, simples, de taipa, com telhado de sapé. Pessoas de pele escura entravam e saíam da casa, e o cheiro fraco e enjoativo de açúcar queimado pairava no ar.

Abaixo do engenho de açúcar — ou pelo menos foi o que presumi que o prédio fosse — via-se um grande engenho. Um aparato de aspecto primitivo, a prensa consistia em um par de enormes troncos de árvores cruzados em forma de X, apoiados sobre um enorme eixo, que ficava em cima do corpo do moinho, no formato de uma caixa. Dois ou três homens escalavam o moinho, mas ele não estava funcionando no momento; os bois que o movimentavam estavam amarrados a uma certa distância, pastando.

— Como é que eles escoam o açúcar daqui? — perguntei, curiosa, pensando na trilha estreita pela qual havíamos subido. — Em mulas? — Bati nos ombros do meu casaco para retirar agulhas de cedro, tornando-me apresentável.

— Não — respondeu Jamie distraidamente. — Eles o enviam rio abaixo em chatas. O rio fica logo ali, descendo o pequeno caminho que você pode ver depois da casa. — Apontou com o queixo, freando o cavalo com uma das mãos e usando a outra para bater a poeira da viagem das abas de seu casaco. — Pronta, Sassenach?

— Como nunca estive.

A Mansão da Rosa era uma construção de dois andares; comprida e elegantemente bem-proporcionada, tinha um telhado de caras lâminas de ardósia, em vez das folhas de flandres que cobriam a maioria das residências dos fazendeiros. Uma varanda comprida percorria todo um lado da casa, com longas janelas e portas que se abriam sobre ela.

Uma enorme roseira de flores amarelas crescia na entrada, subindo por uma treliça e derramando-se pela beirada do telhado. O perfume que exalava era tão inebriante que dificultava a respiração; ou talvez fosse apenas a ansiedade que tornava minha respiração entrecortada e parecia grudar em minha garganta. Olhei à volta enquanto aguardávamos que atendessem à porta, tentando vislumbrar qualquer pessoa de pele branca perto do engenho de açúcar.

— Sim, sinhô? — Uma escrava negra de meia-idade abriu a porta, olhando-nos com curiosidade. Era corpulenta, vestia um avental de algodão branco e ostentava um turbante vermelho enrolado ao redor da cabeça; sua pele era da cor do ouro-escuro e opulento do miolo das rosas amarelas na treliça.

— Sr. e sra. Malcolm, para falar com a sra. Abernathy, por favor — disse Jamie educadamente. A mulher parecia um pouco desconcertada, como se o aparecimento de visitas não fosse uma ocorrência comum, mas após um instante de indecisão, ela assentiu e deu um passo para trás, abrindo completamente a porta.

— Aguardem no salão, por favor — disse ela, numa cadência suave e musical. — Vou perguntar à patroa se vai recebê-los.

Era um aposento amplo, comprido e graciosamente planejado, iluminado por longas janelas de postigos ao longo de um dos lados.

Na extremidade oposta do salão, havia uma lareira, uma enorme estrutura com um consolo de pedra e piso revestido de ardósia polida, que ocupava quase toda a parede. Seria possível assar um boi ali, sem a menor dificuldade, e a presença de um grande espeto sugeria que o proprietário da casa o fazia ocasionalmente.

A escrava nos conduziu a um sofá de vime e nos convidara a sentar. Sentei-me, olhando ao meu redor, mas Jamie ficou andando impientemente pelo salão, espreitando pelas janelas que davam vista para os campos de cana-de-açúcar abaixo da casa.

Era um aposento estranho; confortavelmente mobiliado com móveis de vime e rata, bem equipados com almofadas grandes e macias, mas decorado com pequenos e inusitados objetos. No peitoril de uma das janelas, havia uma fileira de sinetas de prata, arrumadas da menor para a maior. Várias figuras achatadas de pedra e terracota agrupavam-se na mesa junto ao meu cotovelo; alguma espécie de ídolos ou fetiches primitivos.

Todas tinham a forma de uma mulher, imensamente grávida e de seios enormes, redondos, e quadris exagerados — todas com uma sexualidade exuberante e ligeiramente perturbadora. Não era uma época puritana, de modo algum, mas eu não esperaria encontrar objetos como aqueles numa sala de visitas em nenhuma época.

As relíquias jacobitas eram um pouco mais ortodoxas. Uma caixa de rapé de prata, uma jarra de vidro, um leque decorado, uma grande travessa — até mesmo o grande tapete no chão; tudo decorado com a rosa branca dos Stuart. Isso não era incomum — muitos jacobitas que fugiram da Escócia depois de Culloden foram para as Índias Ocidentais para tentar fazer fortuna outra vez. Achei a visão encorajadora. Uma casa com simpatias jacobitas poderia dar as boas-vindas para um compatriota escocês e ter boa vontade em resolver a questão de Ian. Se ele estiver aqui, advertiu uma vozinha em minha mente.

Ouviram-se passos no interior da casa e houve uma agitação na porta ao lado da lareira. Jamie emitiu um pequeno som gutural, como se alguém tivesse lhe dado um soco, e eu ergui os olhos,

deparando-me com a dona da casa entrando na sala.

Levantei-me bruscamente e a pequena xícara de prata que eu segurava caiu no chão com um tinido.

— Vejo que você manteve sua figura jovial, Claire. — Sua cabeça estava inclinada para o lado, os olhos verdes brilhando, cheios de humor.

Eu estava petrificada de surpresa, a ponto de não conseguir responder, mas o pensamento atravessou minha mente perplexa de que eu não podia dizer o mesmo dela.

Geillis Duncan sempre tivera uma voluptuosa abundância de seios brancos e lisos e um volume generoso de quadris arredondados. Embora sua pele ainda tivesse um tom creme e homogêneo, ela estava consideravelmente mais abundante e generosa, em todas as dimensões visíveis. Ela usava um vestido solto de musselina, sob o qual ela gingava ao caminhar. Os delicados ossos da face há muito haviam submergido nos acúmulos de gordura, mas os brilhantes olhos verdes continuavam os mesmos, cheios de malícia e humor.

Respirei fundo e consegui recuperar a voz.

— Espero que não me leve a mal — eu disse, deixando-me cair lentamente de volta no sofá de vime —, mas por que você não está morta?

Ela riu, a voz tão cristalina quanto a de uma adolescente.

— Acha que eu deveria estar, não é? Bem, você não é a primeira... e devo dizer que também não será a última a pensar assim.

Os olhos enrugados em dois brilhantes triângulos verdes, achando graça, ela afundou em sua própria poltrona, balançou a cabeça informalmente para Jamie e bateu palmas energicamente para chamar a criada.

— Aceita uma xícara de chá? — perguntou ela. — Tome e eu lerei as folhas no fundo de sua xícara, quando terminar. Afinal, tenho a reputação de ser uma adivinha; uma excelente profetisa, sem dúvida... e por que não? — Riu outra vez, as bochechas gordas

ficando rosadas de alegria. Se ela estava tão chocada com a minha aparência quanto eu estava com a dela, disfarçou primorosamente seus sentimentos. — Chá — disse ela para a criada negra que apareceu em atendimento à sua convocação. — Traga o tipo especial da lata azul, sim? E os bolinhos com nozes também. Vai aceitar? — perguntou, voltando-se novamente para mim. — Afinal, é uma grande ocasião. Eu realmente me perguntava — disse ela, inclinando a cabeça para o lado, como uma gaivota avaliando as chances de abocanhar um peixe — se nossos caminhos se cruzariam outra vez, depois daquele dia em Cranesmuir.

Meu coração começava a desacelerar, o choque sobrepujado por uma enorme onda de curiosidade. Eu podia sentir as perguntas surgindo aos borbotões e escolhi uma, aleatoriamente.

— Você me conhecia? — perguntei. — Quando me encontrou em Cranesmuir?

Ela sacudiu a cabeça, as mechas de cabelos mesclados de creme e branco soltos de seus grampos e descendo por sua nuca. Ela tentou sem muito empenho ajeitar o coque, ainda me examinando com interesse.

— No princípio, não. Embora sem dúvida eu achasse que havia um ar muito estranho à sua volta... e eu não era a única a achar isso. Você não atravessou as pedras preparada, não é? Não de propósito, quero dizer?

Contive as palavras “não daquela vez” e, em vez disso, disse:

— Não, foi um acidente. Mas você veio de propósito? De 1967?

Ela assentiu, examinando-me atentamente. A carne agora mais espessa entre suas sobrancelhas estava enrugada e a ruga aprofundava-se ligeiramente conforme ela me olhava.

— Sim... para ajudar o príncipe Tearlach. — Sua boca torceu-se para um dos lados, como se ela experimentasse algo ruim e, repentinamente, ela virou a cabeça e cuspiu. O glóbulo de saliva atingiu o bem polido assoalho de madeira com um sonoro *plop*. — *An gealtair salach Atailteach!* — disse ela. — Maldito italiano covarde! — Seus olhos escureceram-se e cintilaram com um brilho



desagradável. — Se eu soubesse, teria ido para Roma e o assassinado, enquanto ainda havia tempo. Mas talvez seu irmão Henry não fosse melhor, um padre sem colhões, choramingão. Não que fizesse diferença. Após Culloden, qualquer Stuart seria tão inútil quanto outro.

Suspirou e remexeu seu corpo volumoso, a cadeira de rata rangendo sob seu peso. Abanou a mão com impaciência, descartando os Stuart.

— De qualquer modo, isso está resolvido. Você veio por acidente, atravessou as pedras perto da data de uma das festas do fogo, não foi? É como geralmente acontece.

— Sim — eu disse, admirada. — Eu vim no Beltane. Mas o que quer dizer com “geralmente acontece”? Já encontrou muitos outros... como nós?— terminei, hesitante.

Ela sacudiu a cabeça um pouco distraidamente.

— Não muitos.

Ela parecia estar ponderando alguma coisa, embora talvez fosse apenas a ausência do lanche que pedira; pegou o sino de prata e sacudiu-o violentamente.

— Maldita Clotilda! Como nós? — disse ela, retornando à pergunta em pauta. — Não, não encontrei. Apenas um, além de você, que eu saiba. Você poderia ter me derrubado com uma pena quando eu vi a pequena cicatriz em seu braço e soube que era alguém como eu. — Ela tocou o grande volume da parte superior de seu próprio braço, onde a pequena cicatriz da vacina estava escondida sob a manga bufante de musselina branca. Ela inclinou a cabeça como um pássaro outra vez, examinando-me com um único olho verde e brilhante. — Não, quando eu disse que é assim que geralmente acontece, quis dizer, a julgar pelo que se ouve contar. Gente que desaparece em círculos de pedras e de fadas, quero dizer. Elas em geral viajam perto de Beltane ou do Samhain; algumas perto das festas do sol... o solstício de verão ou o solstício de inverno.

— Essa era a lista! — eu disse repentinamente, lembrando-me

do caderno de notas de capa cinza que eu deixara com Roger Wakefield. — Você tinha uma lista de datas e iniciais, quase duzentas delas. Eu não sabia o que eram, mas vi que as datas em geral eram no final de abril ou no começo de maio, ou perto do final de outubro.

— Sim, tem razão. — Ela balançou a cabeça, os olhos ainda fixos em mim, especulativamente. — Então, você encontrou meu livrinho? Foi assim que ficou sabendo que deveria ir procurar por mim em Craigh na Dun? Era você, não? Que gritou meu nome, logo antes de eu atravessar as pedras?

— Gillian — eu disse, e vi suas pupilas aumentarem diante do nome que fora seu um dia, embora seu rosto tenha continuado impassível. — Gillian Edgars. Sim, era eu. Eu não sabia se você havia me visto no escuro. — Eu podia ver mentalmente o círculo de pedras sob a escuridão da noite e, no centro, a fogueira incandescente e a figura de uma jovem magra de pé junto a ela, os cabelos claros esvoaçando no calor do fogo.

— Eu não a vi — disse ela. — Só mais tarde, quando a ouvi gritar no julgamento de bruxas, foi que achei já ter ouvido aquela voz antes. Depois, quando vi a marca da vacina em seu braço... — Ela deu de ombros pesadamente, a musselina apertada em suas costas quando voltou à posição normal. — Quem estava com você naquela noite? — perguntou ela, curiosa. — Eu vi duas pessoas: um rapaz bonito, moreno, e uma jovem.

Ela fechou os olhos, concentrando-se, depois os abriu novamente para me fitar.

— Mais tarde, eu achei que a conhecia, mas não conseguia lembrar seu nome, embora pudesse jurar que já vira aquele rosto. Quem era ela?

— Sra. Duncan? Ou será sra. Abernathy agora? — interrompeu Jamie, dando um passo à frente e fazendo uma mesura formal. O choque inicial do seu aparecimento se desvanecia, mas ele ainda estava pálido, as maçãs do rosto proeminentes sob a pele esticada do rosto.

Ela olhou para ele, depois olhou de novo, como se somente agora notasse sua presença.

— Bem, ora se não é a pequena raposa! — disse ela, achando graça. Olhou-o cuidadosamente de alto a baixo, observando cada detalhe de sua aparência com interesse. — Cresceu e tornou-se um belo homem, hein? — disse ela. Recostou-se na poltrona, que rangeu ruidosamente sob seu peso, e estreitou os olhos para ele de forma avaliadora. — Você tem os traços dos MacKenzie, rapaz. Sempre teve, mas agora que está mais velho, parece-se muito com seus dois tios.

— Tenho certeza de que tanto Dougal quanto Colum ficariam satisfeitos em saber que se lembra deles tão bem. — Os olhos de Jamie estavam fixos nela com a mesma intensidade com que ela o fitava. Ele nunca gostara dela — e era pouco provável que mudasse sua opinião agora —, mas não podia se dar ao luxo de opor-se a ela; não se lan estivesse ali em algum lugar.

A chegada do chá interrompeu qualquer resposta que ela pudesse ter dado. Jamie aproximou-se de mim e sentou-se ao meu lado no sofá, enquanto Geilie cuidadosamente servia o chá e nos oferecia a xícara, agindo exatamente como uma anfitriã que recebe visitas para um chá. Como se quisesse preservar essa ilusão, ela nos ofereceu o açucareiro e a jarra de leite, depois se recostou em sua poltrona para uma conversa amena.

— Se não se importa com a minha pergunta, sra. Abernathy — disse Jamie —, como veio parar aqui? — Educadamente, Jamie deixara de lado a pergunta maior: como você escapou de ser queimada como uma bruxa?

Ela riu, abaixando suas longas pestanas faceiramente sobre os olhos.

— Bem, lembra-se que eu estava grávida, em Cranesmuir?

— Lembro-me mais ou menos disso. — Jamie tomou um gole do chá, as pontas de suas orelhas tornando-se ligeiramente cor-de-rosa. Ele tinha motivo para se lembrar disso, sem dúvida; ela arrancara as próprias roupas no meio do julgamento, revelando o

volume secreto que salvaria sua vida, ao menos temporariamente.

Uma pequena língua rosada saiu de sua boca e delicadamente limpou as gotículas de chá do lábio superior.

— Você teve filhos? — perguntou ela, erguendo uma sobrancelha para mim.

— Tive.

— Uma tarefa terrível, não? Ficar se arrastando de um lado para o outro como uma porca dura de lama seca e depois ser rasgada em prol de algo que se parece a um rato afogado. — Ela sacudiu a cabeça, fazendo um ruído de desgosto na garganta. — A beleza da maternidade, hein? Ainda assim, eu não deveria reclamar, acho: o ratinho salvou minha vida. E por pior que seja dar à luz, é melhor do que ser queimada numa fogueira.

— Eu imaginaria que sim — eu disse —, muito embora, não tendo experimentado essa última, eu não possa saber ao certo.

Geillis engasgou com seu chá, borrifando o peito de seu vestido com gotículas marrons. Enxugou-as despreocupadamente, olhando-me com ar divertido.

— Bem, eu também não, mas já as vi queimar, querida. E creio que, provavelmente, ficar deitada num buraco lamacento vendo sua barriga crescer é melhor do que aquilo.

— Eles a mantiveram no buraco dos ladrões o tempo todo? — A colher de prata estava fria em minha mão, mas minhas palmas ficaram suadas à lembrança do buraco dos ladrões em Cranesmuir. Eu passara três dias ali com Geillis Duncan, acusada de ser uma bruxa. Quanto tempo ela teria permanecido ali?

— Três meses — disse ela, olhando pensativamente para dentro do seu chá. — Três meses mortíferos, de pés gelados e vermes rastejantes, restos estragados de comida e o cheiro de sepultura grudado em minha pele dia e noite.

Ergueu os olhos então, a boca torcendo-se num amargo sorriso.

— Mas, no fim, eu dei à luz em grande estilo. Quando minhas dores começaram, tiraram-me do buraco, havia poucas chances de que eu fosse fugir nessa hora, hein? E meu bebê nasceu no meu

próprio quarto antigo; na casa do fiscal.

Seus olhos estavam ligeiramente anuviados e eu me perguntei se o líquido em seu copo era puramente chá.

— Eu tinha janelas com vidraças em forma de losango, você se lembra? Todas em tons de púrpura, verde e branco, a casa mais bonita da vila. — Sorriu com as lembranças. — Deram-me a criança para eu segurar e a luz verde recaiu sobre seu rosto. Ele parecia realmente um afogado. Pensei que devia estar frio ao toque como um cadáver, mas ele não estava; estava quente. Quente como os testículos de seu pai. — Ela riu repentinamente, um som desagradável. — Por que os homens são tão idiotas? Você pode levá-los aonde quiser pelo pau... durante algum tempo. Então, dê-lhes um filho e você os tem de volta pelas bolas outra vez. Mas isso é tudo que você significa para eles, quer esteja chegando ou indo embora: uma vagina.

Ela estava recostada em sua poltrona. Ao dizer isso, abriu as pernas e ergueu seu copo num brinde irônico acima de seu osso púbico, olhando para baixo com os olhos estreitados pela expansão volumosa de sua barriga.

— Bem, um brinde a ela! A coisa mais poderosa do mundo. Os negros, ao menos, sabem disso. — Tomou um longo e descuidado gole da xícara. — Eles esculpem pequenos ídolos, que são só barriga, vagina e seios. O mesmo que os homens fazem de onde nós viemos, você e eu. — Estreitou os olhos para mim, os dentes à mostra à guisa de um sorriso. — Já viu as revistas sórdidas que os homens compram por baixo do balcão, não viu?

Os olhos verdes injetados voltaram-se para Jamie.

— E você deve conhecer as gravuras e livros que os homens circulam entre eles em Paris agora, não é, raposa? É tudo igual. — Abanou a mão e bebeu outra vez, um longo gole. — A única diferença é que os negros têm a decência de venerar isso.

— Muito perspicaz da parte deles — disse Jamie calmamente. Ele estava recostado no sofá, as pernas longas estendidas, aparentemente relaxado, mas eu podia ver a tensão nos dedos da

mão que segurava a xícara. — E como conhece as gravuras que os homens veem em Paris atualmente, senhora... Abernathy agora, não é?

Ela podia estar um tanto embriagada, mas não estava de modo algum bêbada. Ergueu os olhos repentinamente diante do tom da voz de Jamie e deu-lhe um sorriso enviesado.

— Ah, sra. Abernathy serve perfeitamente. Quando vivi em Paris, eu tinha outro nome: madame Melisande Robicheaux. Gosta? Achei um pouco pomposo demais, mas seu tio Dougal foi quem me deu esse nome, então eu o conservei, por sentimento.

Minha mão livre cerrou-se num punho, fora da vista, nas pregas da minha saia. Eu ouvira falar de madame Melisande, quando moramos em Paris. Não pertencendo à sociedade, ela tivera uma certa fama como vidente; as damas da Corte consultavam-na em absoluto segredo, em busca de conselhos sobre suas vidas amorosas, seus investimentos e sobre gravidez.

— Imagino que você pôde dizer coisas bem interessantes às mulheres — eu disse ironicamente.

Desta vez, sua risada foi genuína.

— Ah, pude mesmo, de fato! Mas raramente o fiz. As pessoas geralmente não pagam pela verdade, sabe. Às vezes, entretanto... Você sabia que a mãe de Jean-Paul Marat pretendia dar ao filho o nome de Rudolphe? Eu disse a ela que achava Rudolphe de mau agouro. De vez em quando penso nisso... ele teria crescido um revolucionário com um nome como Rudolphe ou iria se dedicar a escrever poemas em vez disso? Já pensou nisso, raposa? Que um nome pode fazer diferença? — Seus olhos estavam fixos em Jamie, como vidro verde.

— Muitas vezes — disse ele, colocando sua xícara na mesinha.

— Então, foi Dougal que a tirou de Cranesmuir?

Ela balançou a cabeça afirmativamente, reprimindo um pequeno arrote.

— Sim. Ele foi pegar a criança... sozinho, por medo de que alguém descobrisse que ele era o pai, sabe? Mas eu não deixei. E

quando ele se aproximou para tirá-la de mim... bem, eu arranquei a adaga de sua cintura e pressionei-a contra a garganta da criança. — Um pequeno sorriso de satisfação diante da lembrança fez seus belos lábios curvarem-se. — Eu disse a ele que mataria o bebê, a menos que ele jurasse pela vida do irmão e pela sua própria que me tiraria dali a salvo.

— E ele acreditou em você? — Senti um leve mal-estar ao imaginar qualquer mãe segurando uma faca na garganta de um recém-nascido, ainda que fingindo.

Seu olhar virou-se de novo para mim.

— Ah, sim — disse ela suavemente, e o sorriso ampliou-se. — Dougal me conhecia muito bem.

Suando, mesmo no frio de dezembro, e incapaz de tirar os olhos da minúscula face de seu filho adormecido, Dougal concordara.

— Quando ele se inclinou sobre mim para pegar a criança, pensei em enfiar a adaga em sua própria garganta — disse ela, evocativamente. — Mas teria sido muito mais difícil fugir por conta própria, então eu não o fiz.

A expressão do rosto de Jamie não se alterou, mas ele pegou seu chá e tomou um grande gole.

Dougal chamara o carcereiro, John MacRae, e o sacristão e, por meio de um discreto suborno, garantiu que a figura encapuzada arrastada em uma carreta para o tambor de piche na manhã seguinte não fosse a de Geillis Duncan.

— Achei que talvez fossem usar palha — disse ela —, mas ele era mais astuto do que isso. A velha avó Joan MacKenzie morrera três dias antes e deveria ser enterrada naquela mesma tarde. Algumas pedras no caixão e a tampa bem pregada, e pronto, tudo resolvido. Um corpo de verdade para ser queimado. — Ela riu e engoliu o resto de sua bebida. — Não é todo mundo que pode ver o próprio funeral; menos ainda quem possa ter visto sua própria execução, hein?

Era o auge do inverno e o pequeno bosque de sorveiras fora da vila estava desnudo, varrido por suas próprias folhas mortas, os

frutos vermelhos secos aparecendo aqui e ali no chão como manchas de sangue.

Era um dia nublado, com a promessa de chuva quase congelada e neve, mas mesmo assim quase toda a vila compareceu à execução; queimar uma bruxa na fogueira não era um acontecimento a ser perdido. O pároco da vila, padre Bain, morrera três meses antes, de febre causada por um machucado infeccionado, mas um novo padre foi importado de uma vila próxima para a ocasião. Perfumando seu trajeto com um incensório levado à sua frente, o padre descera o caminho até o bosque, entoando o cântico para os mortos. Atrás dele, vinha o carcereiro e seus dois assistentes, arrastando a carreta e sua carga envolta num robe negro.

— Imagino que a vovó Joan tenha ficado muito satisfeita — disse Geilie, os dentes brancos brilhando diante da visão. — Ela não devia esperar mais do que quatro ou cinco pessoas em seu enterro. Do jeito que foi, ela teve o vilarejo inteiro, além do incenso e das preces especiais!

MacRae desamarrou o corpo e carregou-o, inerte, para o barril de piche pronto, à espera.

— O tribunal me concedeu a misericórdia de ser estrangulada antes de ser queimada — explicou Geillis ironicamente. — Assim, já esperavam que a condenada estivesse morta, nenhum problema aí, se eu já tinha sido estrangulada. A única coisa que alguém poderia ter notado é que a vovó Joan pesava a metade do que eu pesava, ainda mais tendo acabado de dar à luz, mas ninguém pareceu notar que o corpo nos braços de MacRae era muito leve.

— Você estava lá? — perguntei.

Ela balançou a cabeça orgulhosamente.

— Ah, sim. Bem enrolada em um manto... todos estavam, por causa do tempo... mas eu não teria perdido a cena por nada deste mundo.

Quando o padre terminou a última prece contra os males do feitiço, MacRae tomou a tocha acesa de seu assistente e deu um



passo à frente.

— Deus, não exclua esta mulher de Sua misericórdia e perdoe os muitos pecados que ela, em seu corpo, cometeu — disse ele, atirando a tocha no piche.

— Foi mais rápido do que eu imaginava — disse Geillis, parecendo ligeiramente surpresa. — Um grande sopro de fogo, houve uma explosão de ar quente, gritos e aclamações da população e nada mais a ser visto além das chamas, bastante altas para chamuscar os galhos da sorveira acima.

Entretanto, o fogo diminuiu em um minuto e a figura escura em seu interior podia ser vista claramente através das chamas na claridade do dia. O capuz e os cabelos haviam desaparecido na primeira investida das labaredas e o próprio rosto estava queimado além de qualquer possibilidade de reconhecimento. Mais alguns instantes e as formas nítidas e escuras dos ossos surgiram da carne derretida, uma superestrutura muito leve erguida acima do barril carbonizado.

— Havia apenas grandes buracos vazios onde antes estavam seus olhos — disse ela. Os olhos verde-musgo voltaram-se para mim, anuviados pelas lembranças. — Achei que talvez ela estivesse olhando para mim. Mas então o crânio explodiu e tudo terminou. As pessoas começaram a ir embora, exceto algumas que permaneceram ali na esperança de pegar um pedaço de osso como lembrança.

Ela se levantou e caminhou sem muita firmeza até a mesinha perto da janela. Pegou o sino de prata e tocou-o, com força.

— Sim — disse ela, de costas para nós. — O parto provavelmente é mais fácil.

— Então, Dougal a enviou para a França — disse Jamie. Os dedos de sua mão direita torceram-se ligeiramente. — Como você veio parar aqui nas Índias Ocidentais?

— Ah, isso foi mais tarde — disse ela despreocupadamente. — Depois de Culloden. — Virou-se, então, e sorriu de Jamie para mim. — E o que trouxe vocês dois a este lugar? Certamente, não é o

prazer de minha companhia.

Olhei para Jamie, vendo a leve tensão em suas costas quando ele se endireitou, empertigando os ombros. No entanto, o seu rosto manteve-se calmo. Apenas seus olhos brilhavam, alertas.

— Viemos à procura de um jovem parente meu — disse ele. — Meu sobrinho, Ian Murray. Temos alguma razão para acreditar que ele está trabalhando aqui, em regime de contrato.

As sobrancelhas claras de Geilie ergueram-se, criando sulcos em sua testa.

— Ian Murray? — disse ela, sacudindo a cabeça, confusa. — Não tenho absolutamente nenhum trabalhador branco aqui. Ninguém branco, para dizer a verdade. O único homem livre na propriedade é o administrador e ele é o que chamam de *griffone* — um quarto de sangue negro.

Ao contrário de mim, Geillis Duncan era uma ótima mentirosa. Era impossível saber, pela expressão de leve interesse, se ela já ouvira o nome Ian Murray antes. Mas que ela estava mentindo, isso eu sabia.

Jamie também sabia; a expressão que atravessou seus olhos não foi de decepção, mas de fúria, logo reprimida.

— É mesmo? — disse ele educadamente. — E você não tem medo, sozinha com seus escravos aqui, tão longe da cidade?

— Ah, não. Absolutamente.

Ela dirigiu-lhe um largo sorriso, depois ergueu o queixo duplo e sacudiu-o devagar na direção do terraço atrás dele. Virei a cabeça e vi que o vão da porta estava preenchido do batente à ombreira por um negro enorme, vários centímetros mais alto do que Jamie, de cujas mangas enroladas para cima saltavam braços que pareciam toras, cobertos de músculos proeminentes.

— Conheçam Hércules — disse Geilie, com uma risadinha. — E ele ainda tem um irmão gêmeo.

— Chamado Atlas, por acaso? — perguntei, com um tom sarcástico.

— Você adivinhou! Ela é muito sabida, não é, raposa? — Ela

piscou um dos olhos conspiratoriamente para Jamie, as bochechas redondas balançando-se com o movimento. A luz atingiu-a de lado quando ela virou a cabeça, e eu vi as teias de aranha vermelhas de minúsculos vasos capilares rompidos que se espalhavam por sua papada.

Hércules não via nada disso, nem nenhuma outra coisa. Seu rosto largo era flácido e inexpressivo, e não havia nenhuma luz nos olhos fundos sob a aresta ossuda da testa. Senti uma sensação bastante desconfortável de olhar para ele e não apenas por causa de seu tamanho ameaçador; olhar para ele era como passar por uma casa mal-assombrada, de onde algo espreita por trás das cortinas das janelas.

— Tudo bem, Hércules, pode voltar ao seu trabalho agora. — Geilie pegou o sino de prata e o fez soar uma vez, delicadamente. Sem uma palavra, o gigante virou-se e afastou-se pesadamente pela varanda. — Não temo os escravos — explicou ela. — Eles é que têm medo de mim, porque acham que sou uma bruxa. Muito engraçado, considerando-se tudo, não é? — Seus olhos cintilaram por trás de pequenas bolsas de gordura.

— Geilie... esse homem... — Hesitei, sentindo-me ridícula em fazer tal pergunta. — Ele não é um zumbi, é?

Ela riu, batendo as mãos unidas, encantada com a minha pergunta.

— Nossa, um zumbi? Santo Deus, Claire! — Ela gargalhava de júbilo, um rosa vívido subindo de sua garganta a raiz dos cabelos. — Bem, concordo, ele não é muito inteligente — disse ela finalmente, ainda arfando, ofegante. — Mas ele não está morto! — E desatou em novas gargalhadas.

Jamie fitou-me, intrigado.

— Zumbi?

— Deixe pra lá — eu disse, o rosto quase tão corado quanto o de Geilie. — Quantos escravos você tem aqui? — perguntei, tentando mudar de assunto.

— Hihhi — disse ela, conseguindo reduzir as gargalhadas a uma

risadinha. — Ah, mais ou menos uns cem. Não é um lugar tão grande assim. Apenas cento e cinquenta hectares em cana-de-açúcar e um pouco de café nas encostas mais altas.

Retirou um lenço debruado de renda de seu bolso e enxugou o rosto úmido com pancadinhas, resfolegando um pouco enquanto recuperava a compostura. Eu podia sentir, mais do que ver, a tensão de Jamie. Eu tinha certeza de que ele estava tão convencido quanto eu de que Geilie sabia alguma coisa sobre Ian Murray — se por nenhum outro motivo, porque ela não demonstrara nenhuma surpresa à nossa chegada. Alguém lhe contara sobre nós e essa pessoa só podia ser Ian.

Ameaçar uma mulher para extrair informações não era uma ideia que pudesse ocorrer naturalmente a Jamie, porém a mim, sim. Infelizmente, a presença dos pilares gêmeos de Hércules pôs um fim a essa linha de pensamento. A melhor ideia depois dessa parecia ser dar uma busca na casa e no terreno, à procura de qualquer vestígio do rapaz. Cento e cinquenta hectares era uma boa área, mas se ele estivesse na propriedade, é provável que estivesse dentro ou nas proximidades dos prédios — na casa, no engenho de açúcar ou na senzala.

Despertei dos meus pensamentos ao perceber que Geilie me fizera uma pergunta.

— O quê?

— Eu disse — repetiu ela pacientemente — que você tinha muito talento para a cura quando eu a conheci na Escócia; talvez saiba mais agora?

— Acredito que sim. — Examinei-a cautelosamente. Ela desejaria minhas habilidades para si mesma? Ela não parecia saudável; bastava um olhar à sua compleição matizada e às olheiras escuras sob seus olhos para comprovar isso. Mas ela estaria mesmo doente?

— Não é para mim — disse ela, vendo meu olhar. — Não exatamente agora, de qualquer modo. Tenho dois escravos doentes. Você poderia fazer a gentileza de dar uma olhada neles?

Olhei para Jamie, que fez um breve sinal afirmativo com a cabeça. Era uma oportunidade de dar uma olhada na senzala e procurar por Ian.

— Eu vi quando chegamos que você tinha um pequeno problema com o moinho de açúcar — disse ele, erguendo-se abruptamente. Com um ar despreocupado, fez um sinal com a cabeça para Geilie. — Acho que vou dar uma olhada, enquanto você e minha mulher cuidam dos enfermos. — Sem esperar uma resposta, tirou o casaco e pendurou-o no gancho junto à porta. Saiu pela varanda, enrolando as mangas da camisa, a luz do sol cintilando em seus cabelos.

— Ele é do tipo prestativo, não? — Geilie seguiu-o com o olhar, um traço de humor em seu rosto. — Meu marido Barnabas era assim também. Não conseguia tirar as mãos de nenhum tipo de máquina. Nem das escravas novas tampouco — acrescentou ela. — Venha, os doentes estão atrás da cozinha.

A cozinha ficava num pequeno prédio separado, ligado à casa por uma passagem coberta com jasmim em flor. Caminhar por ela era como flutuar por uma nuvem de perfume, cercada por um zumbido de abelhas bastante alto para ser sentido na pele, como o bordão de uma gaita de foles.

— Já foi picada alguma vez? — Geilie deu uma pancada forte, distraidamente, derrubando um corpo peludo que voava baixo.

— Uma vez ou outra.

— Eu também — disse ela. — Muitas vezes, e nada pior acontece além de um inchaço vermelho na minha pele. Mas um desses malditos insetos ferrou uma das escravas da cozinha na primavera passada e a garota inchou como um sapo e morreu, bem diante dos meus olhos! — Olhou para mim, os olhos arregalados e zombeteiros. — Fez maravilhas pela minha reputação, posso lhe garantir. O resto dos escravos espalhou que eu tinha feito uma feitiçaria para a menina; colocado um feitiço nela para matá-la por ter queimado o pão de ló. Nunca mais tive sequer uma panela queimada. Sacudindo a cabeça, ela afastou outra abelha.

Embora assombrada com sua insensibilidade, senti-me um pouco aliviada com a história. Talvez o outro boato que eu ouvira no baile do governador tivesse igualmente tão pouco fundamento.

Parei, olhando através das folhas entrelaçadas do jasmim para os campos de plantação de cana-de-açúcar abaixo. Jamie estava na clareira junto ao moinho, olhando para cima, para as gigantescas barras transversais da máquina, enquanto um homem que eu presumi que fosse o administrador apontava e explicava. Enquanto eu observava, ele disse alguma coisa, gesticulando, e o administrador balançou a cabeça enfaticamente, abanando as mãos numa resposta loquaz. Se eu não encontrasse nenhum vestígio de Ian nas dependências da cozinha, talvez Jamie ficasse sabendo de alguma coisa através do administrador. Apesar das negativas de Geilie, todos os meus instintos insistiam que o garoto estava ali — em algum lugar.

Não havia nenhum sinal dele na cozinha propriamente dita; apenas três ou quatro mulheres, amassando pão e debulhando ervilhas, que ergueram os olhos com curiosidade quando passamos por elas. Meus olhos encontraram-se com os de uma jovem, e eu fiz um pequeno cumprimento com a cabeça e sorri para ela; talvez eu tivesse a chance de voltar e conversar com ela, mais tarde. Seus olhos arregalaram-se de surpresa e ela abaixou a cabeça imediatamente, os olhos fixos na tigela de vagens de ervilha em seu colo. Eu a vi lançar um olhar furtivo em minha direção quando atravessamos o longo cômodo e notei que ela equilibrava a tigela em frente a um pequeno volume de uma gravidez incipiente.

O primeiro escravo doente estava em uma pequena despensa à parte da cozinha propriamente dita, deitado num catre colocado sob prateleiras carregadas de pilhas de queijos envolvidos em gazes. O paciente, um jovem de vinte e poucos anos, sentou-se, piscando diante do repentino raio de luz quando eu abri a porta.

— O que é que ele tem?

Ajoelhei-me ao lado do escravo e toquei sua pele. Aquecida, úmida, sem sinal aparente de febre. Ele não parecia estar sentindo

nenhum desconforto especial, meramente piscava sonolentemente enquanto eu o examinava.

— Ele tem um verme.

Olhei para Geilie, surpresa. Pelo que eu havia visto e ouvido até agora nas ilhas, achava provável que pelo menos três quartos da população negra — e não poucos brancos — sofriam de parasitas intestinais. Por mais desagradáveis e debilitantes que pudessem ser, no entanto, a maioria só era ativamente ameaçadora para os muito novos ou muito velhos.

— Provavelmente, bem mais do que um — eu disse. Empurrei delicadamente o escravo para que se deitasse de costas e comecei a apalpar seu estômago. O baço estava ligeiramente inchado, uma ocorrência também comum aqui, mas não encontrei nenhuma massa suspeita no abdômen que pudesse indicar uma importante infestação intestinal. — Ele parece moderadamente saudável; por que você o mantém aqui no escuro?

Como em resposta à minha pergunta, o escravo contorceu-se repentinamente, emitiu um grito agudo e enrolou-se numa bola. Enrolando-se e desenrolando-se como um ioiô, chegou à parede e começou a bater a cabeça com força contra ela, ainda berrando. Em seguida, tão repentinamente quanto o ataque sobreviera, ele cessou, e o jovem deixou-se cair de costas no catre de novo, arquejante e encharcado de suor.

— Jesus H. Roosevelt Cristo — eu disse. — O que foi *isso*?

— Um verme loa-loa — disse Geilie, divertindo-se com a minha reação. — Eles se alojam no globo ocular, logo abaixo da membrana externa. Eles vão e vêm, passando de um olho para o outro, e quando atravessam a ponte do nariz, parece que é bastante doloroso, segundo me disseram. — Balançou a cabeça indicando o escravo, ainda tremendo ligeiramente em seu catre. — A escuridão impede que se movimentem muito — explicou ela. O sujeito de Andros que me falou deles disse que é preciso capturá-los assim que entram num dos olhos, porque estão bem perto da superfície e você pode tirá-lo com uma agulha grande de cerzir. Se esperar

muito, eles vão para o fundo e você não consegue arrancá-los. — Ela virou-se na direção da cozinha e gritou para que trouxessem uma luz. — Tome, eu trouxe uma agulha, por precaução. — Ela remexeu na bolsinha que carregava na cintura e retirou dali um quadrado de feltro com uma agulha de aço de cerca de oito centímetros espetada, que me entregou prestativamente.

— Está louca? — fitei-a, assombrada.

— Não. Você não disse que era uma boa curandeira? — perguntou ela sensatamente.

— Sou, mas... — Olhei para o escravo, hesitei, depois peguei a vela que uma das criadas da cozinha segurava para mim. — Traga-me um pouco de conhaque e uma faca pequena e afiada — eu disse. — Mergulhe a faca e a agulha no conhaque, depois segure a ponta na chama por um instante. Deixe esfriar, mas não toque nela. — Enquanto falava, eu delicadamente levantava uma das pálpebras. O olho do rapaz fitou-me, uma íris castanho-escura, manchada, estranhamente irregular, numa esclerótica injetada de sangue e amarela como manteiga. Fiz uma investigação cuidadosa, levando a chama da vela suficientemente perto para fazer a íris se contrair, em seguida afastando-a, mas não vi nada ali.

Tentei o outro olho e quase deixei cair a vela. Lá estava, um filamento pequeno, transparente, movendo-se sob a conjuntiva. Engasguei-me ligeiramente diante daquela visão, mas controlei-me e peguei a faca que acabara de ser esterilizada, ainda segurando a pálpebra para trás.

— Segure-o pelos ombros — disse a Geilie. — Não o deixe se mexer ou eu poderei cegá-lo.

A cirurgia em si era horrível de contemplar, mas surpreendentemente simples de executar. Fiz uma incisão rápida e pequena ao longo do canto interno da conjuntiva, levantei-a ligeiramente com a ponta da agulha e, quando o verme ondulou-se preguiçosamente pelo campo aberto, enfiei a ponta da agulha sob seu corpo e retirei-o, perfeito, como um pedaço de linha.

Reprimindo um estremecimento de nojo, joguei o verme fora com



um pequeno golpe. Ele atingiu a parede com um minúsculo estalo molhado e desapareceu nas sombras, sob o queijo.

Não houve nenhum sangue; após um pequeno debate comigo mesma, resolvi deixar a cargo dos próprios canais laminais do escravo que irrigassem a incisão. Esta teria que curar-se por si mesma; eu não tinha um material fino de sutura e o corte era suficientemente pequeno para não precisar de mais do que um ponto ou dois, de qualquer forma.

Prendi uma almofadinha de pano limpo sobre o olho fechado com uma atadura em volta da cabeça e recostei-me na cadeira, razoavelmente satisfeita com minha primeira incursão na medicina tropical.

— Ótimo — eu disse, afastando meus cabelos para trás. — Onde está o outro?

O paciente seguinte estava numa palhoça fora da cozinha, morto. Agachei-me ao lado do corpo, um homem de meia-idade com cabelos grisalhos, sentindo pena e indignação.

A causa da morte era mais do que óbvia: uma hérnia estrangulada. A alça de intestino contorcida, gangrenosa, projetava-se de um dos lados da barriga, a pele esticada sobre ela já tingida de verde, embora o próprio corpo ainda estivesse quente como se houvesse vida. Uma expressão de agonia imobilizara-se nas feições largas e os braços e pernas ainda estavam contorcidos, dando um testemunho infelizmente preciso do tipo de morte que ocorrera ali.

— Por que esperou? — Levantei-me, fitando Geilie com raiva. — Pelo amor de Deus, você me manteve tomando chá e conversando, enquanto isto aqui estava ocorrendo? Ele morreu há menos de uma hora, mas devia estar sofrendo há muito tempo... dias! Por que não me trouxe aqui imediatamente?

— Ele já parecia praticamente morto hoje de manhã — disse ela, sem se deixar perturbar pela minha agitação. Deu de ombros. — Já os vi assim antes; achei que não havia praticamente nada que você pudesse fazer. Não valia a pena se apressar.

Reprimi novas recriminações. Geilie tinha razão; eu poderia ter

operado, se tivesse chegado mais cedo, mas as chances de conseguir qualquer resultado eram mínimas ou inexistentes. Consertar a hérnia era algo que eu poderia ter conseguido; afinal, não era nada além de empurrar de volta a protuberância do intestino e juntar de novo as camadas rompidas de músculo abdominal com suturas; a infecção é que era o único perigo real. Mas depois que a alça de intestino que escapou se torce, de modo que o suprimento de sangue é cortado e o conteúdo começa a se putrefazer, o sujeito está condenado.

Mas deixar o homem morrer ali, naquela cabana abafada, sozinho... bem, talvez ele não achasse a presença de uma mulher branca um grande conforto, de qualquer modo. Ainda assim, senti uma obscura sensação de fracasso; a que eu sempre sentia na presença da morte. Limpei as mãos devagar num pano embebido em conhaque, procurando dominar meus sentimentos.

Um para o bem, o outro para o mal — e lan ainda tendo que ser encontrado.

— Já que estou aqui agora, talvez seja melhor eu dar uma olhada no resto dos seus escravos — sugeri. — Como medida de prevenção, sabe.

— Ah, eles estão bastante bem. — Geilie abanou a mão negligentemente. — Ainda assim, se quer se dar ao trabalho, fique à vontade. Mais tarde, porém; tenho uma visita hoje à tarde e gostaria de conversar mais com você primeiro. Vamos voltar para a casa agora, alguém cuidará disso. — Um breve sinal de cabeça para se desfazer “disso”, o corpo contorcido do escravo. Ela enfiou seu braço no meu, conduzindo-me para fora da palhoça e de volta para a cozinha com suaves movimentos de seu peso.

Na cozinha, desvencilhei-me dela, dirigindo-me à escrava grávida, agora de quatro no chão, esfregando as pedras do chão da lareira.

— Vá indo; quero dar uma olhada rápida nesta menina. Ela não me parece muito saudável... não vai querer que ela sofra um aborto, não é?

Geilie lançou-me um olhar intrigado, mas depois deu de ombros.

— Ela já deu cria duas vezes sem nenhum problema, mas você é a médica; sim, se essa é a sua ideia de diversão, vá em frente. Mas não demore muito; esse padre disse que viria às quatro horas.

Fingi examinar a mulher confusa, até que os babados e pregas do vestido de Geilie tivessem desaparecido na passagem que levava à casa.

— Ouça — eu disse. — Estou procurando um rapaz branco chamado Ian, sou tia dele. Sabe onde ele pode estar?

A jovem — não devia ter mais do que dezessete ou dezoito anos — parecia assustada. Pestanejou e lançou um rápido olhar a uma das mulheres mais velhas, que terminara seu trabalho e atravessava a cozinha para ver o que estava acontecendo.

— Não, madame — disse a mulher mais velha, sacudindo a cabeça. — Não há garotos brancos aqui. Absolutamente nenhum.

— Não, madame — repetiu a jovem obedientemente. — Não sabemos nada sobre seu garoto. — Mas ela não dissera isso no começo e evitou me olhar nos olhos.

Agora, as outras duas ajudantes de cozinha haviam se juntado à mulher mais velha, para dar-lhe apoio. Eu estava cercada por uma parede impenetrável de afável ignorância, sem nenhum modo de atravessá-la. Ao mesmo tempo, eu percebia uma corrente circulando entre as mulheres — um sentimento de aviso mútuo; de cautela e segredo. Podia ser apenas a reação natural ao súbito aparecimento de uma estranha branca em seus domínios — ou podia ser alguma coisa mais.

Eu não podia me demorar; Geilie voltaria para me procurar. Remexi rapidamente no bolso e retirei um florim de prata, que enfiei na mão da jovem.

— Se você vir Ian, diga-lhe que seu tio está aqui para encontrá-lo. — Sem esperar uma resposta, virei-me e saí apressadamente da cozinha.

Olhei para baixo, na direção do engenho de açúcar, quando atravessava a passagem. O moinho estava abandonado, os bois

pastando placidamente na grama alta na borda da clareira. Não havia sinal de Jamie nem do administrador; ele teria voltado para a casa?

Atravessei as portas que se abriam para a varanda, entrei no salão e parei. Geilie estava sentada em sua poltrona de vime, o casaco de Jamie no braço e as fotografias de Brianna espalhadas no colo. Ela ouviu meus passos e ergueu os olhos, uma sobranceira clara arqueada acima de um sorriso astuto.

— Uma bela moça, sem dúvida. Qual o nome dela?

— Brianna. — Meus lábios pareciam dormentes. Caminhei lentamente em sua direção, lutando contra a vontade de arrancar as fotos de suas mãos e correr.

— Parece-se muito com o pai, não é? Achei que ela me parecia familiar, aquela jovem alta, de cabelos ruivos, que eu vi naquela noite em Craigh na Dun. Ele realmente é o pai dela, não é? — Ela inclinou a cabeça em direção à porta por onde Jamie saía.

— Sim. Dê-me isso. — Não fazia diferença; ela já vira as fotos. Ainda assim, eu não podia suportar ver seus dedos grossos e brancos segurando o rosto de Brianna.

Sua boca torceu-se como se ela pretendesse recusar, mas ela ajeitou-as perfeitamente num retângulo e entregou-as a mim sem objeção. Segurei-as contra o peito por um instante, sem saber o que fazer com elas, depois as enfiei no bolso de minha saia.

— Sente-se, Claire. Já trouxeram o café. — Fez um sinal com a cabeça indicando a mesinha e a cadeira ao lado. Seus olhos me seguiram enquanto eu me dirigia à cadeira, vivos e calculistas.

Fez um gesto para que eu servisse o café para nós duas e pegou sua própria xícara sem uma palavra. Tomamos o café em silêncio por alguns instantes. A xícara tremeu em minhas mãos, derramando o líquido quente no meu pulso. Eu a coloquei de volta na mesinha, limpando a mão na saia e imaginando em algum escuro recesso de minha mente por que eu deveria ter medo.

— Duas vezes — disse ela, de repente. Olhava para mim com uma espécie de temor e admiração. — Santa Mãe de Deus, você

atravessou duas vezes! Ou melhor, três vezes, pois você está aqui agora. — Sacudiu a cabeça, admirada, sem desviar os brilhantes olhos verdes do meu rosto. — Como? — perguntou ela. — Como pôde fazer isso tantas vezes e sobreviver?

— Não sei. — Vi o olhar de puro ceticismo atravessar seu rosto e respondi a ele, defensivamente. — Não sei mesmo! Eu simplesmente... fui.

— Foi a mesma coisa para você? — Os olhos verdes haviam se transformado em fendas estreitas de concentração. — Como foi para você, a travessia? Não sentiu o terror? E o barulho, capaz de rachar seu crânio e explodir seu cérebro?

— Sim, foi assim. — Eu não queria falar sobre isso; não gostava nem de pensar na viagem através do tempo. Eu a bloqueara deliberadamente de minha mente, o rugido da morte e da dissolução e das vozes do caos que tentavam me atrair para elas.

— Você teve sangue para protegê-la ou pedras? Acho que você não teria coragem para sangue, mas talvez eu esteja enganada. Pois sem dúvida você é mais forte do que eu imaginava, para ter feito isso três vezes e sobrevivido.

— Sangue? — sacudi a cabeça, confusa. — Não. Nada. Eu lhe disse. Eu... fui. Só isso. — Lembrei-me, então, da noite em que ela atravessara as pedras, em 1968; o clarão das chamas em Craigh na Dun, e a figura contorcida, enegrecida, no centro da fogueira. — Greg Edgars — eu disse. O nome de seu primeiro marido. — Você não o matou simplesmente porque ele a desmascarou e tentou impedi-la, não é? Ele foi...

— O sangue, sim. — Ela me observava intensamente. — Eu não achava que pudesse ser feita a travessia, não sem o sangue. — Ela parecia estupefata. — Os antigos... eles sempre usavam sangue. Isso e o fogo. Construíam grandes gaiolas de vime, cheia de prisioneiros, e ateavam-lhes fogo nos círculos. Achei que era assim que eles abriam a passagem.

Eu sentia minhas mãos e meus lábios frios. Peguei a xícara para aquecê-los. Onde, em nome de Deus, estaria Jamie?

— E também não usou pedras?

Sacudi a cabeça.

— Que pedras?

Ela me olhou por um instante, debatendo consigo mesma se deveria me contar. Sua pequena língua rosada passou rapidamente sobre o lábio, depois ela balançou a cabeça, tomando uma decisão. Com um pequeno resmungo, ergueu-se da poltrona e dirigiu-se à enorme lareira na outra extremidade do aposento, acenando com a mão para que eu a seguisse.

Ajoelhou-se, com uma graciosidade surpreendente para uma pessoa com seu peso, e apertou uma pedra esverdeada, encaixada na moldura da lareira, a uns trinta centímetros do chão. A pedra deslocou-se ligeiramente e ouviu-se um clique, quando uma das ardósias da lareira levantou-se suavemente de seu lugar na argamassa.

— Um mecanismo de molas — explicou Geilie, levantando a ardósia cuidadosamente e deixando-a de lado. — Um dinamarquês chamado Leiven de St. Croix o fez para mim.

Ela enfiou a mão na cavidade embaixo e retirou uma caixa de madeira, de cerca de trinta centímetros de lado. Havia pálidas manchas marrons na madeira lisa, e a caixa parecia inchada e rachada, como se tivesse ficado submersa em água do mar algum dia. Mordi o lábio com força diante da aparência da caixa e torci para que a expressão do meu rosto não me denunciasse. Se eu tivera quaisquer dúvidas sobre o fato de Ian estar ali, elas desapareceram — pois ali, a menos que eu estivesse muito enganada, estava o tesouro das focas. Felizmente, Geilie não estava olhando para mim, mas para a caixa.

— Eu fiquei sabendo das pedras através de um indiano, um hindu de Calcutá — explicou ela. — Ele me procurou, em busca de figueira-brava, e me ensinou a fazer remédios de pedras preciosas.

Olhei por cima do meu ombro em busca de Jamie, mas não havia o menor sinal dele. Onde ele estaria? Teria encontrado Ian em algum lugar da fazenda?

— Você pode adquirir pedras preciosas em pó de um boticário em Londres — dizia ela, franzindo ligeiramente a testa enquanto empurrava a tampa de deslizar. — Mas geralmente são de péssima qualidade e as *bhasmas* não funcionam muito bem. O melhor é ter ao menos uma pedra semipreciosa, que eles chamam de *nagina*. Essa é uma pedra de bom tamanho que foi polida. Uma pedra de alta qualidade é lapidada, e sem nenhum defeito, de preferência, mas a maioria das pessoas não pode se dar ao luxo de transformá-las em cinzas. As cinzas da pedra são as *bhasmas* — explicou, virando-se para olhar para mim. — É o que se usa nos remédios. Tome, veja se consegue soltar esta tampa. Ela estragou na água do mar e os encaixes da tampa incham toda vez que o tempo está úmido, o que equivale a dizer sempre, nesta época do ano — acrescentou, fazendo uma careta por cima do ombro para as nuvens que encobriam a baía, bem lá embaixo.

Enfiou a caixa em minhas mãos e levantou-se pesadamente, resmungando com o esforço.

Era uma caixa chinesa tipo quebra-cabeça, percebi; bastante simples, com um pequeno painel deslizante que destrancava a tampa principal. O problema é que o painel menor havia inchado, ficara preso na fenda.

— Dá azar quebrar uma destas — observou Geillie, vendo minhas tentativas. — Caso contrário, eu simplesmente a estraçalhava e acabava logo com isso. Tome, talvez isto ajude. — Exibiu um pequeno canivete de madrepérola dos recessos de seu vestido e o entregou a mim, depois se dirigiu ao peitoril da janela e fez soar outro dos seus sinos de prata.

Forcei delicadamente o painel para cima com a lâmina do canivete. Senti quando ela se encaixou na madeira e então a torci cuidadosamente. Pouco a pouco, o pequeno retângulo de madeira desgarrou-se do lugar, até eu poder segurá-lo entre o polegar e o indicador e puxar até soltá-lo completamente.

— Pronto — eu disse, devolvendo-lhe a caixa com certa relutância. Era pesada e houve um inconfundível tinido metálico

quando a inclinei.

— Obrigada. — Quando a pegava, uma criada negra entrou pela porta mais distante. Geilie virou-se para mandar que a jovem trouxesse uma bandeja de tortinhas frescas e eu vi que ela enfiara a caixa sob as pregas de sua saia, escondendo-a. — Que criaturas abelhudas — disse ela, franzindo o cenho na direção das costas da criada que atravessava a porta. — É uma das dificuldades com escravos; é difícil manter segredos. — Ela colocou a caixa sobre a mesa e empurrou a tampa; com um pequeno e agudo guincho de protesto, a tampa deslizou para trás.

Ela enfiou a mão na caixa e retirou-a fechada. Sorriu maliciosamente para mim, cantarolando:

— A pequena Jackie Horner sentou-se no canto, comendo sua torta de Natal. Enfiou seu polegar na torta, retirou uma ameixa — abriu a mão com um floreio — ... e disse “Que boa menina eu sou!”.

Eu já as esperava, é claro, mas de qualquer modo não tive nenhuma dificuldade em parecer impressionada. A realidade de uma pedra preciosa é tanto mais imediata quanto mais surpreendente do que sua descrição. Seis ou sete delas faiscavam e cintilavam na palma de sua mão, fogo e gelo, o brilho de água azul ao sol e uma grande pedra dourada como o olho de um tigre à espreita.

Sem querer, aproximei-me o suficiente para olhar no centro de sua mão, fascinada. “Bastante grandes”, como Jamie as descrevera, com o característico talento escocês para minimizar os fatos.

— Eu as comprei pelo valor, para começar — dizia Geilie, remexendo nas pedras com satisfação. — Porque eram mais fáceis de carregar do que um grande peso em ouro ou prata, quero dizer; eu não sabia na época que outra utilidade poderiam ter.

— O quê, *bhasmas*? — A ideia de queimar qualquer uma daquelas pedras brilhantes, transformando-as em cinzas, parecia um sacrilégio.

— Ah, não, estas não. — Fechou a mão sobre as pedras, enfiou-a no bolso e levou-a de volta à caixa para pegar mais pedras.



Despejou uma pequena chuva de fogo líquido em seu bolso e deu umas pancadinhas de leve sobre ele, afetuosamente. — Não, tenho muitas pedras menores para isso. Estas são para outro fim.

Examinou-me especulativamente, depois sacudiu a cabeça em direção à porta no final da sala.

— Suba comigo ao meu gabinete de trabalho — disse ela. — Tenho algumas coisas lá que você talvez tenha interesse em ver.

“Interesse” era dizer pouco, pensei.

Era um aposento comprido, iluminado, com um balcão de um extremo ao outro de uma das paredes. Maços de ervas postas para secar penduravam-se de ganchos no alto e descansavam em prateleiras recobertas de gaze ao longo da parede interna. Armários e cômodas de gavetas cobriam o resto do espaço nas paredes, e havia uma pequena estante de livros, com portas de vidro, no final da sala.

O aposento me deu uma ligeira sensação de déjà-vu; após um instante, percebi que era porque ele se parecia muito com o gabinete de trabalho de Geilie na vila de Cranesmuir, na casa de seu primeiro marido — não, segundo, eu me corrigi, lembrando-me do corpo em chamas de Greg Edgars.

— Quantas vezes você se casou? — perguntei, curiosa. Ela começara a construir sua fortuna com o segundo marido, procurador fiscal do distrito onde viviam, falsificando sua assinatura para desviar dinheiro para si própria e, depois, assassinando-o. Bem-sucedida nesse modus operandi, imaginei que ela o usara de novo; Geilie Duncan era uma mulher de hábitos. Ela parou por um instante para contar.

— Ah, cinco, eu acho. Desde que vim para cá — acrescentou ela displicentemente.

— Cinco? — exclamei, um pouco fracamente. Não se tratava simplesmente de um hábito, eu diria; um verdadeiro vício.

— O ar dos trópicos é muito insalubre para os ingleses — disse ela, sorrindo maliciosamente para mim. — Febres, úlceras, estômagos inflamados; qualquer coisinha os leva desta para melhor.

— Ela evidentemente se preocupara com sua higiene oral; seus dentes ainda eram muito bons.

Estendeu a mão e acariciou levemente uma pequena garrafa na prateleira mais baixa. Não tinha rótulo, mas eu já vira arsênico branco, não processado, antes. No cômputo geral, fiquei satisfeita de não ter comido nada.

— Ah, você vai se interessar por isso — disse ela, olhando para uma botija na prateleira mais alta. Resmungando baixinho enquanto ficava na ponta dos pés, trouxe a botija para baixo e entregou-a a mim.

Continha um pó muito grosseiro, evidentemente uma mistura de várias substâncias, marrons, amarelas e pretas, pontuado com partículas de um material semitranslúcido.

— O que é?

— Veneno de zumbi — disse ela, e riu. — Achei que gostaria de ver.

— Hã? — eu disse, friamente. — Pensei que tivesse me dito que isso não existia.

— Não — corrigiu ela, ainda sorrindo. — Eu lhe disse que Hércules não estava morto; e ele não está. — Ela pegou a botija da minha mão e recolocou-a na prateleira. — Mas não há como negar que ele se torna muito mais maleável se toma uma dose desta substância uma vez por semana, misturada aos seus cereais.

— Que diabos é, afinal?

Ela deu de ombros.

— Um pouco disso e daquilo. O principal ingrediente parece ser um tipo de peixe, um animalzinho quadrado com pintas; de aspecto muito bizarro. Você tira a pele e a seca, bem como o fígado. Mas há algumas outras coisas que você adiciona, quisera saber o que são — acrescentou ela.

— Você não sabe o que isso contém? — Fitei-a, admirada. — Não foi você quem fez?

— Não. Eu tinha um cozinheiro — disse Geilie —, ou ao menos o venderam para mim como cozinheiro, mas pois sim que eu me

sentiria segura comendo qualquer coisa que saísse da cozinha daquele sonso diabo negro. Mas ele era um *houngan*.

— Um o quê?

— *Houngan* é como os negros chamam seus médicos feiticeiros. Embora, para ser correta, eu acho que Ishmael disse que sua gente o chamava de *oniseegun* ou algo assim.

— Ishmael, hein? — Umedeci meus lábios secos. — Ele já veio com este nome?

— Ah, não. Ele tinha um nome pagão, com seis letras, e o homem que o vendeu chamava-o de “Jimmy”, os leiloeiros chamam todos os machos de Jimmy. Eu lhe dei o nome de Ishmael por causa da história que o vendedor me contou sobre ele.

Ishmael fora tirado de um *barracoon* — um barracão onde os negros ficam confinados temporariamente enquanto aguardam para serem transportados — na Costa do Ouro da África, mais um num carregamento de seiscentos escravos de vilas da Nigéria e de Gana, entulhados no espaço entre os conveses do navio negreiro *Persephone*, com destino a Antígua. Ao atravessar a passagem Caicos, o *Persephone* foi surpreendido por uma ventania repentina e lançado nos recifes Hogsty, ao largo das ilhas Great Inagua. O navio se partiu, quase não dando tempo de a tripulação escapar nos barcos.

Os escravos, acorrentados e indefesos nos porões, afogaram-se. Todos menos um homem que antes havia sido tirado do porão para ajudar na cozinha, já que os dois auxiliares do cozinheiro haviam morrido de varíola no trajeto da África. Esse homem, que a tripulação do navio deixou para trás, conseguiu sobreviver ao naufrágio agarrando-se a um barril de bebida, que flutuou para uma praia de Great Inagua dois dias depois.

Os pescadores que descobriram o sobrevivente ficaram mais interessados em seu meio de salvação do que propriamente no escravo. No entanto, quando abriram o barril, ficaram chocados e horrorizados ao descobrir o corpo de um homem, mal preservado pela bebida em que fora mergulhado.

— Imagino se beberam o crème de menthe assim mesmo — murmurei, observando para mim mesma que a avaliação feita pelo sr. Overholt das afinidades alcoólicas dos marinheiros era bastante correta.

— Imagino que sim — disse Geilie, ligeiramente aborrecida por ter sua história interrompida. — De qualquer forma, quando soube da história, eu o chamei de Ishmael na mesma hora. Por causa do caixão flutuante, hein?

— Muito inteligente — felicitei-a. — Hã... e descobriram quem era o homem no barril?

— Acho que não. — Ela deu de ombros displicentemente. — Deram-no para o governador da Jamaica, que mandou colocá-lo num recipiente de vidro com nova bebida, como curiosidade.

— *O quê?! — exclamei, incrédula.*

— Bem, não exatamente o corpo do homem, mas uns fungos estranhos que cresciam nele — explicou Geilie. — O governador é apaixonado por coisas assim. Quero dizer, o ex-governador. Ouvi dizer que há um novo agora.

— Sim — eu disse, sentindo uma ligeira tontura. No geral, achei que o ex-governador se qualificava melhor como curiosidade do que o homem morto.

Ela estava de costas para mim, enquanto abria as gavetas e as esquadrihava. Respirei fundo, esperando manter um tom descontraído na voz.

— Esse Ishmael parece um tipo interessante. Você ainda o tem?

— Não — respondeu ela com indiferença. — O maldito negro fugiu. Mas foi ele quem fez o veneno de zumbi para mim. Não quis me dizer como, não importa o que eu lhe fizesse — acrescentou, com uma risada curta, sem humor, e eu tive uma lembrança vívida e repentina das marcas de açoite nas costas de Ishmael. — Ele disse que não era adequado que mulheres preparassem remédios, somente homens podiam fazê-lo. Ou as mulheres muito velhas, depois que tivessem parado de menstruar. Humpf!

Fez um muxoxo e enfiou a mão no bolso, retirando um punhado

de pedras preciosas.

— Bem, eu a trouxe aqui em cima para lhe mostrar outra coisa.

— Cautelosamente, ela arrumou cinco das pedras num círculo irregular sobre a bancada. Em seguida, tirou de uma prateleira um livro grosso, com uma capa surrada de couro. — Sabe ler alemão? — perguntou ela, abrindo-o com cuidado.

— Não muito bem, não — disse. Aproximei-me, para olhar por cima de seu ombro. *Hexenhammer*, dizia, numa elegante letra manuscrita.

— Martelo das bruxas? — perguntei. Ergui uma das sobrancelhas. — Feitiços? Magia?

O ceticismo em minha voz deve ter sido óbvio, porque ela me fitou por cima do ombro.

— Olhe, sua tola — disse ela. — Quem você é? Ou melhor, o que você é?

— O que eu sou? — eu disse, espantada.

— Isso mesmo. — Virou-se e apoiou-se contra a bancada, examinando-me através de olhos apertados. — O que você é? Ou eu? O que nós somos?

Abri a boca para responder, depois fechei outra vez.

— Isso mesmo — disse ela à meia-voz, observando-me. — Não é qualquer um que pode atravessar as pedras, é? Por que nós?

— Não sei — eu disse. — Nem você, garanto. Com certeza não significa que sejamos bruxas!

— Não mesmo? — Levantou uma das sobrancelhas e virou várias páginas do livro. — Algumas pessoas podem deixar seus corpos e viajar a quilômetros de distância — disse ela, fitando a página pensativamente. — Outras pessoas as veem, vagando, e as reconhecem, e você pode provar que na verdade elas estavam confortavelmente enfiadas na cama naquela hora. Eu vi os registros, todos os depoimentos das testemunhas. Algumas pessoas têm os estigmas que você pode ver e tocar, eu já vi uma. Mas nem todo mundo. Apenas certas pessoas. — Virou outra página. — Se todos podem fazer, é ciência. Se apenas algumas poucas podem, é

magia, ou superstição, ou como quiser chamar — disse ela. — Mas é real. — Ergueu o rosto para mim, os olhos verdes e brilhantes como os de uma cobra por cima do livro antigo. — Nós somos reais, Claire, você e eu. E especiais. Você nunca se perguntou por quê?

Eu me perguntara. Inúmeras vezes. Mas nunca obtivera uma resposta razoável à pergunta. Evidentemente, Geilie achava que tinha uma.

Ela retornou às pedras que espalhara sobre a bancada e apontou para cada uma delas.

— Pedras de proteção: ametista, esmeralda, turquesa, lápis-lazúli e um rubi macho.

— Um rubi *macho*?

— Pliny diz que os rubis têm sexo. Quem sou eu para contestar? — disse ela impacientemente. — Mas são as pedras masculinas que se usa. As femininas não funcionam.

Reprimi a vontade de perguntar como uma pessoa pode determinar o sexo dos rubis a favor de outra pergunta:

— Não funcionam para o *quê*?

— Para a viagem no tempo — disse ela, olhando-me com curiosidade. — Através das pedras. Elas a protegem contra... o que quer que haja lá. — Seus olhos anuviaram-se ligeiramente à lembrança da travessia no tempo, e eu compreendi que ela sentia um medo mortal da viagem. Não era de admirar, eu também.

— De quando você veio? Na primeira vez? — Seus olhos fitavam intensamente os meus.

— De 1945 — eu disse devagar. — Vim para 1743, se é isso que você quer dizer. — Eu hesitava em lhe contar muito; ainda assim, minha própria curiosidade era incontrolável. Geilie tinha razão em um aspecto, ela e eu éramos diferentes. Eu poderia nunca mais ter a chance de conversar com alguém que soubesse o que ela sabia. Na verdade, quanto mais tempo eu a fizesse falar, mais tempo Jamie teria para procurar Ian.

— Hummm. — Ela resmungou, satisfeita. — Bem perto. São duzentos anos, nas lendas das Terras Altas, quando as pessoas

adormecem em colinas de fadas e terminam dançando a noite toda com o Povo Antigo; geralmente, eles voltam ao seu próprio local duzentos anos depois.

— Mas não foi o que aconteceu com você. Você veio de 1968, mas já estava em Cranesmuir há vários anos antes de eu chegar lá.

— Cinco anos, sim. — Ela balançou a cabeça, distraída. — Sim, bem, isso foi o sangue.

— Sangue?

— O sacrifício — disse ela, repentinamente impaciente. — O sangue lhe dá um âmbito maior. E ao menos um pouco de controle, de modo que você tenha alguma noção do período de tempo a que está voltando. Como é que você foi e voltou três vezes, sem sangue? — perguntou.

— Eu... simplesmente vim. — A necessidade de descobrir o máximo que eu pudesse me fez acrescentar o pouco mais que eu sabia. — Eu acho... acho que tem algo a ver com ser capaz de fixar sua mente em determinada pessoa que vive no tempo para o qual você viaja.

Seus olhos estavam quase redondos de interesse.

— De fato — disse ela à meia-voz. — Agora que eu penso nisso. — Sacudiu a cabeça devagar, pensando. — Hummm. Pode ser. Ainda assim, as pedras devem funcionar bem. Há padrões que se faz, com pedras diferentes, sabe.

Retirou outro punhado de pedras brilhantes do bolso e espalhou-as na superfície de madeira, tocando-as.

— As pedras de proteção são as pontas do pentáculo — explicou ela, absorta em sua arrumação —, mas dentro dele você forma o padrão com pedras diferentes, dependendo da direção que você pretenda tomar, e até quando. E coloca uma linha de mercúrio entre elas e a acende enquanto fala as palavras mágicas. E, naturalmente, você desenha o pentáculo com pó de diamante.

— Claro — murmurei, fascinada.

— Sente o cheiro? — disse ela, erguendo o rosto por um instante e cheirando o ar. — Você não imaginaria que as pedras têm

um cheiro próprio, não é? Mas têm, quando são moídas e transformadas em pó.

Inspirei profundamente e realmente percebi um cheiro fraco, diferente, entre os aromas de ervas secas. Era um cheiro seco, agradável, mas indescritível: o cheiro de pedras preciosas.

Ela segurou no alto uma determinada pedra com um gritinho de alegria.

— Esta aqui! É desta que eu preciso; não consegui encontrar uma em nenhum lugar nas ilhas e finalmente lembrei-me da caixa que eu deixara na Escócia. — A pedra que ela segurava era um cristal negro; a luz que penetrava pela janela atravessava-o e ele cintilava como um pedaço de azeviche entre seus dedos alvos.

— O que é?

— Um adamantano, um diamante negro. Os antigos alquimistas usavam-no. Os livros dizem que usar um adamantano lhe dá o conhecimento da alegria em tudo que existe. — Ela riu, um som curto, penetrante, isento de seu costumeiro encanto jovial. — Se alguma pedra pode trazer o conhecimento da alegria nessa passagem através das pedras, eu quero uma!

Algo começava a fazer sentido para mim, um pouco tardiamente. Em defesa da minha lentidão, só posso argumentar que eu estava simultaneamente ouvindo Geilie e mantendo um ouvido alerta a qualquer sinal de Jamie, retornando à sala embaixo.

— Você pretende voltar, então? — perguntei, o mais naturalmente possível.

— Creio que sim. — Um leve sorriso brincou nos cantos de sua boca. — Agora que tenho tudo de que preciso. Vou lhe dizer, Claire, eu não me arriscaria sem isso. — Olhou-me fixamente, sacudindo a cabeça. — Três vezes, sem nenhum sangue — murmurou ela. — Então pode ser feito. Bem, é melhor descermos agora — disse ela, repentinamente ativa; juntou as pedras e jogou-as de volta no bolso. — A raposa já deve estar de volta... Fraser, é o nome dele, não? Achei que Clotilda tivesse dito outra coisa, mas a idiota deve ter entendido errado.



Quando percorríamos o longo gabinete de trabalho, algo pequeno e marrom atravessou na minha frente. Geilie foi rápida, apesar do seu tamanho; seu pequeno pé pisou com força sobre a lacraia antes que eu pudesse reagir.

Ela observou o bicho semiesmagado contorcer-se no assoalho por um instante, depois se abaixou e deslizou uma folha de papel por baixo dele. Trazendo-o na folha, despejou a lacraia em um frasco de vidro.

— Você não quer acreditar em bruxas e zumbis e coisas assustadoras? — disse ela, com um sorriso furtivo para mim. Fez um sinal com a cabeça em direção à lacraia, que lutava sem parar em círculos frenéticos e desequilibrados. — Bem, as lendas são animais de muitas pernas, não é? Mas geralmente têm pelo menos um pé na verdade.

Pegou uma botija de vidro marrom transparente e despejou o líquido no frasco da lacraia. O cheiro penetrante de álcool ergueu-se no ar. A lacraia, levada pela onda de álcool, esperneou loucamente por um instante, depois caiu no fundo do recipiente, as pernas movendo-se espasmodicamente. Ela fechou o frasco com cuidado e virou-se para ir embora.

— Você me perguntou por que eu achava que podemos passar pelas pedras — eu disse às suas costas. — Sabe por quê, Geilie? — Ela me olhou por cima do ombro.

— Ora, para mudar as coisas — disse ela, parecendo surpresa. — Por que mais seria? Vamos, estou ouvindo seu homem lá embaixo.

O que quer que Jamie andara fazendo, fora trabalho pesado; sua camisa estava molhada de suor e grudada nos ombros. Ele deu meia-volta quando entramos na sala e eu vi que ele andara examinando a caixa de madeira que Geilie deixara sobre a mesa. Era óbvio por sua expressão que eu estava correta em minha suspeita — era de fato a caixa que ele encontrara na ilha das focas.

— Acredito que consegui consertar seu moinho de açúcar,

madame — disse ele, curvando-se educadamente numa mesura para Geilie. — O cilindro estava rachado, e seu administrador e eu conseguimos calçá-lo com cunhas. Ainda assim, receio que logo vai precisar de um novo.

Geilie arqueou as sobrancelhas, achando graça.

— Bem, fico-lhe agradecida, sr. Fraser. Posso lhe oferecer um lanche depois de todo o seu trabalho? — Sua mão pairou acima da fileira de sinos, mas Jamie sacudiu a cabeça, pegando seu casaco do sofá.

— Muito obrigado, madame, mas receio que tenhamos que partir. É uma boa distância até Kingston e precisamos iniciar a viagem de volta se quisermos chegar antes de anoitecer. — Seu rosto ficou repentinamente pálido e compreendi que ele devia ter apalpado o bolso do casaco e percebido que as fotografias não estavam lá.

Olhou rapidamente para mim e eu fiz um breve sinal com a cabeça, tocando a lateral da minha saia, onde elas estavam.

— Muito obrigado por sua hospitalidade — eu disse, pegando meu chapéu e dirigindo-me à porta com vivacidade. Agora que Jamie retornara, tudo que eu queria era me afastar da Mansão da Rosa e de sua dona o mais rápido possível. Jamie, entretanto, demorou-se um pouco mais.

— Eu estava pensando, sra. Abernathy, já que mencionou ter vivido em Paris durante algum tempo, se por acaso teria conhecido um cavalheiro do meu próprio círculo. Por acaso, você conhecia o duque de Sandringham?

Ela inclinou a cabeça loura para ele interrogativamente, mas como ele não dizia mais nada, ela confirmou.

— Sim, eu o conheci. Por quê?

Jamie deu-lhe seu sorriso mais encantador.

— Por nenhuma razão em particular, madame. Só uma curiosidade, pode-se dizer.

O céu estava completamente nublado quando atravessamos o portão e ficou claro que não iríamos conseguir voltar a Kingston sem

ficarmos encharcados. Nas atuais circunstâncias, eu não me importava.

— As fotos de Brianna estão com você? — Foi a primeira pergunta que Jamie fez, freando o cavalo por um instante.

— Bem aqui. — Bati no meu bolso. — Encontrou algum sinal de Ian?

Ele olhou para trás por cima do ombro, como se receasse que estivéssemos sendo seguidos.

— Não consegui nada com o administrador nem com os escravos, eles morrem de medo da mulher e não os censuro por isso. Mas sei onde ele está — declarou ele com grande satisfação.

— Onde? Podemos voltar furtivamente e resgatá-lo? — Ergui-me ligeiramente em minha sela, olhando para trás; o telhado de ardósia da Mansão da Rosa era tudo que podia ser visto acima do topo das árvores. Eu relutaria muito em colocar os pés naquele lugar outra vez, exceto por Ian.

— Agora não. — Jamie segurou minhas rédeas, virando a cabeça do cavalo de volta para a trilha. — Vou precisar de ajuda.

Sob o pretexto de encontrar material para consertar a prensa de açúcar danificada, Jamie conseguira ver a maior parte da plantação numa área de quatrocentos metros da casa, inclusive um agrupamento de cabanas de escravos, os estábulos, um barracão de secagem de fumo que estava abandonado e o prédio que abrigava o engenho de açúcar. A todo lugar que foi, não sofreu nenhuma interferência além de olhares curiosos ou hostis — exceto perto do engenho.

— Aquele sujeito negro enorme que veio até a varanda estava sentado no terreno do lado de fora — disse ele. — Quando me aproximei muito dele, o administrador ficou muito nervoso; não parava de me chamar, avisando-me para não chegar perto demais do sujeito.

— Parece mesmo uma ideia excelente — eu disse, estremecendo ligeiramente. — Não chegar muito perto dele, quero dizer. Mas você acha que ele tem algo a ver com Ian?

— Ele estava sentado diante de uma pequena porta fixa no chão, Sassenach. — Jamie conduziu seu cavalo com habilidade, desviando de um tronco de árvore caído no caminho. — Deve levar a um porão sob o engenho de açúcar. — O sujeito não se mexeu nem um centímetro durante todo o tempo que Jamie conseguiu ficar por perto do engenho. — Se Ian estiver na fazenda, é ali que ele está.

— Tenho quase certeza de que ele está lá. — Contei-lhe rapidamente os detalhes da minha visita, inclusive a breve conversa com as escravas da cozinha. — Mas o que vamos fazer? — concluí. — Não podemos simplesmente deixá-lo lá. Afinal, não sabemos o que Geillis quer com ele, mas não pode ser nada de bom, se ela não admite que ele está lá, não é?

— Nada de bom mesmo — concordou ele, o rosto sombrio. — O administrador recusou-se a falar comigo sobre Ian, mas contou-me outras coisas que iriam encaracolar seus cabelos, se já não fossem cacheados como lã de ovelha. — Olhou para mim e um breve sorriso iluminou seu rosto, apesar de sua óbvia preocupação. — A julgar pelo estado de seu cabelo, Sassenach, eu diria que vai chover dentro de muito pouco tempo.

— Muito observador — eu disse sarcasticamente, tentando em vão enfiar para dentro os cachos e mechas encaracoladas que haviam se soltado de baixo do meu chapéu. — O fato de o céu estar negro como piche e o ar cheirar a relâmpagos não tem nada a ver com suas conclusões, é claro.

As folhas das árvores ao nosso redor vibravam como borboletas presas aos galhos, conforme a tempestade avançava em nossa direção, subindo pela encosta da montanha. Da pequena elevação onde nos encontrávamos, eu podia ver as nuvens da tormenta entrarem aceleradas na baía lá embaixo, com uma escura cortina de chuva pendurada sob elas como um véu.

Jamie ergueu-se em sua sela, examinando o terreno. Para meu olho pouco treinado, nossa vizinhança parecia uma selva sólida e impenetrável, mas outras possibilidades eram visíveis para um

homem que vivera nos urzais por sete anos.

— É melhor encontrarmos algum abrigo enquanto podemos, Sassenach — disse ele. — Siga-me.

A pé, conduzindo os cavalos, abandonamos o caminho estreito e entramos na floresta, seguindo o que Jamie dissera ser uma trilha de porcos selvagens. Dentro de poucos instantes, ele encontrara o que procurava; um riacho que cortava fundo o solo da floresta, com uma margem íngreme, coberta de samambaias e arbustos escuros e lustrosos, entremeados por arbustos mais finos.

Mandou-me juntar samambaias, cada folha do comprimento do meu braço, e quando retornei com o máximo que conseguia carregar, ele já erguera a estrutura de um bom abrigo, formado por um arco dos arbustos vergados, amarrados a um tronco caído e cobertos com galhos cortados dos arbustos próximos. Com um telhado apressadamente armado com as folhas de samambaias espalhadas, não era inteiramente à prova d'água, mas muito melhor do que ser surpreendido a céu aberto. Dez minutos depois, estávamos dentro do abrigo, a salvo.

Houve um momento de absoluta quietude e silêncio depois que o vento que vinha à frente da tormenta passou por nós. Nenhum pássaro cantava, nenhum inseto zumbia; eram tão bem equipados quanto nós para prever a chuva torrencial. Algumas gotas grandes caíram, espatifando-se na folhagem com um som explosivo como estalidos de galhos quebrados. Em seguida, a tempestade irrompeu.

As pancadas de chuva do Caribe são repentinas e vigorosas. Nada daquela chuvinha nebulosa e persistente de uma garoa de Edimburgo. Os céus escurecem e se rompem, despejando um aguaceiro em questão de um minuto. Enquanto a chuva durar, a conversa é impossível e uma névoa fina ergue-se do solo como vapor, produzido pela força dos pingos batendo no chão.

A chuva golpeava as folhas de samambaia acima de nós e uma neblina fraca encheu as sombras verdes de nosso abrigo. Com o clangor da chuva e os trovões constantes que estrondavam entre as colinas, era impossível conversar.

Não fazia frio, mas havia um vazamento no telhado, que gotejava incessantemente no meu pescoço. Não havia espaço para mudar de lugar; Jamie tirou o casaco e colocou-o em meus ombros, depois passou o braço ao meu redor, para esperarmos a tempestade passar. Apesar da terrível algazarra lá fora, senti-me repentinamente segura e tranquila, aliviada da tensão das últimas horas, dos últimos dias. Ian praticamente fora encontrado e nada poderia nos atingir ali.

Apertei sua mão livre; ele sorriu para mim, em seguida inclinou-se e me beijou delicadamente. Ele exalava um frescor e um cheiro de terra, perfumado pela seiva dos galhos que cortara e por seu próprio suor saudável.

Já estava quase terminado, pensei. Havíamos encontrado Ian e, com a ajuda de Deus, conseguiríamos resgatá-lo são e salvo muito em breve. E depois? Teríamos que deixar a Jamaica, mas havia outros lugares e o mundo era grande. Havia as colônias francesas de Granada e Martinica, a ilha de Eleuthera, dominada pelos holandeses; talvez nos aventurássemos até o continente — com ou sem canibais. Desde que eu tivesse Jamie, não tinha medo de nada.

A chuva parou tão bruscamente quanto começara. Alguns pingos caíam aqui e ali, das árvores e arbustos, com um tamborilar que fazia eco à reverberação deixada em meus ouvidos pelos estrondos da trovada. Uma brisa leve e fresca subia o leito do rio, levando embora a umidade, erguendo os cachos úmidos do meu pescoço com um delicioso frescor. Os pássaros e insetos recomeçaram seus sons, aos poucos, depois a plena voz, e o próprio ar parecia dançar com uma vivacidade verde.

Remexi-me e suspirei, forçando-me a levantar e tirando o casaco de Jamie.

— Sabe, Geilie me mostrou uma pedra especial, um diamante negro chamado adamantano — eu disse. — Ela disse que é uma pedra que os alquimistas usavam; ela dá o conhecimento da alegria em todas as coisas. Acho que deve haver uma aqui neste lugar.

Jamie sorriu para mim.

— Eu não ficaria nem um pouco surpreso, Sassenach — disse ele. — Tome, seu rosto está todo molhado.

Enfiou a mão no casaco para pegar um lenço, e parou.

— As fotografias de Brianna — disse ele repentinamente.

— Ah, eu me esqueci. — Enfiei a mão no bolso e devolvi-lhe as fotos. Ele as pegou e examinou-as rapidamente, em seguida parou e examinou-as outra vez, mais devagar. — O que houve? — perguntei, repentinamente assustada.

— Está faltando uma foto — disse ele calmamente. Senti um inexprimível terror começar a crescer na boca do meu estômago e a alegria do momento anterior começou a desaparecer.

— Tem certeza?

— Eu as conheço tão bem quanto conheço seu rosto, Sassenach — disse ele. — Sim, tenho certeza. É aquela em que ela está junto a uma fogueira.

Eu me lembrava bem da fotografia; mostrava Brianna já adulta, sentada em uma pedra, ao ar livre, junto à fogueira de um acampamento. Seus joelhos estavam dobrados, os cotovelos sobre eles, e ela olhava diretamente para a câmera, mas sem o conhecimento de sua presença, o rosto repleto de sonhos iluminados pelo fogo, os cabelos esvoaçando para trás.

— Geilie deve ter pegado. Ela encontrou as fotos em seu casaco enquanto eu estava na cozinha, e eu as tirei dela. Deve tê-la roubado nessa hora.

— Mulher desgraçada! — Jamie voltou-se abruptamente para olhar a estrada, os olhos turvos de raiva. Agarrava as fotos restantes com força. — O que ela quer?

— Talvez seja apenas curiosidade — eu disse, mas a sensação de terror não se dissipou. — O que ela poderia fazer com a foto, afinal de contas? Não é provável que a mostre a ninguém... quem viria aqui?

Como em resposta a essa pergunta, a cabeça de Jamie ergueu-se de repente e ele agarrou meu braço, num comando para que eu

ficasse em silêncio. A certa distância abaixo, uma curva da estrada era visível através do mato, uma vereda de terra amarelada. Ao longo dessa linha, vinha uma figura subindo penosamente a cavalo, um homem vestido de preto, pequeno e escuro como uma formiga a essa distância.

Então, lembrei-me do que Geilie dissera. *Estou esperando uma visita.* E mais tarde: *O padre disse que viria às quatro horas.*

— É um padre, algum tipo de sacerdote — eu disse. — Ela disse que estava à sua espera.

— É Archie Campbell — disse Jamie, com uma expressão soturna. Que diabos... talvez eu não deva usar essa expressão em particular, com relação à sra. Duncan.

— Talvez ele tenha vindo exorcizá-la — sugeri, com uma risada nervosa.

— Se for isso, ele é talhado para o serviço. — A figura angulosa desapareceu no meio das árvores, mas somente depois de vários minutos Jamie considerou o caminho livre.

— O que planeja fazer a respeito de Ian? — perguntei, depois que voltamos à estrada.

— Vou precisar de ajuda — respondeu ele energicamente. — Pretendo subir o rio com Innes e MacLeod e o resto do pessoal. Há um lugar de desembarque, não muito longe do engenho. Deixamos o barco lá, seguimos por terra e cuidamos do Hércules... e do Atlas também, se ele resolver causar problema... abrimos o portão, pegamos Ian e debandamos. Vai ser lua nova dentro de dois dias, quisera que fosse antes, mas vamos levar mais ou menos esse tempo para conseguir um barco adequado e todas as armas de que vamos precisar.

— Usando o que como dinheiro? — perguntei sem rodeios. Os gastos com roupas e sapatos novos haviam levado uma porção substancial da parte de Jamie do lucro com o guano de morcego. O que restara nos manteria por algumas semanas e provavelmente seria suficiente para alugar um barco por um ou dois dias, mas não daria para comprar grandes quantidades de armas.



Nem pistolas nem espadas eram fabricadas na ilha; todas as armas eram importadas da Europa e, conseqüentemente, eram caras. O próprio Jamie possuía duas pistolas que haviam pertencido ao capitão Raines; os escoceses não tinham nada além de suas facas de peixe e um ou outro alfanje — insuficientes para uma incursão armada.

Ele fez uma leve careta, depois me olhou de esguelha.

— Vou ter que pedir ajuda a John — disse ele simplesmente. — Não acha?

Continuei cavalgando em silêncio por alguns instantes, depois assenti com um movimento da cabeça.

— Acho que será necessário. — A ideia não me agradava, mas não era uma questão de eu gostar ou não; era a vida de Ian. — Uma coisa, porém, Jamie...

— Sim, eu sei — disse ele, resignado. — Você quer vir comigo, não é?

— Sim — eu disse, sorrindo. — Afinal, e se Ian estiver ferido, ou doente, ou...

— Sim, sim, você pode vir! — disse ele, um pouco impaciente. — Só me faça um pequeno favor, Sassenach. Tente com todas as forças não ser morta ou cortada em pedaços, sim? É difícil para a sensibilidade de um homem.

— Vou tentar — eu disse, com ar grave. E, cutucando meu cavalo para mais perto da montaria dele, prosseguimos lado a lado em direção a Kingston, pelo meio das árvores gotejantes.

**61**

A FOGUEIRA DO CROCODILO

**H**avia um surpreendente tráfego no rio à noite. Lawrence Stern, que insistira em acompanhar a expedição, disse-me que a maioria das fazendas situadas no alto das colinas usava o rio como sua principal ligação com Kingston e com o porto; as estradas eram execráveis ou inexistentes, engolidas pela vegetação luxuriante a cada nova estação chuvosa.

Eu esperara que o rio estivesse deserto, mas passamos por duas pequenas embarcações e uma balsa que desciam o largo curso d'água, enquanto lutávamos para subir a correnteza, com a vela a todo o pano. A balsa, uma chata escura e imensa, com pilhas bem altas de barris e fardos, passou por nós como um iceberg negro, imenso, sombrio e ameaçador. As vozes abafadas dos escravos que a impulsionavam com varas atravessaram a água, conversando serenamente numa língua estrangeira.

— Foi muita gentileza sua ter vindo, Lawrence — disse Jamie. Tínhamos um barco aberto, pequeno, de um único mastro, que mal conseguia levar Jamie, eu, os seis contrabandistas e Stern. Apesar do espaço apertado, sentia-me agradecida pela companhia de Stern; ele tinha uma qualidade fleumática, serena, que era muito reconfortante nas atuais circunstâncias.

— Bem, confesso que vim movido por uma certa curiosidade — disse Stern, abanando a frente de sua camisa para refrescar o corpo suado. No escuro, tudo que eu podia ver dele era uma mancha branca em movimento. — Eu já me encontrei com essa senhora antes.

— A sra. Abernathy? — Parei, depois perguntei delicadamente: — Hã... o que acha dela?

— Ah... mostrou-se uma mulher muito agradável, muito... amável.

Escuro do jeito que estava, eu não podia ver seu rosto, mas sua voz tinha um tom estranho, em parte envaidecido, em parte envergonhado, que me dizia que ele achara a viúva Abernathy realmente atraente. De onde concluí que Geilie quis alguma coisa deste naturalista; eu nunca a vira tratar nenhum homem com consideração, a não ser em prol de seus próprios interesses.

— Onde você a conheceu? Na casa dela? — Segundo os participantes do baile do governador, a sra. Abernathy raramente ou nunca saía de sua fazenda.

— Sim, na Mansão da Rosa. Eu parei ali para pedir permissão de coletar um tipo raro de besouro, um da família *Cucurlionidae*, que eu encontrara perto de uma mina d'água na fazenda. Ela me convidou para entrar e... me recebeu muito bem. — Desta vez, houve um tom definitivo de autossatisfação em sua voz. Jamie, manobrando a cana do leme ao meu lado, ouviu a conversa e fez um muxoxo.

— O que ela queria de você? — perguntou ele, sem dúvida tendo tirado conclusões semelhantes às minhas sobre as motivações e o comportamento de Geilie.

— Ah, ela se mostrou muito interessada em espécimes da flora e da fauna que eu coletara na ilha; ela me perguntou sobre a localização e o uso de várias ervas diferentes. Ah, e sobre os outros lugares por onde eu andara. Estava particularmente interessada em minhas histórias sobre Hispaniola. — Ele suspirou, momentaneamente arrependido. — É difícil acreditar que uma mulher tão adorável esteja metida em atos tão condenáveis como os que você descreveu, Jamie.

— Adorável, hein? — disse Jamie secamente, mas com humor. — Ficou um pouco enamorado, não, Lawrence?

A voz de Lawrence reproduziu o sorriso de Jamie.

— Há uma espécie de mosca carnívora que eu observei, Jamie. O macho, ao escolher uma fêmea para cortejar, esforça-se para lhe levar um pouco de carne ou outra presa, perfeitamente envolvida num pequeno pacote de seda. Enquanto a fêmea está absorvida em

abrir o pacote, ele salta em cima dela, realiza seus deveres de acasalamento e foge. Porque se ela terminar sua refeição antes de ele ter terminado suas próprias atividades, ou se ele for descuidado e não lhe trazer nenhuma guloseima, ela o devora. — Ouviu-se uma risada na escuridão. — Não, foi uma experiência interessante, mas acho que não vou mais visitar a sra. Abernathy.

— Não se formos bem-sucedidos, não — concordou Jamie.

Os homens deixaram-me na margem do rio, tomando conta do barco, e desapareceram na escuridão, com instruções de Jamie para que eu não saísse dali. Eu tinha uma pistola preparada, que me fora entregue com a estrita injunção de não atirar no meu próprio pé. O peso da arma era reconfortante, mas à medida que os minutos se arrastavam no silêncio negro, comecei a achar a escuridão e a solidão cada vez mais opressivas.

De onde estava, eu podia ver a casa, uma forma alongada, retangular, com apenas três janelas térreas iluminadas; era o salão, pensei, e me perguntei por que não havia nenhum sinal de atividade dos escravos. Entretanto, enquanto eu observava, vi uma sombra atravessar uma das janelas iluminadas e meu coração saltou até a boca.

Não era a sombra de Geilie, por mais que eu desse asas à imaginação. Era alta, magra e estranhamente angulosa.

Olhei desesperadamente à minha volta, queria avisá-los; mas era tarde demais. Todos os homens já estavam fora do alcance da minha voz, dirigindo-se ao engenho. Hesitei por um instante, mas realmente não havia mais nada a fazer. Amarrei minhas saias na altura dos joelhos e entrei na escuridão.

Quando cheguei à varanda, estava molhada de suor e meu coração batia com tanta força que abafava todos os outros sons. Aproximei-me silenciosamente da janela mais próxima e deslizei junto à parede, tentando espreitar o interior da sala sem ser vista de dentro.

Tudo estava tranquilo e em ordem na sala. Havia um fogo baixo

na lareira e o clarão das chamas refletia-se no assoalho polido. A escrivaninha de jacarandá de Geilie estava descoberta, a prateleira interna estava coberta de pilhas de papéis manuscritos e o que pareciam ser livros muito antigos. Eu não via ninguém na sala, mas também não conseguia ver o aposento inteiro.

Minha pele arrepiava-se de imaginação, pensando no Hércules de olhos mortos, silenciosamente me espreitando na escuridão. Continuei me esgueirando pela varanda, olhando por cima do ombro a cada dois passos.

Havia uma estranha sensação de abandono no lugar naquela noite. Não se ouvia nenhuma das vozes amortecidas dos escravos presentes em minha visita anterior, murmurando uns com os outros enquanto prosseguiam com suas tarefas. Mas isso podia não significar nada, eu disse a mim mesma. A maioria dos escravos parava de trabalhar e se recolhia aos seus alojamentos ao anoitecer. Ainda assim, não deveria haver criados na casa para alimentar o fogo e trazer comida da cozinha?

A porta da frente estava aberta. Pétalas caídas da roseira amarela salpicavam os degraus da porta, brilhando como antigas moedas de ouro à luz fraca da entrada.

Parei, escutando. Achei ter ouvido um leve farfalhar dentro do salão, como o ruído de alguém virando as páginas de um livro, mas não podia ter certeza. Reuni toda a coragem que podia e atravessei a soleira da porta.

A sensação de abandono era mais pronunciada ali. Havia sinais inconfundíveis, um jarro com flores murchas na superfície lustrada de um móvel, uma xícara de chá e seu pires esquecidos em cima de uma mesa, os sedimentos secos numa mancha marrom no fundo da xícara. Onde estariam todos?

Parei na porta que dava para o salão e prestei atenção. Ouvi o estalido do fogo e, novamente, o leve farfalhar, como o de páginas viradas. Enfiando a cabeça pelo umbral, pude ver que havia alguém sentado em frente à escrivaninha agora. Uma figura obviamente masculina, alta, de ombros estreitos, cabelos escuros, inclinada

sobre alguma coisa à sua frente.

— Ian! — sussurrei, o mais alto que ousei. — Ian!

A figura sobressaltou-se, empurrou a cadeira para trás e levantou-se rapidamente, pestanejando na direção das sombras.

— Jesus! — eu disse.

— Sra. Malcolm? — disse o reverendo Archibald Campbell, estupefato. Engoli em seco, tentando forçar meu coração a descer da garganta. O reverendo parecia tão perplexo quanto eu, mas ele logo se recobrou. Suas feições endureceram e ele deu um passo na direção da porta.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele.

— Estou procurando o sobrinho de meu marido — eu disse; não havia motivo para mentir e talvez ele soubesse o paradeiro de Ian. Passei os olhos ao redor da sala, mas estava vazia, a não ser pelo reverendo e o único lampião pequeno que ele estava usando. — Onde está a sra. Abernathy?

— Não faço a menor ideia — disse ele, franzindo a testa. — Parece que ela saiu. O que quer dizer com o sobrinho de seu marido?

— Saiu? — Pestanejei. — Aonde ela foi?

— Não sei. — Ele fez uma carranca, o lábio superior pontudo fixado como um bico sobre o inferior. — Ela já se fora quando acordei hoje de manhã... e todos os criados com ela, aparentemente. Uma bela maneira de tratar um hóspede!

Relaxe um pouco, apesar do susto. Ao menos, eu não corria o risco de me deparar com Geilie. Achei que poderia lidar com o reverendo Campbell.

— Ah — exclamei. — Bem, realmente isso não parece nem um pouco hospitaleiro, concordo. Suponho que não tenha visto um garoto de cerca de quinze anos, muito alto e magro, com uma espessa cabeleira castanha? Não, achei que não. Nesse caso, acho que eu deveria...

— Pare! — Agarrou-me pelo braço e eu parei, surpresa e perturbada pela força com que ele segurava meu braço. — Qual o

verdadeiro nome de seu marido? — perguntou ele.

— Ora, Alexander Malcolm — eu disse, puxando meu braço preso. — O senhor sabe disso.

— De fato. Então como é que, quando eu descrevi você e seu marido para a sra. Abernathy, ela me disse que o seu sobrenome é Fraser, que seu marido na realidade é James Fraser?

— Oh. — Respirei fundo, tentando pensar em alguma coisa plausível, mas não consegui. Nunca fui boa em inventar uma mentira de repente.

— Onde está seu marido? — perguntou ele.

— Olhe — eu disse, tentando me livrar de sua mão —, o senhor está completamente enganado a respeito de Jamie. Ele não teve nada a ver com sua irmã, ele me disse. Ele...

— Falou com ele a respeito de Margaret? — Seus dedos fecharam-se com mais força em meu braço. Dei um pequeno grunhido de desconforto e puxei meu braço com mais força.

— Sim. Ele disse que não foi ele, não era ele o homem que ela foi procurar em Culloden. Era um amigo dele, Ewan Cameron.

— Você está mentindo — disse ele sem rodeios. — Ou ele está. Não faz muita diferença. Onde está ele? — Ele me deu uma sacudidela e eu dei um safanão, conseguindo libertar meu braço.

— Estou lhe dizendo, ele não teve nada a ver com o que aconteceu a sua irmã! — Eu recuava, imaginando como me livrar dele sem deixar que ele saísse desatinado pelo terreno à procura de Jamie, fazendo barulho e chamando uma atenção indesejada aos esforços de resgate. Oito homens eram suficientes para dominar as colunas de Hércules, mas insuficientes para resistir a cem escravos incitados.

— Onde? — O reverendo avançava para mim, os olhos fixos nos meus.

— Ele está em Kingston! — eu disse. Olhei para um dos lados; eu estava perto de uma das grandes portas que se abriam para a varanda. Achei que podia fugir sem que ele me alcançasse, mas e depois? Fazê-lo me perseguir pelo terreno seria pior do que mantê-



lo falando ali.

Virei-me para o reverendo, que me fitava com uma carranca de descrença, e então o que eu vira no terraço registrou-se em minha mente e eu virei a cabeça bruscamente, olhando com atenção.

Eu de fato tinha visto. Havia um enorme pelicano branco empoleirado no parapeito da varanda, com a cabeça virada para trás, o bico confortavelmente enfiado em suas penas. A plumagem de Ping An brilhava, prateada, contra a noite na luz turva da entrada.

— O que foi? — perguntou o reverendo Campbell. — Quem é? Quem está lá fora?

— Apenas um pássaro — eu disse, voltando-me novamente para ele. Meu coração batia descompassadamente. O sr. Willoughby certamente devia estar por perto. Pelicanos eram aves comuns, perto da foz dos rios, perto da praia, mas eu nunca vira um tão longe no interior. Mas, se o sr. Willoughby estava de fato espreitando ali perto, o que eu deveria fazer?

— Duvido muito que seu marido esteja em Kingston — dizia o reverendo, os olhos estreitados fixos em mim, desconfiados. — Entretanto, se está, provavelmente virá aqui buscá-la.

— Ah, não! — eu disse. — Não — repeti, com toda a segurança que consegui reunir. — Jamie não virá aqui. Eu vim sozinha, visitar Geillis... a sra. Abernathy. Meu marido não me espera de volta antes do mês que vem.

Ele não acreditou em mim, mas também não havia nada que ele pudesse fazer. Enrugou os lábios numa pequena roseta, depois os relaxou o suficiente para perguntar:

— Está hospedada aqui?

— Sim — respondi, satisfeita por conhecer bastante a geografia da casa para fingir ser uma hóspede. Afinal, se os criados haviam partido, não havia ninguém para me desmentir.

Ele permaneceu imóvel, examinando-me com os olhos estreitados por um longo instante. Então, cerrou o maxilar e balançou a cabeça, rancorosamente.

— Sei. Então suponho que deva ter alguma ideia do paradeiro de nossa anfitriã e de quando ela pretende retornar, não?

Eu estava começando a ter uma noção um tanto perturbadora de onde — se não exatamente quando — Geillis Abernathy devia ter ido, mas o reverendo Campbell não parecia a pessoa apropriada para compartilhar essa ideia.

— Não, receio que não — eu disse. — Eu... hã, eu estive fora desde ontem, fazendo uma visita na fazenda vizinha. Acabei de voltar neste instante.

O reverendo olhou-me atentamente, mas eu estava de fato usando um traje de montar — porque era o único traje decente que eu possuía, além do vestido de baile violeta e duas camisolas de algodão — e a minha história passou sem contestações.

— Compreendo — disse ele. — Mmmhummm. Bem, então. — Ele se remexia, inquieto, suas mãos grandes e ossudas crispando-se e abrindo-se, como se ele não soubesse o que fazer com elas.

— Não deixe que eu o atrapalhe — eu disse, com um sorriso amável e um sinal da cabeça indicando a escrivania. — Tenho certeza de que tem um trabalho importante a fazer.

Ele franziu os lábios outra vez, daquela maneira desagradável que o fazia parecer uma coruja contemplando um rato suculento.

— O trabalho já foi terminado. Eu só estava fazendo cópias de alguns documentos que a sra. Abernathy solicitou.

— Que interessante — eu disse automaticamente, pensando que, com sorte, após alguns instantes de conversa fútil, eu poderia escapar sob o pretexto de me recolher ao meu quarto hipotético; todos os quartos do primeiro andar abriam-se para a varanda e seria fácil sair furtivamente para a noite, ao encontro de Jamie.

— Talvez compartilhe o interesse de nossa anfitriã, e o meu próprio, na história e na cultura escocesa? — Seu olhar tornou-se mais penetrante e, com um aperto no coração, reconheci o brilho fanático do pesquisador aficionado em seus olhos. Eu o conhecia bem.

— Bem, é muito interessante, tenho certeza — eu disse,

afastando-me em direção à porta. — Mas confesso que não sei muito a respeito. — Avistei a folha de cima de sua pilha de documentos e estanquei, paralisada.

Era um mapa genealógico. Eu já vira muitos iguais àquele, vivendo com Frank, mas reconheci aquele em particular. Era um mapa da família Fraser — o maldito papel exibia até o cabeçalho “Fraser de Lovat” — começando em algum ponto por volta de 1400, até onde eu podia ver, e vindo até o presente. Pude ver Simon, o falecido — e não muito lamentado, em alguns lugares — lorde jacobita, que fora executado por sua participação na Revolução de Charles Stuart, e seus descendentes, cujos nomes eu reconheci. E embaixo, num dos cantos, com o tipo de anotação indicando ilegitimidade, estava Brian Fraser — o pai de Jamie. E embaixo dele, escrito numa letra negra e nítida, James A. Fraser.

Senti um calafrio percorrer minha espinha. O reverendo notara minha reação e observava com uma expressão divertida e árida.

— Sim, interessante que fossem os Fraser, não?

— Que... o que fossem os Fraser? — eu disse. A despeito de mim mesma, aproximei-me da escrivaninha.

— O alvo da profecia, é claro — disse ele, parecendo ligeiramente surpreso. — Não a conhece? Mas talvez, seu marido sendo um descendente ilegítimo...

— Não, não sei nada sobre isso.

— Ah. — O reverendo estava começando a se divertir, aproveitando a oportunidade para me informar. — Achei que talvez a sra. Abernathy tivesse falado com você a respeito, já que estava tão interessada a ponto de me escrever em Edimburgo sobre o assunto. — Ele folheou a pilha, extraíndo um documento que parecia escrito em gaélico. — Esta é a língua original da profecia — disse ele, enfiando a prova A embaixo do meu nariz. — Do adivinho Brahan. Já ouviu falar do adivinho Brahan, não é? — O tom de sua voz denotava pouca esperança, mas na realidade eu já ouvira falar no adivinho Brahan, um profeta do século XVI considerado o Nostradamus escocês.

— Já, sim. É uma profecia referente aos Fraser?

— Os Fraser de Lovat, sim. A linguagem é poética, como eu ressalttei para a sra. Abernathy, mas o significado é bastante claro. — Seu entusiasmo aumentava à medida que ele falava, apesar de suas desconfianças a meu respeito. — A profecia diz que um novo governante da Escócia surgirá da linhagem Lovat. Isso ocorrerá depois do eclipse dos “reis da rosa branca”, uma clara referência aos Stuart papistas, é claro. — Balançou a cabeça indicando as rosas brancas no desenho do tapete. — Há referências mais obscuras na profecia, é claro; a época em que esse governante surgirá e se será um rei ou uma rainha, há alguma dificuldade de interpretação, devido ao manejo errado do original...

Ele continuou, mas eu não o ouvia. Se eu tinha alguma dúvida sobre o paradeiro de Geilie, ela estava se dissipando rapidamente. Obcecada com os governantes da Escócia, ela passara a maior parte de dez anos trabalhando pela restauração da Coroa dos Stuart. Essa tentativa fracassara definitivamente em Culloden e, a partir de então, ela não expressara senão desprezo por todos os Stuart existentes. Não seria de admirar se ela soubesse o que vinha em seguida.

Mas para onde ela iria? De volta à Escócia, talvez, para se envolver com o herdeiro dos Lovat? Não, ela estava pensando em dar o salto no tempo outra vez; isso ficara evidente em sua conversa comigo. Ela estava se preparando, reunindo seus recursos — recuperando o tesouro da ilha das focas — e completando suas pesquisas.

Fiquei olhando fixamente para o documento numa espécie de horror fascinado. A genealogia, é claro, só estava registrada até o presente. Geilie saberia quem seriam os descendentes dos Lovat no futuro?

Ergui os olhos para fazer uma pergunta ao reverendo Campbell, mas as palavras congelaram-se em meus lábios. Parado na porta que dava para a varanda estava o sr. Willoughby.

O pequeno chinês evidentemente andara passando por

dificuldades; seus pijamas de seda estavam manchados e rasgados, e seu rosto redondo começava a mostrar as marcas da fome e do cansaço. Seus olhos passaram por mim apenas com um sinal muito remoto de reconhecimento; toda a sua atenção voltava-se para o reverendo Campbell.

— Um homem muito santo — disse ele, e sua voz tinha um tom que eu nunca ouvira nela antes; um terrível tom de escárnio.

O reverendo girou nos calcanhares, tão rápido que seu cotovelo bateu em um jarro; água e rosas amarelas espalharam-se sobre a escrivaninha de jacarandá, encharcando os documentos. O reverendo deu um grito de raiva e arrancou os documentos da inundação, sacudindo-os freneticamente para remover a água antes que a tinta escorresse.

— Veja o que fez, pagão assassino e maligno!

O sr. Willoughby deu uma risada. Não sua risadinha estridente, mas um riso abafado e rouco. Não parecia estar achando graça nenhuma.

— Eu, assassino? — Sacudiu a cabeça devagar para a frente e para trás, os olhos fixos no reverendo. — Eu não, homem santo. É você, o assassino.

— Fora, pagão — disse Campbell friamente. — Devia saber que não deve entrar na casa de uma dama.

— Eu conhecer você. — A voz do chinês era baixa e regular, seu olhar inabalável. — Eu ver você. Ver você no salão vermelho, com a mulher que ri. Ver você também com prostitutas nojentas, na Escócia. — Bem devagar, ele levou a mão à garganta e fez um gesto de degola com a precisão de uma lâmina. — Você matar muitas vezes, homem santo, eu achar.

O reverendo Campbell ficou pálido, se de choque ou de raiva, eu não sabia. Eu também empalideci — de medo. Meus lábios ficaram secos e me forcei a falar.

— Sr. Willoughby...

— Willoughby, não. — Não olhou para mim; a correção foi quase indiferente. — Eu ser Yi Tien Cho.

Buscando fugir da presente situação, imaginei absurdamente se a maneira apropriada de me dirigir a ele seria sr. Yi ou sr. Cho.

— Saia daqui imediatamente! — A palidez do reverendo vinha da raiva. Avançou para o pequeno chinês, os punhos cerrados com força. O sr. Willoughby não se mexeu, parecia indiferente à proximidade ameaçadora do ministro.

— É melhor ir embora, Primeira Esposa — disse ele, brandamente. — Homem santo gostar de mulheres, não com pau. Com faca.

Eu não estava usando espartilho, mas sentia-me como se estivesse. Não conseguia obter fôlego suficiente para formar as palavras.

— Mentira! — disse o reverendo enfaticamente. — Vou lhe dizer outra vez: saia daqui! Ou eu...

— Fique parado aí, por favor, reverendo Campbell — eu disse. Com as mãos trêmulas, tirei do bolso a pistola que Jamie me dera e apontei-a para ele. Para minha surpresa, ele não parou, fitando-me como se eu de repente tivesse ficado com duas cabeças.

Eu nunca havia mantido ninguém sob a mira de uma arma de fogo; a sensação era estranhamente inebriante, apesar do modo como o cano da pistola tremia. Ao mesmo tempo, eu não fazia a menor ideia de qual atitude tomar.

— Senhor... — desisti e usei todos os nomes. — Yi Tien Cho. Você viu o reverendo com a sra. Alcott no baile do governador?

— Eu ver ele matar ela — disse Yi Tien Cho impassivelmente. — É melhor atirar, Primeira Esposa.

— Não seja ridículo! Cara sra. Fraser, certamente não pode acreditar em uma palavra deste selvagem, que é ele próprio... — O reverendo virou-se em minha direção, tentando exibir uma expressão altiva, um pouco prejudicada pelas gotículas de suor que se formaram na raiz de seus cabelos.

— Mas acho que acredito — eu disse. — O senhor estava lá. Eu o vi. E estava em Edimburgo quando a última prostituta foi assassinada. Nellie Cowden disse que você vivia em Edimburgo há

dois anos; foi o período em que o Demônio andou matando as jovens lá. — O gatilho estava escorregadio no meu dedo indicador.

— Foi o período em que ele vivia lá também! — O rosto do reverendo estava perdendo a palidez, tornando-se mais afogueado a cada instante. Fez um movimento brusco com a cabeça indicando o chinês. — Vai acreditar na palavra do homem que traiu seu marido?

— Quem?

— Ele! — A exasperação do reverendo deixou sua voz rouca. — Foi essa vil criatura que traiu Fraser a sir Percival Turner. Sir Percival me disse!

Eu quase deixei a arma cair. As coisas estavam acontecendo rápido demais para mim. Desejei desesperadamente que Jamie e seus homens tivessem encontrado Ian e retornado ao rio — certamente viriam até a casa, se não me encontrassem no local combinado.

Ergui um pouco a pistola, pretendendo dizer ao reverendo que atravessasse a passagem para a cozinha; trancafiá-lo em uma das despensas era a melhor coisa que eu conseguia pensar em fazer.

— Acho melhor o senhor... — comecei, e ele então se arremessou sobre mim. Meu dedo apertou o gatilho em reflexo. Simultaneamente, ouviu-se o estrondo do tiro, a arma deu um coice em minha mão e uma pequena nuvem negra de pólvora passou pelo meu rosto, fazendo meus olhos lacrimejarem.

Eu não o atingira. A explosão assustara-o, mas agora seu rosto relaxava em novas linhas de satisfação. Sem falar, ele enfiou a mão dentro do casaco e retirou uma bainha de metal gravada em relevo, de quinze centímetros de comprimento. Da ponta do estojo saía um cabo branco de chifre de veado.

Com a terrível clareza que ocorre em crises de todos os tipos, eu notava tudo, do corte da lâmina da faca quando ele a retirou da bainha ao cheiro da rosa que ele esmagou sob o pé quando avançava para mim.

Não havia para onde correr. Preparei-me para lutar, sabendo que

seria inútil. A cicatriz recente do corte de sabre queimava em meu braço, era um lembrete do que estava por vir e fez meus músculos se contraírem. Avistei um lampejo azul pelo canto do olho e uma sonora batida, como se alguém tivesse deixado cair um melão de uma certa altura. O reverendo virou-se muito devagar sobre um dos pés, os olhos arregalados e absolutamente sem expressão. Naquele único instante, ele se pareceu com Margaret. Então, ele caiu.

Ele caiu por inteiro, sem colocar uma mão à frente para se apoiar. Uma das mesas de pau-cetim voou, espalhando pot-pourri e pedras polidas. A cabeça do reverendo bateu no assoalho a meus pés, quicou levemente e ficou imóvel. Dei um passo espasmódico para trás e fiquei bloqueada, as costas contra a parede.

Havia uma terrível depressão em sua têmpora. Enquanto eu observava, seu rosto mudou de cor, desbotando diante dos meus olhos, do vermelho colérico a um branco pastoso. Seu peito ergueu-se, abaixou, parou, ergueu-se outra vez. Seus olhos estavam abertos; sua boca também.

— Tsei-mi está aqui, Primeira Esposa? — O chinês estava colocando a sacola que continha as bolas de pedra de volta dentro de sua manga.

— Sim, ele está aqui, lá fora. — Abanei a mão vagamente na direção da varanda. — O que... ele... você realmente...? — Senti as ondas do choque tomando conta de mim e lutei para dominá-las, fechando os olhos e respirando fundo, com todas as minhas forças. — Foi você? — eu disse, de olhos ainda fechados. Se ele ia afundar minha cabeça também, eu não queria ver. — Ele disse a verdade? Foi você que revelou o local de encontro em Arbroath para sir Percival? Que lhe falou de Malcolm e da gráfica?

Não houve nem resposta nem movimento. Após um instante, abri os olhos. Ele estava parado lá, observando o reverendo Campbell.

Archibald Campbell estava imóvel como a morte, mas ainda não estava morto. O anjo das trevas, entretanto, estava a caminho. Sua pele adquirira o leve tom esverdeado que eu já vira antes em



moribundos. Ainda assim, seus pulmões moviam-se, inspirando com um chiado alto e penoso.

— Não foi um inglês, então — eu disse. Minhas mãos estavam suadas e eu as limpei na saia. — Um nome inglês. Willoughby.

— Willoughby, não — disse ele energicamente. — Eu ser Yi Tien Cho!

— Por quê? — perguntei, quase gritando. — Olhe para mim, desgraçado! Por quê?

Ele realmente olhou para mim. Seus olhos eram negros e redondos como bolas de gude, mas haviam perdido o brilho.

— Na China há... histórias. Profecia. De que um dia os fantasmas vir. Todos temer fantasma. — Balançou a cabeça uma, duas vezes, depois olhou novamente para a figura no chão. — Eu deixar China para salvar minha vida. Acordar há muito tempo, eu ver fantasmas. Toda a minha volta, fantasmas — disse ele à meia-voz. — Um grande fantasma vem, horrível rosto branco, muito horrível, cabelos de fogo. Eu achar que ele vai devorar minha alma. — Seus olhos estavam fixos no reverendo; agora, ergueram-se para meu rosto, remotos e imóveis como água estagnada. — Eu ter razão — disse ele simplesmente, e balançou a cabeça outra vez. Ele não havia raspado a cabeça recentemente, mas o escalpo sob a penugem negra brilhava à luz que vinha da janela. — Ele devorar minha alma, Tsei-mi. Eu não ser mais Yi Tien Cho.

— Ele salvou sua vida — eu disse.

Ele balançou a cabeça outra vez.

— Eu saber. Melhor eu morrer. Melhor morrer do que ser Willoughby. Willoughby! Ah! — Virou a cabeça e cuspiu. O rosto contorcido, repentinamente furioso. — Ele falar minhas palavras, Tsei-mi! Ele devorar minha alma! — O acesso de raiva pareceu passar com a mesma rapidez com que sobreveio. Ele suave, embora o aposento não estivesse terrivelmente quente. Passou a mão trêmula pelo rosto, limpando o suor. — Eu ver um homem na taverna. Ele perguntar por Mac-Doo. Eu estar bêbado — disse ele, serenamente. — Querer mulher, nenhuma mulher vir comigo, elas

rir, dizer verme amarelo, apontar... — Ele abanou a mão vagamente na direção da frente de suas calças. Ele sacudiu a cabeça, o rabo de cavalo roçava a seda com um sussurro. — Não importar o que *gwao-fei* fazer. Eu estar bêbado — disse ele outra vez. — Homem fantasma quer Mac-Doo, perguntar se eu conhecer. Eu dizer sim, eu conhecer Mac-Doo. — Encolheu os ombros. — Não ter importância o que eu dizer.

Ele olhava fixamente para o ministro outra vez. Eu vi o estreito peito negro erguer-se devagar, abaixar... erguer-se outra vez, abaixar... e permanecer imóvel. Não havia nenhum ruído na sala; o chiado cessara.

— Ser uma dívida — disse Yi Tien Cho. Balançou a cabeça indicando o corpo imóvel. — Eu estar desonrado. Eu ser estrangeiro. Mas eu pagar. Sua vida pela minha, Primeira Esposa. Dizer Tsei-mi.

Balançou a cabeça outra vez e virou-se em direção à porta. Houve um leve sussurro de penas na varanda escura. Na soleira da porta, ele virou-se para trás.

— Quando eu acordar nas docas, eu pensar que fantasmas chegar, todos estar ao meu redor — disse Yi Tien Cho baixinho. Seus olhos estavam escuros, sem expressão e sem nenhuma profundidade. — Mas eu estar errado. Ser eu mesmo, eu ser o fantasma.

A brisa agitou-se nas janelas e ele desapareceu. O barulho macio e rápido de pés calçados de feltro desceram a varanda, seguido do farfalhar de asas abertas e um *Gwaaa!* fraco, queixoso, que desapareceram em meio aos sons noturnos da plantação.

Consegui chegar ao sofá antes de meus joelhos cederem. Inclinei-me para a frente e enterrei a cabeça nos joelhos, rezando para não desmaiar. O sangue martelava em meus ouvidos. Achei ter ouvido uma respiração chiada e ergui a cabeça bruscamente, em pânico, mas o reverendo Campbell ainda permanecia imóvel. Eu não podia continuar no mesmo aposento que ele. Levantei-me, dei a volta o mais longe possível de seu corpo, mas antes de chegar à

porta que dava para a varanda, eu já mudara de opinião. Todos os acontecimentos da noite colidiam em minha cabeça como os cacos de vidro de um caleidoscópio.

Eu não podia parar agora para pensar, para tentar dar sentido a tudo aquilo. Mas lembrei-me das palavras do reverendo, antes de Yi Tien Cho chegar. Se houvesse alguma pista ali do paradeiro de Geillis Abernathy, ela estaria no andar de cima. Peguei uma vela de cima da mesa, acendi-a e dirigi-me à escada pela casa escura, resistindo à vontade premente de olhar para trás de mim. Sentia-me enregelada.

O gabinete de trabalho estava às escuras, mas uma claridade violeta, fraca e estranha, pairava sobre a extremidade mais distante da bancada. Havia um estranho cheiro de queimado no aposento, que aguilhoou o fundo do meu nariz e me fez espirrar. Um leve gosto metálico no fundo de minha garganta me fez lembrar de uma antiga aula de química.

Mercúrio. Queimando mercúrio. O vapor que ele desprendia não só era assustadoramente belo, mas altamente tóxico. Peguei meu lenço e coloquei-o sobre o nariz e a boca enquanto me dirigia ao local da claridade violeta.

As linhas do pentáculo haviam sulcado a madeira da bancada ao queimar. Se usara pedras para marcar o pentáculo, Geillis as levara consigo, mas deixara outra coisa para trás.

A fotografia estava bastante chamuscada nas bordas, mas o centro permanecera intocado. Meu coração deu um baque de susto. Peguei a foto, apertando o rosto de Brianna contra meu peito com um sentimento misto de fúria e pânico.

O que ela pretendia com aquilo — essa profanação? Não podia ser um gesto contra mim ou Jamie, pois ela não poderia esperar que jamais um de nós a visse.

Deve ser magia — ou a versão de Geilie de magia. Tentei freneticamente lembrar-me de nossa conversa neste aposento; o que ela dissera? Ela mostrara-se curiosa sobre o modo como eu

viajara pelas pedras — esse era o ponto principal. E o que eu disse? Apenas algo vago, sobre fixar minha atenção em uma pessoa — sim, era isso —, eu disse que fixara minha atenção em uma pessoa específica que vivia no tempo para o qual eu queria ser atraída.

Inspirei fundo e percebi que estava tremendo, tanto como reação retardada à cena no salão quanto por uma terrível e crescente apreensão. Podia ser apenas que Geilie tivesse decidido tentar minha técnica — se pudesse ser elevada a essa categoria — junto com a dela e usar a imagem de Brianna como um ponto de fixação para sua viagem. Ou — pensei na pilha de documentos manuscritos do reverendo, os mapas genealógicos cuidadosamente desenhados, e achei que fosse desmaiar.

“Uma das profecias do adivinho Brahan”, dissera ele. “Referente aos Fraser de Lovat. O governante da Escócia virá desta linhagem.” Mas, graças às pesquisas de Roger Wakefield, eu sabia — o que Geilie provavelmente também sabia, obcecada como era pela história escocesa — que a linha direta dos Lovat fracassara nos anos 1800. Quer dizer, para todos os propósitos e intenções visíveis. Houve, de fato, um sobrevivente daquela linhagem vivendo em 1968 — Brianna.

Levei um momento para perceber que o som baixo e rouco que eu ouvia vinha de minha própria garganta, e mais um instante de esforço consciente para relaxar meus maxilares.

Enfiei a fotografia queimada no bolso de minha saia e girei nos calcanhares, correndo para a porta como se o gabinete de trabalho estivesse habitado por demônios. Eu precisava encontrar Jamie — agora.

Eles não estavam lá. O barco flutuava silenciosamente, vazio, nas sombras da grande embaúba onde nós o deixáramos, mas não havia absolutamente nenhum sinal de Jamie nem dos outros.

Uma das plantações de cana-de-açúcar estendia-se a uma curta distância à minha direita, entre mim e o retângulo do prédio do engenho que se agigantava mais além. O leve cheiro de açúcar

queimado pairava sobre a plantação. Depois, o vento mudou de direção e eu senti o cheiro úmido, limpo, de musgo e pedras molhadas do rio, com todos os aromas pungentes das plantas aquáticas entremeados.

A margem do rio erguia-se abruptamente aqui, elevando-se em monturos de terra que terminavam na borda do campo de cana-de-açúcar. Arrastei-me pelo barranco acima, a palma da minha mão deslizava na lama macia e pegajosa. Sacudi as mãos com uma exclamação abafada de nojo e limpei as mãos na saia. Um estremecimento de ansiedade me percorreu. Diabos, onde Jamie estava? Ele já devia ter voltado há muito tempo.

Duas tochas queimavam no portão de entrada da Mansão da Rosa, eram pequenos pontos de luz bruxuleante a esta distância. Havia também uma luz mais próxima; uma claridade à esquerda do engenho. Jamie e seus homens teriam encontrado dificuldades ali? Eu podia ouvir uma leve cantoria daquela direção e ver um clarão mais forte que denunciava uma grande fogueira a céu aberto. Tudo parecia tranquilo, mas algo a respeito da noite — ou do lugar — me deixava muito inquieta.

De repente, tomei consciência de outro cheiro, acima do cheiro forte de agrião e açúcar queimado — um odor forte, pútrido e adocicado, que logo reconheci como o cheiro de carne podre. Dei um passo cauteloso e imediatamente um pandemônio irrompeu sob meus pés.

Foi como se um pedaço da noite tivesse repentinamente se desprendido do resto e começado a se movimentar ao meu redor, na altura dos meus joelhos. Um objeto muito grande entrou em ação perto de mim e um golpe devastador atingiu minhas pernas, derrubando-me.

Meu grito agudo e involuntário coincidiu com um som verdadeiramente assustador — uma espécie de assobio rosnado, alto, que confirmou minha impressão de que eu estava colada a algo grande, vivo e empestado com cheiro de cadáver. Eu não sabia o que era, mas não queria ter nada a ver com aquilo.

Eu caíra sentada com toda a força. Não esperei para ver o que estava acontecendo, mas virei-me e saí desembestada pelo meio de folhas e lama, de quatro, seguida por uma repetição do assobio rouco, só que mais alto, e uma espécie de corrida deslizante e arranhada. Algo atingiu meu pé com um golpe rápido e eu me levantei aos tropeções e saí correndo.

Eu estava tão apavorada que não percebi que de repente eu conseguia enxergar, até que o sujeito surgiu na minha frente. Colidi com força contra ele e a tocha que ele carregava caiu no chão, assobiando ao bater nas folhas molhadas.

Mãos agarraram-me pelos ombros e ouvi gritos às minhas costas. Meu rosto estava pressionado contra um peito sem pelos, com um forte cheiro almiscarado. Recuperei o equilíbrio, arquejante, e inclinei-me para trás para ver o rosto de um escravo negro e alto, que me olhava boquiaberto, horrorizado e perplexo.

— Dona, o que está fazendo aqui? — disse ele. Mas antes que eu pudesse responder, sua atenção foi desviada de mim para o que estava acontecendo atrás de mim. Suas mãos em meus ombros relaxaram e eu me virei para ver.

Seis homens rodeavam o animal. Dois carregavam tochas, que erguiam acima da cabeça para iluminar os outros quatro, vestidos apenas com uma espécie de calção em torno dos quadris. Cautelosamente, formaram um círculo, segurando estacas afiadas de madeira, prontos para entrar em ação.

Minhas pernas ainda estavam bambas e formigando do golpe que haviam recebido; quando vi o que havia me atingido, quase cederam outra vez. A fera tinha quase quatro metros de comprimento, com um corpo revestido com uma armadura, do tamanho de um barril de rum. A enorme cauda chicoteou repentinamente para um dos lados; o homem mais próximo deu um salto para se desviar, gritando de susto, e a cabeça sáuria virou-se, as mandíbulas abrindo-se ligeiramente para emitir outro assobio. As mandíbulas fecharam-se com um clique audível, e eu vi o dente revelador, carnívoro, projetando-se do maxilar inferior numa

expressão de gracejo sombrio e espúrio.

— Nunca sorria para um crocodilo — eu disse estupidamente.

— Não, madame, certamente não — disse o escravo, deixando-me e dando a volta cautelosamente em direção à ação.

Os homens com as estacas cutucavam a fera, evidentemente tentando irritá-la. Pareciam estar sendo bem-sucedidos neste esforço. Os membros gordos, esparramados, escavaram fundo no solo e o crocodilo atacou, urrando. O animal deu um bote com uma velocidade surpreendente; o homem diante dele soltou um grito agudo e pulou para trás, perdeu o equilíbrio na lama escorregadia e caiu.

O homem que colidira comigo lançou-se no ar e aterrissou nas costas do crocodilo. Os outros com as tochas dançavam de um lado para o outro, davam gritos de encorajamento, e um dos homens com a estaca, mais corajoso do que os outros, arremessou-se para frente e deu um golpe com a estaca na cabeça larga e encouraçada, a fim de distrair o animal. Enquanto isso, o escravo que caíra arrastava-se para trás, os calcanhares nus escavando valas na lama negra.

O homem nas costas do crocodilo tentava — com o que parecia ser uma mania suicida — chegar à boca do crocodilo. Envolvendo o pescoço grosso com um dos braços, conseguiu agarrar a ponta do focinho com uma das mãos e manter a boca do animal fechada, gritando alguma coisa para seus companheiros.

De repente, uma figura que eu não notara antes saiu das sombras da cana-de-açúcar. Agachou-se sobre um dos joelhos diante do par em luta e, sem hesitação, deslizou um laço de corda sobre as mandíbulas do animal. A gritaria ergueu-se num brado de triunfo, interrompido por uma palavra áspera da figura ajoelhada.

Ele se levantou e gesticulou violentamente, gritando palavras de comando. Não falava inglês, mas sua preocupação era evidente; a enorme cauda ainda estava livre, fustigando de um lado para o outro com uma força que teria lançado por terra qualquer homem que estivesse ao seu alcance. Vendo a força daqueles golpes, só pude

me admirar de que minhas próprias pernas estivessem apenas contundidas, e não quebradas.

Os homens com as estacas fecharam o cerco ao animal, em resposta aos comandos de seu líder. Eu podia sentir a dormência até certo ponto agradável do choque apoderando-se de mim e, nesse estado de irrealidade, de algum modo não foi nenhuma surpresa ver que o líder era o homem chamado Ishmael.

— *Huwe!* — disse ele, fazendo violentos gestos para cima com as palmas das mãos, deixando óbvio o que pretendia. Dois dos homens enfiaram suas estacas sob a barriga do crocodilo; um terceiro conseguiu driblar a cabeça que se arremessava de um lado para o outro e encaixou sua estaca sob o peito. — *Huwe!* — repetiu Ishmael, e todos os três arremessaram-se com força sobre suas estacas. Com um estalido ao desgrudar o corpo da lama, o réptil virou e aterrisou ruidosamente de costas, a parte de baixo do seu corpo com um brilho branco, à luz das tochas.

Os homens gritavam outra vez; o barulho ressoava em meus ouvidos. Então, Ishmael os calou com uma palavra, a mão estendida num gesto de comando, a palma virada para cima. Eu não pude entender qual era a palavra, mas poderia facilmente ter sido “Escalpelo!”. A entonação e o resultado foram os mesmos.

Um dos homens que portavam tochas apressadamente tirou um facão de cortar cana da cintura e colocou-o na mão de seu líder. Ishmael girou no calcanhar e com o mesmo movimento enfiou a ponta do facão fundo na garganta do crocodilo, exatamente onde as escamas da mandíbula uniam-se às do pescoço.

O sangue jorrou, negro, à luz das tochas. Todos os homens deram um passo para trás e mantiveram-se a uma distância segura, observando o frenesi moribundo do enorme réptil com uma mistura de respeito e grande satisfação. Ishmael endireitou-se, sua camisa era apenas uma mancha pálida contra o canavial escuro; ao contrário dos outros homens, ele estava completamente vestido, a não ser pelos pés descalços, e tinha várias bolsinhas de couro penduradas de seu cinto.



Devido a algum capricho do sistema nervoso, eu me mantivera de pé durante todo esse tempo. Neste ponto, as mensagens cada vez mais prementes de minhas pernas conseguiram chegar ao meu cérebro e eu caí sentada abruptamente, minhas saias inflando no terreno lamacento.

O movimento chamou a atenção de Ishmael; a cabeça estreita virou-se em minha direção e seus olhos arregalaram-se. Os outros homens, ao vê-lo, também se viraram, e seguiu-se um certo volume de comentários incrédulos em várias línguas.

Eu não estava prestando muita atenção. O crocodilo ainda respirava em estertores borbulhantes, ruidosos. Eu também. Meus olhos estavam fixos na longa cabeça escamosa, seu olho com a pupila em fenda brilhando na cor dourado-esverdeada de uma turmalina, seu olhar estranhamente indiferente, parecendo fixo em mim. O esgar do crocodilo estava de cabeça para baixo, mas ainda fixo do mesmo jeito.

A lama era fria e lisa sob minha face, negra como o fluxo espesso que corria entre as escamas do réptil. O tom das perguntas e comentários havia se transformado em preocupação, mas eu já não ouvia.

Eu não perdera realmente a consciência; tinha a vaga impressão de corpos empurrando-se e de uma luz bruxuleante. Em seguida, fui erguida no ar, agarrada com força nos braços de alguém. Todos falavam agitadamente, mas eu só apreendia uma ou outra palavra. Pensei vagamente que eu deveria dizer-lhes para me deitar no chão e me cobrir com alguma coisa, mas minha língua não estava funcionando.

Folhas roçavam meu rosto conforme meu protetor brutalmente afastava os talos de cana com os ombros; era como abrir caminho por um milharal sem espigas, apenas talos e folhas farfalhantes. Não havia nenhuma conversa entre os homens agora; os murmúrios de nossa passagem abafavam até mesmo o som dos passos.

Quando entramos na clareira das cabanas dos escravos, eu já

recuperara os sentidos. Fora arranhões e contusões, eu não estava ferida, mas não vi motivo para alardear o fato. Mantive os olhos fechados e continuei lânguida enquanto era carregada para dentro de uma das cabanas, lutando contra o pânico e esperando inventar algum plano sensato antes de ser obrigada a despertar oficialmente.

Onde estariam Jamie e os outros? Se tudo tivesse corrido bem — ou pior, se não tivesse —, o que fariam quando chegassem ao local de embarque e vissem que eu desaparecera, com vestígios — vestígios?, o lugar era um maldito lamaçal! — de uma luta onde eu deveria estar?

E quanto ao amigo Ishmael? O que em nome de Deus Todo-Poderoso estava ele fazendo ali? Uma coisa eu sabia — ele certamente não estava cozinhando.

Havia um grande barulho festivo do lado de fora da porta aberta da cabana e o cheiro de algo alcoólico — não era rum, mas algo cru, não refinado — flutuou para dentro, um cheiro pungente no ar abafado da cabana, cheirando a corpos suados e batatas-doces cozidas. Abri uma fenda do meu olho e vi o brilho refletido das chamas de uma fogueira no chão de terra batida. Sombras moviam-se de um lado para o outro em frente à porta aberta; eu não poderia sair dali sem ser vista.

Ouviu-se um grito geral de triunfo e todas as figuras desapareceram abruptamente, no que eu imaginei fosse a direção da fogueira. Provavelmente, faziam alguma coisa com o crocodilo, que chegara junto comigo, balançando-se de barriga para cima nas estacas dos caçadores.

Virei-me cautelosamente e fiquei de joelhos. Eu poderia sair furtivamente enquanto estavam ocupados com o que quer que estivessem fazendo? Se eu pudesse alcançar o canavial mais próximo, tinha quase certeza de que não conseguiriam me achar, mas eu não tinha absolutamente nenhuma certeza de que eu conseguiria achar o rio outra vez, sozinha no breu.

Em vez disso, será que eu deveria ir para a mansão, na esperança de me deparar com Jamie e seu grupo de resgate?

Estremeci ligeiramente à lembrança da casa e da figura escura, longa e silenciosa, no assoalho do salão. Mas se eu não fosse para a casa ou para o barco, como iria encontrá-los, numa noite sem lua, escura como o sovaco do diabo?

Meu planejamento foi interrompido por uma sombra no vão da porta que bloqueou a luz momentaneamente. Arrisquei uma olhadela, em seguida sentei-me bruscamente ereta e soltei um grito.

A figura aproximou-se depressa e ajoelhou-se junto ao meu catre.

— Não faça este barulho, mulher — disse Ishmael. — Sou eu apenas.

— Eu sei — eu disse. Um suor frio porejava em minhas faces e eu podia sentir meu coração batendo como um martelo mecânico. — Eu sabia disso o tempo todo.

Eles haviam decepado a cabeça do crocodilo e retirado a língua e a parte inferior da cavidade da boca. Ele usava aquela carcaça imensa, de olhos frios, como um chapéu, seus olhos não mais do que um brilho nas profundezas sob os dentes erguidos como a grade levadiça da entrada de um castelo. O maxilar inferior vazio pendia frouxamente, gordo e sombriamente jovial, ocultando a parte inferior de seu rosto.

— O *egungun*, ele não a feriu, não é? — perguntou ele.

— Não — eu disse. — Graças aos homens. Hã... você não consideraria retirar essa máscara, não é?

Ele ignorou o pedido e sentou-se sobre os calcanhares, evidentemente considerando a minha presença ali. Eu não podia ver seu rosto, mas cada contorno de seu corpo expressava a mais profunda indecisão.

— Por que está aqui? — perguntou ele finalmente.

Por falta de uma ideia melhor, eu lhe contei. Ele não pretendia me dar um golpe na cabeça, ou já o teria feito, quando desmaiei abaixo do canavial.

— Ah — disse ele, quando terminei. O focinho do animal mergulhou ligeiramente na minha direção enquanto ele pensava.

Uma gota caiu da narina sobre a minha mão nua e eu a limpei rapidamente na saia, com um estremecimento. — A patroa não está aqui esta noite — disse ele, finalmente, como se pensasse se seria seguro confiar essa informação a mim.

— Sim, eu sei — eu disse. Juntei meus pés sob meu corpo, preparando-me para levantar. — Você, ou um de seus homens, poderia me levar de volta para a árvore grande junto ao rio? Meu marido deve estar procurando por mim — acrescentei deliberadamente.

— É provável que ela esteja levando o rapaz com ela — continuou Ishmael, ignorando-me.

Meu coração se alegrara quando ele confirmou que Geilie partira; agora, ele se acabrunhou outra vez, com uma pancada distinta em meu peito.

— Ela levou Ian? Por quê?

Eu não podia ver seu rosto, mas os olhos dentro da máscara de crocodilo brilharam com algo que em parte era humor — mas apenas em parte.

— A patroa gosta de garotos — disse ele, o tom malicioso deixando seu significado bem claro.

— É mesmo? — eu disse sem emoção. — Sabe quando ela deve retornar?

O focinho longo e cheio de dentes ergueu-se repentinamente, mas antes que ele pudesse responder, pressenti alguém de pé às minhas costas e girei em cima do catre.

— Eu a conheço — disse ela, uma pequena ruga marcando a testa larga e lisa enquanto ela olhava para baixo, para mim. — Não é?

— Já nos encontramos — eu disse, tentando engolir o coração que saltara para a minha boca com o susto. — Como... como vai, srta. Campbell?

Melhor do que na última vez que a vi, evidentemente, apesar do fato de que seu fino vestido de lã fora substituído por uma espécie de camisolão solto de algodão branco rústico. Amarrado na cintura

com uma faixa do mesmo tecido, larga e rasgada toscamente, tingida de azul-marinho com anil. Mas tanto o rosto quanto o corpo haviam emagrecido e ela perdera a aparência pastosa e flácida decorrente dos muitos meses passados dentro de casa.

— Eu estou bem, obrigada, madame — disse ela educadamente. Os pálidos olhos azuis ainda possuíam aquele ar desfocado e distante, e apesar da nova luminescência do sol em sua pele, era claro que a srta. Margaret Campbell ainda não estava completamente presente na realidade.

Essa impressão advinha do fato de que ela parecia não ter notado o aparato nada convencional de Ishmael. Ou mesmo ter notado o próprio Ishmael. Ela continuou me fitando, havia um vago interesse perpassando as feições alheadas.

— É muita gentileza de sua parte vir me visitar, madame — disse ela. — Posso lhe oferecer alguma coisa? Uma xícara de chá, talvez? Não temos clarete porque meu irmão diz que bebidas alcoólicas fortes são uma tentação para as luxúrias da carne.

— Imagino que sejam — eu disse, sentindo que eu bem que precisava de um trago de tentação no momento.

Ishmael levantara-se e agora fazia uma profunda medida à srta. Campbell, a enorme cabeça deslizando precariamente.

— Está pronta, *bébé*? — perguntou ele brandamente. — A fogueira está esperando.

— A fogueira — disse ela. — Sim, claro. — Em seguida, voltou-se para mim. — Quer se juntar a mim, sra. Malcolm? — perguntou ela amavelmente. — Logo o chá será servido. Eu adoro ficar olhando uma boa fogueira — confidenciou, segurando meu braço enquanto eu me levantava. — Às vezes, você não fica imaginando que vê coisas nas chamas?

— De vez em quando — eu disse. Olhei para Ishmael, que estava parado no vão da porta. Sua indecisão era evidente em sua postura, mas quando a srta. Campbell caminhou inexoravelmente em sua direção, puxando-me atrás dela, ele encolheu os ombros ligeiramente e afastou-se para o lado para nos dar passagem.

Do lado de fora, uma pequena fogueira queimava vivamente no meio da clareira diante da fileira de cabanas. A pele do crocodilo já fora retirada; o couro cru fora estendido em uma moldura perto de uma das cabanas, fazendo uma sombra sem cabeça na parede de madeira. Vários espetos pontiagudos estavam enfiados no chão ao redor do fogo, cada qual com uma série de pedaços de carne de crocodilo, chiando com um cheiro apetitoso que ainda assim fazia meu estômago se contrair.

Talvez umas três dúzias de pessoas, homens, mulheres e crianças, estavam reunidas ao redor do fogo, rindo e conversando. Um dos homens cantarolava baixinho, curvado sobre um violão surrado.

Quando saímos, um dos homens nos avistou e virou-se bruscamente, gritando algo que soou como “Hau!”. Imediatamente, a conversa e as risadas cessaram e um silêncio respeitoso recaiu sobre o grupo.

Ishmael caminhou devagar na direção do agrupamento, a cabeça de crocodilo rindo com evidente satisfação. A luz da fogueira destacava rostos e corpos semelhantes a azeviche polido e calda de caramelo, todos com olhos negros que nos observavam.

Havia um pequeno banco perto do fogo, colocado sobre uma espécie de estrado feito de tábuas empilhadas. Era, evidentemente, o lugar de honra, pois a srta. Campbell dirigiu-se a ele imediatamente e sinalizou com gestos educados para que eu me sentasse a seu lado.

Eu podia sentir o peso dos olhares sobre mim, as expressões iam da hostilidade a uma curiosidade contida, mas a maior parte da atenção era dirigida à srta. Campbell. Olhando veladamente ao redor do círculo de rostos, fiquei surpresa com sua aparência estranha. Esses eram os rostos da África, desconhecidos para mim; não rostos como o de Joe, que carregavam apenas um leve traço de seus ancestrais, diluído por séculos de sangue europeu. Negro ou não, Joe Abernathy era muito mais parecido comigo do que com aquelas pessoas — diferentes até a medula de seus ossos.

O homem com o violão deixara-o de lado e retirara um pequeno tambor que colocou entre os joelhos. As laterais eram recobertas com o couro de algum animal pintado; bode, talvez. Ele começou a batucá-lo de leve com as palmas das mãos, num ritmo entrecortado como as batidas de um coração.

Olhei para a srta. Campbell, tranquilamente sentada ao meu lado, as mãos entrelaçadas no colo. Olhava direto à sua frente para as chamas saltitantes, com um leve sorriso sonhador nos lábios.

A oscilante multidão de escravos dividiu-se ao meio e duas garotinhas surgiram, carregando uma grande cesta. A alça da cesta estava entrelaçada com rosas brancas e a tampa saltava para cima e para baixo, agitada pelos movimentos de alguma coisa que havia dentro.

As meninas colocaram a cesta aos pés de Ishmael, lançando olhares intimidados para seu grotesco chapéu. Ele pousou a mão na cabeça de cada uma, murmurou algumas palavras e em seguida dispensou-as, as palmas das mãos voltadas para cima lançando um surpreendente lampejo amarelo e rosa, como borboletas erguendo-se das carapinhas das meninas.

O comportamento dos espectadores fora, até então, tranquilo e respeitoso. Continuava assim, mas agora eles aproximaram-se mais, esticando os pescoços para ver o que iria acontecer em seguida. O tambor começou a soar mais rápido, embora baixo. Uma das mulheres segurava uma garrafa de pedra. Ela deu um passo à frente, entregou-a a Ishmael e sumiu novamente na multidão.

Ishmael pegou a garrafa de bebida e entornou uma pequena quantidade no chão, movendo-se cuidadosamente em círculo ao redor da cesta. Esta, momentaneamente inativa, oscilou de um lado para o outro, evidentemente perturbada pelo movimento ou pelo pungente cheiro de álcool.

Um homem segurando uma vara com a ponta enrolada em trapos deu um passo à frente e levou a vara à fogueira, até os trapos se incendiarem, numa vívida chama vermelha. A uma palavra de Ishmael, ele abaixou a tocha ao chão, onde o líquido fora

entornado. Ouviu-se um “Ah!” coletivo dos espectadores quando um anel de fogo surgiu de chofre, queimou em azul e extinguiu-se imediatamente, com a mesma rapidez com que brotou. Da cesta, veio um sonoro canto de galo.

A srta. Campbell remexeu-se ao meu lado, olhando para a cesta com desconfiança.

Como se o cocorocó fosse um sinal — talvez fosse —, uma flauta começou a tocar e o zumbido do cantarolar da multidão elevou-se ainda mais.

Ishmael aproximou-se do tablado improvisado onde estávamos sentadas, segurando um lenço vermelho entre as mãos. Amarrou o lenço no pulso de Margaret, delicadamente recolocando sua mão no colo ao terminar.

— Ah, aqui está meu lenço! — exclamou ela, e com toda a naturalidade ergueu o pulso e limpou o nariz.

Ninguém, exceto eu, pareceu notar. As atenções estavam concentradas em Ishmael, que se postara diante da multidão, falando numa língua que eu não reconhecia. O galo na cesta cantou outra vez, e as rosas brancas na alça estremeceram violentamente com seus esforços.

— Gostaria muito que ele não fizesse isso — disse a srta. Campbell, com certa petulância. — Se repetir, serão três vezes, e isso dá azar, não é?

— Dá? — Ishmael agora despejava o resto da bebida num círculo ao redor do tablado. Eu esperava que a chama não a assustasse.

— Ah, sim, é o que Archie diz. “Antes do galo cantar três vezes, você me trairá.” Archie diz que as mulheres sempre são traidoras. Você acha que é verdade?

— Depende do seu ponto de vista, eu acho — murmurei, observando os procedimentos. A srta. Campbell parecia alheia aos escravos balançando-se de um lado para o outro, cantarolando, à música, à cesta irrequieta e a Ishmael, que coletava pequenos objetos que a multidão lhe entregava.



— Estou com fome — disse ela. — Espero que o chá fique pronto logo.

Ishmael ouviu o que ela disse. Para minha surpresa, ele enfiou a mão em uma das sacolinhas que trazia à cintura e desenrolou um pequeno embrulho, que revelou uma xícara de porcelana usada e lascada, os restos da borda folheada a ouro ainda visíveis. Ele a depositou cerimoniosamente em seu colo.

— Ah, ótimo — disse Margaret alegremente, batendo palmas. — Talvez haja biscoitos.

Achei que não. Ishmael dispôs os objetos que haviam lhe dado ao longo da borda do tablado. Alguns ossinhos, com linhas esculpidas neles, um ramo de jasmims, e duas ou três figuras pequenas e rústicas feitas de madeira, cada qual enrolada num pedaço de pano, com pequenos tufo de cabelos colados com barro às cabeças feitas de espigas de milho pequenas.

Ishmael falou outra vez, a tocha foi levada ao solo e uma explosão repentina de chama azul surgiu ao redor do tablado. Quando se extinguiu, deixando no ar frio da noite um cheiro forte de terra chamuscada e conhaque queimado, ele abriu a cesta e retirou o galo.

Era uma ave grande e saudável, as penas negras brilhavam à luz da tocha. O galo lutou freneticamente, emitindo gritos lancinantes, mas foi firmemente atado, tendo os pés enrolados em um pano para evitar que arranhassem. Ishmael fez uma profunda reverência, dizendo alguma coisa, e entregou a ave a Margaret.

— Ah, obrigada — disse ela gentilmente.

O galo esticou o pescoço, a barbela vividamente vermelha de agitação, e emitiu um cocoricó agudo e penetrante. Margaret sacudiu-o.

— Ave travessa! — disse ela, irritada, e levando o galo à boca, mordeu-o bem atrás da cabeça.

Ouvi o estalido suave dos ossos do pescoço e o pequeno grunhido de esforço quando ela lançou a cabeça para cima, arrancando a cabeça do galo indefeso.

Ela segurou com força a carcaça — amarrada, debatendo-se e gorgolejando — contra o peito, sussurrando palavras de conforto: “Ora, pronto, pronto, está tudo bem, querido”, enquanto o sangue esguichava dentro da xícara de chá e por todo o seu vestido.

A multidão gritara no começo, mas agora permanecia em silêncio, imóvel, observando. A flauta, também, silenciara, mas o tambor continuava a soar, parecendo bem mais alto do que antes.

Descuidadamente, Margaret largou a carcaça drenada de todo o sangue, deixando-a cair para o lado, onde foi logo resgatada por um garoto que saiu correndo da multidão. Ela passou a mão distraidamente no sangue em sua saia, pegando a xícara com a mão banhada em vermelho.

— Os convidados primeiro — disse ela educadamente. — Aceita um pouco de açúcar, sra. Malcolm?

Fui, felizmente, salva de uma resposta por Ishmael, que enfiou uma tosca caneca de chifre em minhas mãos, indicando que eu deveria beber dali. Considerando a alternativa, ergui a caneca à boca sem hesitação.

Era rum novo, recém-destilado, bastante ácido e cru para esfolar minha garganta, e eu engasguei, resfolegando com um chiado. O travo de alguma erva elevou-se ao fundo de minha garganta e ao meu nariz; alguma coisa fora misturada ao rum, ou mergulhada nele. Era um pouco picante, mas não desagradável.

Outras canecas como a minha passavam de mão em mão pelos escravos. Ishmael fez um gesto incisivo, indicando que eu deveria beber mais. Obedientemente, levei a caneca aos lábios, mas deixei o líquido ardente em minha boca, sem engolir. O que quer que estivesse acontecendo ali, eu iria precisar de todos os meus sentidos.

A meu lado, a srta. Campbell bebia de sua xícara completamente abstêmia, com pequenos goles bem-educados. A sensação de expectativa na multidão crescia; os negros oscilavam agora e uma mulher começou a cantar, com voz grave e rouca, em contraponto à batida do tambor.

A sombra da máscara de Ishmael recaiu sobre meu rosto e eu ergui os olhos. Ele também oscilava levemente, para a frente e para trás. A camisa branca sem colarinho que ele usava estava respingada de pontos negros de sangue nos ombros e grudada ao peito com o suor. Pensei de repente que a cabeça crua do crocodilo deveria pesar pelo menos quinze quilos, um peso terrível para suportar; os músculos de seu pescoço e ombros estavam tensos do esforço.

Ele ergueu as mãos e também começou a cantar. Senti um tremor percorrer minhas costas e enrolar-se na base de minha espinha, onde minha cauda poderia estar. Com o rosto mascarado, a voz poderia ser a de Joe; grave e doce, com uma força que exigia atenção. Se eu fechasse os olhos, era Joe, com a luz refletindo de seus óculos e capturando o dente de ouro no fundo de sua boca quando ele sorria.

Então abri os olhos outra vez, chocada de ver, em vez de Joe, a sinistra boca aberta do crocodilo e o verde-dourado nos olhos frios e cruéis. Minha boca estava seca e havia um leve zumbido em meus ouvidos, entremeados às palavras melodiosas e fortes.

Ele estava conseguindo captar a atenção dos espectadores, sem dúvida; a noite junto ao fogo estava repleta de olhos, negros, brilhantes e arregalados, e pequenos gemidos e gritos assinalavam as pausas na canção.

Fechei os olhos e sacudi a cabeça energicamente. Segurei a borda do banco de madeira, agarrando-me à sua tosca realidade. Eu não estava bêbada, sabia; qualquer que tivesse sido a erva misturada ao rum, era potente. Podia senti-la rastejando como uma cobra pelo meu sangue e mantive os olhos fechados com força, lutando contra seu avanço.

Entretanto, eu não podia bloquear meus ouvidos ou o som daquela voz, elevando-se e abaixando-se.

Eu não sabia quanto tempo se passara. Voltei a mim com um sobressalto, ficando subitamente consciente de que o tambor e a cantoria haviam cessado.

Havia um silêncio absoluto em torno da fogueira. Eu podia ouvir o leve crepitar do fogo e o farfalhar das folhas da cana no vento da noite; a rápida corrida de um rato no telhado de folhas de palmeira da cabana atrás de mim.

A droga ainda estava em minha corrente sanguínea, mas os efeitos se extinguíam; podia sentir a clareza retornando aos meus pensamentos. O mesmo não acontecia com a multidão; os olhos estavam abertos, fixos, sem piscar, como uma parede de espelhos, e eu pensei repentinamente nas lendas de vodu da minha época — de zumbis e dos *houngans* que as criavam. O que Geilie dissera? *Toda lenda tem um pé na verdade.*

Ishmael falou. Ele retirara a cabeça de crocodilo. Ela jazia no chão aos nossos pés, os olhos sem cor no escuro.

— *Ils sont arrivés* — disse Ishmael serenamente. Eles chegaram. Ele ergueu o rosto suado, marcado pela exaustão, e virou-se para a multidão. — Quem pergunta?

Como se em resposta, uma mulher jovem, de turbante, destacou-se da multidão, ainda oscilando, aturdida, e deixou-se cair no chão em frente ao tablado. Colocou a mão sobre uma das imagens esculpidas, um tosco ícone de madeira na forma de uma mulher grávida.

Seus olhos ergueram-se, cheios de esperança, e embora eu não reconhecesse as palavras que ela proferia, era claro o que ela perguntava.

— *Aya, gado.* — A voz soou ao meu lado, mas não era a voz de Margaret Campbell. Era a voz de uma mulher velha, aguda e dissonante, mas confiante, respondendo afirmativamente.

A jovem mulher arquejou de alegria e prostrou-se no chão. Ishmael cutucou-a delicadamente com o pé; ela se levantou rápido e recuou de volta à multidão, agarrando a pequena imagem, balançando a cabeça e murmurando: “Mana, mana”, sem parar.

O próximo era um homem também jovem, pelas feições irmão da primeira mulher, que se agachou respeitosamente, tocando em sua cabeça antes de falar.

— *Grandmère* — começou ele, num francês alto e nasalado. Vovó?, pensei.

Ele fez sua pergunta olhando timidamente para o chão.

— A mulher que eu amo corresponde ao meu amor? — Era dele o ramo de jasmims; segurou-o de tal modo que roçava seu pé descalço e sujo de terra.

A mulher ao meu lado riu, sua voz antiga irônica, mas não cruel.

— *Certainement* — respondeu ela. — Ela corresponde ao seu amor; e ao de mais três outros homens. Encontre outra; menos generosa, porém de maior valor.

O jovem afastou-se, cabisbaixo, sendo substituído por outro homem mais velho. Esse falou numa língua africana que eu não sabia, um tom de amargura na voz ao tocar uma das figuras de barro.

— *Setato hoye* — disse... quem? A voz mudara. Desta vez, era a voz de um homem adulto, mas não idoso, respondendo na mesma língua com um tom raivoso.

Lancei um olhar furtivo para o lado e, apesar do calor do fogo, senti um calafrio ondular pelos meus braços. Não era mais o rosto de Margaret. Os contornos eram os mesmos, mas os olhos brilhavam, alertas e focalizados no peticionário, a boca fixa num rito sombrio e a garganta pálida inchada como a de um sapo, com o esforço da fala grossa conforme a entidade, qualquer que fosse, argumentava com o homem.

*Eles estão aqui*, dissera Ishmael. “Eles”, de fato. Ele estava para o lado, silencioso, mas alerta, e vi seus olhos pousarem em mim por um instante antes de voltarem para Margaret. Ou quem quer que Margaret fosse.

“Eles.” Uma a uma as pessoas vieram até o tablado, para se ajoelhar e fazer seu pedido. Algumas falaram em inglês, algumas em francês ou no dialeto dos escravos, outras no idioma africano de sua desaparecida terra natal. Não pude entender tudo que foi dito, mas quando as perguntas eram em francês ou inglês, em geral eram prefaciadas por um respeitoso “avô” ou “avó”, uma vez por

“tia”.

Tanto o rosto quanto a voz do oráculo ao meu lado mudavam, conforme “eles” vinham atender o chamado dos escravos; masculino e feminino, a maior parte de meia-idade ou idosa, suas sombras dançando no rosto de Margaret com o tremular das chamas da fogueira.

*Às vezes, você não fica imaginando que vê coisas nas chamas?*  
O eco de sua verdadeira voz retornou a mim, fina e infantil.

Ouvindo, eu senti os cabelos de minha nuca ficarem em pé e compreendi pela primeira vez o que trouxera Ishmael de volta a este lugar, arriscando-se a ser recapturado e escravizado outra vez. Não era amizade, nem amor, nem qualquer lealdade a seus companheiros escravos, mas poder.

Qual o preço do poder de predizer o futuro? Qualquer preço, foi a resposta que eu vi, olhando os rostos enlevados da congregação. Ele voltara por Margaret.

A cerimônia continuou durante algum tempo. Eu não sabia quanto tempo a droga duraria, mas vi uma ou outra pessoa deixar-se cair no chão e adormecer; outros desapareceram silenciosamente na escuridão das cabanas e, após algum tempo, estávamos quase sozinhos. Apenas uns poucos permaneciam ao redor da fogueira, todos homens.

Todos eles tinham um ar confiante e imponente e, pela sua atitude, acostumados a exigir um certo respeito, ao menos entre os escravos. Haviam se deixado ficar, em grupo, observando os procedimentos, até que por fim um deles, obviamente o líder, aproximou-se.

— Eles terminaram — disse o homem a Ishmael, com um sinal da cabeça na direção das formas adormecidas ao redor da fogueira.  
— Agora, você pergunta.

O rosto de Ishmael não demonstrava nada além de um ligeiro sorriso, mas pareceu repentinamente nervoso. Talvez fosse a aproximação dos demais homens. Não havia nada abertamente ameaçador a respeito deles, mas pareciam sérios e atentos — não

a Margaret, para variar, mas a Ishmael. Finalmente, ele assentiu com um movimento da cabeça e virou-se de frente para Margaret. Durante o hiato, o rosto dela tornara-se inexpressivo, vazio.

— Bouassa — ele disse a ela. — Venha, Bouassa.

Encolhi-me involuntariamente, esquivando-me o máximo possível no banco sem cair na fogueira. Quem quer que fosse Bouassa, ele veio imediatamente.

— Eu estar ouvindo. — Era uma voz tão grave quanto a de Ishmael e deveria ser igualmente agradável. Não era. Um dos homens deu um passo involuntário para trás.

Ishmael ficou parado, sozinho; os outros homens pareciam se afastar como se ele sofresse de alguma doença contagiosa.

— Diga-me o que quero saber, Bouassa — pediu ele.

A cabeça de Margaret inclinou-se ligeiramente para o lado, uma expressão divertida nos claros olhos azuis.

— O que quer saber? — disse a voz grave, com um leve desdém. — Para quê? Você ir embora, eu lhe dizer alguma coisa ou não.

O rosto de Ishmael reproduziu o mesmo sorriso ligeiro de Bouassa.

— Você diz verdade — falou Ishmael à meia-voz. — Mas eles... — Sacudiu a cabeça indicando seus companheiros, sem tirar os olhos do rosto. — Eles vão comigo?

— É possível — falou a voz grave. Deu uma risadinha bastante desagradável. — O Verme morre dentro de três dias. Não restar nada para eles aqui. É tudo que querer de mim? — Sem esperar por uma resposta, Bouassa bocejou amplamente e um sonoro arroteo irrompeu da boca delicada de Margaret.

Sua boca se fechou e seus olhos retomaram a expressão vazia e distante, mas os homens não prestavam atenção. Irromperam numa tagarelice ruidosa, silenciada por Ishmael, com um olhar significativo em minha direção. Repentinamente silenciosos, afastaram-se, ainda murmurando e lançando-me rápidos olhares enquanto se afastavam.

Ishmael fechou os olhos quando o último homem deixou a clareira e seus ombros relaxaram. Eu mesma me sentia um pouco exausta.

— O que... — comecei a dizer, e parei. Do outro lado da fogueira, um homem saía do esconderijo do canavial. Jamie, tão alto quanto a própria cana-de-açúcar, com o fogo agonizante manchando a camisa e o rosto do mesmo vermelho de seus cabelos.

Ele levou um dedo aos lábios e eu balancei a cabeça. Juntei os pés cautelosamente sob mim, segurando a barra da minha saia em uma das mãos. Eu poderia me levantar, passar pela fogueira e entrar no canavial com ele antes que Ishmael pudesse me alcançar. Mas... e Margaret?

Hesitei, virei-me para olhar para ela e vi que seu rosto iluminara-se outra vez. Estava erguido, ansioso, os lábios parcialmente abertos e os olhos brilhantes estreitados, parecendo ligeiramente puxados, enquanto olhava através do fogo.

— Papai? — A voz de Brianna soou ao meu lado.

Os pelos dos meus braços arrepiaram-se. Era a voz de Brianna, o rosto de Brianna, os olhos azul-escuros e rasgados de ansiedade.

— Bree? — sussurrei, e o rosto virou-se para mim.

— Mamãe? — disse a voz de minha filha, da garganta do oráculo.

— Brianna — disse Jamie, e ela voltou a cabeça abruptamente para olhar para ele.

— Papai — disse ela, com firmeza. — Eu sabia que era você. Tenho sonhado com você.

O rosto de Jamie estava lívido com o choque. Vi seus lábios formarem as palavras “meu Deus”, sem nenhum som, e sua mão mover-se instintivamente para se benzer.

— Não deixe mamãe ir sozinha — disse a voz com grande firmeza. — Vá com ela. Eu os mantereí a salvo.

Não houve nenhum som além do crepitar do fogo. Ishmael



mantinha-se paralisado, fitando a mulher ao meu lado. Então ela falou outra vez, na voz suave e melodiosa de Brianna.

— Eu o amo, papai. Também a amo, mamãe. — Inclinou-se para mim e eu senti o cheiro de sangue fresco. Em seguida, seus lábios tocaram os meus e eu gritei.

Não me lembro de ter levantado com um salto e atravessado a clareira correndo. Tudo que eu sabia é que estava agarrada a Jamie, meu rosto enterrado no tecido de seu casaco, tremendo.

Seu coração batia com força sob meu rosto e achei que ele também tremia. Senti sua mão traçar o sinal da cruz em minhas costas e seu braço envolver meus ombros com força.

— Está tudo bem — disse ele, e eu pude sentir suas costelas se erguerem e se retesarem com o esforço para manter a voz firme. — Ela foi embora.

Eu não queria olhar, mas obriguei-me a virar o rosto na direção da fogueira.

Era uma cena tranquila. Margaret Campbell sentava-se serenamente em seu banco, cantarolando consigo mesma, brincando com uma pena longa e preta da cauda do galo sobre o joelho. Ishmael estava de pé a seu lado, uma das mãos alisando seus cabelos com aparente ternura. Ele murmurou alguma coisa para ela numa voz baixa e suave — uma pergunta —, e ela sorriu placidamente.

— Ah, não estou nem um pouco cansada! — afirmou ela, virando-se para olhar carinhosamente para o rosto marcado por cicatrizes que pairava na escuridão acima dela. — Uma festa tão boa, não foi?

— Sim, *bébé* — disse ele ternamente. — Mas é preciso descansar agora, está bem? — Virou-se e estalou a língua bem alto. De repente, duas das mulheres de turbante se materializaram, surgindo da noite; deviam estar à espera, ao alcance do chamado de Ishmael. Este lhes disse alguma coisa e elas imediatamente foram cuidar de Margaret, ajudando-a a se pôr de pé e conduzindo-a dali, uma de cada lado, murmurando palavras carinhosas em uma

língua africana e em francês.

Ishmael permaneceu onde estava, observando-nos do outro lado da fogueira. Estava imóvel como um dos ídolos de Geilie, esculpido na noite.

— Eu não vim sozinho — disse Jamie. Fez um gesto amplo por cima do ombro na direção do canavial atrás dele, implicando regimentos armados.

— Ah, você estar sozinho — disse Ishmael, com um leve sorriso. — Não importa. O *loa* falar com vocês; vocês estar seguro comigo. — Olhou de mim para Jamie várias vezes, avaliando a situação. — Hummm — disse ele, num tom de interesse. — Nunca ouvi um *loa* falar com *buckra*. — Depois, sacudiu a cabeça, descartando a questão. — Vocês ir agora — disse ele, em voz baixa, mas com grande autoridade.

— Ainda não. — Jamie retirou o braço do meu ombro e empertigou-se ao meu lado. — Vim buscar o rapaz Ian; não vou voltar sem ele.

As sobrelanceiras de Ishmael ergueram-se, comprimindo as três cicatrizes verticais entre elas.

— Hummm — repetiu ele. — Você esquecer esse garoto; ele ir embora.

— Embora para onde? — perguntou Jamie asperamente.

A cabeça estreita inclinou-se para o lado, enquanto Ishmael o examinava atentamente.

— Embora com o Verme — disse ele. — E aonde ela ir, você não vai. Esse rapaz ir embora — repetiu ele, em caráter definitivo. — Ir embora também, você inteligente. — Parou, ouvindo. Um tambor soava, à distância, a batida nada além de uma ligeira perturbação do ar noturno. — O resto vir logo — observou ele. — Você seguro comigo, não com eles.

— Quem é o resto? — perguntei. O terror do encontro com o *loa* se desvanecia e eu já conseguia falar outra vez, embora minha espinha ainda vibrasse de medo do canavial escuro às minhas costas.

— Maroons, eu acho — disse Jamie. Ele ergueu uma das sobancelhas para Ishmael. — Ou serão vocês?

O sacerdote balançou a cabeça, um único sinal afirmativo.

— É verdade — disse ele. — Ouvir Bouassa falar? Seu *loa* abençoar nós, nós partir. — Fez um gesto com a mão indicando as cabanas e as colinas escuras atrás deles. — O tambor chamar eles dos montes, os bastante fortes para ir.

Virou-se, a conversa obviamente terminada.

— Espere! — disse Jamie. — Diga-nos para onde ela foi, a sra. Abernathy e o garoto!

Ishmael voltou-se, tinha os ombros cobertos de sangue de crocodilo.

— Para Abandawe — disse ele.

— E onde fica isso? — perguntou Jamie com impaciência. Coloquei a mão em seu braço.

— Sei onde fica — eu disse, e os olhos de Ishmael arregalaram-se de surpresa. — Ao menos... sei que fica em Hispaniola. Lawrence me contou. Era o que Geilie queria dele, descobrir onde ela ficava.

— O que é ela? Uma cidade, uma vila? Onde? — Eu podia sentir o braço de Jamie tenso sob minha mão, vibrando com a urgência de partir.

— É uma caverna — eu disse, sentindo frio, apesar do ar calmante e da proximidade do fogo. — Uma caverna antiga.

— Abandawe um lugar mágico — disse Ishmael, a voz grave quase inaudível, como se ele temesse pronunciar a palavra em voz alta. Ele olhou para mim, reavaliando-me. — Clotilda disse que o Verme levar você ao quarto de cima. Talvez você saber o que ela fazer lá?

— Um pouco. — Eu sentia a boca seca. Lembrei-me das mãos de Geilie, macias, gordas e brancas, espalhando as pedras preciosas em seus padrões, falando de sangue frivolamente.

Como se ele tivesse captado o eco desse pensamento, Ishmael deu um passo repentino em minha direção.

— Perguntar a você, dona... você ainda sangrar?

Jamie fez um movimento brusco sob minha mão, mas eu apertei seu braço para que ele não se mexesse.

— Sim — eu disse. — Por quê? O que isso tem a ver?

O *oniseegun* estava visivelmente nervoso; olhou de mim para as cabanas atrás dele. Havia uma movimentação perceptível ali; muitos corpos moviam-se de um lado para o outro, com um murmúrio de vozes semelhante ao sussurro dos canaviais. Preparavam-se para partir.

— Se uma mulher sangrar, ela matar magia. Você sangrar, ter seu poder de mulher, a magia não funcionar para você. Mulheres velhas fazer magia; fazer feitiço, chamar os *loas*, fazer doente, curar. — Lançou-me um longo olhar avaliador e sacudiu a cabeça. — Você não fazer a magia, a que o Verme fazer. Essa magia matar ela, sem dúvida, mas matar você também. — Apontou para trás, em direção ao banco vazio. — Ouvir Bouassa falar? Ele dizer que Verme morrer, três dias. Ela levar rapaz, ele morrer. Vocês seguir eles, vocês morrer também, ter certeza.

Olhou fixamente para Jamie e ergueu as mãos diante dele, os pulsos cruzados como estivessem atados.

— Eu dizer a vocês, *amiki* — disse ele.

Deixou as mãos caírem, separando-as com um safanão, quebrando os grilhões invisíveis. Virou-se abruptamente e desapareceu na escuridão, onde o arrastar de pés se intensificava, pontuado pelo barulho de pancadas surdas, conforme objetos pesados eram movidos.

— Que Deus nos proteja — murmurou Jamie. Passou a mão com força pelos cabelos, arrepiando tufo brilhantes na luz trêmula. O fogo extinguiu-se rapidamente, sem mais ninguém para atirá-lo. — Você conhece esse lugar, Sassenach? Para onde Geillis foi com Ian?

— Não, tudo que sei é que fica em algum local no alto de montes distantes na Hispaniola e que um rio a atravessa.

— Então, temos que levar Stern — disse ele com determinação.

— Vamos, os rapazes estão no rio com o barco.

Virei-me para segui-lo, mas parei na borda do canavial para olhar para trás.

— Jamie! Olhe! — Atrás de nós viam-se as brasas da fogueira do *egungun* e o obscuro círculo de cabanas dos escravos. À distância, o vulto da Mansão da Rosa formava uma mancha clara contra a encosta da colina. Ainda mais ao longe, além do topo da colina, o céu irradiava um clarão avermelhado.

— Aquela é a fazenda Howe, pegando fogo — disse ele. Ele soou estranhamente calmo, sem emoção. Apontou para a esquerda, na direção do flanco da montanha, onde um pequeno ponto cor de laranja brilhava, não mais a essa distância do que um pontinho de luz. — E aquela deve ser a Twelvetrees.

O som do tambor sussurrava na noite, acima e abaixo do rio. O que Ishmael dissera? *O tambor chamar eles dos montes, os bastante fortes para ir.*

Uma pequena fila de escravos descia das cabanas, as mulheres carregando crianças de colo e trouxas, panelas penduradas dos ombros, as cabeças envoltas em turbantes brancos. Ao lado de uma jovem, que segurava seu braço com cuidadoso respeito, caminhava Margaret Campbell, igualmente usando um turbante.

Jamie a viu e aproximou-se.

— Srta. Campbell! — disse ele enfaticamente. — Margaret!

Margaret e sua acompanhante pararam; a mulher moveu-se como se fosse se interpor entre Jamie e a pessoa que estava sob sua responsabilidade, mas ele estendeu as duas mãos enquanto se aproximava, mostrando que não pretendia causar nenhum mal, e ela relutantemente recuou um passo.

— Margaret — disse ele. — Você não se lembra de mim?

Ela o fitou com olhos vagos. Muito lentamente, ele a tocou, segurando seu rosto entre as mãos.

— Margaret — ele lhe disse, a voz baixa, urgente. — Margaret, ouça-me! Você me conhece, Margaret?

Ela piscou uma vez, duas vezes, depois o rosto liso e redondo

relaxou e descongelou-se, adquirindo vida. Não foi como a possessão súbita dos *loas*; isto era um retorno lento, hesitante, de algo tímido e amedrontado.

— Sim, eu o conheço, Jamie — disse ela finalmente. Sua voz era melodiosa e pura, a voz de uma jovem. Seus lábios curvaram-se num sorriso e seus olhos se reanimaram outra vez, o rosto ainda entre as mãos de Jamie. — Já faz muito tempo desde que o vi, Jamie — disse ela, olhando para cima, fitando-o nos olhos. — Traz notícia de Ewan? Ele está bem?

Ele permaneceu imóvel por um instante, tinha no rosto aquela máscara impassível, cautelosa, que escondia um forte sentimento.

— Ele está bem — murmurou ele finalmente. — Muito bem, Margaret. Ele me deu isto, para guardar até eu encontrá-la. — Ele inclinou a cabeça e beijou-a delicadamente.

Diversas mulheres haviam parado, em silêncio, para observar. Diante disso, começaram a se mover e sussurrar, entreolhando-se nervosamente. Quando ele soltou Margaret Campbell e deu um passo para trás, elas a rodearam, cautelosas e protetoras, fazendo sinal com a cabeça para que ele fosse embora.

Margaret parecia alheia a tudo; seus olhos ainda estavam fixos no rosto de Jamie, o sorriso nos lábios.

— Obrigada, Jamie! — disse ela, enquanto sua ajudante a segurava pelo braço, instando-a a ir embora. — Diga a Ewan que logo estarei com ele! — O pequeno grupo de mulheres vestidas de branco se afastou, desaparecendo como fantasmas na escuridão do canavial.

Jamie fez um movimento impulsivo na direção das mulheres, mas eu o detive colocando a mão em seu braço.

— Deixe-a ir — sussurrei, lembrando-me do que jazia no assoalho do salão da casa da fazenda. — Jamie, deixe-a ir. Não pode impedi-la, ela estará melhor com eles.

Ele fechou os olhos depressa, então assentiu.

— Sim, tem razão. — Ele virou-se, depois parou repentinamente, e eu girei nos calcanhares para ver o que ele vira. Havia luzes na

Mansão da Rosa agora. Luz de tochas, tremeluzindo por trás das janelas, no andar térreo e em cima. Enquanto observávamos, um clarão feroz começou a se intensificar nas janelas do gabinete secreto no segundo andar. — Já não é sem tempo — disse Jamie. Tomou minha mão e prosseguimos apressados, mergulhando no escuro ruge-ruge das folhas da cana-de-açúcar, correndo pelo ar que começava a ficar carregado do cheiro de açúcar queimado.

**62**

ABANDawe



**-P**ode levar o barco do governador. É pequeno, mas bom para navegar em alto-mar. — Grey remexeu na gaveta de sua escrivaninha. Emitirei uma ordem para que os estivadores o entreguem a você.

— Sim, precisaremos do barco, não posso arriscar o *Artemis*, já que ele pertence a Jared. Mas acho que é melhor nós o roubarmos, John. — As sobancelhas de Jamie estavam unidas na testa franzida. — Não quero vê-lo envolvido comigo de nenhuma forma evidente, entendeu? Você já vai ter problemas suficientes com que se preocupar sem isso.

Grey sorriu tristemente.

— Problemas? Sim, pode chamar de problemas, com quatro casas de fazenda incendiadas e mais de duzentos escravos fugidos, só Deus sabe para onde! Mas eu duvido muito que alguém vá se preocupar com meus contatos sociais, nas atuais circunstâncias. Entre o medo dos maroons e o medo do chinês, a ilha inteira está em tal estado de pânico que um mero contrabandista não passa da menor das trivialidades.

— É um grande alívio para mim ser considerado trivial — disse Jamie, sarcasticamente. — Ainda assim, roubaremos o barco. E se formos pegos, você nunca me viu nem ouviu falar de mim antes, certo?

Grey olhou-o fixamente, um turbilhão de emoções lutando para dominar suas feições — humor, medo e raiva entre elas.

— É mesmo? — disse ele finalmente. — Deixar que seja preso, ver você ser enforcado e ficar quieto por medo de manchar minha reputação? Pelo amor de Deus, Jamie, por quem você me toma?

A boca de Jamie contorceu-se ligeiramente.

— Por um amigo, John — disse ele. — E se eu aceitar sua

amizade, e seu maldito barco, você terá que aceitar a minha, e ficar calado. Entendeu?

O governador olhou-o furioso por um instante, os lábios cerrados com força, mas depois seus ombros afrouxaram, aceitando a derrota.

— Está bem — disse laconicamente. — Mas eu consideraria um grande favor pessoal se você se esforçasse ao máximo para não ser capturado.

Jamie esfregou o nó de um dedo pela boca, escondendo um sorriso.

— Vou tentar com todas as minhas forças, John.

O governador sentou-se, cansado. Tinha olheiras fundas e escuras, e seus impecáveis trajes de linho estavam amarrotados. Obviamente, ele não mudara de roupa desde o dia anterior.

— Está bem. Não sei para onde você está indo e é melhor que não saiba mesmo. Mas, se puder, mantenha-se afastado das rotas dos navios ao norte de Antígua. Enviei um barco hoje de manhã para pedir todos os homens que os quartéis de lá puderem suprir, tanto fuzileiros navais quanto marinheiros. Virão para cá depois de amanhã no mais tardar, para guardar a cidade e o porto contra os maroons que fugiram, no caso de uma rebelião declarada.

Olhei para Jamie e levantei uma sobrelanceira com ar interrogativo, mas ele sacudiu a cabeça, quase imperceptivelmente. Nós havíamos contado ao governador a respeito da rebelião no rio Yallahs e da fuga dos escravos — algo que ele ouvira de outras fontes, de qualquer forma. O que não havíamos lhe contado foi o que vimos mais tarde naquela noite, refugiados numa pequena entrada do rio, as velas abaixadas para esconder sua alvura.

O rio estava escuro como ônix, mas com lampejos fugidios da ampla extensão de água. Nós ouvimos sua aproximação e tivemos tempo de nos esconder, antes que o navio nos alcançasse; a batida dos tambores e uma exultação selvagem de muitas vozes ecoando pelo vale do rio, conforme o *Bruja* passava por nós, levado pela corrente descendente. Os corpos dos piratas sem dúvida jaziam em

algun lugar rio acima, lá deixados para apodrecerem em paz entre os cedros e frangipani.

Os escravos fugitivos do rio Yallahs não foram para as montanhas da Jamaica, mas para o mar alto, provavelmente para se unirem aos seguidores de Bouassa em Hispaniola. Os cidadãos de Kingston nada tinham a temer dos escravos fugitivos — mas era bem melhor que a Marinha Real concentrasse suas atenções aqui do que em Hispaniola, para onde nos dirigíamos.

Jamie levantou-se para nos despedirmos, mas Grey interrompeu-o.

— Espere. Você não vai precisar de um lugar seguro para sua... para a sra. Fraser? — Ele não olhou para mim, mas para Jamie, os olhos firmes. — Eu ficaria honrado se a confiasse à minha proteção. Ela poderia ficar aqui, na residência do governador, até a sua volta. Ninguém a perturbaria, ou sequer precisaria saber que ela estava aqui.

Jamie hesitou, mas não havia nenhuma maneira delicada de colocar a questão.

— Ela precisa ir comigo, John — disse ele. — Não temos escolha, ela tem que ir.

Grey pestanejou em minha direção, depois desviou o olhar, mas não antes de eu perceber o ciúme em sua expressão. Senti pena dele, mas não havia nada que eu pudesse dizer; não podia contar-lhe a verdade.

— Sim — disse ele, engolindo em seco. — Compreendo. Sem dúvida.

Jamie estendeu a mão para ele. Ele hesitou por um instante, mas depois a apertou.

— Boa sorte, Jamie — disse ele, a voz um pouco embargada. — Que Deus os acompanhe.

Lidar com Fergus foi um pouco mais difícil. Ele insistiu obstinadamente em nos acompanhar, oferecendo sucessivos argumentos e tornando-se ainda mais inflexível quando descobriu

que os contrabandistas escoceses navegariam conosco.

— Você os leva, mas pretende ir sem mim? — O rosto de Fergus estava afogueado de indignação.

— É o que vou fazer — disse Jamie com firmeza. — Os contrabandistas são viúvos ou solteiros, todos eles, mas você é um homem casado. — Olhou significativamente para Marsali, que observava a discussão, o rosto tenso de ansiedade. — Eu achava que ela era muito nova para se casar e estava errado; mas sei que ela é nova demais para ficar viúva. Você fica aqui. — E afastou-se, encerrando o assunto.

Já anoitecera completamente quando partimos no barco de Grey — uma corveta de trinta pés, com um único convés —, deixando dois estivadores amordaçados e amarrados na casa de barcos atrás de nós. Era um navio pequeno, de um único mastro, maior do que o barco de pesca no qual subíramos o rio Yallahs, mas quase pequeno demais para ser qualificado pela designação de “navio”.

Ainda assim, ele parecia bastante apto a navegar em alto-mar e logo nos afastamos do porto de Kingston, velejando numa brisa noturna ligeira, a caminho de Hispaniola.

Os contrabandistas cuidavam da navegação, deixando Jamie, Lawrence e eu sentados em um dos longos bancos junto à balaustrada. Conversamos despreocupadamente sobre vários assuntos, mas depois de algum tempo ficamos em silêncio, absortos em nossos próprios pensamentos.

Jamie bocejou inúmeras vezes e, finalmente, diante da minha insistência, concordou em deitar-se no banco, com a cabeça em meu colo. Eu mesma estava tensa demais para querer dormir.

Lawrence, também, estava sem sono, fitando o céu, de mãos entrelaçadas atrás da cabeça.

— Há muita umidade no ar esta noite — disse ele, balançando a cabeça para cima, na direção prateada da lua crescente. — Está vendo a névoa em torno da lua? Pode chover antes do nascer do dia; algo incomum para esta época do ano.

Conversar sobre o tempo parecia suficientemente maçante para apacar meus nervos abalados. Acariciei os cabelos de Jamie, espessos e macios sob minha mão.

— É mesmo? — eu disse. — Você e Jamie parecem capazes de prever o tempo examinando o céu. Tudo que eu sei é aquela história “Céu vermelho à noite, alegria do marinheiro; céu vermelho de manhã, marinheiro de sobreaviso”. Não notei a cor do céu esta noite, você notou?

Lawrence riu descontraidamente.

— Levemente arroxado — disse ele. — Não sei se estará vermelho de manhã, mas é surpreendente o quanto essas crenças são confiáveis. Mas naturalmente existe um princípio científico envolvido, a refração da luz na umidade do ar, exatamente como observei agora a respeito da lua.

Levantei o queixo, desfrutando a brisa que levantava meus cabelos pesados, caídos no pescoço.

— Mas e os fenômenos estranhos? Coisas sobrenaturais? — perguntei-lhe. — E quanto às coisas onde as regras da ciência parecem não se aplicar? — *Eu sou um cientista*, eu o ouvi dizer em minha lembrança, seu leve sotaque parecendo apenas reforçar sua praticidade. *Não acredito em fantasmas*.

— Quais, por exemplo, são esses fenômenos?

— Bem — procurei um exemplo, depois recorri aos da própria Geilie. — Pessoas que possuem estigmas que sangram, por exemplo? Viagem astral? Visões, manifestações sobrenaturais... coisas estranhas, que não podem ser explicadas racionalmente.

Lawrence deu um muxoxo e ajeitou-se mais confortavelmente no banco ao meu lado.

— Bem, eu digo que é função da ciência apenas observar — disse ele. — Buscar a causa onde possa ser encontrada, mas compreender que há muitas coisas no mundo para as quais nenhuma causa será encontrada; não porque não exista, mas porque sabemos muito pouco para descobri-la. Não cabe à ciência insistir em explicações, mas apenas observar, na esperança de que

a explicação se manifeste por si mesma.

— Isso pode ser ciência, mas não é da natureza humana — aleguei. — As pessoas estão sempre em busca de explicações.

— É verdade. — Ele estava ficando interessado na discussão; reclinou-se, cruzando as mãos sobre o leve volume de sua barriga, na atitude de um palestrante. — É por essa razão que um cientista constrói hipóteses, sugestões para a causa de uma observação. Mas uma hipótese nunca deve ser confundida com uma explicação, com prova. Tenho visto muita coisa que pode ser descrita como peculiar. Chuvas de peixes, por exemplo, quando uma grande quantidade de peixes — todos da mesma espécie, veja bem, todos do mesmo tamanho — cai inesperadamente de um céu límpido, sobre a terra firme. Parece não haver nenhuma causa racional para isso; no entanto, seria adequado atribuir o fenômeno a interferências sobrenaturais? À primeira vista, parece mais provável que alguma inteligência celestial estaria se divertindo lançando cardumes inteiros do céu sobre nós ou que exista um fenômeno meteorológico — uma tromba-d'água, um furacão, algo do tipo? — que, embora não seja visível para nós, ainda assim está ocorrendo? Entretanto, por que, e como, pode um fenômeno natural como uma tromba-d'água remover as cabeças — e apenas as cabeças — de todos os peixes?

— Você mesmo já viu isso? — perguntei, interessada, e ele sorriu.

— Fala a mente científica! — disse ele, rindo. — A primeira coisa que um cientista pergunta é: como você sabe? Quem viu? Eu posso ver? Sim, eu já vi esse fenômeno três vezes, na realidade, embora em uma das vezes a precipitação tenha sido de rãs, em vez de peixes.

— Você estava perto do mar ou de um lago?

— Uma vez estava perto do mar, uma vez perto de um lago, foi a chuva de rãs, mas na terceira vez, isso ocorreu bem para o interior; cerca de trinta quilômetros da massa de água mais próxima. Contudo, os peixes eram de uma espécie que eu só vi nas

profundezas do oceano. Em nenhum dos casos notei qualquer perturbação no ar... nenhuma nuvem, ventania, nenhum dos fabulosos repuxos de água que se erguem do mar em direção aos céus, seguramente. E, ainda assim, os peixes caíram; isso é um fato, porque eu vi.

— E não é um fato se você não tiver visto? — perguntei ironicamente.

Ele riu, encantado, e Jamie remexeu-se, murmurando alguma coisa contra a minha coxa. Alisei seus cabelos e ele relaxou em seu sono outra vez.

— Talvez sim; talvez não. Mas um cientista não poderia saber, não é? O que a Bíblia cristã diz? Abençoados aqueles que não viram e mesmo assim acreditaram.

— Sim, é o que diz.

— Algumas coisas têm que ser aceitas como fato sem explicações. — Riu novamente, desta vez sem muito humor. — Como um cientista que também é judeu, talvez eu tenha uma perspectiva diferente sobre fenômenos como os estigmas e a ideia de ressurreição dos mortos, que uma proporção muito grande do mundo civilizado aceita como fato inquestionável. No entanto, não posso sequer ventilar essa visão cética a nenhuma outra pessoa além de você mesma, sem grave risco de dano pessoal.

— São Tomé, o santo incrédulo, era judeu, afinal — eu disse sorrindo. — Para começar.

— Sim. E somente quando ele deixou de duvidar é que se tornou cristão, e um mártir. Pode-se argumentar que foi a certeza que o matou, não? — Sua voz estava carregada de ironia. — Há uma grande diferença entre esses fenômenos que são aceitos com base na fé e aqueles que são provados por determinação objetiva, embora a causa de ambos possa ser igualmente “racional”, uma vez conhecida. E a principal diferença é a seguinte: as pessoas tratam com desdém os fenômenos que são provados pela evidência dos sentidos e comumente vivenciados... ao passo que defendem até a morte a realidade de um fenômeno que não viram nem vivenciaram.

A fé é uma força tão poderosa quanto a ciência — concluiu ele, sua voz suave na escuridão —, porém muito mais perigosa.

Permanecemos em silêncio por algum tempo, olhando por cima da proa do pequeno navio, na direção da escuridão que dividia a noite, mais escura do que o clarão púrpura do céu ou o cinza-prateado do mar. A ilha negra de Hispaniola aproximava-se inexoravelmente.

— Onde você viu os peixes sem cabeça? — perguntei repentinamente e não fiquei surpresa ao ver a leve inclinação de sua cabeça na direção da proa.

— Lá — disse ele. — Já vi muita coisa estranha nestas ilhas, mas talvez mais ali do que em qualquer outro lugar. Alguns lugares são assim.

Não falei durante vários minutos, considerando o que estaria à nossa espera — e esperando que Ishmael estivesse certo ao dizer que fora Ian quem Geillis levava com ela para Abandawe. Um pensamento me ocorreu — um pensamento que se perdera ou que fora afastado durante os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas.

— Lawrence... os outros garotos escoceses. Ishmael nos disse que viu doze deles, inclusive Ian. Quando vocês estavam dando busca na plantação... encontraram algum vestígio dos outros?

Ele inspirou abruptamente, mas não respondeu de imediato. Eu podia senti-lo, repassando mentalmente as palavras, tentando resolver como dizer o que o frio em meus ossos já me dissera.

A resposta, quando veio, não foi de Lawrence, mas de Jamie.

— Nós os encontramos — disse ele à meia-voz, na escuridão. Sua mão pousou em meu joelho e apertou-o ligeiramente. — Não pergunte mais nada, Sassenach, porque eu não vou lhe contar.

Eu compreendi. Ishmael tinha que estar certo; devia ser Ian que estava com Geilie, pois Jamie não admitiria nenhuma outra possibilidade. Coloquei a mão em sua cabeça e ele remexeu-se levemente, virando-se de tal modo que seu hálito tocasse minha mão.



— Abençoados sejam os que não viram — sussurrei baixinho —, mas acreditaram.

Lançamos âncora perto do amanhecer, numa baía pequena e sem nome na costa norte de Hispaniola. Havia uma praia estreita, diante de penhascos e, através de uma fenda na rocha, via-se uma trilha de areia, levando ao interior da ilha.

Jamie carregou-me na curta distância até a praia, colocou-me no chão e em seguida virou-se para Innes, que viera chapinhando até a praia com um dos fardos de comida.

— Obrigado, *a charaid* — disse ele formalmente. — Nós nos separamos aqui; com a bênção da Virgem Maria, nos encontraremos aqui outra vez dentro de quatro dias.

O rosto estreito de Innes contraiu-se numa expressão de surpresa e decepção; em seguida, a resignação tomou conta de suas feições.

— Sim — disse ele. — Ficarei tomando conta do barco, então, até vocês voltarem.

Jamie viu a expressão em seu rosto e sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Não apenas você, rapaz; se eu precisasse de um braço forte, você seria o primeiro que eu chamaria. Não, todos vocês permanecerão aqui, exceto minha mulher e o judeu.

A resignação foi substituída por absoluta surpresa.

— Ficar aqui? Todos? Mas você não vai precisar de nós, Mac Dubh? — Ele estreitou os olhos ansiosamente na direção dos rochedos, com seu fardo de trepadeiras em flor. — Parece um lugar apavorante para se aventurar, sem amigos.

— Considerarei uma prova de grande amizade você me esperar aqui, como eu digo, Duncan — disse Jamie, e eu percebi com um ligeiro choque que nunca soubera o primeiro nome de Innes.

Innes olhou outra vez para os penhascos, o rosto magro estava transtornado, depois abaixou a cabeça em aquiescência.

— Bem, você é quem sabe, Mac Dubh. Mas sabe que estamos

dispostos a ir com você, todos nós.

Jamie balançou a cabeça, o rosto virado para o outro lado.

— Sim, sei bem disso, Duncan — disse ele brandamente. Então voltou-se, estendeu o braço e Innes abraçou-o, seu único braço batendo desajeitadamente nas costas de Jamie. — Se algum navio aparecer — disse Jamie, soltando-o —, quero que vocês pensem em si mesmos. Lembrem-se de que a Marinha Real deve estar à procura desta corveta. Duvido que venham procurar aqui, mas se aparecerem, ou se surgir qualquer outra ameaça, vão embora. Fugam imediatamente.

— E deixar você aqui? Não, pode me mandar fazer muitas coisas, Mac Dubh, e eu obedecerei, mas não isso.

Jamie franziu a testa e sacudiu a cabeça; o sol nascente lançava fagulhas de seus cabelos e dos pelos curtos da barba, envolvendo sua cabeça numa coroa de fogo.

— Não vai adiantar nada para mim ou para minha mulher que você seja morto, Duncan. Preste atenção no que eu digo. Se um navio vier, fugam. — Virou-se e foi se despedir dos outros escoceses.

Innes suspirou profundamente, com o rosto marcado pela desaprovação, mas não fez mais nenhum protesto.

Estava quente e úmido na selva e houve pouca conversa entre nós três enquanto nos dirigíamos para o interior da ilha. Afinal de contas, nada havia a dizer; Jamie e eu não podíamos falar de Brianna diante de Lawrence e não havia planos a serem feitos enquanto não chegássemos a Abandawe e víssemos o que havia lá. Cochilei intermitentemente à noite, acordei várias vezes e vi Jamie de costas contra uma árvore perto de mim, de olhos fixos no fogo, sem visão.

Ao meio-dia do dia seguinte, chegamos ao lugar. Uma encosta íngreme e rochosa de calcário cinza erguia-se diante de nós, coberta de aloés espinhosos e de tufos desordenados de capim. E no topo do morro, eu as vi. Enormes pedras verticais, um monumento megalítico, num círculo irregular ao redor do cume da

colina.

— Você não avisou que havia um círculo de pedras — eu disse. Sentia-me fraca e não apenas do calor e da umidade.

— Está se sentindo bem, sra. Fraser? — Lawrence espreitou-me um pouco assustado, o rosto simpático afogueado sob o bronzeado.

— Sim — eu disse, mas meu rosto devia, como sempre, estar me denunciando, porque Jamie aproximou-se imediatamente, segurando meu braço e amparando-me com a mão em volta de minha cintura.

— Pelo amor de Deus, cuidado, Sassenach — murmurou ele. — Não se aproxime daquelas pedras!

— Temos que saber se Geilie está lá com Ian — eu disse. — Vamos. — Forcei meus pés relutantes a caminharem e ele veio comigo, ainda murmurando baixinho em gaélico, achei que fosse uma prece.

— Foram erguidas há muito tempo — disse Lawrence, quando subíamos ao topo da colina, a poucos passos das pedras. — Não por escravos, mas pelos aborígenes habitantes das ilhas.

O círculo estava vazio, tinha uma aparência inofensiva. Nada além de um círculo irregular de grandes pedras, colocadas na vertical, imóveis sob o sol. Jamie observava meu rosto ansiosamente.

— Consegue ouvi-las, Claire? — disse ele. Lawrence pareceu surpreso, mas não disse nada conforme avançávamos com toda a cautela em direção à pedra mais próxima.

— Não sei — eu disse. — Não é uma das datas adequadas, não é uma festa do sol nem uma festa do fogo, quero dizer. Pode não estar aberto agora; não sei.

Segurando a mão de Jamie com força, avancei cautelosamente, ouvindo com atenção. Parecia haver um leve zumbido no ar, mas podia não ser mais do que o som costumeiro dos insetos da selva. Muito delicadamente, coloquei a palma da mão contra a pedra mais próxima.

Eu estava vagamente consciente de Jamie chamando meu

nome. Em algum lugar, minha mente lutava, fazendo o esforço consciente de erguer e abaixar meu diafragma, apertar e soltar os ventrículos do meu coração. Meus ouvidos estavam tomados por um zumbido pulsante, uma vibração profunda demais para ser um som, que latejava na medula dos meus ossos. E em algum lugar pequeno, silencioso, no centro do caos, estava Geilie Duncan, os olhos verdes sorrindo para os meus.

— Claire!

Eu estava deitada no chão, Jamie e Lawrence inclinados sobre mim, os rostos sombrios e ansiosos contra o céu. Minhas faces estavam molhadas e um fio de água escorria pelo meu pescoço. Pisquei várias vezes, movendo minhas extremidades com extremo cuidado, para me certificar de que eu ainda as possuía.

Jamie largou o lenço com que estivera banhando meu rosto e ergueu-me para sentar.

— Você está bem, Sassenach?

— Sim — eu disse, ainda um pouco confusa. — Jamie, ela está aqui!

— Quem? A sra. Abernathy? — As espessas sobrelanceiras de Lawrence ergueram-se bruscamente e ele olhou depressa para trás, como se esperasse que ela se materializasse ali mesmo.

— Eu a ouvi... vi... sei lá. — Eu gradualmente recuperava os sentidos. — Ela está aqui. Não no círculo, aqui perto.

— Pode saber onde? — A mão de Jamie repousava em sua adaga, enquanto ele lançava olhares rápidos à nossa volta.

Sacudi a cabeça e fechei os olhos, tentando — relutantemente — recapturar aquele momento em que a vi. Havia uma sensação de escuridão, de frio úmido, e a luz trêmula e vermelha de uma tocha.

— Acho que ela está na caverna — eu disse, surpresa. — Fica perto daqui, Lawrence?

— Sim — respondeu ele, observando meu rosto com intensa curiosidade. — A entrada não fica longe daqui.

— Leve-nos até lá. — Jamie estava de pé, ajudando-me a levantar.

— Jamie. — Eu o fiz parar colocando a mão em seu braço.

— Sim?

— Jamie... ela também sabe que estou aqui.

Isso realmente o fez parar. Eu o vi engolir em seco. Em seguida, cerrou o maxilar e balançou a cabeça.

— *A Mhicheal bheannaichte, dion sinn bho dheamhainnean* — disse ele à meia voz, virando-se para a beira da colina. Bendito Miguel, defenda-nos dos demônios.

A escuridão era absoluta. Levei a mão ao rosto; senti a palma de minha mão roçar meu nariz, mas não vi nada. No entanto, não era uma escuridão vazia. O chão da passagem era irregular, tinha pequenas partículas pontudas que se trituravam sob os pés, e as paredes, em determinados pontos, aproximavam-se tanto que eu me perguntei como Geilie conseguira se espremer e passar entre elas.

Mesmo nos locais em que a passagem se alargava e as paredes de pedra estavam bastante longe uma da outra para que meus braços estendidos pudessem roçá-las, eu podia senti-los. Era como estar num quarto escuro com outra pessoa — alguém que se mantinha absolutamente silencioso, mas cuja presença eu podia sentir, a não mais do que um braço de distância.

A mão de Jamie segurava meu ombro com força e eu podia sentir sua presença atrás de mim, uma perturbação quente no vazio frio da caverna.

— Estamos indo na direção certa? — perguntou ele, quando parei por um instante para recuperar o fôlego. — Há passagens para os lados, posso senti-las conforme passamos por elas. Como você pode saber para onde estamos indo?

— Eu consigo ouvir. Ouvir. Não ouve? — Era difícil falar, formar pensamentos coerentes. O chamado aqui era diferente; não o zumbido de uma colmeia como em Craigh na Dun, mas uma espécie de vibração do ar que se segue à badalada de um grande sino. Eu podia senti-la nos ossos longos dos meus braços, ecoando

pelo peito e pela espinha dorsal.

Jamie agarrou meu braço com força.

— Fique comigo! — disse ele. — Sassenach... não deixe que a levem, fique aqui!

Estendi os braços cegamente e ele me agarrou com força contra seu peito. A batida de seu coração contra a minha têmpora era mais alta do que o zumbido.

— Jamie. Jamie, abrace-me com força. — Eu nunca sentira tanto medo. — Não me deixe ir. Se isso me levar... Jamie, eu não poderei voltar outra vez. É pior a cada vez. Isso me matará, Jamie!

Seus braços apertaram-me com mais força, até eu sentir minhas costelas estalarem e arquejar, sem respiração. Após um instante, ele me soltou e, colocando-me delicadamente para o lado, passou por mim e continuou avançando na passagem, tomando o cuidado para sempre manter a mão sobre mim.

— Eu vou à frente — disse ele. — Coloque a mão em meu cinto e não solte em hipótese alguma.

Assim ligados, avançamos devagar, cada vez mais fundo na escuridão. Lawrence quis vir, mas Jamie não permitiu. Nós o deixamos na entrada da caverna, aguardando. Caso não voltássemos, ele deveria voltar à praia, para encontrar-se com Innes e os outros escoceses conforme combinado.

Caso não voltássemos...

Ele deve ter sentido minha mão apertar-se, porque parou e puxou-me para seu lado.

— Claire — disse ele baixinho. — Tenho que lhe dizer uma coisa.

Eu já sabia e tateei à procura de sua boca para impedi-lo, mas minha mão apenas roçou seu rosto na escuridão. Ele agarrou meu pulso e o segurou com força.

— Se for uma escolha entre ela e um de nós... então serei eu. Sabe disso, não é?

Eu sabia. Se Geilie estivesse lá, ainda, e um de nós fosse morto tentando impedi-la, deveria ser Jamie a correr o risco. Pois com

Jamie morto, eu restaria — e eu poderia segui-la através das pedras, o que ele não poderia.

— Eu sei — murmurei finalmente. Eu sabia também o que ele não disse e que ele também sabia; que se Geilie já tivesse ido, então eu teria que ir também.

— Então me beije, Claire — sussurrou ele. — E saiba que você significa mais para mim do que a própria vida e que não me arrependo de nada.

Não consegui responder, mas beijei-o, primeiro sua mão, seus dedos aleijados quentes e rígidos, e o pulso forte de um guerreiro. Depois, sua boca — santuário, promessa e angústia misturados, e o gosto de sal de suas lágrimas.

Em seguida, soltei-o e voltei-me para o túnel à esquerda.

— Por aqui — eu disse. Dez passos adiante, eu vi a luz.

Não passava de uma fraca claridade nas rochas da passagem, mas suficiente para restaurar o dom da visão. Repentinamente, eu podia ver minhas mãos e pés, embora de maneira turva. Minha respiração exalou-se como um soluço, de alívio ou de medo. Sentia-me como um fantasma adquirindo forma conforme caminhava em direção à luz e ao suave zumbido vibrante de sino à minha frente.

A luz era mais forte agora, depois se turvou outra vez quando Jamie passou à minha frente e suas costas bloquearam minha visão. Em seguida, ele abaixou-se e atravessou uma entrada baixa, em arco. Eu o segui e endireitei-me na luz.

Era uma câmara de bom tamanho, as paredes mais distantes da tocha ainda estavam frias e negras com o som da caverna. Mas a parede diante de nós havia acordado. Tremeluzia e brilhava, partículas de mineral incrustadas refletindo as chamas de uma tocha de pinho, fincada em uma fissura da rocha.

— Então você veio, hein? — Geilie estava de joelhos, tinha os olhos fixos num fluxo brilhante de pó branco que caía de seu punho fechado, desenhando uma linha no chão escuro.

Ouvi um pequeno som de Jamie, em parte de alívio, em parte de horror, ao ver Ian. O rapaz jazia no meio do pentáculo, de lado, as

mãos atadas às costas, amordaçado com uma tira de pano branco. A seu lado, via-se um machado. Era feito de uma pedra escura e brilhante, como obsidiana, tinha um gume lascado, afiado. O cabo era espalhafatosamente ornamentado com um trabalho de contas, num padrão africano de listras e zigue-zagues.

— Não se aproxime nem mais um passo, raposa. — Geilie inclinou-se para trás, sentando sobre os calcanhares, exibindo seus dentes para Jamie, numa expressão que não era um sorriso. Ela segurava uma pistola em uma das mãos; a outra pistola, carregada e engatilhada, estava enfiada no cinto de couro que cingia sua cintura.

Com os olhos fixos em Jamie, ela enfiou a mão na bolsa pendurada no cinto e retirou dali outro punhado de pó de diamante. Eu podia ver gotas de suor em sua fronte larga e branca; o zumbido de sino da travessia no tempo devia estar atingindo-a também, como atingia a mim. Sentia-me enjoada e o suor escorria pelo meu corpo, sob minhas roupas.

O desenho estava quase terminado. Com a pistola cuidadosamente apontada, ela foi despejando o filete brilhante até completar o pentagrama. As pedras já estavam dispostas dentro da figura — brilhavam no chão em fagulhas de cor, ligadas por uma linha cintilante de mercúrio derramado.

— Pronto. — Reclinou-se, sobre os calcanhares, com um suspiro de alívio e, com a mão livre, alisou para trás os cabelos espessos, de cor creme. — Em segurança. O pó de diamante mantém o barulho afastado — explicou-me ela. — Desagradável, não é?

Bateu de leve em Ian, que continuava deitado, amarrado e amordaçado, no chão à sua frente, os olhos arregalados de terror acima do pano branco da mordaça.

— Pronto, pronto, *mo chridhe*. Não tenha medo, logo tudo estará terminado.

— Tire a mão dele, megera desgraçada! — Jamie deu um passo impulsivo à frente, com a mão na adaga, depois parou, quando ela ergueu o cano da pistola.



— Você me lembra seu tio Dougal, *a sionnach* — disse ela, inclinando a cabeça para o lado, faceiramente. — Ele era mais velho do que você é agora quando o conheci, mas você tem uma certa semelhança com ele, sabe? Como alguém que toma o que quer e dane-se quem ficar no caminho.

Jamie olhou para Ian, curvado no chão, e ergueu os olhos para Geilie.

— Tomarei o que é meu — disse ele sem se alterar.

— Mas não pode, agora, não é? — disse ela, satisfeita. — Mais um passo e cairá morto. Eu o poupo agora somente porque Claire parece gostar de você. — Seus olhos voltaram-se para mim, parada nas sombras atrás de Jamie. Ela balançou a cabeça para mim. — Uma vida por outra vida, querida Claire. Você tentou me salvar um dia, em Craigh na Dun; eu a salvei do tribunal das bruxas em Cranesmuir. Estamos quites agora, não é?

Geilie pegou uma garrafinha, tirou a rolha e despejou o conteúdo cuidadosamente sobre as roupas de Ian. O cheiro de conhaque ergueu-se no ar, forte e inebriante, e a tocha queimou mais intensamente quando os vapores do álcool a alcançaram. Ian esperneou e debateu-se, forçando um resmungo de protesto através da mordança, e ela chutou-o com força nas costelas.

— Fique quieto! — disse ela.

— Não faça isso, Geilie — eu disse, sabendo que palavras não iriam resolver nada.

— Eu tenho que fazer — disse ela calmamente. — Sou destinada a fazê-lo. Lamento ter que levar a garota, mas eu lhe deixarei o homem.

— Que garota? — Os punhos de Jamie estavam cerrados com força ao lado do corpo, os nós dos dedos brancos mesmo à luz turva da tocha.

— Brianna? É esse o nome dela, não é? — Sacudiu os cabelos pesados para trás, afastando-os do rosto. — A última da linhagem Lovat. — Sorriu para mim. — Que sorte você ter vindo me ver, hein? Se não fosse por isso, eu jamais ficaria sabendo. Pensava que

todos tinham morrido antes de 1900.

Um estremecimento de horror percorreu-me como um dardo. Pude sentir o mesmo tremor percorrer o corpo de Jamie conforme seus músculos retesaram-se.

Seu rosto deve tê-lo denunciado. Geilie deu um grito estridente e saltou para trás. Ela disparou quando ele lançou-se sobre ela. A cabeça de Jamie deu um solavanco para trás e seu corpo se contorceu, as mãos ainda estendidas na direção da garganta de Geilie. Então ele caiu, o corpo lânguido sobre a borda do pentagrama brilhante. Ian emitiu um gemido abafado.

Eu senti, mais do que ouvi, um som subir à minha garganta. Não sei o que eu disse, mas Geilie virou-se em minha direção, espantada.

Quando Brianna tinha dois anos, um carro descuidadamente chocou-se contra a lateral do meu, atingindo a porta de trás, perto de onde Brianna estava sentada. Reduzi a marcha até parar, verifiquei rapidamente para ver se ela não estava machucada e em seguida saí, direto para o outro carro, que freara um pouco adiante.

O motorista era um homem de trinta e poucos anos, corpulento, e provavelmente muito confiante em sua maneira de lidar com o mundo. Ele olhou por cima do ombro, viu que eu me aproximava e apressadamente fechou o vidro da janela, encolhendo-se em seu banco.

Eu não tinha nenhuma consciência de raiva ou de qualquer outra emoção; eu simplesmente sabia, sem nenhuma sombra de dúvida, que eu podia — e o faria — quebrar o vidro com a mão e arrastar o homem para fora pela janela. Ele sabia disso, também.

Não pensei em mais nada, nem foi preciso; a chegada de um carro da polícia trouxe-me de volta ao meu estado normal e eu comecei a tremer. Mas a lembrança daquele olhar no rosto do homem permaneceu comigo.

O fogo é uma luz ineficiente, mas teria sido necessária uma escuridão total para ocultar aquele olhar no rosto de Geilie; a repentina compreensão do que vinha em sua direção.

Ela arrancou a outra pistola da cintura e girou-a para apontá-la para mim; eu vi com clareza o buraco redondo da boca da arma — e não me importei. O estrondo do tiro ricocheteou pela caverna, os ecos provocaram uma chuva de pedras e poeira, mas a essa altura eu já havia agarrado o machado do chão.

Notei com absoluta clareza o cabo forrado de couro, decorado com desenhos de contas. Era vermelho, tinha zigue-zagues amarelos e pontos negros. Os pontos repetiam a brilhante obsidiana da lâmina, e o vermelho e o amarelo refletiam os tons da tocha em chamas atrás dela.

Ouvi um barulho atrás de mim, mas não me virei. Reflexos do fogo ardiam, vermelhos, nas pupilas dos seus olhos. *A coisa vermelha*, Jamie a descrevera. *Eu me entreguei a ela*, dissera ele.

Não precisei me entregar; ela se apossara de mim.

Não houve medo, raiva ou dúvida. Somente o golpe do machado.

O choque do golpe repercutiu pelo meu braço e eu soltei o machado, com os dedos dormentes. Permaneci absolutamente imóvel, não me mexi nem mesmo quando ela cambaleou em minha direção.

O sangue à luz do fogo é negro, não vermelho.

Ela deu um passo cego à frente e caiu, todos os seus músculos repentinamente lassos, sem fazer nenhum movimento para se salvar. A última visão que tive de seu rosto foram seus olhos; arregalados, belos como pedras preciosas, um verde claro e transparente como água e lapidado com o conhecimento da morte.

Alguém estava falando, mas as palavras não faziam sentido. A fenda na rocha zumbia alto, enchendo meus ouvidos. A tocha tremulou, inflamou-se numa chama amarela na repentina lufada de vento; o bater das asas do anjo das trevas, pensei.

O som se repetiu, atrás de mim.

Virei-me e vi Jamie. Ele se erguera sobre os joelhos, cambaleando. O sangue jorrava de seu couro cabeludo, tingia um dos lados do rosto de vermelho-escuro. O outro lado estava branco

como uma máscara de arlequim.

*Pare o sangramento*, disse algum remanescente de instinto em meu cérebro, e eu tateei à cata de um lenço. Mas Jamie já se arrastara para o lugar onde Ian estava e procurava cegamente as amarras que prendiam o rapaz, soltando as tiras de couro, gotas de seu sangue pingando na camisa do rapaz. Contorcendo-se, Ian levantou-se, o rosto lívido como o de um fantasma, e estendeu a mão para amparar o tio.

Em seguida, a mão de Jamie estava em meu braço. Ergui os olhos, oferecendo entorpecidamente o lenço. Ele pegou-o e passou-o rápido pelo rosto, depois me puxou pelo braço, arrastando-me para a boca do túnel. Tropecei e quase caí, recuperei-me e retornei ao presente.

— Venham! — dizia ele. — Não estão ouvindo o vento? Há uma tempestade a caminho.

Vento?, pensei. Numa caverna? Mas ele tinha razão; a corrente de ar não fora obra de minha imaginação; o leve sopro exalado pela fenda perto da entrada se transformara num vento uivante e forte, quase um lamento que ressoava na passagem estreita.

Virei-me para olhar por cima do ombro, mas Jamie agarrou-me com força pelo braço e me empurrou para a frente. Minha última visão da caverna foi uma impressão nebulosa de rubis e azeviche, com uma forma branca e imóvel no meio do chão. Então, a rajada de ar entrou com um rugido e a tocha se apagou.

— Meu Deus! — Era a voz do Jovem Ian, tomada de terror, em algum lugar perto de mim. — Tio Jamie!

— Aqui. — A voz de Jamie vinha da escuridão logo à minha frente, surpreendentemente calma, erguida o suficiente para ser ouvida acima do barulho. — Aqui, garoto. Venha até mim, Ian. Não tenha medo; é apenas a respiração da caverna.

Foram as palavras erradas a dizer; quando ele disse isso, eu pude sentir o hálito frio da rocha tocar minha nuca e arrepiar meus cabelos. A imagem da caverna como uma criatura viva, respirando ao nosso redor, cega e maligna, paralisou-me de terror.

Aparentemente, a ideia era tão aterrorizante para Ian quanto o era para mim, pois o ouvi ofegar subitamente e em seguida senti sua mão tateante atingir-me e agarrar-se ao meu braço com todas as forças.

Segurei sua mão e, com a outra mão estendida, tateei a escuridão à frente, encontrando o grande e reconfortante corpo de Jamie quase imediatamente.

— Ian está aqui comigo — eu disse. — Pelo amor de Deus, vamos sair daqui!

Ele me agarrou pela mão em resposta e, assim ligados, começamos a fazer o caminho de volta pelo túnel sinuoso, tropeçando pelo breu e pisando nos calcanhares uns dos outros. E durante todo o tempo, aquele vento fantasmagórico gemia às nossas costas.

Eu não conseguia ver nada; nenhuma sugestão da camisa de Jamie diante do meu rosto, apesar de branca como neve como eu sabia que era, nem sequer um tremeluzir do movimento de minhas saias de cor clara, embora as ouvisse farfalhar ao redor dos meus pés conforme eu andava, o som misturando-se ao uivo do vento.

A fina precipitação de ar aumentava e diminuía de intensidade, sussurrando e gemendo. Tentei afastar minha mente da lembrança do que ficara para trás de nós, da ideia mórbida de que o vento possuía vozes sussurrantes, murmurando segredos quase inaudíveis.

— Eu consigo ouvi-la — disse Ian repentinamente, atrás de mim. Sua voz elevou-se, entrecortada de pânico. — Eu consigo ouvi-la! Meu Deus, ah, meu Deus, ela está vindo!

Fiquei paralisada, um grito preso na garganta. O frio observador em minha mente sabia muito bem que não era verdade — apenas o vento e o medo de Ian —, mas isso não fazia diferença para o jato de puro terror que brotava da boca do meu estômago e transformava meus intestinos em água. Eu também sabia que ela estava vindo e gritei a plenos pulmões.

Logo Jamie já me abraçava, e a Ian também, ambos

pressionados com força contra ele, um em cada braço, nossos ouvidos abafados contra seu peito. Ele cheirava à fumaça de pinho, suor e conhaque, e eu quase soluzei de alívio com a sua proximidade.

— Silêncio! — disse ele ferozmente. — Silêncio, vocês dois! Eu não deixarei que ela toque em vocês. Nunca! — Apertou-nos contra ele, com força; senti seu coração batendo acelerado sob minha face e o ombro ossudo de Ian, apertado contra o meu, e em seguida a pressão relaxou. — Vamos, agora — disse Jamie, mais serenamente. — É apenas o vento. As cavernas sopram através de suas fendas quando o tempo muda na superfície. Já ouvi isso antes. Há uma tempestade a caminho, lá fora. Vamos, agora.

A tormenta foi breve. Quando finalmente conseguimos chegar à superfície, piscando contra o choque da luz do sol, a chuva já passara, deixando o mundo renovado em seu rastro.

Lawrence abrigava-se sob uma palmeira gotejante, próxima à entrada da caverna. Quando nos viu, pôs-se de pé num salto, um ar de alívio relaxando as rugas de seu rosto.

— Estão bem? — disse ele, olhando de mim para Jamie, todo sujo de sangue.

Jamie deu-lhe um breve sorriso, balançando a cabeça.

— Tudo bem — disse ele. Virou-se e fez sinal para Ian aproximar-se. — Quero apresentar-lhe meu sobrinho, Ian Murray. Ian, este é o dr. Stern, que foi de grande ajuda para nós em sua busca.

— Fico-lhe muito agradecido, doutor — disse Ian, com um cumprimento da cabeça. Passou a manga da camisa pelo rosto sujo e olhou para Jamie.

— Sabia que você viria, tio Jamie — disse ele, com um sorriso trêmulo —, mas você demorou um pouco, hein? — Seu sorriso ampliou-se, depois feneceu, e ele começou a tremer. Piscava com força, lutando contra as lágrimas.

— É verdade, e sinto muito, Ian. Venha cá, *a bhalaich*. — Jamie

estendeu os braços e envolveu-o num forte abraço, batendo de leve em suas costas e murmurando palavras de conforto em gaélico.

Observei-os por um instante, antes de perceber que Lawrence falava comigo.

— Está se sentindo bem, sra. Fraser? — perguntava ele. Sem esperar uma resposta, segurou-me pelo braço.

— Na verdade, não sei. — Sentia-me completamente vazia. Exausta como se tivesse dado à luz, mas sem a exultação de espírito. Nada parecia totalmente real; Jamie, Ian, Lawrence, todos pareciam figuras de brinquedo que se moviam e falavam a uma certa distância, fazendo ruídos que eu tinha que me esforçar para compreender.

— Acho melhor deixarmos este lugar — disse Lawrence, com um olhar na direção da boca da caverna de onde acabáramos de emergir. Parecia ligeiramente nervoso. Não perguntou sobre a sra. Abernathy.

— Tem razão. — A imagem da caverna que deixáramos estava vívida em minha mente, mas tão irreal quanto a selva verde e as rochas cinzentas ao nosso redor. Sem esperar pelos homens, virei-me e comecei a me afastar.

A sensação de distanciamento aumentava conforme andávamos. Sentia-me como um autômato, construído a partir de um núcleo de aço, caminhando mecanicamente. Eu segui as costas largas de Jamie através dos galhos e das clareiras, das sombras e do sol, sem ver para onde estávamos indo. O suor escorria pelo meu corpo e entrava em meus olhos, mas eu não me dava ao trabalho de enxugá-lo. Finalmente, quase ao pôr do sol, paramos numa pequena clareira perto de um riacho e levantamos um acampamento primitivo.

Eu já descobrira que Lawrence era uma pessoa muito útil de se ter em uma jornada de acampamento. Ele não só era tão bom em encontrar e construir abrigos como Jamie, mas estava bastante familiarizado com a flora e a fauna da região para poder mergulhar na selva e retornar em meia hora carregando braçadas de frutas,

cogumelos e raízes comestíveis, para enriquecer a ração espartana que carregávamos em nossas sacolas.

Ian foi encarregado de recolher lenha para o fogo enquanto Lawrence explorava a área. Fiz Jamie sentar-se com uma panela de água, para cuidar do ferimento em sua cabeça. Lavei o sangue do rosto e dos cabelos, descobrindo, para minha surpresa, que a bala na realidade não escavara um sulco em seu couro cabeludo como eu pensara. Em vez disso, ela penetrara na pele logo acima da linha da raiz dos cabelos e — evidentemente — desaparecera em sua cabeça. Não havia sinal de um ferimento de saída. Assustada com a descoberta, comecei a examinar seu couro cabeludo com crescente agitação, até que um grito repentino do paciente anunciou que eu descobrira a bala.

Havia um calombo grande e dolorido nas costas de sua cabeça. O projétil viajara por baixo da pele, percorrera superficialmente a curva de seu crânio e fora parar logo acima do occipício.

— Jesus H. Roosevelt Cristo! — exclamei. Tateei-o outra vez, incrédula, mas lá estava ele. — Você sempre disse que sua cabeça era de osso maciço e agora sei que estava certo. Ela atirou em você à queima-roupa e a maldita bala deslizou em seu crânio!

Jamie, apoiando a cabeça nas mãos enquanto eu o examinava, emitiu um som entre um grunhido e um suspiro.

— Sim, bem — disse ele, a voz um pouco abafada em suas mãos —, não vou dizer que não sou cabeça-dura, mas se a sra. Abernathy tivesse usado uma carga completa de pólvora, ela não teria sido suficientemente dura.

— Dói muito?

— Não o ferimento, não, mas o lugar está dolorido. Estou é com uma dor de cabeça terrível.

— Não é de admirar. Espere um pouco, vou retirar a bala.

Não sabendo em que condições iríamos encontrar Ian, eu trouxera a menor das minhas caixas de remédios, que felizmente continha uma garrafa de álcool e um pequeno bisturi. Raspei um pouco da abundante cabeleira de Jamie, logo abaixo do inchaço, e



encharquei a região com álcool para desinfecção. Meus dedos estavam gelados do álcool, mas sua cabeça estava morna e reconfortantemente viva sob o toque de minhas mãos.

— Dê três respirações profundas e aguarde firme — murmurei. — Vou ter que cortá-lo, mas será rápido.

— Está bem. — Sua nuca parecia um pouco pálida, mas a pulsação cardíaca era regular. Obedientemente, ele respirou fundo, depois exalou com um suspiro. Eu mantive a área do couro cabeludo esticada entre o dedo indicador e o dedo médio de minha mão esquerda. Na terceira respiração, disse:

— Agora! — E deslizei a lâmina rapidamente e com firmeza pelo couro cabeludo. Ele gemeu um pouco, mas não gritou. Pressionei delicadamente o inchaço com o polegar direito, aumentei ligeiramente a pressão, e a bala saltou para fora da incisão que eu fizera, caindo em minha mão esquerda como uma uva. — Peguei-a — eu disse, e somente então percebi que eu estivera prendendo a respiração. Deixei a pequena bala, um pouco achatada pelo impacto em seu crânio, cair em sua mão e sorri, tremulamente. — De recordação — eu disse. Pressionei um chumaço de pano contra o pequeno corte, passei uma atadura ao redor de sua cabeça para mantê-lo no lugar e em seguida, sem nenhum aviso, comecei a chorar.

Eu podia sentir as lágrimas rolarem pelo meu rosto e meus ombros sacudirem-se, mas ainda me sentia distante; como se estivesse fora do meu corpo. Eu tinha consciência principalmente de um leve espanto.

— Sassenach? Você está bem? — Jamie espreitava-me, olhando para cima, os olhos preocupados sob a atadura extravagante.

— Sim — eu disse, gaguejando com a força do choro. — Eu n-não s-sei por que estou ch-ch-chorando. Eu n-n-não s-sei!

— Venha cá. — Tomou minha mão e puxou-me, sentando-me em seu joelho. Passou os braços ao meu redor e segurou-me apertado, repousando a face no topo de minha cabeça. — Tudo vai

dar certo — sussurrou ele. — Está tudo bem agora, *mo chridhe*, está tudo bem. — Ele balançou-me delicadamente, uma das mãos acariciava meus cabelos e meu pescoço, murmurando palavras de conforto, pequenas e sem muito significado, no meu ouvido. Com a mesma rapidez com que eu me sentira distanciada, senti-me de volta ao meu corpo, quente e trêmulo, o âmago de aço se dissolvendo em minhas lágrimas.

Gradativamente, parei de chorar e recostei-me, imóvel, contra seu peito, soluçando de vez em quando, sentindo apenas paz e o conforto de sua presença.

Eu tinha a vaga consciência de que Lawrence e Ian haviam retornado, mas não prestava nenhuma atenção a eles. A certa altura, ouvi Ian dizer, com mais curiosidade do que preocupação:

— Você está sangrando por toda a nuca, tio Jamie.

— Então talvez você possa providenciar uma nova atadura para mim, Ian — disse Jamie. Sua voz era branda e tranquila. — Agora, eu só preciso abraçar sua tia. — Algum tempo depois, adormeci, ainda envolvida em seu abraço apertado.

Acordei mais tarde, enroscada em um cobertor ao lado de Jamie. Ele estava recostado contra uma árvore, uma das mãos descansava em meu ombro. Ele sentiu que acordei e apertou de leve a mão. Anoitecera e eu podia ouvir um ronco rítmico em algum lugar próximo. Devia ser Lawrence, pensei sonolentemente, pois eu podia ouvir a voz do Jovem Ian, do outro lado de Jamie.

— Não — dizia ele devagar —, não foi tão ruim assim, no navio. Éramos mantidos juntos, de modo que havia a companhia dos outros rapazes, e nos alimentavam decentemente e nos deixavam sair, dois de cada vez, para caminhar pelo convés. Claro, todos nós estávamos apavorados, porque não sabíamos por que fôramos sequestrados e nenhum dos marinheiros nos dizia nada, mas não fomos maltratados.

O *Bruja* subira o rio Yallahs e entregara sua carga humana direto na Mansão da Rosa. Ali, os espantados rapazes foram

calorosamente recebidos pela sra. Abernathy e prontamente atirados em nova prisão.

O porão do engenho de açúcar fora arranjado com bastante conforto, com camas e urinóis, e, exceto pelo barulho da produção de açúcar acima durante o dia, era bastante habitável. Ainda assim, nenhum dos rapazes conseguia imaginar por que estava ali, embora fizessem muitas suposições, cada qual mais improvável do que a outra.

— E de vez em quando, um negro enorme descia ao subsolo com a sra. Abernathy. Nós sempre suplicávamos que nos dissesse por que estávamos lá e por que ela não nos deixava ir, pelo amor de Deus. Mas ela apenas sorria, batia de leve em nossas costas e dizia que iríamos saber, no devido tempo. Então, ela escolhia um dos garotos e o negro segurava o braço do rapaz com força e o levava com eles. — A voz de Ian parecia transtornada, o que não era de admirar.

— Os garotos voltavam? — perguntou Jamie. Sua mão dava pancadinhas leves em mim e eu estendi o braço e apertei-a.

— Não... ou nem sempre. E isso nos deixava apavorados.

A vez de Ian ocorreu oito semanas após sua chegada. A essa altura, três garotos já tinham ido e não tinham voltado, e, quando os brilhantes olhos verdes da sra. Abernathy pousaram nele, ele não se mostrou disposto a cooperar.

— Dei um chute no sujeito negro, soquei-o... até mordi sua mão — disse Ian com tristeza —, e que gosto horrível ele tinha, como se estivesse recoberto com uma espécie de gordura. Mas isso não fez nenhuma diferença; ele simplesmente me atingiu na cabeça, com força suficiente para fazer meus ouvidos tinirem, depois me pegou e me carregou para fora nos braços, como se eu fosse uma criancinha.

Ian fora levado à cozinha, onde foi despido, banhado, vestido com uma camisa limpa — e nada mais — e levado à casa principal.

— Foi somente à noite — disse ele melancolicamente —, com todas as janelas da mansão iluminadas. Parecia-se muito com

Lallybroch, quando você desce das colinas ao cair da noite e mamãe acabou de acender os lampiões. Quase partiu meu coração ver aquela cena e pensar em casa.

Mas ele teve pouca chance de sentir saudades de casa. Hércules — ou Atlas — o fizera subir as escadas e entrar no que obviamente era o quarto de dormir da sra. Abernathy. Ela estava esperando por ele, vestida com uma espécie de camisola solta e macia, com figuras estranhas bordadas ao redor da barra em vermelho e fio de prata.

Ela foi cordial, amável, e lhe ofereceu uma bebida. Tinha um gosto estranho, mas não era ruim, e como não tinha escolha, ele a bebeu.

Havia duas cadeiras confortáveis no quarto, de cada lado de uma mesa longa e baixa, e uma enorme cama de um lado, com baldaquins e cortinas, como a cama de um rei. Ele sentou-se em uma das cadeiras, a sra. Abernathy na outra, e ela lhe fez perguntas.

— Que tipo de perguntas? — perguntou Jamie, quando Ian pareceu hesitante.

— Bem, tudo sobre minha família, minha casa... ela perguntou os nomes de todos os meus irmãos e irmãs, tias e tios. — Sobressaltei-me. Então fora por isso que Geilie não demonstrara nenhuma surpresa com nosso aparecimento! — E todo tipo de coisa, tio. Em seguida, ela... ela me perguntou se eu já... se eu já havia me deitado com uma garota. Como se estivesse perguntando se eu comera mingau de manhã! — Ian parecia chocado com a lembrança. — Eu não queria lhe responder, mas não pude me conter. Senti um calor, como se estivesse com febre, e não conseguia me mover com facilidade. Mas respondi a todas as suas perguntas, e ela lá sentada, bem à vontade, observando-me atentamente com aqueles enormes olhos verdes.

— Você lhe disse a verdade?

— Sim. Sim, eu disse. — Ian falou devagar, lembrando a cena.  
— Eu disse que sim e lhe contei sobre... sobre Edimburgo, a gráfica,

o marinho, o bordel, Mary e... todo o resto.

Pela primeira vez, Geilie parecera contrariada com uma de suas respostas. Seu rosto se endureceu e seus olhos se estreitaram. Por um instante, Ian ficou realmente com medo. Ele teria saído correndo dali, se não fosse por suas pernas pesadas e pela presença do gigante parado junto à porta, imóvel.

— Ela se levantou e caminhou pesadamente de um lado para o outro, dizendo que, então, eu estava arruinado, já que não era virgem, e porque um garotinho como eu tinha que dormir com prostitutas e se estragar?

A seguir, parou de reclamar, serviu um copo de vinho e bebeu-o, e seu humor pareceu melhorar.

— Ela riu, olhou-me cuidadosamente e disse que talvez eu não fosse um total desperdício afinal de contas. Se eu não servia para o que ela tinha em mente, talvez tivesse outras utilidades. — A voz de Ian soava ligeiramente constricta, como se o colarinho estivesse muito apertado. Mas Jamie emitiu um som interrogativo tranquilizador, e ele respirou fundo, decidido a continuar.

— Bem, ela... ela tomou minha mão e me fez ficar de pé. Então, tirou a camisa que eu estava usando e ela... juro que é verdade, tio!... ajoelhou-se no chão à minha frente e tomou meu pau em sua boca!

A mão de Jamie apertou-se em meu ombro, mas sua voz não traiu mais do que um leve interesse.

— Sim, eu acredito em você, Ian. Ela fez amor com você, então?

— Amor? — Ian pareceu atordoado. — Não... quero dizer, não sei. Ela... bem, ela fez meu pau levantar-se e depois me fez ir para a cama, deitar-me e aí ela fez coisas comigo. Mas não foi em nada parecido com o que aconteceu com Mary!

— Não, imagino que não tenha sido — disse seu tio ironicamente.

— Deus, eu me senti esquisito! — Eu pude pressentir o estremecimento de Ian pelo tom de sua voz. — Em determinado momento, olhei para cima e lá estava o negro, de pé bem junto à

cama, segurando um castiçal. Ela lhe disse para suspendê-lo mais alto para que ela pudesse ver melhor. — Ele fez uma pausa e eu ouvi um pequeno som gorgolejante quando ele bebeu de uma das garrafas. Soltou uma respiração longa e trêmula. — Tio. Você já... se deitou com uma mulher quando não queria?

Jamie hesitou por um instante, a mão firme em meu ombro, mas depois disse serenamente:

— Sim, Ian. Já.

— Ah. — O garoto ficou em silêncio e eu o ouvi coçar a cabeça. — Sabe como pode ser, tio? Como você pode fazer isso, mesmo sem querer, e detestar tudo aquilo e... ainda assim... sentir prazer?

Jamie deu uma risadinha curta e seca.

— Bem, resumindo o que acontece, Ian, é que seu pau não tem consciência e você tem. — Sua mão deixou meu ombro quando ele se virou para o sobrinho. — Não fique transtornado, Ian — disse ele. — Você não pôde evitar e é provável que isso tenha salvado a sua vida. Os outros rapazes, os que não voltaram para o porão, sabe se eles eram virgens?

— Bem, alguns eu sei com certeza que eram, porque tivemos muito tempo para conversar. Após algum tempo, sabíamos muito uns dos outros. Alguns deles gabavam-se de já terem se deitado com uma garota, mas eu achei... pelo que eles disseram a respeito, sabe... que na verdade não tinham. — Parou por um instante, como se relutasse em perguntar o que precisava saber. — Tio... sabe o que aconteceu a eles? Os outros rapazes que estavam comigo?

— Não, Ian — disse Jamie, sem se alterar. — Não faço a menor ideia. — Recostou-se contra a árvore, com um profundo suspiro. — Acha que consegue dormir, Ian? Se puder, durma, porque vai ser uma caminhada cansativa até o litoral amanhã.

— Ah, eu posso dormir, tio — assegurou-lhe Ian. — Mas não é melhor eu ficar de guarda? Você é que devia descansar, depois de levar um tiro e tudo o mais. — Parou e depois acrescentou, timidamente: — Eu não lhe agradei, tio Jamie.

Jamie riu, desta vez mais relaxado.

— Não há de quê, Ian — disse ele, o sorriso ainda na voz. — Deite a cabeça e durma, rapaz. Eu o acordarei se for necessário.

Ian obedientemente enroscou-se e, dentro de alguns instantes, respirava pesadamente. Jamie suspirou e recostou-se contra a árvore.

— Quer dormir também, Jamie? — Ergui-me para sentar ao lado dele. — Estou acordada, posso ficar de vigia.

Seus olhos estavam cerrados, a luz enfraquecida da fogueira brincando em suas pálpebras. Ele sorriu sem abri-los e tateou em busca de minha mão.

— Não. Mas, se não se importar de ficar sentada comigo um pouco, pode vigiar. A dor de cabeça melhora se eu fecho os olhos.

Permanecemos sentados num silêncio prazeroso por algum tempo, de mãos dadas. De vez em quando, um barulho estranho ou um grito distante de algum animal da floresta vinha da escuridão, mas nada parecia ameaçador agora.

— Nós vamos voltar para a Jamaica? — perguntei finalmente. — Para pegar Fergus e Marsali?

Jamie começou a sacudir a cabeça, depois parou, contendo um gemido.

— Não, acho que devemos navegar para Eleuthera. É uma possessão holandesa, e neutra. Podemos enviar Innes de volta com o barco de John e ele pode levar uma mensagem a Fergus para vir se juntar a nós. Eu prefiro não pôr os pés na Jamaica tão cedo, considerando tudo que houve.

— Sim, entendo. — Fiquei em silêncio por um instante, depois disse: — Como será que o sr. Willoughby, quero dizer, Yi Tien Cho, vai conseguir sobreviver? Acho que ninguém conseguirá encontrá-lo, se ele permanecer nas montanhas, mas...

— Ah, ele vai se sair muito bem — interrompeu Jamie. — Afinal, ele tem o pelicano para pescar para ele. — Um dos lados de sua boca contorceu-se para cima. — Quanto a isso, se ele for inteligente, encontrará um caminho para o sul, para a Martinica. Há uma pequena colônia de mercadores chineses lá. Eu lhe falei sobre

isso; disse que o levaria lá, quando nosso assunto na Jamaica terminasse.

— Você não tem raiva dele? — Olhei-o com curiosidade, mas seu rosto estava tranquilo e relaxado, quase sem nenhuma ruga à luz da fogueira.

Desta vez, ele teve o cuidado de não mover a cabeça, mas deu de ombros e abriu um amplo sorriso.

— Ah, não. — Suspirou e ajeitou-se mais confortavelmente. — Acho que ele não sabia muito bem o que estava fazendo, nem compreendia como tudo acabaria. E seria tolice odiar um homem por não lhe dar algo que, para começar, ele não possui. — Abriu os olhos, com um leve sorriso, e eu soube que ele estava pensando em John Grey.

Ian remexeu-se em seu sono, roncou ruidosamente e rolou sobre as costas, os braços atirados para os lados. Jamie olhou para seu sobrinho e o sorriso ampliou-se.

— Graças a Deus — disse ele. — Ele volta para sua mãe no primeiro navio com destino à Escócia.

— Não sei — eu disse, sorrindo. — Ele pode não querer voltar para Lallybroch depois de toda essa aventura.

— Não me interessa se ele quer ou não — disse Jamie com firmeza. — Ele vai, nem que eu tenha que empacotá-lo num engradado. Está procurando alguma coisa, Sassenach? — acrescentou ele, vendo-me tatear na escuridão.

— Achei — eu disse, retirando o estojo hipodérmico do bolso. Abri a tampa para verificar o conteúdo, estreitando os olhos para enxergar na luz evanescente. — Ah, ótimo; resta o suficiente para uma dose gigante.

Jamie empertigou-se.

— Eu não estou com nem um pouquinho de febre — disse ele, olhando-me desconfiado. — E se está pensando em enfiar esse furador imundo em minha cabeça, pode esquecer, Sassenach!

— Em você, não — eu disse. — Em Ian. A menos que pretenda enviá-lo para casa, para Jenny, devastado pela sífilis e outras



formas interessantes de doença venérea.

As sobranceiras de Jamie ergueram-se até a raiz dos cabelos, e ele contraiu-se diante da sensação resultante.

— Ai. Sífilis? Você acha?

— Eu não ficaria nem um pouco surpresa. A demência acentuada é um dos sintomas da doença avançada, embora eu deva dizer que é difícil saber, no caso dela. Ainda assim, melhor prevenir do que remediar, certo?

Jamie deu uma risadinha.

— Bem, isso vai ensinar a Ian o preço do namorico inconsequente. Mas é melhor eu distrair Stern enquanto você leva o rapaz para trás de uma moita para sua penitência. Lawrence é um bom sujeito, para um judeu, mas ele é curioso. Afinal, não quero vê-la queimada na fogueira em Kingston.

— Acho que isso iria ser embaraçoso para o governador — eu disse ironicamente. — Por mais que ele, pessoalmente, possa gostar da ideia.

— Não acredito que ele fosse gostar, Sassenach. — Sua ironia comparável à minha. — Meu casaco está ao alcance de sua mão?

— Sim. — Encontrei o casaco dobrado na grama ao meu lado e o entreguei a ele. — Está com frio?

— Não. — Reclinou-se, o casaco sobre os joelhos. — É que eu quero sentir todas as crianças junto de mim enquanto eu durmo. — Sorriu para mim, entrelaçou as mãos delicadamente sobre o casaco e os retratos, e fechou os olhos outra vez. — Boa noite, Sassenach.

**63**

DAS PROFUNDEZAS

**D**e manhã, encorajados pelo descanso e pelo desjejum de biscoito e banana-da-terra, prosseguimos animadamente em direção ao litoral — até mesmo Ian, que parou de mancar ostensivamente após os primeiros quatrocentos metros. Entretanto, quando descíamos o desfiladeiro que levava à praia, deparamo-nos com uma visão extraordinária.

— Santo Deus, são eles! — exclamou Ian. — Os piratas! — Ele virou-se, pronto para fugir de volta para as montanhas, mas Jamie agarrou-o pelo braço.

— Não são piratas — disse ele. — São os escravos. Olhe!

Sem conhecimentos ou habilidades de navegação em embarcações de grande porte, os escravos fugitivos das fazendas do rio Yallahs evidentemente haviam feito um percurso lento e desajeitado em direção à Hispaniola, e tendo finalmente conseguido chegar à ilha, imediatamente levaram o navio a encalhar na praia. O *Bruja* jazia de lado nas águas rasas, a quilha afundada na lama arenosa. Um grupo de escravos muito agitados cercava a embarcação, alguns correndo para baixo e para cima na praia, gritando, outros correndo para se refugiar na selva, alguns poucos permanecendo ali para ajudar os últimos a deixarem o navio encalhado.

Um rápido olhar para o mar mostrava a causa da agitação. Uma mancha branca apontava no horizonte, crescendo enquanto a observávamos.

— Um navio de guerra — disse Lawrence, parecendo interessado.

Jamie murmurou alguma coisa em gaélico e Ian olhou para ele, estupefato.

— Vamos sair daqui — disse Jamie laconicamente. Fez Ian girar

nos calcanhares e o empurrou desfiladeiro acima, depois agarrou minha mão.

— Esperem! — disse Lawrence, protegendo os olhos. — Há outro navio vindo para cá. Uma embarcação pequena.

A corveta particular do governador da Jamaica, para ser exata, inclinada num ângulo perigoso, conforme se lançava pela curva da baía, a vela enfundada pelo vento a bombordo.

Jamie parou por uma fração de segundo, avaliando as possibilidades, em seguida agarrou-me pela mão outra vez.

— Vamos! — disse ele.

Quando chegamos à orla da praia, o pequeno bote da corveta sulcava as águas rasas, Raeburn e MacLeod remavam com toda a força. Eu respirava com dificuldade, em arquejos chiados, os joelhos moles da corrida. Jamie levantou-me nos braços e correu para a arrebentação, seguido de Lawrence e Ian, arfando.

Eu vi Gordon, a cem metros ao largo, na proa da corveta, apontar uma arma para a praia e compreendi que estávamos sendo seguidos. O mosquete disparou com uma nuvem de fumaça e Meldrum, atrás dele, prontamente levantou sua própria arma e atirou. Revezando-se, os dois cobriam nosso progresso chapinhado, até que mãos amigas puderam nos puxar por cima da amurada e levantar o bote.

— Virar de bordo! — Innes, manejando o leme, gritou a ordem, e a verga que direciona as velas girou de lado a lado, enfundando-as imediatamente. Jamie puxou-me, colocando-me de pé, e depositou-me em um banco, lançando-se em seguida ao meu lado, arfando.

— Santo Deus — disse ele, respirando ruidosamente. — Eu não... disse a você para ficar longe, Duncan?

— Poupe o fôlego, Mac Dubh — disse Innes, um largo sorriso espraiando-se sob o bigode. — Não tem o suficiente para desperdiçar. — Ele gritou alguma coisa para MacLeod, que assentiu e mexeu nas cordas. A corveta girou, mudou de curso e virou de bordo, dirigindo-se diretamente para fora da enseada, e diretamente para o navio de guerra, agora perto o suficiente para que eu visse o

golfinho de lábios grossos rindo sob o gurupés.

MacLeod berrou alguma coisa em gaélico, acompanhado de um gesto que não deixava qualquer dúvida. Com um triunfante falsete de Innes, passamos a toda velocidade pelo *Porpoise*, direto sob sua proa e suficientemente perto para ver cabeças surpresas projetando-se para fora da balaustrada acima.

Olhei para trás quando saíamos da enseada e vi o *Porpoise* ainda dirigindo-se para dentro da pequena baía, colossal sob seus três grandes mastros. A corveta jamais conseguiria vencer o *Porpoise* numa corrida em mar aberto, mas em locais fechados o pequeno barco era leve e ágil como uma pena, em comparação a um leviatã como aquele navio de guerra.

— É do navio de escravos que eles estão atrás — disse Meldrum ao meu lado, virando-se para olhar na mesma direção. — Nós vimos o navio de guerra identificá-lo, a três milhas da ilha. Achamos que, enquanto estivessem ocupados com o navio dos escravos, nós poderíamos entrar agilmente e pegar vocês na praia.

— Ótimo — disse Jamie com um sorriso. Ele ainda arfava, mas recuperara o fôlego. — Espero que o *Porpoise* fique suficientemente ocupado por enquanto.

Entretanto, um grito de aviso de Raeburn indicou que isso não iria acontecer. Olhando para trás, pude ver o brilho de bronze no convés do *Porpoise* quando os dois canhões compridos montados na popa eram descobertos e começavam a mirar.

Agora, nós éramos o alvo, e eu não gostei nada da sensação. Ainda assim, estávamos nos locomovendo, aliás aceleradamente. Innes manobrava arduamente o leme, fazendo um caminho em zigue-zague enquanto passava pelo promontório.

Os dois canhões dispararam juntos com um estrondo. Um grande jato de água elevou-se do mar a bombordo, junto à proa, a vinte metros de distância, mas perto demais para não nos sentirmos tranquilos, considerando-se o fato de que uma bala de canhão de doze quilos, se atingisse o assoalho do bote, nos faria afundar como uma pedra.

Innes praguejou e arqueou os ombros sobre o leme; a falta de um braço conferia-lhe uma aparência estranha, desequilibrada. Nosso curso tornou-se ainda mais errático e as três tentativas seguintes nem sequer chegaram perto. Ouviu-se, então, um estrondo maior. Olhei para trás e vi a lateral do inclinado *Bruja* voar em lascas e estilhaços quando o *Porpoise* entrou no alcance de tiro e mirou seus canhões dianteiros no navio encalhado.

Uma chuva de tiros atingiu a praia, batendo em cheio no meio de um grupo de escravos em fuga. Corps — e partes de corpos — voaram pelos ares como finos galhos negros e caíram na areia, manchando-a de borões vermelhos. Membros decepados espalhavam-se por toda a praia como restos de madeira de naufrágio.

— Santa Maria, Mãe de Deus. — Ian, de lábios lívidos, fez o sinal da cruz, fitando a praia, horrorizado, enquanto o bombardeio prosseguia. Mais dois tiros atingiram o *Bruja*, abrindo um grande buraco na lateral do navio. Vários outros aterraram inofensivamente na praia e mais dois atingiram os escravos em fuga. Então, dobramos a ponta do promontório e partimos em direção ao mar aberto, perdendo de vista a praia e sua carnificina.

— Rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. — Ian terminou sua oração num sussurro e persignou-se outra vez.

Houve pouca conversa no barco, além de Jamie dando instruções a Innes sobre Eleuthera e uma reunião entre Innes e MacLeod quanto ao curso adequado. O resto de nós estava chocado demais pelo que acabáramos de ver — e muito aliviados com a nossa própria fuga — para querer falar.

O tempo estava bom, com uma brisa ligeira e refrescante, e fazíamos um bom percurso. Ao crepúsculo, a ilha de Hispaniola já saíra da linha do horizonte e a ilha Grand Turk erguia-se à esquerda.

Comi minha pequena porção de biscoito, bebi um copo de água e enrolei-me no assoalho do barco, entre Jamie e Ian, para dormir. Innes, bocejando, foi dormir na proa, enquanto MacLeod e Meldrum

se revezavam no comando do timão durante a noite.

Um grito acordou-me pela manhã. Ergui-me sobre um dos cotovelos, piscando de sono e rígida da noite passada nas tábuas nuas e úmidas. Jamie estava de pé ao meu lado; os cabelos esvoaçavam na brisa matinal.

— O quê? — perguntei a Jamie. — O que foi?

— Não acredito — disse ele, olhando em direção à popa, por cima da amurada. — É aquele maldito barco outra vez!

Levantei-me atabalhoadamente e descobri que era verdade; bem à ré, viam-se minúsculas velas brancas.

— Tem certeza? — eu disse, estreitando os olhos para ver melhor. — Você consegue saber a esta distância?

— Não, não consigo — disse Jamie com franqueza —, mas Innes e MacLeod conseguem e eles dizem que é o maldito inglês, sem dúvida. Devem ter adivinhado nosso rumo, talvez, e vieram atrás de nós, assim que acabaram de lidar com aqueles pobres-diabos em Hispaniola. — Afastou-se da balaustrada, encolhendo os ombros. — Não há nada que possamos fazer, a não ser torcer para mantermos a dianteira. Innes diz que há uma chance de driblá-los ao largo da ilha Cat, se chegarmos lá ao anoitecer.

Ao longo do dia, conseguimos apenas nos manter fora do alcance de tiro, mas Innes parecia cada vez mais preocupado.

O mar entre a ilha Cat e Eleuthera era raso e repleto de recifes de coral. Um navio de guerra jamais nos perseguiria em meio ao labirinto — mas nós também não poderíamos nos mover com rapidez e agilidade através dos recifes para não sermos afundados pelos canhões de longo alcance do *Porpoise*. Uma vez naqueles canais e bancos de areia traiçoeiros, seríamos um alvo fácil.

Por fim, relutantemente, foi tomada a decisão de rumarmos para leste, para o mar aberto; não podíamos nos arriscar a reduzir a marcha e havia uma pequena chance de despistar o navio de guerra no escuro.

Quando o dia amanheceu, qualquer sinal de terra firme havia

desaparecido. O *Porpoise*, infelizmente, não. Não estava mais próximo, mas conforme o vento se intensificava à medida que o sol subia no céu, ele içou mais velas e começou a reduzir a distância que nos separava. Com todo e qualquer resquício de vela içado, e sem nenhum lugar onde se esconder, não havia nada que pudéssemos fazer além de fugir — e esperar.

Durante todas as longas horas da manhã, o *Porpoise* indefectivelmente aumentou atrás de nós. O céu começara a ficar nublado e o vento intensificara-se consideravelmente, mas isso ajudou muito mais ao *Porpoise*, com suas amplas velas, do que a nós.

Às dez horas, o navio de guerra já estava a uma distância suficiente para arriscar um tiro de canhão. Ele estava muito atrás de nós, mas ainda assim era assustador. Innes estreitou os olhos, observando o navio por cima do ombro, avaliando a distância, depois sacudiu a cabeça e concentrou-se sombriamente no curso do nosso barco. Não havia nenhuma vantagem em mudar de direção agora; devíamos seguir em frente, enquanto pudéssemos, tentando se evadir somente quando já fosse tarde demais para qualquer outra iniciativa.

Às onze, o *Porpoise* já estava a um quarto de milha da corveta e o estrondo monótono de seus canhões dianteiros começaram a soar a cada dez minutos, conforme o canhoneiro tentava nos alcançar. Se eu fechasse os olhos, poderia imaginar Erik Johansen, suando, sujo de pólvora, inclinado sobre seu canhão, o estopim fumegante na mão. Eu esperava que Annekje tivesse sido deixada em Antígua com suas cabras.

Às onze e meia, começou a chover e o mar ficou encapelado. Uma súbita rajada de vento atingiu-nos de lado e o barco adernou o suficiente para a balaustrada a bombordo ficar a trinta centímetros da água. Atirados ao chão do convés com o movimento, nos desembaraçamos, enquanto Innes e MacLeod habilmente aprumavam o barco. Olhei para trás, como fazia a curtos intervalos, de forma automática, e vi os marujos correndo para o alto no



*Porpoise*, enrizando as velas superiores.

— Que sorte! — MacGregor gritou no meu ouvido, apontando a cabeça na direção em que eu olhava. — Isso vai fazê-los diminuir a velocidade.

Ao meio-dia e meia, o céu tornara-se um estranho verde-arroxeadado e o vento aumentara para um lamento macabro. O *Porpoise* recolhera ainda mais velas e, mesmo assim, tivera uma vela de estai levada embora, o pedaço de lona foi arrancado do mastro e açoitado pelo vento, batendo como as asas de um albatroz. Há muito o navio de guerra deixara de atirar em nós, incapaz de mirar em um alvo tão pequeno nas ondas gigantes.

Depois que o sol desapareceu atrás das nuvens, eu não conseguia mais estimar a hora. A tormenta nos pegou em cheio, talvez uma hora mais tarde. Não havia condições de se ouvir nada: através de sinais e trejeitos, Innes fez os homens abaixarem as velas; mantê-las enfunadas, ou mesmo enrizadas, era arriscar ter o mastro arrancado do chão do convés.

Eu agarrava com força a balaustrada com uma das mãos e com a outra agarrava a mão de Ian. Jamie agachou-se atrás de nós, os braços abertos para nos dar abrigo com suas costas. A chuva nos açoitava, com força suficiente para aguilhoar nossa pele, levada quase na horizontal pela força do vento e estava tão pesada que eu mal conseguia ver a forma indistinta no horizonte que eu achava ser Eleuthera.

O mar erguia-se a alturas aterradoras, com ondas gigantescas. A corveta cavalgava-as com leveza, carregada para cima, a alturas estonteantes, para em seguida cair abruptamente na depressão entre uma onda e outra. O rosto de Jamie estava lívido à luz da tempestade, os cabelos ensopados grudados na cabeça.

Foi ao anoitecer que aconteceu. O céu estava quase negro, mas havia uma estranha claridade verde no horizonte que recortava em silhueta a forma esquelética do *Porpoise* atrás de nós. Outra rajada de vento e chuva atingiu-nos de lado, lançando-nos na crista de uma imensa onda.

Quando conseguimos nos recobrar de mais uma pancada d'água, Jamie agarrou meu braço e apontou para trás de nós. O mastro de proa do *Porpoise* estava estranhamente torto, a ponta inclinada para um dos lados. Antes que eu tivesse tempo de perceber o que estava acontecendo, o mastro partiu-se a uns cinco metros do topo e mergulhou no mar, carregando com ele cordame e vergas.

O navio de guerra oscilou pesadamente em torno dessa âncora improvisada e veio deslizando de lado pela superfície de uma onda. Uma muralha de água avolumou-se acima do navio e abateu-se sobre ele com toda a força, atingindo em cheio o costado. O *Porpoise* adernou, girou uma única vez. A onda seguinte ergueu-se e pegou-o primeiro pela popa, puxando o convés para baixo da água e lançando os mastros pelo ar como galhinhos de árvores.

Foram necessárias mais três ondas para afundá-lo: sem tempo de fuga para a tripulação indefesa, mas mais do que suficiente para nós compartilharmos seu terror. Viu-se uma enorme e borbulhante agitação no vale da onda e o navio de guerra desapareceu.

O braço de Jamie estava rígido como aço sob minha mão. Todos os homens olhavam fixamente para trás, os rostos horrorizados. Todos exceto Innes, que se agachava tenazmente sobre o leme, enfrentando cada onda que surgia.

Uma nova onda agigantou-se ao lado da balaustrada e pareceu ficar pairando ali, assomando acima de mim. A enorme parede de água era límpida como cristal; pude ver, suspensos nela, os destroços e os homens do naufragado *Porpoise*, pernas e braços estendidos num balé grotesco. O corpo de Thomas Leonard ficou suspenso a menos de três metros de mim, a boca aberta numa expressão de surpresa, os cabelos longos e macios girando acima do colarinho dourado de seu casaco.

Então, a onda abateu-se sobre nós. Eu fui arrancada do convés e imediatamente engolfada no caos. Cega e surda, sem poder respirar, fui arremessada pelo espaço, pernas e braços desarticulados pela força da água.

Tudo escureceu; não havia nada além de sensação e toda ela intensa, mas indistinguível. Pressão, barulho e um frio avassalador. Eu não sentia o movimento de minhas roupas nem o puxão da corda em volta de minha cintura — se ela ainda estivesse lá. Um calor fraco e repentino envolveu minhas pernas, distinto no frio à volta como uma nuvem num céu claro. Urina, pensei, mas não sabia se era a minha ou o derradeiro toque de outro corpo humano, engolfada como eu estava no meio da onda.

Minha cabeça bateu em alguma coisa com um estalo nauseante e repentinamente eu estava tossindo a plenos pulmões no convés do barco, ainda milagrosamente à tona. Sentei-me devagar, engasgando e arfando. Minha corda estava firme no lugar, tão bem amarrada à minha cintura que eu tinha certeza que minhas costelas inferiores estavam quebradas. Debatí-me debilmente, tentando respirar, e logo Jamie estava ao meu lado, um braço me envolvendo, o outro tateando em seu cinto para pegar a adaga.

— Você está bem? — gritou ele, a voz mal e mal audível acima do vento estridente.

— Não! — tentei gritar em resposta, mas tudo que consegui emitir foi um chiado. Sacudi a cabeça, remexendo na corda em minha cintura.

O céu era de um estranho verde-arroxeadado, uma cor que eu nunca vira antes. Jamie serrava a corda, tinha a cabeça inclinada, encharcada, da cor do mogno, mechas açoitando o rosto com a fúria do vento.

A corda estalou e eu inspirei sofregamente, ignorando uma dor aguda do lado e a ardência da pele esfolada ao redor da cintura. O barco balançava violentamente, o convés oscilava para cima e para baixo como um planador. Jamie atirou-se no chão do convés, puxando-me com ele, e começou a avançar sobre as mãos e os joelhos em direção ao mastro, a cerca de dois metros, arrastando-me junto.

Minhas roupas, encharcadas da imersão na onda, estavam coladas em meu corpo. Agora, as rajadas de vento eram tão fortes

que desgrudaram as saias das minhas pernas e as lançaram para cima, quase secas, açoitando meu rosto como asas de ganso.

O braço de Jamie apertava meu peito como uma barra de aço. Agarrei-me a ele, tentando contribuir para nosso progresso impulsionando-me com os pés nas tábuas escorregadias do convés. Ondas menores jorravam por cima da balaustrada, encharcando-nos intermitentemente, mas nenhum monstro imenso seguiu-se a elas.

Várias mãos agarraram-nos e puxaram-nos pelos últimos passos até o abrigo simbólico do mastro. Innes havia amarrado o leme há muito tempo; quando olhei para a frente, vi um relâmpago fulminar o mar à nossa frente, fazendo os raios da roda do leme saltarem, negros, gravando uma imagem como a de uma teia de aranha na minha retina.

Era impossível falar — e desnecessário. Raeburn, Ian, Meldrum e Lawrence estavam amontoados em torno do mastro, todos amarrados; por mais assustador que fosse no convés, ninguém queria ir para baixo, para ser jogado de um lado para outro, contundindo-se na escuridão, sem nenhuma noção do que estava acontecendo em cima.

Eu estava sentada no convés, de pernas abertas, tinha o mastro às costas e uma corda passada ao redor do meu peito. O céu tornara-se cinza-chumbo de um lado, verde-escuro e translúcido do outro, e raios caíam aleatoriamente sobre a superfície do mar, lanças denteadas e brilhantes rasgando a escuridão. O vento rugia tão alto que até os trovões somente nos alcançavam de vez em quando, com estrondos abafados, como canhões de navios disparando à distância.

Então, um raio explodiu ao lado do navio, suficientemente perto para que ouvíssemos o chiado de água fervente no retumbante momento que se seguiu à trovoada. O cheiro pungente de ozônio tomou o ar. Innes deu as costas à luz, sua figura alta e magra tão nitidamente recortada contra o clarão que ele momentaneamente pareceu um esqueleto, ossos negros contra o céu.

A ofuscação momentânea e seu movimento fizeram parecer por um instante que ele estava inteiro de novo, dois braços balançando, como se o membro ausente tivesse emergido do mundo espectral para se unir a ele outra vez, ali, no limiar da eternidade.

*Ah, o crânio é ligado ao... osso do pescoço.* A voz de Joe Abernathy cantarolava baixinho em minha memória. *E o osso do pescoço é ligado à... espinha dorsal...* Tive uma horrível e repentina visão dos membros espalhados que eu vira na praia junto ao cadáver do *Bruja*, animados pelo relâmpago, contorcendo-se e ziguezagueando para se reunirem.

*Esses ossos, esses ossos vão andar por aí.*

*Ah, ouça... a palavra... do Senhor!*

Outro trovão e eu gritei, não pelo estrondo, mas pelo ofuscante relâmpago da memória. Um crânio em minhas mãos, de órbitas vazias, que um dia foram verdes como o céu da tempestade tropical, do furacão.

Jamie gritou alguma coisa em meu ouvido, mas não pude ouvi-lo. Só conseguia sacudir a cabeça, muda de choque, a pele arrepiada de horror.

Meus cabelos, como minhas saias, secavam com o vento; as mechas dançavam em minha cabeça, puxando os fios na raiz. Conforme secava, senti os estalidos da eletricidade estática onde uma mecha roçava meu rosto. Houve uma certa agitação entre os marinheiros ao meu redor e ergui os olhos, vendo o cordame e as vergas acima envoltas na fosforescência azul do fogo de santelmo.

Uma bola de fogo caiu no convés e rolou em nossa direção, soltando uma cauda fosforescente. Jamie golpeou-a e ela saltou delicadamente no ar e rolou para longe em cima da balaustrada, deixando um cheiro de queimado em seu rastro.

Ergui os olhos para Jamie para ver se ele estava bem e vi as pontas soltas de seus cabelos projetando-se de sua cabeça, recobertas de fogo e voando para trás como as de um demônio.

Listras de azul-vivo contornaram os dedos de sua mão quando ele afastou os cabelos do rosto. Então ele olhou para baixo, viu-me e agarrou minha mão. Um choque elétrico disparou através de nós dois com o toque, mas ele não me soltou.

Não sei quanto tempo durou — horas ou dias. Nossas bocas secaram-se com o vento e tornaram-se grudentas de sede. O céu passou de cinza a negro, mas não havia como saber se era a noite ou apenas o prenúncio da chuva.

A chuva, quando finalmente chegou, foi bem-vinda. Veio com o rugido avassalador de um aguaceiro, um ribombar audível até mesmo acima do vento. Melhor ainda, era granizo, e não chuva; as pedras de gelo atingiam meu crânio como pequenos seixos, mas eu não me importava. Juntei as bolas de gelo em ambas as mãos e as engoli semiderretidas, um bálsamo frio para a minha garganta torturada.

Meldrum e MacLeod arrastavam-se pelo convés de gatinhas, recolhendo as pedras de gelo em baldes e panelas, em qualquer coisa que armazenasse a água.

Eu dormi intermitentemente, a cabeça rolando no ombro de Jamie, acordando com o vento ainda rugindo. Agora, entorpecida de terror, apenas esperei. Se iríamos morrer ou sobreviver parecia de pouca importância, se ao menos o terrível barulho parasse.

Não havia como saber se era noite ou dia, não havia como acompanhar a passagem das horas, enquanto o sol escondesse seu rosto. A escuridão às vezes parecia atenuar um pouco, mas se por virtude da luz do dia ou do luar, eu não sabia. Eu dormia, acordava e dormia outra vez.

Então, acordei e vi que o vento estava bem mais fraco. As ondas ainda se encapelavam e o pequeno barco subia e descia como uma casca de noz, lançando-nos para o alto e deixando-nos cair com uma regularidade de queimar o estômago. Mas o barulho diminuía; eu pude ouvir quando MacGregor gritou para Ian para que passasse um copo de água. Os rostos dos homens estavam gretados e esfolados, os lábios rachados pelo vento uivante a ponto de sangrar,

mas eles sorriam.

— Já passou. — A voz de Jamie era grave e áspera em meu ouvido, enrouquecida pelo tempo. — A tempestade passou.

De fato; havia intervalos no céu cinza-chumbo e pequenos vislumbres de um céu limpo e azul. Devia ser de manhã cedo, logo depois da aurora, mas não podia saber ao certo.

Embora o furacão tivesse passado, ainda havia um vento forte e as ondas gigantes formadas pela tormenta levavam-nos a uma velocidade surpreendente. Meldrum tomou o leme de Innes e, inclinando-se para verificar a bússola, deu um grito de surpresa. A bola de fogo que caíra no convés durante a tempestade não ferira ninguém, mas a bússola agora era uma massa disforme de metal derretido; o estojo de madeira ao seu redor estava incólume.

— Incrível! — disse Lawrence, tocando-a reverentemente com um único dedo.

— Sim, e inconveniente também — disse Innes secamente. Ele olhou para cima, na direção dos remanescentes esfiapados das nuvens aceleradas.

— O senhor é entendido em navegação celeste, não é, sr. Stern?

Após muito tempo com os olhos apertados para o sol nascente e para as estrelas matutinas restantes, Jamie, Innes e Stern determinaram que rumávamos, grosso modo, na direção nordeste.

— Temos que virar para oeste — disse Stern, debruçando-se sobre o mapa rústico com Jamie e Innes. — Não sabemos onde estamos, mas qualquer terra firme certamente tem que estar para oeste.

Innes balançou a cabeça, concordando, espreitando o mapa com ar grave. O mapa mostrava um punhado de ilhas salpicadas como pimenta-do-reino moída grosseiramente, flutuando nas águas do Caribe.

— Sim, é isso mesmo — disse ele. — Estamos rumando na direção do mar aberto, só Deus sabe há quanto tempo. O casco está inteiro, mas é só isso que eu posso dizer. Quanto ao mastro e

as velas... bem, talvez aguentem algum tempo. — Ele pareceu extremamente em dúvida. — Só Deus sabe aonde poderemos chegar.

Jamie riu para ele, limpando o sangue de seu lábio rachado.

— Desde que seja terra firme, Duncan, não pretendo ser muito exigente.

Innes ergueu uma sobrancelha para ele, um leve sorriso nos lábios.

— Ah, é? E eu que achava que você tinha se decidido de uma vez por todas por uma vida de marinheiro, Mac Dubh. Você fica tão animado a bordo! Ora, não vomitou nem uma vez sequer nos últimos dois dias!

— Isso é porque eu não comi nada nos últimos dois dias — disse Jamie ironicamente. — Não me importo se a primeira ilha que acharmos for inglesa, francesa, espanhola ou holandesa, mas agradeceria muito se você achasse uma com comida, Duncan.

Innes passou a mão pela boca e engoliu penosamente; a menção de comida fez todo mundo salivar, apesar das bocas secas.

— Farei o melhor possível, Mac Dubh — prometeu ele.

— Terra! Terra firme! — O grito veio finalmente, cinco dias depois, numa voz tão rouca pelo vento e pela sede que não passou de um fraco grasnado, mas ainda assim cheio de alegria. Subi correndo ao convés para ver, meus pés escorregando nos degraus da escada. Todos debruçavam-se sobre a balaustrada, olhando para a forma negra e corcunda no horizonte. Estava muito distante, mas indubitavelmente era terra firme, sólida e nítida.

— Onde acha que estamos? — tentei dizer, mas minha voz estava tão rouca que as palavras saíram como um fraco sussurro e ninguém ouviu. Não importava; ainda que estivéssemos indo diretamente para a base naval em Antígua, eu não me importava.

As ondas vinham em vagas enormes e lisas, como dorsos de baleias. O vento soprava forte agora e Innes gritou ao timoneiro para que trouxesse a proa um pouco mais perto do vento.



Eu podia ver uma formação de grandes pássaros voando, uma procissão majestosa num voo rasante no litoral longínquo. Pelicanos, vasculhando as águas rasas à cata de peixe, com o sol brilhando em suas asas.

Puxei a manga da camisa de Jamie e apontei para eles.

— Olhe... — comecei a dizer, mas não fui além. Ouviu-se um estalo agudo e o mundo explodiu em negro e fogo. Recobrei os sentidos na água. Zonza e sufocada, me debati e lutei num mundo verde-escuro. Algo enrolava-se em volta de minhas pernas, arrastando-me para baixo.

Eu lutava desesperadamente para me libertar, esperneando para soltar minha perna da garra mortal. Madeira, abençoada madeira, algo ao qual me agarrar nas ondas revoltas.

Uma figura escura deslizou por mim como uma foca sob a água e uma cabeça ruiva emergiu na superfície a dois metros de distância, arquejando.

— Segure firme! — disse Jamie. Alcançou-me com duas braçadas e mergulhou por baixo do pedaço de verga de madeira em que eu me segurava. Senti algo puxando minha perna, uma dor aguda e, em seguida, a tensão que me arrastava cessou. A cabeça de Jamie surgiu na superfície outra vez, do outro lado da verga. Agarrou meus pulsos e ficou pendurado ali, arfando, tentando recuperar o fôlego, enquanto as ondas nos carregavam para cima e para baixo.

Eu não conseguia ver o navio em parte alguma; teria afundado? Uma onda quebrou acima da minha cabeça e Jamie desapareceu temporariamente. Sacudi a cabeça, piscando, e ele estava ali outra vez. Sorriu para mim, um riso selvagem de esforço, e suas mãos apertaram meus pulsos com mais força.

— Segure firme! — berrou ele outra vez, roucamente. A madeira era áspera e cheia de farpas sob minhas mãos, mas agarrei-me a ela com unhas e dentes. Fomos levados pelas ondas, quase cegos com os borrifos de água, girando como destroços de naufrágio, de modo que às vezes eu via a praia distante, às vezes não via nada

além do mar aberto de onde viéramos. E quando as ondas se abatiam sobre nós, eu não via nada senão água.

Havia algo errado com minha perna; uma dormência estranha, pontuada por lampejos de dor aguda. A visão da perna de pau de Murphy e dos dentes afiados de um tubarão de boca aberta atravessou minha mente; minha perna teria sido levada por algum animal voraz? Pensei na minha pequena reserva de sangue quente, fluindo do toco de uma perna mordida, esvaindo-se na vastidão fria do mar, e entrei em pânico, tentando arrancar meu pulso da mão de Jamie e levar o braço até embaixo para verificar por mim mesma.

Ele grunhiu alguma coisa ininteligível para mim e continuou agarrando meus pulsos com toda a força. Após um momento de batalha frenética, recobrei a razão e me acalmei, pensando que se minha perna de fato tivesse sido levada, eu já teria perdido a consciência.

Porém, eu estava mesmo começando a perder a consciência. Minha visão estava se tornando obscura nas bordas e pontos brilhantes e flutuantes cobriam o rosto de Jamie. Eu estaria realmente sangrando até a morte ou seria apenas frio e choque? Nada mais parecia importar, pensei, confusa; o efeito era o mesmo.

Uma sensação de lassidão e absoluta paz apoderou-se gradualmente de mim. Eu já não sentia meus pés ou pernas e somente o aperto esmagador das mãos de Jamie em minhas mãos me lembrava de sua existência. Minha cabeça ficou dentro da água e tive que me lembrar de prender a respiração. A onda passou e a madeira levantou-se um pouco, elevando meu nariz acima da água. Eu respirei, e minha visão clareou-se ligeiramente. A trinta centímetros estava o rosto de Jamie Fraser, os cabelos emplastrados na cabeça, as feições banhadas e contorcidas contra os respingos.

— Segure firme! — rugiu ele. — Segure firme, droga!

Sorri brandamente, mal o ouvindo. A sensação de grande paz me fazia flutuar, carregando-me além do barulho e do caos. Já não sentia nenhuma dor. Nada importava. Outra onda rolou sobre mim e

desta vez eu me esqueci de prender a respiração.

A sensação de asfixia me despertou por um instante, tempo suficiente para ver o lampejo de terror nos olhos de Jamie. Em seguida, minha visão escureceu outra vez.

— Droga, Sassenach! — dizia ele, de uma grande distância. Sua voz estava embargada de emoção. — Droga! Juro que se você morrer agora, eu vou matá-la!

Eu estava morta. Tudo ao meu redor era de um branco ofuscante e havia um ruído suave, sussurrante, como o de asas de anjos. Senti-me em paz e sem corpo, livre do terror, livre da raiva, repleta de um tranquilo contentamento. Então, tossi.

Eu não estava sem corpo, afinal. Minha perna doía. Doía muito. Tornei-me gradualmente consciente de que muitas outras coisas doíam também, mas minha canela esquerda não deixava dúvidas quanto à sua precedência. Eu tinha a distinta impressão de que o osso fora removido e substituído por um atizador de fogo, em brasa.

Ao menos a perna estava comprovadamente lá. Quando abri uma fresta dos olhos, a névoa de dor que flutuava sobre a minha perna parecia quase visível, embora talvez não passasse de um produto da confusão geral em minha cabeça. Quer fosse de origem mental ou física, o efeito geral era de uma espécie de estonteante luz branca, salpicada de pontos de luz mais brilhante. Como me feria os olhos, eu os fechei outra vez.

— Graças a Deus você acordou! — disse uma voz escocesa soando aliviada, junto ao meu ouvido.

— Não, não acordei! — eu disse. Minha própria voz emergiu como um grasnado incrustado de sal, rouca da água do mar engolida. Eu também podia sentir a água salgada nos seios da minha face, o que dava uma desagradável sensação gorgolejante à minha cabeça. Tossi outra vez e meu nariz começou a escorrer profusamente. Em seguida, espirrei. — Eca! — exclamei, com absoluta repugnância pela resultante cascata de secreção sobre meu lábio superior. Minha mão parecia distante e imaterial, mas fiz o

esforço de erguê-la, limpando o rosto desajeitadamente.

— Fique quieta, Sassenach; eu limpo para você. — Havia um claro tom de divertimento em sua voz, que me irritou o suficiente para eu abrir os olhos outra vez. Vi de relance o rosto de Jamie, fitando-me atentamente, antes da minha visão desaparecer novamente nas dobras de um enorme lenço branco.

Ele limpou meu rosto com todo o cuidado, ignorando meus abafados ruídos de protesto e de iminente asfixia, depois segurou o lenço no meu nariz.

— Assoe — disse ele.

Fiz o que me mandou fazer. Para minha surpresa, senti-me bem melhor. Já conseguia pensar de forma mais ou menos coerente, agora que minha cabeça estava desobstruída.

Jamie sorriu para mim. Seus cabelos estavam emaranhados e duros com o sal seco e havia uma forte escoriação em sua têmpora, um vermelho vivo contra a pele bronzeada. Ele parecia não estar usando uma camisa, mas tinha uma espécie de cobertor enrolado ao redor dos ombros.

— Sente-se muito mal? — perguntou ele.

— Horrível — grasei em resposta. Eu também estava começando a ficar aborrecida por estar, afinal de contas, viva e ter que prestar atenção nas coisas outra vez. Ouvindo a rouquidão em minha voz, Jamie estendeu a mão para um jarro de água na mesinha junto à minha cama.

Pestanejei, confusa, mas era realmente uma cama, não um beliche de navio ou uma rede. Os lençóis de linho contribuíam para a dominante impressão de brancura que me envolvera assim que acordei. Essa noção era reforçada pelas paredes e pelo teto caiados, bem como pelas longas cortinas de musselina branca que se enfunavam para dentro do quarto como velas de navio, farfalhando na brisa que entrava pelas janelas abertas.

A luz tremeluzente vinha dos reflexos que cintilavam no teto; aparentemente, havia água bem perto do lado de fora e o sol brilhava sobre ela. Parecia muito mais aconchegante do que um

túmulo no fundo do mar. Ainda assim, senti um breve instante de intenso pesar pela perda da sensação de paz infinita que eu experimentara no meio das ondas — um pesar ainda mais exacerbado pelo leve movimento que provocou uma físgada de pura agonia pela minha perna.

— Acho que sua perna está quebrada, Sassenach — informou Jamie desnecessariamente. — Não devia mexê-la muito.

— Obrigada pelo conselho — eu disse, através dos dentes cerrados. — Onde é que estamos, afinal?

Ele encolheu ligeiramente os ombros.

— Não sei. É uma casa de bom tamanho, é tudo que sei. Eu não estava prestando muita atenção quando nos trouxeram para cá. Um dos homens disse que o lugar chama-se Les Perles. — Segurou o copo junto aos meus lábios e eu bebi agradecidamente.

— O que aconteceu? — Desde que eu tomasse o cuidado de não me mexer, a dor em minha perna era suportável. Automaticamente, coloquei os dedos no pescoço para verificar minha pulsação: bastante forte. Eu não estava em choque; minha perna não devia estar com uma fratura muito grave, por mais que doesse.

Jamie passou a mão pelo rosto. Ele parecia muito cansado e notei que sua mão tremia de fadiga. Havia uma forte contusão em sua face e um filete de sangue seco onde algo arranhara o lado do seu pescoço.

— O mastro superior se partiu, eu acho. Uma das vergas caiu e jogou-a para fora do barco. Quando você caiu na água, afundou como uma pedra e eu mergulhei atrás de você. Consegui agarrar você, e a verga também, graças a Deus. A sua perna estava emaranhada num pedaço do cordame, arrastando-a para baixo, mas consegui arrancá-lo. — Deu um suspiro profundo e esfregou a cabeça. — Fiquei segurando-a e, depois de algum tempo, senti areia sob meus pés. Carreguei-a até a praia e, pouco depois, alguns homens nos encontraram e nos trouxeram para cá. Isso é tudo. — Encolheu os ombros.

Senti frio, apesar da brisa morna que entrava pelas janelas.

— O que aconteceu ao navio? E aos homens? Ian? Lawrence?

— A salvo, eu acho. Não puderam nos alcançar, com o mastro quebrado. Quando conseguiram improvisar uma vela, já estávamos longe. — Tossiu violentamente e passou as costas da mão pela boca. — Mas estão a salvo: os homens que nos encontraram disseram ter visto um pequeno brigue encalhar num lodaçal a quatrocentos metros ao sul; foram para lá resgatar os homens e trazê-los para cá.

Ele tomou um gole de água, bochechou e, dirigindo-se à janela, cuspiu fora.

— Estou com areia nos dentes — disse ele, fazendo uma careta, enquanto retornava. — E nos ouvidos. E no nariz e no rabo também, posso apostar.

Estendi o braço e tomei sua mão outra vez. Sua palma estava calosa, mas ainda exibia o doloroso inchaço de crescentes bolhas, com pele esfolada e em carne viva, onde bolhas anteriores haviam arrebentado e sangrado.

— Quanto tempo ficamos na água? — perguntei, traçando delicadamente as linhas de sua palma inchada. O minúsculo “C” na base do seu polegar esmaecera até se tornar quase invisível, mas ainda podia senti-lo sob meus dedos. — Exatamente quanto tempo você ficou me segurando?

— O tempo necessário — disse ele com simplicidade.

Sorriu debilmente e segurou minha mão com mais força, apesar da dor que devia sentir. Percebi de repente que eu não estava usando nada; os lençóis de linho eram macios e frescos em minha pele nua e eu podia ver o volume dos meus mamilos, erguidos sob o tecido fino.

— O que aconteceu às minhas roupas?

— Eu não conseguia mantê-la à tona com o peso de suas saias, então arranquei-as — explicou ele. — O que sobrou não valia a pena salvar.

— Não, acho que não — eu disse devagar —, mas, Jamie, e

quanto a você? Onde está seu casaco?

Ele encolheu os ombros, em seguida relaxou-os e sorriu melancolicamente.

— No fundo do mar com meus sapatos, eu acho — disse ele. — E os retratos de Willie e Brianna, também.

— Ah, Jamie. Eu sinto muito. — Peguei sua mão e segurei-a entre as minhas. Ele desviou o olhar e pestanejou uma ou duas vezes.

— Tudo bem — disse ele baixinho. — Acho que vou me lembrar deles. — Deu de ombros outra vez, com um sorriso enviesado. — E se não conseguir, posso me olhar no espelho, não é? — Dei uma risada que mais parecia um soluço; ele engoliu em seco, mas continuou a sorrir.

Ele abaixou os olhos para as suas calças esfarrapadas e, parecendo lembrar-se de alguma coisa, inclinou-se para trás e conseguiu enfiar a mão no bolso.

— Eu não saí de mãos completamente vazias — disse ele, com uma expressão irônica. — Embora eu preferisse ter salvado as fotografias e perdido isto aqui.

Abriu a mão e eu vi a cintilação em sua palma arruinada: pedras preciosas da mais alta qualidade, lapidadas, próprias para a magia. Uma esmeralda, um rubi e uma enorme opala cor de fogo, uma turquesa azul como o céu que eu podia ver pela janela, uma pedra dourada como o sol preso num favo de mel e a estranha pureza cristalina do diamante negro de Geilie.

— Você está com o diamante — eu disse, tocando-o delicadamente. Ainda estava frio ao toque, apesar de guardado tão junto ao seu corpo.

— Estou — disse ele, mas ele olhava para mim, não para a pedra, um leve sorriso no rosto. — O que um diamante lhe dá? O conhecimento da alegria em todas as coisas?

— Assim me disseram. — Levei a mão ao seu rosto e acariciei-o de leve, sentindo a rigidez do osso e, acima de todas as coisas, a carne cheia de vida, quente ao toque. — Nós temos Ian — eu disse

suavemente. — E um ao outro.

— Sim, é verdade. — Então, o sorriso chegou aos seus olhos. Ele largou as pedras num montinho cintilante sobre a mesa e reclinou-se em sua cadeira, segurando minha mão entre as suas.

Relaxe, sentindo uma calmante sensação de paz tomar conta de mim, apesar das contusões, dos arranhões e da dor em minha perna. Estávamos vivos, juntos e a salvo, e quase nada mais importava; certamente não roupas nem uma tibia fraturada. Tudo seria resolvido no devido tempo — mas não agora. Por enquanto, bastava apenas respirar e olhar para Jamie.

Permanecemos sentados num silêncio cheio de paz por algum tempo, observando as cortinas iluminadas pelo sol e o céu límpido. Poderiam ter sido uns dez minutos mais tarde ou até uma hora inteira quando ouvi o som de passos leves do lado de fora, seguido de uma batida delicada na porta.

— Entre — disse Jamie. Ele endireitou-se na cadeira, mas não soltou minha mão.

A porta abriu-se e uma mulher entrou, seu rosto amável iluminado pelas boas-vindas, com traços de curiosidade.

— Bom dia — disse ela, um pouco timidamente. — Devo me desculpar por não ter vindo atendê-los há mais tempo. Eu estava na cidade e somente soube de sua... chegada — ela sorriu diante da palavra — quando retornei, agora mesmo.

— Temos que lhe agradecer, madame, encarecidamente, pela maneira gentil como fomos tratados — disse Jamie. Levantou-se e fez uma mesura formal para ela, mas sem largar minha mão. — Seu criado, madame. Tem notícias de nossos companheiros?

Ela ruborizou-se ligeiramente e fez uma pequena reverência em resposta ao cumprimento de Jamie. Ela era jovem, de vinte e poucos anos, e parecia incerta quanto à maneira de proceder naquelas circunstâncias. Possuía cabelos castanho-claros, presos em um coque, pele clara e rosada, e o que eu achei que deveria ser um leve sotaque do Oeste.

— Ah, sim — disse ela. — Meus criados os trouxeram de volta



do navio; estão na cozinha agora, comendo.

— Obrigada — eu disse, sinceramente. — É muita bondade sua. Ela enrubesceu, encabulada.

— Não há de quê — murmurou ela, depois olhou timidamente para mim. — Peço desculpas pela minha falta de educação, madame — disse ela. — Esqueci de me apresentar. Sou Patsy Olivier, quero dizer, sra. Joseph Olivier. — Olhou com expectativa de mim para Jamie, obviamente esperando que nos apresentássemos.

Jamie e eu trocamos um olhar. Onde, exatamente, nós estávamos? A sra. Olivier era inglesa, isso era óbvio. O nome de seu marido era francês. A baía lá fora não nos dava nenhuma pista; esta poderia ser qualquer uma das ilhas Windward — Barbados, Bahamas, Exumas, Andros — até mesmo as ilhas Virgens. Ou — o pensamento me ocorreu — podíamos ter sido levados para o sul pelo furacão, e não para o norte; nesse caso, esta poderia até ser Antígua — no colo da Marinha Britânica! — ou Martinica, ou as Granadinas... Olhei para Jamie e encolhi os ombros.

Nossa anfitriã ainda aguardava, olhando de um para outro, na expectativa. Jamie segurou minha mão com mais força e respirou fundo.

— Espero que não considere esta uma pergunta estranha, sra. Olivier... mas poderia nos dizer onde estamos?

As sobrancelhas da sra. Olivier ergueram-se até a raiz dos cabelos e ela pestanejou, perplexa.

— Bem... sim — disse ela. — Nossa propriedade se chama Les Perles.

— Obrigada — eu disse, ao ver Jamie inspirar fundo para fazer uma segunda tentativa —, mas o que queremos saber é... que ilha é esta?

Um amplo sorriso de compreensão iluminou o seu rosto redondo e rosado.

— Ah, entendo! — disse ela. — Claro, vocês naufragaram na tempestade. Meu marido estava dizendo ontem à noite que ele nunca vira uma ventania tão terrível nesta época do ano. Que sorte

vocês terem se salvado! Mas, então, vocês vieram das ilhas ao sul?

O sul. Esta não podia ser Cuba. Teríamos chegado a St. Thomas, ou mesmo à Flórida? Trocamos um rápido olhar e eu apertei a mão de Jamie. Eu podia sentir as batidas de seu coração latejando em seu pulso.

A sra. Olivier sorriu indulgentemente.

— Vocês não estão em nenhuma ilha. Vocês estão em terra firme; na colônia da Geórgia.

— Geórgia — disse Jamie. — América? — Ele pareceu ligeiramente espantado, o que não era de admirar. A tormenta nos levara por aproximadamente seiscentas milhas.

— América — eu disse à meia-voz. — O Novo Mundo. — A pulsação sob meus dedos acelerara-se, reproduzindo a minha própria. Um mundo novo. Refúgio. Liberdade.

— Sim — disse a sra. Olivier, obviamente sem ter a menor ideia do que a notícia significava para nós, mas ainda sorrindo amavelmente de um para o outro. — É a América.

Jamie endireitou os ombros e retribuiu-lhe o sorriso. O ar claro e brilhante agitou seus cabelos, incandescendo-os.

— Neste caso, madame — disse ele —, meu nome é Jamie Fraser. — Em seguida, ele olhou para mim, os olhos azuis e brilhantes como o céu atrás dele, e seu coração bateu forte na palma da minha mão. — E esta é Claire, minha esposa.

## SOBRE A AUTORA



**DIANA GABALDON** cresceu no Arizona, EUA, e é de ascendência mexicano-americana e inglesa. Tem formação em Zoologia, Biologia Marinha e Ecologia. Foi professora universitária durante mais de doze anos antes de se dedicar à escrita em tempo integral. Sua série Outlander se transformou em um enorme sucesso mundial e foi adaptada para a TV em 2014. Atualmente Diana mora em Scottsdale, no Arizona.



Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



[www.sdebrasil.com.br](http://www.sdebrasil.com.br)



Facebook: [/editora.sde.brasil](https://www.facebook.com/editora.sde.brasil)



Twitter: [@SdE\\_Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)



Instagram: [/SdE\\_Brasil](https://www.instagram.com/SdE_Brasil)

# Sumário

Créditos

PARTE VII

32

33

34

35

36

37

38

39

PARTE VIII

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

PARTE IX

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

Sobre a autora

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros